

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO  
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf **SÉRGIO ALEXANDRE DE OLIVEIRA**

Movimentos de insurgência: história e técnicas de forças irregulares para o futuro



Rio de Janeiro

2013

Maj Inf **SÉRGIO** ALEXANDRE DE **OLIVEIRA**

Movimentos de insurgência: história e técnicas de forças  
irregulares para o futuro

Mestrado apresentado à Escola de Comando e  
Estado-Maior do Exército.

Orientador: Professor Doutor Cesar Campiani Maximiano

Rio de Janeiro  
2013

Major Sérgio Alexandre de Oliveira  
Movimentos de insurgência: história e técnicas de forças irregulares para o  
futuro

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Ciências Militares e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Banca Examinadora

---

CESAR CAMPIANI MAXIMIANO – Prof Dr - Presidente  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

DENNISON DE OLIVEIRA – Prof Dr - Membro  
Universidade Estadual de Campinas

---

RICARDO PEREIRA CABRAL – Prof Dr – Membro  
Universidade Gama Filho

---

MARCIAL ALÉCIO GOMES SUAREZ - Prof Dr – Membro  
Universidade Federal Fluminense

OLIVEIRA, Sérgio Alexandre de

Movimentos de insurgência: história e técnicas de forças irregulares para o futuro

Dissertação – Mestrado em Ciências Militares

Escola de Comando e Estado Maior do Exército

1. Insurgência
2. Contra Insurgência
3. História
4. Doutrina
5. Perspectivas futuras

Dedico esse trabalho a meus pais, Prudente e Maria das Graças, que me ensinaram a perseguir um ideal com abnegação e coragem.

A Minha esposa Simone pelo estímulo constante e pela compreensão da relevância desse trabalho.

Minhas referências.

## **Agradecimentos**

Escrever uma dissertação de Mestrado é uma experiência enriquecedora e de plena superação. O autor se modifica a cada tentativa de buscar respostas aos questionamentos de investigador que ele mesmo se impõe. Para aqueles que compartilharam desse momento, parece uma tarefa interminável e enigmática que só se torna realizável graças a muitas pessoas que participam, direta ou indiretamente, mesmo sem saber realmente o *porque* e *para que* nos envolvemos em pesquisa. E é a essas pessoas que gostaria de agradecer:

Preliminarmente, quero agradecer a Deus pelo dom da vida.

À ECEME, pela oportunidade de participar do programa de pós graduação.

Aos meus pais, Prudente José de Oliveira e Maria das Graças Silva Oliveira, pelos momentos de plenitude e apoio familiar incondicionais. A vocês, minha eterna gratidão.

Ao meu irmão André Guilherme pelo incentivo constante em minha vida. Com você exercito a fraternidade.

À alma gêmea de minha alma Simone Aparecida Ferreira Churfên de Oliveira pelo apoio e paciência nos momentos de inquietação e cansaço. Com você exercito o amor.

Aos meus filhos Pedro Arthur Churfên de Oliveira e Gabriela Ferreira Churfên de Oliveira pela compreensão da de ausência paterna nos momentos de pesquisa e leitura sem fim.

Ao Professor Doutor Cesar Maximiano Campiani, meu orientador onipresente.

Ao Senhor, minhas reais manifestações de admiração e respeito pelo conhecimento e pela sabedoria de relacionamento humano.

Ao General Álvaro de Souza Pinheiro, pela ajuda e paciência em compartilhar suas experiências no complexo campo da contra insurgência.

A todos os demais professores do Instituto Meira Mattos pela competência e disposição em compartilhar experiências.

E, por fim, a todos aqueles que por um lapso não me referi, mas que ajudaram para a conclusão do trabalho. Obrigado.

*“Chi vuole prevedere il futuro deve rivolgersi al passato, perché gli eventi umani sempre assomigliano a quelli dei tempi precedenti. Questo deriva dal fatto che essi sono prodotti da uomini che mai sono stati, e sempre sarà, animato dalle stesse passioni, e quindi necessariamente avere gli stessi risultati”*

## **Resumo**

Esta pesquisa teve como finalidade realizar um estudo histórico da evolução do pensamento insurgente e contra insurgente após o final da Segunda Guerra Mundial para verificar a existência de uma linha de continuidade temporal que permitisse avaliar quais seriam as técnicas insurgentes que poderão estar presentes em eventos de guerra irregular no futuro próximo. De acordo com pesquisadores do Heidelberger Institut für Internationale Konfliktforschung, no ano de 2010 ocorreram 362 conflitos ou crises no planeta, dos quais 28 foram considerados como de alta violência. Todos esses 28 conflitos mais violentos foram guerras com características irregulares que envolviam diretamente a presença de grupos insurgentes. Em virtude da constatação de que a guerra irregular possui elementos portadores de futuro que indiquem a sua persistência nos anos vindouros, foi realizado um estudo retrospectivo buscando identificar quais foram as correntes de pensamento que deram suporte doutrinário para essas insurgências. De acordo com Williamson Murray (2006), a história militar indica, por meio do estudo do passado, as possibilidades para o futuro, sendo o passado um verdadeiro prólogo para o futuro. Nesse mesmo entendimento, Carl von Clausewitz (1996) afirma que um estudante aplicado da natureza humana e do passado pode desvendar certos segredos e bem preparar sua mente para aquilo que o futuro lhe reservar. O estudo buscou, portanto, verificar quais os vetores de atuação de combatentes irregulares foram desenvolvidos ao longo dos últimos anos, quais se mantêm eficientes ainda hoje e quais estão caindo em desuso. Esse estudo foi com base na obra de grandes pensadores insurgentes e com base na forma de atuação de grupos que atuam com indicadores no presente. Da mesma forma, foi realizada uma análise da evolução das principais doutrinas de contra insurgência, ou seja, de como os Estados desenvolveram a arte militar de combater forças oponentes irregulares em campanhas de insurgência. Posteriormente a esse estudo doutrinário de ambos os lados envolvidos na guerra irregular, foi conduzida uma série de vinte análises sumárias de eventos históricos de conflitos com insurgências, dos quais se buscou extrair as boas práticas e as práticas com indicadores de insucesso tanto para contra insurgentes como também para os insurgentes. Os dados obtidos foram confrontados com as experiências de militares que participaram de campanhas contra insurgentes nos últimos trinta anos na forma de entrevistas. Por fim, o levantamento do conteúdo obtido na pesquisa bibliográfica, na análise de casos históricos e nas entrevistas foram triangulados para emitir a conclusão sobre quais são as possíveis atitudes que o insurgente pode empregar em futuros próximos com base na observação do passado.

Palavras Chave: Insurgência , Contra Insurgência, História, Doutrina



## **Abstract**

This research aimed to conduct a historical study of the evolution of thought insurgency and counter insurgency after the end of World War II to verify the existence of a line of temporal continuity that assessed what are the techniques that insurgents may be present in events of irregular war in the near future . According to researchers from Heidelberger Institut für Internationale Konfliktforschung, in 2010 there were 362 conflicts or crises on the planet, of which 28 were considered high violence wars. All these 28 most violent conflicts were wars with irregular features involving directly the presence of insurgent groups. In view of the fact that irregular warfare has elements that indicate future holders of its persistence in the coming years, we conducted a retrospective study in order to identify what were the currents of thought that have doctrinal support for these insurgencies. According to Williamson Murray (2006 ), military history indicates through the study of the past, the possibilities for the future and the past works as a true prologue to the future. In that same understanding, Carl von Clausewitz (1996 ) states that a diligent student of human nature and the past can reveal certain secrets and well prepare your mind for what the future will reserve . The study sought, therefore, to verify which lines of action of irregular combatants have been developed over the past few years , which remains effective today and which are falling into disuse. This study was based on the work of great insurgents thinkers and based in the current irregular groups performance, that will work as present indicators. Similarly, an analysis was made of the evolution of the main doctrines of counterinsurgency, in other words, how the States developed the military art to fight irregular insurgency campaigns. Later this doctrinal study of both sides involved in irregular warfare, we conducted a series of twenty brief analysis of historical events conflict with insurgencies, of which sought to extract good practices and practices with indicators of failure for both insurgents and also to the insurgents. The data obtained were compared with the experiences of soldiers who participated in campaigns against insurgents in the last thirty years in the form of interviews. Finally, the survey content obtained in the literature, the analysis of case histories and interviews were triangulated to issue a conclusion on what are the possible actions that the insurgent can employ in near future based on the observation of the past.

Keywords: Insurgency , Counterinsurgency , History , Doctrine

## Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo realizar un estudio histórico de la evolución del pensamiento insurgente y contra insurgente después del final de la Segunda Guerra Mundial, para verificar la existencia de una línea de continuidad temporal que evalúan cuáles son las técnicas que los insurgentes pueden emplear en los acontecimientos de la guerra irregular en el futuro próximo. De acuerdo con investigadores de *Heidelberger Institut für Internationale Konfliktforschung*, en 2010 hubo 362 conflictos o crisis en el planeta, de los cuales 28 fueron considerados de alta violencia. Todos estos 28 conflictos más violentos fueron guerras con características irregulares que afectan directamente a la presencia de grupos insurgentes. En vista del hecho de que la guerra irregular tiene elementos tenedores de futuros indicando su persistencia en los próximos años, se realizó un estudio retrospectivo con la finalidad de identificar cuáles son las corrientes de pensamiento que tienen apoyo doctrinal de estas insurgencias. Según Williamson Murray (2006), la historia militar indica, a través del estudio del pasado, las posibilidades para el futuro, como un verdadero prólogo del futuro. En ese mismo entendimiento, Carl von Clausewitz (1996) establece que un estudiante diligente de la naturaleza humana y del pasado puede revelar ciertos secretos y así preparar su mente para lo que el futuro va a reservar. El estudio trata, por lo tanto, para verificar que líneas de acción de los combatientes irregulares se han desarrollado en los últimos años, que siguen siendo eficaz en la actualidad y que están cayendo en desuso. Este estudio se basó en la obra de grandes pensadores y los insurgentes con base en la forma de grupos de rendimiento que trabajan con indicadores de este modo, se hizo un análisis de la evolución de las principales doctrinas de contrainsurgencia, es decir, cómo los Estados desarrollados la arte militare para luchar contra las campañas de contrainsurgencia irregulares. A finales de este estudio doctrinal de las dos partes implicadas en la guerra irregular, se realizó una serie de veinte breve análisis de los acontecimientos históricos conflictos con insurgentes, de los cuales trataban de extraer buenas prácticas y prácticas con los indicadores de fracaso para los insurgentes y también a los contra insurgentes. Los datos obtenidos se compararon con las experiencias de los soldados que participaron en las campañas contra los insurgentes en los últimos treinta años en la forma de entrevistas. Por último, el contenido de la encuesta obtenidos en la literatura, el análisis de historias clínicas y entrevistas fueron triangulados para emitir una conclusión sobre cuáles son las acciones posibles que el insurgente puede emplear en un futuro próximo sobre la base de la observación del pasado.

Palabras clave: Insurgencia, Contrainsurgencia, Historia, Doctrina

## Lista de Tabelas

Tabela 1 - Variáveis Independentes.....	28
Tabela 2 - Variáveis Dependentes.....	28
Tabela 3 - Atividades construtivas e destrutivas da subversão.....	42
Tabela 4 – Modalidades de atuação da Guerra Ilimitada.....	80
Tabela 5 – Forças e fraquezas dos regimes políticos segundo Galula...	94
Tabela 6 – Percepções dos Insurgentes e Contra Insurgentes sobre a Guerra Revolucionária Quente.....	100
Tabela 7 – Leis do Contra Insurgente para obter o apoio da população	101
Tabela 8 – Princípios de Ação da COIN na Guerra Revolucionária Quente.....	103
Tabela 9 – Ações propostas por Galula em cada fase.....	107
Tabela 10 – Seleção dos colaboradores da pesquisa de campo.....	139
Tabela 11 – Casos históricos selecionados para análise.....	154
Tabela 12 – Ações da COIN nos conflitos estudados .....	224
Tabela 13 – Ação da Insurgência nos casos estudados.....	226
Tabela 14 – Relação de ocorrência dos fatores de análise da COIN.....	227
Tabela 15 – Descrição dos fatores analisados para a COIN.....	229
Tabela 16 – Relação de ocorrência dos fatores de análise da insurgência.....	239
Tabela 17 – Descrição dos fatores analisados para a insurgência.....	240
Tabela 18 – Relação de questionamento e sua finalidade para o trabalho.....	248
Tabela 19 – Composição da amostra para entrevista.....	253
Tabela 20 - Quadro comparativo entre boas ações da insurgência versus resposta esperada da COIN.....	351

## Lista de Figuras

Figura 1 - Formas de Luta das Organizações Leninistas	
Revolucionárias.....	37
Figura 2 - Etapas da Guerra Revolucionária Maoísta.....	50
Figura 3 – Área de atuação das IDF no Sul do Líbano em 2006.....	64
Figura 4 – Organização do Hezbollah.....	68
Figura 5 – Períodos da Guerra revolucionária segundo Galula.....	97
Figura 6 - Ações da COIN na fase da Guerra revolucionária fria para deter o insurgente.....	97
Figura 7 – Princípios da Guerra Moderna de Trinquier.....	112
Figura 8 – Dificuldades na adaptação da doutrina regular para a guerra Irregular.....	115
Figura 9 – Vantagens e desvantagens de insurgentes e contra insurgentes na Guerra Irregular.....	116
Figura 10 – Composição do Estado Maior de unidades atuando em COIN segundo o FM 3-23.....	121
Figura 11 - Linhas de Esforço na Contra Insurgência.....	122
Figura 12 - Pirâmide de Maslow.....	126
Figura 13 - Pirâmide de Maslow adaptada para populações em áreas de conflito irregular.....	127
Figura 14 – Capacidades da guerra irregular.....	136
Figura 15 – Fluxograma de ações para tratamento dos dados.....	142
Figura 16 – Esquema para definição do resultado de conflitos de insurgência.....	153
Figura 17 – Motivação para ações contra a população por parte dos Insurgentes.....	272
Figura 18 – Ações do Estado para limitar a insurgência.....	289
Figura 19 – Ferramentas que os entrevistados usariam caso operassem como insurgentes.....	294
Figura 20 – Triangulação para obtenção da evolução doutrinária e Identificação de ferramentas com indicadores de sucesso.....	

	299
Figura 21 – Comparação dos fatores de forças e fraquezas da insurgência X COIN.....	300
Figura 22 – Formas de estruturas em rede de organizações insurgentes e terroristas.....	317
Figura 23 – Ciclo “OODA” de Jonh Boyle.....	335
Figura 24 – Processo de Planejamento Conjunto segundo o Ministério da Defesa.....	349

## Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Proporção de ações da COIN na fase “Clear”.....	128
Gráfico 2 – Proporção de ações da COIN na fase “Hold” .....	129
Gráfico 3 – Proporção de ações da COIN na fase “Build”.....	130
Gráfico 4 – Número de citações em trabalhos acadêmicos dos autores pesquisados.....	141
Gráfico 5 – Estatística para as respostas da Questão 2.....	255
Gráfico 6 – Estatística para as respostas da Questão 3.....	256
Gráfico 7 – Estatística para as respostas da Questão 4.....	257
Gráfico 8 – Estatística para as respostas da Questão 5.....	258
Gráfico 9 – Estatística para as respostas da Questão 7.....	259
Gráfico 10 – Estatística para as respostas da Questão 8.....	260
Gráfico 11 – Estatística para as respostas da Questão 9.....	261
Gráfico 12 – Estatística para as respostas da Questão 10.....	262
Gráfico 13 – Estatística para as respostas da Questão 16.....	274
Gráfico 14 – Estatística para as respostas da Questão 21.....	279
Gráfico 15 – Estatística para as respostas da Questão 22.....	281
Gráfico 16 – Estatística para as respostas da Questão 26.....	286
Gráfico 17 – Estatística para as respostas da Questão 36.....	295

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
1.1 O Problema.....	23
1.2 Objetivos.....	26
1.3 Hipótese.....	27
1.4 Variáveis.....	27
1.5 Delimitação do Assunto.....	28
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>30</b>
2.1 Os Paradigmas Insurrecionais Modernos.....	31
2.1.1 O Paradigma Insurrecional Leninista.....	33
2.1.1.1 Vladimir Ilich Ulianov, O Lenin.....	34
2.1.1.2 Componentes do Pensamento Revolucionário Leninista.....	35
2.1.1.3 Vanguarda Revolucionária Leninista.....	38
2.1.1.4 Segmento Social mais relevante para a condução revolucionária.....	39
2.1.1.5 Trabalho das massas no pensamento Leninista.....	41
2.1.1.6 Vetores de atuação da Guerra Irregular Leninista.....	41
2.1.1.7 Aplicação do paradigma Leninista em outro locais e adaptações realizadas.....	45
2.1.2 O Paradigma Insurrecional Maoísta.....	48
2.1.2.1 Mao Tsé-tung.....	48
2.1.2.2 Componentes do pensamento revolucionário Maoísta.....	49
2.1.2.3 Vanguarda revolucionária Maoísta.....	57
2.1.2.4 Segmento social mais relevante para a condução revolucionária.....	58
2.1.2.5 Vetores de Atuação da Guerra Irregular Maoísta.....	58
2.1.2.6 Aplicação do paradigma Maoísta em outros locais e adaptações feitas.....	63
2.1.3 O Paradigma Insurrecional do Hezbollah.....	64

2.1.3.1 Componentes do pensamento do Hezbollah para a Guerra Irregular.....	67
2.1.3.2 Vetores de Atuação do Hezbollah.....	70
2.1.4 O Paradigma da Guerra Ilimitada.....	76
2.1.4.1 Componentes do Pensamento da Guerra Sem Limites.....	77
2.1.4.2 Princípios de Guerra para a Guerra sem Limites.....	85
2.1.4.3 Espaço para aplicação do Paradigma da Guerra sem Limite.....	88
2.1.5 Conclusão Parcial sobre os ideários insurgente.....	90
<b>2.2 Os Paradigmas Contra Insurrecionais.....</b>	<b>91</b>
2.2.1 O Paradigma Contra Insurrecional de David Galula.....	92
2.2.1.1 Componentes do pensamento contra insurrecional de David Galula.....	93
2.2.1.2 Momento da atuação da força contra insurgente.....	98
2.2.1.3 Leis e princípios para atuação da força contra insurgente.....	104
2.2.1.4 A condução da operação contra insurgentes para Galula.....	109
2.2.2 O Paradigma Contra Insurrecional de Roger Trinquier.....	113
2.2.2.1 Componentes do pensamento Contra Insurrecional de Roger Trinquier.....	114
2.2.3 O Paradigma Contra Insurrecional de David Petreaus.....	121
2.2.3.1 Componentes do pensamento contra insurrecional de David Petreaus.....	123
2.2.4 Paradigma Contra Insurrecional Israelense.....	134
2.2.4.1 Experiência Israelense no sul do Líbano em 2006.....	137
2.2.4.2 Lições Aprendidas e novo paradigma.....	138
2.2.5 Conclusões parciais sobre os paradigmas contra insurrecionais.	140
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>142</b>
3.1 <b>Tipo de Pesquisa.....</b>	<b>142</b>
3.2 <b>Universo e Amostra.....</b>	<b>142</b>
3.3 <b>Coleta de Dados.....</b>	<b>145</b>
3.4 <b>Tratamento dos Dados.....</b>	<b>146</b>
3.5 <b>Limitações do Método.....</b>	<b>155</b>
<b>4. ESTUDO COMPARATIVO DE CASOS HISTÓRICOS DE INSURGÊNCIA.....</b>	



	157
4.1 Seleção dos casos históricos para análise comparativa.....	157
4.2 Insurgência nas Filipinas 1949-1952.....	160
4.3 Guerra da Indochina (França X Vietminh) 1949-1954.....	162
4.4 Revolução Cubana 1953-1959	
4.5 Movimento de Independência de Angola 1961-1975.....	168
4.5 Movimento de Independência de Angola – 1861 – 1975.....	171
4.6 Guerra do Vietnã (EUA X Viet Cong) 1964-1975.....	174
4.7 Foco Insurgente do Araguaia – Brasil 1967-1974.....	180
4.8 Movimento Sandinista na Nicarágua – 1978-1979.....	185
4.9 Guerra do Afeganistão (Mujahadeens X URSS) 1978-1992.....	187
4.10 Insurreição no Camboja 1978-1992.....	192
4.11 Insurreição na Somália 1980-1991.....	195
4.12 Ação do Sendero Luminoso no Peru 1980-1992.....	197
4.13 Insurgência no Senegal 1980-2002.....	201
4.14 Insurgência na Turquia – 1988 – 1999.....	204
4.15 Ação Rebelde em Uganda 1986-2000.....	207
4.16 Insurreição em Serra Leoa 1991-2002.....	210
4.17 Rebelião na Argélia 1992-2004.....	212
4.18 Grupos Separatistas na Chechênia 1994-1996.....	216
4.19 Insurreição no Kosovo 1996-1999.....	220
4.20 Ação dos Grupos Rebeldes na República Democrática do Congo 1998-2003.....	222
4.21 Insurreição Talibã no Afeganistão 2003-Dias atuais.....	224
4.22 Matriz de Eventos para a Contra Insurgência.....	227
4.23 Matriz de Eventos para a Insurgência.....	229
4.24 Análise dos dados dos casos estudados.....	231
4.24.1 Ações aplicadas pela COIN.....	231
4.24.2 Ações aplicadas pela Insurgência.....	243
4.25 Conclusões parciais sobre o estudo estatístico dos casos.....	250
<b>5 ENTREVISTAS REALIZADAS COM PARTICIPANTES DE AÇÕES CONTRA INSURGENTES.....</b>	<b>251</b>
5.1 Descrição complementar da metodologia aplicada na entrevista.....	

	251
<b>5.2 Análise das respostas obtidas.....</b>	<b>258</b>
<b>5.3 Conclusão Parcial sobre as Entrevistas.....</b>	<b>302</b>
<b>6 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>304</b>
<b>6.1 Evolução doutrinária da insurgência.....</b>	<b>306</b>
<b>6.2 Práticas insurgentes com indicadores passados de sucesso.....</b>	<b>308</b>
6.2.1 Executar a luta em diversas frentes dos campos do poder.....	308
6.2.2 Análise histórica detalhada das origens dos anseios populares contra o Estado.....	309
6.2.3 Subversão .....	311
6.2.4 Seleção e treinamento da vanguarda revolucionária.....	312
6.2.5 Controle e enquadramento das massas.....	313
6.2.6 Desmoralização do inimigo.....	314
6.2.7 Corrupção de setores vulneráveis do inimigo.....	315
6.2.8 Intimidação de setores sensíveis ao emprego da violência.....	315
6.2.9 Eliminação seletiva de alvos.....	316
6.2.10 Doutrinação popular com ideário político, econômico, religioso ou étnico.....	317
6.2.11 Edificação de novas estruturas após conquista de áreas liberadas..	318
6.2.12 Sabotagem.....	319
6.2.13 Ações criminosas.....	319
6.2.14 Ataque contra alvos dos órgãos de segurança pública.....	320
6.2.15 Criação de Organizações Não Governamentais para defesa de temas paralelos.....	320
6.2.16 Organização estruturada em redes.....	321
6.2.17 Planificação do movimento em fases sucessivas.....	324
6.2.18 Organização de santuários e bases de apoio confiáveis.....	325
6.2.19 Condução da guerra de guerrilhas quando houver situação favorável.....	326
6.2.20 Coexistência de fases distintas no tempo e no espaço.....	326
6.2.21 Atuação ofensiva apenas quando suas capacidades puderem assegurar a vitória.....	327

6.2.22 Conhecimento completo do terreno físico e humano.....	328
6.2.23 Entendimento pleno de que a segurança da população é o bem maior a ser protegido pelo oponente.....	329
6.2.24 Uso da força de guerrilha como instrumento de aproximação e doutrinação popular.....	328
6.2.25 Descentralização do comando.....	330
6.2.26 Perseguição do apoio popular por todos os meios.....	331
6.2.27 Insurgência não deve ter ações militares como vetor de indução exclusiva.....	332
6.2.28 Guerra prolongada.....	332
6.2.29 Buscar superioridade em fatores subjetivos da guerra.....	332
6.2.30 Negação da batalha decisiva.....	333
6.2.31 Apoio externo.....	334
6.2.32 Realização de atividades de apoio social.....	334
6.2.33 Uso de Operações de Informação.....	335
6.2.34 Emprego de técnicas de guerra híbrida.....	336
6.2.35 Atuar com ações de segunda intenção.....	337
6.2.36 Saber qual é a guerra que a força inimiga se preparou para lutar e também aquela que ela não se preparou para lutar.....	337
6.2.37 Busca pela descoberta de armas “neoconcepcionais” e na reinterpretção do que pode ser usado como arma na insurgência.....	338
6.2.38 Terrorismo seletivo contra alvos psicologicamente selecionados.....	338
6.2.39 Diminuição do ciclo de tomada de decisão.....	340
<b>6.3 Evolução doutrinária da contra insurgência.....</b>	<b>342</b>
<b>6.4 Práticas contra insurgentes com indicadores passados de sucesso.....</b>	<b>343</b>
6.4.1 Interdição do apoio externo .....	343
6.4.2 Realização de operações tipo “ <i>Tache D’Huile</i> ”.....	343
6.4.3 Realização de operações de informação.....	344
6.4.4 Estabelecimento de equipes de reconstrução provincial.....	344
6.4.5 Ensino militar específico para COIN .....	345
6.4.6 Proteção da população .....	345
6.4.7 Maior controle no emprego de força letal.....	346

6.4.8 Emprego de alta tecnologia nas operações de inteligência.....	346
6.4.9 Implantação de programas de Desmobilização, Desarmamento e Reinserção.....	347
6.4.10 Programas de recompensas por informações.....	347
6.4.11 Fortalecimento das forças policiais.....	348
6.4.12 Realização de comunicações estratégicas mais eficientes.....	349
6.4.13 Envolvimento de setores da administração civil na COIN.....	350
6.4.14 Programas de impacto rápido.....	350
6.4.15 Aumento da legitimidade da COIN.....	351
6.4.16 Estabelecimento de Grupos de Auto Defesa.....	351
6.4.17 Respeito pelos direitos humanos e limitação do emprego de métodos violentos pela COIN.....	352
6.4.18 População como centro de gravidade.....	353
6.4.19 Desenvolvimento de mecanismos anti terroristas e contra terroristas.....	353
<b>6.5 Confronto entre boas práticas insurgentes e contra insurgentes...</b>	<b>354</b>
6.5.1 Boas práticas insurgente e suas respostas pela COIN.....	357
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>358</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>386</b>
<b>Anexo I – Questionário aplicado em militares com experiência em conflitos de contra insurgência.....</b>	<b>386</b>
<b>Anexo II – Gravação das entrevistas realizadas.....</b>	<b>CD</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*"Não há vento favorável para quem não sabe para onde vai".*

Sêneca

Prever o futuro sempre foi um desafio para o imaginário coletivo. A humanidade busca, de formas variadas, responder suas questões sobre o que está por vir, seja objetivando evitar riscos e perigos, seja na busca de diagnosticar antecipadamente as melhores oportunidades. De acordo com De Geus (1997), "a preocupação sistemática com o futuro é função biológica que leva o homem a preocupar-se em conhecê-lo, para garantir e prolongar sua sobrevivência". Muitas transformações da espécie humana vêm ocorrendo fruto da sua sistemática busca por respostas ligadas ao futuro. Contudo, o futuro é um dado negado.

O amanhã sempre será nebuloso e passível de surpresas. Segundo Galula "nenhum jogador de xadrez jamais descobriu, nem é provável que algum deles descubra, um meio seguro de ganhar a partida desde o primeiro lance".(Galula, 1966) Obviamente não é viável adivinhar aquilo que o oponente pensará face a todas as situações-problema que surgirem. Quando o alvo da projeção é a guerra, a questão torna-se ainda mais enigmática pois sua profusão de variáveis é de tal monta que as previsões futurísticas se aproximam de profecias despidas de qualquer cunho científico.

O gênio humano, por outro lado, não se contenta em aceitar suas limitações. Se a clarividência premonitória para todas as questões é impossível de ser alcançada, não é impossível criar sistemas científicos que permitam projetar panoramas para reduzir as incertezas do futuro. Nesse escopo o estudo histórico sistemático e pormenorizado pode operar no sentido de identificar o processo de continuidade ou descontinuidade de tendências para o futuro. De posse de indicativos para os dias vindouros, será possível levantar alternativas de ações e permitir o traçado de estratégias acertadamente embasadas. Não se trata, portanto, de mero exercício de adivinhação do futuro.

O sistema militar, assim como diversos outros setores do conhecimento humano, também busca reduzir incertezas dentro de um mundo cada vez mais incerto. A sobrevivência de estados, nações e vidas humanas depende diretamente de decisões tomadas em tempos de conflitos. Projeções que

mostrem positivamente qual é o caminho a ser percorrido, ou mesmo evitado, são dramaticamente necessárias para líderes políticos e militares. Ainda que diversas projeções sejam feitas hoje para fundamentar decisões, o escopo ideal do estudo para o usuário da prospecção nem sempre é atingido quando o assunto é prever cenários insurgentes vindouros.

Observando o passado como uma das bases de dados para prognósticos futuros, percebe-se que, segundo Visacro (2009), desde o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, ocorreram dezenas de guerras de natureza assimétrica ou insurrecional no mundo. Noventa e seis por cento dos conflitos ocorridos nessa janela temporal foram de caráter não convencional. Quando se fala em conflito assimétrico ou insurrecional, trata-se daqueles conflitos perpetrados por agentes não estatais, valendo-se de técnicas não convencionadas em protocolos internacionais sobre as guerras.

No mesmo entendimento de Visacro, Clutterbuck (1977) afirma que "as guerrilhas e o terrorismo, rural ou urbano, são indubitavelmente as formas mais importantes de conflito em nossos dias". Esse dado é relevante quando se tenta responder o seguinte questionamento: "qual o tipo de guerra que o futuro reserva para a humanidade?" Saber com quem lutar e como lutar é fator de desequilíbrio na balança do poder. O passado, nesse caso, sinaliza positivamente para panoramas onde forças insurrecionais estarão presentes, em maior ou menor conta.

Cabe destacar que o uso do termo "insurgência" é um artifício de ligação utilizado para aproximar a doutrina internacionalmente reconhecida com a doutrina militar brasileira. O sinônimo brasileiro para insurgência seria evento irregular assimétrico. Ele se refere a lutas de agentes não estatais contra governos levado a cabo com fins variáveis.

Se por um lado existe um entendimento de que a insurgência estará presente no futuro dos conflitos armados, a forma como as forças insurgentes vão se apresentar dentro da guerra irregular é uma dúvida de grande complexidade. A sobrevivência desses atores da insurgência depende diretamente de sua capacidade de adaptação no presente. Eles lutarão, ainda por muito tempo, um tipo de conflito onde aquele que aprende mais rápido com os seus erros tem maior probabilidade de sobreviver para lutar um outro dia.

Ao longo dos anos, guerrilheiros, insurgentes, *partisans*, rebeldes, *mujahidins*, *maquis* e diversos outros cujos nomes variam conforme o local e o período que atuaram, empregaram técnicas diversas para superar forças regulares maiores, mais fortes e melhor equipadas. Esses lutadores sempre estiveram de posse da iniciativa das ações e têm, segundo Visacro (2009), suas bases teóricas em Mao Tsé-tung, Vo Ngueyem Giap, Ernesto Che Guevara, Helmuth von Dach, Georgios Grivas-Dighenis, Mariguella, Charles Thayer e outros tantos.

Lições de movimentos irregulares dos mais diversos pontos do globo foram empregadas para embasar as doutrinas de emprego de ações insurgentes na atualidade. Tais movimentos, via de regra, lutaram segundo técnicas da guerra suja, empregaram táticas abomináveis, envolveram violência deliberada contra inocentes em seus atos.

Aos governos instituídos e para a força de contra insurgência restava apenas o “estudo reativo do inimigo, ou seja, aprender a reagir após a iniciativa do seu oponente”, parafraseando Galula (1966).

Os contra insurgentes ficam, invariavelmente, um passo atrás do combatente irregular. Só podiam agir após um penoso período de aprendizado, no qual era feito um grande esforço para entender as formas dinâmicas e inusitadas das ações dos guerrilheiros. A chamada “matriz doutrinária” da guerrilha sempre foi o dado negado. Saber como ele se comporta em face de determinada situação é difícil para mentes acostumadas com o combate regular e convencional.

É exatamente nesse ponto que surge a oportunidade de realizar um trabalho científico para buscar o levantamento de indicadores de continuidade que sejam pautados na observação temporal recente e na identificação de perspectivas de inovação nas tendências vistas até hoje.

É importante conhecer o inimigo. Antecipar como poderá se configurar a uma possível doutrina insurgente possibilitará fugir do processo apenas reativo realizado pelo contra-insurgente. A iniciativa das ações pode, portanto, mudar de mãos. Conforme afirma Goudet (1993), "a prospectiva conduz a organização a desenvolver atitudes pré e pró-ativas em relação ao futuro, buscando a formulação do futuro desejado". No caso do trabalho em tela, o futuro desejado é

ter o conhecimento prévio de como as forças adversas se portarão dentro do tipo de combate que deve predominar no futuro próximo.

### 1.1 O Problema

A virada do século XX para o século XXI trouxe muito mais do que a simples troca algébrica de datas com base no calendário gregoriano do cristianismo. Trouxe consigo, no entendimento de Castells (1999), um "ambiente de macrotransformações como a informacionalização, a globalização, as atividades em rede, a construção de identidades, a crise do patriarcalismo e do Estado-Nação".

Essas mudanças não são pontuais. Elas são abrangentes e não selecionam apenas algumas partes do globo para se instalar. Também não buscam grupos específicos para provocar a atual revolução do conhecimento que o homem conduz. Aqueles que buscarem se excluir voluntariamente dessa vanguarda, correm o risco de serem atropelados pela evolução dos eventos. Correm o risco de serem marginalizados pela evolução histórica. Não existirá espaço para os que se arraigarem em conceitos antigos e negarem as oportunidades que a tecnologia e a informação oferecem.

Pensadores militares entenderam que todos esses processos estão em andamento no presente e seus reflexos na arte militar são inúmeros. Assim como o mundo vive a era da informação, os exércitos vivem a sua própria evolução paralela. Há que se destacar, contudo, que essa evolução não pode criar uma realidade estanque, fora do contexto mundial para se firmar. A falta de contextualização com o mundo atual seria decisiva para que o moderno pensamento militar se estabelecesse em vão, em bases insustentáveis.

Diversos estudos foram feitos para entender o enquadramento da forma que os exércitos lutam na atualidade. Um resultado importante foi obtido por Nightngale e col (1989). Nesse estudo é estabelecido um enquadramento da guerra por gerações. A fase contemporânea corresponde ao Conflito de Quarta Geração (4GW) que pode ser tipificada pelos seguintes fatores: perda do monopólio estatal sobre a guerra; a sociedade do oponente é a própria vanguarda de suas forças, proliferação de inimigos não estatais, uso indiscriminado da



violência e luta pela mídia. Ainda que o pensamento do autor supramencionado seja anterior ao atentado de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center, nos Estados Unidos, ainda existem forças armadas que combatem em gerações passadas da guerra. Isso significa despreparo e alta probabilidade de fracasso no moderno campo de batalha. É importante saber lutar em qualquer momento da história dos conflitos, seja na 3ª Geração ou na 4ª Geração. O poder político nacional é que determinará como as tropas deverão se envolver com o inimigo escolhido pelo Estado.

Percebe-se, na atualidade, que as forças insurgentes já entenderam o novo cenário mundial. Entenderam que estagnação significa derrota. Nesse cenário moderno, atuam de acordo com táticas inovadoras, segundo os preceitos da Guerra de Quarta Geração. De acordo com o General Álvaro de Souza Pinheiro (2011): " a Guerra Assimétrica moderna prova, mais do que nunca, que as técnicas, táticas e procedimentos da Guerra Irregular tornaram a imensa superioridade tecnológica e militar dos estados pateticamente ineficazes". A assimetria de força é contrabalançada pela assimetria na vontade de lutar e buscar a vitória em longo prazo. Um guerrilheiro, insurgente, rebelde ou qualquer outro que mereça designações assemelhadas sempre estará buscando a surpresa, o inesperado e o desequilíbrio. Ser previsível significa fracasso.

A exemplo do que foi dito, pode-se citar o *Hamas*, a *Al-Qaeda*, *Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia* e o *Hezbollah*. Tais grupos são agentes não governamentais que integram seus conhecimentos para lutar contra estados constituídos e obter relativo grau de sucesso em suas empreitadas internacionais. Lançam mão da tecnologia apurada para refinar suas formas de atuação, mas abrem mão também da mesma tecnologia quanto seu uso pode oferecer riscos e implicar na sua detecção. Não apenas isso, eles têm condições de intercambiar lições aprendidas nas suas lutas com outros grupos situados em outros países e continentes. Trata-se, então, do lado perverso da globalização tão bem tipificada por Castells.

A globalização, involuntariamente, contribui para a integração desses agentes do mal cujo objetivo é promover a instabilidade e o terror. Tudo isso dentro do que existe de mais atual na doutrina da guerra irregular, segundo o entendimento de Etzioni (2009).

Engana-se aquele que avalia que o atual *status quo* dos grupos insurgentes os faz permanecer estagnados e sem buscar mais evolução doutrinária. Se hoje os insurgentes do mundo lutam na Guerra de 4ª Geração, eles anseiam inovações e querem estabelecer uma 5ª Geração. Se sobrevivência significa modernidade, a busca pelo inédito deve ser constante. As lições do presente fundamentarão as futuras Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) desses agentes. O aprendizado globalizado servirá para que novas conclusões sejam retiradas.

Se o espaço físico já não é mais limite no mundo globalizado, qual será o limite para suas ações insurgentes futuras? A ética? A justiça? O receio da escalada nos conflitos irregulares de hoje? O respeito por fronteiras geográficas? O limite religioso imposto aos fiéis de determinada crença? Aparentemente não haverá limite.

O presente trabalho parte da suposição que identificar as possibilidades das forças irregulares no futuro permitirá também antecipar a visualização das formas de atuação do oponente irregular. O estudo está orientado, portanto, com várias das imposições de pesquisa estabelecidas diretamente pela Estratégia Nacional de Defesa (END) (2008). Ao estudar itens ligados direta ou indiretamente com pontos chave da END, o trabalho auxiliará a buscar novos pontos de vista para a execução dos seguintes diretrizes estabelecidas no texto daquela estratégia:

[...] 1. Dissuadir a concentração de forças hostis nas fronteiras terrestres, nos limites das águas jurisdicionais brasileiras, e impedir-lhes o uso do espaço aéreo nacional. Para dissuadir, é preciso estar preparado para combater. (grifo nosso)

[...] 4. Desenvolver, lastreado na capacidade de monitorar/controlar, a capacidade de responder prontamente a qualquer ameaça ou agressão (grifo nosso)

[...] 13. Desenvolver, para atender aos requisitos de monitoramento/controlar, mobilidade e presença, o repertório de práticas e de capacitações operacionais dos combatente (grifo nosso)

[...] 17. Preparar efetivos para o cumprimento de missões de garantia da lei e da ordem, nos termos da Constituição Federal (grifo nosso)

[...] 21. Desenvolver o potencial de mobilização militar e nacional para assegurar a capacidade dissuasória e operacional das Forças Armadas (grifo nosso)

Thomas Edward Lawrence (1986) em sua obra "Os sete pilares da sabedoria" faz o seguinte aforismo sobre a insurgência: "fazer a guerra contra a rebelião é confuso e lento, como comer sopa com uma faca." A dificuldade mencionada por Lawrence da Arábia vem do reduzido conhecimento atual sobre o

como a rebelião poderá atuar no cenário futuro. É difícil para mentes militares de formação tradicional e convencional entrar no espírito de um insurgente e entender aquilo que ele entende como valores, motivação, limites e objetivos. Se for possível projetar o que poderá se passar na mente do guerrilheiro do futuro, muitas oportunidades aparecerão.

O presente trabalho, portanto, visa aproveitar a história militar como um instrumento de levantamento de formas de atuação de insurgentes e de contra insurgentes, no sentido de obter um panorama sobre a evolução doutrinária de ambas as correntes, com vista a identificar quais são as formas de atuação que se mostram portadoras de sucesso e aquelas que indicam limitações ou que indicam fracasso ao longo dos conflitos estudados.

Dessa maneira, em função das premissas acima citadas, chega-se ao seguinte problema: em que medida as técnicas insurgentes podem ser estudadas no seu histórico recente para visualizar suas tendências de continuidade ou de inovação?

## 1.2 Objetivos

O presente trabalho tem como justificativa a elevada importância da sua temática, uma vez que a busca por prognósticos futuros de como atores insurgentes poderão se portar significa ampliação da possibilidade de preparação de capacidades hoje inexistentes.

Além disso, o trabalho contribuiu no avanço dos conhecimentos e na ampliação da bibliografia científica sobre o fenômeno insurrecional. O enfoque no estudo do passado dentro da ótica da Guerra Ilimitada permitiu buscar a linha de evolução desses movimentos e identificar pontos onde deve ocorrer evolução imediata em técnicas e procedimentos dos insurgentes.

Com os recentes levantamentos de possibilidades de ocorrência de conflitos futuros, percebe-se que a guerra irregular provavelmente irá liderar tal ocorrência nos cenários até a metade do século atual. Estudos que esclareçam o fenômeno da insurgência e que indiquem suas possibilidades vindouras ganham relevância especial pelo fato de se antecipar mesmo a vanguarda doutrinária atual nos exércitos do mundo.

O alinhamento com os processos evolutivos também dá maior visibilidade para o trabalho a ser realizado. A Estratégia Nacional de Defesa (END) (2009) afirma categoricamente que existe necessidade de levantamento de capacidades militares a serem desenvolvidas para o futuro. Saber como o inimigo poderá se portar vai permitir identificar onde investir tempo e recursos para estar a altura de responder todas as ameaças identificadas, internas ou externas.

Também dentro do Processo de Transformação do Exército (2010), é possível identificar que o primeiro vetor de indução para renovação da Força Terrestre é a Doutrina. Segundo o próprio texto do Processo de Transformação do Exército (2010):

Nossa doutrina, em geral, respalda-se em concepções ultrapassadas. Não incorporou conceitos próprios de conflitos contemporâneos tais como: [...] superioridade de informações, domínio da "consciência situacional", a presença de atores não governamentais [...]

Logo, no contexto da assertiva supramencionada, o trabalho em tela ofereceu complementos para minimizar lacunas de conhecimento necessárias para a transformação atual do Exército Brasileiro no que diz respeito a antever quais doutrinas melhor se aplicam para o combate contra forças irregulares.

Segundo Locke e colaboradores (2007), o objetivo indica "por que você quer fazer o estudo e o que pretende atingir". A razão do estabelecimento do tema é buscar respostas para as situações futuras que podem envolver o emprego do Exército contra forças irregulares. A intenção é antecipar o estudo do inimigo. Desse estudo será possível retirar ideias norteadoras para planejar doutrinas eficazes para minimizar a ação insurgente.

Assim, o que o estudo pretendeu atingir como objetivo foi a **identificação de qual será a tendência de futuro dos movimentos insurrecionais com base no estudo histórico da atuação desses grupos para projetar quais são as possibilidades de formas de atuação para tais grupos nos próximos anos.**

### 1.3 Hipótese

A hipótese levantada para o presente estudo foi a seguinte:

O estudo histórico da atuação de forças insurgentes permite que seja traçada uma linha de continuidade ou de inovação para o emprego futuro de formas de atuação desses grupos irregulares.

#### 1.4 Variáveis

Abaixo encontram-se especificadas as variáveis a serem empregadas no presente trabalho. Cabe assinalar que no decorrer do estudo algumas variáveis intervenientes deverão ser consideradas, uma vez que, de acordo com Sartori (1991), elas interferem no processo.

Tabela 1 - Variáveis Independentes

<b>Variáveis Independentes</b>	
<b>Atuação de forças insurgentes no passado</b>	
<b>Definição Constitutiva</b>	<b>Definição Operacional</b>
Forma como os movimentos insurrecionais atuaram até o <u>presente</u> no mundo.	Realização de estudo sobre as formas de atuação das forças irregulares no mundo com base em pesquisa bibliografia e entrevistas.
<b>Atuação das forças contra insurgentes no passado</b>	
<b>Definição Constitutiva</b>	<b>Definição Operacional</b>
Forma como as forças contra insurgentes atuaram até o presente no mundo.	Realização de estudo sobre as formas de atuação das forças contra irregulares no mundo com base em pesquisa bibliografia e entrevistas

Tabela 2 - Variáveis Dependentes

<b>Variável Dependente</b>	
<b>Atuação futura das forças insurgentes</b>	
<b>Definição Constitutiva</b>	<b>Definição Operacional</b>
Forma como os movimentos de guerrilha podem atuar no <u>futuro</u>	Identificação de indícios de continuidade ou de descontinuidade das formas de atuação de forças insurgentes.

#### 1.5 Delimitação do Assunto

O assunto selecionado buscou identificar as possíveis formas de atuação de grupos insurgentes no futuro com base nos estudos do passado, considerada por Nagl (2005), como "a forma de atuação mais comum na história, mais comum

até que os conflitos entre nações representadas por exércitos em um campo de batalha convencional". Essa é uma abordagem extensa, entretanto, abarcaria vasta área de estudo, dificultando o aprofundamento da pesquisa e tornando a busca por dados pertinentes grande demais para o tempo disponível.

Dessa forma, delimitou-se o trabalho para a busca pelos vetores de atuação de grupos insurgentes no passado remontando aos movimentos irregulares dos Sec XX e XXI. Acreditou-se que este limitador temporal foi suficiente para englobar os movimentos mais significativos nos modernos moldes de se realizar a insurgência.

Não foi estabelecida uma limitação espacial, pois entendeu-se que o mundo globalizado do presente rompeu com as distâncias do conhecimento entre locais distintos no planeta. Conhecimentos e modelos de atuação de grupos insurgentes no Afeganistão ou no México podem facilmente serem empregados na Colômbia ou na Costa do Marfim, por exemplo. Nesse enfoque mais amplo, o trabalho buscou elencar as formas, os meios de atuação que grupos insurgentes poderão lançar mão no futuro para atingir seus objetivos militares e, por conseguinte, políticos. Trata-se, portanto, da busca pelos pontos fracos da atual doutrina de emprego desses grupos para que seja feita uma evolução buscando a eficiência operacional irregular.

O raciocínio também envolveu o diagnóstico dos pontos fracos das modernas forças de contra insurgência. Os pontos falhos da contra insurreição certamente serão alvo de atenção dos grupos insurgentes dentro do já comentado processo globalizado de troca de experiências.

Foram estudados tanto os pensadores da insurgência quanto os da contra insurgência. A intersecção doutrinária desses pensadores dará o subsídio para o entendimento das fórmulas mais comuns e mais prováveis para atuação da insurgência no presente. Ainda que possuam concepções distintas e tenham obtido graus distintos de sucesso, muito do arcabouço doutrinário desses pensadores ainda é atual e pode ser uma saída para o futuro.

Por razão de limitação de tempo de estudo disponível, deixou-se de estudar a fundo as atuações de forças irregulares anteriores ao Sec XX. Entende-se que o retrocesso temporal para tal período não forneceria grande avanço no estudo sendo, portanto, excluído do rol inicial da busca de conhecimentos.

Como limitação à pesquisa, destaca-se a necessidade de se buscar dados com especialistas, bibliografia limitada, informações defasadas no tempo e, muitas vezes, com acesso restrito. Isso reduzirá o universo a ser estudado, sem, no entanto, inviabilizar o trabalho. As limitações mostradas terão influência na escolha de públicos alvo e na busca por maior abrangência de pesquisa de literatura, mas não terão características impeditivas para atingir os objetivos propostos.

Por fim, o trabalho procurou isolar os fatores de tidos como indicadores de sucesso e de fracasso de ambos os participantes da Guerra Irregular. A revisão da literatura, os estudos de caso e as entrevistas foram os dados de entrada da equação proposta. O resultado final, o dado de saída foi a confrontação entre o que o insurgente tem de melhor para empregar segundo uma perspectiva da história militar contra aquilo que o Estado tem como fórmulas de sucesso para derrotá-lo.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O trabalho em tela buscou sua fundamentação nas diversas doutrinas irregulares em emprego na atualidade como forma de perceber o processo evolutivo das mesmas. Passado, presente e futuro, de diferentes maneiras, podem ser meras abstrações da mente humana em seu esforço de envolver-se com a realidade, instância esta mais complexa e indevassável do que pode parecer à primeira vista.

Há que se entender o íntimo relacionamento entre o conceito de Guerra Irregular, Insurreição e outras definições assemelhadas. O *Department Of Defense* (DoD) (2008) classifica a guerra irregular da seguinte maneira:

[...] luta violenta entre atores estatais e não estatais pela legitimidade e influência sobre as populações relevantes. A Guerra Irregular (IW) favorece abordagens indiretas e assimétricas, embora possa empregar toda a gama de capacidades militares e outras capacidades, a fim de minar o poder do adversário, sua influência e sua vontade. É inerentemente uma luta prolongada que irá testar a determinação de nossa nação e nossos parceiros estratégicos (Estados Unidos da América, 2008)

Em linhas mais simples, Von der Heydte (1990) afirma que a guerra irregular é um fenômeno que manifesta características diferentes e singulares, é guerra onde aparentemente não existe guerra. Logo, pode ser entendida também como a fuga de padrões de combate universalmente aceitos, tipificados, enquadrados e até alvo de acordos jurídicos internacionais.

Quando um grupo busca atuar nos preceitos da Guerra Irregular, ele busca em verdade uma alternativa para solucionar a seguinte questão: "como enfrentar forças militares mais fortes, melhor equipadas, melhor adestradas e melhor supridas?". A solução não pode ser vista em um engajamento frontal, onde as táticas de guerra convencional moderna aplicam suas fórmulas de poder relativo de combate para definir quem será mais bem sucedido em combate. O lado mais fraco não teria boas probabilidades de sucesso. A resposta mais adequada, e talvez a única viável, será o emprego de técnicas de guerra irregular.

Intimamente ligado ao conceito de Guerra Irregular, está o conceito da Insurgência. No Manual de Contra Insurgência do Exército dos Estados Unidos da América (FM 3-24.2 - Tactics in Counterinsurgency) existe uma definição atual que diz:



“Insurgência é um movimento organizado visando a derrubada de um governo constituído por meio do uso da subversão e do conflito armado. A distinção fundamental entre a insurgência e os outros movimento é a decisão de usar a violência para atingir objetivos políticos. Uma rebelião é tipicamente uma luta interna dentro do estado, não entre os estados.” (Estados Unidos da América, 2012)

Tal definição é importante para o estudo em tela. O uso da violência e da subversão são fatores de diferenciação e enquadramento. Cabe acrescentar, também, que a insurgência não se limita a lutar dentro de um estado.

Também foram observados os paradigmas contra-insurrecionais atuais. Eles balizam as evoluções do pensamento insurgente, pois ações bem e mal sucedidas do presente determinarão o que será alvo de aproveitamento futuro e o que será descartado como doutrina ultrapassada e ineficaz.

## 2.1 Os Paradigmas Insurrecionais modernos

Como entender a ideia de "paradigma insurrecional"? Seria esse um conceito não natural? Segundo Thomas Kuhn (1987), no seu ensaio sobre a Estrutura das Revoluções Científicas, um paradigma seria “um conjunto de crenças, valores e técnicas comuns a um grupo que pratica um mesmo tipo de conhecimento”.

A palavra "macroteoria" pode ser interpretada, portanto, como um sinônimo para um paradigma, e no entendimento do autor supramencionado ela seria aceita por toda uma comunidade científica que se propõe a estudar determinado campo de saber. Para Kuhn, “um paradigma sempre apresenta o interesse de criar e reproduzir condições para ampliar o conhecimento, respondendo aos problemas que são colocados pela atividade em questão” (Kuhn, 1987).

Mas existe a questão de que uma ideia, por mais adequada que seja no seu tempo e nas condições para as quais ela foi elaborada, não pode ser perene em termos de utilização. O mundo é dinâmico e o pensamento humano também. Como pode um paradigma se eternizar então?

No entendimento de Barros (2010)

"quando o paradigma não é mais capaz de resolver todos os problemas, que podem persistir ao longo de anos ou mesmo séculos, ele é gradualmente posto em cheque, porque se começa a questionar se ele constitui mesmo o marco mais adequado para a

resolução de problemas ou se deveria ser abandonado. O paradigma, naturalmente, tende a resistir ferrenhamente, ancorado em suas pretensões monopolistas, antes de se resignar a um solene retiro para o cemitério das idéias mortas. Mas isto cedo ou tarde ocorrerá ao paradigma que já não responde às perguntas de seu tempo, as mesmas que se acumulam sobre o seu céu conceitual como pesadas nuvens de uma tempestade que se anuncia". (Barros. 2010)

Percebe-se, então, que o pensamento humano quando tem a finalidade de gerar modelos universalmente aceitos como modelos, tem prazo de validade. O que determina a data que tal pensamento vai caducar é a própria evolução humana.

Saindo do campo científico conceitual para o universo do estudo da guerra, a arte de conduzir exércitos em campanha foi alvo de deliberações e pesquisas ao longo de quase toda a existência do homem. Pensadores e comandantes militares podem ser citados como estudiosos dessa linha de conhecimento. Sun Tzu, Alexandre, Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Napoleão, Clausewitz, Moltke, Jomini, dentre outros, são exemplos de pensadores da ciência militar. Como não é possível fugir da lógica humana, também essa ciência buscou estabelecer seus paradigmas de como conduzir campanhas convencionais.

Por similaridade de ideias, os pensadores da guerra irregular também buscaram, como alternativa de combate do mais fraco contra o mais forte, estabelecer linhas gerais de pensamento para obter a vitória. Como passou a existir um pensamento teórico para permitir a vitória de grupos insurgentes contra Estados estabelecidos, foi necessário criar linhas de ação eficazes para vencer o inimigo irregular. Foi o nascimento da contra insurgência.

No entendimento de Visacro (2009), o caráter informal, dinâmico, flexível e mutável do combate irregular tem contrariado o cientificismo acadêmico, frustrando as expectativas daqueles que procuram por padrões doutrinários rígidos. Existem, todavia, linhas mestras de balizamento para aquilo que se pode entender por paradigma insurrecional moderno.

De maneira geral, os grupos insurrecionais se enquadram dentro de uma doutrina anteriormente testada e bem-sucedida. A busca por enquadramento teórico passa, naturalmente, por estabelecer correlação entre os cenários nos

quais o paradigma foi arquitetado e os cenários nos quais o insurgente vai lutar em seu território. Adequações necessárias sempre são feitas e raramente uma linha de ação para a Guerra Irregular poderá ser vista como universalmente aplicável. Nesse sentido, o conceito de flexibilidade e adequação, tanto na guerra como na paz são pertinentes para entender a formulação de doutrinas militares para enfrentar inimigos irregulares.

Paradigmas insurrecionais terão importância ao revelar o que se pensou no passado e o que se emprega no presente como ferramentas para vencer a luta irregular. Os aspectos políticos não serão vistos em detalhe no estudo, mas serão abordados tais aspectos no momento que houver tangência da ação política e da contribuição militar direta para a consecução desses objetivos.

Para esse trabalho, os modelos insurrecionais mais significativos da insurgência são aqueles que tem as melhores condições de sintetizar a evolução e a adequabilidade do moderno pensamento para condução da Guerra Irregular no presente. O estudo, portanto, buscou analisar os pensamentos insurgentes que tenham sido mais eficientes ao longo da história e aqueles que apresentam inovações para o futuro próximo.

Entende-se por eficiência na insurgência a capacidade observada do rebelde ter alcançado seus objetivos políticos mesmo tendo como oponente um Estado organizado e com capacidade de derrotar os revoltosos pela aplicação do seu poder nacional.

### 2.1.1 O paradigma Insurrecional Leninista

*“sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário”*

*Lenin*

#### 2.1.1.1 Vladimir Ilich Ulianov, o Lenin

A Revolução Bolchevique de 1917 produziu, no entendimento de Eric Hobsbawn (1995), "o mais formidável movimento revolucionário organizado da história moderna. Sua expansão global não tem paralelo desde as conquistas do Islã em seu primeiro século". Com efeito, após menos de quarenta anos após sua ocorrência na Rússia, quase um terço da humanidade vivia sob o ordenamento revolucionário do Leninismo. Hobsbawn chega a citar que Lenin foi a

personalidade mais influente do século XX. Foi esse pensador que sistematizou esse movimento de tamanha envergadura e por isso seu estudo é pertinente.

Após abraçar a doutrina Marxista "somente no final da década de 1880" (Visacro, 2009. p.20), Lenin teve o mérito de realizar a tradução do complicado proselitismo comunista para uma doutrina revolucionária aplicável e prática. Lênin percebeu a necessidade de agir juntamente com um grupo de revolucionários para liderar as massas, o que tornaria possível a tomada do poder. Sem uma orientação central calcada em sólida doutrina, o rumo do movimento dependeria da interpretação pessoal de seus participantes. Segundo Fernandes, Lênin é o teórico que "converte o marxismo em processo revolucionário real", o seja, aquele que conseguiu tornar a complexa teoria marxista em algo executável pelas massas. (Fernandes, 1978. p.XI)

No entendimento de Visacro, Lenin foi um leitor atento Clausewitz, uma pessoa ambiciosa e dotada de fé inabalável em si mesmo e em sua causa. Identificou a oportunidade que surgiu na espontânea insurreição russa de 1917 e conseguiu se colocar à frente do curso da história para ser o seu líder e daí ditar o rumo que deveria seguir.

Suas experiências são calcadas nos aprendizados dos movimentos revolucionários de 1906 na Rússia. O estudo histórico de eventos anteriores contribuiu para identificar fraquezas em ambos os lados e para buscar explorar os pontos frágeis do aparato político czarista.

Diferentemente de outros teóricos da insurgência, Lenin teve a oportunidade de colocar em prática o seu pensamento, o que o afasta da corrente de pensadores essencialmente teóricos. Após o sucesso obtido em 1917, houve a oportunidade de consolidar as experiências aprendidas nas lutas e fazer com que o leninismo fosse uma corrente ideológica passível de ser exportada para outros partidos revolucionários.

O termo "Leninismo", segundo Leandro Konder (2004), só foi difundido após sua morte em 1924. Isso ocorreu porque Lenin não aceitava a associação do seu nome com o seu pensamento. O Leninismo sintetizava as ideias principais e as ações revolucionárias adotadas por aquele que, por seus méritos revolucionários, foi líder na Revolução de 1917, Chefe de Estado, Líder do Partido

Comunista Russo e o primeiro Presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética.

Hobsbawn afirma que a Rússia Czarista estava madura para uma revolução desde a década de 1870. As grandes falhas cometidas pela administração dos Czares na revolução de 1905-1906, na Guerra Russo-Japonesa e na Primeira Guerra Mundial, além do descontentamento popular generalizado contra o Governo de São Petersburgo catalisaram o processo revolucionário que seria bem sucedido em 1917. É, contudo, surpreendente que uma revolução comunista com base no proletariado urbano tenha ocorrido em um país agrícola como era a Rússia no início de Século XX. O proletariado industrial, que no pensamento de Karl Marx seria o "coveiro do capitalismo", era pequeno e insignificante naquele país e naquelas condições históricas. Esse é um dos aspectos que fazem com que o Leninismo seja interessante. A forma como o pensamento marxista foi aplicado em condições adversas segundo o seu corolário é mérito de Lenin.

#### 2.1.1.2 Componentes do Pensamento Revolucionário Leninista

A doutrina revolucionária leninista foi amalgamada no decorrer de um confronto direto com o poder czarista, num momento incipiente de luta política, institucional e num ambiente sujeito às influências da I Guerra Mundial. Sua evolução seria traçada pela luta entre as classes que deveria ser realizada dentre de diversos campos do poder de maneira simultânea.

Os seguintes vetores compunham o pensamento leninista para tomada do poder:

- Em primeiro lugar, o marxismo se distingue de todas as formas primitivas do socialismo, pois não liga o movimento a uma só forma determinada de luta. O marxismo admite as formas mais diversas de luta; não as inventa, mas generaliza, organiza, dá formas conscientes de luta das classes revolucionárias que aparecem por si mesmos no curso do movimento.
- Em segundo lugar, o marxismo exige que a questão das formas de luta esteja focada historicamente. Colocar esta questão fora da situação histórica concreta significa não entender o pensamento básico do materialismo dialético. Em outras palavras, conduzir a ação revolucionária sem um enquadramento histórico de

alinhamento com a vontade das massas não geraria a tensão e a força necessária para que a liderança revolucionária pudesse iniciar a luta armada popular.

Percebe-se, portanto, que as formas de luta para Lenin não são pautadas em um único vetor. Várias atividades são executadas simultaneamente para que o fim revolucionário seja atingido. Essa diversificação de frentes revolucionária tem por finalidade dificultar a ação do estado. Se a luta revolucionária se limitar ao campo militar, o Estado pode empregar suas forças armadas já equipadas e organizadas para enfrentar as inexperientes frações rebeldes e obter uma vitória mais fácil. Quando a luta se propaga para campos onde a força bruta das tropas do governo não conseguem resolver a questão, o leninismo está buscando atingir o oponente onde ele é mais vulnerável.

Também fica evidente a adaptabilidade do emprego de novas formas de luta não concebidas pelo ideário marxista. A busca pela surpresa e pelo inesperado se soma com a multiplicidade de ações que são aceitas como passíveis de utilização visualizando maximizar os efeitos da revolução.

Figura 1 - Formas de Luta das Organizações Leninistas Revolucionárias

	<p style="text-align: center;"><b>Luta Política</b></p> <p style="text-align: center;">Tem como foco eliminar a "institucionalidade burguesa"</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Luta política institucional que ocorre dentro da legalidade do Estado Democrático de Direito. Essa forma de luta é chamada de "via-pacífica".</li> <li>• Luta armada que emprega a violência e o terror para implantar o estado socialista. Na concepção gramsciana ela é chamada de "guerra de movimento".</li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>Luta Econômica</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Empregada para atender às necessidades econômicas e sociais da classe trabalhadora. Age principalmente na área conflituosa das relações entre o capital e o trabalho (greves, ocupações, demonstrações, reivindicações salariais). Este tipo de luta cria um sentimento de união de classe, criando o que se chama "consciência de classe". Essa consciência será explorada pelo partido posteriormente para atingir seus objetivos políticos.</li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>Luta Ideológica</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundamenta-se no campo das idéias que contrapõe o sistema capitalista ao sistema socialista de governo, destacando os benefícios da sociedade sem classe, isenta de privilégios e aprofundando o ataque aos sistemas nos exemplos diários da luta econômica capitalista.</li> </ul>

Fonte: Adaptado pelo autor a partir da Publicação Doutrina dos Movimentos Revolucionários - ECEME 1997

Lenin explica o emprego de todas as modalidades de luta e da grande flexibilidade do emprego de técnicas na luta revolucionárias no texto que consta das "Obras Completas":

...o marxismo terminantemente não renuncia a forma alguma de luta. O marxismo não se limita em caso algum às formas praticáveis e só existentes, num dado momento admitindo a aparição inevitável de novas formas de luta, desconhecidas, dos militantes de um dado período ao mudar uma determinada conjuntura social. Lenin (Lenin. 1905)

Notadamente, a subversão e a luta armada são formas mais eficazes na visão leninista. Nela serão empenhados os maiores efetivos e nelas estará a maior esperança de vitória. Isso ficou claro na Revolução de 1917. Posteriormente esses dois vetores serão estudados mais detalhadamente.

### 2.1.1.3 Vanguarda Revolucionária Leninista

No Leninismo, a vanguarda revolucionária responsável por conduzir o processo de derrubada da ordem vigente é composta pelo Partido Comunista e por sua *intelligentsia*. Para Visacro (2003), pensadores como Sergei Nechaev, Chernyshevsk, Maikhail Bakunin e Petr Tkachev tiveram esse papel de formular o arcabouço teórico revolucionário, de onde saiu a ideia do "super-homem" revolucionário, ou seja, daquele que conduziria o processo revoltoso baseado em crenças e valores do socialismo.

A *intelligentsia* deve diagnosticar os anseios populares e direcionar as ações para que as massas percebam que a ideia de um grupo revolucionário era adequada às suas demandas por melhoria de vida. Isso não quer dizer, contudo, que a busca por esse alinhamento é verdadeiro. Pode apenas ser uma forma de manobrar as massas para com elas derrubar o governo. Após isso, o real pensamento do partido deve prevalecer e se impor, com ou sem o consentimento popular.

Lenin, como revolucionário, teve ampla percepção da vontade das massas. A ideia-força das Teses de Abril incluíam o tema "Pão, Paz e Terra", desenvolvida por Lenin para ser uma resposta oportuna e direta para os anseios das massas.

Segundo Francisco Oliveira (2006)

As Teses de Abril revolucionam a tática e a estratégia bolchevique. Percebendo que a queda do tzarismo prolongava-se numa longa agonia



que ia muito além de uma simples exaustão do sistema apenas saído do absolutismo, e que não havia como simplesmente apoiar uma revolução burguesa, as Teses de Abril sustentam agora que o objetivo é ir além da democracia burguesa e instalar uma república de sovietes sob uma ditadura do proletariado para criação das condições de uma economia socialista. É o Momento Lênin, em que este percebe que o "desigual e combinado" é incapaz de sustentar as formas institucionalizadas da democracia, que a tradição marxista, nas pistas de Marx, considerava como uma ditadura da burguesia e o governo como seu comitê executivo. A violência do capital numa economia periférica – o termo evidentemente será do futuro – não se deixa enquadrar institucionalmente. Dessa maneira o proletariado urbano teria o "pão" que tanto necessitava após anos de fome nas grandes cidades devido aos baixos salários. O povo russo teria a "paz" após anos de conflitos internos, crises financeiras, dívidas e campanhas militares fracassadas contra os alemães na I Guerra Mundial. Teria, por fim, a "terra" para 80% dos russos que viviam no campo e não possuíam onde plantar seu sustento. (Oliveira, 2006)

Hobsbawn enxerga essa capacidade de percepção de Lenin dos anseios populares como uma vantagem revolucionária de "conduzir por saber seguir", ou seja, levar as massas para onde se deseja mediante o acompanhamento da vontade geral. Ao proclamar "*todo poder aos sovietes*", Lenin buscou dar um caráter participativo ao povo. Como no modelo czarista essa participação era anulada pela atuação aristocrática e pelo controle da elite administrativa do czar, a nova possibilidade de opinar na condução do governo local foi extremamente atrativa para as massas. Segundo Reed (1978), sob a tese "todo poder aos sovietes", os bolcheviques liderados por Lenin conduziram os sovietes ao poder, ocupando as terras do império e marchando, em 1917, sobre a capital russa, então Petrogrado, sob a forma de uma operação militar subversiva (Reed, 1978).

No entanto, o povo é apenas o meio para a *intelligentsia* alcançar seus objetivos maiores. No final do processo, a elite pensadora do Partido Comunista é que fica com a responsabilidade de governar o país e a participação popular seria, doravante, apenas para executar o trabalho que lhe fosse dada pelos governantes comunistas.



#### 2.1.1.4 Segmento social mais relevante para a condução revolucionária

Para Lenin o segmento social de maior relevância para a revolução era o proletariado urbano. Isso influencia muito o tipo de luta que poderá ser executada pela insurgência. Ao focar o esforço nos trabalhadores de indústrias, o combate em áreas rurais passa a ser menos relevante e oferecendo menos bônus ao insurgente.

Nesse ponto, o pensamento leninista não se afasta muito das ideias de Marx e Engels. Para os outros dois pensadores comunistas, o trabalhador urbano era a mola dos movimentos revolucionários. Tal aspecto, de concentrar a luta nas cidades, viria a ser um limitador futuro para que as ideias de Lenin pudessem ser universalizadas para insurgentes na Ásia, África e América Latina. O proletariado urbano era uma realidade europeia no início do século XX. A expansão da revolução teria que ser feita para o oeste visando atingir países europeus que se encontravam prontos para adaptar o pensamento leninista como dogma. As sociedades rurais fora da realidade europeia estariam naturalmente excluídas de agir dentro dessa ideia, por não possuir um contingente revolucionário urbano capaz de catapultar o pensamento leninista.

O ambiente operacional mais favorável para que a luta fosse executada era os centros urbanos, uma vez que lá estava a massa operária que forneceria o material humano revolucionário. O número de operários russos saltou de 95.000 para 1.742.000 entre 1801 e 1896. A população urbana russa sofreu um aumento de 45% entre 1867 e 1871 devido ao aumento da industrialização e a evasão do campo. Todavia a população russa ainda era essencialmente rural em 1917. Havia, portanto, uma ampla massa de descontentes no campo prontos para ser mobilizada. Pelo leninismo, essa massa revolucionária não seria manobrada e não teria papel preponderante no esforço para tomada do poder.

Como explicar esse paradoxo de possuir uma população majoritariamente rural e insatisfeita com o sistema czarista e fazer a opção por conduzir a luta nas cidades? A resposta parece estar no ideário Marxista, que promove claramente o proletariado urbano como condutor do processo revolucionário. Não houve uma adaptação para a realidade russa. O plano original de Marx foi seguido e funcionou de maneira surpreendente.

#### 2.1.1.5 Trabalho das massas no pensamento leninista

O enquadramento das massas foi outra opção teórica do pensamento revolucionário leninista. Esse mecanismo objetivava controlar todos os grupos que compunham a sociedade de maneira efetiva, o que significava uma inovação doutrinária para a condução de revoltas organizadas. Conforme consta do manual de campanha C 100-20 (1971), "no pensamento comunista existem apenas três grupos para que a massa seja enquadrada: os militares, os funcionários do estado e os membros de uma associação (sindicatos, movimentos jovens, movimentos de estudantes, grupos esportivos, dentre outros)".

No enquadramento das massas, todos esses grupos são controlados e monitorados. Com os militares e funcionários esse monitoramento é mais simples, pois estão constantemente sob os olhares de superiores oriundos de nomeações partidárias. Nas associações, o controle virá por meio da orientação e da doutrinação partidária. O monitoramento será feito pela infiltração de agentes do estado e das observações feitas pelos líderes de grupos para identificar os recalitrantes e neutros. Uma vez monitorados eles poderão ser reeducados ou eliminados do grupo para evitar influência negativa.

Ainda que revoluções populares já tivessem sido vistas na história (o exemplo clássico é a Revolução Francesa de 1799) essas massas revoltosas agiam por meio de uma espontânea vontade de derrubar a ordem vigente. No leninismo, as massas seriam conduzidas e controladas para que fornecessem o insumo revolucionário da força e da pressão para derrubar o oponente.

#### 2.1.1.6 Vetores de atuação da Guerra Irregular no Leninismo

A subversão no contexto leninista consiste na realização planejada de atividades destrutivas e construtivas com o emprego de agitação e propaganda, objetivando atender o interesse político, a tomada do poder e a criação de um clima revolucionário que permita a eclosão da luta armada. Também poderá ser desencadeada no decorrer da luta armada em locais onde a presença do contra insurgente ainda for forte. Segundo Lenin:

"Mesmo sem armas os destacamentos podem desempenhar um papel muito sério: dirigindo a multidão; atacando em ocasiões propícias um guarda municipal, um cossaco que fortuitamente ficou para trás tirando-lhes as armas; salvando os prisioneiros ou os feridos quando houver

poucos policiais; subindo ao alto das casas, aos andares superiores, etc., e jogando sobre as tropas pedras, água fervendo, etc. Com energia, um destacamento organizado e bem municiado constitui uma força imensa. Em caso algum se deve renunciar à organização de um destacamento ou adiar sua formação com o pretexto de que faltam armas." (Lenin, 1979)

Para o Manual de Guerra Revolucionária do Exército Brasileiro C 100-20 (1971), ações construtivas e destrutivas são aquelas organizadas conforme a tabela abaixo.

Tabela 3 – Atividades Destrutivas e Construtivas da Subversão

	<b>Atividades Destrutivas</b>	<b>Atividades Construtivas</b>
<b>Definição</b>	Atividades destinadas a atingir a ordem social e seus defensores através da desagregação, desmantelamento e desintegração da sociedade, visando a conquista da população e também dificultar ou impedir qualquer resistência à ação revolucionária	Após a obtenção de sucesso nas atividades destrutivas, o revolucionário passa a contruir da ordem pela qual ele luta.
<b>Principais atividades</b>	<p><u>-Desmoralização.</u> Normalmente é feita pela divulgação de notícias falsas, calúnias, ridicularização, enfraquecimento da família, quebra da hierarquia militar e, deformação do patriotismo.</p> <p><u>-Corrupção.</u> Busca atuar sobre agentes do poder legal para explorar obter informações privilegiadas ou omissões oportunas.</p> <p><u>-Intimidação.</u> Visa mostrar que os insurgentes têm força e meios para se impor. Normalmente serão distúrbios civis, terrorismo indiscriminado e sabotagem.</p> <p><u>-Dissolução.</u> Visa criar uma ambiente de insegurança generalizado. Pode ser pacífica (comícios, passeatas, greves e resistência passiva) ou podem ser violentas (greves ilegais, comícios proibidos) A dissolução violenta visa desmoralizar e provar que o poder legal não tem força para impor sua vontade)</p> <p><u>-Eliminação.</u> Busca agir sobre os opositores mais duros e sobre as pessoas neutras. Normalmente será empregada sobre aqueles que não foram atingidos pela desmoralização ou intimidação.</p>	<p><u>-Seleção e formação dos quadros insurgentes.</u> Elementos com potencial de liderança são selecionados e treinados para exercer funções relevantes em suas áreas de atuação.</p> <p><u>- Difusão da Ideologia Revolucionária.</u> Ocorre na divulgação da doutrina que melhor atenda ao pleito popular, de maneira a ganhar sua simpatia e participação.</p> <p><u>-Enquadramento da massa.</u> Busca criar hierarquias paralelas para enquadrar aqueles que não fazem parte da hierarquia leninista (partidária). Militares, funcionários públicos, membros da grupos sociais e comunidades serão enquadrados para que o partido possa doutriná-los, vigiá-los e que nenhuma coletividade esteja fora do controle partidário.</p> <p><u>-Edificação de novas estruturas.</u> Será feita mediante a implantação de bases de apoio a luta revolucionária, criação de "área liberadas" e pela criação de governos provisórios (núcleos de governos comunistas).</p>

.Adaptado pelo autor a partir do Manual de Campanha C 100-20 (1971)

Tornando o conceito teórico em práticas sugeridas, o leninismo atua dentro das seguintes ações revolucionárias para a condução da subversão:

- Realização de campanha psicológicas contra os seguintes alvos
  - Poder Executivo, Legislativo e Judiciário (no estado democrático de Direito).
  - Forças Armadas, Órgãos de Segurança e Instituições Religiosas.
  - Valores histórico-culturais da comunidade e da nação. Negação sistemática dos êxitos e propaganda exagerada dos fracassos das autoridades legais ou de órgãos representativos de classe opositores ao movimento.
- Apoio sistemático, através de órgãos de comunicação de massa, às reivindicações de setores contrários ao governo ou contestatórios, mesmo em evidente contradição com a situação nacional.
- Proliferação da produção de literatura de apoio à ideologia ou as ideias do grupo político que conduz o movimento revolucionário.
- Surgimento de slogans e ideias-força alinhadas com as teses exploradas pelos mentores do movimento revolucionário.
- Reivindicações salariais ou de outra natureza, em completo descompasso com a realidade nacional.
- Apoio crescente às atitudes, atuação e condições de vida dos países simpatizantes do movimento revolucionário, através dos órgãos de comunicação de massa e dos órgãos criados ou dominados pelo movimento, para ligação com estes países.
- Resistência passiva, greves ilegais, desordem e resistência ostensiva contra ação policial e administrativa.
- Reuniões de massa (comícios, marchas e outros) em locais não permitidos e sem autorização das autoridades competentes. E a presença de grupos organizados para nelas incitar a repressão policial.
- Aproveitamento repentino e organizado de ações de caráter espontâneo para provocar tumultos de rua, demonstrações relâmpago, “ocupações pacíficas” ou violentas de locais de trabalho.
- Sabotagem em indústrias, órgãos da Administração Pública direta ou indireta e nos componentes da infra-estrutura econômica do país (em particular, nos serviços essenciais que geram insatisfação popular).
- Terrorismo seletivo em particular e terrorismo indiscriminado em área localizada, esporadicamente.

- Assaltos a bancos, casas comerciais, farmácias, meios de transporte de valores, medicamentos e material bélico, para obtenção de fundos, armamento e munições, material de saúde e de acampamento (em particular).
- Sequestro de autoridade, figuras de projeção política e social; para obtenção de fundos ou para troca dos sequestradores por militantes do movimento presos.
- Seqüestro de aeronaves e navios.
- Assalto a sentinelas, patrulhas, viaturas, repartições e organizações das Forças Legais, para obtenção de material bélico e projeção do movimento na mídia.
- Assassinato de líderes políticos ou militares, após sentença de "Tribunais Populares", designados como "ações de justiciamento", pelo movimento revolucionário.
- Atentados a bomba ou outras ações executadas por organizações revolucionárias, a fim de culpar facções contrárias existentes ou supostas, aliadas ou não do governo, visando a criação de um clima psicológico favorável ao movimento.
- Criação de associações, comitês, movimentos populares, ONG e órgãos similares, aglutinando e coordenando classes, setores e grupos, para a defesa de temas paralelos, sintonizados com os do movimento revolucionário.

(Brasil, 1997, 10)

#### 2.1.1.7 Aplicação do paradigma Leninista em outros locais e adaptações realizadas

Por se tratar da sistematização de ações conduzidas durante a Revolução Russa de 1917, o modelo leninista era adaptado para aquele país e naquele contexto histórico, social, econômico e militar. Segundo Hobsbawn "Na mente de Lenin e seus camaradas, a vitória bolchevique era basicamente uma batalha na campanha para alcançar a vitória do bolchevismo numa escala global mais ampla". (Hobsbawn; 1994; 63). Dessa maneira, o seu formato e ideário poderiam ser exportados para outros países.

Isso foi feito por meio da exportação doutrinária, do financiamento de movimentos no exterior e na formação de líderes em escolas de pensamento marxista-leninista. A Internacional Comunista também foi uma ferramenta de expandir esse pensamento e de excluir possíveis concorrências ideológicas que

ameaçassem a primazia revolucionária soviética. Abaixo se encontram as principais condições impostas pelo PCUS para a entrada na Internacional Comunista, citadas por Carone (1982)

1-a propaganda e a agitação cotidiana devem obedecer a um caráter comunista;

3-a ação legal deve se combinar por todas as partes com a ação ilegal;

4-propaganda comunista para dentro do exército;

5-propaganda e agitações políticas no campo feitas pelos operários comunistas;

8-apoio, não em palavras mas em ações, a todos os movimentos de emancipação das colônias;

14-apoio incondicional às Repúblicas soviéticas em sua luta contra os devem ter sido comunistas anteriormente;

21-exclusão do Partido daqueles que recusarem as condições de adesão (Carone 1982)

Dentre as 21 condições para a entrada na Internacional Comunista, as acima citadas demonstram a intenção de exportar e internacionalizar o processo revolucionário do leninismo.

Contudo, apesar de seu retumbante sucesso na Rússia, o ideário leninista não foi tão bem sucedido em outras tentativas. Percebeu-se a necessidade de reformular seu modelo para poder sobreviver a outros modelos que surgiram posteriormente como o Maoísmo e o Foquismo. No estudo da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, “Movimento Revolucionários” (1997), são enumerados vários fatores que influenciaram no curso do Leninismo, para chegar a sua aparência “reformista” atual:

- O fracasso das tentativas revolucionárias na Europa, após a Revolução Russa de 1917, e em outras regiões do mundo até 1941.
- As ações de tomada do poder no Leste Europeu, entre 1945-1948, baseadas na presença do Exército Vermelho, (ou sua proximidade) e na existência de um PC nacional fiel a Moscou, em cada nação.
- O deslocamento do eixo das revoluções nacionais de inspiração comunista para a Ásia, Oriente Médio e África, devido à estratégia ocidental de contenção. Tais países eram de características de menor industrialização e com populações essencialmente rurais. Com isso o

modelo maoísta teve maior adaptabilidade nessas regiões, para as quais o leninismo não foi moldado.

- A rigidez do PCUS ao impor uma visão estratégica na condução do processo revolucionário nacional em duas etapas: a revolução democrático-burguesa e, em seguida, a socialista (etapismo), induzindo os PCs nacionais a uma aliança com a burguesia nacional, contra o capital estrangeiro (isto é, contra o imperialismo e seus representantes no país), essa posição levou os PCs nacionais ao comodismo e à atuação típica do “reformismo” e do sindicalismo.

- A submissão dos PCs nacionais à estratégia soviética, nas áreas de interesse da URSS, impedindo ações que colocassem em risco a perspectiva da condução estratégica russa.

- A influência dos PCs Francês, do PC Espanhol e do PC Italiano, a partir da década de 70, e também do Eurocomunismo, com ênfase crescente na “via-pacífica” com novos tons teóricos de velhas lições, entre as quais o ressuscitar de GRAMSCI.

- A Perestroika e Glasnost com seus duros ataques às linhas mais agressivas e a adesão às visões mais amenas, emparelhando o leninismo às posições reformistas que não se confundem com a social-democracia. (Brasil, 1997)

Em face dos novos cenários e dos insucessos de sua formatação original, foram promovidas reformas no leninismo. Obviamente elas não foram feitas pelo seu formulador original haja vista sua morte no início da década de 1920. Assim, a corrente leninista preconiza, na atualidade, que a condução da luta econômica, ideológica e política seja travada nos marcos das leis e da institucionalidade dos regimes estabelecidos. A subversão continua sendo prioritária, conduzida através de suas atividades clássicas, dando consistência ao trabalho parlamentar nas ações na área institucional e ao trabalho de massa, conformando a “via-pacífica” ou “via-institucional”.

A luta armada, nesta ótica político-ideológica, deformadora do Leninismo original, é uma possibilidade extrema, cujo desencadeamento, caso ocorra, será debitado à reação da burguesia e de forças pequeno-burguesas contrários à evolução da sociedade de rumo ao socialismo.

## 2.1.2 O Paradigma Insurrecional Maoísta

*Di jin, wo tui, - Quando o inimigo avança, nós retraímos*  
*Di jiu, wo roa - Quando o inimigo descansa, nós o assediamos*  
*Di pi, wo da - Quando o inimigo está cansado, nós atacamos*  
*Di tui, wo jui" - Quando o inimigo retrai, nós persiguimos*  
*MaoTsé Tung*

### 2.1.2.1 Mao Tsé-Tung

Nascido em 1893 em uma aldeia da província de Hunan, Mao-Tsé-Tung (ou Mao Zeodong) passou sua infância envolvido em estudo e no trabalho rural. Entrou para o Exército Novo já em 1911 após a revolução ocorrida naquele ano. Mao adotou em 1919 a doutrina marxista e organizou um grupo comunista na sua província natal, o Hunan.

No momento da organização do Partido Comunista Chinês (PCC), Mao foi um dos mentores da sua organização. Ainda que convicto na coerência do pensamento Marxist-Leninista para a condução de uma revolução socialista na China, Mao possuía uma cobiça muito grande pelo poder e, no entender de Jung Chang (2005), aproveitou-se de sua situação no partido para se apoderar de tropas comunistas para agir segundo a sua vontade própria.

Em diversas ocasiões, Mao se pôs acima das orientações do Partido que vinham de Xangai. Ao invés de obedecê-las, ele fazia o que achava mais conveniente em função de seu próprio pensar. Na Rebelião da Colheita de Outono, em 1927, Mao arquitetou um plano mentindo para o PCC dizendo que atacaria Changsha. Na verdade, "o plano de Mao era se apoderar do exército de 1.500 homens que se encontrava disponível para realizar tal ataque e daí partir para uma região de homizio na cordilheira de Jinggang para lá estabelecer uma base de apoio" (Chang, 2005, 62).

Tais ações individualistas e que contrariavam as orientações do PCC se repetiram diversas vezes. Isso era feito porque havia uma conivência do PCUS em relação a sua pessoa e porque Mao foi visto como o tipo de revolucionário ambicioso que seria bem sucedido para conduzir uma luta de insurgência.



Mao Tsé-Tung também mostrou ser uma pessoa de poucos escrúpulos. Ainda conforme Chang, "as execuções públicas tornaram-se um traço da vida local desde a chegada de Mao e ele demonstrou uma inclinação por mortes lentas" (Chang, 2005, 66). O Terror era uma ferramenta eficiente para calar dissidentes e para fazer com que as massas o obedecessem pelo receio de retaliações violentas. Somente quando Mao passou a ter mais contato com Chou En-lai é que esse recurso ao terror passa a ter uma orientação mais metódica e menos pessoal.

Outra característica de sua personalidade que acabou por influir na futura doutrina maoísta foi a capacidade de aproveitar as crises para revertê-las em oportunidades. Dessa forma, Mao sobreviveu ao longo período de luta contra o Kuomintang de Shiang Kai-shek e contra os invasores japoneses.

Contudo, segundo Hammes (2006) afirma em sua obra "The Sling and the Stone", "o grande gênio de Mao residiu em aprender a partir de seus próprios erros, apanhando essas lições e as organizando dentro de uma estratégia coerente e articulada para a tomada do poder". Com isso, ao final da revolução em 1949, a doutrina maoísta havia evoluído do banditismo da Cordilheira do Jinggang para um sistema evoluído e eficiente.

Após assumir, sucessivamente, as funções de Líder da Revolução Chinesa em 1935, Presidente do PCC em 1943 e Presidente da República em 1949, Mao se consolidou como grande líder revolucionário. Da mesma forma que no estudo do paradigma leninista, o ideário de Mao foi construído em lutas. Falhas foram cometidas ao longo dos anos, mas após o final da revolução e após "emprestar" a fórmula de Mao Tsé-Tung para outras nações, esse paradigma encontrou pontos-chaves que merecem ser estudados.

#### 2.1.2.2 Componentes do Pensamento Revolucionário Maoísta

O pensamento de Mao Tsé-tung para guerra de guerrilhas e para a insurgência é um grande legado como pensamento revolucionário. Diversas publicações e discursos podem ser localizados com a sua autoria e são fontes de consulta elementares para aquele que tem por objetivo estudar esse fenômeno.

No início da revolução chinesa, o PCC se valeu do programa russo estabelecido para aquele país. O PCUS tinha grande interesse em promover a

revolução na China para expandir o comunismo pelo mundo. Foram enviados representantes do partido russo para conduzir o processo de tomada do poder, recursos financeiros e materiais foram remetidos para a China e havia um acompanhamento pessoal de Stalin na condução da insurgência.

Foram adotadas medidas, conforme Hammes (2006) relata, de acordo com a experiência russa de guerra revolucionária com enfoque na subversão urbana. Além disso, a intenção de Stalin para a China era que as cidades deveriam ser os palcos da luta entre as classes. Não houve, portanto, uma tradução do leninismo para a realidade social e política da China, na qual a população camponesa era amplamente superior aos moradores das cidades.

De acordo com Visacro, "a China possuía uma longa tradição guerreira. Rebeliões de camponeses livres e banditismo rural sempre foram comuns em sua história milenar. No país, nunca houve democracia, no entanto não foram poucas as revoltas camponesas bem-sucedidas" (Visacro, 2009, 78). Apesar de saber isso, os patrocinadores soviéticos não tiveram a cautela de repensar a fórmula leninista para o mundo chinês. O histórico de revoluções populares no campo deveria ter dado o caminho para a aplicação da fórmula insurrecional russa na China.

Outra característica do maoísmo que teve ampla aceitação após o sucesso na China foi a condução da guerra revolucionária em três fases. Essa sistematização do processo se mostrou historicamente muito bem sucedida, uma vez que permitia que o crescimento de um movimento pequeno e frágil fosse orientado por passos que limitavam a ambição do insurgente em função do seu poder real de atuação.

O quadro abaixo apresenta o faseamento e as atividades dos insurgentes em cada uma delas:

Figura 2 : Etapas da Guerra Revolucionária Maoista



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Visacro; 2009; 85

Por essa sistemática de organização, Mao conseguiu estabelecer uma linha temporal para que um movimento revolucionário pudesse se projetar. A evolução passa por um primeiro momento no qual o foco estará na doutrinação dos quadros, formação política, estabelecimento de logística de apoio e incorporação de recrutas.

A primeira fase será essencialmente política, com um mínimo de ações militares destinadas apenas ao treinamento e captura de meios materiais necessários a luta armada da segunda fase em diante. Esse é um momento no qual o insurgente está muito vulnerável devido ao fato de que suas habilidades de guerreiro ainda são pequenas, seus santuários são reduzidos, seu apoio logístico está praticamente naquilo que ele transporta em sua mochila. Em sua obra "Da Guerra Prolongada", Mao (1971a) afirma que nessa fase o sigilo e a compartimentação das informações são vitais para que o movimento não seja descoberto e prematuramente eliminado.

As lideranças insurgentes da primeira fase devem ser oriundas de quadros do partido ou do recrutamento de elementos com conhecimento para atuar como vanguardas (líderes sindicais, estudantes e militares descontentes). Tais lideranças são ainda em pequeno número nesse momento inicial e serão protegidas ao máximo para evitar sua eliminação precoce. O trabalho dessas lideranças é vital pois elas é que realizarão a doutrinação dos recrutas e iniciarão o convencimento popular da importância de sua causa.

A primeira fase é sintetizada por Pike como o momento no qual "o insurgente está na defensiva e o contra insurgente está na ofensiva. Nessa fase o objetivo principal é sobreviver; a única lei é trocar tudo (tempo, pessoas, terreno) por sua sobrevivência; o tema será ficar vivo a todo custo" (Pike, 1966, 37). As ações militares serão do tipo "bater, correr e se esconder" (com larga ênfase na última ação), evitando qualquer baixa na força irregular.

A segunda fase inaugura o momento no qual as guerrilhas iniciarão a sua atuação com ações reduzidas. A iniciativa, a elevada mobilidade, a surpresa e a correta seleção de alvos são importantes. Não devem ocorrer combates sem que a certeza da vitória exista. Alvos de maior envergadura são evitados. As células de emprego de guerrilha terão, segundo Pike (1966, 37) "o tamanho de três a cinco homens e juntas nunca devem ultrapassar cinquenta guerrilheiros". Assim, é possível manter células menores em vilas e no campo para que ocorram reuniões apenas quando alguma ação importante for necessária. Nessa ação será empregado um efetivo flexível, facilmente ocultável e facilmente dispersável após uma ação. Ocasionar baixas no efetivo inimigo é importante para reduzir o seu

moral e para mostrar para a população que o governo estabelecido não é forte o suficiente para manter a segurança.

Segundo Mao (1971a), nessa fase intermediária o assassinato seletivo de líderes locais que estejam contra a insurreição será incrementado. O terror a ser incutido na população visa a mudar o comportamento dos neutros e solapar aqueles que são contrários aos insurgentes. O aspecto psicológico dessas ações garantirá que a população deixe de apoiar o contra insurgente pelo receio de ações de "justiçamento".

Uma importante ação da segunda fase é o estabelecimento de bases de apoio, os chamados "santuários". Em regiões de difícil acesso, onde existam problemas sociais devido à ausência do estado e onde a mobilidade fique restrita aos movimentos a pé em florestas densas ou em montanhas escarpadas, é que o insurgente buscará estabelecer essas bases. Mao realizou diversas vezes o estabelecimento dessas bases, de onde viriam novos recrutas, onde o apoio material viria da população, onde um forte sistema de inteligência lhe desse superioridade sobre o inimigo.

No entanto, a posse dessas bases não significa que o insurgente devesse lutar pela sua manutenção e correr o risco de ser cercado e destruído. A posse de terreno não significa muito para ele. Em 1933, após a realização da 5ª expedição de aniquilação de Chiang Kai-shek contra o santuário de Ruijin, Mao optou por não manter a então maior base comunista em território chinês, evitando um combate aberto onde provavelmente ocorreria a destruição da força de guerrilha. Nas palavras de Chang (2005) "Mao não conseguia superar os avanços feitos pelos nacionalistas com as novas táticas de secar o lago e depois pegar os peixes. A saída foi empreender a Longa Marcha com destino ao noroeste chinês, onde seria possível obter maior apoio dos russos e escapar do cerco nacionalista". Dessa forma, a região de Ruijin foi abandonada e a força irregular seguiu com oitenta mil pessoas.

A terceira fase aparecerá quando o inimigo deixar de possuir a iniciativa das ações. Quando ele for obrigado a adotar uma postura defensiva para guarnecer pontos importantes para ele (cidades, rodovias, entroncamentos ferroviários). Tal atitude será forçada pelo incremento de ações contra postos isolados do governo, contra pequenas vilas e contra seus agentes que estiverem

longe da proteção de grandes efetivos de tropas regulares. Segundo Pike (1966) a postura defensiva do inimigo será identificada no momento que ele reunir seus efetivos em bases nesses pontos sensíveis. Com a diminuição das tropas para realizar ações de busca e destruição, o governo instituído será obrigado a limitar muito suas ações ofensivas.

Também caracteriza a 3ª fase a posse pelo insurgente de áreas "liberadas", sem a presença do poder legal. Nessas áreas serão instaladas as estruturas de poder revolucionário, objetivando substituir o governo estabelecido. Justiça, recolhimento de impostos, obras sociais terão lugar para que as massas fiquem cada vez mais identificando no insurgente a figura dos seus novos senhores.

Com a posse da iniciativa, as tropas insurgentes serão reunidas e se tornarão unidades regulares. Brigadas e divisões devem surgir nesse momento para permitir a concentração do poder de combate para vencer o inimigo já debilitado e sem apoio da população. É a fase chamada por Mao de "Guerra de Movimento". Também é importante ressaltar que o fato de unidades regulares serem estabelecidas pelo insurgente não quer dizer que ele vai abandonar o seu modo irregular de conduzir o combate.

As fases acima descritas podem mudar em função do amadurecimento da guerrilha. É interessante ver que, se algum passo não obtiver o sucesso esperado, as forças revolucionárias podem voltar para a fase anterior. Trata-se de uma ferramenta de proteger as forças guerrilheiras de um embate para o qual elas ainda não estão prontas.

Na campanha realizada por Vo Nguyen Giap no Vietnã contra franceses e posteriormente contra os norte americanos, a doutrina maoista foi empregada com poucas adaptações e aperfeiçoamentos do programa chinês de revolução popular. No decorrer das lutas, em algumas ocasiões, houve a necessidade de voltar da já alcançada 3ª fase para a 2ª fase em virtude de fracassos dos revolucionários em campanhas regulares. Isso ocorreu, por exemplo, após a malograda investida regular feita durante a Ofensiva do Tet . De acordo com o relato de Currey, "após perder grande número de homens em combates nos quais o poder de fogo e o apoio aéreo norte americano prevaleceram, Giap teve que voltar para a fase de guerra de guerrilhas para poder enfraquecer o inimigo e

poder repor as baixas em pessoal e material". (Currey; 2002). É importante frisar que tal fracasso aqui analisado diz respeito quanto aos aspectos militar e tático. O Tet foi um sucesso estratégico para Giap pois provou o quão longe estava o Vietnã do Sul e os Estados Unidos de obter uma vitória definitiva. Ainda que pareça ser um fracasso, o retrocesso para a 2ª fase mostrou ao oponente que os insurgentes ainda não haviam sido derrotados e que suas ações de combate prosseguiriam, no modelo de guerra de guerrilha.

Ainda em relação às três fases do movimento revolucionário, as fases podem coexistir dentro do país onde ocorre a insurgência. Em locais onde o controle da população e a existência de bases guerrilheiras estejam assegurado pelo insurgente, a manutenção do território e a busca pelo combate regular já poderiam ocorrer. Isso permite o suporte necessário para que tropas regulares sejam montadas e empregadas, caracterizando a oportunidade de lançar a 3ª Fase. Em outros locais onde o inimigo ainda mantém o controle com grandes efetivos e a população não é francamente um apoio para o insurgente, a 1ª ou a 2ª fases é que devem ser a opção. Assim, em partes do país a Guerra de Movimento estará acontecendo, e em outras partes as Fases 1 e 2 estarão em andamento para no futuro evoluírem para a Fase 3.

Mao também conseguiu simplificar o pensamento revolucionário para os seus soldados. Há que se destacar que a massa dos integrantes do Exército Vermelho Chinês era de camponeses com pouca instrução. Ordens prolixas e cheias de ideologia não teriam muita penetração na mente camponesa. Isso poderia gerar falhas de interpretação e mau entendimento do que se esperava do soldado em campo de batalha e nos momentos que estava entre o povo. Por isso, em diversos momentos, ele baixou diretrizes diretas para a tropa baseadas em tarefas simples e claras. Com esse mecanismo foi possível manter a unidade de pensamento da tropa e foi possível ganhar o apoio popular com a disciplina das tropas vermelhas no contato com as massas. Os "Seis Pontos para Atenção" são um exemplo claro desse tipo de mecanismo. Segundo Hammes os seis pontos são os seguintes:

- 1 Os soldados são convidados a trocar a cama de madeira por um pouco de palha para dormir no chão quando ficarem em casas de camponeses durante a noite
- 2 Devolver tudo que foi emprestado



- 3 Pagar por tudo que for danificado
- 4 Ser cortês com o povo
- 5 Ser justo quando fizer negócios
- 6 Ser humano no tratamento com prisioneiros (Hammes 2006)

Em poucas diretrizes, o soldado sabia o que fazer e como agir para ganhar a confiança da população e como psicologicamente mostrar superioridade em relação aos nacionalistas de Ching Kai-chek.

Muito se fala na demasiada atenção dada por Mao para a Fase 2, ou seja, a Guerra de Guerrilhas. Isso pode levar a uma compreensão parcial de que seu pensamento é focado demais nesse ponto. Para Pike (1966),

"Mao, o pragmático, fez da necessidade uma virtude. Sua principal contribuição para a guerra de guerrilha não era tanto a identificação de verdades universais de como demonstrar e adaptar técnicas de guerra irregular para um determinado momento e circunstância. Ele nunca foi particularmente apaixonado da guerra de guerrilha como tal, e na verdade ele a achava obsoleta, declarando, em 1936, que a guerra de guerrilha era o diferencial e seu ponto forte para derrotar o inimigo. Mas um dia a guerrilha vai se tornar uma coisa para ser abandonada definitivamente e, portanto, deve ser descartada quando oportuno" (Pike, 1966)

Mao inovou também por usar o Exército Vermelho para conquistar a população. O papel militar de suas tropas era complementado pelo trabalho realizado junto à população para angariar sua simpatia e realizar a sua doutrinação para a causa revolucionária. Para Visacro (2009) "o papel do Exército de Libertação Popular transcendia a função militar e adquiria uma conotação essencialmente política, algo que só foi possível devido à intensa doutrinação ideológica a que eram submetidas as tropas comunistas".

Dessa maneira, o soldado se tornou um "[...].. ativista político, transformando as pessoas do povo em combatentes. [...] Suas Três Principais Regras de Disciplina (obedecer as ordens em todas as ocasiões, não tomar uma simples agulha ou linha de coser das massas e entregar tudo que foi capturado) juntamente com os Seis Pontos de Atenção (já citados anteriormente), eram não só orientações de comportamento, mas pontos de vitais de educação política." (Pomar, 2003).



Trata-se, então, de uma inovação esse uso de tropas como difusores de pensamento político. Esse diferencial faria com que o insurgente tivesse uma aproximação muito maior com as massas. Isso se mostrou muito favorável para a revolução pois do povo passou a apoiar incondicionalmente o esforço de guerra comunista.

### 2.1.2.3 Vanguarda Revolucionária Maoista

A necessidade de quadros para nortear o início do processo revolucionário chinês fez com que a busca recaísse sobre os integrantes do PCC, sobre estudantes e sobre militares nacionalistas descontentes. A eles caberia o papel de doutrinação e de expansão dos efetivos revolucionários.

Segundo Pomar (2003) muitos revolucionários receberam treinamento na União Soviética para poder ser a vanguarda do movimento. A eles eram passadas táticas revolucionárias e doutrinação leninista para condução da guerra de libertação nacional. Esses ensinamentos foram válidos e vários nomes como Po Ku e Lo Fu passaram pelos centros de treinamentos de líderes na Rússia para mais tarde assumirem funções de chefia no secretariado do Partido Comunista Chinês. Com tal doutrinação, mantinha-se na vanguarda revolucionária uma unidade de pensamento para as formas de conduzir a revolução.

Um processo muito empregado por Mao que foi particularmente eficiente, mas que deve ser questionado quanto aos ressentimentos que causou, foi o uso de expurgos no partido para descartar integrantes indesejáveis. Chang (2005) afirma que Os quadros do PCC e do Exército Vermelho eram alvos constantes de "limpezas". Por diversos motivos, como por exemplo, ser um "Anti-Bolchevique" ou ser "brando demais na aplicação das diretrizes do partido", fez com que integrantes valorosos da revolução fossem expurgados. O menor sinal de oposição ou de dúvida para seguir a linha ditada pelo centro comunista era alvo de eliminação.

Esse procedimento de terror somado à formação pela escola do Komintern garantiu à vanguarda do PCC e ao Exército Vermelho uma linha de pensamento quase única. As decisões, uma vez tomadas pelo secretariado ou pelo Politburo Revolucionário deveriam ser fielmente seguidas.

#### 2.1.2.4 Segmento social mais relevante para a condução revolucionária

Mao Tsé-tung já havia percebido que a luta deveria ser conduzida principalmente no campo. Os fracassos nos ataques comunistas contra cidades na Revolução da Colheita do Outono em 1927 e as elevadas baixas comunistas mostraram que o caminho era diferente daquele que Moscou queria que os comunistas chineses tomassem. Segundo os padrões ditados por Stalin, a China deveria investir em ações nas cidades com o proletariado urbano. De acordo com Chang (2005), Mao preferiu seguir uma tendência de usar o campesinato como segmento social mais relevante para a revolução.

O papel do proletariado urbano chinês, contudo, não era o de mero expectador. A ele caberia a tarefa de ceder elementos para liderar os camponeses e organizar suas ações guerrilheiras. Essa inversão da ordem leninista feita no modelo maoísta foi uma variação que passaria a ser adotado nos movimentos revolucionários comunistas que ocorreram a partir de então

Essa escolha se mostrou acertada e abriu espaço para que essa teoria fosse adotada em outros países com as mesmas características da China no futuro. Vietnã, Angola, Peru, Turquia foram alguns dos países cujos movimentos revolucionários se valeram do ideário maoísta devido ao fato de que também tinham um grande número de camponeses passíveis de serem alinhados como segmento social mais relevante para a revolução.

#### 2.1.2.5 Vetores de Atuação da Guerra Irregular no Maoísta

O principal vetor do modelo maoísta é a obtenção do apoio da população. Esse axioma vai aparecer em todos os modelos que se seguirão ao maoísmo devido a sua importância. Não se trata de um ineditismo revelado pela revolução chinesa, mas a forma como recebeu ênfase e como obteve sucesso foi única até então.

Visacro (2009) cita que o apoio populacional era o centro de gravidade para a guerra revolucionária maoísta. Em um país agrícola, o papel da população rural camponesa não poderia ser secundário. Dessa forma, o povo conduziria a luta no campo e depois cercaria as cidades para finalizar a tomada do poder.

Talvez o que existiu de inovador não foi o apoio popular por si só. O inovador foi que a guerra deixou de ter a primazia em aspectos militares. Os

aspectos psicológicos e políticos ocuparam um papel de protagonistas no conflito proposto por Mao Tsé-tung.

Operacionalizando o conceito, Mao impôs medidas restritivas para a sua guerrilha já a partir da primeira fase no que tange ao contato com a população. Ordens claras constam em suas diretrizes simples como as Três Principais Regras de Disciplina e nos Seis Pontos de Atenção. Em um país de senhores da guerra e de banditismo rural, um exército forte e que respeitasse o povo era uma inovação enorme. Chang (2005) cita que na China, a população tinha que escolher entre o que lhe era menos pior para sobreviver no momento de apoiar um dos lados em um conflito. Quando surgiu esse Exército Vermelho que trazia em si o germe da conquista de corações em mentes, o povo se viu naturalmente alinhado com os comunistas.

Após as lutas pela conquista de uma determinada área, ocorriam diversas melhorias para a população. No entender de Viscaro:

" [...] o PCC implementava reformas sociais positivas, como reforma agrária, construção de escolas, redução e eliminação de impostos e supressão de juros. Organizavam-se milícias com a finalidade de oferecer segurança e ordem aos vilarejos. Com uma administração local mais justa e orientada para os interesses coletivos, os comunistas ganharam o apoio do campesinato secularmente oprimido" (Visacro, 2009).

Depois de ser alvo de injustiças de toda a ordem com governantes corruptos, o povo se sentiu ávido por defender aqueles que trariam melhoria para a sua vida. Os nacionalista de Chiang Kai-shek não tinham essa preocupação e as suas atitudes os afastavam ainda mais do que o próprio Mao chamou de "mar no qual o guerrilheiro deveria nadar como peixe". O apoio popular havia sido conquistado e dificilmente seria perdido. A guerra havia sido ganha no campo psicológico.

Outro vetor ativo da luta maoísta é a já citada divisão da guerra revolucionária em três fases. Tendo em mente a análise necessária a ser feita antes de um movimento insurgente iniciar, Mao estabelece fases que irão conduzir a luta para um ponto desejado. A luta teria uma longa duração e necessariamente passaria por fases pré concebidas.

Inicialmente será feita uma análise das condições objetivas dos lados que vão lutar pelo poder, que deve ser considerado como a essência da questão. Fruto dessa análise comparativa ocorrerá o prognóstico de quais são as oportunidades de insurgente e quais são os pontos que ele deve defender.

Essas fases são sintetizadas por Pedroza da seguinte forma:

"[...] em sequência, procura-se visualizar a evolução da guerra prolongada em etapas estratégicas definidas: a organização e expansão, a fase da guerra de guerrilhas e a fase da guerra móvel. Na primeira etapa, o agressor avança sobre o país submetido a fim de controlar a maior parcela possível de território e de recursos. A postura adequada ao defensor é conservar as forças próprias e causar o máximo de desgaste às inimigas. Em um país de largas dimensões como a China, Mao chegava a admitir grandes perdas territoriais para evitar o engajamento em combate sob condições desvantajosas. A segunda etapa inicia-se quando o agressor, já debilitado e impossibilitado de ocupar todo o país, passa a consolidar os territórios conquistados. Nessa fase, cabe ao movimento de resistência empregar principalmente a guerra de guerrilha para desgastar o inimigo e levá-lo a adotar uma atitude taticamente defensiva em torno das cidades e centros ocupados. Ao mesmo tempo deverá dedicar-se a estabelecer um governo unificado, melhorar as técnicas de combate, transformar o exército, mobilizar todo o povo e preparar-se para a contraofensiva. Finalmente, na terceira etapa, as mudanças na correlação de forças vão permitir ao partido inicialmente subjugado assumir uma atitude estrategicamente ofensiva. (Pedroza 2012)

Percebe-se que o fato de haver uma planificação da campanha no longo prazo, confere um caráter científico ao planejamento da campanha. Como vencer um exército já estabelecido, suprido, com bases de recrutamento asseguradas, com arsenais de guerra convencional garantidos pela arrecadação eficiente de impostos é uma tarefa muito difícil, a guerra deveria ser travada como Taber (1965) fez a metáfora da Guerra da Pulga. Nessa analogia, o método maoísta é visto da seguinte forma: na luta entre a pulga e o cachorro, o cachorro tem desvantagens como grande área para defender da pulga, seu inimigo é ágil, rápido e pequeno demais. Se a luta entre ambos se prolongar indefinidamente, o cão vai sucumbir diante da exaustão ou da anemia sem nunca ter conseguido apanhar a pulga com suas patas ou por uma dentada.

A analogia de Taber trata-se de uma simplificação. O cão não morrerá por anemia, mas em termos clínicos veterinários ele ficará demasiado fraco. Em termos militares ele ficará sobrecarregado; em termos políticos ele ficará impopular; em termos econômicos ele terá gastos incompatíveis com seus orçamentos. Nesse ponto a pulga terá se multiplicado pelas pequenas vitórias e se tornará uma verdadeira praga, enlouquecendo o cão. Cada pulga vai sugar um pouco o sangue do cão e, no momento final, poderão se coordenar para realizar a ação decisiva.

Ainda para Pedroza:

"na visão de Mao, a guerra prolongada poderia ser definida como estrategicamente defensiva, de longa duração, conduzida em flagrante inferioridade de forças e sob o cerco estratégico do adversário, ou seja, em linhas interiores. O seu objetivo seria o desgaste estratégico do adversário em todos os campos do poder – político, econômico, psicossocial e militar. O prolongamento do conflito debilitaria progressivamente o inimigo, invertendo a relação inicial de forças e abalando a sua determinação de prosseguir na luta, até oferecer-se a oportunidade da contra-ofensiva estratégica". (Pedroza, 2012)

Outro vetor de atuação do pensamento de Mao era a busca por superioridade nos aspectos subjetivos da guerra. Se a superioridade em termos de poder de combate seria difícil de ser conseguida, Mao Tsé-tung vai buscá-la onde ele pode consegui-la: na grandeza moral. Para Clausewitz, "as grandezas morais são uns dos elementos mais importantes da guerra. [...] Elas se impõe antecipadamente à vontade que guia e move toda a massa de forças. Ela está isenta de qualquer conhecimento livresco, pois não se avalia em número e não faz parte de nenhuma categoria." (Clausewitz, 1996).

Na atitude de doutrinação do exército vermelho, o soldado revolucionário sabia por que lutava, acreditava na causa de sua luta, percebia que seu sacrifício traria melhoria de vida para seu povo. O soldado nacionalista não entendia bem porque estava envolvido em combates violentos pela posse de locais longínquos e aparentemente pouco importantes. A assimetria dessa guerra está na assimetria da vontade de lutar. O guerrilheiro luta motivado e sabe que seu empenho faz diferença. O contra insurgente luta por um salário e porque estão lhe dando ordens para isso. Logo, nesse aspecto, Mao conseguiu que suas forças

tivessem superioridade moral sobre seu adversário no campo de batalha e que reduzissem o hiato entre o poder de combate nacionalista e o de suas tropas.

Também é possível entender a fuga da batalha decisiva como um dos vetores do paradigma maoísta. Na primeira e segunda fases da luta, o guerrilheiro não podia se envolver em lutas nas quais o inimigo pudesse empregar na plenitude o seu poder de fogo em massa e sua superioridade em efetivos. O local, a hora e as condições onde os combates iriam acontecer eram de iniciativa do insurgente. Usando uma citação de Mao, Bevin Alexander afirma que "para a guerrilha não existe batalha decisiva" (Alexander, 1999). De fato, cada pequeno embate serve para sangrar o inimigo, mas não se tem em vista a sua aniquilação pois esta busca pela batalha final pode dar ao inimigo a oportunidade de aplicar seu poder para vencer tal embate, derrotando a guerrilha.

Na aplicação dos ensinamentos de Mao, Giap se permitiu a busca pela batalha decisiva em duas oportunidades. Na primeira ocasião, o então Vietminh já se encontrava na terceira fase de sua luta contra os franceses. Dien Bien Phu foi o palco dessa batalha decisiva que lhe trouxe a vitória que forçou os franceses a sentar na mesa de negociações em desvantagem. Mais tarde, contra os americanos e os sul-vietnamitas, surgiu nova oportunidade de dar cabo da guerra durante a chamada Ofensiva do Tet. Com tropas regulares do Vietnã do Norte e com o Vietcong na terceira fase da evolução revolucionária maoísta, Giap empregou tudo o que tinha na mão para fazer seu inimigo sucumbir. O poder inimigo, contudo, era maior e a derrota tática foi inevitável, com elevadas perdas. A terceira fase do Vietcong foi virtualmente destruída e não houve mais nenhuma operação de nível batalhão Vietcong até o final da guerra.

No caso da Revolução Chinesa, a aplicação desse princípio fica clara na Longa Marcha. Não havia sentido em defender o território de uma base de apoio e encarar o risco do cerco e destruição pelas tropas nacionalistas. A opção doutrinária mais lógica foi a retirada estratégica para o norte da China.

#### 2.1.2.6 Aplicação do Paradigma Maoísta em outros locais e adaptações realizadas

Conforme já foi citado, outros países se valeram da exportação do modelo maoísta. De maneira geral, o modelo maoísta se tornou mais adaptável para o

chamado "terceiro mundo". Presença de ressentimentos sociais entre classes, população rural e falta de uma *intelligentsia* para conduzir a luta nos moldes leninistas foram fatores que fizeram que vários movimentos revolucionários se valessem desses moldes de Mao Tsé-tung.

Como forma de projetar uma doutrina comunista de tomada do poder pela luta armada, o maoísmo foi o movimento mais difundido. O leninismo, "concorrente" do maoísmo, acabou sendo usado somente na experiência russa de 1917, na tomada do poder pela via pacífica em 1948 na antiga Tchecoslováquia e no fracassado golpe no Chile em 1973. O caso do foquismo levantado por Ernesto "Che" Guevara e por Régis Debret após a Revolução Cubana em 1959, ainda que tenha produzido uma doutrina diversa dos modelos soviético e chinês, também foi limitada por ter funcionado apenas em Cuba. Suas experiências no Congo e na Bolívia fracassaram. O Sandinismo, por fim, levantou a chamada "Terceira Via" na Nicarágua como alternativa aos modelos revolucionários de tomada do poder após tê-los experimentado sem sucesso. Contudo, a Terceira Via também não ofereceu uma doutrina que tenha sido bem sucedida em outros países.

Dessa forma, quanto modelo comunista para tomada do poder, é lícito concluir que o maoísmo é a vertente mais bem sucedida. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Camboja e Vietnã o adotaram com algumas adaptações. Seus ensinamentos para a insurgência devem ser vistos, entretanto, fora do escopo unicamente da ideologia comunistas. Seus aprendizados podem ser empregados se a intenção é uma luta de insurgência contra um oponente mais forte, sendo a motivação política, social ou mesmo religiosa. As adaptações serão feitas conforme a realidade local, mas a essência do maoísmo pode ser empregado com uma razoável probabilidade de sucesso conforme a história mostra.

### 2.1.3 O Paradigma Insurrecional do Hezbollah

Hezbollah, Hizbollah, ou na grafia árabe “ **الذ حزب** ” significa "Partido de Deus". Sua história está diretamente ligada com as invasões territoriais feitas por Israel no sul do Líbano a partir de 1982. Após a Operação Paz para a Galiléia feita pela *Israel Defense Forces* (IDF), a resposta irregular feita pelos libaneses se



constituiu em uma milícia chamada Hezbollah, que tinha orientação fundamentalista islâmica xiita.

Como antecedentes da criação desse movimento, nas palavras de James Love (2010), a Organização para Libertação da Palestina (OLP) passou a conduzir ações junto a fronteira de Israel e além dela no sul do Líbano entre 1970 e 1978. Os alvos eram civis israelenses e o número de baixas causadas entre os judeus foram aumentando sistematicamente. O governo israelense autorizou a imediata retaliação utilizando a quantidade necessária de força para destruir a ameaça ou a sua origem. Em 1978, o governo conservador israelense iniciou a Operação Litani para criar uma zona tampão entre a fronteira norte de Israel e o rio Litani.

A ação das IDF foi bem sucedida na criação de uma zona tampão, embora a capacidade militar da OLP não tenha sido atingida. As mais de mil baixas causadas entre o civis residentes na área de operações da IDF, contudo, fez com que o apoio da população local, que queria a saída dos integrantes da OLP, fosse perdida pelos israelenses.

Foi criada uma força interina das Nações Unidas para o sul do Líbano, chamada UNIFIL. Suas missões seriam: garantir a retirada das forças israelenses, restaurar a paz e ajudar o governo libanês a retomar o controle da área. A OLP, contudo, não aceitou o mandato das Nações Unidas e começou a atacar os integrantes da UNIFIL. A OLP também passou a operar livremente ao sul do rio Litani, completamente desimpedido pela UNIFIL. Ao longo dos próximos dois anos, a OLP iniciou uma escalada militar que acrescentou veículos blindados, canhões antiaéreos, mísseis e artilharia.

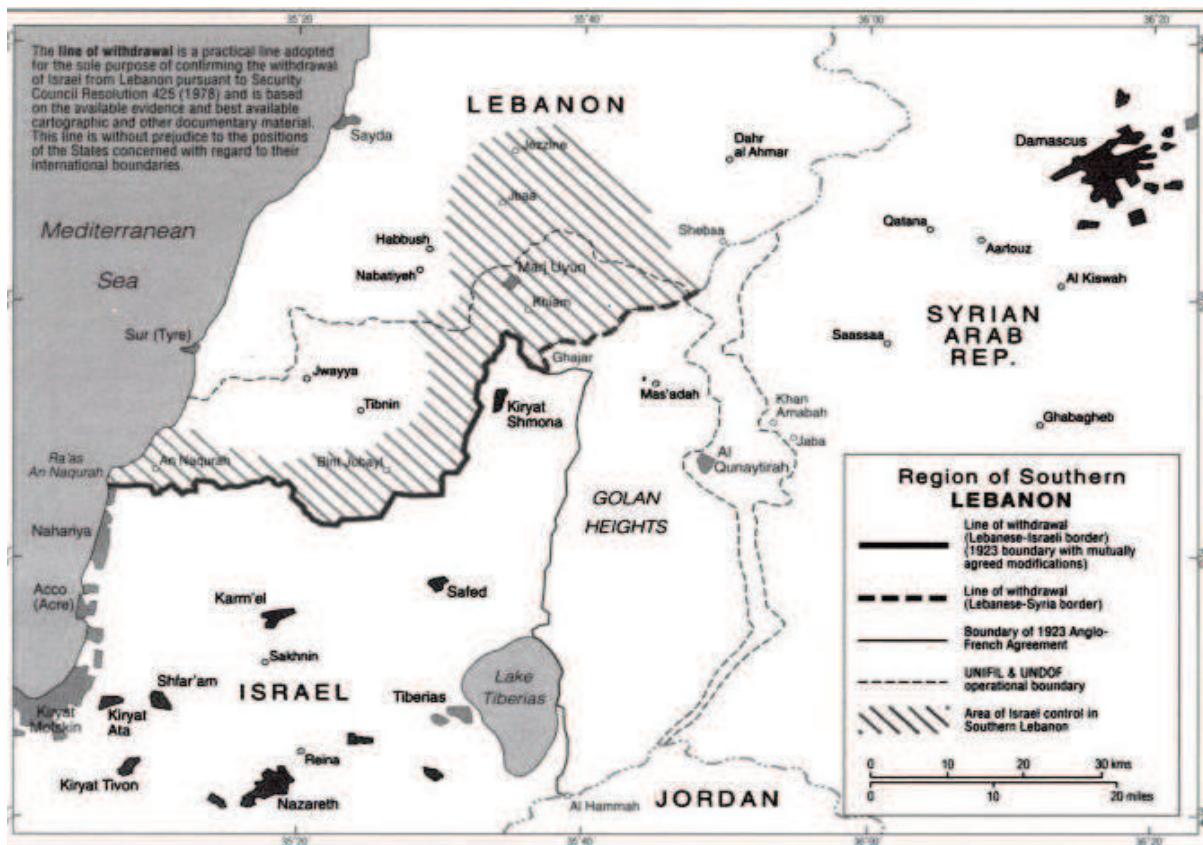
Segundo Norton (2009), a Revolução Iraniana, em 1979, pode ser considerada outro catalisador para a criação do Hezbollah pois mostrou que radicais islâmicos podem conduzir um movimento de tomada do poder e que esse novo estado poderia ser governado pela lei da Sharia.

Em 1982, o embaixador israelense em Londres foi baleado por terroristas palestinos, o que levou a ações de choque israelenses contra as posições da OLP no sul do Líbano. Esse ataque israelense foi revidado por Yasser Arafat por meio de bombardeios de artilharia contra assentamentos israelenses. As lideranças israelenses se reuniram e desenvolveram o plano de resposta.



Em 6 de junho de 1982, os israelenses invadiram o sul do Líbano novamente. A operação foi destinada a mitigar ou eliminar Influência síria e da OLP no Líbano. A operação resultou em um número estimado de 18.000 mortes de civis e mais de 30.000 feridos.

Figura 3 - Área de atuação das IDF no Sul do Líbano



Fonte: Harik, *The Changing face of terrorism*, 2005, XIII

Segundo Matthews (2011), mesmo com a retirada da OLP da região, o que era desejado pelos xiitas libaneses, os sentimentos contra os israelenses ainda eram hostis devido a sua truculência e uso indiscriminado da força. Após a expulsão da OLP os israelenses foram vistos como libertadores, mas devido ao desgaste das ações da força de ocupação, o apoio popular deixou de existir.

As lideranças xiitas superaram, nesse momento, as suas divergências e se uniram para estabelecer uma resistência passiva contra Israel nos territórios ocupados. Houve a emissão da primeira fatwa (decreto islâmico) que ordenou a resistência não violenta para os israelenses.

Para Azani (2009) os acontecimentos após a invasão israelense em 1982 marcaram o início formal do Hezbollah, mas a organização não se consolidou dentro do Líbano até 1985. Nesse período foi editado o manifesto desse partido,

com objetivos, intenções e uma declaração de lealdade ao Aiatolá Khomeini. Essa manifesto, intitulado Carta Aberta do Hezbollah, expressava o desejo do Hezbollah de estabelecer o Estado Islâmico do Líbano, que seria regido pelo Alcorão, a Sunna, e pelo próprio Aiatolá.

Segundo Love, "A saída dos israelenses e o apoio externo recebido pelo Hezbollah da Síria e do Irã fortaleceram esse grupo. Operadores foram treinados, suprimentos foram recebidos, bases de treinamento foram montadas, estoques de armas e munições foram espalhados e escondidos" (Love, 2010). Se ocorresse nova invasão do território pelo inimigo israelense, o formato do Hezbollah seria diferente daquele visto após 1982.

Tal fato ocorreu em 2006, quando os judeus voltaram a penetrar em território libanês. A guerra de 2006 foi um momento decisivo para o Hezbollah, Síria e Irã. As décadas de trabalho e os milhões de dólares de financiamento foram recompensados.

De acordo com o relato de Azani (2009), em 12 de julho, o Hezbollah cruzou a fronteira e atacou um veículo israelense, matando três soldados israelenses e capturando outros dois. Israel chamou tal ação de ato de guerra e retaliou com um ataque, visto que as negociações para a retomada dos reféns fracassaram no campo político. A violência rapidamente teve uma escalada com o lançamento de foguetes e morteiros pelo Hezbollah nos assentamentos israelenses. O foguetes eram direcionados para populações civis no sentido de aterrorizar a população e antagonizar as IDF. Israel imediatamente começou a realizar ataques aéreos contra Aeroporto Internacional do Líbano e contra alvos chave do Hezbollah como os escritórios de Sheikh Hassan Nasrallah. Tais ações tiveram péssima repercussão na opinião pública libanesa e mundial, retirando a legitimidade da ação israelense e justificando a defesa do seu território pelo Hezbollah.

Ambos os lados intensificaram as ações de combate, ocasionando diversas baixas militares e civis além de danos nas infraestruturas libanesas. A ONU negociou um cessar-fogo em 14 de Agosto. O Hezbollah declarou vitória e começou uma eficiente campanha de reconstrução que iria fortalecer a determinação dos simpatizantes e conquistar muitos neutros e não apoiadores.

A evolução da forma de atuação do Hezbollah se mostra particularmente interessante para o estudo da insurgência devido ao seu caráter de adaptação e de inovação. Nas palavras de Hoffman:

" O Hezbollah, liderado por Hassan Nasrallah representa uma ameaça crescente. Misturando um movimento político organizado com células descentralizadas armadas, empregam táticas de adaptação em zonas sem governo. Altamente disciplinadas e bem treinadas, as células distribuídas podem contestar modernas forças convencionais, com uma mistura de táticas de guerrilha e tecnologia em densos centros urbanos. O uso do Hezbollah de mísseis anti-navio de cruzeiro C802 e uma saraivada de foguetes Katyusha representa mais um avanço para o que alguns estão chamando de "guerra híbrida." (Hoffman, 2006)

#### 2.1.3.1 Componentes do Pensamento do Hezbollah para a guerra irregular

Para criar uma força capaz de não ser derrotada no campo de batalha e nas mentes da população libanesa, o Hezbollah precisou adaptar sua forma de atuação em relação aos modelos de guerra de resistência disponíveis até então.

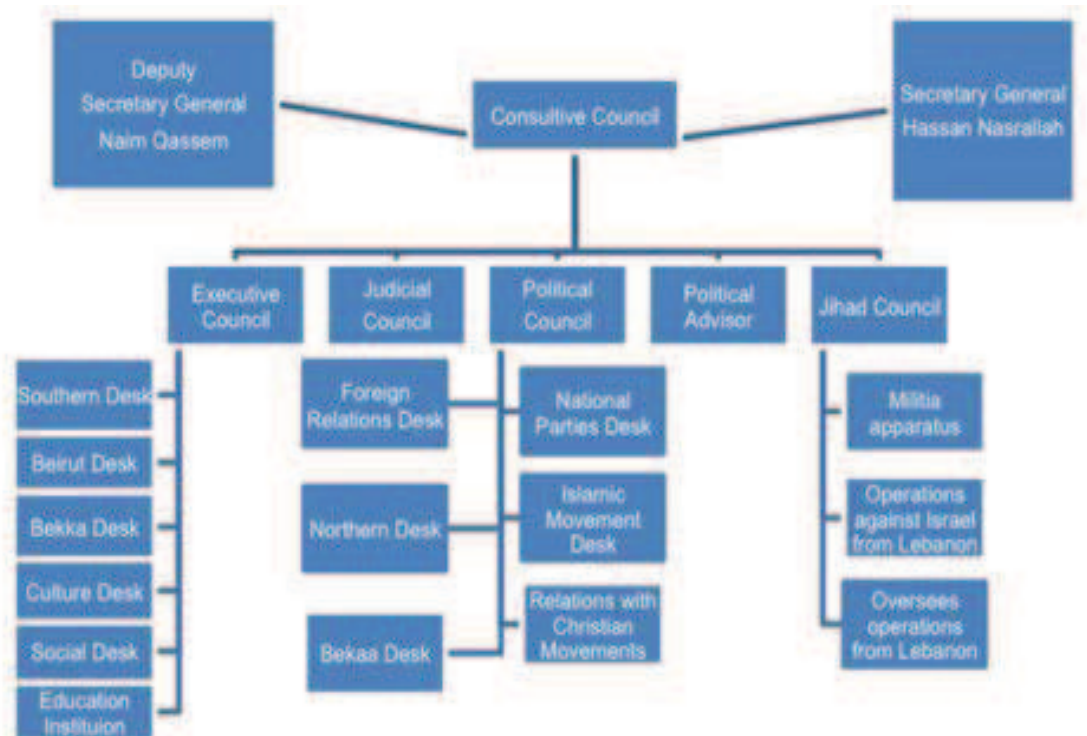
Ainda que sendo portador de um passado terrorista, existe uma nítida evolução doutrinária original feita por esse movimento. Segundo Norton (2009) diversas ações terroristas foram creditadas a esse movimento, em território israelense e mesmo fora dele. Os ataques feitos contra as embaixadas americana e francesa em Beirute em 1983; os ataques feitos contra organizações religiosas judias na Argentina tanto em 1992 quanto em 1994; os diversos sequestros de aeronaves da TWA (1985), da Kwait Airlines (1984 e 1988), da Air France (1987) e da Air Afrique (1987) são alguns dos exemplos de que tal ferramenta ainda é válida na ampla gama de ações realizadas pelo Hezbollah contra Israel. No entanto, o estudo em tela está focado nas ações do Hezbollah no campo da condução da guerra irregular e das campanhas sociais realizadas.

De acordo com Harik (2005) o modelo Hezbollah de insurgência é composto por um comando superior suportado por três ramos primários: político, militar e social. O comando do movimento tem sete integrantes eleitos entre libaneses e um assessor iraniano. As decisões oriundas da diretiva iraniana são acatadas de forma imediata, lembrando um pouco a relação soviética com os comunistas chineses no período revolucionário.

O Conselho Shura do Hezbollah é conduzido por um escritório executivo cuja responsabilidade é administrar as tarefas diárias dos outros três ramos. O primeiro desses ramos é o Setor de Assuntos Externos, responsável por trabalhar com agências governamentais libanesas, partidos políticos, e agências não governamentais. O ramo de finanças é responsável pela coleta, contabilidade, auditoria e dos fundos do Hezbollah com a aprovação da Shura. Por fim, o ramo do sindicato foi projetado para fornecer orientação para os integrantes do Hezbollah em diversas organizações e associações profissionais com a finalidade de poder penetrar os grupos profissionais e exercer sobre eles algum grau de controle.

A Seção Militar de Segurança, ou Conselho Jihad, conduz todas as operações militares e de segurança no Líbano e no mundo em apoio da resistência. O ramo é dividido em dois sub-ramos; o ramo militar e do terrorismo (Resistência Islâmica). Ele realiza operações em apoio às metas regionais e estratégicas do Hezbollah através de militantes treinados. Realiza as ações de recrutamento, treinamento e conduz as seções operacionais. O ramo de segurança ou unidade de inteligência é uma organização secreta que é dividida em duas subseções. O primeiro, a segurança do partido, está focada internamente, observando e informando sobre as ações dos membros do partido e a população libanesa para atividades subversivas. O segundo, segurança externa, desempenha um papel de contraespionagem e realiza a prevenção contra penetrações de ameaças externas à organização.

Figura 4. - Organização do Hezbollah



Fonte: American Diplomacy

([http://www.unc.edu/depts/diplomat/item/2011/0104/comm/cohler\\_hezbollah.html](http://www.unc.edu/depts/diplomat/item/2011/0104/comm/cohler_hezbollah.html))

Embora as condições no sul do Líbano sejam únicas, o modelo insurgencial do Hezbollah é fruto da aplicação de modelos anteriores. Com algumas alterações para ajuste ao ambiente Libanês e para adequação ao inimigo israelense, o modelo parece ser, no entendimento de Love, fortemente influenciado por Mao Tsé-tung e os modelos de Che Guevara insurgência.

Percebe-se as três fases da evolução do modelo maoista no ideário do Hezbollah. A primeira fase do modelo é a construção e manutenção da base de apoio popular, ideológica, ou no modelo do Hezbollah, a ação da Seção de Serviço Social. A segunda fase é o engajamento na guerra de guerrilha para resistir ao opressor e aumentar o tamanho e nível de experiência do Exército em preparação para a fase final. No Hezbollah a ala militar emprega a IJO para esse fim. A terceira fase é a execução de uma campanha militar convencional e político para completar a conquista. Este processo não é linear, mas permite uma execução simultânea de todos os passos. Uma diferença está no fato de que a ala política já estava pronta antes de ser estruturada a ala militar.

Outra semelhança é a conduta dos lutadores. Mao acreditava que uma unidade de espírito deve existir entre os lutadores e a população através da

aplicação de regras para angariar a sua simpatia. No caso do Hezbollah, o código de conduta não precisou ser criado, uma vez que se valeu do Alcorão. Seus integrantes têm fama de serem caridosos e íntegros com a população, o que em um ambiente árabe é um diferencial no relacionamento humano.

A ferramenta da ação social talvez seja a mais diferenciada dessas armas utilizadas pelos Hezbollah. De acordo com Love:

O sucesso do Hezbollah pode ser atribuído a sua eficiência em conduzir serviços sociais. A importância do Serviço Social do Hezbollah Seção é muitas vezes ofuscados pelas ações e resultados do Libanesa ala militar e a orientação global da Organização da Jihad Islâmica (IJO). No entanto, os recrutas que são incorporados para preencher as fileiras do exército, a base política de votação para obter vagas do Hezbollah no Parlamento do Líbano, e a ajuda de apoiadores externos não poderia ter sido possível sem a atuação da Seção de Serviço Social. (Love, 2010, 17)

A formatação desse serviço assistencial com fins revolucionários não tem bases exclusivamente muçulmanas. O Hezbollah desenvolveu uma estrutura híbrida organizacional ou modelo que inclui influências de vários teóricos revolucionários, tornando o modelo tanto eficiente quanto exportável.

#### 2.1.3.2 Vetores de Atuação do Hezbollah

##### - Serviço Social

Provavelmente a Seção de serviço Social seja o grande diferencial para que o Hezbollah tenha conseguido fazer aquilo que os militares chamam de Coordenação Civil e Militar (CIMIC). No momento em que o hiato da presença estatal se configura em uma área conflituosa, esse grupo consegue sua inserção local por meio de ações que vão ao encontro do que a população espera: saúde, segurança, informação, apoio assistencial. O governo libanês não é forte o suficiente para promover esse papel que lhe cabe como estado de direito. Os israelenses não praticam essas ações. Como nenhum poder estatal se manifesta para realizar esse papel, o Hezbollah o realiza.

De acordo com Love, “a organização do Serviço Social sugere um compromisso de longo prazo para realizar a guerra prolongada. Seu orçamento



denota a sua importância para a organização como um todo, pois 50% das finanças do Hezbollah são destinadas a esse setor". (Love, 2010).

O Serviço Social foi concebido para influenciar todos os aspectos da sociedade xiita libanesa. A intenção original de prestação de serviços necessários para um povo oprimido parece ter sido manipulado pelo Hezbollah como um veículo para reforçar suas fileiras, fornecer um escudo humanitário para a organização, aumentar a influência dentro do governo libanês e para combater o seu rival xiita Amal.

Como se pode ver, não se trata de um dever islâmico que o Hezbollah assumiu para si. Trata-se de uma deliberada atuação para motivar comportamentos em favor de sua causa para ganhos políticos e militares. A percepção da importância do terreno humano foi o grande fator de assimetria entre israelenses e o Hezbollah em 2006.

Ainda no entender de Love (2010), a força da Seção de Serviço Social está na sua natureza global. A seção tenta apoiar cada deficiência dentro das três áreas xiitas. A seção é composta de seis subgrupos de apoio que possuem funções especializadas dentro da comunidade:

- Grupo de Desenvolvimento Jihad al-Binaa (JBDG)
- Organização Mundial de Saúde islâmica
- Fundação dos Mártires
- Associação das Mulheres
- Imam Al-Mahdi (espécie de grupo de escoteiros)
- Serviço de Educação

Para Norton (2009) Os serviços também envolvem a solução de deficiências críticas nas áreas xiitas, reparo de danos de guerra, sempre empregando os trabalhadores xiitas libaneses todos projetos. Contudo, não só os xiitas são alvos das ações sociais do Hezbollah. para ampliar sua aceitação e sua influência, outras populações com orientações religiosas distintas também são assistidas pelo Hezbollah.

De acordo com Love (2010), a organização do JBDG é composta por mais de mil engenheiros civis, arquitetos, especialistas em demografia, eletricitas, encanadores e outros especialistas. Esse elevado número de profissionais disponíveis é uma consequência da disponibilidade de libaneses educados no exterior e que voltam depois para um mercado de trabalho deprimido. Essa condição tem permitido a organização inchar suas fileiras com profissionais altamente treinados, o que aumenta a qualidade de assistência e, finalmente, desvia a atenção das atividades terroristas realizadas pela IJO e também das atividades militares realizadas na fronteira israelense. Entre 1988 e 2002, a JBDG construiu ou reformou 35 escolas, 9.000 casas, 800 lojas, 5 hospitais, clínicas, 100 mesquitas, 8 centros culturais e 7 cooperativas agrícolas.

No campo da saúde, a tarefa da Organização Mundial da Saúde Islâmica é prover apoio preventivo e curativo para a população, evacuação em caso de ataques, distribuição de medicamentos e distribuição de alimentos. Devido ao grande número de pessoas sem assistência do estado libanês (estimado em meio milhão de pessoas), essa é uma tarefa crítica, mas que oferece também um retorno de fidelidade partidária elevadíssima. Os recursos para manter esse dispendioso aparato vem de fundos doados pelo governo iraniano.

Também no entendimento de Love (2010) a Fundação dos Mártires tem a finalidade de prestar às famílias dos mártires, dos detentos e dos combatentes da resistência. Dessa forma, aqueles que foram prejudicados pela participação em ações promovidas pelo Hezbollah são ajudados pelo partido. Também apoia combatentes e civis que foram feridos em ataques israelenses.

A Associação das Mulheres é composta por membros do sexo feminino do Hezbollah e seu objetivo é prestar assistência em projetos sociais que envolvam mulheres. Ela busca mudar as normas culturais que regem o tratamento das viúvas. As esposas dos mártires são alvo de maus tratos por partes dos seus sogros após a morte dos maridos envolvidos com o Hezbollah. As esposas de mártires são cobertas financeiramente por essa fundação e desfrutam de um estatuto especial dentro da comunidade. Este aspecto é importante para prover um fluxo contínuo de recrutas para o Hezbollah, uma vez que sem o apoio das esposas e mães, muitos jovens deixariam de se oferecer como integrantes das células militares e terroristas do Hezbollah.



A formação dos escoteiros do Al-Imam Mahdi em 1985 é uma prova de que o Hezbollah visualiza uma guerra prolongada. Os escoteiros são um movimento de juventude que pretende doutrinar as gerações mais jovens no radicalismo xiita centrado em princípios do Hezbollah. Em última análise, o programa fornece um fluxo constante de recrutas e aumenta a sua base de apoio. Diversos jovens de 8 a 16 e são transferidos diretamente para a ala militar com a idade de 17. Eles participam de atividades como acampamentos, prática de esportes e ajudam as instituições de caridade. A todo momento, a doutrinação do Hezbollah é realizada.

O ramo da educação é um componente crítico da organização. De acordo com Love (2010), a importância da educação se reflete nos US\$ 14 milhões gastos com bolsas de estudo e ajuda financeira durante os anos de 1996 a 2001. O programa tem sido bem sucedido na educação de milhares de xiitas pobres em todo o Líbano desde o jardim de infância até a faculdade. Este ramo coordena a construção de escolas e administra a educação a partir da pré-escola até o nível profissional.

#### - Operações de Informação conduzidas pelo Hezbollah

A partir da compreensão de que a opinião pública interna e externa tem a capacidade de mudar o curso do resultado tático, o Hezbollah realiza investimentos e estabelece doutrina para controlar opiniões e modificar comportamentos.

No episódio já citado de 2006 na invasão israelense do sul do Líbano feita para resgatar os soldados israelenses e para causar danos na estrutura do Hezbollah, Peskowitz entende que ambos os lados envolvidos passaram a atacar alvos localizados em áreas urbanas. Os israelenses buscaram alvos militares, como instalações de comando e controle e lançadores de foguetes do Hezbollah. O movimento de resistência libanês atacou cidades, mas com o objetivo de causar baixas a civis em geral, sem possuir um alvo claramente militar que justificasse a sua seleção para ser bombardeado. (Peskowicz, 2010).

Para que a opinião pública não tivesse tal percepção, o Hezbollah lançou uma campanha de Operação de Informação (OI) para obscurecer os fatos desfavoráveis à sua atuação e para denegrir o esforço israelense.

O Hezbollah controlava todos os locais onde ocorreram ataques israelenses. Nenhum repórter poderia chegar ao local sem estar escoltado. De

acordo com Peskowitz (2010), os locais dos ataques eram alterados pelos integrantes do Hezbollah. Nesses locais eram colocadas fotos de famílias, utensílios de pessoas que faziam com que se chegasse à conclusão que o local se tratava de uma residência, livros do alcorão ficavam queimados, focos de fogo não existentes anteriormente eram providenciados, dentre outras formas de mudar a cena para aparentar um dano que de fato não ocorreu. Corpos eram colocados no local e ambulâncias do Hezbollah ficavam aguardando a chegada da imprensa para realizar seu trabalho de resgate e aparecer nas imagens. Todo um cerimonial religioso era montado para influenciar ainda mais os públicos islâmicos.

Os fatos manipulados também são alvo de matérias da imprensa própria do Hezbollah, que é a TV Al Manar. Devido ao fato de que as matérias não necessitam passar por vários canais de aprovação de matéria, como ocorre em um meio governamental, a rapidez com que as matérias do Hezbollah saem na mídia sempre chegam antes das notícias de fontes israelenses. A iniciativa das informações sempre cabe ao Hezbollah. Aos israelenses cabe o papel de rebater e tentar provar que se trata de um engodo.

Ainda que exista uma compreensão na mídia internacional de que as imagens e fatos fornecidos pelo Hezbollah são alvo de deturpação, em muitos dos casos o Hezbollah será a única fonte de dados disponível. Dessa forma, ainda que reconhecidamente falsas, as ideias força do Hezbollah acabam sendo repassadas para os públicos alvo desejados devido ao elevado controle feito para a divulgação de fatos nas áreas controladas por eles.

#### - Equipes Militares

De modo inequívoco, o Hezbollah soube estudar seu oponente após 1982 e se preparou para enfrentá-lo em outras oportunidades. O fato de saber que a superioridade tática de Israel é inquestionável fez com que o Hezbollah buscasse formas de usar essa superioridade contra a própria IDF. A mescla de ferramentas de guerrilha com o emprego de táticas e equipamentos convencionais fez com que a luta contra tal oponente ficasse cada vez mais complexa para as IDF. Soma-se a isso a capacidade de absorver as experiências observadas pelo Hamas e pelos Rebeldes Palestinos da Cisjordânia no enfrentamento contra a IDF.

Algumas ferramentas de alta tecnologia foram incorporadas para fornecer surpresa tática e para limitar a liberdade de ação das IDF dentro do território libanês. Segundo Love (2010) alguns exemplos desse emprego podem ser citados, como os Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT) usados pelo Hezbollah para monitoramento de áreas de interesse em Israel, o uso de mísseis anti navio modelo C-701 de fabricação iraniana, o emprego de mísseis antiaéreos de baixa altura 9K38-Igla de fabricação russa e o emprego de mísseis anti-carro RAAD 3T e RAAD 14 ambos fabricados no Irã. O emprego de tais armas configura a natural facilidade com que o Hezbollah consegue migrar de um combate com táticas e equipamentos avançados para o emprego de técnicas simples de guerrilha urbana. Essa flexibilidade e variedade de táticas torna pequena a previsibilidade do seu modus operandi por parte das tropas israelenses. A existência de uma doutrina pré-concebida de emprego contra forças irregulares em face desse oponente não oferece rápida adaptação para operar em condições adequadas.

A elevada adaptabilidade do Hezbollah em aprender como enfrentar as táticas israelenses se mostrou muito mais veloz que o sistema de lições aprendidas da IDF. Segundo Norton (2010), a estrutura do Hezbollah era baseada em células pequenas e com ampla liberdade de planejar ações e retificar sua doutrina face à evolução do combate. Sem a necessidade de levar questões de mudança de Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) para aprovação do escalão superior, tais células tinham a capacidade de agir de forma adaptada ao combate em questão de horas, bastando que uma breve mensagem fosse remetida. A estrutura em rede adotada pelo Hezbollah permite que haja um achatamento da cadeia de comando e maior rapidez

O mesmo não ocorreu com a IDF, que como qualquer exército moderno, necessita de tempo para estudar, aprovar e difundir oficialmente as inovações necessárias no desenrolar da ação. Assim, a adaptação ao combate foi um trunfo para os combatentes irregulares libaneses.

Emboscadas para blindados em áreas urbanas, lançamento de foguetes para atrair aeronaves israelenses para serem atacadas por mísseis antiaéreos e o uso de civis como escudos tanto defensiva como ofensivamente foram surpresas com as quais os israelenses se depararam em 2006. Aproveitando-se do fato de que a doutrina de contrainsurgência israelense se baseava na recente experiência

contra o Hamas e no controle da Cisjordânia, o Hezbollah soube apresentar problemas militares inéditos para a IDF. Isso lhe garantiu a possibilidade de levar o embate a um impasse, o que foi amplamente favorável para os insurgentes. Perante a comunidade internacional, o fato de que o vitorioso, moderno e bem equipado exército de Israel não ter conseguido vencer um grupo insurgente libanês foi a caracterização de uma derrota para os judeus.

Por fim, o modelo do Hezbollah oferece uma ideia de aperfeiçoamento da fórmula insurgente de enfrentar um oponente mais forte. O entendimento de apoio popular foi revisto por esse grupo novas sistemáticas de conquista de corações e mentes foram empregadas. As operações de informação realizadas também apresentaram um ganho significativo na capacidade de projetar as comunicações estratégicas com maior rapidez, significando um passo mais amplo no sentido de sensibilizar a opinião pública mundial e modificar comportamentos para padrões desejados.

#### 2.1.4 O Paradigma da Guerra Ilimitada

*"Os que vencem, não importa como vençam, nunca conquistam a vergonha"*

*Maquiavel*

A Guerra Ilimitada, ou Guerra sem Limites, é um, pensamento elaborado pelos Coronéis da Força Aérea Chinesa Qiao Liang e Wang Xiangsui. Não foi um pensamento proposto exclusivamente para fundamentar a luta de insurgência, mas tem aplicação extraordinariamente alinhada com a necessidade doutrinária dos modernos movimentos insurrecionais quase deparam com nações mais fortes.

De maneira geral, a Guerra Sem limites é uma resposta para a atitude norte americana de "cercamento" da China e do sistema de alianças que a única superpotência vem promovendo para diminuir a liberdade de manobra chinesa em termos mundiais. Cientes de que uma corrida armamentista nos moldes da Guerra Fria seria muito desvantajosa para a China, os autores propões o alargamento dos meios que seriam empenhados em um conflito contra os EUA. As alternativas apresentadas tentam fugir do cenário no qual a força militar será o

vetor de indução do conflito. As novas perspectivas dos autores apresentam alternativas que serão domínios anexos aos campos de batalha militares.

A relevância desse estudo para enxergar uma linha de ação da moderna insurgência está na nova abordagem dos meios com os quais a luta do mais fraco contra o mais forte pode ser conduzida. O insurgente tem pleno espaço de manobra para interpretar os limites territoriais, éticos, culturais, legais e morais de forma que bem desejar. Nesse sentido, a sua nova cartilha poderá seguir o que Liang e Xiangsui identificaram como a saída chinesa para um confronto com uma potência mais poderosa.

#### 2.1.4.1 Componentes do Pensamento da Guerra Ilimitada

Para solucionar o nó górdio de como David deve atuar modernamente para vencer Golias, os autores buscam questionar a validade da forma de guerrear da maioria das nações no início do Século XXI.

O pensamento militar atual, no entendimento de Liang e Xiangsui, possui um equívoco chave que é a inversão na concepção de armamentos para a guerra. Segundo os autores esse erro é chamado de "combater com as armas existentes" e ocorreria porque "na maioria dos casos, verifica-se que somente após o desenvolvimento das armas é que se criam táticas para o seu emprego, e assim, o desenvolvimento das armas sempre teve o efeito condicionador na evolução da tática" (Liang e Xiangsui, 1999).

Dessa maneira, a evolução de como se deseja fazer a guerra futura não é o mais importante para o desenvolvimento de novas armas. O que atualmente determina sua construção pela indústria de defesa é a inserção de novas tecnologias que as deixam mais letais ou mais rápidas. Um caça F 22, por exemplo, fará no futuro a mesma tarefa que um caça F 15 fez até os dias atuais. O F 15 continua fazendo a mesma tarefa que um caça F 4 fez na década de 1970. O que está sendo alterado são variáveis de letalidade e mobilidade para saciar o anseio por armas que incorporassem uma crescente capacidade de destruição física.

Para os autores "até mesmo as atuais bombas inteligentes e outras ditas de alta-tecnologia não acrescentam inovações conceituais, ou seja, apenas seus elementos de arquitetura estrutural e de inteligência foram inovados e aprimorados." (Liang e Xiangsui, 1999, 27). Isso não confere um caráter revolucionário na arma. Por conseguinte, não traz um caráter revolucionário na forma de combater.

O desejo de usar a magia da tecnologia de ponta como se fosse um processo de alquimia para revolucionar armas, faz com que as nações caiam na armadilha da alta-tecnologia. Uma vez preso nessa armadilha, o país se verá no infundável desperdício de recursos limitados dentro da corrida armamentista.

A saída proposta pelos autores é buscar entender e empregar aquilo que eles chamaram de "Armas Neoconcepcionais". Para os autores da teoria da Guerra Ilimitada,

"[...] as Armas Neoconcepcionais não dependem apenas do aporte de recursos e de novas tecnologias, e sim de um raciocínio abstrato, lúcido e perspicaz. [...] Elas têm uma perspectiva mais genérica e englobam todos os meios, inclusive aqueles que transcendem a ambiência militar, mas que podem ser empregadas em operações militares. [...] Nessa perspectiva, qualquer coisa que possa beneficiar o ser humano também pode prejudicá-lo, ou seja, qualquer coisa nesse mundo pode ser transformada numa arma, e esta possibilidade requer que o nosso entendimento e percepção, do que vem ser uma arma, ultrapasse qualquer barreira." (Liang e Xiangsui, 1999)

Esse pensamento é relevante para entender as possibilidades da insurgência. O equilíbrio entre o governo detentor de armas tecnologicamente no estado da arte com o insurgente possuidor de férrea vontade de lutar pode vir do entendimento básico do que é uma arma. Se o raciocínio for o de usar as armas já conhecidas nos dias de hoje, a vantagem sempre será do contra insurgente. Por outro lado, se o insurgente usar a criatividade, ele terá condições de expandir o campo de batalha para muito além do espaço físico e usar instrumentos que até então não eram reconhecidamente vistos como armas, mas que podem causar danos similares aos artefatos puramente militares.

Dessa maneira, segundo os autores, "o importante não é mais a tecnologia incorporada pela arma, e sim o caráter inédito de sua concepção de emprego" (Liang e Xiangsui, 1999).

Aquilo que é novo e inesperado deverá inibir a imediata capacidade de reação do oponente. Quem tem liberdade para agir sem parâmetros limitadores, pode imaginar o uso da internet, uso de bombas lógicas, vírus de computadores, fraudes no sistema financeiro, sabotagens no sistema de saúde, difusão de epidemias no sistema de fornecimento de água, insegurança no sistema de fornecimento de energia e qualquer outro componente que atualmente beneficia uma população e que, mediante o uso inteligente das novas armas, passe a causar danos a ela mesma. Quem não está preso a parâmetros éticos, pode lançar mão do crime organizado, dos usuários de agentes químicos, de minorias desassistidas para que se tornem braços armados contra um governo oponente.

Essa inovação na forma de enxergar as armas neoconcepcionais é que trará, segundo os autores, a tão ansiada inovação nas formas de se conduzir a guerra. O insurgente, à luz da Guerra Ilimitada, poderá se valer da ampliação das possibilidades de empregos de armas para buscar minimizar a assimetria em poder de combate.

Se as armas que o insurgente deve lutar no futuro precisam buscar inovação e criatividade, o espaço para o seu emprego também deve buscar a mesma linha de raciocínio. A evolução das armas no campo de batalha fez com que o campo de batalha sofresse contínua ampliação espacial. Na sua obra "A Face da Batalha", John Keegan analisa três episódios em três momentos da história militar britânica: Azincourt (1415), Waterloo (1815) e Somme (1916). A evolução em termos de espaço saiu de um campo de batalha de 1.200 x 1.000m em Azincourt, ampliou-se para cinco milhas de frente em Waterloo e no Somme a batalha tinha 24 quilômetros por 6 quilômetros de profundidade. Alcance dos artefatos, poder de fogo e capacidade de destruição foram ampliados desde as flechas dos arqueiros ingleses, que atingiam seus alvos situados a 200 metros, até os obuses de 12 polegadas com alcance de quase 10.000 metros.



Para os autores, contudo não deve ser apenas a tecnologia das armas a definir onde as batalhas devem ocorrer. O espaço físico não deverá mais ser a mensuração da amplitude da batalha. Elas ocorrerão já no espaço microscópico com as armas oriundas da nanotecnologia, passarão pelas armas convencionais hoje conhecidas e alcançarão o espaço exterior. Também estarão presentes na mídia, nas redes sociais, na internet, e na última fronteira, que é a mente humana. O importante é expandir as frentes de atuação e não concentrar esforços em apenas um ponto. Quanto maior for a diversidade de vetores atuando em espaços distintos, maior será a dificuldade do oponente em guarnecer todos os espaços e maior será a possibilidade de obter sucesso e de explorá-los.

Com armas novas e com campos de batalha ampliados, o "soldado" da Guerra Ilimitada não será mais exclusivamente o militar. Para Liang e Xiangsui, "A guerra na atualidade tornou obsoleta a tradicional divisão do trabalho, que prevalecia nas sociedades caracterizadas pelo alto índice de industrialização, não sendo mais um 'jardim imperial' privativo de soldados profissionais" (Liang e Xiangsui, 1999, 51). Fica claro que, quando computadores, mercados financeiros, biotecnologia, envolvimento com grupos criminosos passam a ser braços da Guerra Ilimitada, o soldado não terá plena capacidade para operar todos os novos sistemas. Ganhará espaço o hacker, vasculhadores de rede, cientistas, ex integrantes de grupos criminosos, mercenários e estudiosos dos mercados financeiros.

Militares poderão ser treinados para entender desses assuntos e serem os agentes executantes de campanhas de guerra fora do campo de batalha convencional? Sim, poderão. Existe sempre a conveniente constatação de que ao se trabalhar com militares haverá maior disciplina, maior confiabilidade, maior unidade de pensamento. Contudo, existe a dúvida se eles conseguirão obter o mesmo nível de eficiência para competir com o seus oponentes nessas áreas. Também deve ser questionado se as necessárias formatações de procedimentos e de pensamento que são necessárias na formação do militar serão positivas para que eles se vejam atuando fora do campo estritamente militar em uma guerra onde leis, limites e ética serão constantemente ultrapassados.

Vistos de forma rápida nas abordagens anteriores, as modalidades de enfrentamento que a Guerra Ilimitada propõe serão vista a seguir.



Tabela 4 – Modalidades de atuação da Guerra Ilimitada

Tipo de Guerra	Aplicações
Guerra Financeira	Ação de especuladores, detentores de capital internacional e investidores feita de forma coordenada para causar a quebra do sistema financeiro de um país. Transferências rápidas de fundos com a retirada de investimentos de uma nação pode acarretar algo semelhante ao que ocorreu com os Tigres Asiáticos recentemente provocada pela especulação de agentes como George Soros.
Novo Terrorismo	Pela inobservância de regras que caracteriza a ação de terroristas, essa modalidade de guerra é perfeitamente compatível com a Guerra Ilimitada. Sequestros, assassinatos, explosões de artefatos explosivos, e raptos são a geração passada do terrorismo. Continuam tendo sua validade, mas as forças antiterroristas e contra-terroristas já se adaptaram a essas variações. O novo terrorismo vai usar a tecnologia de ponta para surpreender seus oponentes e causar o efeito psicológico desejado. Vai também fazer instrumentos que não são armas se tornarem uma delas. O uso de Gás Sarim no metrô de Tóquio pelo asseclas de Aum Shinriko impactou não pelo número de mortes, mas pela constatação de que a moderna tecnologia poderia fornecer um gás letal para uso de terroristas sem que o estado estivesse controlando esse processo. O estado pouco poderia fazer para se antever a uma ameaça tão heterodoxa. O uso de uma aeronave como bomba voadora, nos moldes do atentado de Osama Bin Laden contra as Torres Gêmeas exemplifica como transformar uma utilidade pública em algo que se volta contra a população.
Guerra de Crime Organizado	Nessa modalidade, eticamente incorreta, grupos criminosos do país oponente serão patrocinados, orientados e conduzidos para que suas ações sejam mais eficazes contra o aparato de segurança pública do estado. Pode se manifestar desde o patrocínio a grupos ilegais que realizam o contrabando de mercadorias para o interior de uma nação até o apoio a traficantes de drogas para que seus produtos tenham logística, contra inteligência e distribuição mais efetivas. Com suas técnicas de atuação incrementadas pelo apoio externo, tais grupos vão ofertar produtos que irão causar transtornos para o país alvo. O objetivo será gerar outra frente de combate para a condução do esforço de guerra e de manutenção da ordem pelo inimigo.
Guerra Psicológica	Por ser uma modalidade já conhecida da maioria das nações, a Guerra Ilimitada privilegiará a forma mais destrutiva desse tipo de guerra. Largo emprego de rumores, boatos, mentiras que façam com que a iniciativa de divulgar fatos seja do insurgente. O importante é manter o oponente em uma situação defensiva, apenas justificando ações perante sua população.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Liang e Xiangsui, 1999

É importante ver que a teoria da Guerra Ilimitada não é totalmente voltada para oferecer novas ferramentas para a insurgência. Alguns tipos de "guerras" são tipicamente conduzidas de forma velada por um estado, como é o caso da guerra financeira. Outras modalidades podem ser usadas por insurgentes como é o caso do Novo terrorismo, da Guerra Cibernética, da Guerra Psicológica e da Guerra de Crime Organizado. Naturalmente o grupo insurgente dependerá de ter acesso a tecnologias e recursos que hoje são difíceis de serem obtidos, mas não é possível dizer que tais meios estarão indisponíveis no futuro.

Para a aplicação de todas as possibilidades da Guerra Ilimitada, os autores sugerem que esses meios sejam mesclados e que possam agir simultaneamente no tempo e no espaço. Para ambos,

“Somente os gênios militares têm a capacidade de tornarem-se uma exceção desfazendo-se de hábitos costumeiros, rompendo com as limitações e conscientemente combinando todos os meios disponíveis, num determinado momento, para criar uma obra prima eterna, através da modificação das tonalidades da guerra (Liang e Xiangsui, 1999).

Dessa forma, o David dos dias atuais usaria a funda e diversos outros meios para não depender da eficácia de apenas uma arma para vencer o oponente. Entende-se por arma tudo aquilo que ele pode usar para obter seu objetivo. Para os autores "um militar enfoca excessivamente um determinado tipo de inimigo, isto provavelmente poderá resultar em que ele seja atacado e derrotado por um inimigo que esteja fora do seu campo de visão" (Liang e Xiangsui, 1999). Deve-se entender que o "militar" na citação acima deve ser o rival do insurgente".

Abrir mão de alguma possibilidade significa reduzir a chance de sucesso e facilitar o esforço reativo do oponente. O emprego da vertente militar pode ser o carro chefe de uma campanha se o estudo de situação levar a essa conclusão. Por outro lado, a capacidade de potencializar outra forma de guerra para aproveitar melhor uma deficiência inimiga deve ser uma conclusão natural e não pode causar estranheza para aqueles que a adotarem.

"[...] Finalmente, mas certamente não o ponto mais importante, é se houve ou não a ideia de se combinar as ambiências do campo de batalha com outras que não sejam campos de batalha; a situação de guerra com uma situação de

não guerra; elementos militares com elementos não militares; o que em termos mais específicos significaria combinar aeronaves stealth e mísseis de cruzeiro com destruidores de redes interativas; combinar guerra financeira e ataques terrorista ou, simplesmente combinar Shwartzkopf + Soros + Xiaomolisi + Osama bin Laden. Estas são, na realidade, as cartas que temos na mão" (Liang e Xiangsui, 1999, 163).

A proposta é inovadora e apresenta um leque grande de possibilidades para que os pensadores da guerra a vejam como um cenário onde diversos atores tem lugar. O papel principal dependerá do desfecho desejado.

"[...] Pela utilização da combinação, poderão ocorrer cenários e confrontações completamente diferentes. [...] No caso do lado atacante, secretamente, reunir grandes volumes de capital, sem qualquer conhecimento da nação inimiga, e desfechar um ataque sorrateiro ao mercado financeiro adversário e, após ter provocado uma crise financeira, infectar o sistema de computadores do inimigo com vírus combinado por ações por parte de um destacamento de hackers, ao mesmo tempo em que empreende ataque às redes interativas de dados do inimigo, paralisando completamente suas redes de distribuição de eletricidade, de controle de tráfego de cargas, de controle de transações financeiras, de telefonia, de rádio e de televisão, tudo isso irá levar a nação inimiga a um completo pânico social, provocando levantes, desordem civil e crises políticas. Finalmente haveria a derrubada pela força, e os meios militares seriam empregados em estágios graduais, até que o inimigo fosse forçado a assinar um tratado de paz desonrosa. (Liang e Xiangsui, 1999, 167).

Essa fórmula de emprego para o insurgente é extremamente vantajosa. Para ele não haverá receio de contra ataques, pois, por não ser um estado com território e responsabilidades legais, ele não terá onde receber as represálias inimigas. Ele não é dono de um mercado financeiro, ele não tem que se preocupar com o acesso à internet para a sua população, ele não tem que prover segurança em locais onde não existe mais o fornecimento de energia elétrica, ele não deve prover água onde ela está faltando.

No que diz respeito ao entendimento dos limites, os dois autores definem que não se trata de atropelar todas as convenções existentes realizando bestialidades por toda parte. Uma explicação nesse sentido se faz necessária para o correto entendimento da doutrina proposta.

Provavelmente o grande nome na história que revela seus pensamentos para prosseguir além dos limites tenha sido Nicolau Maquiavel. A consecução de

metas por processo legais ou não, honestos ou desonestos foi o mais importante legado desse pensador da renascença italiana. Assim, a ideia da guerra ilimitada não é, na sua concepção, inédita. O que se busca nesse pensamento é oferecer alternativas para uma interpretação à luz dos limites impostos na atualidade e com os meios disponíveis hoje.

Exceder os limites significa, para os autores, ir além daquilo que foi definido por alguém como contorno.

“Não importa se estamos tratando de contornos físicos espirituais ou técnicos, ou se eles recebem a denominação de ‘limites’, ‘restrições’, ‘fronteiras’, ‘regras’, ‘leis’, ‘limites máximos’ ou até mesmo ‘tabus’.

Em termos de guerra estamos nos referindo ao que constitui a fronteira entre o que é campo de batalha e o que não é campo de batalha; entre o que é uma arma e o que não é uma arma; entre o que é militar e o que não é militar; entre o estado e o não estatal.

O verdadeiro significado do que estamos propondo é, em primeiro lugar, transcender a ideologia. Apenas, secundariamente, esse conceito significa que ao praticar ações, devemos ultrapassar limites e fronteiras, quando necessário e possível, ou, selecionar os meios mais adequados, mesmo que incluam aqueles considerados radicais, o que não significa que devemos selecionar os meios radicais a qualquer hora ou em qualquer situação". (Liang e Xiangsui, 1999, 203).

Logo, não atender os limites é uma questão de se libertar de ideologias, e não de deliberadamente agir além desses limites. A ultrapassagem sistemática de limites é impossível de ser realizada na prática. "Ir além dos limites" não significa nenhum limite e sim uma ampliação daquilo tido como limitado.

#### 2.1.4.2 Princípios de Guerra para a Guerra Sem Limites

Para que haja um balizamento nas ações dessa doutrina, Liang e Xiangsui propuseram alguns princípios gerais. Tais regras gerais se aproximam um pouco dos princípios de guerra normalmente seguidos pelos exércitos convencionais.<sup>1</sup>

Para a Guerra Ilimitada, os princípios propostos são como uma "cesta vazia". Apresentar regras que sejam específicas para algum caso tornaria a

---

<sup>1</sup> Os princípios de guerra para o Exército Norte Americano são: objetivo, ofensiva, mobilidade, concentração, economia de forças, segurança, surpresa, simplicidade e unidade de comando.

doutrina vã, pois o caso em particular pode não se repetir. Os princípios são os seguintes

#### Onidirecionalidade

No que diz respeito a guerra sem limites, não existe mais distinção entre o que era entendido como campo de batalha e o que pode ser entendido como campo de batalha. Assim, esse princípio existe para libertar o pensador do aspecto espacial da guerra e deve ser entendido como ponto de partida dessa ideologia.

#### Sincronia

A execução de ações em campo de batalha tão variáveis e tão dispersos exige que o "tempo" da ação seja exato. Uma ação em sincronia com outra vai gerar um efeito potencializador e diferenciado de vetores atuando em momentos distintos contra o inimigo.

#### Objetivos Limitados

O uso do princípio não se refere a limitar ações. Segundo os autores, "Ao qualificarmos um objetivo como limitado, isso significa que ele será limitado em relação às medidas adotadas para a sua consecução. Dessa forma, os objetivos devem sempre ser menores do que as medidas adotadas". (Liang e Xiangsui, 1999, 238).

Nesse tópicos, os coronéis da Força Aérea Chinesa sugerem que seja superada a mentalidade de obter grandes sucessos. Na busca por objetivos mais simples e limitados, a probabilidade de cumprir a tarefa proposta aumenta. Trata-se de evitar que os objetivos sejam mais amplos do que as medidas adotadas para alcançá-los. Ainda que pareça ser uma simples cópia do princípio de guerra da simplicidade, quando se fala em "ilimitada", a imaginação do planejador pode derivar para ações impossíveis e que não serão eficazes se empreendidas.

#### Medidas Ilimitadas

Dentro de objetivos limitados, a guerra sem limites propõe o uso de meios irrestritos. Nas palavras dos autores, "o limitado deve ser buscado ataravés do ilimitado" (Liang e Xiangsui, 1999). Isso significa que se deve buscar objetivos simples e limitados por meios que não o sejam.

Historicamente os autores citam a campanha de Sherman durante a Guerra da Secessão quando fez seu avanço para Savana. "O objetivo não era a

destruição das tropas inimigas. O objetivo era de destruir, saquear, pilhar a retaguarda inimiga. Isso faria com que a população que dava o apoio aos confederados perdesse o ímpeto da luta" (Liang e Xiangsui, 1999). Foram, portanto, usadas medidas ilimitadas para alcançar um objetivo limitado e vital para o esforço de guerra da União.

Os autores também citam a campanha egípcia na Guerra do Yon Kippur em 1973 contra as forças israelenses estacionadas no Canal de Suez. Apesar da opinião contrária de diversos generais, o comando egípcio montou uma operação para eliminar as posições israelenses na Linha Bar Lev. Não foram feitos planos para conquista do Sinai ou mesmo avanços além disso. O resultado é conhecido. As tropas egípcias não obtiveram uma vitória que estava ao seu alcance. Este é um exemplo de como "usar medidas limitadas para alcançar objetivos limitados" (Liang e Xiangsui, 1999).

### Assimetria

O raciocínio assimétrico é aquele que busca canalizar os planos na direção oposta do equilíbrio e desenvolver ações de combate nesse sentido.

"Desde o posicionamento e emprego de forças e a seleção do eixo principal de combate, assim como do centro de gravidade para o ataque, até a alocação dos armamentos, em todos esses aspectos será necessário uma dupla consideração quanto ao efeito dos fatores assimétricos e quanto ao emprego da assimetria como uma medida para a consecução de objetivos.

O principal elemento de combate de algumas nações pobres, de nações fracas e de entidades não estatais tem sido o método de combate assimétrico quando enfrentam nações poderosas" (Liang e Xiangsui, 1999, 241).

Na assimetria, o planejador vai buscar formas de mitigar a vantagem inimiga, ao mesmo tempo que potencializa as suas vantagens relativas. Ao negar a forma clássica de combate a um adversário mais forte, um insurgente terá vantagem comparativa quando emprega técnicas de guerrilha de maneira ilimitada e inovadora. A assimetria de métodos vai lhe assegurar surpresa, iniciativa e ele será o condutor do ritmo do combate. Seu oponente terá a tarefa

de agir reativamente, com oportunidades limitadas ou nulas porque ele não dita o ciclo de combate desejado por ele.

### Consumo Mínimo

Racionalidade é mais importante que a fragilidade. Dessa maneira, deverá haver "a designação racional dos objetivos e o emprego racional de recursos" (Liang e Xiangsui, 1999, 243).

No que tange a designação racional de objetivos, trata-se da utilização do método mais adequado para se cumprir uma tarefa, e não a mera imposição de economia de tropas para os comandantes subordinados. Só faz sentido economizar meios se o poder de combate necessário foi alocado para quem vai cumprir a tarefa. De outra forma, trata-se de pedir demais para quem não tem como fazer o que se espera.

A forma para se obter um consumo mínimo, segundo Liang e Xiangsui é "descobrir um método de combate que utilize racionalmente os recursos para o combate" (Liang e Xiangsui, 1999, 244).

Exemplos são citados para ilustrar a assertiva. Uma alocação indevida de meios sem pensar no consumo mínimo foi Verdun, na 1ª Guerra Mundial. Naquela batalha, o método de combate não buscou racionalizar o emprego das tropas disponíveis. O resultado foi um número de baixas absurdo em comparação com os ganhos obtidos.

Na outra mão, os mesmos alemães conseguiram na 2ª Guerra Mundial, descobrir uma forma de empregar seus meios de maneira inteligente na Blitzkrieg. Um menor espaço temporal na aplicação da força de combate, uma ótima seleção de rota e o emprego do que existia de melhor nas suas tropas fez que com efetivos adequados os alemães pudessem vencer as tropas francesas, belgas e inglesas que lhe ofereciam combate. A forma de combater permitiu economia. Se os métodos de ataques de fricção fossem copiados da 1ª Guerra Mundial, a Linha Maginot teria cumprido a sua missão de moer a carne dos atacantes. Não haveria economia nem racionalidade em atacar dessa forma.

Empregar mais formas de combate para obter menos desgaste pode ser entendido como a idéia síntese desse princípio propostos pelos autores da Guerra Ilimitada.

### Coordenação Multidimensional

Ao se envolver meios militares e não militares para a condução da campanha como um todo, a ideia chave desse conceito é ter a capacidade de coordenar todas as ações em todos os campos de batalha selecionados para que seja possível alcançar os objetivos propostos. Segundo os autores não se trata de um conceito muito diferente dos propostos nos conhecidos princípios de guerra. No entanto, como os fatores não militares deixam de ser indiretos para a Guerra Ilimitada, eles devem ter coordenação compatível com a forma direta como serão usados.

Dessa maneira, como os campos de batalha serão diversificados, exigindo pessoal com entendimento para coordenar ações em todos esses novos universos de atuação de forças militares ou não.

#### 2.1.4.3 Espaço para aplicação do paradigma da guerra Ilimitada

A "Guerra Ilimitada" é uma obra claramente definida para oferecer ferramentas alternativas em um mundo globalizado para atores que tenham menor capacidade militar que seu antagonista. Essa constatação, não tira a capacidade de que se faça adequações para outros usos, seja por parte de agentes que se tornem ameaças subnacionais<sup>2</sup>, não nacionais<sup>3</sup> ou transnacionais<sup>4</sup>. Para os autores da obra "Guerra Ilimitada":

"A globalização não mais representa uma profecia de futuristas. [...] Defrontando com a guerra em sua interpretação mais ampla, e que irá se desdobrar em um campo de batalha sem fronteiras, não é mais possível depender apenas das forças armadas e de seus armamentos para alcançar a segurança nacional em seu significado mais amplo, como também, não é possível proteger aqueles interesses nacionais já estratificados." (Liang e Xiangsui, 1999, 248-250).

---

<sup>2</sup> Ameaça Subnacional: Ameaças que incluem conflitos políticos, raciais, culturais e étnicos. Esses conflitos desafiam as características e a autoridade do Estado-Nação a partir do interior do próprio Estado-Nação.

<sup>3</sup> Ameaça Não nacional: Os agentes que configuram tais ameaças não estão relacionados ao país de origem e não fazem parte de um Estado-Nação. Também não é objetivo desses grupos se tornarem um estado de direito e como exemplos podem ser citados os grupos terroristas, o crime organizado regional e grupos que realizam pirataria em partes do globo.

<sup>4</sup> Ameaça Transnacional: São ameaças que transcendem as fronteiras dos estados, operando em escala regional ou global. Incluem os movimentos religiosos, o crime organizado internacional e organizações econômicas informais que facilitam a ocorrência de delitos.



Onde é possível, então, empregar o ideário da Guerra Ilimitada? Não existe campo específico para a sua aplicação. É um pensamento genérico e que não exclui modelos anteriores. Ao contrário, por ser aberto a diversas formas de atuação simultânea, aqueles métodos que provaram ser eficazes no passado podem ser utilizados novamente, observado o aspecto de que exista surpresa pela forma que tal método foi aplicado no espaço e no tempo.

Um grupo insurgente poderá se valer dessa metodologia? Sim, poderá. A Guerra Ilimitada talvez não forneça o caminho para o insurgente de maneira tão didática como o leninismo, o maoísmo e o foquismo fizeram. Contudo, aborda a forma de se conduzir a guerra irregular de uma nova forma, empregando novos vetores.

Dessa maneira, o ideário da Guerra Ilimitada é mais um complemento doutrinário para grupos que desenvolvam sua metodologia de ação no campo da insurgência. Acrescentando esses novos fatores propostos por Liang e Xiangsui, a probabilidade de superar a força contra insurgente se torna maior pela ampliação do fator surpresa e de inovações que serão desafios novos para seus oponentes.

#### 2.1.5 Conclusão parcial sobre os ideários insurgentes

Em uma linha de continuidade histórica, é possível verificar que os movimentos insurgentes se pautam em teorias que são cada vez mais abrangentes. Das fórmulas centradas na ação militar guerrilheira, terrorista e na subversão, os modelos mais recentes envolvem a ampliação dos campos onde a insurgência deve atuar, chegando ao ponto de realizar ações sociais como se um governo estabelecido fosse. Comunicações estratégicas, reinterpretação do que pode ser entendido como armas são funções que os insurgentes desejam dominar. Mas qual é o objetivo dessa ampliação? O que motivou isso?

A interpretação do autor é de que o povo, que sempre foi o foco da ação insurgente, não pode ser conquistado ou dominado por apenas ações de força contra a COIN ou contra a própria população. Aterrorizar alguém para obrigá-lo a seguir sua orientação ainda funciona, mas existem fórmulas mais sutis e mais permanentes de fazer isso.

Dessa maneira, acompanhando a evolução dos modelos estudados, algumas variáveis foram acrescentadas na luta insurgente, dentre as quais cabe destacar:

- Abordagem social da questão insurgente, prestando apoio à população.
- Terrorismo mais direcionado para alvos justificáveis, com menos ação indiscriminada de destruição e morte.
- Uso de operações de informação para motivar públicos e para modificar comportamentos.
- Eliminação seletiva de alvos de interesse.
- Ampliação dos campos de atuação do insurgente.
- Atitude híbrida no campo de batalha, com posturas regulares e irregulares simultâneas.
- Manutenção da evolução por fases sequenciais planejadas conforme crescimento do poder de combate insurgente, mas com a opção pela guerra irregular sempre que possível
- Busca por obtenção de tecnologias que possam desequilibrar o poder de combate com a COIN.
- Reinterpretação do limite para a aplicação do seu poder sobre o adversário.

## **2.2 Os paradigmas contra insurrecionais**

Se por um lado existe o fundamentalismo insurrecional para alcançar objetivos de tomada do poder, existe a reação institucional na forma de doutrinas para vencer a guerra irregular. Tais doutrinas, de maneira geral, partem de um esforço de seus autores para oferecer uma ferramenta de resposta para uma crise estabelecida em algum cenário pontual.

Nessa linha de raciocínio, a maioria das respostas para a formulação de doutrinas de contra insurgência são estatais e foram aplicadas para oferecer uma solução amarrada no tempo e no espaço. Esse raciocínio é lógico e linear, uma vez que um bom antídoto só pode ser feito para um mal específico.

Qual será, então, a validade de uma doutrina de contra insurgência que foi criada para um cenário e que se deseje replicar em outro? A validade estará na sua busca por fatores que são similares em eventos dessa natureza e que devem ser combatidos para se obter a vitória. Uma doutrina abrangente e que esteja

calcada em revisões históricas desses movimentos poderá apresentar fatores estatisticamente avaliados como recorrentes e dar um caminho geral para que o esforço nacional em solucionar a insurgência seja efetivo.

Também é importante ver que não existe uma maneira de se nomear uma doutrina para ser chamada de ideário "francês", ou "norte americano" ou ainda "colombiano". Isso seria tentar englobar eventos muito dispersos no tempo e no espaço para lhes dar um caráter permanente. Seria como dizer que a mesma fórmula vem sendo usada pelos norte americanos, por exemplo, nas campanhas indígenas do Sec XIX, no Vietnã das décadas de 1960 e 1970, na Somália, no Iraque e no Afeganistão.

Grandes nações podem oferecer vários exemplos de aplicação de doutrinas fracassadas ao longo do tempo. De acordo com De Courrèges, Germain e Le Nen:

“Os Romanos na Floresta de Teutoburg, os britânicos durante a Guerra da Independência Americana, o Grande Exército de Napoleão na Guerra da Península Espanhola, os franceses na Indochina e na Argélia, os norte-americanos no Vietnã, os russos no Afeganistão e na Chechênia e os americanos novamente na Somália. Esta lista de derrotas demonstra a inadequação do modelo ocidental de guerra nos conflitos assimétricos e levanta a questão da capacidade das grandes potências para vencer a insurreição mundial declarada pelos terroristas (Courrèges, Germain e Le Nen, 2010)

No entanto existem experiências positivas em aplicar ideários para vencer insurgentes. E são exatamente as experiências positivas que têm maior valor para serem estudadas no trabalho em curso. Se o pensamento do contra insurgente é o de compreender como ele deve atacar as fraquezas de seu oponente, não seria muito importante estudar uma doutrina que não conseguiu produzir efeitos razoáveis nessa luta. Seria como estudar a doutrina empregada pelos czaristas na revolução russa, ou qual o paradigma que Chiang Kai-shek seguiu para lutar contra as ideias de Mao Tsé-tung ou tentar ver genialidade nas ações de Fugêncio Batista em Cuba para se opor a Fidel Castro. Por isso, na porção desse estudo voltada para estudar paradigmas contra insurrecionais, apenas os modelos vitoriosos ou inovadores serão vistos.

A seleção dos paradigmas a serem estudados recaiu sobre os modelos por David Galula, Roger Trinquier, David Petraeus e pelo Exército Israelense na experiência pós Líbano 2006.

### 2.2.1 O Paradigma Contra Insurrecional de David Galula

Segundo Marlowe (2010), David Galula foi um militar do Exército Francês que incorporou naquela força em 1940. Teve uma larga experiência no combate irregular que foi acumulada ao longo dos anos de serviço ativo. Lutou contra a dominação alemã de seu país na 2ª Guerra Mundial, foi Adido Militar na China durante a fase final da revolução Chinesa, fez parte da força de emergência da Organização das Nações Unidas (ONU) que foi enviada para a Grécia durante a Guerra Civil Grega. Estudou em detalhes a Guerra da Indochina, na qual viu seu país cair diante da força do Vietminh. Participou da Guerra da Argélia durante três anos e se destacou por empregar técnicas pessoais muito bem sucedidas para pacificar sua área de responsabilidade em Kabylie. Após isso, teve maior aproximação com o meio acadêmico para trabalhar em estudos sobre a contra insurgência, lecionando na Escola de Estado Maior do Exército Francês e atuando como pesquisador na Universidade de Harvard e na Rand Corporation, ambos nos Estados Unidos.

Fruto de sua experiência com movimentos de ideologia comunista, Galula pôde observar a doutrina adotada por aqueles movimentos para a tomada do poder e pode ver que a luta contra esse tipo de inimigo extrapolava o aspecto puramente militar do conflito. Além disso, ele organizou seus pressupostos sobre linhas genéricas para atuação da força contra insurgente, sem especificar ações que só seriam efetivas com um inimigo em particular em um cenário pontual. A formatação de um “pensamento” sobre a contra insurgência faz com que o trabalho de Galula seja mais perene. Ao diagnosticar a relação de forças e fraquezas entre os oponentes ele na verdade indica onde o contra insurgente deve busca aperfeiçoar seu trabalho para minimizar as vantagens do combatente irregular.

#### 2.2.1.1 Componentes do pensamento contra insurrecional de David Galula

Galula apresenta seu pensamento para a condução da contra insurgência deixando claro o aspecto não universalista de suas ideias. Segundo ele:

"A profusão de variáveis na guerra jamais desestimou a procura de sistemas infalíveis. [...] Desde que os homens começaram a pensar e a lutar (ou a lutar e depois pensar), tentou-se estudar a guerra filosoficamente porque o espírito humano gosta de uma estrutura de referência e nela precisa apoiar-se praticamente com o objetivo de tirar lições úteis para a próxima luta " (Galula, 1966).

Dessa forma, uma doutrina universal contra insurgente com respostas pontuais para as questões não é viável. Em cada conflito os matizes são distintos, os locais, a população, os ideais, as motivações, a política e o próprio inimigo não se repetirão. Ainda que "na maioria das guerras os mesmos princípios e as mesmas leis são válidas para ambos os lados, a maneira que cada oponente as utiliza é variável (Galula, 1966).

Porém, Galula percebe que existe uma necessidade óbvia de uma "bússola" que sua obra tenta fornecer como um instrumento, por mais "imperfeito e rudimentar que seja".

"Bastarão que se formulem leis? A generalização e a extrapolação a partir de bases limitadas devem repousar até certo ponto na intuição, que poderá ou não ser correta. Há ainda o risco do dogmatismo inerente em qualquer exercício de abstração, pois não estamos estudando uma guerra contra revolucionária específica, mas todo o problema genérico" (Galula, 1966, 12)

Logo, segundo Marlowe (2010), o estudo de Galula tem sua validade em não ser aplicável para as questões pontuais de um conflito, mas de todos eles haja vista a preocupação de limitar em bases científicas as respostas a serem dadas para esse tipo de engajamento.

O início de sua teoria trata de entender o cenário no qual o inimigo pode ser bem sucedido para empreender uma luta de insurreição. No capítulo chamado "As pré-condições para o sucesso de uma rebelião", o autor não se limita nos aspectos militares da luta.

O primeiro fator de sucesso levantado por Galula para o sucesso de rebeldes é a existência de uma boa causa. Para ele, "a melhor causa para o rebelde é aquela que possa atrair o maior número de colaboradores e repelir o mínimo de oponentes" (Galula, 1966).

Assim, uma revolta do proletariado urbano que esteja revoltado contra a situação social e trabalhista em um país industrializado tem uma boa perspectiva de sucesso.

A causa da independência colonial também foi muito válida em diversas nações oprimidas por um conquistador externo, pois era possível polarizar um povo para lutar contra o opressor. O mesmo não ocorreria se uma minoria sem representação e sem apelo ideológico tentasse lutar de forma revolucionária para obter o poder. Eles conquistariam poucos participantes e veriam uma grande massa de neutros ou indiferentes que não daria nenhum apoio para o rebelde.

Sejam questões sociais, econômicas, raciais, religiosas ou políticas, o rebelde vai procurar levantar uma motivação que torne difícil para o contra insurgente levantar soluções simples para retirar a motivação para a luta. Como exemplo, se com uma reforma agrária for possível aplacar a ira de revoltosos que lutam pela terra, a tarefa militar será mínima, pois a raiz do problema foi atacada e solucionada. Não há razão para pegar em armas e lutar por algo que já se tem conquistado. O exemplo dado mostra que uma causa fraca provavelmente não trará maiores consequências para um governo flexível.

Por esse motivo, o rebelde irá manipular a causa para que seja possível combinar diversos problemas, reais ou até imaginários, para que o povo veja o quão irreversível é a situação e que perceba que sem pegar em armas ele não resolverá seu problema. Nesse ponto, quem luta contra a insurreição estará inicialmente derrotado. Na medida que a luta avança e o rebelde ganha força, a motivação perde sua importância pois " a guerra vira um fim em si mesma, obrigando a população a tomar posição, preferencialmente do lado que estiver vencendo" (Galula, 1966, 36).

O segundo aspecto que o autor aborda sobre as condições de sucesso do insurgente é a debilidade do contra insurgente. "Começando a partir do zero, enquanto o inimigo tem quase todos os meios ao seu dispor, o rebelde é tão vulnerável quanto um recém-nascido. [...] Por conseguinte é mister que seja analisado o que torna um corpo político resistente à infecção" (Galula, 1966, 36).

Tabela 5 – Forças e fraquezas dos regimes políticos segundo Galula

<b>Forças e fraquezas do regime político</b>		
<b>Ausência de Problemas</b>	Uma nação sem questões problemas não oferece campo para que um grupo rebelde possa atuar.	
<b>Consenso nacional</b>	Países onde os governantes sejam eleitos de forma democrática e justa tendem a oferecer menor campo para uma rebelião. Legitimidade é um fator difícil de ser questionado pelo insurgente.	
<b>Resolução da liderança contra rebelde</b>	Demora em atuar contra o foco insurgente, tolerância com crimes e abusos ou mesmo demora em implementar ações não militares para oferecer um fim ao problema irão comprometer a ordem vigente.	
<b>Conhecimento da doutrina contra insurrecional</b>	Determinação para vencer uma ameaça é importante, mas sem um caminho a seguir bem delineado, não existe como um governo superar os insurgentes. Um fundamento de luta contra insurrecional deve existir para que erros sejam evitados e que possibilidades sejam aproveitadas.	
<b>Controle da População</b>	Estrutura Política	Regimes autoritários podem até oferecer possibilidades para o insurgente, mas se essa opressão é tal que imponha um receio muito forte nos habitantes, a possibilidade de vencer tal medo é reduzida. O controle sobre a população será muito forte pela grande quantidade de ferramentas de opressão.
	Burocracia Administrativa	Ainda que exista uma forte liderança, devem existir funcionários motivados e competentes nos escalões de planejamento e execução de um governo. Corrupção e ineficácia do governo facilitarão a tarefa dos rebeldes. No caso do Vietnã do Sul esse requisito não era atendido para sucesso da contra insurgência.
	Polícia	É o vetor de controle da ordem interna e sua participação no início de um movimento rebelde é vital. Sua eficiência poderá ser mensurada na COIN pelos fatores: efetivo adequado, lealdade ao governo, competência de seus membros e apoio recebido de outros órgãos do governo (sistema judiciário, por exemplo)
	Forças Armadas	Poder de combate
Composição das Forças Armadas		Na luta contra insurrecional, tropas de infantaria são as mais adequadas. Outros sistemas operacionais tem sua eficácia limitada (artilharia de campo, artilharia anti aérea, blindados principais de combate, aeronaves de alta performance).

<b>Forças e fraquezas do regime político</b>			
<b>Controle da População</b>	Forças Armadas	Sentimento do soldado em relação à causa rebelde e ao regime em vigor	Causa insurgente pode ser válida e atingir muitos militares. Se essa causa for válida e o regime não possuir legitimidade, o número de deserções, a debilidade em combate e a ineficácia das tropas comprometerá a COIN.
		Lapso de tempo antes da intervenção	A demora em empregar força na COIN pode comprometer a capacidade de eliminar o inimigo enquanto ele estiver fraco.
<b>Condições geográficas</b>	Localização	Um país isolado e sem fronteiras com países simpatizantes da causa rebelde favorece o contra insurgente	
	Tamanho	Quanto maior o país, mais difícil será eliminar todos os focos revolucionários (Rússia, China, Angola)	
	Terreno	Montanhas, pântanos, florestas e áreas altamente urbanizadas favorecem o insurgente, pois oferecem santuários, diminuem a mobilidade de forças da COIN e limitam o seu poder de fogo.	
	Clima	Locais inóspitos são melhores para o contra rebelde, pois ele possui melhor logística e serviço de saúde que o insurgente.	
	População	Quanto maior a população, pior para o contra insurgente pela necessidade de controlar toda ela. A distribuição e a densidade podem, contudo, facilitar o trabalho do contra insurgente. Populações muito concentradas favorecem esse esforço.	
	Economia	Países ricos e desenvolvidos sentem mais a ação de terroristas do que de guerrilheiros. Guerrilhas são eficazes entre pobres.	
<b>Apoio Exterior</b>	Apoio Moral	Esse apoio expressa o peso da opinião pública de outro país para com a causa rebelde. A propaganda fará com que tal apoio seja maior e seja um fator de desequilíbrio no longo prazo.	
	Apoio Político	Se materializa por pressões políticas externas realizadas por países simpatizantes em órgãos internacionais para limitar o espaço de manobra de uma nação que luta contra a insurgência.	
	Apoio Técnico	Assessorias para organizar, desenvolver, instruir, equipar e dirigir forças insurgentes de outras nações.	
	Apoio Financeiro	Pode ser aberto ou encoberto. O fornecimento de recursos permitirá a aquisição de armas, medicamentos, equipamentos, bem como permitirá que a gestão de territórios liberados seja iniciada com esse orçamento externo.	
	Apoio Militar	Se faz de forma direta, mediante a intervenção de tropas ou por meio de assessoria em treinamento dado por pessoal militar.	

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Galula, 1966, 36-52



Ao sintetizar aspectos que favorecem e que dificultam a ação dos contra insurgente, o autor mostra aspectos que são tangíveis e outros que são intangíveis. O contra insurgente não pode, por exemplo, escolher o formato do território, ou a dispersão da população ou ainda o local onde o insurgente irá atuar. Esses fatores são intangíveis. Por outro lado, a governabilidade, o isolamento do apoio externo, a forma de controle da população são fatores que o contra insurgente tem na sua mão. Ele aplicará em melhor ou pior medida em função do seu conhecimento de doutrinas desse tipo de luta.

Uma vez que Galula apresenta os fatores de sucesso do rebelde, ele passa a enumerar as formas de atuação desejáveis para o contra rebelde. É interessante que seus modelos de atuação são baseados em um inimigo com motivação basicamente política de ordem maoísta. Mas devido ao fato de serem amplas e genéricas, suas orientações são pertinentes para outros tipos de insurgência com motivações distintas.

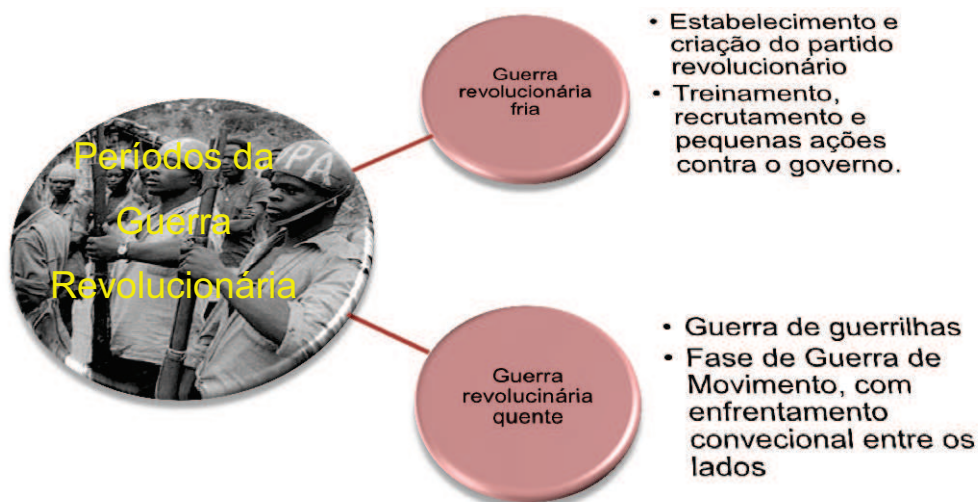
#### 2.2.1.2 Momento da atuação da força contra insurgente

Para Galula, "Do ponto de vista do contra rebelde, uma guerra revolucionária pode ser dividida em dois períodos: a guerra revolucionária fria e a guerra revolucionária quente" (Galula, 1966, 72).

O primeiro período, aquele chamado de quente, corresponde às duas primeiras fases da guerra revolucionária proposta por Mao Tsé-tung. O segundo período, o frio, é aquele que tem o movimento insurgente partindo para a guerra de guerrilhas e para a guerra de movimento.

A distinção entre ambos é relevante, pois se trata da percepção do contra insurgente sobre a fase de desenvolvimento do movimento inimigo. As medidas a serem adotadas contra o insurgente em cada fase são distintas.

Figura 5 – Períodos da Guerra Revolucionária segundo Galula

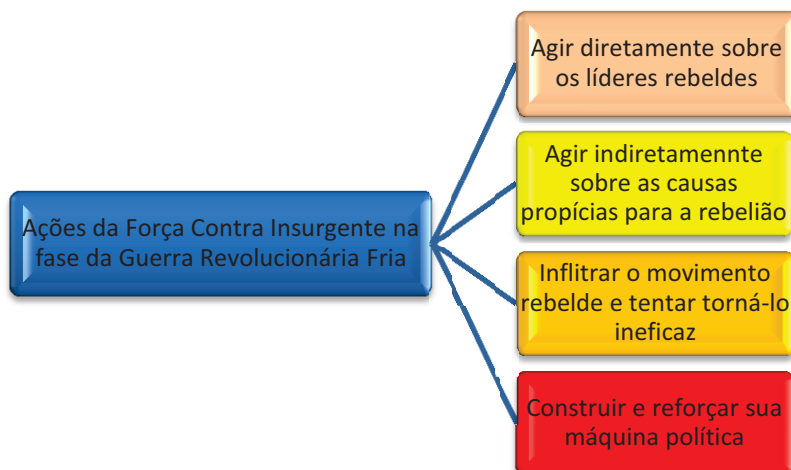


Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Galula (1966, 70)

O período da Guerra Revolucionária Fria é difícil para o contra insurgente. Ele terá que provar para a nação o risco real sofrido por ela em face da que pode aparentar ser irrelevante e normal. O potencial do movimento rebelde é grande, mas a visibilidade é baixa, pois as fases são ainda de pequenas ações contra pequenos efetivos da força contra insurgente. As demais atividades são de doutrinação política, montagem de bases de apoio e formação dos quadros. Essas atividades são clandestinas e não são percebidas pelo público em geral.

Sob tal panorama, Galula apresenta quatro alternativas para estancar o movimento ainda na sua fase inicial:

Figura 6 – Ações da COIN na fase da Guerra Revolucionária Fria para deter o insurgente



Adaptado pelo autor a partir de Galula (1966)

A Ação direta contra a lideranças rebeldes visa privar o rebelde de seus mentores e da capacidade de evoluir a fase do movimento, sofrendo um estrangulamento. Sem as suas lideranças, o movimento ainda incipiente não seguirá avante. Prisões, eliminações, restrição de liberdade de expressão desses grupos e passar partidos para a ilegalidade são ações possíveis em um regime autoritário e forte. Numa democracia tais medidas, ainda que eficazes, terão um custo político elevado.

Se já existirem leis que permitam a atuação do governo em casos de necessidade, mesmo uma democracia poderá agir contra as lideranças rebeldes com maior liberdade de ação. Por outro lado, se tais poderes extraordinários não forem previstos, o governo, quando agir contra os rebeldes, não terá como justificar prisões, interrogatórios, fechamento de agremiações e outras medidas típicas.

Para Galula, "o contra rebelde se verá tentado a dar um passo adiante e agir além da fronteira da legalidade. Dará início a uma série de medidas restritivas arbitrárias, a nação logo se verá sob repressão, a oposição aumentará e o rebelde agradecerá a seu adversário a fazer o seu jogo" (Galula, 1966, 75).

Uma ação impensada e sem uma segunda intenção poderá ser desastrosa se todos os passos de legalidade e de busca pela manutenção do apoio popular não forem analisados. Medidas impopulares terão que ser tomadas, mas deverá ser amplamente difundido porque aquilo está em andamento e porque o povo precisa ser protegido por meio de medidas mais severas.

Por fim, Galula afirma que a atitude direta contra as lideranças será eficiente se a causa do rebelde conta com pouca simpatia popular, se o contra insurgente tem amparo legal para agir amplamente e se o contra insurgente pode evitar que o rebelde ganhe publicidade.

Ainda na fase de Guerra Revolucionária Fria, outra medida proposta é a Ação Indireta contra o rebelde. Privar o rebelde de uma boa causa será a saída mais eficiente. Normalmente será necessária ação política forte para verificar se o pleito insurgente é real.

A partir daí dar, a administração buscará dar uma solução para o problema na forma de medidas oficiais e programas de governo. Se isso for viável, o rebelde terá a sua causa esvaziada e não haverá necessidade de empreender

ações de luta armada em prol de uma causa vazia. Normalmente algumas etapas serão comuns nesse processo, conforme cita Galula: "Adaptar o sistema judiciário, fortalecer a democracia, reforçar as forças armadas e a polícia" podem ter um efeito de desestimular os rebeldes e esvaziar a sua causa.

Outra proposta para essa fase é a Infiltração do movimento rebelde. Ao mesmo tempo em que outras medidas estão em andamento, a força contra insurgente deve tentar infiltrar agentes nos movimentos, uma vez que eles precisam recrutar pessoal e ainda não possuem contra inteligência experiente para barra infiltrados. A demanda por pessoal é grande nas fases iniciais e a propaganda rebelde tem um efeito ainda pontual, permitindo que as forças legais insiram elementos de inteligência no movimento rebelde.

Por fim, ainda nas propostas de medidas para a fase de guerra revolucionária fria, Galula propõe o Fortalecimento da máquina política. O rebelde, a partir da fase "quente" buscará aprimorar o controle que possui em áreas conquistadas. Fortalecer a administração com pessoas motivadas, íntegras e eficientes fará com que o esforço planejado em um nível nacional tenha eco em todos os rincões do país que enfrenta a rebelião.

Não se trata apenas de nomear comandantes militares, mas de buscar nomes eficientes e medidas eficientes nas áreas de saúde, segurança pública, infraestrutura, educação e qualquer outra área que esteja carente e seja alvo de questionamento pelos insurgentes.

A percepção do morador da área conflituosa deve ser a de que o governo se empenha em solucionar as questões problema que motivaram a luta armada. Ele verá que o governo se sensibilizou e que existe espaço para negociação. Ainda que concessões tenham que ser feitas, o governo local terá obtido uma vitória maior do que teria conseguido prosseguindo apenas com ações militares repressivas.

Caso as medidas adotadas na fase fria da guerra não tenham alcançado o efeito desejado, o contra insurgente deverá reavaliar sua estratégia para lutar na fase quente. Nessa nova fase, o seu oponente estará mais fortalecido, terá uma causa convincente e já deve controlar algumas regiões remotas do país. A solução para as questões da fase "quente" são muito mais complexas e demandam muito mais tempo.

O quadro abaixo mostra a percepção do insurgente e do contra insurgente da evolução do combate quando entrarem na 3ª Fase da Guerra Revolucionária proposta por Mao Tsé-tung:

Tabela 6 – Percepções dos Insurgentes e Contra Insurgentes sobre a Guerra Revolucionária Quente

<b>Percepção do <u>insurgente</u> sobre a possibilidade de iniciar a Guerra Revolucionária Quente</b>	<b>Percepção do <u>contra insurgente</u> que a Guerra Revolucionária Quente se iniciou</b>
Organização política rebelde já está instituída.	Início das ações das Forças Armadas de maneira maciça.
Iniciativa das ações é garantida. Contra insurgente limita o número de Op Ofensivas	Sentimento de urgência e pânico nas áreas onde o insurgente ainda não atua.
Simultaneidade de ações clandestinas e ações ostensivas, variando em função do grau de controle obtido na área.	Questionamento constante das ações das autoridades pela população e por outros países.
Posse de regiões onde o governo revolucionário se instala. Nas áreas vermelhas a guerrilha atua em força com ações tipo "bater e correr" para desgastar o moral da tropa contra insurgente e obter armas e suprimentos.	Enfraquecimento econômico pela necessidade de empenhar gastos cada vez maiores com a luta armada. Capacidade de investimentos para ganhar apoio da população fica reduzida pelo orçamento comprometido.
Expansão da guerrilha nas áreas ainda sob controle da COIN. Redução do número de tropas em ações de busca e destruição oferece mais liberdade de ação para o insurgente, uma vez que o contra rebelde concentra seus esforço em assegurar áreas importantes.	Incapacidade de mobiliar todas as áreas com tropas. Diminuição de elementos de combate em ação ofensiva devido ao grande número de tropas empenhadas em missões estáticas de segurança.
Ação subversiva e terrorismo urbano nas áreas sob controle do insurgente.	Diminuição da receita governamental pela redução de áreas onde podem ser recolhidos impostos e pelo decréscimo produtivo.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Galula, 1966, 78

Nessa fase, o contra insurgente terá que racionalizar seu esforço para reverter um quadro já negativo. Suas tropas estão fixadas ao imperativo de defender instalações. Sua liberdade de ação foi diminuída e quem tem ampla liberdade de ação é o insurgente. A oportunidade de vencer o inimigo enquanto ele era fraco foi perdida, mas existem ações que podem contribuir para a vitória final. Galula apresenta leis e princípios que podem contribuir com esse esforço.

### 2.2.1.3 Leis e princípios para atuação do contra insurgente

Abaixo serão sintetizadas as ações sugeridas por Galula para a atuação na fase quente da Guerra Revolucionária. São tópicos claros e simples que permitem que comandantes subordinados e executores do poder público possam seguir mesmo sem uma direção superior onipresente, e nisso reside sua grande relevância. A execução, porém não é tão simples e exige conhecimento da guerra irregular para poder obter os resultados mais favoráveis.

Tabela 7 – Leis do Contra Insurgente para obter o apoio da população

<b>Leis da COIN para obter o apoio da população</b>	<b>Descrição pormenorizada</b>
<b>O apoio da população é tão necessário para o contra rebelde quanto para o rebelde.</b>	Vasculhar uma área e expulsar rebeldes é relativamente simples. Complicado é mantê-los fora da área. Para que eles saiam, o apoio da população é vital. Todas as ações devem enxergar como o apoio do povo será ampliado ou reduzido por uma tática ou atitude adotada. Muitas das vezes as baixas rebeldes serão menos importantes do que proporcionar segurança para o povo.
<b>O apoio da população é obtido através de uma minoria ativa</b>	A simpatia do povo e o seu consentimento não bastam para a vitória do contra insurgente. Precisa haver a sua participação efetiva na luta, com informações, recrutamento e repulsa pelo inimigo. Sempre haverá uma minoria ativa, uma massa neutra e uma minoria reativa. A tática será engajar a minoria ativa favorável para que ela possa liderar os neutros do sentido de isolar o inimigo. Questões éticas deverão ser observadas no momento de se selecionar essa ação, pois certamente haverá represálias dos insurgentes sobre os civis que apoiarem o governo em suas localidades.

<b>Leis da COIN para angariar o apoio da população</b>	Descrição pormenorizada
<b>O apoio da população é condicional</b>	Se o rebelde conseguir estabelecer seu controle sobre uma população, a população ativa pró-governo será calada. A maioria neutra escolherá a opção que assegure sua sobrevivência. A vigilância de colaboradores ativos da insurgência garante que ninguém se oponha ao movimento rebelde pelo receio de represálias imediatas e violentas. Mesmo que essa região seja retomada pelo contra rebelde, será difícil provar que o governo oferecerá segurança de maneira perene. Nas palavras de Galula " quando a vida de um homem está em jogo, é preciso mais que propaganda para demovê-lo a apoiar o governo".
<b>A intensidade de esforços e a magnitude de meios são essenciais</b>	Provar para a população que os esforços contra insurgentes são duradouros e com grande poder de combate é vital apresentar meios em fartura. Diluir os esforços por todo o país de forma uniforme não permite que haja a necessária concentração de meios para ir vencendo o inimigo por partes e de maneira inequívoca. Para o rebelde, a dispersão de meios do inimigo é um dos fatores de sucesso.

Adaptado pelo autor a partir de Galula, 1966

A importância do apoio populacional faz com que normas sejam estabelecidas para nortear as ações contra insurgentes. Com efeito, qualquer obra sobre esse tópico vai afiançar a mesma ideia força “necessidade do apoio populacional”. Galula consegue explicar sinteticamente o caminho, sem deixar amarras que tornem sua orientação não aplicáveis em casos distintos.

Esse ponto de vista é importante se houver um julgamento da época na qual a obra foi editada. Até então, o que se viu em termos de doutrina contra revolucionária foram ações militares violentas e quase nenhuma preocupação em se trazer a população para a área de influência do contra insurgente. Como exemplos, o que foi feito pelos ingleses na África do Sul na campanha contra os bôeres, pelos alemães em todas as áreas ocupadas por eles onde houve ação de guerrilheiros na 2ª Guerra Mundial, pelos norte americanos no Vietnã contra o Vietcong, pelos japoneses na luta contra a resistência chinesa na 2ª Guerra



Mundial, e pelos próprios franceses na Indochina não pode ser visto como um paradigma que leve ao apoio populacional para com o esforço do contra insurgente. Entende-se, nessa linha de raciocínio, que a proposta de Galula apresenta uma inflexão doutrinária na condução contra insurrecional.

Os princípios de ação que Galula acrescenta para emprego também na fase de Guerra Revolucionária Quente fornecem mais subsídios para que o contra insurgente veja mais claramente o caminho a ser seguido.

Tabela 8 – Princípios de Ação da COIN na Guerra Revolucionária Quente

<b>Princípios da Ação Contra Rebelde na Fase de Guerra Revolucionária Quente</b>	
<b>Limites da Ação Convencional</b>	A conquista de território e a destruição do inimigo não bastam na guerra de insurgência. O insurgente não defende áreas e nem aceita lutar por ele. "Ele está em toda parte e em parte nenhuma". Ações de busca e destruição devem ser complementadas pela segurança de setores e ações para estabelecer uma boa base de apoio em locais ainda não atingidos pelos rebeldes.
<b>Economia de Forças</b>	Na fase da guerra "quente" o objetivo será impedir que o insurgente chegue na 3ª fase do movimento revolucionário. Para isso, será necessário localizar as bases de apoio e onde o inimigo é mais forte. Identificadas essas áreas, devem ser feitas ações de cerco e destruição com grandes efetivos. A concentração de meios em um ponto abre uma oportunidade para o insurgente atacar em outros locais e assim obrigar a nova dispersão de meios. Economizar meios, portanto, alocar meios no ponto principal naquele momento, mas tendo reservas móveis suficientes para rechaçar ações de oportunidade do inimigo.
<b>Irreversibilidade</b>	Em uma área onde a tropa contra rebelde opere, o ideal é que a população a aceite e passe a desenvolver sua própria estrutura de autodefesa, com o apoio do governo. Esses grupos executarão ações defensivas e não serão equipados para combates ofensivos com grande poder de fogo. Quando a segurança local for alcançada e quando surgirem lideranças locais capazes de conduzir os esforços de sua região, o processo de pacificação terá atingido um ponto de irreversibilidade face a ação do insurgente.



<b>Princípios da Ação Contra Rebelde na Fase de Guerra Revolucionária Quente</b>	
<b>Iniciativa</b>	O rebelde tem a iniciativa das ações. Ele escolhe onde atacar e quando atacar enquanto está na fase de guerrilhas ou de emprego de terrorismo. No campo "macro", o contra insurgente deve escolher onde agir e realizar suas ações para eliminar o inimigo cercado. No campo "micro" a presença do contra insurgente deve criar o dilema para o rebelde: ou aceitar o desafio de lutar contra poder legal (mais forte e melhor armado) pela posse do terreno ou abandonar a área e deixar de exercer a influência sobre a população.
<b>Plena utilização das vantagens do contra insurgente</b>	"Se o rebelde é fluido, a população não o é". Se os esforços forem feitos sobre ela, o contra insurgente terá melhor condição de empregar sua superioridade em capacidade administrativa, propaganda, segurança pública, infraestrutura e meios de informação. Tais meios são válidos no trato com a população, mas pouco valem contra o insurgente.
<b>Simplicidade</b>	Diferentemente da guerra convencional, onde objetivos são definidos por lugares ou pela destruição da tropa, não é simples definir tarefas na guerra contra insurgentes. A simplicidade deve vir da doutrina de emprego utilizada ser clara e com definições de como atingir fatores incomuns para o soldado (conquistar corações e mentes, por exemplo).
<b>Comando único</b>	Na contra insurgência existem ações tipicamente militares e ações essencialmente civis. Quem é o melhor agente para conduzir um esforço concentrado, maximizando o efeito sinérgico de ambos os vetores? Dividir o comando militar e civil será um erro grave.
<b>Primazia do poder político sobre o poder militar</b>	Em um conflito de insurgência, o que está em jogo é a primazia do estado. Resolver tal questão é uma tarefa política. Ainda que ações militares sejam necessárias, elas serão conduzidas para que se obtenha fins políticos. Em determinados momentos, a ação militar pode responder por apenas uma parcela do esforço estatal para vencer o inimigo.

<b>Princípios da Ação Contra Rebelde na Fase de Guerra Revolucionária Quente</b>	
<b>Primazia do comando territorial</b>	As missões das forças armadas contra rebeldes podem ser sintetizadas em eliminar o poder de combate do inimigo e prover segurança em áreas selecionadas. Suas tropas, portanto, estarão organizadas em unidades móveis para oferecer combate ofensivo e tropas estáticas, de segurança. Por estarem em contato com a população, por poderem ampliar a ação política no local e por conhecerem melhor a situação da área, as tropas de segurança têm uma pequena margem de erro nas suas ações para não perder o apoio obtido. Nessa situação, o comando das tropas locais deve prevalecer sobre as tropas móveis em ações isoladas ou conjuntas de ambas.
<b>Adaptação das forças armadas à ação contra rebelde</b>	Como já dito, as forças armadas devem selecionar os meios mais aptos para a guerra de contra insurgência. Tropas de infantaria, alguma artilharia leve, cavalaria mecanizada, aeronaves de baixa velocidade, grande poder de fogo e alta resistência ao fogo de armas leves. Para a Marinha o trabalho será o de contribuir em patrulhamento fluvial e bloqueio do apoio externo nos litorais. Além do material, é importante ver que tropas de segurança farão cada vez mais tarefas não militares. Ações sociais, controle de vias, seguranças de instalações, apoio de saúde e apoio em reconstrução de infraestruturas passarão a ser cada vez mais comuns. É importante adestrar e orientar a tropa a entender que seu papel não será exclusivamente o de engajar o rebelde em combate, pois a forma mais rápida de vencê-lo não é matando rebeldes e sim ganhado o apoio da população.
<b>Seleção da área de esforços</b>	No momento de iniciar a luta em campo contra os rebeldes, a seleção da área onde empregar o esforço inicial é chave. Essa área não deverá ser uma área muito quente, mas sim um local que possibilite o aprendizado da tropa. Nela serão experimentadas as técnicas e equipamentos da tropa. A mente deverá estar aberta para identificar erros e saná-los, para que possa ser edificada uma doutrina flexível e atualizada. A mentalidade de aprender com erros e sucessos deve ser fortalecida e difundida.

Adaptado pelo autor a partir de Galula (1966)

Com a colocação desses pontos de atenção Galula cria um esqueleto para que uma contra insurgência possa ser efetivada. A observância desses pontos permite que uma nação despreparada possa ter um início nessa luta. Adequações obviamente serão necessárias, mas os princípios não necessitarão alterações, pois são universais.

De forma ampla, Galula propõe uma luta de espectro amplo. Não há como desejar que um exército apenas possa vencer uma luta que envolve campos do poder onde ele não tem como influir com precisão, como nos campos político e psicossocial.

Isso não significa a redução da importância das forças armadas na luta. Isso significa que elas terão mais aliados importantes dentro da estrutura do poder de um país para promover a contra insurgência. Essa ampliação do enfoque é um ponto vital para que não haja uma reação de sensação de "perda de território" por parte dos militares.

O aspecto de diferenciação da luta convencional para a luta de contra insurgência é outro fator a ser entendido pelos militares. A guerra é diferente, o inimigo é isento de seguir parâmetros legais e éticos, o território pouco significa para o inimigo, a busca pela batalha decisiva nem passa pela mente do insurgente e o próprio conceito de vitória total inexistente. Será que empregar táticas de guerra convencional contra tal inimigo vai ter o mesmo resultado que teria contra um inimigo convencional? A resposta é óbvia. Por isso Galula apresenta princípios adequados para que essa alteração de procedimentos seja feita. A falta de flexibilidade de emprego pode facilitar em muito o esforço inimigo em ampliar seu controle e sua influência sobre o que realmente deve ser o alvo da luta: a população.

#### 2.2.1.4 A condução das Operações Contra Insurgente para Galula

Após estabelecer um panorama maior para a condução do esforço estatal contra os insurgentes, Galula apresenta uma sequência de ações propostas para as ações táticas. Na fase de emprego das forças armadas, o movimento insurgente já se estruturou, já montou algumas bases de apoio, já realiza recrutamento e provavelmente já realiza pequenas ações para treinamento e para aquisição de armas e equipamentos necessários.

O fato de existir um roteiro é positivo para que o paradigma tenha ainda mais aceitação no sentido de servir como molde. O fato de apresentar passos a seguir, obviamente, não significa que essas etapas tenham que ser uniformes em todo o território ao mesmo tempo. A seleção de área permite que seja adotadas essas etapas isoladamente se for a intenção do contra insurgente.

Tabela 9 – Ações propostas por Galula para a COIN em cada fase

<b>Fase da Ação Contra Insurgente</b>	<b>Ações Propostas</b>
<p>1ª fase</p> <p><b>Destruição ou Expulsão das Forças Rebeldes</b></p>	<p>Inicialmente devem ser desdobradas tropas repentinamente no entorno de uma região selecionada. Essas tropas vão operar de fora para dentro do perímetro buscando o contato com o inimigo. Após chegar ao centro da área, as tropas retornam para o exterior fazendo a limpeza. As tropas em áreas adjacentes permanecem em alerta para barrarem fugas do isolamento.</p>
<p>2ª fase</p> <p><b>Desdobram ento de Unidades Estáticas</b></p>	<p>-Essas tropas executarão a tarefa de proteger a população e o aparato governamental disposto na área para ganhar o apoio da mesma. O foco será em proteger a população e nem tanto na busca pelos rebeldes. Os escalões desdobradas devem buscar ter fortes laços com a comunidade até mesmo em escalões reduzidos. As pequenas unidades é que realizam o esforço mais importante nessa fase.</p> <p>-A divisão territorial das tropas deve coincidir com as divisões administrativas, ainda que as fronteiras pareçam não ter sentido militar. Isso se faz pela necessidade de somar esforços entre os vetores civis e militares.</p> <p>-A tropa deve estar onde a população vive, e não apenas guarnecendo alvos militares. É importante defender pontos vitais, mas mais importante é estar próximo da população.</p> <p>-Reservas Móveis são vitais, devido à dispersão da tropa estática. Elas serão empregadas para engajar rebeldes assim que identificada a sua posição.</p>

Fase da Ação Contra Insurgente	Ações Propostas
<p>3ª fase</p> <p><b>Contato e controle da População</b></p>	<p>-Essa fase vai objetivar restabelecer a autoridade sobre a população, isolar o rebelde da população através de meios físicos e colher informações sobre o inimigo.</p> <p>- O rebelde até pouco tempo tinha o controle aberto da área e ainda pode ter o controle oculto. O habitante local vai relutar em apoiar o esforço de expulsá-lo. Mecanismos de cooperação devem ser criados para aproximar a população da tropa (trabalho em massa indenizado, por exemplo).</p> <p>-O controle da população deverá ser feito por um censo demográfico, por toque de recolher e pela distribuição de passes de movimento.</p> <p>-A segurança da população tem grande importância. Medidas de represália do rebelde, se alcançarem o povo, terão o efeito de tornar a colaboração da população cada vez mais perigosa.</p> <p>-Para aquisição de informações, se deve imaginar formas de permitir a aproximação com a população, pois nessa fase o fluxo não será espontâneo. Campanhas de saúde, frentes de trabalho, senso demográfico são oportunidades de estreitar o contato e obter dados negados.</p> <p>-Ainda não é a oportunidade de reformas políticas de vulto. Nesse hiato da atuação segura do estado e a presença quase exclusiva de militares, é importante que meios da tropa sejam empregados para prover um mínimo de apoio.</p>
<p>4ª fase</p> <p><b>Destruição da organização política rebelde</b></p>	<p>Após reduzir a força do insurgente, com as informações obtidas será possível buscar as lideranças locais dos movimentos. Esses quadros podem ser constituídos por habitantes locais, o que vai reduzir a colaboração da população que não deve desejar entregar um dos moradores locais. O esforço nas operações de inteligência deve ser grande para permitir a localização de líderes e de assessores de 2º escalão.</p>
<p>5ª fase</p> <p><b>Promover eleições locais</b></p>	<p>A parte construtiva da contra insurgência tem início nessa fase. Se a fase anterior foi bem sucedida, a população não mais temerá apoiar ou participar das eleições. Se não houver candidatos e a participação na votação for pequena, é indício de que os rebeldes ainda possuem força na área. Será necessário repetir a fase 3 e 4. A seleção dos líderes é importante. Colaboradores da conta insurgência serão preparados para serem eleitos.</p>

<b>Fase da Ação Contra Insurgente</b>	<b>Ações Propostas</b>
<b>6ª fase Por à prova os líderes locais</b>	<p>-Nessa fase os líderes deverão receber tarefas e serem avaliados quanto ao seu desempenho e capacidade de liderança. Organizar unidades de autodefesa, recrutar auxiliares para a administração e coletar informações serão tarefas comuns nessa fase.</p> <p>- Esses novos líderes são alvos de auto valor para o rebelde. Devem ser bem protegidos para evitar eliminações de lideranças.</p> <p>-Inicialmente uma atitude paternalista pode ser necessária com esses líderes. Posteriormente será muito importante que eles caminhem pelas suas próprias pernas para ganhar o apoio da população sem que se pense que se trata de um fantoche.</p>
<b>7ª fase Organização de um partido</b>	<p>-O partido criado terá a função de unificar os esforços das lideranças locais em uma esfera nacional. Sem uma organização política forte, o insurgente ainda terá vantagem, pois ele possui tal organização.</p> <p>-Um partido precisa de um programa de governo forte. Será necessário apoiar os novos líderes nesse planejamento.</p>
<b>8ª fase Supressão dos últimos redutos guerrilheiros</b>	<p>-A última fase será a repetição da 1ª fase, com a grande vantagem de se possuir o apoio populacional. A ideia será saturar áreas onde existam focos rebeldes com tropas para obrigá-los a se mover. Como serão grupos pequenos, esse esforço será demorado e com pequenos resultados, mas nem por isso poderá ser abandonado antes da certeza que não existem mais focos ativos.</p>

Adaptado pelo autor a partir de Galula, 1966

O faseamento de Galula é um roteiro de ações a serem desenvolvidas pela COIN. Seria de certa forma, uma resposta ao modelo maoísta de desenvolvimento da força insurgente. Por meio da percepção do efeito de fases anteriores, ele projeta o passo seguinte e luta para que a iniciativa das ações não seja entregue ao insurgente.

Por fim, Galula representa para a COIN um marco relevante em um momento histórico no qual a pandemia da insurgência destruiu diversos estados. A resposta foi eficaz e foi replicada por outros países mediante a adaptação para as realidades locais. Até a atualidade a obra é tida como pertinente, haja vista que não ofereceu respostas claras, e sim formas de agir genéricas para solucionar o problema que Galula viu ao longo de sua carreira.

### 2.2.2 O Paradigma Contra Insurrecional de Roger Trinquier

Roger Trinquier pode ser entendido como um produto das experiências coloniais francesas que aprenderam as lições da Guerra Irregular, ou *Guerre Moderne* como ele próprio a chamou, nas campanhas da Indochina e da Argélia. Seu pensamento segue linhas semelhantes ao pensamento de Galula, mas existe um vetor de ação psicológica um pouco diferenciado entre ambos.

Sua carreira como militar francês, relatada por Bernard B. Fall na introdução da obra maior de Trinquier, *A Guerra Moderna*, explica um pouco de sua fundamentada experiência para chegar a ser um formulador de pensamento na luta contra forças irregulares.

Trinquier, de acordo com o relato de Fall, graduou-se na Escola de Oficiais de Saint-Maixent em 1931 para como oficial da Infantaria de Marinha. Naquele tempo, a infantaria de marinha francesa era conhecida como os "*Colonials*" devido a sua vocação para emprego ultramarino.

Seu primeiro posto foi na China onde pôde assistir a efervescência revolucionária chinesa sob a liderança de Mao Tsé-Tung, assimilando ensinamentos importantes sobre conceitos novos para a mentalidade militar ocidental como controle das massas e aspectos psicológicos da luta revolucionária.

Em 1946, Trinquier é comissionado para o Vietnã, onde foi comandante de pelotão de comandos e foi integrante de unidades aeroterrestres coloniais francesas. Conviveu diretamente com grandes nomes da *Armée de Terre* como o Marechal Jean Lattre de Tassigny, cuja ideia de combater a guerrilha com outra guerrilha abriu as portas da condução da guerra irregular para Trinquier. Ele foi nomeado responsável pela preparação e condução de guerrilhas e forças de autodefesa vietnamitas para lutar contra o Vietminh. Chegou a conduzir mais de

20 mil maquis vietnamitas na luta contra os comunistas no norte da Indochina ainda como um major francês.

Com o colapso das forças francesas em Dien Bien Phu, Trinquier se viu obrigado a deixar de conduzir a luta de guerrilhas na Indochina. Contudo foi enviado, após um período na França, para combater a guerrilha do Exército de Libertação nacional (ALN) na Argélia. No norte da África, o então tenente coronel Trinquier, pôde refinar suas técnicas de luta contra insurgência e assumiu funções de comandante de unidade e responsável pela interdição do apoio externo às forças da ALN na fronteira sul da Argélia (Linha Morice).

Com a vitória tática obtida na Argélia, independentemente do resultado estratégico da independência dessa colônia, Trinquier afirmou sua doutrina como portadora de fatores inovadores e bem sucedidos. Como última experiência de combater inimigos irregulares, Trinquier auxiliou o Presidente da República Democrática do Congo (RDC) Moise Tshombe para organizar suas forças mercenárias brancas na luta para pacificar a província de Katanga. Entretanto, devido às pressões belgas e da ONU, Trinquier teve que deixar a RDC sem concluir sua missão de estruturar e empregar sua força mercenária completamente.

Mesmo após sua saída do Exército Francês, Trinquier continuou a contribuir com a formulação de procedimentos da força militar perante o oponente da Guerra Moderna: as Forças Irregulares.

#### 2.2.2.1 Componentes do pensamento Contra Insurrecional de Roger Trinquier

Ainda que vivendo uma carreira totalmente devotada à luta contra movimentos revolucionários, Trinquier não questionava que a razão de ser de uma força militar é a defesa do território nacional (Trinquier, 1964). No entanto, face à ocorrência repetida de guerras irregulares nas quais forças "tradicionais" deviam lutar, Trinquier afirma que a guerra moderna deixaria de ser um fenômeno onde poder de fogo e manobra seriam os fatores mais importantes para vencer o oponente.



Segundo o autor em estudo, "Nossos comandantes tentaram conduzir a guerra no Vietnã como uma batalha campal, a única que eles sabiam conduzir, na esperança de que material e efetivos fossem garantir uma vitória fácil " (Trinquier, 1964).

Então, para que não ocorressem tais erros, seria necessária a compreensão do que viria a ser a Guerra Moderna. De acordo com Trinquier,

“A guerra é agora um sistema interligado de ações políticas, econômicas, psicológicas e militares que visa a derrubada da autoridade estabelecida em um país e substituí-la por outro regime. Para obter tal objetivo, o agressor tenta aproveitar tensões internas do país atacado - ideológicas, sociais, religiosas, econômicas - qualquer conflito com ligação para ter influência profunda sobre a população a ser conquistada.” (Trinquier, 1964, 5).

Para entender tal fenômeno, Trinquier afirmava que é necessário ir além do estudo militar tático da guerrilha, uma vez que com tal entendimento parcial seria impossível explicar como 300.000 soldados franceses não conseguiam vencer em questão de dias os 30.000 mal equipados militantes da ALN.

Dentro da lógica convencional, uma batalha em campo aberto selaria a campanha da Argélia. Sob a ótica da guerra revolucionária prolongada, tal embate poderia durar anos sem um resultado definitivo.

De forma global, o pensamento de Trinquier orbita em torno de fatores que ele considera vitais para vencer esse tipo de "guerra moderna".

Figura 7 – Princípios da Guerra Moderna de Trinquier



Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Trinquier

### **Defesa do território**

Esse é um conceito derivado da necessidade de proteger a população, ganhando sua lealdade. Como as forças do estado tendem a serem mais densas em cidades, as áreas rurais tem menor presença das forças de segurança. Isso será, naturalmente, um fator que favorece as forças irregulares a terem maior liberdade de operar e de ameaçar a população rural.

Segundo a experiência obtida na Indochina à frente dos seus "maquis", Trinquier propõe que sejam montados grupos de autodefesa nas vilas. As comunidades devem receber treinamento, apoio logístico e armamento para que possam ter seus próprios encarregados de segurança local. A eles caberá enfrentar as tentativas de penetração por parte da força irregular. Em caso de necessidade de reforços, Trinquier afirma que reservas móveis da força contra insurgente regular podem ser deslocados para contribuir com o esforço desses grupos de defesa local.

A defesa do território por forças locais acaba sendo um fator de economia de forças, permitindo que a tropa regular possa se concentrar em ações ofensivas com alta mobilidade, "terceirizando" as tarefas de defesa estática com os "maquis".

### **Ações Diretas sobre Populações e Cidades**

Nesse tópico de seu entendimento sobre a Guerra Moderna, Trinquier descreve como devem ser conduzidas ações contra as forças irregulares, principalmente no ambiente urbano. Devido a sua prática na campanha na Argélia, o coronel francês relaciona diversas ações objetivando obter o controle das cidades e das populações que lá vivem:

- Ações Policiais Intensas, com patrulhamento intensivo, principalmente no período noturno. Além disso, realização de censo populacional para ter controle sobre quem reside onde, qual é o local de trabalho de cada morador, estabelecer laços familiares, obter endereços de deslocamentos frequentes. Outra medida seria a do toque de recolher, o que limita a ação dos insurgentes e aumenta a sensação de segurança na população. Por fim, as ações policiais buscariam prender e realizar interrogatório imediato de presos, com o devido entendimento

da matriz de emprego inimiga quanto às suas células e grupos de ação. Isso permitiria estabelecer os link internos das células e talvez até os externos.

-Ações sociais feitas pelas tropas para aproximá-las da população, gerando um efeito psicológico favorável e duradouro. O momento ideal pra que tais serviços sejam prestados é o momento da pacificação. Obras numerosas devem ser iniciadas para que a população associe ao estado a capacidade de trazer bem-estar, e não ao insurgente como elemento capaz de ajudá-la.

-Ações de Propaganda sobre a população. Nos momentos iniciais do enfrentamento com subversivos, a propaganda se limita a esclarecer para a população que as medidas de controle tomadas têm o objetivo de proteger o povo. No momento que sucessos táticos forem obtidos, as campanhas de propaganda devem ser direcionadas para explorar a importância da população no processo de pacificação e da necessidade de manutenção desse laço de apoio.

### **Controle do Terrorismo Urbano e Rural**

O terrorismo é visto por Trinquier como a principal arma da guerra moderna. Seu emprego terá um objetivo maior que o de simplesmente ocasionar baixas entre os civis ou em alvos militares. Trinquier afirma que:

"[...] O objetivo da guerra moderna é controlar a população, e o terrorismo é uma arma particularmente apropriada, desde que diretamente voltada para a população. Nas ruas, no trabalho, em casa, o cidadão vive continuamente sob a ameaça de morte violenta. Na presença desse perigo permanentemente o cercando, ele terá o sentimento de estar isolado e de ser um alvo sem defesa. O fato das autoridades públicas e da polícia não serem mais capazes de garantir sua segurança aumenta sua aflição. O cidadão perde a confiança no estado que tem a inerente missão de garantir sua segurança. Ele acaba se aproximando cada vez mais para o lado do terrorista, que individualmente é capaz de proteger o cidadão". (Trinquier, 1964)

Trinquier vê as vantagens do terrorista sobre o soldado no sentido que o militar está atrelado a leis, ética e valores que ele não pode deixar de respeitar. O próprio guerrilheiro, que luta contra o soldado tem algumas vantagens, mas se capturado terá um tratamento no mínimo espartano perante seus captores. Já o terrorista escolhe hora, local e alvo. Militar ou não. Dificilmente será capturado. Provavelmente terá outra oportunidade de atuar para aterrorizar a população.

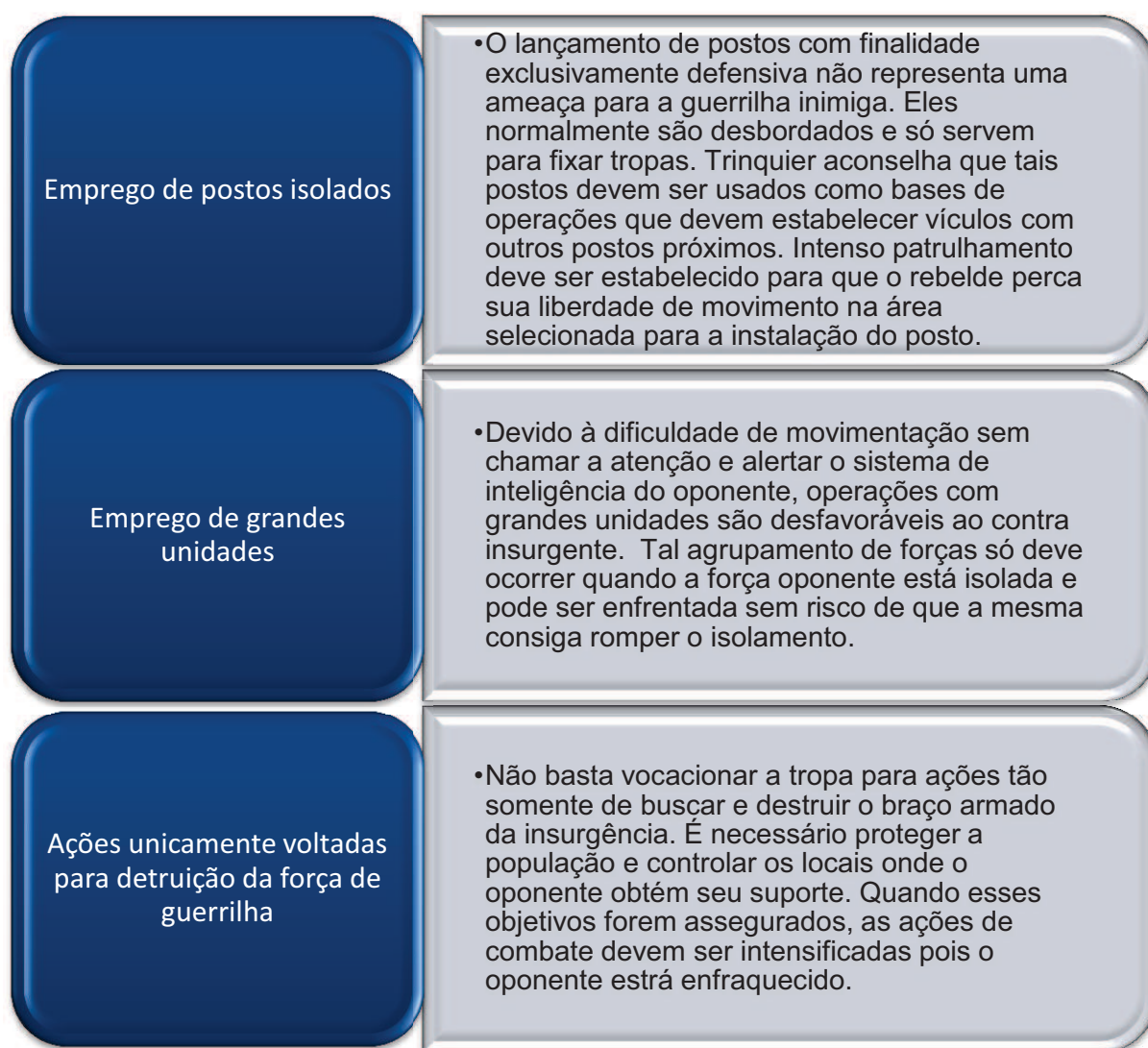
Também não há limites para o terror ser realizado em cidades ou no campo. Existem boas possibilidades para ambos, mas Trinquier pensa que nas

idades a possibilidade de controle da população pela polícia e pelo estado exigirá mais astúcia do terrorista quando ele for atuar.

### **Dificuldade em adaptação da doutrina da tropa contra insurgente**

A tendência por adaptações da sistemática de emprego da tropa regular no ambiente de contra insurgência é uma antiga falha das tropas militares de governos instituídos. A falta do pleno entendimento da natureza da guerra moderna faz com que soluções erradas sejam empregadas sistematicamente.

Figura 8 – Dificuldades na adaptação da doutrina regular para a guerra irregular





Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Trinquier (1964)

Trinquier vê uma "escravidão ao treinamento e às tradições" (Trinquier, 1964) que é altamente nociva ao combatente contra revolucionário. A dificuldade em adaptação de doutrinas regulares para a guerra irregular leva a assimetria em

táticas no terreno. O insurgente terá vantagem por saber como opera seu oponente e buscará sempre esvaziar seus pontos fortes, fugindo do emprego tradicional de forças militares de grandes efetivos. Tal lógica só pode ser invertida se o insurgente passar a ser alvo de análise profunda sob a ótica da tática, motivação, objetivos, valores morais e deficiências. Esse estudo é sintetizado em uma tabela proposta por Trinquier na qual se observa quais pontos devem ser anulados ou fortalecidos na luta contra insurgentes.

Figura 9 – Vantagens e desvantagens de insurgentes e contra insurgentes na Guerra Irregular

	<h3>Vantagens do Exército tradicional</h3> <ul style="list-style-type: none"><li>• Tem grande número de tropas, suprimentos em grande quantidade e munição farta.</li><li>• Pode se mover rapidamente em terreno favorável com meios como aeronaves, veículos leves, blindados e embarcações .</li><li>• Tem comunicações amplas e profundas, o que lhe confere a capacidade de coordenar ações e comandar tropas sem problemas.</li></ul>
	<h3>Desvantagens do Exército tradicional</h3> <ul style="list-style-type: none"><li>• Tem grande dificuldade em se mover no terreno selecionado pelo oponente e normalmente desconhece detalhes desse terreno</li><li>• Não possui apoio da população e normalmente os habitantes locais serão hostis à tropa.</li><li>• Tem grande dificuldade em obter apoio de informações da população e seus movimentos são controlados pelos informantes da guerrilha inseridos no povo.</li></ul>



### Desvantagens do Insurgente.

- Tem pequenos efetivos mal armados e mal supridos.
- Tem grande dificuldade em obter alimentos e munição para suas operações.
- Sua mobilidade é quase exclusivamente ditada pela velocidade do homem a pé.



### Vantagens do Insurgente

- É dono da escolha do terreno onde opera. Nesse terreno tem capacidade de mover rapidamente e pode se esconder sem dificuldade.
- Tem o apoio da população (espontaneamente ou sob coerção) e dela obtém apoio necessário.
- Tem ampla superioridade de informação oriunda da população.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Trinquier (1964)

Aparentemente, a inversão das vantagens da guerrilha é uma tarefa complexa, se não impossível. Todavia, Trinquier observa que três princípios básicos podem ser seguidos para que tal inversão ocorra.

O primeiro deles seria o isolamento do insurgente da população que o apóia. Para o coronel francês "o apoio da população é também a maior fraqueza do oponente" (Trinquier, 1964). A ação de isolamento do guerrilheiro passa necessariamente por controlar as fontes de apoio por meio de verificações de fluxo de suprimento, controle de fornecimento de medicamentos, controle de atendimentos médicos, controle de circulação de pessoas e produtos e aproximação amigável com os moradores locais.

O segundo princípio a ser observado por Trinquier é tornar as zonas guerrilheiras insustentáveis pela presença e pela atividade constante das tropas no campo e pelo controle das cidades.

O terceiro aspecto é a ampliação das áreas de controle por um longo período de tempo. Assim, o movimento seria sufocado ao mesmo tempo que a população entenderia o caráter perene da presença das tropas e da sua real intenção de prover segurança e permitir que a vida volte para o rumo normal.

Por fim, entende-se que a síntese do pensamento de Trinquier incide em mostrar que a luta simples e direta contra o oponente irregular não apresenta

nenhum lucro. As ações devem sempre buscar atingir o cognitivo da população para que ela decida não mais apoiar o rebelde. Somente com essa condição básica é que se pode realmente pensar em agir com forças altamente móveis contra as forças inimigas. Por mais óbvio que tal pensamento possa parecer para aquele que estuda a contra insurgência moderna, não se deve deixar de ter em conta que mesmo após seus escritos estarem disponíveis, diversas forças armadas continuaram empregando técnicas convencionais para vencer

### 2.2.3 O Paradigma contra insurrecional de David Petraeus

A história recente identificou diversas ocorrências de participações norte americanas em conflitos de contra insurgência. De acordo com o FM 3-24 *Tactics in Counterinsurgency*:

“Por mais de dois séculos, os militares dos Estados Unidos vem sendo chamados para derrotar insurgências como a Rebelião do Whiskey<sup>5</sup> no leste norte americano, os Nativos Americanos<sup>6</sup> nas terras planas do oeste americano, a Rebelião dos Boxers na China, Pancho Villa no México, Augusto Sandino na Nicarágua e o Viet Cong no Vietnã. Apesar do Exército ter exemplos históricos de operações contra insurgências, nossa doutrina e habilidades nessa luta atrofiaram entre o Vietnã e a invasão do Afeganistão”.  
(Estados Unidos da América, 2009)

Nesse ínterim, diversas publicações feitas pelos *Marines* e pelo Exército Norte Americano embasaram a doutrina de emprego de sua forças. Após a 2ª Guerra Mundial, principalmente, as forças daquele país se viram empregadas cada vez mais intensamente nesse tipo de combate. Os manuais FM 31-20 *Operations Against Guerrilla Forces* publicado em 1951 e o FM 31-15 *Operations*

---

<sup>5</sup> A Rebelião do Whiskey foi uma revolta popular ocorrida em 1794 no estado da Pensilvânia contra impostos federais sobre a circulação desse produto. O Exército Norte Americano enviou mais de 10 mil soldados sob a liderança do então presidente George Washington para debelar os revoltosos. Mais sobre o assunto pode ser visto na obra de Willian Hogeland "The Whiskey Rebellion: George Washington, Alexander Hamilton and the Frontiers Rebels who challenged America's newfound sovereignty"

<sup>6</sup> As Guerras Indígenas ocorreram no oeste norte americano entre o Exército daquele contra os povos indígenas nativos. Ocorreram desde 1778 até aproximadamente 1890. Maiores dados sobre o assunto podem ser obtidos na obra *Indian Wars* escrito por Robert M. Urtley



*Against Irregular Forces* publicado em 1961 significam o marco inicial nesse tipo de doutrina e mostram a influência britânica na Malásia.

Com as lições do Vietnã, os manuais FM 31-22 *Couterinsurgency Force* de 1963, o FM 31-16 *Counter guerrilla Operations* também de 1963 e o FM 31-23 *Stability and Support Operations* de 1972 deram um novo impulso doutrinário nessa luta com as lições aprendidas pelo seu próprio esforço. No entanto, o foco dessas obras ainda era em vencer o braço armado dos grupos insurgentes agindo dentro da doutrina de Mao Tsé-tung e de Vo Nguyen Giap.

Por fim, já em 1986, foi publicado o FM 90-8 *Counter guerrilla Operations* e em 1990 o manual FM 100-20 *Military Operations in Low Intensity Conflict*. Tais obras refletem as experiências norte americanas na América Central na luta contra insurgentes que empregaram técnicas Foquistas e Sandinistas.

As recentes experiências no Iraque e no Afeganistão, contudo, se mostraram desafios de vulto para que uma doutrina contrainsurgente estivesse atualizada para ser efetiva. Uma nova abordagem seria necessária para obter resultados. O resultado dessa evolução foi a edição no ano de 2009 do FM 3-24 *Tactics in Counterinsurgency*.

O FM 3-24 foi editado segundo a orientação do General do *US Army* David Petraeus e do General *Marine* James Mattis. Esse trabalho teve a contribuição direta do Professor de História Militar Conrad Crane da Academia Militar de West Point e do Assessor Especial do Exército Norte Americano para Contra Insurgência David Kilcullen. Essa equipe, capitaneada por Petraeus, buscou confeccionar uma obra que fosse mais do que um manual para soldados. A obra busca apoio na filosofia, estratégia, história e na administração para que seu entendimento seja amplo para aquele que conduz a contra insurgência, não se focando apenas em táticas elementares para vencer guerrilheiros.

No entender de Bricet des Valons, a doutrina norte americana na *Couterinsurgency Operations* (COIN) "é oriunda do pensamento francês de Roger Trinquier e de David Galula" (Bricet des Valons, 2010). Com efeito, o estudo a ser conduzido nesse capítulo identificará diversos pontos de confluência entre o pensamento desses dois autores franceses e dos atuais pensadores norte americanos que redigiram o FM 3-24.



Segundo Robinson (2008) a experiência de Petraeus como comandante em lutas de contra insurgências é significativa. Como oficial de carreira de infantaria, Petraeus teve grande experiência a frente de tropas paraquedistas (comandou o 3º/187º Regimento de Infantaria da 101ª *Airborne Division - Air Assault* - e comandou a 1ª Brigada da 82ª *Airbone Division*) e de infantaria leve. Como comandante de tropas no contexto de COIN, ele foi Chefe de Estado Maior dos contingentes da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti durante a operação Uphold Democracy em 1995. Foi assistente do Chefe de Estado Maior das forças da ONU na Bósnia Herzegovina entre 2001 e 2002. Posteriormente foi comandante da 101ª Divisão Aerotransportada no Iraque em 2003. Mais tarde foi Comandante do Comando Central das Tropas Americanas CENTCOM entre 2008 e 2010, o que o deu comando direto com as operações em curso no Iraque e Afeganistão. Foi Comandante do Contingente Norte Americano no Afeganistão e Comandante da *International Security Assistance Force (ISAF)* no Afeganistão de 2010 a 2011. Por fim assumiu o cargo de chefe da Agência Central de Inteligência (CIA) em 2011. Tal experiência o qualificou para ser o tradutor de técnicas modernas nesse tipo de luta por meio do FM 3-24.

#### 2.2.3.1 Componentes do pensamento contra insurrecional de David Petraeus

Haja vista a natureza dos trabalhos anteriores versando sobre o assunto, o trabalho de Petraeus é original, do ponto de vista de doutrina militar, no sentido de abrir os horizontes da luta contra insurgentes. Conduzir COIN, segundo os dizeres do FM 3-24 "envolve todas as ações políticas, militares, paramilitares, psicológicas e civis para derrotar a insurgência. programas de financiamento militar" (Estados Unidos da América, 2009). A contraguerrilha, por sua vez, é a operação que "foca em identificar e derrotar os insurgentes armados ou forças de guerrilha, sem solucionar os problemas subjacentes da sociedade". (Estados Unidos da América, 2009).

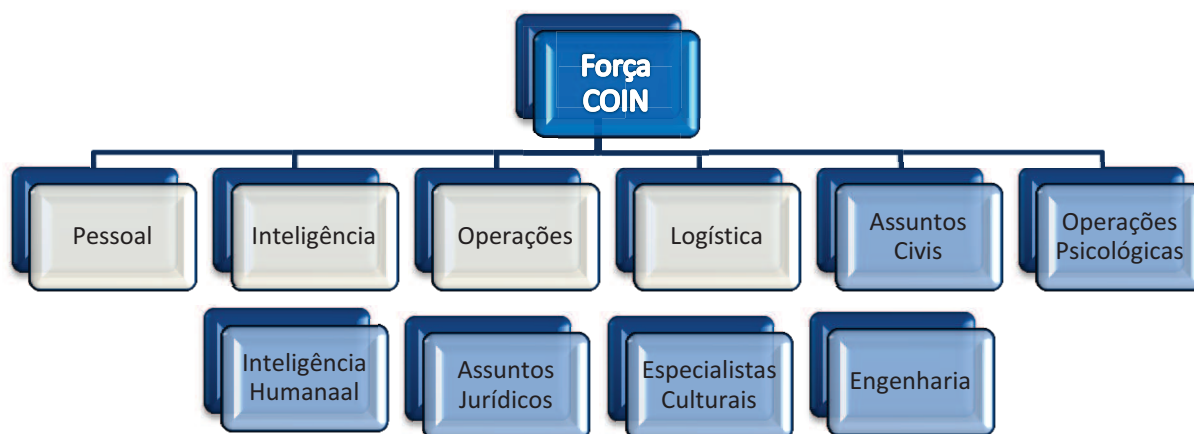
Por esse prisma, a COIN não é uma ação exclusivamente militar. Ela será *também* militar. Por mais que as ações de tropas no terreno sejam conduzidas para eliminar o inimigo, elas não poderão dar por si só a credibilidade e a participação popular necessária para vencer o inimigo. Dessa maneira, o Estado é quem tem condições de reunir todos os meios necessários para vencer uma insurgência interna ou externa. Nesse contexto, as operações interagências

passam a ser aquelas que têm condições reais de oferecer o produto desejado que é a eliminação do movimento insurgente como um todo, e não apenas a realização de operações de busca e destruição pelas tropas.

Quando estabelecido o objetivo das forças de contra insurgência, Petraeus estabelece que sua finalidade é "legitimar o governo da nação anfitriã<sup>7</sup> para que ela possa prover governança efetiva" (Estados Unidos da América, 2009). Mas como essa meta deve chegar ao ouvido do militar que atua nesse tipo de luta? Seus vetores de atuação são basicamente o emprego de ações de ataque e defesa para vencer o inimigo e impor sua vontade sobre ele. Para permitir uma adaptação a um cenário diferente, Petraeus propõe a constituição de novas habilidades dentro de uma organização militar.

Para ampliar a capacidade de contribuir com o objetivo maior da COIN, ele sugere a ampliação das tradicionais seções de estado maior<sup>8</sup> para a seguinte constituição.

Figura 10 – Composição do Estado maior de unidades atuando em COIN segundo o FM 3-23



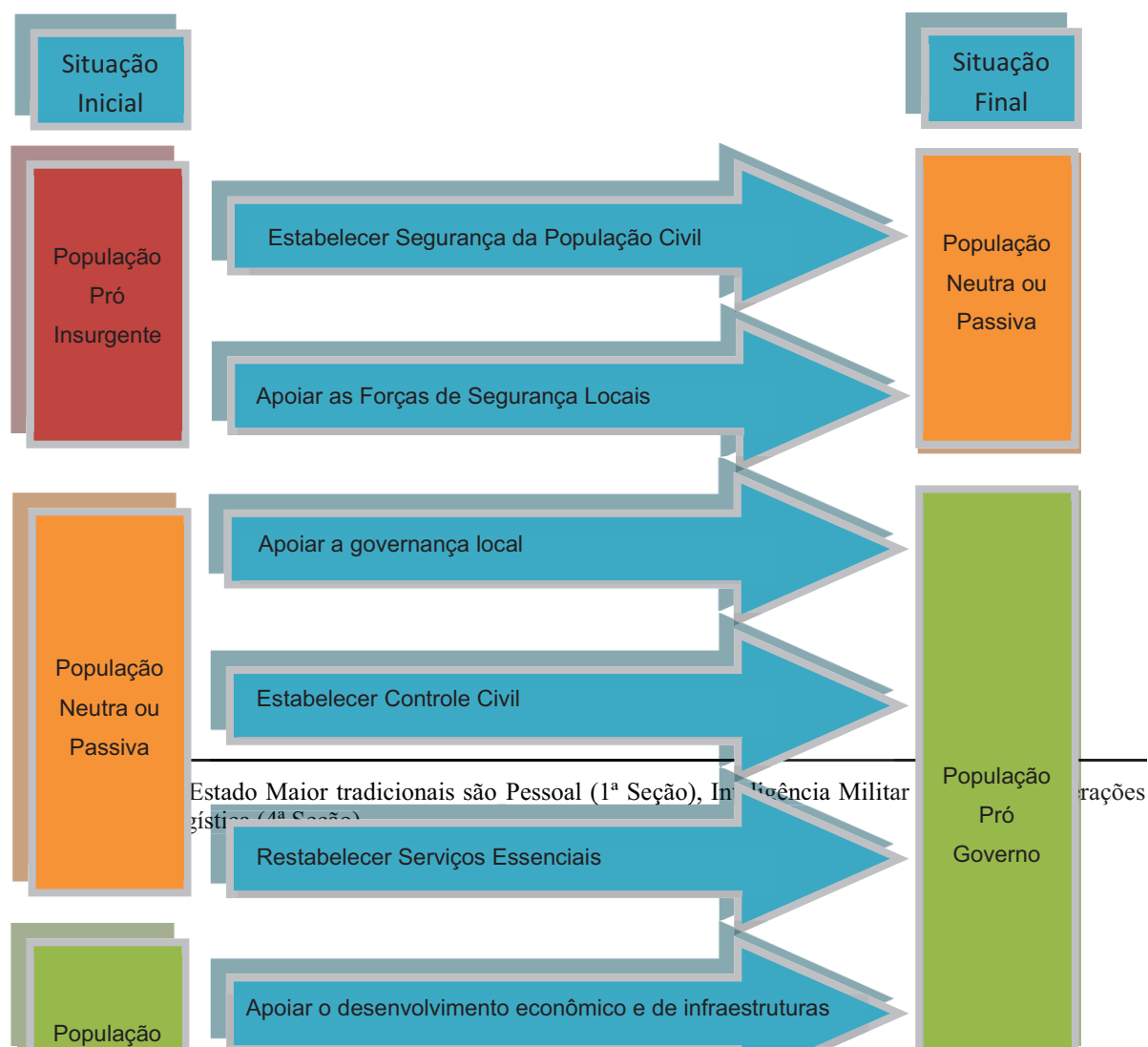
Fonte: Adaptado pelo autor a partir do FM 3-24, Pag 3-3

<sup>7</sup> Nação anfitriã: no conceito do FM 3-24, o país que recebe o apoio norte americano para estabelecer um esforço conjunto contra forças irregulares é chamado de nação anfitriã. O conceito engloba, naturalmente, os países que foram alvo de alguma ação norte americana para deposição de um regime para que posteriormente fosse substituído por outro.

O acréscimo de funções não é proposto exatamente para prover maior letalidade na força. Ele é proposto para que exista a possibilidade de que o componente militar, por ele mesmo, seja capaz de ampliar suas capacidades junto a população. A maior ligação com o público, o ganho de instrumentos para agir em proveito das necessidades de infraestrutura da população, a capacidade de estudar questões jurídicas associadas às operações para não se afaste o povo das tropas e a possibilidade de estudar a cultura local para usá-la como fator de integração com o exército são capacidades para a tropa atuar nesse conflito com maior eficácia. Tais possibilidades existiram sempre em escalões mais altos, mas a proposta é que elas existam no nível brigada e batalhão, evitando-se que erros nos escalões de execução sejam tardiamente percebidos e solucionados.

De acordo como FM 3-24, são sete as linhas de esforço que devem ter atenção daquele que conduz a contra insurgência.

Figura 11 - Linhas de Esforço na Contra Insurgência



Fonte: Adaptado pelo autor a partir do FM 3-24( 2009, 3-8)

Todos esses vetores seguem uma linha de esforço proposta por Petraeus. As chamadas "*Lines of Effort (LOE) for a counterinsurgency*" são assim definidas pelo manual FM 3-0: "Linhas que ligam múltiplas tarefas e missões usando a lógica de um propósito -causa e efeito- para focar esforços por meio do estabelecimento de condições estratégicas e operacionais" (Estados Unidos da América, 2008).

As sete LOE contribuem para priorizar e sincronizar os esforços do combate contra insurgentes. Ao longo da descrição da doutrina proposta por Petraeus, as LOE são explicadas para cada ambiente, situação e fase dessa luta. O condutor do esforço nessa luta tem, portanto, um guia para poder selecionar de maneira eficiente qual deverá ser o tipo de atitude e quando tomá-la.

**Estabelecer Segurança da População Civil** significa realizar ações de proteção de área, de instalações importantes e da população em si. Em um cenário onde forças policiais têm condições de realizar essa tarefa, a presença de tropas militares é desnecessária, no entanto, quando a falência estatal é severa, a segurança pública deverá ser complementada por elementos das forças terrestres.

É vital compreender que sem um ambiente de segurança civil, não haverá espaço para que outras tarefas ligadas à retomada da governança estatal sejam executadas. Nessa seara, o FM 3-24 relaciona as seguintes ações:

- Conduzir Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR)
- Estabelecer controle fronteiriço
- Buscar reestabelecer a liberdade de movimento da população em áreas onde exista a ação de insurgentes
- Proteger personalidades importantes e instalações vitais
- Eliminar risco de ação insurgente com meios de destruição de massa
- Promover identificação populacional

**Estabelecer Controle Civil** representa selecionar atitudes desejadas na população e buscar controlar a atitude de indivíduos e grupos. Para atingir esses objetivos, de forma direta ou indireta, serão executadas as seguintes ações:

- Estabelecer um sistema de justiça criminal interino
- Promover reforma na segurança pública
- Promover reforma no sistema judiciário
- Promover o processo de resolução de questões jurídicas

**Apoiar as Forças de Segurança Locais** significa conduzir esforços para que as forças locais sejam aptas para realizar o esforço de segurança pública sem a necessidade de tropas militares. Suas ações mais comuns serão:

- Organizar, equipar, instruir, aconselhar, desenvolver e conduzir forças de segurança locais.
- Reconstruir a infraestrutura policial da área de operações

**Restabelecer Serviços Essenciais** é promover a retomada ou mesmo a criação de serviços básicos para a população até que o governo local possa fazê-lo. Em uma situação ideal as tropas militares não deveriam prover esse tipo de serviço, fixando sua atenção em prover segurança para que algum outro ator possa prover tais serviços básicos. No entanto, quando a situação de violência ainda não permitir a entrada desses órgãos ou quando o governo ainda não tenha capacidade operativa para fazê-lo, as forças militares podem responder por essa atividade momentaneamente. São tarefas típicas nessa fase:

- Apoiar tarefas com relação à população deslocada
- Apoiar programas de distribuição de alimentos
- Apoiar programas emergenciais de saúde
- Apoiar programas de educação

**Apoiar o desenvolvimento econômico e de infraestruturas** é uma das tarefas críticas do esforço do contra insurgente. Tais ações ocorrem no horizonte curto e longo. As ações de curto prazo podem ter a participação da tropa e serão realizadas para minimizar problemas emergenciais e que podem ter impacto na capacidade de recrutamento ou de ampliar o estado de animosidade da população como, por exemplo, desemprego, falta de coleta de lixo, falta de água e de energia elétrica. As ações de longo prazo são as mais efetivas e caberão ao Estado a sua implantação. Podem ter a participação da tropa, mas esse apoio se dará de maneira complementar. Como exemplos de ações para apoio ao desenvolvimento econômico e de infraestrutura da região onde ocorrem as ações de contra insurgência podem ser citados:

- Apoiar o reestabelecimento o sistema de comunicações local
- Apoiar iniciativas no campo agrícola
- Apoiar o reestabelecimento do sistema de transporte
- Empregar a verba disponível como se fosse uma arma

**Conduzir um engajamento de informações** significa integrar o emprego do sistema de informação ao público (interno, externo, favorável, neutro ou hostil). Nesse sentido tal sistema vai empregar de maneira coordenada as operações psicológicas, o acompanhamento pela mídia internacional civil, as equipes militares de comunicação social, os sistemas de comunicação estratégica governamental e qualquer outro meio julgado necessário para obter a necessária influência sobre a opinião pública. Suas ações típicas serão:

- Informar corretamente e oportunamente o público interno
- Marginalizar a influência do insurgente
- Isolar a população da influência da mídia insurgente
- Reforçar a legitimidade do governo contra insurgente
- Buscar dividir a unidade de pensamento dos líderes insurgentes do pensamento dos insurgentes que realizam ações de campo.

Todas as sete LOE são claras e objetivas. Certamente haverá questionamentos sobre a capacidade e a efetividade da tropa em realizar todas elas. Também surgirá o questionamento de que algumas tarefas são tipicamente do governo e não de contingentes militares, principalmente aquelas ligadas ao reestabelecimento de infraestruturas e serviços essenciais. Talvez nesse ponto

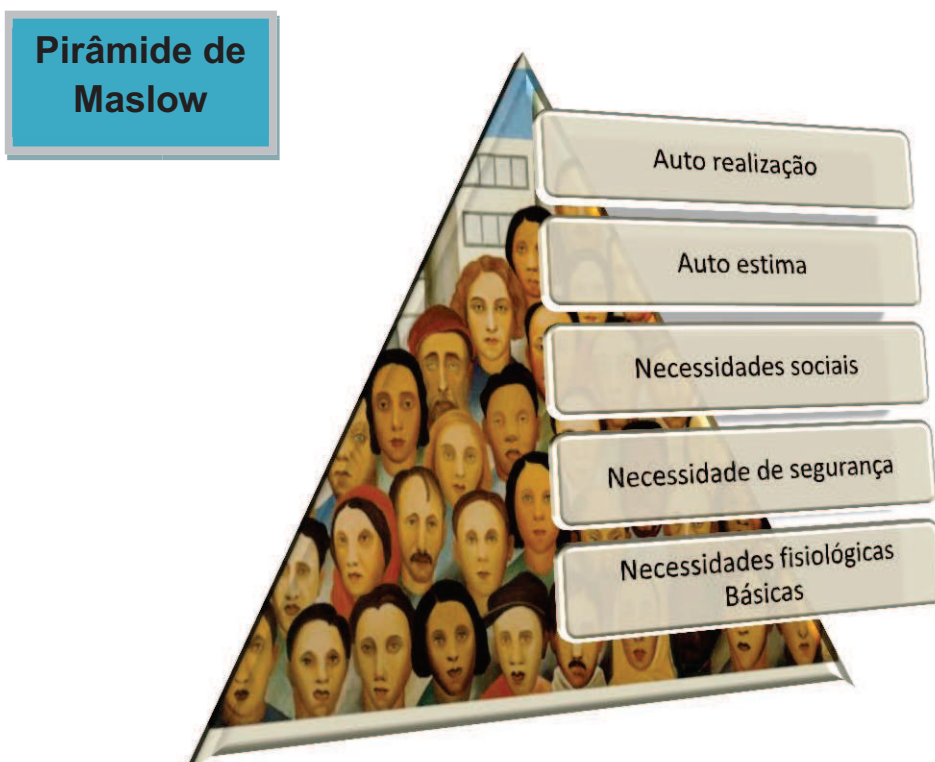
exista uma grande evolução na doutrina proposta por Petraeus no FM 3-24, que vai exigir grande flexibilidade funcional dos comandantes de campo.

As respostas para esses questionamentos vêm da necessidade de eliminar o fator motivador da insurgência em face da percepção popular desses problemas. Não basta eliminar insurgentes sem que a razão deles existirem continue existindo. A população, que apoia e fornece recrutas para os rebeldes, deve perceber que está ocorrendo uma melhora no panorama geral. Ver soldados nas ruas vai aumentar a percepção de segurança, mas não basta isso para que uma comunidade se dê por satisfeita. O lado que lhe oferecer saúde, educação, justiça, social, energia elétrica e água para beber terá, naturalmente, oferecido vantagens incontestáveis.

Para ganhar a população é importante saber o que ela deseja. Maslow criou a sua pirâmide na qual é esboçada a hierarquia de necessidades do ser humano normal. Cabe destacar o aspecto de normalidade no momento em que se olha tal modelo comportamental. Quando o ambiente no qual o indivíduo está inserido é o local onde existe uma luta sem lei e a violência não faz distinção entre combatentes, civis, inocentes e culpados, o homem deixará de sonhar com realizações distantes e passará a ver sua sobrevivência como fator único e relevante.

Figura 12 - Pirâmide de Maslow





Fonte: Adaptado pelo autor a partir da Hierarquia de Necessidades de Maslow

Figura 13 - Pirâmide de Maslow adaptada para populações em áreas de conflito irregular



Fonte: Adaptado pelo autor a partir da Hierarquia de Necessidades de Maslow



Percebe-se que para um povo que vive em uma área conflituosa, a prioridade é ter condições mínimas de vida e de segurança (os dois patamares inferiores da pirâmide). Quando um Estado já se encontra em avançado ponto para ser considerado falido, as suas condições de prover tais meios ficam seriamente comprometidos. A população, que é o centro de gravidade tanto para insurgentes quanto para o governo, verificará quem pode ofertar as condições mínimas de vida para si. A ideologia ou a religião terão sua relevância, mas para um homem sob o cano de uma arma, propagando e crença têm uma importância menor naquele momento.

Depois que ele obtiver a segurança, ele vai desejar outras coisas triviais em um estado de normalidade, mas que são valiosas em um cenário de combate. Esse segundo passo é o hiato mais comum em uma luta de contra insurgência. É o momento que se acha que o território está livre de ameaças, mas as razões da luta terem começado ainda existem. Não existe condição para que o governo central tenha papel relevante pois ele não tem condições de atuar no campo da saúde, alimentação, saneamento, alimentação, transporte ou qualquer outro.

Daí vem a assertiva de Petraeus de que "usar o dinheiro como se fosse uma arma". Com recursos financeiros para executar tarefas tipicamente estatais, a força combatente terá que se dividir entre as sete LOE simultaneamente para que os ganhos obtidos no campo tático sejam projetáveis para o campo estratégico.

Outro conceito de relevância para a atuação das tropas na contra insurgência é a maneira pela qual as ações devem ser entendidas sob o ponto de vista tático e sob o ponto de vista do estado final desejado. Em contraposição às táticas de "*Serach and Destroy*" (S&D) da Guerra do Vietnã<sup>9</sup>, o FM 2-24 propõe a técnica de "***Clear-Hold-Build***".

Pelo emprego da técnica de "*Clear-Hold-Build*", as tropas têm uma visualização de como será a sua atitude ao longo da luta. Seus objetivos serão:

---

<sup>9</sup> As técnicas de S&D previstas para emprego no Vietnã previam que uma força deveria localizar e destruir um contingente inimigo, abandonando a região imediatamente após ter cumprido a sua tarefa. Dessa maneira, os objetivos da ação são claramente o inimigo e a limpeza da área. Tais táticas foram incrementadas no comando do General Willian Westmoreland.

"Criar um sentimento de segurança física e psicológica, prover segurança continuada para a população civil, eliminar a presença insurgente, reforçar a primazia política do governo local, reforçar a aplicação da lei, reconstruir as instituições do governo local e ganhar o suporte populacional." ( Estados Unidos da América, 2009, 3-19).

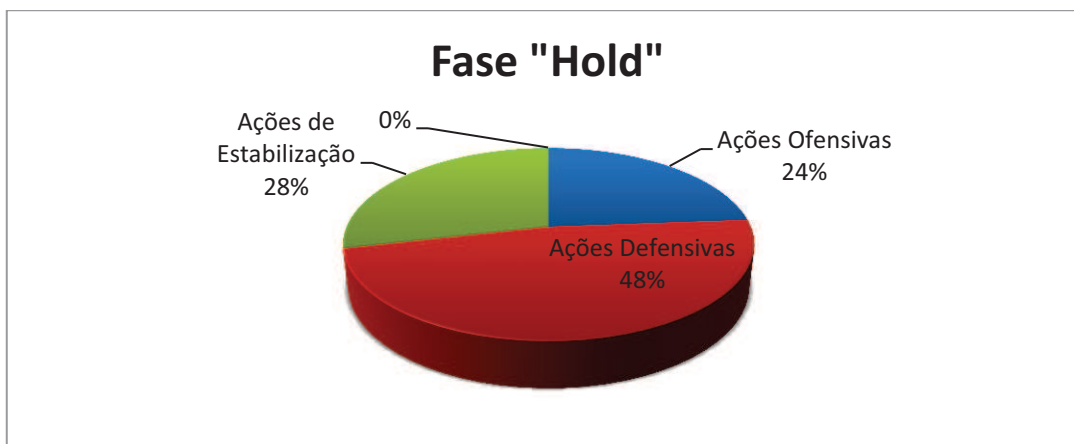
Gráfico 1 – Proporção de ações da COIN na fase "Clear"



Fonte: Adaptado do FM 3-24 (Estados Unidos da América, 2009, 3-18)

Na fase de "**Clear**" (Limpeza), o foco será o de eliminar a presença insurgente na área selecionada. Serão estabelecidos cordões de segurança com o isolamento da área e com a atuação de tropas no interior desse isolamento para poder capturar ou destruir o inimigo. Se o insurgente for apenas expulso da área, sem a sua eliminação, as medidas de defesa deverão ser reforçadas para evitar seu retorno. Simultaneamente inicia-se a atuação de equipes para diminuir o impacto da luta e da destruição, objetivando angariar a boa vontade da população neutra e para tentar reverter a opinião da população pró-insurgente.

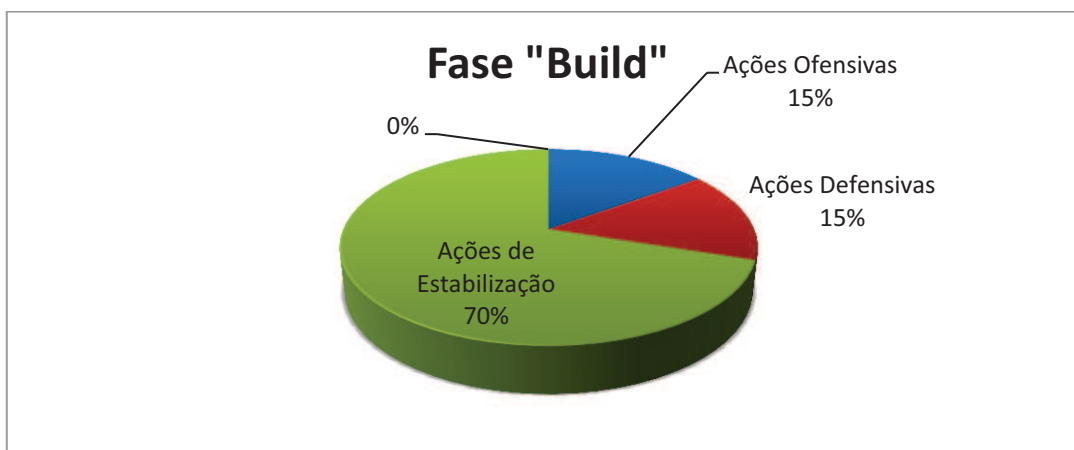
Gráfico 2 – Proporção de ações da COIN na fase "Hold"



Fonte: Adaptado do FM 3-24 (Estados Unidos da América, 2009, 3-18)

Na fase "**Hold**" (Manutenção), sem a presença ativa do insurgente na área controlada, a tropa contra insurgente deverá estabelecer bases de atuação dentro desse território. A proximidade com centros populacionais será importante para ter maior contato com a população no sentido de proteger e apoiar a mesma. Também será importante para identificar mais facilmente quem são os apoios remanescentes da insurgência, possibilitando agir sobre eles. No campo das ações de estabilidade, pequenos programas controlados pelas tropas deverão ser realizados para oferecer emprego para parte da população (jovens recrutáveis e crianças) ao mesmo tempo que serviços são prestados a ela por essas pessoas empregadas (limpeza, reconstrução do que foi danificado na luta).

Gráfico 3 – Proporção de ações da COIN na fase "Build"



Fonte: Adaptado do FM 3-24 (Estados Unidos da América, 2009, 3-18)

Na fase final "**Build**" (Construção) será buscada a eliminação das causas da insurgência existir. A manutenção da segurança e a destruição de eventuais focos de combatentes inimigos serão importantes, mas o maior esforço será despendido para as ações de estabilidade. A presença de instituições não

militares será maior, diminuindo o impacto sobre a necessidade de empregar tropas para realizar ações típicas do Estado. Será vital prover segurança para esses atores para que eles conduzam o esforço de dar ao povo aquilo que o Estado estava momentaneamente incapacitado de realizar. A parceria com as forças de segurança locais será ampliada e as tarefas de segurança serão progressivamente deixadas a cargo dos seus responsáveis.

O conceito de "*Clear-Hold-Build*" para o emprego de tropas militares na contra insurgência não é inédito. Segundo o FM 3-24, doutrinas militares similares foram empregadas pelo Comando Militar de Assistência no Vietnã (Military Assistance Command Vietnam - MACV) em 1962 com o nome de Operação Hamlet, pelos franceses na Argélia com o nome de "*Tache D'Huile*" e pelos britânicos na Malásia com o nome de "*The Briggs Plan*". O modelo do MACV não foi bem sucedido por ser ambicioso demais para os meios disponíveis na época. Os franceses tiveram sucesso tático completo, mas estrategicamente a população não se convenceu de que deveria apoiar seus esforços devido a um emprego indiscriminado da violência pelos europeus contra os argelinos. Os britânicos foram bem sucedidos na Malásia após um longo período de aprendizado com seus próprios erros.

O que realmente fez a doutrina proposta por Petraeus pertinente para a atualidade é a compreensão de que o emprego de uma força armada isoladamente para vencer a insurgência é uma ação vazia. O manual por ele escrito tem o grande valor de ter sido observado por instituições não militares. Com o raciocínio proposto por ele, o formato da contra insurgência no Afeganistão segue as linhas básicas de seu pensamento.

Também há que se destacar o papel definido para as forças militares que atuarão em todo o espectro do conflito. Em momentos alternados da luta, portanto, os comandantes em uma contra insurgência precisarão ser juizes, diplomatas, professores, assistentes sociais, negociadores, empreendedores e também guerreiros.

#### 2.2.4 Paradigma Contra Insurrecional Israelense

Desde os primórdios do Estado de Israel, esse país se depara com desafios para manter sua segurança externa e interna. Em face de tal desafio, a

manutenção de capacidades das Forças de Defesa de Israel (IDF) no campo de conflitos de amplo espectro sempre foi vital. Segundo Johnson, "o chamado 'arco-íris' de conflitos, inclui os Conflitos de Baixa Intensidade (LIC), com foco principalmente na Cisjordânia e em Gaza; os Conflito de Alta Intensidade (HIC) contra estados contíguos, principalmente Síria e Líbano e os Estados sem fronteiras comuns que é o caso particular do Irã".(Johnson, 2010)

No intuito de se preparar para enfrentar os conflitos "arco-íris", as IDF realizaram o estudo detalhado de conflitos ocorridos em outros países. Desses confrontos foram absorvidas lições que embasariam a doutrina das IDF para os conflitos futuros. Ainda de acordo com Johnson, os conflitos foram os seguintes:

- A guerra de 1999 no Kosovo, a Operação Enduring Freedom no Afeganistão e Operação Iraq Freedom (OIF) foram analisadas e suas conclusões confirmaram a crença no sistema de defesa israelense, principalmente no seu componente aéreo para afetar a vontade do adversário e determinar os resultados do conflito. Essa abordagem também parecia prometer menores baixas na IDF (uma consideração importante no campo político nacional), causar menos danos colaterais (uma consideração chave para gerenciar a opinião pública internacional e regional), e para economizar recursos financeiros.

- A segunda intifada al-Aqsa, que começou no final de 2000 e que forçou o exército israelense a se concentrar nas operações com a finalidade de parar os ataques terroristas dentro de Israel.

- A ação contra insurgente dos EUA no Iraque após a OIF encorajou a crença de que Israel estava além da era de uma grande guerra e que o principal papel das forças terrestres seria operar em um cenário de LIC.

Destaca-se que tal estudo foi realizado antes da experiência israelense no sul do Líbano em 2006, na qual o resultado do desempenho das tropas da IDF se mostrou inferior ao desejado. Foi estabelecida uma comissão governamental para estudar os motivos desse resultado. Essa comissão recebeu o nome de Winograd e após examinar a Segunda Guerra do Líbano de 2006, mostrou o problema da análise feita anteriormente da experiência de outros conflitos.

Algumas das elites políticas e militares de Israel chegaram à conclusão de que Israel estava além da era de guerras. Tinha suficiente poder militar e superioridade para dissuadir outros de declarar guerra contra ela, isso também seria suficiente para enviar um lembrete doloroso para quem parecia ser

implacável, uma vez que Israel não tinha a intenção de iniciar uma guerra. Concluiu-se que o principal desafio das forças terrestres seria de baixa intensidade. A mentalidade dos líderes políticos e militares foi, fundamentalmente e compreensivelmente moldada por essa visão de futuro para o ambiente de segurança de Israel. O resultados foram significativos cortes nos gastos de defesa para as forças terrestres, tanto as da ativa quanto para as da reserva. O Exército israelense ativo foi direcionado em parar os ataques terroristas, usando eliminações seletivas (incluindo ataques aéreos) contra alvos de alto valor, habilitados pela estreita coordenação com a segurança de Israel serviços de inteligência. Os israelenses foram muito bem sucedidos na LIC, nos anos antes da Segunda Guerra do Líbano, resolvendo a questão da intifada e diminuindo dramaticamente baixas israelenses. Infelizmente para Israel, como as operações no Líbano em 2006 mostrariam, o Exército israelense havia desenvolvido o seu foco quase que exclusivamente para LIC (Johnson, 2010)

O fato de Israel ter desenvolvido habilidades bem sucedidas em conflitos como as Intifadas fez com que a vocação para outras formas híbridas de combate fossem deixadas de lado temporariamente. Antes de 2006, apenas pequenas formações de infantaria atuando como forças policiais de fronteira e as forças de operações especiais haviam se exercitado para um conflito.

A necessidade de ter um mínimo de baixas israelenses fez que muitas vezes a mentalidade de "esperar o melhor momento para atuar" fosse grandemente difundida entre os militares da IDF. Formações mecanizadas e blindadas não tiveram oportunidade de serem empregadas em função do imperativo de causar o mínimo de danos colaterais.

Foi com esse ideário de emprego que as tropas israelenses se deparam com o Hezbollah no sul do Líbano em 2006. Desse embate é que se pode inferir sobre a nova doutrina israelense para combate contra insurrecional.

#### 2.2.4.1 A experiência israelense no sul do Líbano em 2006

Após ataques de foguetes do Hezbollah contra assentamentos israelenses e após o aprisionamento de soldados do exército israelense que patrulhavam a faixa de fronteira, as IDF foram enviadas para o sul do Líbano.

De acordo com Johnson, "Nesse combate, os israelenses enfrentaram um terreno e um inimigo para o qual eles não estavam preparados. Nos anos

anteriores, em nenhum momento uma unidade israelense foi obrigada a lutar com elementos de infantaria com alguma experiência efetiva" (Johnson, 2010).

Os integrantes do Hezbollah foram treinados e organizados em pequenas unidades e armados com armas sofisticadas, incluindo mísseis antitanque guiados, foguetes RPG-29, morteiros, minas anti carro e explosivos improvisados. As IDF se depararam com posições defensivas preparadas no difícil terreno montanhoso do Líbano e também dentro de áreas urbanas habitadas.

De acordo com Oliver:

"O Hezbollah mostrou a vontade e a capacidade de suportar e conduzir uma luta coordenada e de alta intensidade usando táticas assimétricas, e técnicas de forças irregulares. Taticamente, os combatentes do Hezbollah envolvidos contra as forças israelenses prolongavam os embates pelo fogo em tiroteios que duravam de quatro a oito horas de fogo sustentado e contínuo. Este foi um claro afastamento da sua história de ataques suicidas, bombardeios e operações de guerrilha. Hezbollah optou por afastar-se das clássicas táticas de "hit-and-run" e das emboscadas em favor de envolver as Forças de Defesa de Israel em combates constantes de fogo direto". (Oliveir, 2010).

A saída inicial veio da experiência dos conflitos estudados antes de 2006, nos quais o poder aéreo e a artilharia resolveriam o problema. Contudo, os foguetes dos rebeldes não paravam de cair sobre as cidades israelenses, ou seja, o poder aéreo e a artilharia não poderiam resolver a questão isoladamente.

Foi necessária a entrada em força de tropas terrestres pelo território ao sul do rio Litani. As maiores dificuldades vieram da falta de coordenação entre fogo e manobra, uma vez que essa experiência havia sido esquecida nos anos de emprego em LIC. As tarefas de fixar o inimigo pelo fogo e manobrar sobre ele haviam se tornado, repentinamente complicadas para a IDF.

Oliver relata também que os cortes orçamentários fizeram com que as tripulações de blindados, após o momento em que se identificou a necessidade de um avanço com formações convencionais sobre o sul do Líbano, tivessem um rendimento baixo pela falta de treinamento individual e coletivo.

Se no campo tático houve uma surpresa desagradável para Israel, no campo das Operações de Informação a diferença de ótica entre a IDF e seu oponente foi ainda mais sensível. O Hezbollah virtualmente conseguiu reverter um cenário no qual ele era o "vilão", uma vez que quem iniciou as hostilidades foram

os libaneses por meio do lançamento do *Katiushas*, do assassinato de militares da IDF em serviço de patrulhamento em território judeu e da captura dos soldados israelenses. Mesmo com esse ponto ao seu favor no momento de convencer a opinião pública interna e externa sobre o caráter justo de sua intervenção, Israel acabou tendo que abandonar o Líbano após 43 dias de luta. Não se percebeu uma preocupação de atuar com Operações Psicológicas, com Comunicação Social e com Assuntos Cíveis.

Após 43 dias de embates, as IDF deixaram o Líbano sem que o objetivo de reduzir a capacidade do Hezbollah de atuar livremente fosse reduzida significativamente. Os soldados aprisionados não haviam sido localizados e a população libanesa estava amplamente voltada para apoiar o Hezbollah.

#### 2.2.4.2 Lições aprendidas e formulação de um novo paradigma

As falhas vistas pelas IDF no seu desempenho em 2006 foram rapidamente assimiladas para que a guerra assimétrica não se tornasse uma surpresa novamente.

Para Oliver "uma das mudanças das IDF incluiu um maior enfoque na formação de habilidades de combate convencionais e um retorno doutrinária a guerra de manobra" (Oliver, 2010). Esse entendimento, visto isoladamente, pode induzir ao raciocínio de que as IDF estariam voltando sua doutrina para os tempos de Guerra dos Seis Dias ou do Yom Kippur, nas quais as formações blindadas eram o fator decisivo. Todavia, visto como um todo o cenário de ameaças no entorno israelense, fica clara a tendência de se possuir uma força armada apta a lutar na verdadeira guerra assimétrica e híbrida. Pouco vale uma experiência exclusivamente contra insurrecional ou puramente convencional. É necessário saber lutar em qualquer cenário.

As mudanças que as IDF fizeram na formação de seus quadros e na sua doutrina ficaram evidentes em sua guerra de 2008, em Gaza, ainda que o Hamas não tivesse muito do treinamento, equipamento e capacidade de Hezbollah. Isso fez com que o Hezbollah se tornasse um padrão de inimigo híbrido para os planejamentos da defesa no presente momento.

A IDF também aumentou seu foco na guerra cibernética e buscou reduzir a ameaça tecnológica de seus inimigos, ponto claramente derivado da experiência



contra as novidades táticas implementadas pelo Hezbollah por meio do uso de armas anticarro modernas, emprego de snipers e a presença de armamento antiaéreo. A IDF tem aumentado a influência da unidade de informação que se concentra na guerra cibernética e está trabalhando para mitigar os efeitos da tecnologia "*off-the-shelf*"<sup>10</sup> oriunda dos adversários de Israel (Síria e Irã).

Os blindados mostraram-se valiosas armas para aumentar a capacidade de sobrevivência do homem no momento da transição de um combate aberto contra um oponente mais convencional para o momento que a luta entra em vilarejos e onde as táticas de guerrilha passam a ser a forma do oponente de oferecer a luta. Essa incapacidade de selecionar e impor sua vontade no campo de batalha quanto ao modelo de luta predominante demonstrou a necessidade de flexibilidade e elevado adestramento não só para as forças blindadas, mas também para a aviação de ataque e para a infantaria blindada.

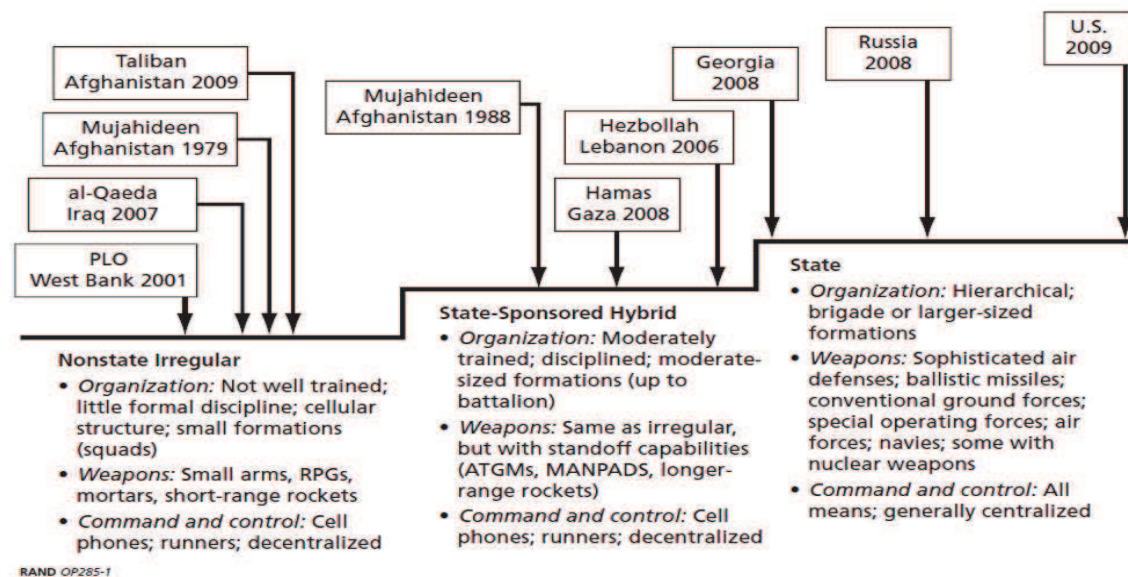
Contudo, percebe-se que aparentemente apenas no nível tático houve uma rápida assimilação do papel das IDF para vencer seu oponente mais sério, o Hezbollah. Não ficam tão evidentes quais foram as adequações fora do campo bélico para dotar o Estado de Israel de uma capacidade plena de conduzir operações psicológicas na população libanesa, conduzir operações de informação para quebrar a capacidade de comando e controle das lideranças do Hezbollah e para motivar a opinião pública mundial de que sua luta era a mais justa.

Figura 14 – Capacidades na Guerra Irregular

---

<sup>10</sup> Off-the-shelf : trata-se de uma tecnologia disponível no mercado, pronta para ser empregada pelo fornecimento de algum apoiador externo.

### Steps in Warfare and Capability



SOURCE: David Johnson, 2009.

Fonte: Rand Cooperation 2009

### 2.2.5 Conclusões parciais sobre os paradigmas contra insurrecionais

No que diz respeito as formas de combater uma insurgência, os modelos apresentados significam uma síntese de experiências recentes sobre como conduzir esse tipo de embate. David Kilcullen afirma que:

"Insurgências, como os tipos de câncer, existem em milhares de formas. Existem dezenas de técnicas para tratá-los, centenas de diferentes populações nas quais o câncer pode ocorrer e diversas escolas diferentes de pensamento afirmando a melhor forma de tratá-lo. A ideia de que existe a panaceia da única 'bala de prata' para a insurgência é tão irreal quanto a cura universal do câncer." (Kilcullen, 2010)

Dessa forma, não existe revelação doutrinária da contra insurgência que se mostre perene ou que seja passível de uso em todas as situações. Todavia, Galula, Trinquier e Petraeus conseguiram elaborar um arcabouço de ideias para orientar a luta de contra insurgência em cenários distintos e com meios variáveis. Por não firmar conceitos pontuais de atuação, aquele que desejar se valer dessas doutrinas terá uma direção geral bem determinada para, então, poder buscar adaptar os modelos para suas especificidades pontuais.

É patente também que as doutrinas surgiram após a experimentação francesa na Indochina e na Argélia (Galula) e nas recentes intervenções norte americanas no Iraque e no Afeganistão. O fato de terem sido montadas para lutar contra motivações insurgentes distintas (comunismo e nacionalismo na

experiência francesa e guerra religiosa e de expulsão de uma potência estrangeira no caso norte americano) e de que ambos chegaram em conclusões similares mostra que o fator motivação certamente alterará a forma de lutar do insurgente, mas poderá ter linhas similares no caso do contra insurgente. Quer dizer, o remédio universal citado por Kilcullen realmente não foi descoberto ainda, mas existem bons remédios que podem oferecer uma redução dos sintomas enquanto a causa maior deve ser pesquisada e até o momento que um medicamento específico seja manipulado para aquela mal específico.

Em verdade, o pensamento dos autores analisados tem grande similaridade. Todos buscam solucionar a causa da insurgência, e não apenas oferecer fórmulas de se matar insurgentes. O entendimento de que o problema é político e não somente militar oferece um enfoque diferente do que foi dado por vários governos ameaçados por rebeldes.

A atuação total do Estado contra o insurgente foi percebida por eles para se contrapor a ideia de que os militares é que tem que resolver o problema de insurgentes armados. Pelo entendimento das doutrinas estudados, o papel militar ainda é muito importante, mas está longe de ser exclusivo.

Ferramentas de aproximação com a população evoluíram muito, enquanto as técnicas de Mancha de Óleo não são tão diferente do *Hold, Clear and Build*. A evolução doutrinária sinaliza mais para proteger o povo do que perseguir guerrilheiros. Como os militares não podem proteger e conquistar a população com os seus meios, o Estado tem que assumir outras responsabilidades para diminuir a ameaça que o insurgente oferece à segurança nacional.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de Pesquisa**

Como metodologia de estudo foi adotada a abordagem qualitativa, que se enquadra com o propósito do estudo que é compreender o processo de evolução histórica da insurgência e da contra insurgência, mediante o estudo de casos e o levantamento de experiências vivenciadas por militares que tenham participado desse tipo de conflito armado.

O uso da metodologia citada permite, segundo Richardson (1999), descrever a complexidade de determinados problemas e possibilita dentre outros aspectos, compreender processos dinâmicos vividos por grupos sociais, além de favorecer o entendimento das peculiaridades do comportamento dos indivíduos.

Nesse sentido, acredita-se que foi possível levantar a evolução histórica desses fenômenos, assim como confrontá-los para a verificação de qual seria o resultado do confronto entre técnicas de ambos os lados. Tal perspectiva comunga com o pensamento de Minayo (1994) sobre a pesquisa qualitativa ao afirmar que “Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas sim, compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a continuidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetiva.”

### **3.2 Universo e Amostra**

Segundo Marconi; Lakatos (1996) e Levin (1985) o universo da pesquisa, é definido como o conjunto de indivíduos que partilham de, pelo menos, uma característica em comum. Para o estudo realizado, o universo é formado por militares da ativa e da reserva que tenham conhecimento do combate contra forças irregulares.

A amostra foi formada conforme sugere Levin (1985):

[...] posto que o pesquisador trabalha com tempo, energia e recursos econômicos limitados, raras vezes ele estuda individualmente todos os sujeitos da população na qual está interessado. Em lugar disso, o pesquisador estuda apenas uma amostra – que se constitui de um número menor de sujeitos tirados de uma determinada população. Através do processo de amostragem, o pesquisador busca generalizar (conclusões) de sua amostra para a população toda, da qual essa amostra foi extraída. (Levin, 1985)

Mattar (1996) e Bertholotto (2000) afirmam que a ideia básica da utilização de amostragem em pesquisas é que as coletas de dados de alguns elementos da população e a análise podem proporcionar informações relevantes a respeito de toda a população. Assim sendo, as pesquisas dependem fundamentalmente do processo de amostragem.

As amostras foram buscadas junto a oficiais de estado maior com conhecimento do combate contra forças irregulares e que tivesse participado direta ou indiretamente contra insurgentes durante a sua carreira. Elas foram selecionadas de modo não probabilístico e por julgamento, uma vez que existiam padrões de seleção dos entrevistados. Além disso, foi importante buscar variação no local onde o militar havia sido empregado em combate para evitar que houvesse alguma tendência única de um único episódio estudado.

Os colaboradores tinham a seguinte origem e experiência em atividades de contra insurgência:

Tabela 10 – Seleção dos colaboradores da pesquisa de campo

<b>Nr</b>	<b>País</b>	<b>Experiência em COIN</b>	<b>Grupo Insurgente contra o qual operou</b>
1	Brasil	Araguaia Início Década de 1970	FOGUERA
2	Brasil	Estudioso com notável saber.	-
3	EUA	Iraque e Afeganistão	Al Qaeda Iraque e Insurgentes Iraquianos
4	EUA	Afeganistão	Talibã e Al Qaeda
5	Peru	Luta contra guerrilha no Peru	Sendero Luminoso e Tupac Amaru
6	Peru	Luta contra guerrilha no Peru	Sendero Luminoso
7	Colômbia	Luta contra guerrilha na Colômbia	FARC
8	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	Talibã Paquistão
9	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
10	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
11	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
12	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
13	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
14	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
15	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
16	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
17	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
18	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
19	Paquistão	Luta contra guerrilha no Paquistão	
20	Espanha	Afeganistão	Al Qaeda e Talibã

Fonte: O autor

Devido ao elevado número de entrevistados paquistaneses, alguns dados obtidos podem ter influenciado numericamente a amostra. Todavia, devido ao fato de que as opiniões foram muito semelhantes às dos demais conflitos, esses dados vieram corroborar os juízos pessoais emitidos por outros militares.

### 3.3. Coleta de dados

De acordo com Minayo (1999), entende-se por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias.

O modelo de pesquisa empregado no trabalho em tela foi qualitativa, dentro da concepção filosófica pós positivista. Será também predominantemente descritiva e interpretativa.

O caráter qualitativo da pesquisa, no entender de Guba, mostra um caráter diferente da investigação acadêmica. Ela emprega diferentes concepções filosóficas, estratégias de investigação, métodos de coleta, análise e interpretação de dados.

Foi realizado o trabalho com foco inicial em ampla pesquisa bibliográfica. Conforme sugere Gil (1991) foi realizado um estudo descritivo que teve por objetivo primordial a descrição de características de determinado fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. No caso da pesquisa realizada, a ideia da central foi buscar os pontos chaves da doutrina e das ações de grupos irregulares em um passado delimitado temporalmente a partir da Revolução Russa de 1917.

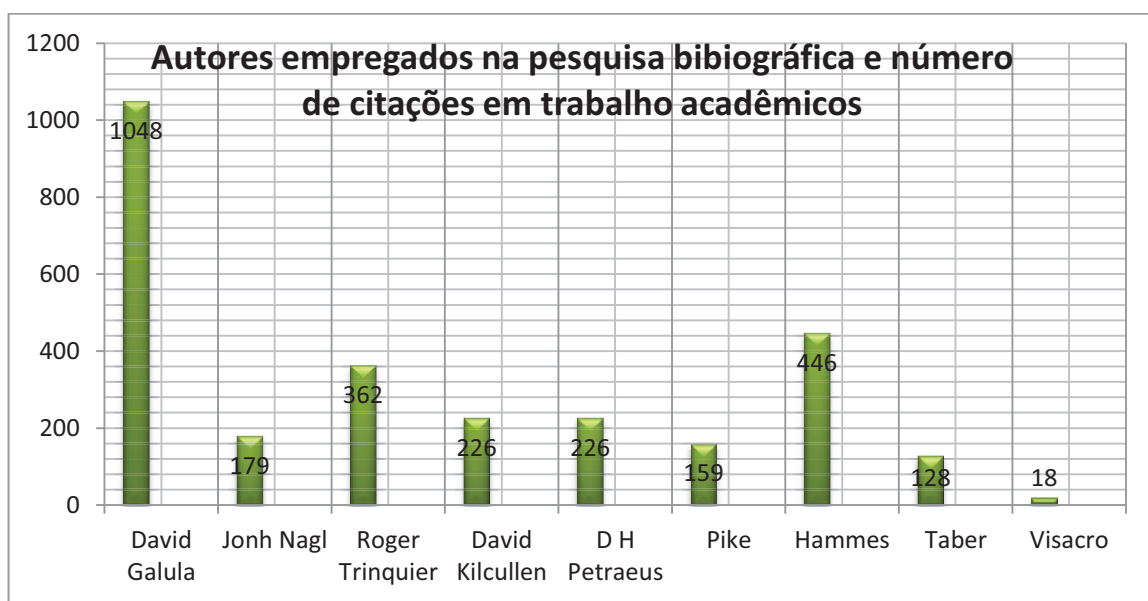
Essa seleção foi feita em função do autor ter identificado no episódio da Revolução Russa o histórico que ofereceu o primeiro corolário insurgente que foi bem sucedido em um evento de projeção global. A partir do modelo insurgente oferecido pelo leninismo, a revisão bibliográfica dos modelos insurgentes buscou selecionar as grandes correntes de pensamento que produziram eventos de sucesso em revoluções e rebeliões ou que apresentam inovações passíveis de ocorrência no futuro. Os demais modelos estudados foram o Maoísmo, o modelo insurgente do Hezbollah e o pensamento da Guerra sem Limites.

O mesmo foi feito no que diz respeito à contra insurgência. Foi iniciado o estudo no modelo contra insurgente de David Galula. Esse modelo foi selecionado como ponto de partida, pois foi feito com base em experiência do autor francês em duas campanhas contra revolucionárias distintas e contra dois inimigos com técnicas distintas. Ainda que houvesse modelos anteriores, inclusive de sucesso da COIN, o modelo de Galula é importante por sua originalidade, por sua percepção de valores políticos moldando a ação militar e por ter sido a base para outros estudos de contra insurgência em vários exércitos. Também foram

estudados os modelos de Roger Trinquier e o modelo contra insurrecional de David Patreaus.

No levantamento e a seleção da bibliografia foram buscados os principais autores com conhecimento no assunto em ementas de cursos de contra insurgência em universidade dos EUA e da Europa. Foi percebido que as principais obras não estavam disponíveis em língua portuguesa e que os autores com maior incidência de citações sobre o assunto eram de origem norte americana, francesa e britânica. Dentre esses autores se encontravam nomes que realizavam uma análise histórica dos movimentos insurgentes e da contra insurgência. Os autores cuja abordagem fosse histórica e que tivessem um elevado número de citações em obras acadêmicas foram selecionados para serem analisados no trabalho em tela.

Gráfico 4 – Número de citações em trabalhos acadêmicos dos autores pesquisados



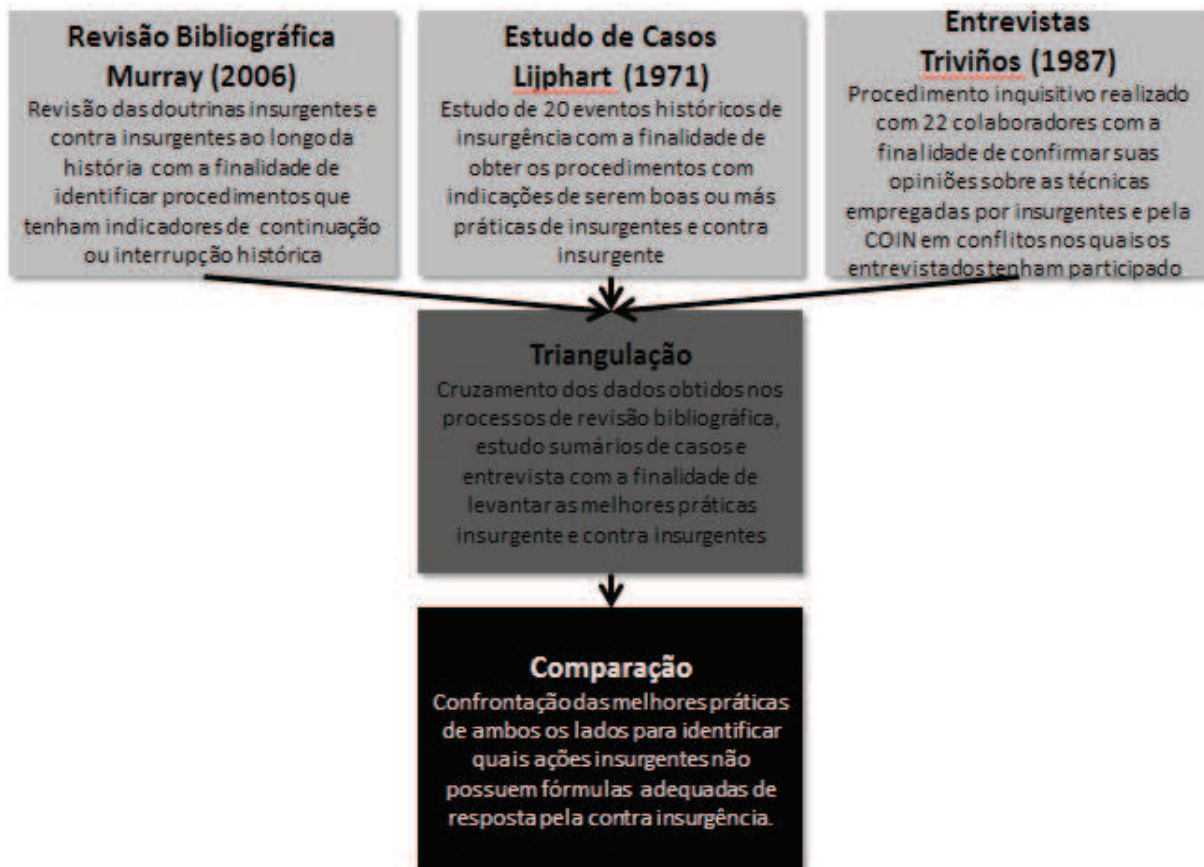
Fonte: O autor

### 3.4 Tratamento dos dados

Para atingir os objetivos propostos no trabalho, o autor projetou o seguinte fluxograma de ações para realizar o tratamento dos dados obtidos:

Figura 15 – Fluxograma de ações para tratamento dos dados





Fonte: O autor

A metodologia histórica para revisão bibliográfica dos modelos insurgentes e modelos contra insurgentes seguiu o entendimento de Williamsom Murray e Richard Sinnreich em sua obra “The Past as Prologue”. O trabalho seguiu a linha proposta pelos autores de que

”[...] através da história, líderes e instituições tem repetidamente manifestado uma ignorância quase completa sobre o passado. Um dos grandes mitos do século vinte é o de que os exércitos estudam apenas a sua última guerra e então atuam de maneira pobre na próxima” (Murray e Sinnreich, 2006).

Ainda no que diz respeito ao estudo das doutrinas insurgentes, é válida a constatação de que algumas verdades históricas podem ser questionadas quanto a sua aplicabilidade atual. Os processos de conduzir a luta, a forma como os objetivos de campanha foram traçados, a maneira que o oponente era encarado servem como estudo base para tentar verificar para onde caminham ambas as formas de atuação. Para os autores já citados,

[...] A história levanta mais questões do que suas respostas. Ela sugere possibilidades desagradáveis. Ela demole teorias preferidas. Ela frequentemente força líderes a reconhecer verdades não palatáveis. Ainda, ela também sugere possíveis caminhos para o futuro, não importa o quão



desconfortáveis sejam. Talvez mais importante, ela os compele a pensar desapassionadamente sobre oponentes potenciais, sua natureza, visão global, objetivos e opções.” (Murray e Sinnreich, 2006, p.4)

Dessa maneira, o estudo das doutrinas históricas de insurgência e contra insurgência buscou, segundo outra a observação dos autores, de que na história “o que é novo não é necessariamente interessante e o que é interessante não é necessariamente novo” (Murray e Sinnreich, 2006, p.3).

Assim, como fez Tucídides ao relatar os eventos da Guerra do Peloponeso, a história foi lida para que lições do passado fossem plenamente compreendidas e para que fossem entendidas em suas repetições vindouras.

Foi buscada uma referência histórica mais distante de como a insurgência e a contra insurgência tem evoluído as suas formas de atuação. Foram buscadas as ocorrências de repetições no uso de técnicas de combate, suas evoluções ou mesmo os processos que foram abandonados ao longo da história. Tudo isso com a intenção de verificar as linhas de continuidade histórica nesses processos de luta e de como lições do passado podem ser válidas para o presente e futuro.

Em uma segunda fase do trabalho foram selecionados vinte casos históricos para que sobre eles fosse feita uma análise sumária sobre as lições que insurgentes e contra insurgentes forneceram. A intenção da realização desse estudo foi analisar os casos históricos segundo a metodologia aplicada por John Keegan em sua obra “*A Face da Batalha*”, ou seja, realizando uma breve descrição do evento em estudo, após o que o autor selecionou frações menores que compuseram as ações no campo de batalha, como por exemplo, o enfrentamento entre os diversos sistemas operacionais envolvidos (manobra e apoio de fogo).

Na obra de Keegan foram apreciadas as Batalhas de Azincourt, de Waterloo e do Somme. Após isso o autor selecionou frações menores que compuseram o estudo, realizando análise desses componentes para observar seu efeito no somatório final da batalha. O somatório de efeitos foi visto como o produtor de um resultado macro, responsável direto pelo sucesso ou fracasso da tropa, indicando falhas em doutrina, organização, comando, logística ou outros fatores. Cabe destacar que o autor não se valeu de outras ferramentas que Keegan usa na obra mencionada. Seus estudos sobre o recrutamento, a origem

social das tropas e seu desempenho em batalha não serão objeto direto do presente trabalho.

De maneira semelhante, o autor do trabalho em tela selecionou vinte casos históricos de insurgências ocorridas a partir de meados do século XX. Os casos foram inicialmente descritos de maneira sumária e com foco no destaque de aspectos relevantes da atuação dos insurgentes e dos contra insurgentes. Para a redação desses casos buscou-se obras que retratassem os eventos estudados de maneira que fosse construída uma versão sintética do caso, sem a preocupação em descrever antecedentes históricos ou consequências daquele episódio. O alvo da descrição foi realmente assinalar técnicas e condutas traçadas por ambos os lados, no sentido de diagnosticar elementos portadores de eficácia e de ineficácia.

A seleção dos casos, que será mais bem explicada no capítulo correspondente, objetivou obter uma mescla de eventos que tenham ocorrido em locais e em circunstâncias distintas. Dessa maneira fatores diversos passaram a ter relevância nessa escolha.

Buscou-se que a localização espacial dos eventos não fosse recorrente, ou seja, foi relevante para o estudo que as insurgências tivessem ocorrido em ambientes fisiográficos distintos para não viciar um tipo de resposta.

Da mesma forma o período histórico do evento teve um padrão de seleção com conflitos espalhados tanto pelo período da Guerra Fria como após ela. Isso foi feito para que não houvesse uma indicação de motivação essencialmente calcada na disputa entre socialismo e capitalismo (caos do Brasil, Cuba e Nicarágua, por exemplo). Eventos com motivação de libertação nacional (Angola, Camboja e Indochina), com ideal religioso (Afeganistão) ou por questões étnicas (Kosovo) foram propositalmente selecionados.

Também foi relevante que houvesse uma distribuição equilibrada entre vitórias e derrotas de insurgentes para que fossem evitadas tendências nas respostas obtidas. Assim, foram selecionados dez casos de vitórias das COIN e dez casos de sucesso dos insurgentes em eventos de magnitude reconhecida e que apresentavam fatores relevantes para o estudo tais como a inserção de inovações em técnicas de luta.

O fato da magnitude dos eventos ser distinta não foi visto como limitador, uma vez que as ações realizadas por insurgentes e por tropas foram analisados

quanto a qualidade da ação, e não quanto à sua dimensão no espaço e em termos humanos.

O modelo de análise de casos históricos de Williamson Murray feito na obra *“Military Adaptation in War: With fear of change”* também foi referência para a metodologia empregada no trabalho. De acordo com Murray, por meio de estudos de caso históricos, é possível traçar linhas comuns que levem a compreender os sucessos e fracassos militares em episódios históricos.

Ainda segundo esse autor, a cultura dos tempos de paz é que irá ditar a adaptabilidade militar quando em conflito. Sua recomendação para os militares é construir uma forte cultura de ensino e da aprendizagem institucional. Isso inclui aplicar as lições aprendidas a partir de conflitos passados.

O autor, portanto, levantou quais eram as características da ação de insurgentes e contra insurgentes que haviam caracterizado “boas práticas” e “más praticas” de ambos os lados nos conflitos ocorridos. Isso significa que as boas práticas foram aquelas que estavam alinhadas com o sucesso de um dos lados e a más práticas foram aquelas alinhadas com indicadores de fracasso.

Após a separação dos fatores estudados, foi utilizada uma ferramenta de análise sumária dos casos utilizando a inferência descritiva com a construção de um diagrama causal. Foi válido na análise dos dados do diagrama casual o modelo de *“process tracing”*, no qual foram apontadas as variáveis mais importantes (modos de atuação dos insurgentes e dos contra insurgentes) e as mesmas variáveis para todos os casos.

De acordo com Arendt Lijphart (1971), a metodologia pautada no estudo de caso é importante porque, ao se focar em um único caso ou em poucos casos, permite que a pesquisa realizada se apresente de forma intensa e profunda no escrutínio de determinado assunto. Adicionalmente, estudos de caso podem fazer contribuições importantes para a construção e aprimoramento teórico, visto que determinados padrões podem ser inferidos pela utilização desse método.

A partir disso tanto Lijphart (1971) quanto Johnson & Joslyn (1991) definiram alguns tipos ideais de estudo de caso e o modo como eles podem contribuir para a construção do conhecimento científico. O modelo adotado neste estudo é o denominado *“comparative or multiple case study”*, que abrange casos

nos quais os fatores considerados importantes por uma determinada teoria são apresentados e analisados.

Nesse íterim, os estudos casos das insurgências ocorridas em vinte episódios distintos poderão gerar inferências sobre os padrões de similaridades e diferenças da insurgência e da contra insurgência na sua evolução temporal, visando compreender se existe uma linha de continuidade histórica desses fenômenos.

Os estudos de caso foram realizados segundo o modelo de *process tracing*, uma vez que tal método permite uma análise aprofundada da multicausalidade das variáveis no espectro dos fenômenos analisados. Nesse sentido, as variáveis levantadas pelo autor foram consideradas para o entendimento mais amplo da cena histórica que cada evento de insurgência ocorreu. As comparações entre os eventos foram conduzidas pelo ponto de vista do insurgente e do contra insurgente, buscando-se avaliar as condições que indicam boas práticas e más práticas nesse tipo de luta.

Foram usados indicadores objetivos para as boas e más práticas de cada lado analisado nos casos com valores binários de atuação do modelo “sim” ou “não” para cada aspecto observado, se ele foi empregado ou não pelos agentes nos conflitos. A intenção foi a de obter um dado numérico de repetições da variável ao longo dos conflitos.

Para a montagem do diagrama casual, foi feita a seleção de vinte casos a serem estudados. Dez dos casos deveriam contemplar vitórias da insurgência e os outros dez casos seria de vitórias de contra insurgências. Os parâmetros abaixo foram observados nessa seleção:

- Os casos deviam ser de fato comparáveis, mesmo com o viés de sucesso e fracasso dos contendores, uma vez que seria vital para a análise perceber se havia alinhamento entre procedimentos das forças nos casos para que fosse possível fazer um alinhamento quantitativo de boa ou má prática naquele quesito.

- Os movimentos deveriam ter desenvolvido pelo menos dois dos três braços da guerra irregular clássica, ou seja, a **Força de Sustentação** (braço clandestino que se envolve com ações que tenham por objetivo o apoio logístico, o apoio em informação e o apoio à fuga e evasão), a **Força Subterrânea** (braço clandestino e não ostensivo para realização de sabotagens, ações psicológicas

de fonte negra, terrorismo, subversão, grupos de eliminação de pessoal e agitação popular) e a **Força de Guerrilha** (braço armado ostensivo, responsável por ações em força com efetivos para militares).

- Foram selecionados movimentos ocorridos a partir do início da Guerra Fria. Tal fator de seleção se deve a possibilitar alcançar na história eventos de insurgências com motivações religiosas, separatistas, movimentos para expulsão de invasores externos e de movimentos de independência nacional. Com isso a gama de motivações pode englobar movimentos de matizes diversos para não viciar a análise em apenas alguns casos com origens ideológicas semelhantes.

- Todos os movimentos ocorreram com combates entre insurgentes e forças legais. Os grupos insurgentes deveriam ser compostos por organizações não estatais que adotassem a guerra irregular como opção para tomada violenta do poder, objetivando uma mudança radical na ordem vigente.

- Os conflitos deveriam ter duração superior a dois anos de combates entre as forças. Não foi relevante para esse estudo o número de baixas militares e civis no conflito, e sim o fato de que ocorreram ações de combate entre ambos dentro de uma normalidade jurídica de um governo estabelecido.

- Disponibilidade de fontes de consulta confiáveis e com diversidade de autores para evitar uma visão unilateral do conflito.

- Buscou-se, de início, a seleção de insurreições que já tivessem finalizado suas ações no tempo presente. Contudo, devido a dois eventos ainda em vigência e cuja carga de lições é extremamente relevante para o estudo em tela, foi permitida a seleção do caso da Insurgência da Insurgência do Talibã no Afeganistão.

Para o acompanhamento dos casos históricos, foi necessário estabelecer critérios para definir qual o resultado final do conflito. Os casos de vitória insurgente ficam claros quando ocorre a perda de poder pelo estado ou o conflito se encerra com grandes concessões por parte do estado para atender o pleito dos revoltosos. De outra forma, quando a ordem vigente é mantida, com um mínimo de concessões, é caracterizado o movimento como tendo vitória das forças de COIN.

De acordo com Douglas Dyon, da Universidade de Iowa:

“[...] Estudos de caso comparados frequentemente se baseiam em uma prática conhecida como seleção pela variável dependente. Esta técnica envolve a escolha de alguns fenômenos de interesse político, a coleta de dados sobre ocorrências do fenômeno e a definição de quais características aquelas ocorrências têm em comum”

“[...] Pretendo aqui oferecer uma defesa qualificada de análises de casos selecionados pela variável dependente. Como se sabe (ver, por exemplo, Most e Starr, 1982), selecionar pela variável dependente é perfeitamente admissível quando se está avaliando condições necessárias (em oposição a condições suficientes)”. (Dyon, 1998, p.8)

Por fim, foram realizadas vinte entrevistas com questões semi estruturadas com militares que participaram de combates contra forças irregulares e uma entrevista com militar de notório saber no assunto insurgência e contra insurgência.

Entrevista, segundo Selltiz et al (1987), "é bastante adequada para a obtenção de informações sobre o que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem, fazer, fazem ou fizeram, bem como sobre as suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes".

No contexto da entrevista semi estruturada, Triviños (1987, p. 146) indica que ela possui como característica a realização de questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos levantaram novas hipóteses de pesquisa a partir das respostas dos entrevistados. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (Triviños, 1987) Segundo outro estudioso do assunto, Manzini afirma que a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. (Manzini, 1990). Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Ao se referir aos tipos de perguntas na entrevista semi-estruturada, (Triviños, 1987) faz uma diferenciação embasada no tipo de vertente teórica:

fenomenológica ou histórico-estrutural (dialética). Para o trabalho realizado, se verifica o melhor alinhamento com o padrão dialético. Nessa linha histórico-cultural, as perguntas foram designadas como explicativas ou causais. O objetivo desse tipo de pergunta seria determinar razões imediatas ou mediatas do fenômeno da insurgência, sendo possível verificar o entendimento e o juízo de valor de um entrevistado sobre um fenômeno vivido por ele.

O tratamento dos dados foi realizado a partir de uma análise descritiva. Como afirma Yin (1989), a análise dos dados consiste na compreensão dos dados no sentido de validar ou refutar os objetivos iniciais do estudo. O tratamento foi feito em três fases: ordenação, classificação e análise propriamente dita.

Antes da realização das entrevistas propriamente ditas, foi realizado um pré-teste no intuito de diagnosticar falhas na estruturação das questões, adequação do vocabulário das questões, clareza dos questionamentos e tempo de realização médio do questionário. A entrevista original foi adequada para melhor conduzir as questões para os objetivos da pesquisa propostos. As adequações feitas foram as seguintes:

- Redução do número de questões
- Pareamento das questões sob a ótica insurgente imediatamente seguidas por questões da contra insurgência
- Substituição de palavras que deixavam dúvida quanto ao sentido da questão
- Uso de algumas questões com sentido repetido para forçar a identificação do fator buscado

As fases de ordenação e classificação buscaram permitir que os dados obtidos fossem orientados para a solução do problema estabelecido. Nesse ponto ocorreram, inclusive, percepções de falta suporte teórico para algumas assertivas, o que determinou nova coleta seletiva e pontual para sanar dúvidas. Esse foi o caso do número de doutrinas contra insurgentes levantadas para estudo inicialmente. Para que houvesse um estudo mais amplo e com maior variedade, foi necessário ampliar a busca prevista no projeto de pesquisa.

Os dados obtidos sobre os movimentos insurrecionais foram organizados para que se tivesse definidos: estruturação interna dos movimentos, métodos eficazes na atualidade, métodos em desuso, apoio externo, ações psicológicas,



recrutamento, ligação com a população, operações de informação, uso de violência extremada e comando e controle.

A interpretação, por sua vez, buscou um sentido mais amplo do que aquilo que os dados mostraram simplesmente. Conforme Gil (1991), esse tratamento pressupõe passar dos dados para a interpretação, procurando-se os mais amplos significados que os dados possam ter. De todas os vetores acima listados, foi feita a análise para observar as coincidências e principalmente as tendências dos movimentos insurrecionais e das contra insurgências.

### **3.5 Limitações do método**

Para alcançar o objetivo de verificar quais as ferramentas insurgentes são eficientes e que ainda não possuem uma resposta na doutrina contra insurgente, o autor empregou a metodologia acima descrita. Alguns óbices, no entanto, estiveram presentes ao longo do trabalho proposto:

- Dificuldade em obter informantes que expressem sua visão do ponto de vista insurgente. A pesquisa teve o ponto de vista essencialmente do contra-insurgente nos questionários.

- Real vontade dos entrevistados em prestar informações verdadeiras sobre os conflitos que vivenciaram. Houve a solicitação de que nomes não fossem empregados para não vincular os colaboradores com as ações desempenhadas por suas tropas.

- Fonte de dados é ampla, mas existem informações classificadas ou sigilosas a serem obtidas. Alguns dados sobre insurreição não puderam ser obtidos.

- O aproveitamento das experiências em conflitos recentes está condicionada a ambientes distintos, em épocas distintas e com atores distintos. O trato analítico teve em conta tais nuances para não provocar uma generalização que conduzirá a falhas conclusivas.

- As linhas de continuidade histórica apresentaram o que "pode" ocorrer, e não o que "vai" ocorrer.



#### **4 ESTUDO COMPARATIVO DE CASOS HISTÓRICOS DE INSURGÊNCIA**

Na presente seção foi realizada uma análise de diversas ocorrências de insurgência e revoluções após o início da Guerra Fria. A intenção dessa análise foi identificar quais aspectos pertinentes às doutrinas insurgentes e contra insurgentes são recorrentes ao longo da evolução histórica desse tipo de conflito.

Os princípios gerais vistos ao longo da revisão bibliográfica foram isolados de suas doutrinas e foram relacionados ao longo de matrizes de análise. A repetição vitoriosa de princípios aplicados ao combate no decorrer dos anos aponta a possibilidade de que tal aspecto ainda seja pertinente e atual, seja do lado legalista ou seja do lado rebelde.

Ainda que a variação temporal, geográfica e as condições de cada movimento sejam peculiares, é relevante perceber que alguns aspectos doutrinários são passíveis de aplicação ainda que existam diferenças estruturais.

#### 4.1 Seleção dos casos históricos para a análise comparativa

Para a montagem da matriz de análise foram selecionados vinte casos de ocorrência de combates envolvendo insurgências. Os casos selecionados seguiram os seguintes fatores:

- Os movimentos deveriam ter desenvolvido pelo menos dois dos três braços da guerra irregular clássica, ou seja, a **Força de Sustentação** (braço clandestino que se envolve com ações que tenham por objetivo o apoio logístico, o apoio em informação e o apoio à fuga e evasão), a **Força Subterrânea** (braço clandestino e não ostensivo para realização de sabotagens, ações psicológicas de fonte negra, terrorismo, subversão, grupos de eliminação de pessoal e agitação popular) e a **Força de Guerrilha** (braço armado ostensivo, responsável por ações em força com efetivos para militares).

- Foram selecionados movimentos ocorridos a partir do início da Guerra Fria. Tal fator de seleção se deve a possibilitar alcançar na história eventos de insurgências com motivações religiosas, separatistas, movimentos para expulsão de invasores externos e de movimentos de independência nacional. Com isso a gama de motivações pode englobar movimentos de matizes diversas para não viciar a análise em apenas alguns casos com origens ideológicas semelhantes.

- Todos os movimentos ocorreram com combates entre insurgentes e forças legais. Os grupos insurgentes deveriam ser compostos por organizações não estatais que adotassem a guerra irregular como opção para tomada violenta do poder, objetivando uma mudança radical na ordem vigente.

- Os conflitos deveriam ter duração superior a dois anos de combates entre as forças. Não foi relevante para esse estudo o número de baixas militares e civis

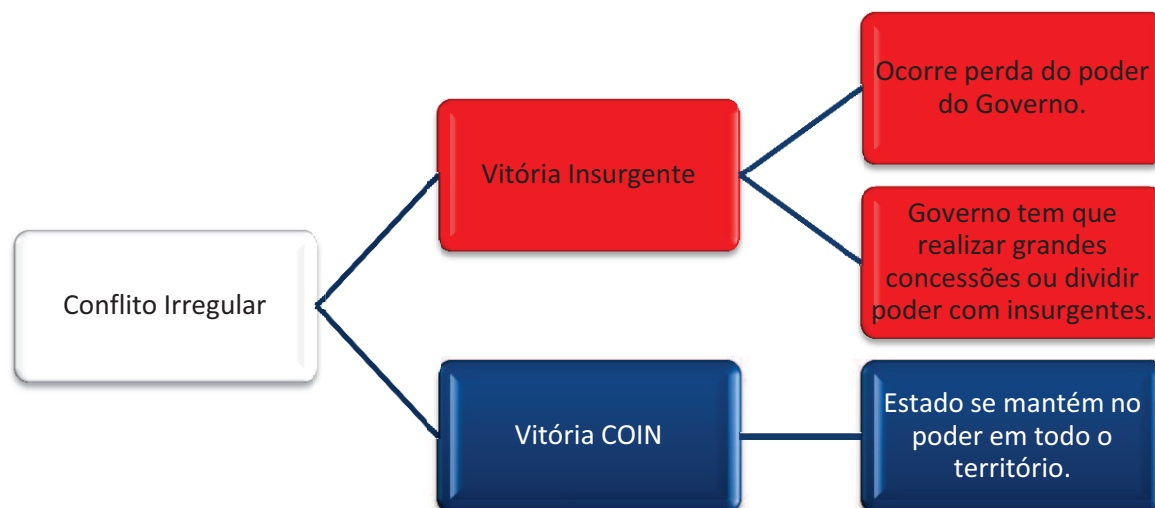
no conflito, e sim o fato de que ocorreram ações de combate entre ambos dentro de uma normalidade jurídica de um governo estabelecido.

- Disponibilidade de fontes de consulta confiáveis e com diversidade de autores para evitar uma visão unilateral do conflito.

- Buscou-se, de início, a seleção de insurreições que já tivessem finalizado suas ações no tempo presente. Contudo, devido a dois eventos ainda em vigência e cuja carga de lições é extremamente relevante para o estudo em tela, foi permitida a seleção do caso da Insurgência da Insurgência do Taliban no Afeganistão.

Para o acompanhamento dos casos históricos, foi necessário estabelecer critérios para definir qual o resultado final do conflito. Os casos de vitória insurgente ficam claros quando ocorre a perda de poder pelo estado ou o conflito se encerra com grandes concessões por parte do estado para atender o pleito dos revoltosos. De outra forma, quando a ordem vigente é mantida, com um mínimo de concessões, é caracterizado o movimento como tendo vitória das forças de COIN.

Figura 16 – Esquema para definição do resultado de conflitos de insurgência



Fonte: o autor

Dentro da seleção supramencionada, foram relacionados os seguintes casos históricos para análise:

Tabela 11 – Casos históricos selecionados para análise

Ocorrência do conflito	Período	Grupo Insurgente envolvido	Resultado final do conflito
Indochina	1946-1954	Vietminh	Vitória Insurgente
Cuba	1953-1959	Movimento 26 de Julho (M-26-J)	Vitória Insurgente

Angola	1961-1975	União dos Povos de Angola (UPA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional para Libertação Total de Angola (UNITA)	Vitória Insurgente
Filipinas	1949-1954	Hukbong Bayan Laban sa mga Hapon e Hukbong Mapagpalaya ng Bayan	Vitória COIN
Vietnã	1955-1975	Vietcong	Vitória Insurgente
Brasil	1967-1974	PC do B (FOGUERA)	Vitória COIN
Nicarágua	1978-1979	Frente Sandinista de libertação Nacional	Vitória Insurgente
Afeganistão	1978-1992	Combatentes Islâmicos (Mujahidin)	Vitória Insurgente
Camboja	1978-1992	Khmer Vermelho	Vitória Insurgente
Somália	1980-1991	Somalia National Movement (SNM)	Vitória Insurgente
Peru	1980-1992	Sendero Luminoso	Vitória COIN
Senegal	1982-2002	Movimento das Forças Democráticas de Casamance (MFDC)	Vitória COIN
Turquia	1984-1999	Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK)	Vitória COIN
Uganda	1986-2000	Alied Democratic Forces (ADF)	Vitória COIN
Serra Leoa	1991-2002	Revolutionary United Forces (RUF)	Vitória COIN
Argélia	1992-2004	Grupo Armado Islâmico (GAI)	Vitória COIN
Chechênia	1994-1996	Adeptos do movimento liderado por Dzhokhar Dudayev	Vitória Insurgente
Kosovo	1996-1999	Exército de Libertação do Kosovo (ELK)	Vitória Insurgente
República Democrática do Congo	1998-2003	Aliança das Forças Democráticas para Libertação do Congo-Zaire (AFDL)	Vitória Insurgente
Afeganistão	2003-	Taliban	Indefinido

Fonte: O autor

#### 4.2. Insurgência nas Filipinas - 1949 a 1954

Local: Filipinas

Duração do conflito: 6 anos

Grupo Rebelde envolvido: *Hukbong Bayan Laban sa mga Hapon* (Hukbalahaps ou apenas Huks) – Exército Nacional contra os Japoneses. Posteriormente (1950) o grupo mudou seu nome para *Hukbong Mapagpalaya ng Bayan* - Exército Popular de Libertação

Paradigma Insurrecional Ideológica da Força Irregular: Maoismo

## Paradigma Contra-Insurrecional: Mescla de ações militares e ação cívica estatal Resumo do Conflito: Vitória da COIN

Os Hukbalahaps haviam lutado intensamente durante a Segunda Guerra Mundial nas Filipinas contra a ocupação japonesa. Com a vitória aliada nesse conflito, os Huks continuaram possuindo liderança, armas e ideias para clamar por maior participação no novo governo nacional. Como força patriótica, os Huks haviam se acostumado a lutar *contra* algo, e não exatamente *por* algo. Assim, a maioria dos seus clamores junto ao novo governo era apenas mais um motivo para que a luta contra alguém prosseguisse. Todavia, a maior participação política em Manilla e um programa de reforma agrária eram as principais demandas do Huks para optar pela luta armada como forma de solução de conflitos.

Segundo Greenberg (1985) o início dos conflitos mostrou que a experiência de combate subversivo dos Huks foi muito válida para obter superioridade momentânea sobre as forças legais Filipinas. Isso conferiu aos rebeldes a posse dos territórios centrais de Luzon e de boa parte de Mindanao, regiões de grande importância para o governo filipino.

Os Huks possuíam em 1950 mais de 12 mil guerrilheiros em armas e contavam com forte apoio de quase um milhão de habitantes, o que lhes conferia forte base logística e de inteligência. Os demais habitantes das Filipinas, quando não apoiavam o movimento, eram passivos e raramente se posicionavam contra os insurgentes. É válido lembrar que esse país tinha nesse período uma população de dezessete milhões de habitantes e suas forças armadas tinham apenas 30 mil militares, mostrando um quadro grandemente desfavorável para a luta do governo contra os rebeldes.

As armas capturadas dos japoneses no final da 2ª Guerra Mundial somado ao armamento disponibilizado pelos norte-americanos para a luta desses rebeldes naquela guerra deu aos Huks farta disponibilidade de meios para prosseguir combatendo quase que independentemente de apoio externo.

De acordo com Greenberg (1985), os guerrilheiros montaram suas bases nas montanhas cobertas por vegetação de selva tropical e nas regiões das selvas pantanosas. Os soldados eram obrigados a atuar apenas nas cidades, onde eram hostilizados por uma população simpática aos guerrilheiros. Nas vilas do interior do país a rejeição às Forças Armadas era ainda maior. As ações no interior só aconteciam eventualmente e eram sempre feitas na forma de expedições punitivas, o que fazia com que a população tivesse ainda mais repúdio pelos soldados filipinos.

Algumas iniciativas, entretanto, não foram sensatas no sentido de obter popularidade entre a população filipina e a opinião pública internacional. Um exemplo foi o sequestro e assassinato de Aurora Quezon, viúva do ex-presidente filipino Manuel Quezon. Aurora era a representante da Cruz Vermelha Internacional nas Filipinas e foi alvo de uma ação dos Huks ao se deslocar para o interior o país. Sua morte pesou para que muito da simpatia dada aos Huks por sua luta fosse abalada.

Segundo Johnson (1993), para combater o avanço guerrilheiro, o governo filipino nomeou o ex-presidente Ramon Magsaysay para ser o novo Ministro da Defesa. Sua missão seria a de debelar o movimento rebelde. Com larga experiência política, Magsaysay entendeu que a solução da crise ia muito além do esforço militar. Buscou compreender as razões do movimento Huk e coordenou com o governo central o atendimento desses pleitos, ao mesmo tempo em que empregava suas tropas para obrigar os Huks a entender que a luta armada era inócua.

Uma das primeiras ações de novo ministro foi a de reorganizar os efetivos militares. Pequenas unidades foram montadas e enviadas para interior para agir muito mais como polícias locais do que como unidades militares propriamente ditas. Essas unidades deviam proteger os civis e isolar o livre acesso dos Huks nas pequenas vilas.

Ao mesmo tempo, as Forças Armadas foram empregadas como instrumentos de reforço ao poder público civil, na reconstrução de áreas atingidas por lutas, no apoio médico ao povo, na edificação de escolas, na reparação de estradas e de pontes.

O passo mais decisivo, no entender de Greenberg (1985), foi a oferta de um programa de desarmamento e perdão aos Huks. Aqueles rebeldes que entregassem as armas seriam perdoados pelos seus crimes e receberiam uma porção de terra do governo para morar. A entrega das armas era recompensada em quantias consideráveis de dinheiro, o que incentivou que muitos guerrilheiros entregassem seu armamento pelo dinheiro e pela terra. Assim, o desarmamento e a reforma agrária se uniram em um único momento. Essa proposta eliminava em grande parte a razão da luta dos insurgentes, o que esvaziou muito a sua causa.

Os Huks também não haviam sido bem sucedidos em levar a sua causa para as grandes áreas urbanas. No entender de Johnson (1993), estudantes, professores, operários e profissionais liberais não se sentiam tentados a entrar para as linhas rebeldes, pois o programa Huk era demasiadamente focado na reforma agrária. Essa era uma questão relevante para o público urbano, mas não o suficiente para que ele pegasse em armas para apoiar os rebeldes e sacrificar suas vidas por um ideal que não era o seu.

Os rebeldes não souberam desarticular a economia do país. As poucas ações de sabotagem não conseguiam romper a produção nacional e levar o confronto a uma situação insustentável para o governo. A produção rural chegava normalmente nas cidades e não havia interrupção do fluxo de alimentos.

Para apertar o cerco contra os rebeldes, o governo filipino lançou um plano de recompensas em dinheiro para informações sobre o paradeiro dos líderes Huks. Comish Jr (1971) cita que como fruto dessa iniciativa, os líderes rebeldes perderam em grande parte a liberdade de movimento em vilas e cidades, ficando reclusos em áreas remotas e sem poder ter acesso ao povo que os sustentava.

Em 1951 eleições livres foram convocadas e as tropas foram posicionadas para proteger a realização do pleito sem que houvesse ameaça ao povo. Provavelmente esse tenha sido o primeiro sufrágio realmente livre nas Filipinas e as pessoas se viram livres para votar naqueles candidatos que exprimissem o sentimento progressista do novo governo. Os Huks nesse momento eram mais vistos como “problemáticos” do que como donos de soluções.

Apesar do enorme avanço social, as forças rebeldes ainda não haviam sido vencidas definitivamente e ainda representavam uma ameaça, mesmo que enfraquecidas pela prisão do líder Huk, Luis Taroc, em 1954. A perda de poder de combate dos Huks vinha ocorrendo grandemente em virtude de deserções e não por causa de perdas em combate. Sua propaganda já não tinha nenhum efeito sobre as massas e os recrutas pararam de aparecer.

Dessa forma, sem uma derrota tática clara, os rebeldes tinham sido solapados estrategicamente por um bem conduzido processo de eliminação das razões da luta. A ajuda externa dada pelos norte-americanos para pagar os custos dos programas de pacificação e assentamento de rebeldes foi vital para o sucesso da luta.

#### **4.3 Guerra da Indochina (França x Vietminh) - 1946 a 1954**

Local: Indochina Francesa (Laos, Camboja e Vietnã)

Duração do conflito: 9 anos

Grupo Rebelde envolvido: Vietminh

Paradigma Insurrecional Ideológica da Força Irregular: Maoísmo adaptado pela doutrina de Giap

Paradigma Contra Insurrecional: Pensamento militar francês moldado no final do conflito para a doutrina do Gen De Lattre de Tassigny

Resultado Final: Vitória dos insurgentes do Vietminh

Resumo do conflito:

Segundo o relato de Pedroza (2011), em final de 1944, com a libertação da França e a queda do governo de Vichy, os japoneses, destituíram a administração colonial francesa, com a qual conviviam, desarmaram e aprisionaram as forças militares e policiais francesas. O líder comunista Ho Chi Minh aproveitando-se da nova situação e da debilidade das forças japonesas no país, assumiu o controle do norte do Vietnã e proclamou a independência, à frente de um Governo Popular Provisório respaldado pelo Vietminh, ou Liga para a Independência do Vietnã. Quando acabou a 2ª Guerra Mundial, o norte do país foi ocupado pelas forças nacionalistas chinesas de Chiang Kai-Chek, enquanto o sul ficou sob o controle das forças britânicas. Os vietnamitas mal haviam proclamado independência e já viam suas esperanças de autodeterminação ameaçadas. O poder do Governo Popular Provisório de Ho Chi Minh era apenas nominal. Havia disputas entre



facções e a administração pública estava em colapso. Com uma mescla de tropas inglesas, indianas, nacionalistas chineses, japonesas (derrotadas) e francesas, a paz local foi restabelecida sob o comando inglês.

Em princípios de outubro o General Leclerc desembarcou em Saigon com o Corpo Expedicionário Francês (CEF). Sua missão era reassumir o controle das colônias e obter a retirada dos britânicos e chineses. Unindo esforços aos britânicos, o CEF passou à ação. O Governo Popular foi desautorizado e o Vietminh expulso de Saigon. Ainda no relato de Pedroza (2011), a fim de obter a retirada do tradicional inimigo chinês do norte do país, Ho Chi Minh assinou em 1946, um acordo preliminar com um representante do governo francês. Por esse acordo o Governo Popular Provisório do Vietnã aceitava que um pequeno contingente francês fosse reintroduzido na região para, juntamente com tropas do Vietminh, substituírem o exército nacionalista chinês. A França, por sua vez, reconhecia a independência da República Democrática do Vietnã, como integrante de uma Federação Indochinesa, que faria parte da União Francesa. Após uma série de desentendimentos entre as autoridades francesas e o governo vietnamita, o Vietminh percebeu que não haveria como enfrentar militarmente o inimigo francês e foi feita a opção de que o exército Vietminh, contando com o apoio maciço da população, poderia liderar um levante geral e neutralizar as forças francesas no Tonquim.

A 19 de dezembro de 1946, Ho Chi Minh desencadeou a rebelião, dando início à Guerra da Indochina. As previsões do general Giap revelaram-se incorretas. Os franceses reagiram prontamente e esmagaram o levante em poucas horas. Em guerra aberta contra as tropas coloniais francesas e em evidente desvantagem militar, não restava alternativa a Giap senão abandonar as cidades e aldeias do Delta do Rio Vermelho e retirar-se para suas bases nas montanhas do Norte do país.

De acordo com o relato de Gras (1992), o fracasso da revolta de dezembro demonstrou a Ho Chi Minh e a Giap que a solução por um golpe de força estava descartada. Só restava o caminho da resistência prolongada, segundo o modelo proposto por Mao Tsé-tung. Seguindo o modelo maoísta, Giap previu o desenvolvimento da guerra em três fases: a defensiva, a do equilíbrio de forças e a da contra ofensiva. Procurou fixar uma orientação operacional a partir da



definição de formas de combate apropriadas ao país e às forças disponíveis. Para isso, apegou-se ao princípio que Mao chamou de “objetivo fundamental da guerra”: conservar as forças próprias e destruir as do inimigo.

Assim como Mao Tsé-tung, Giap preconizou o emprego de três formas de combate: guerra de guerrilha, guerra de movimento e guerra de posições. Divergindo de Mao, Giap propunha que, no início, a mais importante seria a guerra de guerrilha, que deveria dedicar-se ao combate de usura (desgaste) ou de aniquilamento segundo as circunstâncias. A guerra de movimento pode ser definida como um meio termo entre a luta de guerrilhas e a guerra convencional e seu aparecimento marcaria um novo período da resistência, mas não eliminaria a guerrilha. A guerra de movimento surgiria por evolução da guerrilha e com esta conviveria durante a segunda fase da guerra, exigindo grande esforço para a coordenação das duas formas de luta. Com o desenrolar da segunda fase, a guerra de movimento cresceria de importância, até assumir o lugar de relevo em relação à guerrilha. A preponderância da guerra de movimento assinalaria a terceira etapa da guerra prolongada, a fase da contra ofensiva. Nesse estágio, permaneceria a guerra de guerrilha e apareceria, eventualmente, a guerra de posições, ou seja, o ataque ou a defesa de posições organizadas ou fortificadas. Essa fase começaria com contra ofensivas localizadas e evoluiria até o momento de ser lançada a ofensiva final.

No campo político, os líderes do Vietminh deram grande atenção à mobilização interna, fazendo da guerra de libertação contra o domínio francês uma guerra do povo. A obtenção de legitimidade internacional foi perseguida pela propaganda e pelos laços de solidariedade ideológica que uniam os comunistas vietnamitas a líderes políticos de esquerda em todo o mundo, inclusive na França.

Segundo Gras (1992), o programa de guerrilha e a mobilização política das massas obtiveram grande sucesso no norte do país, em parte pela proximidade das bases Vietminh, mas também pelo fato das populações do Tonquim e do Norte do Anam serem mais politizadas. O processo de gradual perda do controle sobre situação foi chamado, pelos franceses, *pourrissent* (apodrecimento), e seus resultados causaram tal impressão que, em fins de 1950, o alto comando planejava recuar o CEF para o sul do Paralelo 17, onde a população, se não era

cordialmente pró-francesa, pelo menos não fora totalmente subvertida pelo “Vietminh”.

Tanham (1967) afirma que, apesar de sua grande debilidade militar inicial, o Vietminh conduziu uma série de campanhas militares a partir de meados de 1950 e, embora com resultados variados, suas forças foram progressivamente aumentando a capacidade militar e a liberdade de ação no nível operacional. Entre setembro e outubro de 1950, o Vietminh desencadeou uma série de ataques a guarnições ao longo da rodovia colonial 4 (RC-4), no norte do Tonquim. Após perderem a fortaleza de Dong Khe e a guarnição de Cao Bang, os franceses, evacuaram That Khe e a guarnição de Lang Son, abandonando, aos vietnamitas, munição de artilharia suficiente para dois anos de luta. Giap obtivera uma vitória esmagadora. A questão do suprimento para as forças insurgentes se tornava mais simples com todo o material capturado.

Essa primeira vitória seria um marco. A partir daí o Vietminh assumiria a iniciativa das ações, deixando os franceses em uma situação de passividade e defensiva. Na tentativa de reverter essa situação, o governo francês exonerou o General Carpentier do cargo de comandante-em-chefe francês na Indochina e nomeou, em seu lugar, o General Jean de Lattre de Tassigny, um competente chefe militar. De Lattre levou para a Indochina uma excepcional equipe de oficiais de estado-maior, entre eles o General André Beaufre. Sua primeira providência foi isolar o Delta do Rio Vermelho com uma série de redutos fortificados de concreto, que ficou conhecida como Linha de Lattre.

Animado pelo sucesso das operações na RC-4 e fortalecido pela ajuda militar chinesa, Giap avaliou que seria hora de partir para a ofensiva geral. Durante o primeiro semestre de 1951, lançou sucessivamente três ofensivas em grande escala contra a Linha de Lattre. O resultado foi desastroso para o Vietminh, com um enorme número de baixas. Em novembro daquele ano, animado com os sucessos obtidos, De Lattre decidiu passar à ofensiva, conquistando a aldeia de Hoa Binh, localizada a oeste do Delta. Após sucessivos ataques do Vietminh que isolaram as forças francesas, a aldeia foi abandonada em fevereiro de 1952, com pesadas perdas francesas. Nessa altura, tomado por um câncer, o Gen De Lattre havia regressado à França, onde veio a falecer.

No relato de Tanham (1967), após os reveses sofridos em 1951, Giap percebeu que ainda não havia chegado a hora da ofensiva final. Decidiu então adotar uma estratégia mais indireta, atacando posições francesas fora do Delta do Rio Vermelho e forçando o inimigo a dispersar suas forças. A reação francesa se tornava mais dura, ocasionando grande número de ações violentas contra populações rurais suspeitas. Nas cidades, prisões eram feitas sem investigações e isso afastou o pequeno apoio que os europeus tinham da população do Vietnã. A força guerrilheira, por outro lado, tratava bem a população e lhe apoiava sempre que possível. Em troca, recebiam alimentos e informações preciosas, ao mesmo tempo em que dados eram negados aos invasores franceses. Foi feito um longo trabalho de doutrinação no povo, que teve seu pleito de melhores condições de vida tornado em pensamento comunista pela propaganda do Vietminh, e isso foi um feito admirável.

Na primavera de 1953, Giap ampliou seu raio de ação, penetrando em território do Laos com três divisões na primeira quinzena de abril. Apressadamente, os franceses deslocaram, por via aérea, grande número de tropas. As vanguardas Vietminhs chegaram a menos de 20 km de Luang Prabang, mas Giap decidiu retroceder, pois não estava disposto a travar combate em situação desvantajosa.

Preocupado em impedir uma iminente invasão vietminh no Laos, o General Navarre, novo comandante-chefe das forças francesas na Indochina, decidiu bloquear a principal via de acesso entre a região Thai vietnamita e o norte do Laos, instalando uma base de operações aeroterrestre a cavaleiro da rota mais provável. O local escolhido foi a aldeia de Dien Bien Phu, localizada no principal vale a oeste do Tonquim, caminho natural para o Laos. Um fator decisivo para a escolha de Dien Bien Phu foi o campo de pouso lá existente, que permitiria, na visão de Navarre, manter indefinidamente uma linha de suprimento e evacuação aérea.

Dien Bien Phu foi ocupada no dia 20 de novembro de 1953, com o lançamento de três batalhões paraquedistas. Nos dias subsequentes chegaram mais três batalhões paraquedistas e iniciaram-se os preparativos para a defesa da posição com a construção de abrigos subterrâneos, trincheiras, redes de arames e espaldões.

Após considerar aspectos militares e políticos, como a proximidade de uma conferência em Genebra para tratar do problema da Indochina, e o interesse em levar para a mesa de negociação um quadro militar desfavorável à França, a liderança Vietminh decidiu atacar o campo fortificado francês. Como medida preliminar, entretanto, desencadeou uma série de operações divisionárias contra o médio do Laos, a Cordilheira Anamita e o Norte do Laos, obrigando os franceses a dispersar suas forças. Assim, por um paradoxo aparente, a verdadeira concentração foi produto da dispersão. O ataque ao campo fortificado iniciou-se a 13 de março de 1954. Aos poucos, as posições francesas foram sendo tomadas uma a uma. No final de abril, o perímetro estava reduzido a uns poucos pontos-fortes em torno do Posto de Comando.

Às vésperas do início das discussões sobre a situação da Indochina em Genebra, Giap decidiu lançar o assalto final. Na noite de 6 para 7 de maio, duas divisões de infantaria, precedidas por pesado fogo de artilharia, investiram contra as últimas posições francesas. Naquela tarde os franceses cessaram a resistência. A vitória de Dien Bien Phu não significava para o Vietminh a eliminação do poder militar francês no Vietnã. O CEF perdeu apenas cerca de seis por cento do total de suas forças. Contudo, quando se iniciavam as negociações em Genebra o prestígio político da França estava arruinado.

A guerra havia terminado e o Vietminh obteve sua vitória contra os franceses

#### **4.4 Revolução Cubana - 1953 - 1959**

Local: Cuba

Duração do Conflito: 6 anos

Grupo rebelde envolvido: Movimento 26 de Julho (M-26-J)

Paradigma Insurrecional: Foquismo

Paradigma Contra Insurrecional: Aplicação de poder de combate convencional sem orientação específica para atuar como força COIN

Resultado Final: Vitória dos Insurgentes do M-26-J

Resumo do Conflito

De acordo com o relato de Sader (1992), Cuba e Porto Rico eram, em 1898, as últimas colônias espanholas no continente americano. Naquele ano, derrotada em uma guerra de seis meses, a Espanha cedeu as duas ilhas aos Estados Unidos. Estes retiveram Porto Rico em seu poder e concederam a independência política a Cuba, naturalmente protegendo os interesses norte-americanos no país, dentro da célebre Big Stick Policy Cuba permaneceu sob ocupação militar dos Estados Unidos até maio de 1902, quando entrou em vigor a Constituição Cubana.

Cuba fora uma colônia agrícola, centrada na exportação de açúcar e tabaco. Após a independência, a aristocracia fundiária local continuou a se dedicar à lavoura canavieira e de tabaco. Devido à grande concentração de renda e ao fluxo de lucros para o exterior, a imensa maioria dos cubanos continuou a viver na pobreza e mesmo na miséria, no caso dos trabalhadores rurais.

Em 1929, o então presidente cubano, general Gerardo Machado, reelegeu-se fraudulentamente e implantou uma ditadura, derrubada em 1933 por uma revolta de estudantes respaldada por soldados rebelados. O líder militar do movimento foi o então Sargento Fulgencio Batista, que foi promovido e nomeado comandante do exército cubano. Batista tornou-se o homem forte de Cuba até 1959, governando por meio de títeres ou ocupando pessoalmente a Presidência da República. Durante esse longo período, a violência contra os opositores e a corrupção político-administrativa atingiram níveis inéditos no país.

Em 26 de julho de 1953, um grupo de pouco mais de cem opositores ao regime de Batista, pertencentes à classe média e liderados pelo jovem advogado Fidel Castro, atacou o Quartel de Moncada, a segunda maior base militar da ilha. Derrotados, os sobreviventes da incursão foram presos e torturados; após dois anos, porém, ditador libertou-os. Fidel e seus companheiros exilaram-se no México, onde travaram contato com militantes comunistas de diversos países que lá viviam entre eles, "Che" Guevara, que teve grande influência sobre o liberal Fidel na sua conversão para o marxismo.

Na Cidade do México nasceu o Movimento 26 de Julho, cujo propósito era derrubar Batista e redemocratizar Cuba. Depois de treinarem táticas de guerrilha e havendo obtido alguns financiamentos, 82 militantes embarcaram no iate Granma rumo a Cuba. Surpreendidos ao desembarcar por forças governistas,

somente 17 deles conseguiram chegar nas selvas de Sierra Maestra, no leste da ilha. De lá, começaram a hostilizar as tropas de Fulgencio Batista.

Segundo Visacro (2009) o ideal insurgente de Fidel foi o de criar um núcleo militar forte que seria empregado na luta contra o governo. A eles caberia a orientação política do partido e com eles estaria a responsabilidade de conquistar o apoio da população rural. Devido à miséria vivida pela população rural, ela foi selecionada como centro de gravidade do M-26-J. A população seria o alvo da atenção dos guerrilheiros para que ela pudesse simpatizar com a causa rebelde e passar a dar apoio aos membros do M-26-J. A Sierra Maestra com sua população rural abandonada pelo governo funcionou como santuário de onde provinham alimentos, recrutas e área de homizio.

A tropa governamental se mostrou desmotivada e despreparada para a luta, sofrendo sucessivas derrotas nas pequenas ações que o M-26-J realiza de forma furtiva. A iniciativa e a surpresa eram condições básicas para os homens de Fidel entrarem em combate. Sem isso, a luta era evitada e os guerrilheiros rompiam o contato. Pequenos postos isolados foram assaltados, com o intuito de obter armas, ampliar a sensação de insegurança e reduzir o moral dos seguidores de Batista.

Segundo Sader (1992), na proporção que mais recrutas eram obtidos, o foco inicial da guerrilha era ampliado e novas colunas de guerrilha eram estabelecidas. Evitava-se o agrupamento de grandes forças, que se tornariam mais lentas, mais facilmente detectáveis e se tornariam alvos fáceis para o inimigo que possuía mobilidade, apoio de fogo e aviação de combate.

A área de operações que se restringia a Sierra Maestra foi ampliada e as colunas puderam operar em áreas mais amplas, principalmente no intuito de recrutar mais guerrilheiros e ampliar a base popular do movimento. Também foi iniciada a subversão urbana liderada por Frank País, cuja tarefa era a de obter recursos e recrutas nas cidades.

Em 1957 as ações terroristas, as sabotagens e assassinatos seletivos eram feitos pelo M-26-J e outros grupo sem áreas urbanas. Visacro (2009) afirma que foi tentada a mobilização das massas com uma greve geral, mas a apatia popular só contribuiu para que os integrantes das forças subterrâneas e de sustentação fossem capturados ou mortos. Com isso, Fidel passou a ter a

hegemonia na direção do movimento e a ação, que mais tarde receberia o nome de "Foquista", foi aceita como mais apta para ser bem sucedida.

Para Ayerbe (2004), aos poucos foi ampliado o apoio recebido com a chegada de suprimento, armas e mesmo respaldo político vindo do exterior. Não logrando debelar o reduto da Sierra Maestra, Batista desencadeou uma perseguição cada vez mais dura e violenta contra seus opositores e contra a própria população.

A brutalidade de seus métodos produziu dois resultados negativos: os Estados Unidos retiraram o apoio a Batista, e frações da burguesia cubana, com tendências liberais e nacionalistas, passaram a estabelecer contato com os rebeldes de Sierra Maestra. A corrupção do exército e dos dirigentes era elevada e isso irritava profundamente a população. Em 1958, foi criada a Frente Cívico-Revolucionária Democrática, que unia as forças populares e a burguesia mais progressista na luta armada contra Batista.

As tropas de Batista fizeram um grande esforço em 1958 contra o reduto da Sierra Maestra. Onze mil homens foram empregados para vencer os rebeldes. No entanto, a falta de uma doutrina de emprego, a desmotivação da tropa e a sua corrupção (planos de ação foram vendidos por oficiais para os insurgentes) acabaram por tornar inócua tal ação. Destaca-se que nesse período, Fidel afirmou possuir apenas mil e quinhentos homens na luta, o que foi suficiente para debandar um inimigo numericamente muito maior.

Derrotado em sucessivos combates contra os revolucionários, o exército de Batista democratizou-se. Assim, nos últimos meses de 1958, as colunas de guerrilheiros começaram a convergir em direção a Havana. Nesse momento, vários setores da população se rebelaram e passaram a apoiar a luta com participação inclusive em combates independentes da direção guerrilheira, espalhando o caos pelo país.

Vendo o momento favorável, Fidel lançou as colunas de Guevara e de Camilo Cienfuegos para avançar e conquistar cidades importantes. Não havia mais como interromper a fluxo vitorioso da guerrilha foquista.

No dia 31 de dezembro, Batista fugiu do país, indo para os Estados Unidos. Em 1º de janeiro de 1959, Fidel Castro entrou festivamente na capital, tendo ao



seu lado os colaboradores principais: Raúl Castro, "Che" Guevara e Camilo Cienfuegos.

O governo revolucionário foi organizado com um representante da burguesia, Manuel Urrutia, na Presidência da República; mas o poder de fato ficou nas mãos de Fidel, que se tornou primeiro-ministro. Foi posto em prática um amplo programa de reformas econômicas e sociais: implantação de uma reforma agrária, com liquidação dos latifúndios; nacionalização das grandes empresas estrangeiras e reformulação da política educacional e de saúde, de forma a beneficiar as camadas pobres.

Paralelamente, elementos ligados ao regime de Batista ou apenas opositores do novo governo foram fuzilados. Assustada, a burguesia rompeu com os revolucionários e emigrou em massa para os Estados Unidos. O presidente Urrutia foi substituído por Osvaldo Dosticós, mais afinado com Fidel. Mas este, em 1963, acabou assumindo a Presidência da República quando o cargo de primeiro-ministro foi extinto (Guerra na Paz, 1984, 393)

#### **4.5 Movimento de Independência de Angola - 1961 - 1975**

Local: Angola

Duração do Conflito: 13 anos

Grupo rebelde envolvido: Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional para Libertação Total de Angola (UNITA),

Paradigma Insurrecional: Marxismo (MPLA)

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina portuguesa mesclada de ensinamentos do Vietnã e da Malásia.

Resultado Final: Vitória das Forças rebeldes para a independência de Angola

Resumo do Conflito

A partir do final da década de 40, surgiram no norte de Angola vários movimentos com o objetivo comum de se oporem ao sistema colonial. Tiveram, de início, características messiânicas e base tribal.

Angola foi a primeira das colônias portuguesas na África a experimentar uma insurgência. De acordo com Bender (1980), no ano de 1961, alguns angolanos se rebelaram contra o plantio forçado de algodão no planalto central



daquele país. Houve grande destruição de instalações e plantações pelos revoltosos, ocasionando violenta represália portuguesa.

Motivados pela causa, integrantes do recém-formado MPLA atacaram presídios e quartéis em 1961, na tentativa de mobilizar o povo. Novamente os portugueses reagiram de forma violenta, causando baixas civis elevadas.

A revolta no Congo Belga serviu de modelo para outro grupo, a União das populações de Angola (UPA), se rebelar no norte de Angola. Tal grupo tinha na etnia bakongo o seu núcleo, e suas atitudes eram fortemente raciais. Ocorreram ataques da UPA contra brancos e negros assimilados, chegando inclusive a atacar integrantes da MPLA (cuja luta era contra o racismo em Angola).

Para Bender (1980), os portugueses não esperavam a revolta dos bakongos e não puderam reagir rapidamente. Os brancos e negros que foram atacados reagiram com suas forças e isso ocasionou um banho de sangue no norte de Angola. Os bakongos tiveram que fugir para a selva ou seguir para o Congo.

Nessa época, Jonas Savimbi saiu da UPA e formou a UNITA com tribos do sul de Angola. Os demais integrantes da UPA migraram para uma nova organização, a FNLA. Tal grupo recebeu o apoio velado do Zaire para suas ações.

O MPLA obteve apoio da Zâmbia, cuja independência tinha ocorrido recentemente. Possuíam bases naquele país e podiam ultrapassar a fronteira para ficarem a salvo das represálias portuguesas. Vários guerrilheiros do MPLA haviam sido treinados na Argélia, Bulgária, Tchecoslováquia e União Soviética.

A UNITA, ainda pequena no início dos anos 70, operou quase sempre em solo angolano, tendo perdido o apoio da Zâmbia como represália por ataques feitos pelos guerrilheiros contra as estradas de ferro de Benguela, no oeste angolano. Tais ferrovias eram importantes tanto para a Zâmbia como para Angola. A UNITA tinha orientação doutrinária inicial chinesa.

De acordo com Adib (1984), os portugueses reagiram aos movimentos, aumentando seus efetivos de 3 mil para 60 mil entre 1961 e 1970. As tropas portuguesas tinham quase 35% de soldados negros, o que mostra o caráter de integração que se buscou com o elemento nativo para vencer a insurgência. Todavia a tarefa era difícil, pois o país era muito grande (mais de 1,2 milhões de

quilômetros quadrados), ainda que fracamente povoado (população com pouco mais de 6 milhões de habitantes). As dificuldades na COIN vieram desse amplo território a ser controlado, fronteiras muito grandes que limitavam a capacidade de romper o apoio externo e o largo emprego de minas terrestres feitas pelos rebeldes (50% das baixas portuguesas). Contudo, o emprego de aeronaves leves de ataque (aviões e helicópteros), o uso de unidades de elite tipo "comandos", o emprego de mercenários sul-africanos e do Zaire e o emprego de esparsamento populacional compulsório (conforme modelo inglês da malásia de aldeias estratégicas) deram superioridade para os europeus.

Adib (1984) cita que foi empregado o sistema de "reordenamento" pelo qual as forças portuguesas tentaram redistribuir a população, construir estradas, melhorar as condições de vida de maneira geral da população, mas os recursos foram mal distribuídos, com prioridade para ações que o povo não deseja. Os efeitos táticos foram positivos e importantes. A guerrilha ficou na maior parte do tempo longe dos centros populacionais e das áreas produtoras, tendo menos de 2% de áreas liberadas em 1974.

Contudo, problemas internos em Portugal fizeram com que a opção pela retirada da colônia fosse antecipada. Adib (1984) cita a queda do governo de Salazar fez com que o novo governo não aceitasse o prolongamento da luta que custava tão caro para o seu país. Ficou acertado para 1975 a saída das tropas portuguesas do país.

Mesmo com a saída portuguesa, não houve acordo entre os grupos revoltosos para dividir o poder. Para Bender (1980), os colonizadores anteciparam o processo de independência e o país entrou em ebulição. A partir de então ocorreram diversas intervenções externas. A África do Sul ocupou Angola com 12.000 homens. Os EUA enviaram apoio financeiro superior a 50 milhões de dólares para a UNITA e para o FNLA, mercenários foram contratados pelos EUA para operarem em favor dos anticomunistas e aeronaves militares operavam a partir do Zaire. Contudo, o congresso norte americano vetou o prosseguimento na luta e o apoio foi retirado. Os sul africanos, sentindo isolados, também saíram do país e o MPLA conseguiu obter vitórias importantes. O apoio ao MPLA vinha de Cuba e da URSS. Cuba chegou a enviar um corpo expedicionário para lutar em

favor dos comunistas, que acabaram obtendo a vitória e o reconhecimento da maioria das nações africanas.

#### **4.6 Guerra do Vietnã (EUA x Vietcong) - 1964 - 1975**

Local: Vietnã do Sul e Vietnã do Norte

Duração do Conflito: 11 anos

Grupo rebelde envolvido: Vietcong

Paradigma Insurrecional: Moaismo adaptado por Giap para a realidade vietnamita

Paradigma Contra Insurrecional: Variações da doutrina norte americana de COIN nas décadas de 60 e 70

Resultado do Conflito: Vitória dos Insurgentes

Resumo do Conflito

Raízes da Guerra do Vietnã

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão invadiu e ocupou o Vietnã, que nesse período estava sob administração francesa que vinha desde o final do século 19. Com motivação ideológica do comunismo chinês e soviético, Ho Chi Minh formou o Viet Minh, ou a Liga para a Independência do Vietnã, para combater tanto o Japão como a administração colonial francesa.

O Japão retirou suas forças em 1945, deixando o imperador educado na França Bao Dai no controle de um Vietnã independente. As forças do Viet Minh se levantaram nesse momento e declararam a República Democrática do Vietnã (DRV), com Ho Chi Minh como presidente.

Adib (1984) afirma que a França, ao buscar retomar o controle da região, apoiou Bao Dai a configurar o Estado do Vietnã, em julho de 1949, com Saigon como sua capital. O conflito armado continuou até uma batalha decisiva em Dien Bien Phu em maio 1954, que terminou com a derrota francesa para o Viet Minh forças.

As negociações de tratados posteriores em Genebra dividiram o Vietnã ao longo do paralelo 17 (com Ho Chi Minh no controle no Vietnã do Norte e Bao Daí no Vietnã do Sul). Foram convocadas eleições em todo o país para o reagrupamento do país a ser realizada em 1956. Em 1955, no entanto, Ngo Dinh Diem deu um golpe de estado e retirou Bao Daí do governo. Dinh Dien se tornou presidente da República do Vietnã.

Com a intensificação da Guerra Fria, os Estados Unidos endureceram as suas políticas contra os aliados da União Soviética, e em 1955 o presidente Dwight D. Eisenhower havia prometido o seu apoio firme para Diem caso houvesse ameaça clara dos comunistas ao seu território.

Pike (1966) cita que com treinamento e equipamentos militares americanos, as forças de segurança do Diem reprimiram simpatizantes do Viet Minh no sul. Nessa época esses simpatizantes do Viet Minh passaram a ser denominados de Viet Cong. Essas ações do governo de Dinh Dien ocasionam a prisão de quase cem mil pessoas, muitas das quais foram torturadas e executadas.

Em 1957, o Viet Cong e outros opositores do regime repressivo de Diem começaram a atacar funcionários do governo e outros alvos, e em 1959 eles começaram a se engajar forças sul-vietnamitas do Exército em tiroteios.

Em dezembro de 1960, os oponentes de Diem no Vietnã do Sul formaram a Frente de Libertação Nacional para organizar a resistência ao regime. Embora essa frente rebelde alegasse ser autônoma e que a maioria dos seus membros eram não-comunista, ficou claro que se tratava de um movimento patrocinado por Hanói.

A equipe enviada pelo presidente John F. Kennedy em 1961, para verificar a necessidade de intervenção no conflito, concluiu que deveriam ser enviados mais militares americanos e mais ajuda econômica e técnica para diminuir a ameaça Viet Cong.

Kennedy ampliou a participação americana no conflito em face da "teoria do dominó", pela qual se acreditava que a queda de um país do sudeste asiático implicaria a queda dos demais perante o comunismo. Em 1962, a presença militar dos EUA no Vietnã do Sul havia atingido cerca de 9.000 soldados, em comparação com menos de 800 na década de 1950.

Dinh Dien sofreu um golpe de estado aplicado por militares do seu governo três semanas antes de Kennedy ser morto nos EUA. A nova administração americana, liderada por Lyndon Johnson, optou por incrementar ainda mais os efetivos em virtude da instabilidade política que se seguiu no Vietnã do Sul.

No ano seguinte, após torpedeiros do Vietnã do Norte terem supostamente atacado dois destróieres dos EUA no Golfo de Tonkin, Johnson ordenou o

bombardeio de retaliação de alvos militares no Vietnã do Norte. O Congresso logo passou a Resolução do Golfo de Tonkin, que deu Johnson amplos poderes de tomada de decisão. Aviões norte-americanos começaram a executar bombardeios regulares, em uma operação chamada *Rolling Thunder*, já em fevereiro do ano seguinte. A ideia era desgastar o poder militar do Vietnã do Norte, danificando suas infraestrutura e suas instalações militares.

Em março de 1965, Johnson tomou a decisão - com o apoio maciço do público norte-americano - para enviar forças de combate dos EUA ao Vietnã. Em junho, 82 mil soldados estavam estacionados no Vietnã, e o general William Westmoreland solicitava que esse número fosse aumentado para 175 mil até o final de 1965 no sentido de reforçar a luta do exército sul-vietnamita. Além de Estados Unidos, Coreia do Sul, Tailândia, Austrália e Nova Zelândia também se comprometeram a enviar tropas para lutar no Vietnã do Sul. Essas tropas foram usadas principalmente em operação de busca e destruição nas áreas de selva, mas os resultados eram pequenos e o Vietcong não era enfraquecido com esses golpes.

Hammes (2006) afirma que os rebeldes, por sua vez, adotaram uma campanha de guerra prolongada com ênfase em ações rurais. Seus efetivos se ampliavam na medida em que levadas de voluntários se levantavam contra as ações violentas realizadas pelas tropas do Vietnã do Sul. Os bombardeios norte americanos também contribuíam para a alienação americana, pois causavam baixas civis que eram inaceitáveis para camponeses que nada tinham a ver com o conflito. A ideologia comunista era propagada pelo Vietcong e era amplamente aceita como forma de acabar com as atrocidades do governo corrupto de Saigon.

Os norte americanos tentaram desencadear ações mais efetivas, principalmente após estudar a forma como os britânicos atuaram na Malásia. John Nagl (2002) cita que foram criados programas para desenvolver Grupos de Auto Defesa em vilas fortificadas. Para esses locais eram enviadas equipes de Forças Especiais americanas com a missão de selecionar, adestrar, equipar e desenvolver forças locais contra os comunistas. As vilas atuavam como bases de combate, com baterias de artilharia estacionadas em seu interior. Agressivo patrulhamento era feito no seu entorno, no intuito de engajar o Viet Cong e obrigá-lo a abandonar os postos. Em caso de contato a artilharia proveria apoio adicional

para os grupos locais. Tropas aeromóveis eram deixadas em reserva para aproveitar eventuais contatos com o inimigo. Essas iniciativas eram promissoras, mas não puderam ser feitas em quantidade suficiente.

Nagl (2002) afirma que na guerra terrestre, em geral, as forças militares dos EUA na região empregaram uma política de atrito, objetivando causar o maior número de baixas nas tropas inimigas. Em 1966, grandes áreas do Vietnã do Sul haviam sido designadas como "zonas de livre-fogo", a partir do qual todos os civis inocentes deveriam ser evacuados e apenas o inimigo permaneceria. Essa política de deslocamento populacional não surtiu os efeitos desejados e acabou por causar desagrado na população compulsoriamente deslocada.

Nas áreas de fogo livre eram realizados pesados bombardeios. Mesmo quando a contagem de corpos (às vezes exagerado por parte das autoridades sul-vietnamitas e EUA) eram com números elevados, o Viet Cong se recusava a parar de lutar, encorajados pelo fato de que eles poderiam facilmente reocupar o território perdido. Enquanto isso, apoiado pela ajuda da China e da União Soviética, o Vietnã do Norte reforçou suas defesas aéreas.

Também foram adotadas iniciativas questionáveis como o emprego de desfolhantes para destruir a cobertura vegetal de áreas onde o Viet Cong atuava. O efeito é devastador para a cobertura vegetal, mas não impactava muito sobre o Viet Cong, uma vez que ele sempre podia alterar a posição de suas bases.

Segundo Burchett (1967), o Viet Cong recebia apoio externo de grande vulto. Soviéticos e chineses remetiam suprimentos e armamentos em larga escala, seja pelo Vietnã do Norte, pelo Laos ou pelo Camboja. Uma complexa rede de estradas foi criada para permitir o fluxo desses suprimentos. Mas tarde, tal rede foi chamada de Trilha Ho Chi Minh, mas na verdade estava longe de ser uma trilha. As condutas logísticas eram extremamente disciplinadas. Todo o fluxo era noturno, com caminhões e transportadores a pé realizando seu trabalho em absoluto sigilo. Unidades de defesa foram estacionadas para proteger o fluxo, inclusive com pesadas defesas antiaérea. A trilha se valia em grande parte do território dos países vizinhos para evitar ataques da COIN e foi, sem dúvida, um fator que levou os insurgentes a conseguir manter seu esforço de guerra.

Segundo dados apresentados por Adib (1984) em novembro de 1967, o número de tropas americanas no Vietnã se aproximava 500.000, e as baixas dos

EUA atingiram 15.058 mortos e 109.527 feridos. Os últimos anos da guerra viu aumentada a deterioração física e psicológica entre os soldados norte-americanos, incluindo o uso de drogas, motins e ataques de soldados contra os oficiais e suboficiais.

Bombardeados por imagens horríveis da guerra em seus televisores, os americanos se voltaram contra a guerra. Em outubro de 1967, cerca de 35.000 manifestantes fizeram um protesto em massa contra a guerra do lado de fora do Pentágono. Os oponentes da guerra argumentaram que os civis, não combatentes inimigos, eram as principais vítimas e que os Estados Unidos estavam apoiando uma ditadura corrupta em Saigon. Essas constatações eram aproveitadas em grande parte pelos comunistas para incrementar suas comunicações estratégicas que divulgavam os horrores da guerra. Uma ideia de grande impacto psicológico foi a de que os EUA, que tanto defendiam a liberdade e a autodeterminação dos povos, estavam lutando para manter um governo que se originava em golpes de estado e mantinham uma invasão que impedia o Vietnã de se unir conforme a sua própria vontade. Esse paradoxo entre o ideal americano e aquilo que os EUA estavam fazendo no Vietnã foi forte o suficiente para mobilizar a opinião pública internacional sobre o tema.

De acordo com o relato de Currey (2002), no final de 1967, Giap (comandante militar das forças do Exército do Vietnã do Norte) planejou a realização de um golpe decisivo que visava forçar os EUA a abandonar o conflito. Em 31 de janeiro de 1968 cerca de 70.000 homens do exército do Vietnã do Norte e do Viet Cong lançaram a ofensiva do Tet, que se caracterizou por ser uma série coordenada de ataques ferozes em mais de 100 cidades e vilas no sul do Vietnã.

Embora tomadas de surpresa, as forças norte-americanas e sul-vietnamitas conseguiu contra-atacar rapidamente, e os comunistas não foram capazes de manter nenhum dos alvos por mais de um dia ou dois. Taticamente a ofensiva do Tet foi um fracasso.

O relato de Adib (1984) afirma que o relato dos ataques surpreendeu o público dos EUA, especialmente depois das notícias de que o comandante militar americano no Vietnã, General Willian Westmoreland pediria um adicional de 200



mil soldados. As pessoas não entendiam como o povo do Vietnã ainda tinha forças para lutar depois de tanto sofrimento. A opinião pública percebeu que a luta era de fato justa e que os insurgentes não desistiriam de lutar. Essa constatação da guerra prolongada custando recursos infindáveis e ceifando vidas americanas foi mais um motivo para que o apoio à guerra diminuísse drasticamente. O Tet havia sido, portanto, uma vitória estratégica.

Com seus índices de aprovação caindo em um ano eleitoral, Johnson pediu a suspensão bombardeio em grande parte do Vietnã do Norte em e prometeu dedicar o resto de seu mandato para buscar a paz e não a reeleição.

Nixon procurou esvaziar o movimento anti-guerra, apelando a uma "maioria silenciosa" dos americanos que ele acreditava que apoiaram o esforço de guerra. Em uma tentativa de limitar o volume de baixas americanas, anunciou um programa de retirada das tropas, aumentando aérea e bombardeio de artilharia e dando sul vietnamita controle sobre as operações terrestres. Além dessa política, que ele chamou de "Vietnamização", Nixon continuou as negociações de paz públicas em Paris, acrescentando conversações secretas de alto nível realizadas pelo secretário de Estado Henry Kissinger início na primavera de 1968. Os norte-vietnamitas continuaram a insistir em retirada completa dos EUA como uma condição de paz, no entanto, nos próximos anos, traria ainda mais carnificina, incluindo a terrível revelação de que soldados norte-americanos haviam massacrado mais de 400 civis desarmados na aldeia de My Lai, em Março de 1968.

Em 1970, uma operação conjunta EUA-Vietnã do Sul invadiu o Camboja, na esperança de acabar com bases de abastecimento do Viet Cong. Os sul-vietnamitas, em seguida, levaram em conta a sua própria invasão de Laos

Enfim , em junho de 1972, Hanói finalmente aceitou fazer concessões. Kissinger e representantes norte-vietnamitas elaboraram um acordo de paz no início do outono, mas os líderes em Saigon rejeitaram, e em dezembro de 1972 Nixon autorizou uma série de bombardeios contra alvos em Hanói e Haiphong.

Em Janeiro de 1973, os Estados Unidos e o Vietnã Norte concluíram um acordo de paz final, terminando hostilidades entre as duas nações. A guerra entre



os dois Vietnãs, contudo, prosseguiu até 30 de Abril de 1975, quando o Exército do Vietnã do Norte capturou Saigon.

O longo conflito havia afetado a imensa maioria da população do país. Em oito anos de guerra, cerca de 2 milhões de vietnamitas morreram, enquanto 3 milhões foram feridos e outros 12 milhões se tornaram refugiados. A guerra acabou com a infraestrutura e a economia do país. Em 1976, o Vietnã foi unificado como a República Socialista do Vietname, embora a violência esporádica tenha continuado ao longo dos próximos 15 anos, incluindo os conflitos com a vizinha China e Camboja.

#### **4.7 Foco Insurgente do Araguaia - Brasil - 1967 - 1974**

Local: Divisa entre os Estados de Goiás, Maranhão e Pará

Duração do Conflito: 8 anos

Grupo rebelde envolvido: Foco Guerrilheiro do Araguaia (FOGUERA)

Paradigma Insurrecional: Maoísmo.

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina brasileira de ações contra forças irregulares baseada nas experiências francesa e norte americana

Resultado Final: Vitória da COIN

Resumo do Conflito

Após os militares terem assumido o governo em 1964, alguns setores de esquerda da sociedade se mobilizaram para clamar por maior participação política. Por não conseguir atingir seus objetivos de maneira pacífica. Esses setores se organizaram para a luta armada. De acordo com Maciel (2011) Ela seguiu duas vertentes distintas. Uma vertente de luta armada urbana, conduzida por diversos grupos dentre os quais a Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares. A luta urbana se concentrou em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife. Suas ferramentas principais foram o terrorismo, a propaganda, roubos, assaltos, sequestros e a eliminação de alvos selecionados. Esse movimento tinha em Carlos Mariguela o seu grande mentor intelectual, cujo ideário propunha uma luta de insurreição urbana que pudesse angariar a simpatia da população e aí pudesse ampliar sua atuação também para o campo. Houve também as vertentes rurais, dentre as quais a Força de Guerrilha do Araguaia (FOGUERA), cujo ideário era o de desenvolver a luta com foco no

desenvolvimento de ações rurais que se expandiriam para as cidades na medida que fossem prosperando em poder e efetivos.

Cada um dos grupos, portanto, tinha linhas de ação distintas, o que motivou uma resposta estatal distinta. Inicialmente será visto como foi conduzida a luta armada no campo pela FOGUERA.

No relato de Maciel (2011), a Força de Guerrilha do Araguaia se desenvolveu com base em nos dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que haviam fundado o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). A orientação ideológica do PCB era soviética e o leninismo era a doutrina selecionada para a condução revolucionária. Já no PCdoB a luta deveria ser conduzida segundo o modelo maoísta chinês, o que explica as razões da opção pela luta ocorrer na região do rural Bico do Papagaio, na divisa entre Pará, Maranhão e Goiás. Naquela região a presença do estado era fraca e havia sérios problemas sociais (pouca assistência de saúde, educação deficitária, ausência de planos de apoio à moradia, questão fundiária desestruturada). Além disso, como fatores que favorecessem a luta armada, não havia uma rede de estradas estruturada, havia grandes porções de floresta amazônica para servirem de local de homizio e se tratava de um limite tríplice entre autoridades estaduais e limite duplo entre grandes comandos militares.

No relato de Portela e Neto (2002) a infiltração dos subversivos na área havia começado há mais de 5 anos antes dos militares descobrirem dados sobre a existência do foco guerrilheiro no Araguaia, que ocorreu em 1972. A preparação dos insurgentes havia sido feita pelo recrutamento de estudantes e profissionais liberais de grandes centros do sudeste e nordeste do Brasil. Em torno de dezoito deles foram treinados na China em cursos de guerra de guerrilha e na doutrinação comunista.

Ainda no relato de Portela e Neto (2002), os rebeldes haviam estabelecido contato com os moradores locais, oferecendo auxílio médico, ensino fundamental e ajuda com técnicas agrícolas mais avançadas. Também realizavam a doutrinação dessa população e aproveitavam que não eram perseguidos na área para fazerem seus treinamentos. O total de guerrilheiros nessa fase inicial não ultrapassava 80 insurgentes.

A captura de alguns guerrilheiros que haviam deixado a área de operações do Araguaia permitiu que a inteligência militar pudesse identificar a presença dos rebeldes. Uma grande operação militar na área foi prevista e foi divulgada como um treinamento. Na verdade, havia a presença de elementos de inteligência e operações especiais nesse contingente, que atuaram no sentido de realizar um levantamento prévio dos locais suspeitos de atuação da guerrilha e dos apoios que os rebeldes possuíam na região. O exercício foi chamado de "Operação Papagaio".

Os indícios da presença dos guerrilheiros foram confirmados, mas os primeiros ataques às bases dos insurgentes na mata não resultaram em nada, uma vez que os guerrilheiros haviam fugido para a mata densa.

Maciel e Nascimento (2012) explicam que a guerrilha, nessa fase, estava dividida em três destacamentos. Cada um deles estava distribuído em setores da região do Araguaia e contava com pouco mais de 25 integrantes cada. O armamento era reduzido e não havia armas longas para todos. A motivação era grande, mas o treinamento ainda era incompleto e o apoio popular ainda não era o desejado.

Pinheiro (1996) afirma que em uma primeira fase das operações contra a guerrilha, os militares brasileiros colocaram grandes efetivos na área delimitada para a pacificação. Tais efetivos, contudo, não eram de tropas especializadas na luta na selva e nem na guerra irregular. Soldados de unidades de engenharia de construção, de unidades de artilharia e de frações vocacionadas para guarda de instalações se viram repentinamente internadas na selva para combater guerrilheiros que já estavam ambientados com o local de operações. Os resultados dos quatro meses de duração dessa primeira fase foram favoráveis à guerrilha, que conseguiu causar baixas entre os militares e não teve sua localização definida. Apenas o Destacamento C, que ficava na porção sul da área sofreu baixas.

Uma análise dessa primeira fase mostra que as falhas dos militares foram a concepção equivocada nos níveis operacional e tático, a falta de unidade de comando, informações deficientes sobre o terreno e o inimigo, a falta de continuidade nas operações e a grande diversidade de unidades empregadas e deficiências no treinamento.

Entendendo que o emprego da massa não qualificada só serviu para oferecer um oponente fraco para os esguios guerrilheiros, o governo brasileiro optou por retirar as tropas da área e iniciar uma nova operação, dessa vez com a infiltração de elementos especializados de inteligência para levantar o máximo de informações possíveis e para fundamentar o emprego futuro de tropas. A operação foi chamada de “Operação Sucuri”. Pinheiro (1996) cita que os infiltrados se fizeram passar por trabalhadores rurais e agentes de saúde, conquistando aos poucos a confiança de moradores que passaram a revelar dados sobre aquelas pessoas que haviam chegado de fora e que andavam no mato com armas. Quando o sigilo das intenções dos guerrilheiros acabou, eles começaram a fazer sua propaganda abertamente, falando de comunismo com a população. O problema era que os matutos não sabiam o que era aquilo e ficaram indiferentes à sua doutrinação. As operações concluiu seu intento, tendo sido levantado o nome de diversos suspeitos e vários alvos para ação coordenada das tropas.

Pinheiro (1996) cita que durante o decorrer das operações Sucuri, os guerrilheiros se reorganizaram, prepararam novos clandestinos de suprimento e conseguiram recrutar alguns moradores locais. Os apoiadores do Exército na primeira operação foram justicados e tiveram seus bens destruídos. Essas ações de represálias contra moradores da área não tiveram efeito que não o de voltar parte da população contra os guerrilheiros.

Segundo Pinheiro (1996), com base nos relatórios da Operação Sucuri, os militares voltaram para a área na “Operação Marajoara”. Dessa vez apenas elementos especializados e bem treinados voltaram a atuar no Araguaia. Eles vinham da Brigada de Infantaria Paraquedista, das Forças Especiais e dos Batalhões de Infantaria de Selva. Foram divididos em pequenas equipes com alta mobilidade e armamento adequado. Aeronaves de asa rotativa da Força Aérea Brasileira foram enviadas para o local, ampliando a capacidade de desdobramento rápido das forças contra guerrilha. Equipamento rádio eficaz foi distribuído para os contra insurgentes, dando ampla capacidade de comando e controle para tais tropas.

Ainda para Pinheiro (1996), as técnicas de vasculhamento foram aperfeiçoadas e eram coordenadas para que houvesse uma saturação de área

em determinado período de tempo, obrigando os guerrilheiros a estarem sempre em movimento, deixando assim rastros e indícios que podiam ser seguidos. Guias e mateiros locais foram contratados para acompanhar as equipes do Exército, fazendo com que houvesse um incremento nas condições de orientação terrestre e de rastreamento de indícios. Por fim, os sistemas de cartografia das Forças Armadas haviam feito um levantamento fotográfico completo da região do Bico do Papagaio. Com cartas topográficas atualizadas, os militares passaram a conhecer melhor o terreno e puderam coordenar facilmente suas ações com as aeronaves de ataque e com os helicópteros.

Um programa de recompensas por informações e mesmo pelos corpos de guerrilheiros foi desenvolvido e teve resultados positivos. A população começou a passar vários dados obtidos sobre a guerrilha, permitindo o planejamento de operações contra suas bases e contra seus depósitos de material.

Moradores locais que colaboraram com a guerrilha foram presos e interrogados, o que teve efeito de intimidar outros apoiadores a prosseguir do lado dos rebeldes e reduziu drasticamente o número de informantes das redes de informação que eles possuíam.

As detenções e mortes de guerrilheiros aumentavam e eles foram incapazes de perceber que a permanência na área era impossível para a continuidade da luta armada rural. Ao invés de abandonar a área e tentar reestruturar o movimento em outro local, eles se mantiveram no Araguaia e viram, um após um, seus efetivos serem reduzidos e seus depósitos serem destruídos no período entre outubro de 1973 e outubro de 1974.

#### **4.8 Movimento Sandinista - Nicarágua - 1978 - 1979**

Local: Nicarágua

Duração do Conflito: 2 anos

Grupo rebelde envolvido: Frente Sandinista de Libertação nacional (FSLN)

Paradigma Insurrecional: Terceira Via

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina Local

Resultado Final: Vitória dos insurgentes

Resumo do Conflito

Após quatro décadas de governo corrupto e impopular, teve início um levante popular na área rural da Nicarágua que rapidamente se espalhou pelo país. O assassinato de Pedro Joaquín Chamorro em janeiro de 1978 desencadeou manifestações em Manágua e nas áreas rurais do país. Essas áreas do interior se tornaram os santuários da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).

De acordo com Paul et al (2010), ainda no ano de 1968 a FSLN manteve sua base rural mais iniciou ações contra o governo Somoza nas principais cidades nicaraguenses. Diversos ataques rápidos foram feitos contra unidades militares e contra o palácio nacional. Como resposta a Guarda Nacional iniciou a aplicar suas táticas de contrainsurgência com elevada brutalidade em áreas controladas pelos insurgentes do FSLN. Quarteirões inteiros de cidades sob o controle dos rebeldes foram alvo de bombardeios aéreos e barragens de artilharia. Milhares de pessoas foram presas, torturadas, interrogadas e assassinadas sob a suspeita de serem membros do movimento rebelde.

A atenção mundial voltou-se para a luta na Nicarágua e a opinião pública internacional voltou-se contra o governo de Somoza. Aproveitando-se do momento favorável, os sandinistas lançaram uma grande ofensiva, assumindo o controle das cinco maiores cidades do país. Apesar do sucesso parcial, os insurgentes possuíam apenas armas leves e armas improvisadas, não sendo capazes de suportar a contra ofensiva lançada pela Guarda Nacional, cujo armamento era muito superior em poder de fogo. Mais uma vez a repressão foi exagerada, causando grande descontentamento entre a população devido aos mortos e feridos entre civis e inocentes. Em busca de vingança, vários nicaraguenses se alistaram na FSLN, ampliando significativamente o número de guerrilheiros para a luta nos campos e nas cidades.

Segundo Paul et al (2010), até o início de 1979, o governo de Somoza recebia apoio em armamento e em recursos financeiros e oriundos dos Estados Unidos, contudo após ferirem severamente os direitos humanos em seu país, a administração Carter deixou de apoiar a COIN realizada pelas tropas do governo. Progressivamente a Guarda Nacional perdia a sua superioridade numérica devido ao grande número de recrutas que a FSLN obtinha. No início de 1979, a

proporção de forças era de 5/1 a favor da COIN, além de possuírem unidades blindadas, aéreas e de operações especiais.

De acordo com Nolan (1984) um fato que acelerou a derrocada do governo Somoza foi a ação unificadora das forças revolucionárias sob o comando único de Daniel Ortega. As três frentes insurgentes que atuavam separadamente, a Guerra Popular Prolongada, a Tendência Proletária e a Insurrecional Terceirista foram reorganizadas em um único grupo homogêneo e adotaram estratégias combinadas políticas e militares. Mais uma vez, face ao momento parecer ser favorável, um novo ataque geral foi conduzido nas cidades da Nicarágua. A finalidade desse ataque era ocasionar confusão, prejuízos econômicos e desacreditar as forças legais. Para a condução dessa ofensiva, Ortega buscou conselhos junto a Fidel Castro em Cuba, cuja orientação foi de evitar ações frontais generalizadas e adotar táticas clássicas de guerrilha, como por exemplo, ataques tipo “bater e correr”. Apesar de obterem a surpresa nos ataques, mais uma vez o armamento mostrou-se um fator impeditivo para a vitória Sandinista.

Em virtude dessa constatação, os Sandinistas buscaram obter maior apoio material externo. Países como Cuba, Venezuela e Panamá contribuíram com armamentos pesados, fuzis de assalto, metralhadoras pesadas, morteiros portáteis e até armamento antiaéreo. Os santuários guerrilheiros puderam ser instalados no interior da Costa Rica, onde eram virtualmente inacessíveis para a ação da Guarda Nacional.

Segundo Donahue et al (1986), com um novo e robusto arsenal e com direção centralizada, os rebeldes se tornaram capazes de atuar no interior da Nicarágua com superioridade cada vez maior sobre as tropas do governo. Em maio de 1979, a força guerrilheira atingia quase 5 mil combatentes, reduzindo a superioridade da Guarda Nacional para apenas 2/1. O embargo no envio de armas vindas dos Estados Unidos e a violência indiscriminada fizeram com que as forças do governo não fossem capazes de derrotar os Sandinistas quando foi lançada a ofensiva final dos insurgentes em julho de 1979. Sucessivas vitórias foram obtidas nesse último ataque até que o governo de Somoza foi derrotado em 20 de julho de 1979 quando seu presidente foi obrigado a ir para o exílio.



Por fim, é possível identificar que alguns fatores foram vitais para a vitória insurgente. Segundo Paul et al (2010) Eles podem ser sintetizados nos tópicos abaixo:

- redução no apoio externo ao governo Somoza.
- Acesso a armamentos oriundos do apoio externo.
- Aumento significativo no numero de voluntários para lutar em favor dos insurgentes.
- Unificação das três facções insurgentes.
- Violência indiscriminada dirigida contra os revolucionários, reformistas e inocentes.
- Legitimidade da luta insurgente junto a opinião publica internacional e inclusive junto ao clero católico no país.
- Santuários guerrilheiros fora do alcance da Guarda Nacional (Costa Rica).
- Movimento insurgente híbrido, com braços integrados hierarquicamente nas áreas rurais e urbanas.
- Efetivo uso da propaganda insurgente para obtenção do apoio externo em recursos e armamentos.

#### **4.9 Guerra do Afeganistão (Mujahadeens x URSS) - 1978 - 1992**

Local: Afeganistão

Duração do Conflito: 14 anos

Grupo rebelde envolvido: Mujahadeens Afegãos

Paradigma Insurrecional: Luta religiosa (Jihad) contra invasor infiel.

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina Soviética adaptada a partir da experiência Tcheca

Resumo do Conflito

A insurgência afegã de 1978 até 1992 é um exemplo escolar de como uma grande potência pode ser derrotada na luta contra insurgentes. Ainda que a então União Soviética tivesse ampla superioridade em recursos militares, ela foi incapaz de vencer os combatentes islâmicos que lutavam contra a invasão soviética e contra o governo fantoche de Kabul. Os soviéticos encontraram violenta e

inesperada oposição contra a invasão lançada no território afegão e estavam despreparados para enfrentar as técnicas de luta dos altamente motivados combatentes islâmicos, os chamados mujahadeen.

Hammond (1987) cita que é possível afirmar que a luta dos mujahadeen teve início a partir do golpe de estado realizado pelo Partido Comunista Afegão (PCA) contra o presidente Mohammed Daoud Khan em 1978. O golpe foi seguido de violentas ações de represália contra os protestos populares que se seguiram a ação do PCA, uma vez que ele não era representativo da vontade do povo e só foi bem sucedido devido ao apoio soviético. Em 1979, mesmo com o suporte técnico e financeiro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), os grupos insurgentes controlavam 23 das 28 províncias afegãs. Isso ocorreu devido à ineficácia do exército afegão e do elevado nível de motivação para a luta dos mujahadeen.

Temendo a queda do governo pró-comunista afegão, a URSS lançou uma invasão em larga escala naquele país em dezembro de 1979. De acordo com Hammond (1987), os soviéticos empregaram técnicas de contra-insurgência similares às que foram empregadas na invasão da Tchecoslováquia em 1968, ou seja, o uso de artilharias pesadas e unidades blindadas para atacar e controlar centros urbanos. Tais técnicas se mostraram ineficazes nas desertas áreas do interior tribal afegão. Para surpresa dos soviéticos, a invasão só fez aumentar a resistência popular e ampliou o apoio da comunidade internacional em favor da causa mujahadeen.

Segundo Paul et al (2010), em resposta à invasão de uma nação islâmica por infieis, foi declarada uma "jihad" contra os soviéticos. O apoio externo dado para os insurgentes foi amplo, e veio de países como o Paquistão, Arábia Saudita e até dos Estados Unidos. Tais países ofereciam apoio financeiro, santuários e treinamento para os combatentes islâmicos.

O novo governo comunista afegão se mostrou altamente incompetente para derrotar a revolta. Isso fez com que o esforço militar da COIN coubesse aos soviéticos, o que minava a legitimidade do governo do PCA. Além disso, as tropas soviéticas enviadas para o Afeganistão não se tratavam, em um primeiro momento, de tropas de elite, uma vez que tais tropas estavam vocacionadas para

o emprego na Europa Central durante a Guerra Fria. Os efetivos da URSS no Afeganistão eram compostos de recrutas despreparados e desmotivados.

De acordo com Grau (1996) nesse primeiro momento a estratégia de contra insurgência soviética se mostrou muito ineficaz, empregando técnicas de repressão e violência contra a população rural do Afeganistão. Nenhuma ação de longo termo para a solução de problemas de legitimidade foi adotada pela URSS. Na medida em que a resistência afegã aumentava, os soviéticos respondiam com o emprego de ataques blindados de larga escala, adequados para o teatro de operações europeu, mas ineficazes para o Afeganistão. Buscando uma primeira adequação para a guerra contra insurgência, os invasores conduziram bombardeios aéreos e de artilharia contra os alvos selecionados. Dessa maneira, vilarejos e tribos passaram a ser alvo de ataques soviéticos, ocasionando vários danos colaterais e ampliando o ódio do povo em relação aos soviéticos.

Para Paul et al (2010), outra iniciativa soviética foi a de promover operações de recolocação compulsória de populações do interior afegão, particularmente aquelas que estavam localizadas próximas as fronteiras. Isso foi feito para retirar o apoio civil dado aos mujahadeen. Tais operações foram chamadas de “genocídio migratório”, porque causavam grande destruição e morte nesse deslocamento obrigatório e sem que fosse provida qualquer ajuda no reassentamento dos deslocados. Estimasse que até 1983 mais de 3 milhões de afegãos (aproximadamente 1/5 da população afegã) deixaram o país devido a violência empregada pela COIN.

Entre 1984 e 1986 as tropas soviéticas realizaram novos ajustes nas suas táticas de contra insurgência, o que mostrou ser mais eficaz. De acordo com Grau (1996), usando forças especiais para conduzir ataques precisos contra os rebeldes, incorporando táticas de pequenas unidades e empregando helicópteros de ataque para prover apoio as ações terrestres, os soviéticos chegaram perto de vencer a resistência afegã. Simultaneamente a essas ações, o exercito afegão aumentou em tamanho e em poder de combate devido ao treinamento soviético e aos recursos oriundos daquele país. Além disso, os soviéticos realizavam ações limitadas direcionadas para a conquista do apoio popular no interior, por meio de pequenos grupos de governo para conduzir reformas nos vilarejos. Contudo os ataques aéreos e os bombardeios de artilharia continuavam sendo realizados

pelos soviéticos, o que os afastavam muito de obter o apoio populacional. As técnicas de educação e de doutrinação comunistas não surtiram efeito sobre os islâmicos, fazendo com que a reação religiosa fosse maior do que a esperada. Os métodos de influência baseados em propaganda pela TV, por rádio e pelos jornais foi grandemente ineficaz em face da pobreza e o analfabetismo que ultrapassava 90% no Afeganistão em meados da década de 80.

Jalali e Grau (1995) afirmam que, mesmo sofrendo com as novas técnicas soviéticas, os mujahadeens continuaram com grandes efetivos disponíveis para a luta, totalizando quase 200 mil combatentes armados, além de continuar recebendo forte apoio externo oriundo do Paquistão e dos Estados Unidos. Tal apoio foi vital para que os rebeldes pudessem se adaptar as novas táticas soviéticas. A introdução patrocinada pelos EUA de mísseis “Stinger” proporcionou capacidade anti aérea contra os temidos helicópteros de ataque. Diversas perdas de aeronaves foram computadas pelos soviéticos e eles se viram obrigados a operar somente durante a noite e em altitudes superiores a 4 mil pés de altura. Essa adaptação soviética retirou em muito a eficiência de seus helicópteros, tornando-os menos perigosos para os guerrilheiros. No verão de 1987 mais da metade do espaço aéreo afegão estava livre de aeronaves soviéticas.

Sem o apoio aéreo, os soviéticos não foram capazes de se manter no interior do Afeganistão. Novos santuários surgiram e foi possível estabelecer o controle sobre grandes territórios por partes dos insurgentes. As comunicações entre as cidades foram interrompidas e Kabul ficou cada vez mais isolada do restante do país.

De acordo com Paul et al (2010), as sucessivas derrotas, a perda de aeronaves e com a ação do presidente Mikhail Gorbachev no sentido de reduzir os efetivos no Afeganistão, os soviéticos se viram obrigados a iniciar uma retirada daquele país. Os custos da guerra se mostravam inaceitáveis para a economia soviética e a ação do governo afegão em controlar a revolta era cada vez menor. A popularidade do partido do PCA era decrescente e sua legitimidade nunca foi reconhecida no interior tribal do país. A retirada soviética começou em 1988 e terminou em 1989.

A saída soviética deixou os encargos de COIN com o fraco exercito afegão. Mesmo recebendo 300 milhões de dólares por mês em apoio de alimentos e de

material militar, o PCA não conseguiu vencer seu oponente. Iniciativas de ampliar o governo local dos mujahadeens se mostraram, contudo, eficientes. A “jihad” era destinada contra os invasores soviéticos, e não contra o governo de Kabul. Isso ocasionou a divisão da unidade até então existente no seio dos rebeldes e também fez com que os EUA deixassem de acreditar na necessidade de apoiar grupos rebeldes sem unidade de comando.

Subestimando o poder do exercito afegão e desconsiderando que a perda do apoio norte americano seria um sério entrave para os insurgentes, os mujahadeens promoveram uma ofensiva contra Kabul em 1989. Essa ação foi ineficaz e iniciou-se nova guerra de atrito entre ambas as partes. O apoio externo vindo da URSS mostrava estar ampliando a eficácia das tropas do governo, todavia, a queda da URSS em 1991 cessou toda a ajuda externa recebida. Em 1992, com a queda do governo comunista afegão, o país entrou em uma guerra civil que seria vencida posteriormente pela milícia talibã.

Sinteticamente é possível aferir que o fracasso da COIN no Afeganistão foi motivado por alguns fatores abaixo relacionados:

- Falta de adaptação cultural das forças de contra insurgências.
- Falta de legitimidade do governo comunista afegão.
- Excesso de confiança nas técnicas cinéticas de contra insurgência, desprezando a necessidade de controlar o terreno humano.
- Falta de compreensão dos soviéticos no poder da propaganda insurgente quanto ao desejo de expulsar o invasor e vencer o infiel não islâmico.
- Ineficácia soviética em interromper o apoio externo oriundo de outros países.
- Falta da presença de tropas afegãs para conduzir a COIN, cabendo aos soviéticos a tarefa de conduzir as ações.
- Absoluta falta de tropas soviéticas para obter superioridade numérica sobre os insurgentes. Em alguns momentos a proporção entre COIN e insurgentes era de 1/1, quando o desejável seria 10/1 a favor da COIN.
- Falta de flexibilidade e adaptabilidade dos soviéticos para se adequar ao emprego dos “Stinger”, ocasionando perdas de aeronaves e perda de eficácia no combate. Nesse sentido tais mísseis funcionaram como equalizadores do poder de combate entre ambos os lados.

- Falta de percepção soviética de que a estratégia rebelde não era de vencer a guerra, mas a de prolongar os combates até que a ocupação do Afeganistão se tornasse muito onerosa e proibitiva.

#### **4.10 Insurreição no Camboja - 1978 - 1992**

Local: Camboja

Duração do Conflito: 14 anos

Grupo rebelde envolvido: Khmer Vermelho

Paradigma Insurrecional: Guerra Irregular Prolongada (modelo maoísta)

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina Vietnamita

Resultado Final: Vitória das forças rebeldes

Resumo do Conflito

Motivado pelas frequentes invasões fronteiriças realizadas pelo governo Khmer Vermelho do Camboja, o Vietnã realizou a invasão daquele país em dezembro de 1978. Por meio da formação de um grupo de nativos do Camboja (também chamado de Kampuchea) chamado de Frente Nacional Unida do Camboja para Salvação Nacional (KNUFNS, em inglês), os vietnamitas puderam organizar a tomada do poder no país vizinho. Com uma força de 300 KNUFNS “apoiados” por 200.000 soldados do Exército do Vietnã. A invasão tomou o país vizinho em pouco tempo, desarticulando o governo do Khmer Vermelho no Camboja no final de 1978. A capital foi rapidamente tomada e os governantes do Khmer Vermelho fugiram para as montanhas do Cardamom como se bandidos comuns fossem.

De acordo com Adib (1984), inicialmente a invasão vietnamita foi bem recebida pela população cambojana, uma vez que a libertou do rígido regime de Pol Pot. Apesar de vencedora, a invasão vietnamita falhou em não destruir a capacidade combativa do Khmer Vermelho que se encontrava nas terras altas. Ainda que incompreensível tal atitude passiva do Vietnã parece estar relacionada com a intenção de Hanói de manter efetivos militares estacionados no Camboja.

Contudo, em pouco tempo tal recepção favorável se tornou em desagrado devido a arbitrariedades e falta de tato no trato com civis, o que motivou o início da insurgência no país.

Segundo Kiernan (2008), o Khmer Vermelho se levantou novamente para lutar contra os invasores, ao mesmo tempo em que outros grupos insurgentes fizeram o mesmo. As táticas vietnamitas empregadas contra os rebeldes foram a mesmas que seriam empregadas contra uma força regular: apenas cidades e vias de acesso foram controladas. O interior permanecia livre para os insurgentes desenvolver seu treinamento, melhorar a organização e para exercer controle sobre aldeias e pequenas cidades interioranas, onde era possível recrutar pessoal e recolher tributos.

A Tailândia, preocupada em reduzir a pressão comunista do Vietnã no Camboja, optou por prestar apoio em alimentos, dinheiro e armamento para o Khmer Vermelho. Além disso, os refugiados cambojanos que se encontravam na Tailândia receberam treinamento militar e armas para retornar ao seu país e poder participar da luta ao lado dos rebeldes.

Becker (1998) afirma que outro fator que fortaleceu o Khmer Vermelho foi a ação de outros grupos insurgentes no Camboja. Mesmo sem a mesma orientação ideológica, eles contribuíram para reduzir o poder militar vietnamita. Dentre tais grupos podem ser citadas as Forças Armadas de Libertação Nacional do Povo Khmer (KPNLAF) e a Frente Nacional Unida para a Independência, Paz, Neutralidade e Cooperação Cambojana (FUNCINPEC).

Os vietnamitas perdiam sucessivamente o controle sobre áreas rurais, além de enfrentar problemas com a população das cidades devido a uma crise no fornecimento de alimentos para essas pessoas. A pressão internacional sobre o Vietnã aumentava para que esse país retirasse suas tropas do Camboja. Os vietnamitas ofereceram uma alternativa de saída se o governo do Khmer não voltasse ao poder, o que foi rejeitado pela China e pelos EUA.

Como não houve acerto, o Vietnã reforçou suas ações militares. Na estação seca entre 1984 e 1985 foi lançada uma ofensiva concentrada sobre as bases do Khmer junto à fronteira com a Tailândia. Foram empregadas artilharia pesada e unidades blindadas para obter sucesso nesses combates repressivos. As bases rebeldes foram virtualmente eliminadas e os refugiados cambojanos que foram presos na faixa fronteira foram enviados para campos de trabalhos forçado onde sofreram privações severas. Outros refugiados foram empregados em obras de lançamento de cercas na fronteira tailandesa ou mesmo no



lançamento de minas terrestres naquela região. Esse conjunto de ações do Vietnã recebeu o nome de Plano K5.

Kiernan (2008) afirma que o Plano K5 foi fonte inesgotável de material para propaganda do Khmer contra o invasor no campo interno e junto à opinião pública mundial. A população local rejeitava fortemente qualquer ação vietnamita, tornando a ocupação onerosa demais em todos os sentidos.

Com o final da ofensiva de 1984-1985, os vietnamitas recuaram para novamente para as cidades. As bases do Khmer foram reocupadas por eles e a situação voltou a ser a mesma de antes da ofensiva. Ainda que os vietnamitas conseguissem com alguma facilidade obter sucesso em qualquer ação de controle de área no interior, os rebeldes se movimentavam para outro local e reiniciavam suas ações.

Os elevados gastos da guerra sem fim levaram o Vietnã a optar por abandonar o Camboja, deixando um governo fantoche no poder em 1989. As forças legais do novo governo cambojano, ainda que somado quase 150 mil homens entre o exército e as polícias locais, não foram adversário à altura para os altamente motivados e experientes guerrilheiros do Khmer. Com a nova generalização dos combates, o governo cambojano fez um acordo com o Khmer Vermelho para que fosse feita a paz e que uma missão da ONU fosse enviada para o país no intuito de verificar o processo eleitoral.

Mesmo tendo sido o principal grupo rebelde e aquele que sustentou a luta por todos os anos de luta, o Khmer só teve 105 dos votos na eleição, que foi vencida pela união do KPNLAF e do FUNCIEPEC com quase 90% da votação.

Sinteticamente é possível identificar dois grandes erros da COIN vietnamita. A primeira foi a de não destruir as forças do Khmer Vermelho durante a invasão, permitindo seu movimento em segurança para a fronteira com a Tailândia. Outra falha foi a de não agir com rapidez para evitar o fortalecimento de novos focos rebeldes de outros movimentos (KPNLAF e FUNCIEPEC).

#### **4.11 Insurreição na Somália - 1980 - 1991**

Local: Somália

Duração do Conflito: 11 anos

Grupo rebelde envolvido: Frente Democrática de Salvação Somali (SSDF), Movimento Patriótico Somali (SPM), Movimento Nacional Somali (SNM) e Congresso Unido da Somália (USC).

Paradigma Insurrecional: Somatório de filosofias diversas sobre a guerra irregular revolucionária

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina local

Resultado Final: Vitória das forças rebeldes

Resumo do Conflito

Após assumir o poder na Somália com um golpe de estado realizado em 1969, o General Mohamed Siad Barre não foi capaz de conduzir uma política consistente para obtenção da união nacional. De acordo com Cardoso (2012) no intuito de promover ganho na busca de apoio popular, o general decidiu iniciar um conflito militar contra o seu vizinho, a Etiópia, em 1977 para conquistar a região de Ogadem. Tal invasão foi mal sucedida e deixou um grande saldo de mortos e refugiados, além de ter enfraquecido o poder militar do ditador somali.

Sahnoun (1994) afirma que grupos descontentes de oficiais do exército somados ao Clã Majeerteen e tribos do nordeste da capital Mogadíscio se uniram para formar um movimento rebelde. Os líderes desse movimento organizaram suas forças com o apoio e sob a proteção da Etiópia, dando origem à Frente Democrática de Salvação Somali (SSDF). Além desse grupo, surgiu também o Movimento Patriótico Somali (SPM), e o Movimento Nacional Somali. Esse último recebia apoio de países ocidentais e de nações árabes do golfo pérsico. Por fim, o clã majoritário na Somália, o Hawiye, formou seu movimento rebelde denominado Congresso Unido da Somália (USC).

Conforme os estudos de caso de insurgências feitos por Paul et al (2010), as oscilações da Guerra Fria, EUA e URSS trocaram sucessivamente o papel de apoiadores para os diversos grupos, ora ajudando um movimento, ora apoiando o governo. O General Barre, após lutar contra esses grupos ainda incipientes, optou por "dividir e conquistar" os territórios tribais. Montou uma força militar de COIn com mais de 120 mil homens e atuou de forma a concentrar tropas em determinado ponto até eliminar as forças insurgentes. Foram empregadas técnicas violentas e eliminação de tribos inteiras para promover limpeza étnica

local. Além disso, o norte do país, que apoiava o SNM foi alvo de severas restrições econômicas e políticas.

Utilizando pesado poder de fogo, o governo conseguiu manter os insurgentes apenas nas primeiras fases de organização dos seus movimentos, limitando suas capacidades ofensivas apenas em assassinatos, ações de emboscada e terrorismo. Também empregaram ações para promover desavenças entre os clãs, impedindo sua união. Ainda que taticamente sem poder, os movimentos rebeldes passaram a ganhar no campo estratégico, pois a população estava farta das atrocidades e da violência dos homens de Barre. Os campos de refugiados na fronteira com a Etiópia se tornaram santuários dos insurgentes e serviam para evacuação de guerrilheiros feridos além de serem locais de treinamento e recrutamento.

Esse momento favorável no apoio popular foi aproveitado com o aumento do recrutamento e com o lançamento de ações mais audaciosas pelos rebeldes do SNM no norte da Somália. Mais de 30 ataques de maior vulto foram lançados por esse grupo entre 1985 e 1986, ocasionando centenas de baixas nas forças do governo e ampliando a motivação popular para a sua causa. Em 1988 foram conquistadas as cidades de Burao e Hargeisa (segunda e terceira maiores cidades da Somália, respectivamente), o que foi um grande feito que aumentou a confiança do povo no SNM. Isso promoveu a junção dos movimentos rebeldes para lutar contra Barre, uma vez que passaram a acreditar que unidos eles poderiam vencer o poder central.

Sahnoun (1994) cita que a resposta do General foi empregar aviação de ataque e artilharia contra as bases de apoio dos movimentos, o que ocasionou a morte de mais de 35 mil civis. Tais ações não eram populares nem entre os militares, o que pode ser visto com a deserção de diversos pilotos da Força Aérea Somali, que fugiram para a Etiópia. Barre, de maneira desesperada, buscou o serviço de pilotos mercenários da África do Sul e do Zimbábue para prosseguir com seus ataques contra alvos civis. Além disso, ele empregou sua tropa de elite, os Boinas Vermelhas, para eliminar integrantes do clã Hawiye.

Le Sage (2009) cita que as forças rebeldes vinham se fortalecendo com o apoio externo e com o apoio popular. As tropas do governo mostravam claramente que não conseguiram se adaptar à guerra irregular e que só

conseguiram agir de forma punitiva. Aproveitando-se do desgaste do governo, Mohamed Farrah Aidid, líder da USC, lançou uma ofensiva militar em 1991 que acabou por ocupar a capital Mogadíscio. Barre foi obrigado a fugir do país. O que parecia ser a vitória final provou ser o início de uma série de desentendimento entre os grupos rebeldes, que passaram a lutar entre si, levando o país a entrar em colapso devido a falta de uma liderança unânime.

Por fim, as técnicas da COIN empregadas inicialmente por Barre foram eficazes no sentido de promover vitórias locais e obrigar os insurgentes a só operarem de forma reduzida. A violência descabida e a falta de visão em agir para eliminar as causas da luta fizeram com que o povo apoiasse qualquer grupo insurgente. Isso fez com que o governo despejasse toda a sua frustração contra os civis, ocasionando matanças sem finalidade. Ainda que o apoio tanto da URSS quanto dos EUA ao governo Barre fosse significativo, ele foi incapaz de transformar essa vantagem em resultados positivos.

#### **4.12 Ações do Sendero Luminoso no Peru - 1980 - 1992**

Local: Peru

Duração do Conflito: 12 anos

Grupo rebelde envolvido: Sendero Luminoso

Paradigma Insurrecional: Maoismo

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina Peruana de Contra Insurgência

Resultado Final: Vitória da COIN

Resumo do Conflito

No relato de McClintock (1984), após passar por uma severa crise econômica entre 1970 e 1980, o governo democrático do Peru deu sinais de enfraquecimento por não conseguir estabelecer o bem estar social esperado por sua população. Nas terras altas do Altiplano Peruano, surgiu um movimento chamado Sendero Luminoso, que passou a eliminar as lideranças políticas locais e assumiu o controle de pequenas vilas e vilarejos. Inicialmente o governo central peruano não levou tal fato muito a sério, associando o Sendero com um grupo criminoso de menor relevância. A polícia foi encarregada de reestabelecer a ordem e nenhum esforço foi feito para melhorar as condições de vida da população local.

A adoção do ideário maoista possibilitou que o controle das massas fosse realizado pelo Sendero Luminoso e a aplicação de propaganda fez com que a população julgasse que os rebeldes tinham as melhores ideias para solucionar seus problemas.

O ganho inicial do apoio popular pelos insurgentes assustou o governo de Lima, cuja reação foi declarar o estado de emergência e determinou que fossem adotadas as mesmas técnicas de luta contra revolucionários que as forças armadas haviam empregado em 1960. Tal prática, contudo, só fez com que os camponeses e moradores de pequenas vilas achassem que o Sendero Luminoso era realmente a opção mais adequada para a sua penúria.

Tapia (1997) afirma que como forma de reverter o quadro desfavorável junto às vilas andinas onde o Sendero Luminoso atuava com liberdade, o governo peruano optou por decretar o Estado de Emergência. O efeito desejado não foi alcançado, uma vez que a violência empregada pelas forças de segurança acabava por alienar a população local, ampliando o apoio aos rebeldes. Além disso, havia uma grande distância entre os militares e os políticos, sendo que os primeiros não sentiam confiança nas ações do estado para solucionar de fato a crise.

Judicialmente os problemas também eram graves. Terroristas e guerrilheiros presos eram soltos em pouco tempo pelos juízes peruanos. Isso era parte de um mecanismo do Sendero Luminoso de sistematicamente eliminar e ameaçar os magistrados que tinham responsabilidade de julgar tais casos. Dessa maneira, após todo o trabalho de inteligência e de campo para localizar e prender terroristas, eles acabavam sendo soltos quase que imediatamente.

Com sérias dificuldades em implementar ações efetivas devido ao mau relacionamento com os militares, o governo peruano lançou uma iniciativa estratégica para alterar o panorama geral. Ela era vocacionada para o desenvolvimento econômico das áreas controladas pelo Sendero Luminoso. Os investimentos governamentais na região rebelde de Ayacucho, que fica nas terras altas do sul do Peru, quadruplicaram entre 1984 e 1985. Apesar de a iniciativa ter sido positiva, não foi dada a segurança necessária para que os vetores de educação, infraestrutura e saúde pudessem atuar de maneira ideologicamente fiel ao governo. Assim o Sendero pode controlar essas iniciativas, dando a entender

que eles estavam controlando a seleção e execução dos serviços. Como exemplo, todo o sistema de educação pública se via obrigado a divulgar material ideológico do Sendero Luminoso, sob pena de ação violenta desse grupo. Além disso, as iniciativas não haviam sido alinhadas com as necessidades que o povo sentia. Eram, em verdade, fruto de planejamentos de Lima que não estavam de acordo com a vontade geral.

Após ter percebido o erro de falta de planejamento, o governo Peruano lançou nova iniciativa para vencer o Sendero. A opinião pública foi observada e começaram campanhas para que a corrupção em cargos públicos fosse erradicada.

Tapia (1997) assinala que a perda de parte do apoio popular pelas medidas do governo que pareciam caminhar para solucionar as causas da insurgência, acabou desagradando os membros do Sendero Luminoso. Como forma de reação imediata, foram feitas ações rebeldes punitivas atacando simpatizantes do poder central de forma violenta.

Face ao recrudescimento das ações do Sendero, que de protetor do povo passou a ser um opressor, as forças armadas peruanas identificaram a oportunidade de atuar de maneira diferente. Elas passaram a empregar milícias locais para prover segurança contra os guerrilheiros, envolvendo a população no esforço de se proteger dos maoistas peruanos. Esse emprego de grupos de milicianos recebeu o nome de "Rondas". Treinamento e armamento foram passados para os moradores do interior das áreas de conflito e assim os apoiadores do governo de Lima poderiam enfrentar os rebeldes também.

Palmer (1986) assinala que eleições locais foram convocadas, ampliando o sentimento de legitimidade no poder instituído. Também ocorreu um grande esforço de inteligência foi feito por especialistas, o que promoveu ganho de importantes dados sobre a localização do inimigo e sua forma de atuação. Com tais dados disponíveis, frações especiais passaram a ser empregadas na captura ou eliminação dos insurgentes.

O Sendero Luminoso não foi capaz de se adaptar rapidamente às inovações das técnicas da COIN, sejam as militares ou aquelas ligadas à melhorias na governança. Suas células eram sistematicamente eliminadas e não estava ocorrendo a reposição de pessoal e de material que eram necessárias.

A eleição do Presidente Fujimori em 1990 foi outro golpe poderoso contra os insurgentes. Com legitimidade renovada, o novo chefe de estado pode empregar ainda mais intensamente o sistema de inteligência para localizar os simpatizantes e apoios dos guerrilheiros. Foram feitas infiltrações de pessoal nesses grupos, permitindo assim que as informações fossem cada vez mais precisas e relevantes.

Outra iniciativa de sucesso foi o estabelecimento de um canal de comunicação social chamado de "*comunicaciones estrategicas*", que passavam com sucesso mensagens de aumento de credibilidade do governo, demonstravam a coerência entre as promessas e as ações estatais além de destacarem as melhorias nas condições de vida o povo no altiplano após as intervenções do governo.

O golpe final foi a prisão do líder do Sendero Luminoso, Abimael Guzmán, que teve forte efeito de diminuir a motivação dos rebeldes. Após esse evento o Sendero Luminoso praticamente deixou de agir no Peru.

Em síntese, a insurgência do Sendero Luminoso tem aspectos que podem sinalizar como houve por parte do estado peruano uma melhor adaptação ao confronto, ao mesmo tempo em que os insurgentes não conseguiram fazer o mesmo quando. Após um início muito vantajoso para o Sendero, o governo soube buscar formar de conquistar o apoio da população. Assustado com o efeito dessa campanha, os rebeldes intensificaram a violência e fizeram com que o povo deixasse de apoiar suas ações, dando preferência pelo apoio às forças armadas.

#### **4.13 Insurgência no Senegal - 1980 - 2002**

Local: Senegal

Duração do Conflito: 22 anos



Grupo rebelde envolvido: Movimento das Forças Democráticas de Casamance (MFDC)

Paradigma Insurrecional: Maoísmo

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina local adaptada para o conflito

Resultado Final: Vitória da COIN

Resumo do Conflito

O Movimento das Forças Democráticas de Casamance (MFDC) desafiou o governo senegalês por mais de duas décadas. Face à má administração do governo central daquele país nos campos econômico e político, à preferência dada para algumas regiões do país em detrimento de outras e a importante divisão étnica entre a minoria dos Casamances Diolas e a maioria dos Wolofs, os rebeldes do MFDC conseguiram rapidamente sensibilizar a população de sua etnia para a sua causa e o seu apoio foi obtido em pouco tempo.

De Jong (2005) cita que o início do movimento em 1982 foi caracterizado por ações de baixa visibilidade e violência controlada, aos moldes do ideário maoísta de desenvolvimento de uma força insurgente. Tributos e doações voluntárias eram obtidas pelos revoltosos nessa fase inicial devido ao grande apoio que a população creditava ao movimento, e tiveram um aumento significativo face à reação violenta que o governo adotou. Como em outras insurgências, a alienação popular aumentou e o MFDC passou a gozar de ampla liberdade de ação nas regiões da minoria Casamance.

Após estudar o problema de maneira global, o governo de Dakar entendeu que a reação exclusivamente militar seria ineficaz para resolver essa questão. Foram estudadas soluções de abrangência social e econômica para eliminar as causas da luta, contudo foram tímidas nos primeiros sete anos de luta. A conclusão mais relevante, contudo, foi a de que a violência descabida deveria cessar imediatamente para evitar a ampliação do apoio popular para os rebeldes.

Para De Jong (2005), com a expansão do MFDC, nações próximas do Senegal entenderam que seria conveniente no campo político promover apoio externo para a luta dos revoltosos. As grandes faixas de fronteira com a Gâmbia e com Guiné Bissau permitiram que esse apoio tivesse livre trânsito para o interior senegalês, além de oferecerem excelentes santuários para os guerrilheiros fora do alcance das forças de COIN. Grandes quantidades de armas foram enviadas

para o MFDC, seja pelo apoio de governos, seja pela troca com traficantes de armas cuja disponibilidade de armamentos era grande naquela conturbada região africana. A consequência imediata da grande quantidade de armas nas mãos dos rebeldes foi o aumento exponencial da violência aplicada pelos rebeldes. Isso ocorreu em 1989 e tal violência engajou o Exército do Senegal e também a população que não apoiava o movimento. O princípio de buscar o apoio populacional por meio da conquista de corações e mentes pela guerrilha foi trocado pela violência racial sem limites e objetivos.

Paul et al (2010) cita que a resposta governamental foi a de enviar mais tropas, mais unidades blindadas e mecanizadas para suportar os ataques rebeldes. A luta se generalizou e a opção da guerrilha em atacar populações locais acabou por minar a manutenção do grande apoio que a população destinava ao MFDC. Após essa perda, a luta dos revoltosos foi vista cada vez mais como um fantoche de vontades políticas de países vizinhos, o que comprometeu o movimento como legítimo representante de anseios populares por mais liberdade e igualdade.

O governo senegalês, após identificar mais detalhadamente os fatores que levaram o MFDC para a luta, resolveu fazer diversas concessões de maior autonomia para as províncias e cidades. Com a redução da centralização governamental, várias políticas públicas de cunho social foram implementadas. Outro processo vitorioso adotado foi o início da Desmobilização, Desarmamento e Reinserção (DDR) que pagava somas consideráveis para os revoltosos que abandonassem a luta. Diversas lideranças revoltosas aderiram ao DDR por razões diversas, que iam desde a discordância com a nova linha de ação de violência ampliada da guerrilha assim como a perda da essência ideológica da luta em prol de razões financeiras.

Comunicações estratégicas foram feitas pelo governo para permitir que a população acompanhasse as sucessivas melhorias na sua atuação. Buscando exprimir a verdade dos fatos, o governo logrou ganhar a simpatia popular e aumentar a sua credibilidade. O processo de DDR se tornou mais amplo, mais confiável e mais eficiente. No campo internacional, o governo negociou de forma ativa com os vizinhos que proviam apoio para o MFDC, reduzindo em grande

parte o apoio externo e fazendo com que os santuários nos países vizinhos fossem sucessivamente perdidos.

Outra iniciativa de ampla aceitação pela população foi a criação de um comitê interno de direitos humanos para fiscalizar a atuação das tropas do governo. Prisões arbitrárias, julgamentos duvidosos e maus tratos foram investigados e os culpados foram punidos. Mais uma vez a credibilidade do governo federal aumentou, permitindo isolar o povo dos rebeldes.

A descentralização permitiu que os chefes locais pudessem investigar as razões de descontentamento populacional, permitindo soluções locais simples, mas de ampla aceitação pelo povo que até então havia sido negligenciados.

A proteção das comunidades em áreas conflituosas foi uma iniciativa que mostrou ser uma das mais eficientes. A população, ao ver os soldados senegaleses atuando para proteger suas vidas e propriedades, teve uma instantânea afinidade com esse tipo de iniciativa. Crimes e violência foram reduzidos e os rebeldes perderam sua ligação com o povo.

Após esse avanço nas ações do governo do Senegal, os rebeldes do MFDC não tiveram outra alternativa que não a de se tornarem bandidos locais que passaram a ser perseguidos pela polícia local.

Paul et al (2010) cita que é relevante destacar que a contra insurgência em Senegal foi uma das que mais agregou vetores modernos de combate a forças irregulares, ampliando o escopo de um esforço unicamente militar para uma luta que envolveu todos os campos do poder senegalês. Mesmo após um início no qual as forças do governo foram violentas e ineficazes, o Estado foi capaz de entender seus erros e buscou se adaptar para uma fórmula vitoriosa.

O MFDC, por sua vez, mesmo após um início promissor, com o apoio da população e com amplo apoio de Estados vizinhos, não foi capaz de perceber seu erro estratégico de atacar a população civil. Também errou em ignorar os avanços doutrinários do inimigo e em não estabelecer formas de atuar que levassem a suplantar as iniciativas liberalizantes do governo de Dakar. Por fim, para evitar sua captura, restou apenas a opção do banditismo. Esse marcou o fim do movimento como forma reconhecida de insurgência.

#### **4.14 Insurgência na Turquia - 1984 - 1999**

Local: Turquia

Duração do Conflito: 16 anos

Grupo rebelde envolvido: Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK)

Paradigma Insurrecional: Mesclado, com traços do Maoísmo

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina Turca

Resultado Final: Vitória da COIN

Resumo do Conflito

A população curda ocupa uma região que engloba porções territoriais da Turquia, Iraque, Síria e Irã. Os pleitos curdos para maior autonomia vêm sendo sistematicamente rejeitados na Turquia, a ponto de constar na constituição daquele país que não existem subdivisões étnicas na Turquia, onde todos os habitantes são apenas “turcos”. Aos curdos também é negada a possibilidade de possuir um partido político organizado e seu próprio idioma não é reconhecido.

Segundo o relato feito por Paul et al (2010) sobre o caso em estudo, os curdos turcos fundaram o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK) buscando obter alguma representatividade e iniciaram a infiltração no interior do país em locais onde o poder do estado era menor. Logo que suas atividades subversivas tiveram origem, os nativos turcos rapidamente denunciaram às autoridades essas pessoas. A repressão estatal foi brutal e as forças armadas turcas formaram grupos paramilitares de autodefesa na vilas interioranas para resistir à presença do PKK.

Para concluir o processo de infiltração nas vilas com a oposição das milícias locais, o PKK lançou mão de eliminações de milicianos para aterrorizar a população e para reduzir o recrutamento dessas forças favoráveis ao governo turco. Tal objetivo foi em grande parte alcançado, deixando as lideranças locais aterrorizadas com a força do PKK. A doutrina desse grupo rebelde impunha uma atuação propagandística forte na sua primeira fase, objetivando provar que os insurgentes detinham tamanho poder que poderiam rivalizar com o governo central turco.

Com a sensação de terreno físico e humano perdido, as autoridades turcas tentaram se adaptar ao conflito e fizeram algumas reformas. Maior poder foi dado para governantes locais e regionais no intuito de permitir que eles pudessem atacar as causas da insurgência. Foi buscada a proteção da população de diversas formas. Aqueles moradores que estavam em locais de difícil acesso ao

poder turco foram removidos de suas áreas, muitas das vezes contra sua vontade. O PKK se aproveitava desse tipo de ação para incrementar sua propaganda contra o governo, obtendo algum sucesso em retirar sua legitimidade. Essa propaganda obtinha ainda mais crédito quando as tropas turcas atuavam no interior de forma intimidatória e violenta, realizando detenções aleatórias em vilas curdas após algum ataque do PKK ou atacando esses mesmo lugares, com as inevitáveis perdas de civis inocentes e danos materiais colaterais.

O PKK, entretanto, também falhava no sentido de ganhar um apoio popular sólido. O recrutamento compulsório para lutar pela causa curda era impopular em diversas localidades. Para garantir que os recrutas fossem apresentados, o PKK atacava as vilas e matava pessoas, alienando a população que desconhecia qual era o lado pior, se o do governo ou o dos insurgentes.

Denúncias de violações de direitos humanos surgiram em ambos os lados, mas os meios de comunicação deram mais ênfase ao desempenho negativo das autoridades constituídas. Isso acabou dando um pouco de simpatia interna para a causa curda. Outro fator que explica isso é a falta de meios de comunicação modernos nas vilas do interior da Turquia. Sem acesso às notícias da TV ou de emissoras de rádio em seu próprio dialeto, as notícias verbais tendiam a ser as únicas formas de transmissão de dados. Isso o PKK entendeu e pôde obter vantagem na busca da superioridade de informação.

Paul et al (2010) afirma que mais uma vez o governo buscou reagir, mas adotou fórmulas equivocadas. Os governantes locais foram autorizados a censurar ou mesmo banir veículos de comunicação que divulgassem notícias desfavoráveis ao governo central. Isso ocorreu no início dos anos 90 e teve repercussão muito negativa. As tropas turcas também não conseguiam abrir mão da violência, inclusive para dissolver manifestações reivindicatórias curdas em favor do PKK. Sabedoras de que os guerrilheiros do PKK se encontravam nas montanhas no sudeste turco, os militares turcos buscavam atuar com as vantagens tecnológicas que possuíam (aeronaves de alta performance, blindados e helicópteros). Contudo as suas operações se limitavam a cercar as montanhas. O exército turco não buscava o combate no interior da área controlada pelo PKK nas montanhas. Além disso, as operações eram dirunas exclusivamente. No

período noturna as tropas retornavam para suas bases de combate, permitindo que o PKK operasse livremente à noite.

Mais uma vez a população se viu no dilema de escolher o lado menos pior e o PKK parecia ser a única alternativa para eles. Essa situação permitiu ao PKK abrir mão do uso indiscriminado da violência contra o povo. Ações psicológicas menos agressivas foram incrementadas, como manifestações culturais e apelo para a unidade étnica curda. O partido político também passou a atuar para oferecer uma alternativa pela busca do poder nas regiões de maioria turca.

Os vizinhos Iraque e Síria ofereciam ajuda passiva para a causa curda, inclusive a ponto do líder do PKK, Ocalan, optar por conduzir suas ações a partir do interior da Síria. No Iraque existiam bases do PKK onde era possível treinar militantes, obter recursos locais e permitir o descanso de operadores que saíam da luta momentaneamente.

A troca ocorrida no poder turco em 1993 teve, por fim, o ímpeto de identificar as falhas de e buscar ações efetivas para alterar o quadro desfavorável. As operações militares foram reavaliadas e modificadas, buscando atuar no interior da área montanhosa controlada pelo PKK. Essas operações duravam semanas seguidas, e não eram interrompidas no final do dia, o que permitiu a negação do período noturno para o PKK. A tecnologia militar foi melhor aproveitada, com a evolução técnica da coordenação entre aeronaves de ataque ao solo e uso de helicópteros artilhados para atacar os rebeldes com um mínimo de danos aos civis. As bases do PKK no Iraque foram atacadas diretamente em 1995, destruindo a maioria delas e retirando o importante suporte que havia naquele país. Junto à Síria a pressão foi indireta, com indicações diplomáticas de que haveria ataques direcionados.

Mesmo com essas melhorias, a política de reassentamento continuou. Em verdade, tal política foi ampliada tanto em número de reassentamentos como em espaço abrangido, mesmo que de forma altamente impopular. Também houve aumento na repressão contra os curdos. Paradoxalmente, ainda que com a manutenção de falhas na COIN, o governo turco começou a conseguir debelar o movimento. A percepção era de que os integrantes do PKK tinham os corações e mentes da população, mas o governo turco conseguiu retirar fisicamente o povo de perto dos guerrilheiros, e isso foi fatal para o PKK.

A diminuição do apoio popular imposto pelo isolamento físico fez com que o líder centralizador do PKK, Ocalan, adotasse medidas de retirar a liberdade de ação dos comandantes locais do PKK. Eles clamavam por mais autonomia para se adaptar a luta nas suas zonas de ação. Isso lhes foi negado por Ocalan, que determinou que suas ordens fossem cumpridas sem hesitação. Tal determinação foi fatal, pois as lideranças locais se viram obrigadas a seguir ordens de quem não estava familiarizado com a realidade de vilas e de bairros de cidades.

Por fim, o governo turco conseguiu localizar Ocalan no Quênia e conseguiu a sua detenção. Como Ocalan não havia construído uma cadeia de comando flexível, a sua prisão terminou por deixar o movimento acéfalo e em pouco tempo o PKK deixou de existir como movimento organizado.

González (2008) afirma que o poder central na Turquia, após vencer a luta, entendeu que deveria apaziguar a situação dos curdos. Os direitos da minoria étnica foram ampliados, mas não o suficiente para que os curdos se integrassem plenamente à sociedade daquele país. O problema continua latente até os dias atuais.

#### **4.15 Ação rebelde em Uganda - 1986-2000**

Local: Uganda

Duração do Conflito: 14 anos

Grupo rebelde envolvido: Forças Democráticas Aliadas (ADF)

Paradigma Insurrecional: Maoísmo

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina local

Resultado Final: Vitória da COIN

Resumo do Conflito

De acordo com Hovil e Werker (2005), as Forças Democráticas Aliadas (ADF) eram um grupo com orientação religiosa muçulmana que se levantou para lutar contra o poder central em Uganda. Esse grupo era originário da região central do país e é herdeiro dos ideais de outro grupo rebelde mais antigo, o Exército Nacional de Libertação de Uganda (NALU). Por mais que a orientação religiosa fosse aparentemente a causa do conflito, a ADF só apresentava como objetivos a derrubada do Presidente Yoweri Museveni e a eliminação da etnia Tutsi de Uganda. Seus líderes, ainda que utilizando a região central do país como



foco principal da luta, eram originários de outras porções do território ugandense, o que de início já dificultava um pouco a sua identificação com a população da região onde seria desenvolvida a luta.

As bases da ADF foram instaladas em locais onde o conflito étnico poderia ser explorado e onde estivessem perto dos apoiadores externos do movimento rebelde, tais como Zaire (onde estavam os santuários), República democrática do Congo e Sudão. No Zaire era possível obter recrutas, além de ser uma plataforma de lançamento de ataques. A maioria dos ataques nessa fase inicial eram direcionados contra a população civil das áreas contestadas, mas essas ações não chegavam a preocupar muito o governo central.

De acordo com Paul et al (2010) somente em 1997 a ADF passou a ser vista como um problema maior, no momento que ela realizou diversos ataques coordenados contra as vilas desprotegidas e contra campos de deslocados no interior do país. Esses ataques tiveram como consequência o deslocamento em fuga de dezenas de milhares de civis que haviam sido alvo da ADF. As forças armadas também foram alvo de ações violentas, principalmente as frações menores estacionadas perto da fronteira com o Zaire.

As atrocidades foram se ampliando com o passar do tempo. Policiais, escolas e instalações públicas eram alvos comuns e as vítimas eram contabilizadas aos milhares. Tais ações demasiadamente agressivas afastaram o povo daquele movimento rebelde. As forças do governo ugandense tentavam proteger os civis, mas não eram capazes de ocupar todo o interior, deixando diversos locais à mercê dos rebeldes. Além disso, o exército empregou armas pesadas, aeronaves de ataque e tropas blindadas para vencer os rebeldes, mas era notória a falta de treinamento, de experiência em combate, fraco comando e sistema logístico muito precário. Tudo isso produzia poucos efeitos contra o inimigo e atingia involuntariamente alvos civis nas áreas de combate.

A percepção popular de que o governo não podia prover sua segurança era cada vez maior, pondo em cheque a credibilidade do governo de Museveni. Foram tentados acordos com o Zaire para que os rebeldes deixassem de utilizar o seu território como base de operações, contudo tais negociações falharam e os rebeldes continuaram com santuários no vizinho.

Face ao fracasso diplomático, o governo estudou uma nova estratégia para redução do apoio externo. As unidades de combate de Uganda passaram a atacar as bases da ADF dentro do território da República democrática do Congo (RDC) e foram capazes de comprometer seriamente sua logística e seus santuários. No final de 1999, na operação *Mountain Sweep*, tropas especializadas no combate em montanha foram empregadas em grandes operações no interior montanhoso de Uganda, permitindo a eliminação sucessiva de vários insurgentes, além de conseguir atingir diversas lideranças do movimento.

Ngoga (1997) cita que, apesar de estarem debilitados, os revoltosos da ADF receberam em 2000 apoio em larga escala vindo do Sudão em armas e equipamentos. A República Democrática do Congo também proveu apoio, principalmente em represália pelo apoio que a própria Uganda dava aos rebeldes que atuavam dentro da RDC. Novamente os alvos da ADF eram civis, mas nessa segunda investida os danos não foram tão severos.

Mais uma vez o governo de Uganda lançou uma contra ofensiva, dessa vez com mais ações políticas no contexto de sua ação de COIN. Uma dessas ações foi o estabelecimento de um amplo sistema de anistia para os guerrilheiros, inclusive para aqueles que estavam cumprindo penas. A mesma estratégia de enviar tropas para os dois lados da fronteira com a RDC foi adotada em 2001, dando novamente resultados positivos na eliminação de rebeldes e de seu suporte logístico. O confronto terminou nesse mesmo ano, fruto do enfraquecimento da ADF.

De maneira geral, a luta de um movimento islâmico dentro de uma nação majoritariamente católica foi um dos motivos da ADF não conseguir prosperar. Suas técnicas de violência não conseguiram angariar o tão necessário apoio popular. Também faltava para os rebeldes uma causa unificadora, fazendo com que os subgrupos da ADF não se enxergassem como parte de um mesmo pensamento revolucionário.

As táticas evolutivas do exército ugandense também ajudaram a eliminar gradualmente o poder de combate inimigo. As operações através das fronteiras foram muito relevantes para suprimir as forças das ADF.

#### **4.16 Insurreição em Serra Leoa - 1991-2002**

Local: Serra Leoa

Duração do Conflito: 11 anos

Grupo rebelde envolvido: Frente Revolucionária Unida (RUF)

Paradigma Insurrecional: Miscelânea de ideários revolucionários

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina local e práticas de COIN sul africanas (aplicada por mercenários contratados pelo governo local)

Resultado Final: Vitória da COIN

Resumo do Conflito

No início do conflito, o grupo rebelde mais ameaçador era representado pela Revolucionária Unida (RUF), liderada por um desconhecido ex-cabo do exército nacional. Sua composição era extremamente heterogênea quanto às motivações de seus integrantes: alguns clamavam por vingança contra arbitrariedades cometidas pelo governo, outros queriam se apossar das riquezas naturais do país (diamantes, principalmente) e alguns queriam realmente acabar com a corrupção e melhorar o país.

Muitos insurgentes foram para a Líbia para receber treinamento em táticas de guerra irregular. Houve ainda outros rebeldes que receberam tal apoio na vizinha Libéria, que vinha de uma guerra civil similar em seu território.

Zack-Willians (1999) cita que com o início dos conflitos, apareceram os primeiros refugiados das lutas em Serra Leoa que optaram por fugir para a Libéria devido à insegurança de permanecerem em seu país. A RUF, entretanto, realizou diversos ataques a esses campos de refugiados, provocando outro êxodo de milhares de pessoas para a Guiné.

A violência era a principal arma da RUF. Em alguns locais, a população masculina tinha os braços amputados para que seu poder sobre o povo e o governo fosse demonstrado. Vilas eram queimadas e casas eram destruídas, ampliando o número de refugiados. Em 1992 a RUF conseguiu a posse de territórios onde se encontravam as principais minas de diamante do país, que ficavam na região de Kono. Com os diamantes obtidos, foi possível adquirir armamento diversificado junto a traficantes internacionais. Fuzis de assalto, metralhadoras pesadas, lançadores de foguetes portáteis e até alguns mísseis terra-ar foram adquiridos pelos rebeldes.

Paul et al (2010) cita que, face à ineficácia do governo para resolver a situação, jovens oficiais do exército lideraram um golpe para promover melhores

ações na luta contra a RUF. Estabeleceram um governo provisório em Serra Leoa com a proposta de terminar com o movimento rebelde. Alguns sucessos táticos foram obtidos por esse novo grupo central, mas não foram suficientes para eliminar a ameaça da RUF, que só era derrotada em algumas escaramuças no interior do país. Além disso, ocorriam deserções cada vez mais numerosas no exército, com esses efetivos de traidores indo se alistar para alutar do lado da RUF.

Gershoni (1997) afirma que entre 1993 e 1995 a luta ficou indefinida, com ambos os lados obtendo apenas pequenas vitórias. O governo provisório buscou, em 1995, o apoio da *Executive Outcomes* (EO), que era uma firma sul-africana de mercenários. Aproximadamente 150 mercenários iniciaram suas operações contando com material militar de qualidade muito superior ao material dos rebeldes, incluindo helicópteros de ataque. Com técnicas mais adequadas, a EO conseguiu abrir caminho em território rebelde até retomar as minas de Kono, que era uma região de interesse para o governo, para companhias internacionais de mineração e para os próprios mercenários. Para assegurar as regiões conquistadas, a EO recrutava tribos locais para formarem milícias locais armadas com o objetivo de se protegerem da RUF.

As ações da EO conseguiram estabilizar a situação ao ponto de permitir eleições gerais. O partido vencedor, liderado por Tejan Kabbah, procurou fazer um acordo de paz com a RUF. Contudo, após as negociações, a RUF desrespeitou o acordo e voltou para a luta. Mais uma vez houve um golpe de estado dado por setores das foras armadas, agora para derrubar Kabbah. Após assumirem o poder, os golpistas convidaram a RUF para compor o governo do país.

Em face dessa crise, foi montada uma força de intervenção nigeriana que rapidamente retomou a capital Freetown e devolveu o poder para Kabbah. Uma missão da ONU foi estabelecida no país para pacificá-lo. Com o apoio das tropas nigerianas, a situação estava equilibrada, mas com a saída dos africanos, a missão ficou fragilizada.

Uma ousada ação da RUF terminou por cercar e manter quinhentos militares da ONU. Tal ação deixou vulnerável a missão de paz, cujos participantes ameaçaram retirar suas tropas de Serra Leoa. Uma intervenção em força de

tropas inglesas salvou a situação, libertando os boinas azuis que estavam cercados e permitindo que a missão de paz continuasse.

O governo local pôde, após esse episódio, reorganizar seus esforços para vencer a insurgência. As tropas foram mais bem equipadas e instruídas para a luta. Foi estabelecido um canal de comunicação com a população, que objetivava aproximar os dois lados e isolar os insurgentes. A proteção da população foi o alvo dos esforços da COIN em Serra Leoa e isso trouxe bons resultados para o governo. As operações militares passaram a ser precedidas por reconhecimento pormenorizados nos locais onde ocorreriam. Isso permitiu planejamento mais detalhado e melhor conhecimento do terreno onde o inimigo operava. Por fim, vários insurgentes optaram por abandonar a luta por meio dos programas de desmobilização e reinserção social, reduzindo muito o número de lutadores disponíveis para prosseguir na luta. Essa foi a página final desse longo e violento conflito.

#### **4.17 Rebelião na Argélia - 1992-2004**

Local: Argélia

Duração do Conflito: 8 anos

Grupo rebelde envolvido: Grupo Armado Islâmico (GAI)

Paradigma Insurrecional: Modelo revolucionário e de libertação nacional baseado em luta religiosa (Jihad)

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina local

Resultado Final: Vitória da COIN

Resumo do Conflito

A razão imediata da insurgência na Argélia entre 1992 e 2004 foi o golpe militar dado para evitar as primeiras eleições livres que ocorreriam naquele país. O golpe foi dado para prevenir a vitória certa da Frente de Salvação Islâmica (FSI), o que os militares julgaram que seria um risco para a unidade da Argélia. Inúmeras manifestações populares contrárias ao golpe estouraram após os militares assumirem o poder. Uma das alas radicais da FSI, o chamado Grupo Armado Islâmico (GAI), assumiu a luta armada como opção para implantar uma república islâmica governada pela *Sharia* no país, que até então estava nas mãos do governo secular argelino. Esse grupo revoltoso possuía jovens argelinos que

havia lutado no Afeganistão contra a URSS e que possuíam larga experiência na guerra irregular. Na Argélia, contudo, ainda que tivessem conhecimento na condução de um movimento de guerrilha, tais combatentes optaram pelo terrorismo como carro chefe de suas ações.

Weinstein (2007) cita que as ações principais do GAI incluíam assassinato de policiais, eliminação de militares e de qualquer pessoa remotamente associada com o poder central da Argélia. As forças armadas daquele país responderam atacando alvos da FSI, o que foi imediatamente respondido pelos rebeldes com ataques contra as instalações governamentais.

O governo tentou anunciar novas eleições com participação de partidos pró- governo e sem a participação dos partidos islâmicos, mas isso fez apenas aumentar a violência terrorista contra os partidários do governo secular. Nesse sentido, houve a ampliação da simpatia dos diversos grupos islâmicos pela causa rebelde, reduzindo o apoio dado ao governo no seio da população.

Focando a luta apenas no aspecto militar, o governo da Argélia iniciou um processo de construção de grupos de autodefesa em vilarejos com o intuito de poder enfrentar os ataques do GAI. Tais grupos, contudo, depois de terem recebido armas e munição, iniciaram também ataques vingativos e violentos contra inocentes ou suspeitos de apoiar a causa islâmica. Dessa forma, ao atribuir poder para esses grupos, o governo da Argélia acabou contribuindo para que a lei fosse ignorada por esses aliados, retirando a legitimidade da ação estatal.

Paul et al (2010) cita que o GAI expandiu seu recrutamento, buscando os imigrantes argelinos que se encontravam na França e na Bélgica. Além do recrutamento, foi possível obter desses simpatizantes externos o apoio no fornecimento de grande número de armas e de recursos financeiros suficientes para prosseguir na luta. Houve também a disseminação de campanhas de comunicação estratégica para mobilizar a opinião pública contra o governo militar na Argélia.

O GAI, na busca por superar os esforços da contra insurgência estatal, autorizou a realização de campanhas de terrorismo indiscriminado, principalmente na capital federal. O resultado foi um grande número de mortos, chegando a causar mais de três mil mortes apenas no Ramadã de 1997-1998.

Mais uma vez a resposta do governo foi aumentar o número de ataques contra os rebeldes islâmicos. Ainda que vários líderes rebeldes tenham sido eliminados, vários civis inocentes eram mortos também nessas ações militares feitas com grande poder de fogo e sem nenhuma preocupação com danos colaterais.

As forças armadas argelinas passaram a receber apoio em material (helicópteros de ataque e equipamentos de visão noturna) vindos da França. A tática de armar grupos de autodefesa prosseguiu, mesmo se sabendo da forma fora da lei como eles atuavam. Esses grupos passaram a prender todos os associados com os suspeitos de integrar o GIA e mantê-los aprisionados por meses. Milhares de presos jamais foram eliminados e se tornaram desaparecidos perante suas famílias.

Weinstein (2007) afirma que a população da Argélia, face a esse cenário de violência crescente em ambos os lados da luta, identificou no GIA a pior alternativa para apoio. Os massacres em períodos de festas religiosas foram particularmente impopulares, fazendo com que mesmo os muçulmanos passassem a desacreditar os terroristas do GIA como seus representantes. Mesmo com a impopularidade do governo, os cidadãos das classes pobre e média preferiam a segurança de um local sem conflitos e o GIA era visto como motivador dessa guerra civil.

O líder do GIA, Antar Zouabri, começou a perder a unidade de comando devido à sua insistência de manter a política de terror e de violência sem limites. Alguns integrantes do GIA optaram por abandonar esse tipo de luta e fundaram grupos mais moderados. Esse foi o caso do Grupo Salafista para Pregação e Combate (GSPC). Zouabri complicou ainda mais sua situação ao decidir lançar ataques contra o território francês, como uma represália pelo apoio material dado pelos franceses ao governo da Argélia. Isso fez com que a opinião pública europeia se voltasse contra o GIA e os apoiadores da causa islâmica na Argélia optaram por retirar suas contribuições. Esse foi o momento que o governo da Argélia conseguiu obter

Apesar dos choques entre o governo e o GIA continuarem, o nível de violência diminuiu em 1999. Entre 1992 e 1998 o número de mortos por mês beirava 1.200 pessoas. Após 1999 esse número foi reduzido para 125 mortos por



mês. Em 1999, o novo presidente da Argélia, Abdelaziz Bouteflika, aproveitou-se das cisões entre o GIA para propor um amplo plano de anistia para os rebeldes que não haviam tomado parte em terrorismo e assassinatos. Grande número de insurgentes do FIS aceitou o plano e deixaram o movimento. Eram, em sua maioria, apoios envolvidos com as redes de informações e redes logísticas.

O novo governo ofertou um prazo para trégua, mas o GAI recusou a oferta. Enquanto o prazo corria, um grande esforço de inteligência era feito para que as áreas de apoio e os santuários do GAI fossem localizados. O apoio da população foi chave para a obtenção desses dados, uma vez que a maioria já se encontrava farta das ações violentas do GAI. No final do prazo, o governo lançou operações pontuais para atacar esses pontos, obtendo grande sucesso na destruição deles. Outra leva de deserções para o GSPC foi realizada, enfraquecendo o grupo liderado por Zouabri.

Os grupos de autodefesa foram lentamente desmobilizados e substituídos pelos "vigilantes" que eram elementos da população recrutados para serem informantes do governo. A eles não cabia agir cineticamente, bastando que informassem sobre atividades insurgentes. Com essas informações oriundas dos vigilantes, as ações puderam ser cada vez mais precisas e letais na luta contra o GIA. A crescente percepção da relevância da inteligência humana fez com que o governo de Bouteflika investisse cada vez mais verba nesse tipo de atividade, adquirindo meios de inteligência de sinais, de guerra eletrônica, de reconhecimento aéreo e investimento no pagamento de informantes. Essa iniciativa acabou por permitir o levantamento de dados que permitiram a eliminação de Zouabri em 2002.

A luta havia diminuído de intensidade, mas ações rebeldes contra civis ainda continuavam. A incapacidade do GIA de perceber que o ataque contra civis só fazia retirar suas bases de apoio foi fatal para que o movimento contasse com apoio nos seus dias finais.

Em 2003, os Estados Unidos haviam lançado a "Guerra contra o Terror". A Argélia foi largamente beneficiada com o final do embargo na venda de material militar dos EUA. AAs forças armadas puderam ser reequipadas para a luta contra os remanescentes do GIA, acelerando o final do conflito.

Bouteflika conseguiu ser reeleito em 2004 com base na promessa de ampliar as negociações pela paz com os rebeldes. Sua política de maior participação popular e maior autonomia regional foi muito bem sucedida e isso ampliou ainda mais a aceitação do governo. Especial atenção foi dada para a reaproximação com os islâmicos, diminuindo as causas iniciais da luta.

Os rebeldes haviam sido eliminados implacavelmente e o apoio à luta islâmica praticamente havia cessado. A ameaça do GIA deixou de ser um grave problema em 2004, com apenas algumas centenas de insurgentes mantendo poucas ações contra o governo a partir de então.

#### **4.18 Grupos Separatistas na Chechênia - 1994-1996**

Local: Chechênia

Duração do Conflito: 3 anos

Grupo rebelde envolvido: Separatistas Chechenos

Paradigma Insurrecional: Misto

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina Russa aperfeiçoada pela luta no Afeganistão

Resumo do Conflito

Com o final da URSS, várias porções daquele país se viram motivadas a buscar a independência alcançada por algumas ex-repúblicas. A Chechênia foi uma dessas porções que optou pela luta armada para obter sua independência.

Schaefer (2010) explica que em face do pleito checheno de separação, a Rússia enviou tropas para ocupar militarmente a província rebelde. As ações de ocupação foram precedidas pelo bombardeio aéreo e de artilharia da cidade, ocasionando baixas em civis e praticamente não atingindo os rebeldes. Os bombardeios duraram três semanas e após o seu fim, as tropas russas adentraram em Grozny. As tropas eram compostas na sua maioria por recrutas despreparados e sem conhecimento nas técnicas de contra insurgência. Ao todo, os russos enviaram na primeira leva de ataques efetivos superiores a seis mil homens. As pontas de lança do avanço soviético eram a 131ª Brigada “Maikop” e o 81º Regimento de Fuzileiros Motorizado.

Os revoltosos chechenos, sob liderança de Dzhokar Dudayev (ex general da Força Aérea Russa), se prepararam para a luta planejando emboscadas e

ataques contra as colunas mecanizadas blindadas em lugares onde elas não pudessem manobrar e reagir aos fogos dos rebeldes. As frações rebeldes eram organizadas em pequenos grupos que raramente passavam de quinze homens. Empregavam com maestria armas automáticas de grosso calibre, fuzis de precisão e lançadores de foguetes anti-carro (RPG-7). Em apenas uma semana de combates, a 131ª brigada Russa perdeu 800 de seus soldados, 20 dos seus 26 carros de combate e 102 dos seus 120 veículos de combate de infantaria. Outra arma rebelde era a manipulação de mensagens falsas nos sistemas de comunicações russos. Em diversas ocasiões alvos eram informados pelo sistema rebelde de rádio para as unidades russas, que engajavam seus próprios companheiros julgando se tratar do inimigo.

Muito do problema de desempenho dos russos provinha das falhas na capacidade de comando e controle, nas lideranças frágeis dos comandantes russos e na quase ausência de dados confiáveis de inteligência sobre o inimigo. Os sistemas de inteligência do Ministério da Defesa, do Ministério do Interior e do FSK (braço interno da KGB russa) não possuíam nenhuma articulação para compartilhar informações. Dados relevantes deixavam de circular entre esses órgãos, fazendo com que o inimigo fosse virtualmente invulnerável. Por fim, as únicas fontes humanas dos russos provinham da ineficiente oposição chechena aos rebeldes de Dudayev, que ofereciam poucos dados e que chegavam fora do momento oportuno.

Segundo Schaefer (2010), os russos ampliaram seus efetivos em Grozny no intuito de vencer os rebeldes. Foram enviados efetivos que somaram quase 30 mil militares oriundos de unidades de elite como os paraquedistas, infantaria naval e equipes das Spetznaz. Equipamentos rádio com proteção criptográfica, veículos de reconhecimento remotamente operados e equipamentos de visão noturna foram empregados para superar as técnicas irregulares dos rebeldes. Blindados de artilharia antiaérea autopropulsados ZSU 23-4 foram empregados para abater snipers rebeldes, demonstrando grande efetividade. Após algum tempo operando dessa forma, os russos conseguiram tomar a capital chechena unicamente pelo esforço militar, sem ter realizado nenhuma ação para apaziguar ânimos e conquistar apoio popular.

Os revoltosos abandonaram a cidade e se dirigiram para o interior rural da província na esperança de se reorganizar e fugir da avalanche de tropas russas. No entanto, a luta na área rural mostrou ser favorável aos russos, que agora podiam empregar suas unidades blindadas e mecanizadas com amplo espaço para manobrar e impor seu poder de fogo superior. As forças russas, com 58 mil homens para lutar contra os chechenos conseguia ampliar seu domínio nas áreas liberadas, oferecendo proteção para a população local em vilas e pequenas cidades. Os rebeldes foram obrigados a se refugiarem nas montanhas chechenas na esperança de escapar do assédio militar russo, realizando apenas algumas ações tipo “hit and run” realizando infiltrações de elementos subversivos no meio da população urbana das cidades interioranas.

Contudo, ainda que possuindo um momento favorável, as tropas russas cometiam erros repetidamente. Soldados russos corruptos vendiam armas e munições para as redes de sustentação dos rebeldes chechenos. As tropas da contra insurgência lutavam em turnos de apenas dois meses, o que impedia que realizassem aproximação com a população local ou que pudessem se especializar na guerra irregular que eles combatiam. Isso também impedia que os soldados percebessem o efeito negativo de suas ações violentas contra a população local, deixando-os alienados quanto à forma correta de combater os rebeldes.

O uso de tortura e de prisões arbitrárias pelos russos também não ajudou no sentido de oferecer atitudes confiáveis junto aos chechenos. O uso da violência indiscriminada pode ser exemplificado pelo episódio do massacre feito pelas tropas russas na vila de Samashki. Quarteirões inteiros foram queimados e civis eram abatidos a tiro sem que se configurassem alvos inimigos identificados. O avanço russo prosseguiu com o cerco e conquista de diversas vilas, até que os rebeldes só tivessem as montanhas como refúgio.

Na necessidade de repensar sua estratégia de luta, os rebeldes planejaram retomar Grozny. Como operações de demonstração de força, duas grandes ações terroristas de tomadas de reféns foram feitas no território russo, em Budyonnovsk e Pervomayskoye. Essas ações foram amplamente cobertas pela imprensa, atingindo o moral do público russo com a violência e com a ousadia dos chechenos.

Em março de 1996, surpreendendo a guarnição russa estacionada em Grozny, os rebeldes conseguiram realizar o cerco da cidade por três dias. Entre 200 e 400 soldados russos foram mortos, contra pequenas baixas rebeldes. Tal operação foi também apenas uma incursão com objetivos militares limitados, mas com a clara intenção de mostrar aos russos de que o movimento insurgente ainda possuía a iniciativa e a força para lutar.

De acordo com Celestan (1996), em agosto de 1996, os rebeldes saíram das montanhas e partiram para outro ataque contra Grozny. Com 1.600 insurgentes, a batalha se iniciou com barragens de morteiro, uso de snipers, emprego de armas anti carro para vencer os russos que reagiam com aeronaves de alto desempenho e com o emprego de helicópteros de ataque. Os disciplinados revoltosos conseguiram angariar vários recrutas que estavam na cidade, somando quase 3.000 homens na luta. As táticas russas falhavam sucessivamente. Os blindados enviados emergencialmente para resgatar feridos eram destruídos pelos times anti-carro. Com quase 500 mortos, com 1.500 feridos e com 200 desaparecidos em ação, os russos foram obrigados a abandonar a cidade para evitar baixas maiores dos que as que já haviam ocorrido.

O governo russo, que também empregava tropas em outros locais para conter insurgências (Moldova, Nagorno-Karabach, Geórgia, Tadjiquistão, Ossétia, Ingushétia, Daguestão e Abkhásia) optou por negociar um cessar fogo com os chechenos e retirar sua retirada, que foi concluída em 1996.

Finch III (1998), em seu estudo "*Why the russian military failed in Chechenia*" cita que a aplicação de técnicas puramente militares pelos russos mostrou sua ineficácia. Não houve nenhuma intenção de ganhar suporte da população ou de reduzir a apoio dado por ela para os insurgentes. Os ataques de artilharia e da força aérea faziam com que os revoltosos obtivessem cada vez mais voluntários para lutar, motivados pelo desejo de vingar os parentes inocentes mortos pela violência russa.

O conflito se encerrou da maneira menos provável. Apesar da força disponível e da experiência de ter lutado no Afeganistão contra insurgências nas quais a aplicação pura de poder militar foi inútil, os russos aparentemente não souberam se livrar da tradição de concentrar meios militares e julgar que eles por

si só resolveriam qualquer problema. A vitória foi creditada aos chechenos, ainda que sua independência não tenha sido obtida.

#### **4.19 Insurreição no Kosovo - 1996 - 1999**

Local: Kosovo

Duração do Conflito: 4 anos

Grupo rebelde envolvido: Exército de Libertação do Kosovo (ELK)

Paradigma Insurrecional: Misto

Paradigma Contra Insurrecional: Doutrina local

Resultado Final: Vitória dos rebeldes

Resumo do Conflito

De acordo com Perrit (2008), o conflito no Kosovo teve início com a crescente violência praticada pelo líder Sérvio Slobodan Milisevic contra os kosovares albaneses. Os kosovares optaram por construir uma identidade paralela e buscar sua independência tanto pelos meios políticos como pela luta armada. Seu representante político foi Ibrahim Rugova, que denunciou a violência sérvia e apelou pelo final das atrocidades. A luta armada foi conduzida pelo Exército de Libertação do Kosovo (ELK), que iniciou suas atividades em 1993, mas só realizou seu primeiro ataque em 1996.

O movimento rebelde selecionou os tradicionais alvos dos insurgentes: postos policiais, quartéis do exército sérvio e kosovares albaneses colaboradores dos sérvios. Eles atuaram com ações terroristas como acionamento de artefatos explosivos e assassinato seletivo nas cidades de Pristina, Vucitrn, Suva Reka e Podujevo. Ameaças eram direcionadas aos políticos kosovares que participassem de qualquer negociação que impedisse a independência daquela região controlada pelos sérvios.

Paul et al (2010) afirma que os guerrilheiros do ELK tomavam medidas severas para evitar a ocorrência de ataques que pudessem atingir sua própria população, demonstrando grande disciplina e planejamento para agir com moderação. De fato, tal intento nem sempre era alcançado, principalmente quando eram empregadas ações com altos explosivos. Mesmo com algumas falhas, a opinião pública mundial julgava que a luta e a forma de combater o

opressor sérvio eram justas, conferindo apoio externo em termos de simpatia pela causa kosovar.

Outra virtude dos ELK era a sua grande flexibilidade doutrinária face à reação do oponente e face ao apoio popular. Suas fraquezas em efetivos e em armamento eram compensadas por ações bem selecionadas e com alvos sempre de valor elevado. Começaram a surgir áreas controladas pelos rebeldes, onde as tropas sérvias não podiam adentrar sem ter que se sujeitar à uma luta dura e com elevadas baixas. Esse foi o caso em Donji Prekaz e Drenica, onde foram instalados campos de treinamento e áreas seguras dos rebeldes.

Os efetivos do ELK aumentavam rapidamente devido à chegada de recrutas, Em 1998 estimava-se que mais de 500 homens compunham a força rebelde kosovar. A razão principal do aumento no número de voluntários era o desejo de vingança contra as atrocidades cometidas pelos sérvios. Os casos de massacres contra civis aumentavam significativamente. Casos como o que ocorreu em Jashari, onde quase 60 civis foram mortos, tornaram-se rotina e acabaram por alienar a população kosovar.

Com dificuldade em adaptar suas técnicas de combate contra os integrantes do ELK, as tropas de contra insurgência sérvias optaram por ampliar a violência étnica. No final do conflito, quase 40% da população kosovar havia imigrado como refugiados para países vizinhos, o que significava uma população de aproximadamente 850 mil pessoas.

Paul et al (2010) cita que as forças do ELK, ainda que muito efetivas, não possuíam poder para superar os sérvios em combate. Essa situação mudou no momento que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) resolveu intervir no conflito para interromper a violência étnica dos sérvios. A Macedônia e a Albânia foram os membros mais ativos nessa resolução, uma vez que o transbordamento de refugiados estava afetando a economia desses países. Iniciativas como demonstrações de força com aeronaves de ataque foram feitas junto à Sérvia para intimidar esse país e levá-lo a interromper as hostilidades, contudo não foram eficazes.

Respondendo à demonstração de força da OTAN, os sérvios lançaram uma forte ofensiva no início de 1998 contra a região de Drenica. Milhares de habitantes fugiram dos combates, nos quais os militares sérvios empregaram



concentrações de artilharia pesada, carros de combate e ataques aéreos. Vilas foram destruídas e prisioneiros eram sumariamente eliminados sob as armas sérvias. As forças do ELK estiveram próximas de serem derrotadas.

Enquanto a OTAN deliberava sobre qual a melhor forma de intervir, as forças de COIN da sérvia continuavam a tacar vilas e a promover limpeza étnica. Milosevic aparentemente não se preocupava com as consequências dos seus atos de barbárie. Por fim, após decidir por intervir, a OTAN lançou ações aéreas para negar o uso do espaço aéreo pelos sérvios. Além disso, a estratégia militar da aliança objetivava isolar o exército expedicionário sérvio que atuava dentro do Kosovo. No campo político a intenção era ter melhores condições diplomáticas para buscar o final da luta, uma vez que ela trazia prejuízos financeiros devido aos refugiados.

Os ataques aéreos buscaram interditar pontes, refinarias, complexos industriais e fontes de energia. As tropas sérvias se dispersaram pelo Kosovo para escapar dos ataques da OTAN durante o dia e se concentrava a noite para prosseguir suas ações violentas no período noturno.

Após 11 semanas de bombardeio, os sérvios julgaram contraproducente prosseguir na luta e se abriram para negociações com a OTAN. A Organização das Nações Unidas foi convidada a estabelecer uma missão no Kosovo e terminar com a luta. Por fim o Kosovo foi reconhecido como estado independente.

#### **4.20 Ação de grupos rebeldes na República Democrática do Congo - 1998 - 2003**

Local: República Democrática do Congo

Duração do Conflito: 6 anos

Grupo rebelde envolvido: Luta Congoleza pela Democracia (LCD)

Paradigma Insurrecional: Mesclado, com traços do maoísmo

Paradigma Contra Insurrecional

Resultado do conflito: Vitória da COIN (com grandes concessões para os rebeldes)

Resumo do Conflito

Para Kisangani (2003), a chamada “Segunda Guerra do Congo” começou em agosto de 1998 devido à invasão de tropas de Ruanda e Uganda no leste do Congo. Contudo, o conflito já estava em andamento naquela região devido a atuação do grupo guerrilheiro Luta Congoleza pela Democracia (LCD), que era uma união de insurgentes da etnia tutsi que lutavam contra a corrupção e nepotismo do governante máximo da República Democrática do Congo (RDC), Laurent Kabila.

Os rebeldes realizaram um avanço rápido na direção da capital Kinshasa, devido ao recrutamento de ex-integrantes do exército do Congo (Zaire). Após a conquista de mais de três quartos do país, os rebeldes se aproximaram de Kinshasa, onde eles cortaram o fornecimento de energia. A situação só foi controlada com a inesperada intervenção de tropas de Angola, Zimbábue e Namíbia, cujo apoio foi vital para evitar a queda do governo de Kabila. A intervenção de outras nações africanas desconfigurou a luta irregular que passou a ter uma conotação de luta entre estados. Ao todo, sete estados africanos estiveram envolvidos nessa campanha.

No entender de Paul et al (2010), as motivações dos países envolvidos eram diversificadas, mas de maneira geral lutavam pela posse das ricas regiões de mineração de diamantes. A luta tomou um caráter tão complexo que os antigos aliados Ruanda e Uganda começaram a se atacar na busca do controle das minas de diamantes. Uganda resolveu patrocinar o seu próprio movimento rebelde no Congo, chamado de Movimento de libertação do Congo (MLC). Kabila mudou várias vezes de aliados, juntando-se a milícias e a movimentos regionais. Ao mesmo tempo, Kabila patrocinava movimentos rebeldes em Burundi e em Ruanda.

A RDC ficou dividida no ano de 1999 em várias áreas controladas por adversários. O norte do país estava nas mãos do exército de Uganda e dos rebeldes do MLC. A região do rio Kuvu estava nas mãos dos ruandenses e dos rebeldes do LCD. O exército da RDC não conseguia nessa fase suportar as investidas dos seus oponentes, mesmo com o apoio dos países aliados. Em função da deterioração da situação, Kabila aceitou iniciar negociações de paz, que foram conduzidas e concluídas nos termos do Acordo de Lusaka. Tal acordo

celebrava um governo de coalizão de rebeldes e Kabila, determina um cessar fogo além de aceitar a presença de uma força de paz da ONU.

As hostilidades não tardaram a reaparecer em 200 e o Exército da RDC lançou uma grande ofensiva contra os rebeldes e os exércitos de Uganda e Ruanda. Mais de cinco mil civis foram mortos nesse ano fruto da violência de todos os lados envolvidos. Não era possível identificar um objetivo claro nos combates, apenas o interesse financeiro parecia motivar a luta.

No ano de 200, Laurent Kabila foi assassinado por um de seus soldados. Seu filho, Joseph Kabila, assumiu o poder e optou por mudar o curso da luta, buscando uma paz negociada com todos os participantes. Uma a uma, Uganda, Ruanda e Burundi assinaram acordos de paz e retiraram suas tropas do Congo. Os rebeldes também optaram por cessar as hostilidades e foi iniciado um longo processo de desarmamento das milícias, principalmente dos Hutus.

Paul et al (2010) cita que Kabila manteve o poder com quatro vice presidentes representativos das forças de oposição. Eleições livres foram realizadas e o país parecia caminhar para uma paz duradoura, contudo os grupos armados que não foram contemplados no acordo de cessar fogo, continuaram a oferecer oposição na parte oeste do país.

#### **4.21 Insurreição Talibã no Afeganistão - 2003 aos dias atuais**

Local: Afeganistão e Paquistão

Duração do Conflito: 10 anos (ainda em andamento)

Grupos rebeldes envolvidos: Talibã, Al-Qaeda, Grupo Haqqani e Hezbi Islami

Paradigma Insurrecional: Luta insurrecional com base em Jihad

Paradigma Contra Insurrecional: Modelo Norte Americano sintetizado pelo FM 3-24

Resultado Final: Indefinido

Resumo do Conflito

Após os atentados de 11 de setembro, os EUA lançaram a Guerra ao terror que teve como ação inicial a invasão do Afeganistão para destruir as bases de terroristas da Al Qaeda que existiam naquele país.

De acordo com Jones (2008), após a aliança feita com senhores da guerra do norte do Afeganistão, foi realizada uma rápida campanha terrestre para ocupar o país. Os efetivos norte americanos eram compostos essencialmente de forças especiais. O resultado da ofensiva terrestre, somado ao apoio aéreo devastador foi uma vitória rápida e com perdas muito pequenas para os EUA.

Depois de escapar das forças dos EUA durante toda a invasão, os remanescentes do Talibã começaram a se reagrupar e a recuperar a confiança. O líder do Talibã, Mulá Mohammed Omar, havia organizado suas forças para conduzir uma guerra irregular de longa duração. A rede Haqqani, Hezbi Islami e a Al -Qaeda também são grupos que se juntaram à insurgência e apoiam o Talibã.

O recrutamento dos novos integrantes do Talibã foi feito em áreas pashtuns no Afeganistão e Paquistão. A motivação era realizar uma guerra santa, ou seja, uma "jihad" do povo afegão contra o governo afegão e da coalizão liderada pelos EUA. Contudo, ao declarar uma jihad contra os infiéis, recrutas de diversas nações islâmicas se deslocaram para o Afeganistão para lutar junto a um desses grupos rebeldes. Panfletos com ameaças aos apoiadores do governo central eram distribuídos em segredo nas cidades e vilas do sudeste do país, onde o Talibã possuía sua base ideológica. Pequenos campos de treinamento móveis foram estabelecidos ao longo da fronteira com o Paquistão pela al- Qaeda e pelo Talibã, para formar os novos recrutas em técnicas de guerrilha e de terrorismo.

Jones (2008) cita também que a maioria dos novos recrutas foi retirada das madrassas, ou escolas religiosas das áreas tribais do Paquistão, de onde os talibãs tinham inicialmente surgido. As bases operacionais foram estabelecidas nas montanhas do Takhur Ghar com efetivos que chegavam a 200 homens cada.

Valendo-se do livre trânsito entre o Afeganistão e o Paquistão, o Talibã atua em boas condições de escapar de operações da ISAF ou das Forças Armadas Paquistanesas, já que não existe coordenação entre elas para eliminar os insurgentes em operações combinadas.

A insurgência opera em todo o país, mas se concentra ao longo da fronteira com o Paquistão, nas províncias do Waziristão e Khyber Pakhtunkhwa.

Kilcullen (2006) observa que a conduta Taliban é a de conduzir uma guerra de baixa intensidade contra civis, contra as forças nacionais de segurança afegãs e seus treinadores da OTAN. Existem suspeitas de que o apoio em armas e recursos para o Talibã vem do Irã e até mesmo do Paquistão. Atualmente o Talibã é considerado o responsável pela morte de 80% dos civis que foram mortos nos combates ou em atentados.

Parte da obtenção de recursos do Talibã vem da produção do ópio. Apesar de ter sido combatida após 2001, existe uma progressiva ampliação das áreas de produção, principalmente aquelas que ficam em área controladas pelo talibã. Em 2001 o Afeganistão produziu apenas 11% do ópio no mundo. Hoje ele é responsável por 93 % da safra global. Estima-se que o tráfico de drogas atinja quase a metade do PIB do Afeganistão.

Para Jones (2008), a ISAF, por sua vez, vem apostando na atuação de suas tropas de um moderno conceito de contra insurgência que evoluiu das ações americanas no larque. Por esse modelo, é dada grande atenção para a proteção da população. As tropas são posicionadas em vilas de onde possam operar contra os insurgentes no campo e possam patrulhar as vilas buscando manter os insurgentes afastados.

Outra técnica usada é a de eliminação sistemática de líderes e de apoios da insurgência. Não se trata de um artifício novo, mas a sistematização dessas missões chegou em uma escala inédita. Como a oferta de inteligência e de atuadores de forças especiais é grande, todos os dados sobre insurgentes de níveis mais elevados se torna automaticamente uma missão de captura ou eliminação. Isso vem criando claros nos quadros insurgentes e vem limitando ao recrutamento de novas lideranças.

Kilcullen (2006) indica que o emprego de *Provincial Reconstruction Teams* (PRT) também se trata de uma inovação muito interessante para realizar as chamadas operações de “Winning Hearts and Minds” (WHAM). Essas equipes fornecem subsídio em diversos setores (saúde, educação, agricultura, segurança) para as lideranças tribais e provinciais. São montadas com civis da administração norte americana e militares americanos. Os recursos disponíveis para a condução desses trabalhos de assessoria e financiamento a projetos são consideráveis e

vem se mostrado eficazes para reduzir o apelo insurgente no interior do Afeganistão.

De maneira geral, o conflito se encontra agora em um estágio de estabilização, no qual a ISAF tem a intenção de formar o Exército Nacional Afegão e a policial Nacional Afegã para que eles possam conduzir a luta contra o Talibã dentro dos preceitos corretos da luta de contra insurgência. A nacionalização do conflito ainda não tem uma data para ocorrer, mas contingentes de países partícipes da guerra já começaram a se mover de volta, como é o caso francês.

Não é possível prever o resultado final do conflito após a saída da ISAF do país, mas acredita-se que o Talibã não irá renunciar a luta pela derrubada do governo central de Kabul.

#### **4.22 Matriz de Eventos para Contra Insurgência**

Dos casos vistos anteriormente, foi feito o levantamento de aspectos presentes na forma de atuação da COIN. Eles não serão identificados inicialmente quanto a sua eficácia, tarefa que será feita na análise dos dados.

Os conflitos estudados se mostraram, naturalmente, variáveis quanto a forma pela qual a COIN foi conduzida. É de se esperar que exista alguma evolução ou involução na forma de atuação dos Estados. O estudo, contudo, analisa o aspecto que se sobressaiu no conflito. Em alguns casos será visto que nas fases iniciais do conflito foi adotada uma postura que posteriormente foi modificada, influenciando o resultado final. Essa mudança é que será vista como a mais relevante para o estudo.

A intenção da análise é buscar estabelecer a recorrência de aspectos que possam caracterizar boas e más práticas da COIN. A repetição de fatores em eventos vitoriosos pode indicar que esse fator poderá ser visto indicador de sucesso. Se ele estiver ausente nos casos de vitórias e derrotas da COIN, esse fator será neutro, não chegando a caracterizar um aspecto positivo e nem negativo. Aqueles casos nos quais o fator estiver presente primordialmente nas derrotas da COIN, haverá uma indicação de que ele pode ser considerado uma prática negativa.

A matriz apresenta nas colunas verticais os casos históricos na sequência temporal de ocorrência. As colunas estão coloridas em vermelho e azul, onde colunas em vermelho são aquelas que indicam vitória da insurgência e a cor azul denota a vitória da COIN.

Os fatores listados foram retirados das doutrinas estudadas na análise da bibliografia ou foram sacadas dos eventos históricos. Eles estão presentes na coluna da esquerda e a linha horizontal correspondente marca a interseção do evento histórico com o fator analisado. Se houve a ocorrência daquele fator, estará marcado um "X". Caso negativo haverá um hífen para indicar que não se observou o fator no caso analisado.



Tabela 12 – Ações da COIN nos conflitos estudados

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
	Fator de Análise																			
Força COIN consegue ampliar a legitimidade, reduzindo razões da luta	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
Apoio externo dos Insurgentes é cortado	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-
Grupos de Auto Defesa são constituídos	-	X	-	-	X	-	X	-	X	-	X	-	X	-	X	X	-	-	-	X
Forças policiais são fortalecidas após início da insurgência	X	-	-	-	X	X	X	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
Ações sociais de impacto local são realizadas nas áreas de conflito	X	-	-	-	-	X	-	X	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
População percebe que presença de tropas COIN melhora a situação	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
Sensação de segurança é ampliada	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
COIN realiza ações em pequenas áreas e expandem seu controle	X	-	-	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X	-	X	X	-	X	X
Áreas controladas pela COIN permanecem assim por longo tempo	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	X	-	-	X	X	-	-	X
COIN assegura monopólio da violência para Estado	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Legitimidade do Estado aumenta com passar do tempo	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
Serviços essenciais voltam a operar sob controle da COIN	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	-	X	-	-	-	X
Danos colaterais das ações das tropas é baixo ou nulo	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	X	X	-	X	-	-	X	-
Tropa COIN não é vista como invasora	X	-	-	X	-	-	X	-	-	-	X	X	X	X	-	X	-	-	-	-
Direitos humanos são respeitados	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Imprensa tem liberdade de operar na área de conflito	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
Gastos governamentais com combates são aceitos pela população	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	X	-	-	-	-
Ações principais são feitas por tropas nativas	X	-	X	X	-	X	X	-	-	-	X	X	X	X	-	X	-	-	-	-
Punições e justificações não ocorrem	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
Repressão e perda de liberdades são suportados pela população	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
Recompensas são pagas para captura de rebeldes	X	-	-	-	X	X	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	X
Existem canais de comunicação da população com tropa COIN	X	-	-	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
Existem sistemas de denúncia sobre abusos da tropa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X
População fornece dados de inteligência confiáveis e constantes	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Informação pública da COIN é rápida e verdadeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Comunicações estratégicas são perenes no tempo e espaço	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	X





#### 4.24. Análise dos dados dos casos estudados.

Do estudo dos dados levantados nos casos históricos estudados, alguns fatores mostraram serem indicadores de sucesso e de insucesso. O fato de terem sido aplicados em momentos históricos distintos, em locais distintos e contra oponentes diversificados sinaliza para a sua validade ou sua ineficácia.

Esses fatores serão agrupados e identificados quanto à sua corrente doutrinária de origem, de maneira a indicar quais doutrinas incluem o maior número de indicadores positivos. Por analogia, as doutrinas que cujos ideários estiverem desfocados com os dados identificados nos casos poderão ser vistas como linhas de descontinuidade no pensamento da insurgência e da contra insurgência.

##### 4.24.1 Ações aplicadas pela COIN

Para essa análise, serão vistos os casos nos quais as contra insurgências foram bem sucedidas e mal sucedidas. Os fatores de sucesso e fracasso existentes nesses conflitos serão pontuados pelo número de vezes que eles se fizeram presentes. A análise, essencialmente quantitativa, será complementada por uma análise qualitativa sobre a efetividade do fator.

Tabela 14 – Relação de ocorrência dos fatores de análise da COIN

Nr	Fator de Análise	Numero de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN
1	Força COIN consegue ampliar a legitimidade, reduzindo razões da luta	6/10	0/10
2	Apoio externo dos Insurgentes é cortado	6/10	0/10
3	Grupos de Auto Defesa são constituídos	5/10	0/10
4	Forças policiais são fortalecidas após inicio da insurgência	7/10	2/10
5	Ações sociais de impacto local são realizadas nas áreas de conflito	7/10	0/10
6	População percebe que presença de tropas COIN melhora a situação	6/10	0/10
7	Sensação de segurança é ampliada	6/10	0/10
8	COIN realiza ações em pequenas áreas e expandem seu controle	7/10	0/10
9	Áreas controladas pela COIN permanecem assim por longo tempo	10/10	7/10
10	COIN assegura monopólio da violência para Estado	3/10	0/10
11	Legitimidade do Estado aumenta com passar do tempo	6/10	0/10
12	Serviços essenciais voltam a operar sob controle da COIN	7/10	1/10
13	Danos colaterais das ações das tropas é baixo ou nulo	3/10	0/10
14	Tropa COIN não é vista como invasora	6/10	2/10
15	Direitos humanos são respeitados	2/10	0/10
16	Imprensa tem liberdade de operar na área de conflito	3/10	1/10
17	Gastos governamentais com combates são aceitos pela população	4/10	0/10
18	Ações principais são feitas por tropas nativas	7/10	3/10
19	Punições e justicamentos não ocorrem	3/10	0/10
20	Repressão e perda de liberdades são suportados pela população	5/10	0/10
21	Recompensas são pagas para captura de rebeldes	5/10	1/10
22	Existem canais de comunicação da população com tropa COIN	6/10	1/10
23	Existem sistemas de denúncia sobre abusos da tropa	4/10	1/10
24	População fornece dados de inteligência confiáveis e constantes	7/10	1/10
25	Informação pública da COIN é rápida e verdadeira	5/10	0/10
26	Comunicações estratégicas são perenes no tempo e espaço	4/10	1/10
27	Milícias locais são empregadas apenas e missões de segurança	4/10	1/10
28	Existe adaptação e inovação doutrinária da tropa COIN	9/10	4/10
29	Não existem conflitos culturais entre população e tropa COIN	6/10	3/10
30	Tropa empregada é bem equipada e treinada para a ação	9/10	1/10
31	População é identificada como centro de gravidade do conflito	6/10	0/10

Nr	Fator de Análise	Numero de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN
32	Lições aprendidas são rapidamente assimiladas	9/10	0/10
33	Existe compreensão da doutrina adversária	9/10	1/10
34	Ações terroristas são reduzidas com o passar do tempo	6/10	0/10
35	Evita-se o erro de cair em "armadilhas de generalizações" na doutrina de emprego	9/10	1/10
36	Ações da COIN conseguem marginalizar os rebeldes	5/10	0/10
37	Política de reassentamento da população local é aplicada	2/10	5/10
38	Milícias locais agem sem controle central e de forma violenta	3/10	4/10
39	Tropas externas são a base da COIN	3/10	7/10
40	Ações equivocadas da COIN contribuem para aumentar prestígio da guerrilha	6/10	10/10
41	Danos colaterais das ações da COIN são grandes e comprometem sua legitimidade	5/10	10/10
42	Tropas são empregadas em grande número de ações coercitivas e punitivas	5/10	10/10
43	Estratégia COIN não está alinhada com objetivos políticos.	0/10	10/10
44	Força COIN é mais violenta que os rebeldes que eles combatem	3/10	10/10
45	Não existe adaptação das tropas às necessidades do momento que lutam	0/10	8/10
46	Não existe adaptação cultural da COIN com a população local	1/10	8/10
47	Ações da COIN não ajudam a aumentar a credibilidade do governo	0/10	10/10

Fonte: O autor

Legenda de cores da tabela

Forte indicador de sucesso da COIN	
Indicador de sucesso da COIN	
Indicador de fracasso da COIN	
Forte indicador de fracasso da COIN	

Visto isoladamente, cada fator tem um caráter particular. Algumas aferições não apontam para tendências mais modernas, pois foram feitas em eventos históricos mais afastados. Em virtude da evolução dos conflitos de insurgência, é importante que cada fator acima apontado seja sinteticamente visto para apontar para essas distorções temporais.

Na tabela 14 cada fator será observado quanto a sua estatística de ocorrência e sob o ponto de vista de sua eficácia. O produto da análise dos dados será entender quais ferramentas dissecadas nos conflitos apresentam índices positivos e negativos para a COIN. Em outras palavras, que tipo de conduta ou de doutrina da COIN aponta para uma linha de percepção de sucesso e as que indicam fracasso.

Tabela 15 – Descrição dos fatores analisados.

Nr	Fator de Análise	Número de vezes que o fator ocorreu nas <u>vitórias</u> da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas <u>derrotas</u> da COIN	<b>Considerações sobre o fator e sobre sua relevância</b>
1	Força COIN consegue ampliar a legitimidade, reduzindo razões da luta	6/10	0/10	É fator chave na luta de contra insurgência em democracias. Observa-se que em 60% dos casos bem sucedidos ela esteve presente e que em casos de derrota da COIN não houve a ocorrência de força que tenha provado a sua legitimidade. Com a consciência da população de que a luta se faz em termos justos e que as razões da luta do insurgente são cada vez menos importantes, haverá o entendimento de que o apoio ao rebelde é cada vez menos racional.
2	Apoio externo dos Insurgentes é cortado	6/10	0/10	Fator que possibilita que a luta seja abreviada. Não é, na essência, uma ação que resolverá a questão da insurgência pois não elimina as razões pelas quais a insurgência começou. No entanto é forte fator no sentido de estrangular os recursos externos de difícil obtenção vindos do exterior. Percebe-se que nas lutas nas quais a insurgência venceu, 60% das vitórias conseguiram atingir esse parâmetro. Ainda é possível vencer a luta sem estrangular o apoio externo, mas sem dúvida o papel da COIN será mais difícil ao combater um oponente logisticamente suprido.
3	Grupos de Auto Defesa são constituídos	5/10	0/10	A participação da população na luta faz com que os integrantes dos GAD se empenhem em repelir o adversário. Isso também engaja suas famílias e amigos, pois põe a população local contra o insurgente. Mortes nos integrantes dos GAD serão altamente negativas para os insurgentes, pois darão mais razão para o ódio e para o distanciamento entre povo e insurgente. Vale destacar que nenhuma derrota da COIN dos casos analisados empregou esse fundamento.
4	Forças policiais são fortalecidas após início da insurgência	7/10	2/10	O sentido do fortalecimento policial está em reduzir o engajamento de militares externos à área de luta no conflito. O policial local terá maior aproximação com a vizinhança onde atua. Ele conhece as pessoas e pode monitorar melhor os possíveis oponentes ou possíveis recrutas do movimento, permitindo uma atuação menos repressiva que se manifestaria em mortes e destruição ocasionadas pelas forças militares. Por ser um alvo preferencial da insurgência, os órgãos de segurança pública necessitam ser fortalecidos para que possam suportar os embates. A taxa de ocorrência desse fator em vitórias é alta, com 70% das vitórias da COIN.
5	Ações sociais de impacto local são realizadas nas áreas de conflito	7/10	0/10	Fator de grande relevância, pois opera como amortecedor dos anseios do povo em relação às suas condições básicas de vida. Costuma ser realizada imediatamente após a manutenção da segurança mínima em uma área. A percepção que ela deve causar no morador local é a de que, após sua sobrevivência ser assegurada, ele pode esperar obter outras conquistas na sua pirâmide de necessidades pessoais. Exemplos disso podem ser vistos como fornecimento de energia, água, esgotamento público, limpeza urbana, educação e lazer. Em locais não conflituosos tais valores não são tão sentidos, mas o valor marginal deles sobre enormemente em uma área devassada por combates e por violência indiscriminada. Em 70% das vitórias da COIN esse fator foi observado.

Nr	Fator de Análise	Número de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
6	População percebe que presença de tropas COIN melhora a situação	6/10	0/10	Esta será uma percepção advinda de uma série de outros fatores em conjunto: segurança, baixos danos colaterais, canal de comunicação, alinhamento cultural, parceria em soluções vantajosas para a população. Não é fácil perceber essa melhora, pois o morador deve entender que isso não era oferecido pelo insurgente que controlava ou que quer controlar sua região. Também basta uma falha da COIN para que tal convicção de melhoria seja abalada. O relevante nesse tópico é como ampliar essa sensação de melhoria. Em 60% das vitórias da COIN esse fator foi observado.
7	Sensação de segurança é ampliada	6/10	0/10	Só pode ser ocorrer quando o habitante local percebe que o número de mortes e de conflitos é reduzido a valores aceitáveis. Não se trata apenas de reduzir combates nas ruas, mas também o de mitigar o problema inclusive de ações terroristas. A presença de tropas, de polícia e mesmo de GAD pode reforçar esse sentimento de segurança.
8	COIN realiza ações em pequenas áreas e expande seu controle	7/10	0/10	A técnica da "Mancha de Óleo" de Galula é a expressão real desse conceito. A concentração de tropas móveis em um local possibilita eliminar ou afugentar insurgentes. Permite conter o avanço rebelde, eliminar suas bases de apoio, controlar a população no interior da área e permite a instalação de bases operacionais para ampliar o raio de ação no setor. Tropas estacionárias substituem as tropas móveis e estreitam o contato com a população. O fator possui uma elevada taxa de incidência em vitórias da COIN (70%)
9	Áreas controladas pela COIN permanecem assim por longo tempo	10/10	7/10	É a etapa na qual tropas serão fixadas em um setor conquistado para mantê-lo a salvo. Seu papel não deve se restringir a buscar o inimigo. Deve também se aproximar do povo para que esse se torne favorável à causa. Se esse controle perdura no tempo, a possibilidade do retorno do rebelde para esse local só se fará mediante a entrada em força. A percepção de que o combate voltou para a área e que essa volta só ocorreu porque o rebelde tenta retornar para uma área controlada pelo governo será negativa para o insurgente. O rebelde será o "culpado" por retirar uma paz vantajosa que era vivida pelo povo e que foi promovida pela presença da tropa. Apesar de ter ocorrido em todas as vitórias da COIN, também ocorreu em 70% das derrotas. Isso significa que o insurgente, mesmo desagravando a população, pode retomar uma área e angariar o apoio popular em seguida
10	COIN assegura monopólio da violência para Estado	3/10	0/10	Relativamente difícil de ser obtida. O rebelde sempre terá a posse de meios para questionar esse monopólio, por meio de ações terroristas, assaltos, sequestros, emboscadas. Nos casos vistos, o monopólio da violência só foi possível pelo emprego de violência ainda maior e pela aplicação de ferramentas repressivas intensas e impopulares.



Nr	Fator de Análise	Número de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
11	Legitimidade do Estado aumenta com passar do tempo	6/10	0/10	Nos casos vistos, a legitimidade foi obtida pela ampliação dos direitos individuais do cidadão. Eleições, educação, maior autonomia local, segurança e saúde são exemplos. Esses ganhos vão fazer com que o morador local perceba de que o estado faz o seu papel, que vai muito além de ser uma ferramenta de repressão indiscriminada contra insurgentes e que causa danos colaterais no povo. Nos conflitos mais recentes é um fator chave. Também é chave quando a COIN é feita em países democráticos.
12	Serviços essenciais voltam a operar sob controle da COIN	7/10	1/10	Não se tratava de uma preocupação de contra insurgentes nos casos históricos mais antigos ou nos casos de governos ditatoriais. Nos eventos mais recentes passou a ser uma preocupação maior dos governos fazer com que a normalidade dos serviços públicos voltasse a operar no menor prazo de tempo possível. A participação popular nessa reconstrução é vital, pois em caso de ação rebelde para interditar tais serviços, o morador local entenderá tal ataque como uma ação contra o seu próprio trabalho e esforço pessoal, além de ser algo que retira as condições de vida de sua família. Possuiu indicadores elevados de se tratar de uma boa prática da COIN.
13	Danos colaterais das ações das tropas é baixo ou nulo	3/10	0/10	O emprego de efetivos militares reduzidos em uma área conflituosa faz com que o recurso do apoio de fogo seja necessário para obter a superioridade contra o insurgente. Apoio de fogo sem severa coordenação vai impactar aqueles que estão próximos ao insurgente. Pessoas favoráveis, neutras ou reativas à COIN podem ser engajadas pelo fogo das tropas. Muitas das vezes, famílias inteiras podem se tornar violentamente contrárias a um governo por causa de uma granada que atinge e destrói um lar ou que mata pessoas que nada tinham de ligação com a luta. A redução de danos colaterais é um fator extremamente importante, contudo a sua conquista é muito complicada, o que fez com que esse fator só fosse alcançado em alguns poucos dos episódios históricos vistos (30%).
14	Tropa COIN não é vista como invasora	6/10	2/10	A entrada em uma área para libertá-la da ação rebelde não pode ter a contextualização de uma invasão. As tropas não podem chegar em um local com atitudes excessivamente limitadoras e repressivas. Sua chegada deve ser pautada para reestabelecer o entendimento do povo de que se trata da volta da normalidade institucional e de todas as vantagens que existem em viver em um local onde o estado democrático de direito vigora.
15	Direitos humanos são respeitados	2/10	0/10	É uma tarefa de adaptação cultural da tropa de difícil realização. As tropas devem ser controladas no sentido de evitar represálias contra áreas de apoio rebelde, na captura de suspeitos ou combatentes inimigos. O emprego de tortura, de eliminação sumária, de prisões infundadas gera um impacto psicológico péssimo junto à população e acaba alienando a tropa, uma vez que ela deixará de se importar com aquilo de mal que ela faz em relação à população local. Observar que é um fator desejável, mas de difícil consecução.

Nr	Fator de Análise	Número de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
16	Imprensa tem liberdade de operar na área de conflito	3/10	1/10	É importante que a população local e mundial seja convenientemente informada sobre o andamento dos combates. Se a luta for conduzida em termos adequados para a COIN, a presença da imprensa será vantajosa, mas caso a ação da COIN seja ilegal ou imoral, a imprensa reportará isso para o mundo como um todo. A imprensa tem forte relação com a legalidade da luta, mas também é um fator moderno na atuação da COIN.
17	Gastos governamentais com combates são aceitos pela população	4/10	0/10	Ocorre quando o insurgente é marginalizado. O povo deve entender que a luta se trata de uma ação para eliminar um mal e uma ameaça ao povo. Os gastos e perdas dessa luta serão melhor entendidos se todos compreenderem que o governo não tem outra alternativa que não a de enfrentar o mal com todos os seus recursos, custe o que custar.
18	Ações principais são feitas por tropas nativas	7/10	3/10	Nos casos estudados, quando uma tropa externa realiza a COIN, é muito difícil que esta tropa não seja vista como uma força de ocupação. Sua adaptação cultural, sua afinidade com o povo, sua capacidade de comunicação e compreensão será sempre muito complicada quando ela vem de outro Estado. A situação se agrava quando ocorrem baixas na população que são causadas pela tropa vinda de outro país, pois a percepção é a de que sua presença é razão de desgraças e morte. É sempre conveniente que a COIN seja local, ou que ela passe a ser local após algum apoio externo de nações mais fortes.
19	Punições e justificações não ocorrem	3/10	0/10	É um fator desejável para a COIN, mas dificilmente é alcançado. Seria importante que todos os militares envolvidos na COIN subessem dimensionar o peso negativo de uma ação violenta cometida sobre um inocente ou indefeso. A luta de contra insurgência tende a promover um desengajamento moral das pequenas frações. O isolamento do soldado, a violência da guerra, a ausência de ética pelo seu oponente funcionam como um modo de racionalização da moral da tropa legal. A tentação de agir de forma punitiva e covarde aumenta na medida em que o rebelde vai se tornando um alvo esquivo e quase inalcançável. Em apenas 30% das vitórias a COIN agiu sem cometer excessos.
20	Repressão e perda de liberdades são suportadas pela população	5/10	0/10	A aceitação da perda de liberdades só ocorrerá quando o insurgente adotar técnicas muito violentas. Na relação entre perder liberdades ou perder a vida, o habitante local tenderá a ver as medidas restritivas do governo como necessárias. Em regimes autoritários esse fator pesará pouco, mas em democracias a repressão deve ser momentânea, pontual e embasada em perigos reais ao Estado e a sociedade, sob a pena de que a legitimidade e o apoio popular sejam perdidos.

Nr	Fator de Análise	Numero de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
21	Recompensas são pagas para captura de rebeldes	5/10	0/10	Um programa de recompensas por informações é complementar ao esforço da COIN para retirar a liberdade de movimento da insurgência. É importante ver que a motivação econômica não é a mais adequada para se buscar o engajamento de simpatizantes. Outras motivações também devem ser buscadas, contudo no momento que a população local perceber que com suas informações ela pode obter recursos para si própria, é possível que os insurgentes achem pouco apropriado ter uma presença tão ostensiva entre as massas. Foi uma técnica bem sucedida em 50% das vitórias da COIN e não foi empregada nas derrotas dos governos.
22	Existem canais de comunicação da população com tropa COIN	5/10	1/10	Tal canal de ligação é um meio de manter aberto o diálogo entre os agentes. Para a população o impacto é o de saber que ela está sendo ouvida em seus pleitos, reclamações e sugestões. Isso estreita a ligação e amplia a legitimidade da força COIN e dos órgãos civis que atuam na área de conflito. Ocorre mais frequentemente com as tropas estacionárias na COIN.
23	Existem sistemas de denúncia sobre abusos da tropa	6/10	1/10	Provavelmente essa é uma etapa que apenas algumas COIN conseguem passar. Para a existência desses órgãos de denúncias, o conflito deve ter passado a fase inicial na qual a violência contra o insurgente ainda será praticada por tropas pouco experimentadas e que não dimensionam a amplitude de seus atos. Com a alteração cultural de buscar ética superior, tais mecanismos vão aparecer naturalmente e serão um importante escudo da população para se defender de abusos e para ampliar a confiança no governo.
24	População fornece dados de inteligência confiáveis e constantes	4/10	1/10	Esse fator é fruto da conquista da população. No momento que o povo entender que o governo será o lado vencedor e será aquele que oferece uma perspectiva de futuro melhor para ele, as pessoas farão sua parte para acelerar o fim do conflito por meio de denúncias e informações privilegiadas. É conveniente lembrar que quando se opera em uma área de minorias que lutam por uma causa justa de emancipação ou independência, a obtenção desse apoio só se fará com o somatório de recursos vultosos em serviços sociais, atuação ética superior à do inimigo, comunicações estratégicas intensas e marginalização do oponente. Tudo isso para levar o morador local a denunciar seus irmãos e conhecidos de toda a vida para um grupo de militares de outro local que ele conhece a pouco tempo. É tarefa difícil e complexa, mas absolutamente relevante para a vitória.

Nr	Fator de Análise	Numero de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
25	Informação pública da COIN é rápida e verdadeira	7/10	1/10	Nos casos vistos, ocorreram conflitos entre as informações produzidas pela insurgência e pela contra insurgência. Os rebeldes têm larga vantagem nessa guerra uma vez que não precisam seguir regras e orientações rígidas do escalão superior sobre qual o tipo de mensagem devem produzir. A eles é facultado o direito de mentir ou exprimir a verdade na busca pela superioridade da informação. Para a COIN a situação é oposta. Não existe espaço para a divulgação de mensagens falsas sob a pena de perder o crédito inclusive no campo internacional. Para que a veracidade de fatos seja apurada, existe a necessidade de que vários escalões sejam consultados. Isso demanda tempo e a guerra pela velocidade da informação dificilmente será vencida sobre o insurgente que pode divulgar notícias produzidas por eles nas células inferiores sem a intervenção dos escalões superiores. É fator de elevada relevância para ampliar a legitimidade da COIN.
26	Comunicações estratégicas são perenes no tempo e espaço	5/10	0/10	Nos casos estudados, exceto no caso do Afeganistão (Talibã), os governos só conseguiram estabelecer as comunicações estratégicas de maneira firme em fases mais avançadas da luta. Dessa maneira, ainda que tardiamente, esse fator foi considerado forte para a obtenção da vitória.
27	Milícias locais são empregadas apenas e missões de segurança	4/10	1/10	A formação de Grupos de Auto Defesa já foi vista como fator relevante. O controle desses grupos, porém, é outro desafio para a COIN. De posse de armamento, suprimento de munição, autoridade oriunda do Estado para atuar em suas áreas, pode ocorrer que tais grupos se tornem violentos e que resolvam atuar em justicamentos. Se atuarem assim, estarão minando fortemente as conquistas feitas pela tropa COIN no sentido de obter a legitimidade de causa. Os GAD violentos atuarão para marginalizar o governo local, mesmo sem ter essa intenção. Além disso, no final de uma contra insurgência, sempre haverá o risco de que os GAD passem a exigir participação no governo já terão as armas e o seu poder local para barganhar por isso.
28	Existe adaptação e inovação doutrinária da tropa COIN	9/10	4/10	A adaptação foi presente em todos os eventos vitoriosos estudados e comprometeu em muito os estados que falharam nessa luta. A percepção do Centro de Gravidade correto é um problema que leva muitos contingentes militares a entender que matar guerrilheiro é apenas uma parcela de uma estratégia vitoriosa na COIN. Uma vez entendendo que o inimigo reage à doutrina da COIN, a própria COIN deve rever sua doutrina para agir de maneira pró ativa e não apenas reativa e defensiva.

Nr	Fator de Análise	Numero de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
29	Não existem conflitos culturais entre população e tropa COIN	6/10	3/10	Os casos nos quais a presença de tropas de outras regiões existiu, houve uma relevante dificuldade de empatia entre povo e contra insurgente. Fatores culturais, religiosos e linguísticos podem edificar barreiras intransponíveis para a aproximação tão necessária com a população. Normalmente o insurgente vai buscar explorar esses conflitos culturais ao extremo e a tropa precisará buscar amenizar essa diferença com um estudo sério sobre a cultura local e seu entendimento por todos os participantes da COIN.
30	Tropa empregada é bem equipada e treinada para a ação	9/10	1/10	Ainda que pareça ser demasiado óbvio falar em adestramento e equipamento em um conflito, algumas nações optaram por empregar tropas menos capazes para solucionar as questões complexas da COIN. Seja por motivo de possuírem outros compromissos para suas tropas de primeira linha ou por julgar que tropas de reserva e de recrutas podem vencer guerrilheiros mal armados, tais nações perceberam que não é possível apenas com massa vencer tais movimentos. A aplicação de militares com experiência, com visão do fator temporal alongado da insurgência e da relevância da conquista do povo é vital para conseguir reduzir o tempo do conflito e a possibilidade de que um movimento insurgente consiga se fortalecer. É fator de elevada ocorrência em vitórias da COIN
31	População é identificada como centro de gravidade do conflito	6/10	0/10	É um ponto conhecido na doutrina de contra insurgência, contudo não é muito bem compreendido. Quando se busca uma solução essencialmente militar para o conflito, o que ocorreu na quase totalidade dos eventos de derrota da COIN, a população não foi vista como o Centro de Gravidade. Na maioria das derrotas da COIN, o inimigo foi identificado como objetivo de campanha. Matar oponentes pode ser a forma mais evidente de mostrar eficácia, mas não é a forma de resolver o problema da insurgência. Apenas em alguns casos muito particulares, quando o movimento está em sua fase primeira e ainda não foi possível angariar a simpatia popular, é que se pode pensar em buscar a atuação sobre o componente armado da guerrilha como prioridade máxima.
32	Lições aprendidas são rapidamente assimiladas	9/10	0/10	Estruturas de administração estatal e militares não são essencialmente rápidas em assimilar conhecimentos e promovê-los. Normalmente as lições aprendidas precisam ser debatidas e o número de ocorrência dessas lições deve ser tal que não deixe dúvida sobre sua relevância para que sua difusão seja feita. Isso demanda tempo. Para o insurgente, uma lição aprendida pode ser aplicada já na próxima ação uma vez que ele fará pois não possui a doutrina rígida a lhe indicar o rumo de raciocínio. Essa falta de adaptabilidade da COIN dá uma vantagem para o insurgente que sempre está na vanguarda. Tropas que conseguiram implementar mudanças em doutrina oriundas de suas próprias lições aprendidas ou mesmo de outros exércitos em lutas similares conseguiram melhor resultado. A rápida adaptação às condições da luta foi observada em 90% das vitórias da COIN e em nenhuma das derrotas da COIN.



Nr	Fator de Análise	Numero de vezes que o fator ocorreu nas <u>vitórias</u> da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas <u>derrotas</u> da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
33	Existe compreensão da doutrina adversária	9/10	1/10	Entender a razão da luta e os objetivos do oponente é fator chave. Buscar atingir seus objetivos é muito importante, assim como é impedir que o insurgente alcance os seus propósitos. Entendendo a forma que o insurgente consegue seu apoio, como consegue se comunicar com a população e como ele visualiza ampliar seu movimento revolucionário, o contra insurgente pode direcionar ações cinéticas e não cinéticas para impedir que o seu rival seja bem sucedido.
34	Ações terroristas são reduzidas com o passar do tempo	6/10	0/10	O terror tem a finalidade de provar que a COIN não pode estar presente em todos os lugares para salvaguardar as vidas daqueles que ela deveria proteger. Também quer provar a posse de força suficiente por parte da insurgência em promover morte e destruição contra o alvo que ela quiser. Esse poder tem forte impacto sobre a percepção do habitante local. O risco de perder a vida de maneira completamente aleatória ou ainda por estar envolvido com o apoio à COIN é algo que faz com que um morador local pense em ficar do lado daquele que pode lhe matar, e não daquele que lhe proteger. Reduzir essa capacidade inimiga é muito importante, porém muito difícil. O somatório de tropas protegendo as concentrações de população, ação diuturna dos serviços de inteligência e da atuação rápida e precisa dos integrantes de grupos anti e contra terroristas pode ser uma resposta para esse problema.
35	Evita-se o erro de cair em "armadilhas de generalizações" na doutrina de emprego	9/10	1/10	As generalizações vêm da cópia de doutrinas passadas que surtiram efeitos para problemas pontuais em períodos específicos. Cada insurgência tem suas características. Algumas delas serão comuns e podem ter respostas ortodoxas. Outras serão inéditas e exigirão soluções heterodoxas e também inéditas. As vitórias da COIN mostram que em 90% dos casos houve adaptação doutrinária, ainda que com alguma demora.
36	Ações da COIN conseguem marginalizar os rebeldes	5/10	0/10	A marginalização poderá ser territorial e pessoal. O importante é que o insurgente perca a aura de salvador, de mártir e de herói. Ele deve ser visto diretamente como um marginal, como um bandido e como uma agente de violência desnecessária. Campanhas psicológicas, ações embasadas em princípios éticos, proteção do povo, compreensão global do problema em questão são algumas das ações que farão com que o morador local pense que optar pelo apoio ao rebelde significaria optar pelo lado errado na luta. Observa-se, contudo, que em apenas 50% dos casos

Nr	Fator de Análise	Número de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
37	Política de reassentamento da população local é aplicada	2/10	5/10	Historicamente se trata de um fator de fracasso da COIN. Foi bem sucedido em alguns casos onde o governo central era forte o suficiente para arcar com a impopularidade dessa medida. Retirar as pessoas pela força de suas propriedades, levá-las para aldeias onde as individualidades serão perdidas e direcionar a vida dessas pessoas só pode funcionar se o estado anterior de vida desses habitantes fosse extremamente ruim, a ponto dessa nova vida poder ser entendida como opção melhor. Via de regra, a intenção de separar o guerrilheiro do povo que o apoia é importante, mas a aplicação puramente física dessa opção pode trazer reflexos muito negativos no fator emocional dessas populações compulsoriamente movimentadas.
38	Milícias locais agem sem controle central e de forma violenta	3/10	4/10	A atuação das milícias de forma descontrolada sugere que existe fraqueza no poder central, que não pode controlar os grupos que deveriam apoiá-lo. Sujeito à gestão violenta de três “senhores” distintos (insurgente, Estado e milicianos), o povo tenderá a se alienar na luta e buscar aquele lado mais violento pelo medo de suas represálias.
39	Tropas externas são a base da COIN	3/10	7/10	Para o povo, a presença de estrangeiros só será bem recebida se a percepção for a de que as tropas externas vieram para salvá-lo de algum mal insolúvel com os recursos nacionais. Será um fator de fracasso na medida que essa percepção for comprometida pela violência, pela distância cultural e pela falta de entendimento da tropa estrangeira sobre os problemas locais. Tropas locais têm melhor probabilidade de sucesso por diminuir tais hiatos.
40	Ações equivocadas da COIN contribuem para aumentar prestígio da guerrilha	6/10	10/10	Quando a repressão vista nos casos estudados era dirigida para populações que abrigavam ou apoiavam os guerrilheiros, tal ação tinha eficácia mínima em obter pontos para a COIN. Normalmente tais ações faziam com que a população passasse a odiar ainda mais o contra insurgente. O terror não pode ser visto como uma opção para o Estado, pois lhe retira credibilidade e confiança junto ao povo.
41	Danos colaterais das ações da COIN são grandes e comprometem sua legitimidade	5/10	10/10	Da tropa COIN se espera proteção e sacrifício para que a população local seja preservada. No momento que ela passa a atacar, voluntariamente ou não, alvos civis indefesos ela passa a ser severamente marginalizada pelo povo. Esse é um fator grave para o fracasso da COIN. Ocorre por falta de conhecimento dos objetivos reais da luta e também por falta de tropas suficientes para realizar uma ação mais pontual e com menos danos colaterais. Seus agentes mais reconhecidos são os fogos de artilharia e aéreos, que aumentam a sensação de aleatoriedade e de descaso da tropa em selecionar os alvos corretos para empregar seu poder de destruição.



Nr	Fator de Análise	Número de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da COIN	Número de vezes que o fator ocorreu nas derrotas da COIN	Considerações sobre o fator e sobre sua relevância
42	Tropas são empregadas em grande número de ações coercitivas e punitivas	5/10	10/10	O fato de atuar de maneira repressiva já significa não possuir a iniciativa das ações. Denota que, na incapacidade de localizar o inimigo, a tropa da COIN busca atingir inocentes ou pessoas indefesas que sejam suspeitas de apoiar a causa rebelde. Também cai no modelo de ação de terror de Estado que acaba por afastar o povo da tropa de COIN. É fator que mina a capacidade de que o movimento rebelde seja vencido com o mínimo de sequelas e com pequena probabilidade de recidiva.
43	Estratégia COIN não está alinhada com objetivos políticos.	0/10	10/10	Este provavelmente é um problema que torna totalmente inviável a ação do governo. Se politicamente a intenção não for seguida pelo braço armado daquele governo, nunca haverá o resultado de vencer a causa. Também, se o governo não enxergar a verdadeira essência de que a resposta a ser dada pela COIN é multidisciplinar e que envolve todos os campos do poder, não pode haver uma orientação precisa ao poder militar sobre os seus objetivos nesse campo
44	Força COIN é mais violenta que os rebeldes que eles combatem	3/10	10/10	Mais uma vez tal tipo de ação promoverá a constatação popular de que a presença do estado está sendo mais nociva de que a sua ausência. Tal ação é típica em estados ditatoriais ou em países onde a tropa empregada seja inexperiente em COIN.
45	Não existe adaptação das tropas às necessidades do momento que lutam	0/10	8/10	Falta de adaptação redunda em vantagem qualitativa para a insurgência. Pode ser motivada por liderança fraca, por receio de implementar mudanças ou mesmo por baixa qualidade profissional.
46	Não existe adaptação cultural da COIN com a população local	1/10	8/10	Tropas que tenham a mentalidade de superioridade cultural sobre a população que vive na área de conflito jamais poderão se alinhar com esse efetivo populacional. Nos casos de aplicação de tropas estrangeiras e no caso de tropas que atuem em áreas onde minorias étnicas de um país habitam tem maior tendência de incidir nesse erro.
47	Ações da COIN não ajudam a aumentar a credibilidade do governo	0/10	10/10	Um dos motivos maiores da luta, que é o de promover a credibilidade e a legalidade do governo, deve ser perseguido sempre por todos os vetores de ação do Estado. As ações que comprometam atingir tal objetivo devem ser pesadas seriamente sobre o seu benefício imediato e futuro. Sem possuir credibilidade, o apoio a um governo será sempre pequeno e a obtenção de todas as vantagens advindas desse apoio (informações sobre o inimigo, informações sobre o terreno, recrutamento voluntário e formação de GAD) dificilmente serão obtidas.

Fonte: O autor

#### 4.24.2 Ações aplicadas pela Insurgência

Nessa seção serão vistas as ações que os insurgentes adotaram nos conflitos estudados, verificando aquelas que foram bem sucedidas, aquelas que fracassaram e principalmente aquelas que parecem apontar para uma continuidade na história pela sua elevada eficiência.

Ainda que os cenários fossem diferentes, a repetição de sucessos e fracassos será vista como importante para o estudo em tela.

Tabela 16 – Relação de ocorrência dos fatores de análise da Insurgência

Nr do Fator	Fator de Análise	Numero de vezes que o fator ocorreu nas vitórias da Insurgência	Número de Vezes que o fator ocorreu nas derrotas da Insurgência
1	O controle das massas é efetivo	5/10	1/10
2	Apoio popular é obtido com ou sem aplicação de violência	10/10	4/10
3	Exército rebelde é instrumento de aproximação com a população	7/10	2/10
4	Atitude rebelde é bem recebida e julgada necessária	7/10	5/10
5	Terrorismo é empregado de forma seletiva	3/10	1/10
6	Estruturação das forças combatentes é evolutiva com fases definidas	9/10	4/10
7	Recrutamento é voluntário e obtém efetivos necessários	9/10	4/10
8	Santuários são numerosos e ficam a salvo da ação da COIN	7/10	8/10
9	Doutrina de emprego é evolutiva e reage com a do oponente	6/10	3/10
10	Existe apoio externo compatível com as necessidades	8/10	7/10
11	Insurgência realiza ações sociais para atender demandas populares	2/10	1/10
12	Comunicações estratégicas são rápidas e eficientes	4/10	3/10
13	Propaganda motiva e influencia públicos desejados	6/10	4/10
14	Iniciativa estratégica é sempre mantida pela insurgência	2/10	1/10
15	É obtida a superioridade de informações, ainda usando dados alterados	0/10	1/10
16	Estrutura de células ou de rede é eficiente e não é descoberta	7/10	3/10
17	População é tida como centro de gravidade	6/10	3/10
18	População oferece apoio logístico	8/10	8/10
19	População oferece apoio em informações e inteligência	9/10	8/10
20	Ocorre forte doutrinação no exército feita pelo exército rebelde	3/10	3/10
21	Áreas liberadas são governadas pelas Forças Irregulares	9/10	3/10
22	Existe braço político ativo alinhado com o movimento rebelde	6/10	3/10
23	São realizadas ações contra infraestruturas que desagradam a população	5/10	6/10
24	Ocorre infiltração em grande escala nas Forças Armadas e no governo	3/10	3/10
25	Choque cultural entre COIN e população é explorado pelos rebeldes	8/10	4/10
26	População percebe que revoltosos são opção melhor que governo	6/10	1/10
27	Terrorismo suicida é empregado	1/10	2/10
28	Existe reconhecimento internacional da causa insurgente	7/10	2/10
29	São empregadas tecnologias inovadoras que surpreendem o Inimigo	3/10	0/10
30	O insurgente está familiarizado e ambientado ao terreno (urbano / rural)	10/10	9/10

Legenda de cores da tabela

Forte indicador de sucesso da Insurgência	
Indicador de sucesso da Insurgência	
Indicador de fracasso da Insurgência	
Forte indicador de fracasso da Insurgência	

Tabela 17 – Descrição dos fatores analisados para insurgência

Nr	Fator de Análise	Vitória	Derrota	Considerações sobre o tópico analisado
1	O controle das massas é efetivo	5/10	1/10	Ainda que muito desejável, o controle das massas é uma tarefa que exige equipes da Força Subterânea com capacidade de monitorar os públicos alvos para sobre eles exercer controle. É uma ferramenta Leninista, mas o Maoísmo também se vale dela para ampliar o apoio já obtido dessa população. Para se chegar a um controle efetivo, os públicos neutros e contrários devem estar sobre intensa vigilância e com elementos repressivos efetivos para atuar sobre os recalcitrantes. Os conflitos mais modernos incluem esse controle feito não só no ambiente físico, mas também em espaços de comunicação no espaço cibernético. Nos dez casos de vitória insurgente, cinco se valeram do controle das massas para garantir sua vitória, o que indica uma estatística mediana de sucesso ao se utilizar tal expediente.
2	Apoio popular é obtido com ou sem aplicação de violência	10/10	4/10	Visto como absolutamente vital para a luta do insurgente, o apoio da população foi atingido em todos os casos vitoriosos da insurgência. Todavia, em quatro casos onde havia o apoio popular a insurgência foi vencida. Por certo não se trata de um fator que assegure o sucesso uma vez que tenha sido alcançado, mas sem que essa meta tenha sido cumprida (o apoio popular) a probabilidade de insucesso é alta. Ter o apoio e dele não extrair todas as possibilidades pode ser a falha dos 40% dos movimentos que obtiveram o apoio popular e fracassaram. É fator de forte indicação de sucesso para a insurgência.
3	Exército rebelde é instrumento de aproximação com a população	7/10	2/10	Também se trata de uma ferramenta maoísta para buscar que o exército rebelde seja uma ferramenta de aproximação e doutrinação da população. Quando o guerrilheiro ajuda, respeita e entende as necessidades do povo ele está agindo psicologicamente sobre essa população para angariar ainda mais simpatia e apoio. Por outro lado, quando tal aspecto deixa de ser observado e o povo passa a ser hostilizado ou mesmo negligenciado pelo guerrilheiro, a distância entre ambos aumenta e permite que a força legal possa se aproximar da população. Em sete ocasiões das dez estudadas e que a insurgência venceu o exército rebelde se valeu dessa ferramenta para angariar o apoio popular. Em apenas dois casos essa aproximação foi feita e o conflito não redundou em sucesso, o que é indicador forte de sucesso quando empregado.
4	Atitude rebelde é bem recebida e julgada necessária	7/10	5/10	As atitudes rebeldes, quando bem avaliadas pelos seus planejadores de alto nível, devem buscar realizar ações que persigam os objetivos políticos e militares projetados. Os anseios populacionais devem ser alinhados com esses objetivos (ainda que apenas para que a população pense estar sendo atendida). Nos movimentos Leninistas esse falso alinhamento era buscado para que o povo se empolgasse com a luta e dela tome parte favoravelmente ao insurgente. Com essa identificação, as mazelas da guerra seriam aceitas e suportadas devido ao fato de elas são as únicas possibilidades de solucionar problemas tão grandes que apenas o conflito pudesse resolvê-los. Proporcionalmente, em sete dos casos vitoriosos da insurgência a população via com bons olhos a luta e a sua necessidade, proporcionando um indicador forte de que tal fator é relevante.

Nr	Fator de Análise	Vitória	Derrota	Considerações sobre o tópico analisado
5	Terrorismo é empregado de forma seletiva	3/10	1/10	<p>A estatística de movimentos que usaram um modelo terrorista seletivo é de 30%. Ainda que não seja uma amostra significativa, dirigir ações terroristas contra alvos errados é um fator de fracasso extremamente alto. Selecionar alvos que a opinião pública “aceite” como parte integrante da guerra é mais favorável do que atacar alvos que causem rejeição nessa mesma opinião pública. Assim, matar civis inocentes tem forte impacto psicológico, mas não garante que simpatizantes concordem com essas táticas por ferirem preceitos morais e éticos.</p> <p>Também se trata de um fator que teve alto nível de incidência entre casos vitoriosos. Apresentar uma escalada planejada no tempo e no tipo de ações é importante para que não haja precipitação e que todos os objetivos intermediários sejam alcançados. São essas etapas intermediárias é que garantem que o movimento se fortaleça e seja difícil de ser vencido pela COIN e que permite que ações táticas estejam alinhadas com os objetivos políticos.</p>
6	Estruturação das forças combatentes é evolutiva com fases definidas	9/10	4/10	<p>Por não poder possuir um mecanismo de recrutamento ostensivo como a força COIN possui, o rebelde deve buscar ampliar seus efetivos, principalmente por meio de adesões voluntárias. Razões de vingança ou de idealismo sempre serão as melhores para recrutas rebeldes, mas a história mostra casos de recrutamento compulsório. Quando o apoio obtido e quando a raiva contra o poder central são grandes, o recrutamento será uma consequência desse legítimo desejo de derrubada do poder e busca por desforra pessoal. Quando a causa é vazia e impopular, a motivação para participar da luta será reduzida e será necessário adotar-se motivações de terror ou financeiras para obter o recurso humano necessário para os insurgentes. A proporção de movimentos vitoriosos que conseguiram alcançar esse voluntariado foi a de nove em dez casos, a mostra como uma boa prática.</p>
7	Recrutamento é voluntário e obtém efetivos necessários	9/10	4/10	<p>Paradoxalmente esse fator apresenta grande número de movimentos que possuíam santuários a salvo da ação da COIN e ainda assim falharam. As razões para isso estão no fato de que o isolamento do apoio externo e dos acessos para o interior da área de conflito estavam sob controle da COIN. Também ocorre que, mesmo com bases seguras, as ações insurgentes não eram direcionadas para objetivos tangíveis, o que anulava o valor de santuários. Por outro lado, em sete casos de sucesso da insurgência os rebeldes possuíam tais bases em locais seguros, permitindo realizar planejamentos, treinamentos, recuperação de pessoal ferido, homizio de pessoas que iam para a clandestinidade e recrutamento entre a população local. Logo se percebe que se trata de fator de relevância para o sucesso do insurgente, mas que não assegura sucesso por si só.</p>
8	Santuários são numerosos e ficam a salvo da ação da COIN	7/10	8/10	<p>Em seis casos de sucesso dos insurgentes, a evolução da doutrina insurgente era dinâmica. Em face das novidades na ação contra insurgente, esses movimentos rapidamente se adaptaram, apresentando novas variáveis para dificultar a solução da equação dessa luta pelo seu oponente. A estrutura informal e flexível da insurgência é altamente favorável a essa adaptação, mas lideranças excessivamente centralizadoras e presas a concepções antigas podem comprometer o movimento até o ponto de leva-lo para a derrota.</p>
9	Doutrina de emprego é evolutiva e reage com a do oponente	6/10	3/10	

Nr	Fator de Análise	Vitória	Derrota	Considerações sobre o tópico analisado
10	Existe apoio externo compatível com as necessidades	8/10	7/10	Fator de elevada relevância para que a sobrevivência logística do movimento seja alcançada. Artigos como armamento, munições, suprimentos médicos e material de comunicações são controlados pela COIN. A sua produção local é quase inviável, então a existência de fornecedores e patrocinadores externos é chave para que o movimento possa crescer e manter sua atuação. Oito em dez movimentos insurgentes vitoriosos conseguiram manter esse apoio. Por outro lado, 70% dos casos de derrotas da insurgência tinham esse apoio, mas não conseguiram fazer desse fator um ponto de desequilíbrio a seu favor.
11	Insurgência realiza ações sociais para atender demandas populares	2/10	1/10	Esse é um aspecto visto em diversos momentos da história, mas parece ter assumido uma nova roupagem mais recentemente. Quando o rebelde consegue assumir uma área liberada, ele deve de imediato assumir o papel do estado que controlava aquele local. O estabelecimento de justiça, segurança, infraestrutura e atendimento é vital para que o povo perceba que está sendo amparado melhor sob a gestão rebelde do que na gestão do governo legal. Além disso, as ações armadas da COIN para a retomada da área controlada pelos rebeldes podem atingir esses serviços estabelecidos, o que contribuiria para colocar o povo ainda mais contrário à COIN. A repetição desse fator não é elevada (apenas 20% dos casos de sucesso observaram esse fator) devido à dificuldade em obter meios, recursos e pessoal para efetivar tais ações.
12	Comunicações estratégicas são rápidas e eficientes	4/10	3/10	A ampliação do alcance das comunicações e da propaganda insurgentes necessita se adaptar aos modernos meios de comunicação hoje disponíveis. Essa comunicação, carregada de ideias que visem motivar e modificar comportamentos, será de grande validade para a insurgência quando ela atingir seus objetivos e sensibilizar mais apoios para a sua causa. Nos conflitos de insurgência estudados, houve praticamente um empate entre aqueles que foram vitoriosos e foram derrotados no que diz respeito ao emprego de comunicações estratégicas. Se quantitativamente esse empate sinaliza uma relevância limitada desse fator, os conflitos vitoriosos da insurgência onde as comunicações estratégicas foram empregados indicam o contrário. O Caso do Vietnã, por exemplo, denota como comunicações estratégicas bem feitas tiveram o poder de alterar a vontade do oponente norte americano em prosseguir no conflito. Modernamente, internet e redes sociais sinalizam para evoluções na capacidade de realizar comunicações estratégicas pelo insurgente.
13	Propaganda motiva e influencia públicos desejados	6/10	4/10	A propaganda é uma ferramenta tipicamente revolucionária para influenciar públicos. Ainda que os meios para a sua disseminação tenha sofrido uma ampliação nos anos mais recentes, ainda existe espaço para o <i>rapport</i> feito diretamente junto à população. A iniciativa da propaganda rebelde deixa apenas a contra propaganda como ação para o contra insurgente, limitando o conteúdo de seus produtos e obrigando-o a estar sempre agindo de forma reativa.
14	Iniciativa estratégica é sempre mantida pela insurgência	2/10	1/10	Para o insurgente a manutenção da iniciativa das ações é vital. Ele não pode aceitar lutar de forma reativa face ao contra insurgente simplesmente por não ter os meios de combate que o possibilitem a adotar uma postura defensiva. Por outro lado, o fato de aceitar uma postura menos ofensiva ou de latência é uma das artimanhas que um chefe insurgente deve estar apto a aceitar se dessa postura depender a sua sobrevivência.



Nr	Fator de Análise	Vitória	Derrota	Considerações sobre o tópico analisado
15	É obtida a superioridade de informações, ainda usando dados alterados	0/10	1/10	É um objetivo desejável, mas o aparato estatal ainda é melhor aparelhado para produzir informações para as massas. O que não pode ser quantificado aqui é a qualidade do produto de informação. Esse é o ponto que o rebelde usa para trabalhar suas mensagens ao público de maneira mais virulenta e com maior capacidade de influência.
16	Estrutura de células ou de redes é eficiente e não é descoberta	7/10	3/10	A clandestinidade da força insurgente é necessária em todas as fases da campanha. A adoção de estruturas celulares e, mais recentemente em redes, contribui efetivamente para a manutenção de sua clandestinidade. O conceito não envolve apenas a estanqueidade das células, mas também a relação de liberdade que existe para cada comando subordinado insurgente para atuar independentemente de comando superior. Isso torna a reação da COIN muito limitada, pois não haverá capacidade em prever o que cada célula insurgente pensa fazer. Além disso, no momento que uma célula insurgente é descoberta e desbaratada, não existe a certeza de que dela poderá ser obtida sua ligação com nenhuma outra. Sem dúvida é uma ação positiva de grande relevância para a longevidade da luta irregular.
17	População é tida como centro de gravidade	6/10	3/10	Em seis dos casos estudados como vitórias insurgentes, a população foi vista como o centro de gravidade. É difícil entender como algum caso de vitória insurgente não tenha sido calculado nesse aspecto. Esses casos foram vitórias obtidas muito pela ineficácia do governo em ter a população como foco da sua ação. Dessa maneira, quando ambos os lados são incompetentes em diagnosticar o povo como principal alvo de suas atenções, a luta se torna um enfrentamento assimétrico entre forças, cujo resultado final dependerá daquele que tiver maior vontade de vencer e que tiver maior capacidade de absorver suas baixas. É um fator de elevada relevância para o sucesso do movimento insurgente
18	População oferece apoio logístico	8/10	8/10	A relação entre apoio logístico popular e a vitória do insurgente pode ser entendida da seguinte forma: se tal apoio existir, não se pode ter a certeza da vitória (como mostram os oito casos nos quais a guerrilha perdeu a campanha possuindo tal apoio), porém se ele não existir, a possibilidade de sucesso será mínima (como mostram os oito casos de vitória da insurgência onde ocorreu a ajuda popular). A juntada dos apoios externos e popular dará ao insurgente a capacidade de obter seus recursos vitais de maneira clandestina e perene. A relação de convivência criada pelo insurgente com o povo é relevante para que a população se sinta parte atuante e importante na evolução da insurgência.
19	População oferece apoio em informações e inteligência	9/10	8/10	Se o movimento rebelde atua para atender um pleito social, é esperado que o povo o ajude a ser vitorioso. Uma forma diferenciada de apoio é o fornecimento de dados e de monitoramento feito pela população local. Esses dados permitirão ao insurgente conhecer movimentos da tropa, quem são os apoiadores da COIN no meio da população e quem pode ser recrutado para ampliar as linhas da insurreição. Se bem estabelecida, esse rede de informações poderá ser um diferencial qualitativo sem par para o rebelde. Como os demais fatores analisados, contudo, a posse de informações fartas oriundas da população não assegura a vitória do insurgente.

Nr	Fator de Análise	Vitória	Derrota	Considerações sobre o tópico analisado
20	Ocorre forte doutrinação no exército feita pelo exército rebelde	3/10	3/10	A doutrinação revolucionária feita dentro da própria força de guerrilha é uma ferramenta leninista e maoísta para ampliar a motivação e a unidade de pensamento dos seus integrantes. Necessita de “comissários” políticos para conduzir essa doutrinação que devem ter qualificação de liderança e amor a causa pela qual lutam. As ocasiões em que a insurgência venceu e que foi vencida são iguais nos casos estudados (três episódios para cada resultado final), contudo, acredita-se que grupos armados rebeldes com pequena doutrinação tendem a não resistir à ideia da luta prolongada e que pode cobrar o sacrifício maior de cada um pelo seu dever rebelde.
21	Áreas liberadas são governadas pelas Forças Irregulares	9/10	3/10	É um forte indicador de sucesso para as ações insurgentes. Ao conquistar uma área anteriormente controlada pelo governo ou na ocupação de uma área ainda sem a presença de nenhum dos contendores, o insurgente deve estabelecer suas novas regras. A maneira pela qual ele mostra que ele comanda uma nova ordem e que o governo central não tem poder sobre o território ocupado é estabelecer o seu comando de área. Exige que um novo aparato possua um corpo de administração sob a lei dos insurgentes. Nessas áreas será possível para o rebelde estabelecer seus novos santuários, ficando mais bem localizado para expandir suas ações, como se fosse a versão rebelde da técnica da “Mancha de Óleo” feita pelo insurgente. Um governo inovador e que atenda os pleitos da população terá condições de provar que a opção pelo insurgente é a correta para o povo, e isso trará apoio prolongado para os rebeldes.
22	Existe braço político ativo alinhado com o movimento rebelde	6/10	3/10	A manutenção de um braço político ativo é uma alternativa para a conquista do poder. Com uma campanha militar do insurgente sendo bem conduzida, esse braço político terá melhores condições de negociar a pressão sobre o governo central para forçar uma negociação vantajosa. Se a campanha militar caminha para o fracasso, o braço político terá a possibilidade de afirmar que está reduzindo ações militares em prol de ações que sejam menos violentas. E, em ambos os casos, uma forma de tentar dar um caráter legal à luta.
23	São realizadas ações contra infraestruturas que desagradam a população	5/10	6/10	A destruição de infraestruturas tem por finalidade mostrar para o morador local que o insurgente é forte e que tem capacidade de realizar ações em força. Também tem por objetivo demonstrar que a força COIN não tem poder de defender aquilo que ela se propõe defender. Mas esse tipo de ação acaba por causar danos diretos na população. A aceitação dessas ações, que querem demonstrar força e acabam por atingir aqueles que deveriam ser os beneficiados com a luta, é muito baixa no povo. Esse fator termina por se mostrar um indicador de insucesso para os insurgentes em sua luta caso sejam feitos de forma sistemática e apenas demonstrativa. Provavelmente em fases iniciais do movimento insurgente as ações contra infraestruturas sejam necessárias para mostrar poder e chamar a atenção para o que ocorre. Contudo, em fases nas quais o movimento buscar apoio do povo, elas devem ser reduzidas para que o ideário insurgente seja lógico para a população.



Nr	Fator de Análise	Vitória	Derrota	Considerações sobre o tópico analisado
24	Ocorre infiltração em grande escala nas Forças Armadas e no governo	3/10	3/10	A infiltração de subversivos nas estruturas legais tem por finalidade desde a obtenção de dados privilegiados até a subversão interna. Quando feita de forma exponencial, consegue minar o moral da tropa a ponto de torná-la incapaz de lutar. Em grandes exércitos de recrutas esse processo ocorre mais facilmente. Em exércitos expedicionários profissionais, praticamente não haverá essa capacidade. Em outras palavras, com tropas estrangeiras, é pouquíssimo provável que o insurgente consiga inserir ativistas infiltrados.
25	Choque cultural entre COIN e população é explorado pelos rebeldes	8/10	4/10	A exploração do choque cultural pelos insurgentes, que ocorreu em 80% das vitórias rebeldes estudadas, se caracteriza pela exploração da incapacidade de adaptação da tropa de COIN ao ambiente que ela opera. O insurgente, ao diagnosticar essa falha, passa a agir sobre a população para buscar afastar cada vez mais esse contingente dos soldados legalistas. É uma ação de grande eficiência, pois limita a possibilidade de retomada de relações positivas entre a COIN e o povo. A exploração de divergências culturais pode se basear no idioma, em crenças religiosas e em comportamentos antagonicos. Sentindo-se alienado em relação à COIN, o povo diminuirá suas ações em proveito do governo e buscará se alinhar com aquele que lhe é mais similar em termos culturais.
26	População percebe que revoltosos são opção melhor que governo	6/10	1/10	Por meio de ações que se alinham com a vontade popular, os rebeldes conseguem se tornar uma opção válida para a população. Isso é feito por meio de ações de violência direcionada para a COIN, sem causar baixas civis elevadas. Quando a COIN opera cometendo erros e falhas na conduta com a população, é natural que o povo pense em ver qual é o lado mais correto em ser apoiado.
27	Terrorismo suicida é empregado	1/10	2/10	O terrorismo suicida é uma ferramenta válida para mostrar a disposição do terrorista ou do insurgente para a luta, pondo sua vida em uma posição secundária em relação à causa que ele defende. Contudo, quando o impacto de uma ação suicida é direcionado para pessoas que nada tem a ver com a luta, é normal que o apoio popular àquele causa não se sustente apenas pela constatação de que existem pessoas dispostas a se tornar mártires. O medo de sofrer o impacto terrorista suicida será grande, mas a mensagem de desprezo pela vida do povo pelo qual o insurgente luta cria um paradoxo negativo para o rebelde.
28	Existe reconhecimento internacional da causa insurgente	7/10	2/10	Comunicações estratégicas bem feitas tem o impacto de ganhar a opinião pública mundial. Em alguns casos, como aqueles de nações que dependem de apoio externo para a condução da COIN (Vietnã, Nicarágua, Afeganistão), a perda desse apoio pode significar a derrota da COIN.
29	São empregadas tecnologias inovadoras que surpreendem o Inimigo	3/10	0/10	A surpresa tática sempre foi motivo de fazer pendular a vantagem para o lado que a empregou. Contudo ela garante vantagens em batalhas e campanhas, mas na guerra como um todo não há certeza de que a inovação tecnológica seja fator determinante para a vitória.
30	O insurgente está ambientado ao terreno (urbano / rural)	10/10	9/10	Essa é condição mínima para o insurgente. Sem ela não há como iniciar uma campanha irregular. Contudo, a sua posse também não assegura o sucesso, de forma que esse fator pode ser encarado como um requisito básico da insurgência, e não um fator que explique o sucesso.

#### **4.25 Conclusões parciais sobre o estudo estatístico dos casos.**

Percebe-se, assim, que existem determinados fatores que apareceram em eventos de sucesso e de fracasso no levantamento dos casos. O alinhamento dessas observações pode sinalizar para a montagem de um portfólio inicial de ações indicadas para a estruturação de uma doutrina abrangente em casos futuros de insurgências. Importante também é identificar quais ações devem ser evitadas e alvo de patrulhamento para evitar repetição de erros que a história por si só já apontam como graves.

Os aspectos levantados nas doutrinas de contra insurgência mostram que a aplicação de uma doutrina pré-existente não é a regra comum. Na maioria dos casos estudados a doutrina empregada pelos governos estabelecidos vinha de adaptações feitas por eles a partir de sucessos e fracassos de suas ações no decorrer do próprio conflito, sem que houvesse lições. Com exceções dos casos da aplicação de doutrina norte americana no Vietnã e no Afeganistão e da então União Soviética no Afeganistão, os demais casos mostram que os estados envolvidos nesses conflitos optaram por desenvolver soluções locais para resolver as insurgências.

No caso norte americano, a aplicação doutrinária da COIN no Vietnã foi oriunda de experiências mais antigas de suas forças armadas (como foi o caso bem sucedido da COIN nas Filipinas) ou da importação de experiências de outros exércitos aliados (doutrina francesa da luta na Argélia e na Indochina e da experiência inglesa na Malásia). Contudo, a crença na aplicação plena dos ensinamentos próprios e daqueles que foram importados para solucionar o problema no sudeste asiático não se configurou, influenciando no insucesso norte americano. No Afeganistão, por outro lado, as experiências norte americanas oriundas da campanha de contra insurgência no Iraque se mostraram válidas e ofereceram um relevante plano de fundo para a condução da luta dentro de parâmetros claramente definidos.

Os soviéticos, fundamentados na experiência da contra insurgência feita na Tchecoslováquia, tentaram seguir uma cartilha anteriormente definida para guia na luta contra forças irregulares. Também mostrou ser uma medida pouco efetiva.

## 5 ENTREVISTAS REALIZADAS COM PARTICIPANTES DE AÇÕES CONTRA INSURGENTES

### 5.1 Descrição complementar da metodologia aplicada na entrevista

Ainda que já tenha sido descrito de maneira sumária como foi idealizada a entrevista no presente trabalho, abaixo serão destacados os fatores que foram levados em conta para a sua realização.

Após a realização da pesquisa documental e da análise de episódios históricos de insurgência, o trabalho em tela buscou verificar as hipóteses levantadas com a opinião de pessoas que tivessem tido participação direta em conflitos insurgências. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com militares de reconhecida experiência nesse tipo de conflito.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. As questões podem dar origem a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. Ainda para Triviños, a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Ainda no que diz respeito ao uso da entrevista semi-estruturada, Manzini (1990/1991, p. 154) afirma que ela está focalizada em um assunto sobre o qual se faz um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para Manzini, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Dessa maneira, seguindo uma linha teórica fenomenológica, o objetivo das entrevistas realizadas nesse trabalho seria o de alcançar o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos relacionados com a insurgência enquanto fenômeno da guerra. Assim, as perguntas descritivas tiveram a importância de permitir a descoberta dos significados dos comportamentos dos agentes da COIN e da insurgência.

Em uma linha histórico-cultural, as perguntas foram estruturadas para serem explicativas ou causais. Sua finalidade seria a de determinar razões

imediatas ou mediatas da guerra de insurgência, vista pelo lado do contra insurgente.

De acordo com as orientações para elaboração de entrevistas semi-estruturadas de Manzini, o autor buscou adotar as seguintes medidas para eliminar o risco de falhas nesse procedimento científico:

1) cuidados quanto à linguagem empregada na formulação das questões, tornando-as acessíveis e de fácil compreensão. Esse aspecto se mostrou de grande relevância no momento em que colaboradores de outras nacionalidades foram entrevistados.

2) cuidados quanto à forma das perguntas, buscando torna-las sintéticas e com o seu objetivo bem definido.

3) cuidados quanto à sequência das perguntas nos roteiros, objetivando criar uma linha mental lógica para o entrevistado.

Dessa maneira, as perguntas preparadas para serem aplicadas em todos os entrevistados foram montadas para que objetivos específicos fossem atingidos. As seguintes perguntas foram formuladas:

Tabela 18 – Relação das questões aplicadas e sua finalidade para o trabalho

<b>Nr ordem</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Finalidade para o trabalho</b>
<b>1</b>	Qual é o seu nome completo?	Registro do entrevistado.
<b>2</b>	Qual é o seu posto atual?	Identificar o grau de maturidade do entrevistado no momento de sua entrevista.
<b>3</b>	A qual força armada você pertence?	Identificar a força e o país do entrevistado e o tipo de visão que ele possui sobre uma ocorrência de insurgência.
<b>4</b>	Qual o período durante o qual você atual direta ou indiretamente contra forças irregulares?	Definir historicamente a fase do conflito na qual o entrevistado operou, sendo possível ver se foi em um momento inicial ou na fase final após a aplicação de lições aprendidas.
<b>5</b>	Qual era o seu posto naquela ocasião?	Identificar o nível de atuação, qual a maturidade profissional, qual visão o entrevistado poderia ter (tática, operacional ou até estratégica) e que tipo de comando o militar conduziu quando empregado em combate.

Nr ordem	Pergunta	Finalidade para o trabalho
6	Qual era a sua unidade?	Verificar a natureza da tropa na qual o entrevistado combateu para ter dados de conclusão sobre o nível de contato com a força insurgente enfrentada.
7	Qual era a sua função na sua unidade?	Identificar o tipo de atividade desempenhada pelo entrevistado (operações, inteligência, logística, apoio de fogo)
8	Qual era o grupo insurgente contra o qual você lutou naquela ocasião	Saber qual o oponente foi enfrentado para identificar seu alinhamento ideológico. Em alguns casos, mais de um grupo era alvo de ações por parte da COIN simultaneamente.
9	Qual era a fase de estruturação de movimento irregular que você identificou estar seu oponente durante o período que você operou contra ele?	Identificar se o entrevistado enfrentou grupos em fase inicial de estruturação ou grupos já organizados e com estruturas mais sofisticadas de ação..
10	Quais eram os alvos mais comuns das ações das forças irregulares?	Identificar se havia alguma tendência por parte do grupo insurgente. Nos casos de derrota da insurgência, a questão seria válida para levantar se a seleção de alvos foi feita incorretamente.
11	Como essas ações eram conduzidas?	Definir o modo de operação do insurgente dentro da sua fase de estruturação. Alinhar o modo de operação do grupo, com a fase e com o tipo de alvo.
12	Qual era a efetividade dessas ações?	Identificar quais ações tiveram maior impacto sobre a população ou sobre a COIN. É importante ver que essa foi uma observação sob o ponto de vista do contra insurgente, ou seja, de grande valia para identificar impacto sobre povo e tropa.
13	Qual era a finalidade identificada para esses tipos de ações no nível tático?	Identificar a percepção do contra insurgente sobre a finalidade da ação do insurgente e diferenciar se a visão era unicamente tática ou se o contra insurgente percebia a finalidade psicológica do ato.
14	As ações eram direcionadas principalmente contra a população ou contra a tropa de contra insurgência? Por qual razão isso era feito?	Identificar se o grupo insurgente tinha tendência de aproximação ou afastamento da população por meio do tipo de ação realizada prioritariamente.

Nr ordem	Pergunta	Finalidade para o trabalho
15	Eram realizadas Operações Psicológicas pelo insurgente sobre a população ou sobre as tropas? Quais tipos de Op Psc? Qual era a efetividade dessas ações?	Identificar a forma como o insurgente agia no campo psicológico e verificar sua efetividade.
16	Quais eram as ações da força de COIN para anular os efeitos dessas Op Psc?	Identificar quais são as contra medidas realizadas pela COIN.
17	Você identificou estratégias de recrutamento para completar os efetivos da força de guerrilha, da força de sustentação e da força subterrânea?	Identificar como o insurgente obtinha seus recursos em pessoal e ver quais seriam as suas vulnerabilidades nessa atividade.
18	Quais eram as ações tomadas pela força de COIN para negar esse recrutamento?	Verificar se a COIN tinha algum mecanismo eficaz para se contrapor ao recrutamento rebelde.
19	Existia apoio externo para a força irregular? De onde ela vinha? Era um apoio clandestino ou ostensivo?	Identificar formas de apoio externo.
20	Quais eram as ações da força de COIN para isolar o apoio externo?	Verificar se a tropa COIN tinha mecanismos efetivos para interromper tal fluxo.
21	O insurgente realiza ações terroristas? Contra qual tipo de alvo? Qual era a sua efetividade? Como o efeito das ações eram explorados?	Verificar como a tropa COIN vê a realização de ações terrorista e qual o seu impacto sobre ela e a população.
22	Quais eram as ações da força de COIN para anular as ações terroristas?	Identificar as contra medidas para anular o terrorismo.
23	Ocorria algum tipo de associação dos insurgentes com organizações criminosas? Com qual finalidade essa associação era feita?	Verificar se existe articulação crime organizado – força insurgente e qual é a finalidade dessa associação.
24	Como a força de COIN agia contra essa associação?	Identificar os mecanismos repressivos e pró ativos da COIN.
25	A insurgência possuía alguma capacidade cibernética, nuclear ou biológica? Caso positivo, como foram empregadas?	Identificar se existia algum refinamento tecnológico da insurgência e como ela empregava esses meios.
26	Em sua opinião, quais eram as ações mais eficazes realizadas pelos insurgentes contra a população e contra a tropa de COIN? Como seria possível reduzir o efeito dessas ações?	Identificar as fragilidades da COIN, saber onde o insurgente consegue se aproximar da população a salvo da interferência da força de contra insurgência.
27	A força de COIN estruturou grupos locais de auto defesa? Eles eram eficientes? Qual eram os problemas com esses grupos? Eles eram desmobilizados após a pacificação da área?	Verificar qual era a atuação dos GAD na COIN.



Nr ordem	Pergunta	Finalidade para o trabalho
28	A rede de informantes operada pelos insurgentes era mais eficaz do que a operada pelas tropas da COIN? A rede da COIN permitia o fluxo seguro de dados?	Identificar quem conseguia obter melhores e mais dados oriundos da população.
29	Além das ações militares, quais eram as ações do governo que tinham maior eficácia contra o insurgente?	Verificar se a atuação contra os insurgentes se limitava ao esforço militar.
30	Quais eram as ações feitas para trazer a população para o lado contra insurgente para afastá-la dos rebeldes? O que o insurgente fazia para se aproximar da população?	Identificar se havia algum tipo de operação para mostrar ao povo que a ação insurgente era ruim para ele mesmo.
31	Existia distância cultural entre a tropa de COIN e a população? Como essa distância era minimizada?	Identificar se a tropa se via afastada da população e se tinha consciência disso.
32	Como seu exército preparava as tropas para entrar em operações contra forças irregulares? Qual era o treinamento básico?	Identificar como as tropas eram doutrinadas para emprego contra insurgentes.
33	Qual tipo de estudo era conduzido para preparar os comandantes antes de assumirem suas funções nas áreas de operação?	Identificar como as lideranças eram preparadas para conduzir esse tipo de conflito.
34	Quais eram as obras mais importantes para o estudo daqueles que frequentavam as escolas de contra insurgência?	Identificar se existe alguma linha ideológica ou doutrinária para estudo da tropa COIN, seja do oponente ou seja a doutrina da COIN.
35	Se você fosse um insurgente, quais ferramentas você utilizaria contra as forças de COIN?	Identificar quais são as ações mais eficientes da insurgência sobre a COIN.
36	Quais pontos você julgou mais fortes da COIN para vencer seus oponentes?	Obter dados sobre os pontos fortes da COIN sob o ponto de vista de quem lutou esse tipo de conflito.
37	Você gostaria de acrescentar alguma opinião pessoal à entrevista?	

Fonte: O autor

A metodologia empregada para a formulação da entrevista seguiu as linhas mestras do modelo proposto no Guia de História Oral do Exército Norte Americano proposto por Stephen Lofgren (2006). Assim, conforme sugere o historiador supramencionado, foi feito um planejamento anterior dos objetivos a serem alcançados com o a entrevista, observando fatores como: qual é o dado que se espera obter do entrevistado, qual o tipo de experiência ele teve e como ela está relacionada com o estudo. Após essa análise os entrevistados foram selecionados.



A escolha dos entrevistados foi feita para permitir uma abordagem da contra insurgência em diversos momentos históricos e em distintos locais de atuação. Buscou-se abranger entrevistados que tivessem participado de eventos históricos nos quais a COIN foi bem e mal sucedida. Os eventos históricos selecionados para terem participantes envolvidos foram: Brasil (Guerrilha do Araguaia), Peru (Combate contra o Sendero Luminoso), Afeganistão (Insurgência Talibã), Iraque (Insurgência Iraquiana e Al-Qaeda Iraque) e Paquistão (Tehrik-e-Taliban Paquistan).

Todos os entrevistados são na atualidade militares, oficiais superiores com o Curso de Comando e Estado Maior. Tal seleção foi feita para permitir uma maior abrangência na visão do militar integrante do esforço de contra insurgência. Tiveram atuação direta contra os grupos rebeldes enfrentados, servindo em unidades de primeira linha em sistemas operacionais de manobra, inteligência e apoio de fogo. Militares com experiências em áreas como logística e comando e controle não foram selecionados por não terem a mesma capacidade de observar os efeitos da ação do insurgente sobre as tropas e sobre a população.

Após a seleção, os entrevistados foram contatados por e-mail para que fossem explicadas os objetivos da pesquisa, as razões da seleção do militar para a contribuir com o trabalho e para afiançar a questão do sigilo da informação quanto à sua fonte. Esse contato tinha como anexo a relação de perguntas a serem conduzidas e explicava que outras questões poderiam ser feitas em função de novos temas despertados no decorrer da conversa. Apenas um dos contatados não quis participar da entrevista para o trabalho, não explicando os motivos para isso.

A entrevista foi conduzida conforme sugere Lofgren (2006), com duração máxima de duas horas de duração. Nesse sentido, apenas duas entrevistas ultrapassaram esse tempo, sendo que a maioria durou entre sessenta e noventa minutos. Antes do início da entrevista, o colaborador era lembrado sobre os objetivos do trabalho e qual era a razão de sua seleção para o mesmo. Em seguida era explanado como a entrevista transcorreria e qual era a duração esperada. O entrevistado foi orientado sobre não se preocupar com o gravador e para que buscasse falar sem pressa, emitindo a sua real impressão sobre o tema em debate.

De acordo com Lofgren (2006), as questões foram feitas na sequência planejada, mas no momento que ocorresse alguma explanação com conteúdo de interesse, novas questões eram inseridas para aproveitar o novo assunto.

As seguintes recomendações do historiador norte americano foram seguidas para a manutenção do caráter científico da mesma: manutenção do controle da entrevista; seguir a relação de perguntas estabelecidas, porém com flexibilidade para alterar a ordem, saltar questões já abordadas por alguma resposta ampla anterior e acrescentar novas questões quando oportunas ; Evitar questões cuja resposta fosse simplesmente “sim” ou “não” ; evitar antecipar respostas e não interromper a entrevista durante o seu curso.

As entrevistas foram gravadas digitalmente em arquivos de som. Esses arquivos seguem anexos ao trabalho e neles existe a indicação do entrevistado.

As entrevistas conduzidas com os oficiais paquistaneses foram feitas por meio de um oficial brasileiro que se encontrava naquele país. As perguntas foram remetidas para aquele país e ele teve a oportunidade de conversar com os entrevistados. Esse fato limitou um pouco o caráter de semi estruturação do questionário, uma vez que não houve como interagir com o entrevistado caso surgisse algum novo questionamento fruto das respostas dadas pelos militares daquele país.

De maneira geral, os entrevistados apresentaram o seguinte perfil e experiência:

Tabela 19 – Composição da amostra para entrevista

Quantidade de entrevistados	Nacionalidade	Conflito onde o entrevistado operou contra forças irregulares ou área de conhecimento do entrevistado
1	Brasileira	Guerrilha no Araguaia
1	Brasileira	Estudioso da Guerra Irregular
2	Peruana	Ação contra Sendero Luminoso
1	Colombiana	Ação contra as FARC
1	Norte Americana	Guerra do Iraque e Guerra do Afeganistão
1	Norte Americana	Guerra do Afeganistão
1	Espanhola	Guerra do Afeganistão
12	Paquistanesa	Luta contra insurgentes paquistaneses

Fonte: O Autor

Após a obtenção dos dados, foi empregada a ferramenta de análise do conteúdo das entrevistas realizadas.

Entende-se por análise de conteúdo "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destas mensagens" (Bardin, 2009).

Esta técnica propõe analisar o que é explícito no texto para obtenção de indicadores que permitam fazer inferências. Para o tipo de entrevista em tela é indicada a modalidade de análise qualitativa (procura-se analisar a presença ou a ausência de uma ou de várias características do texto).

Após serem estudadas as respostas obtidas na entrevista, pretendeu-se destacar as ideias presentes nas respostas, que serão apresentadas abaixo de maneira analítica dentro de cada questão. Ao final da análise das respostas haverá uma conclusão parcial para sintetizar as ideias que foram prospectadas no trabalho de entrevista.

## **5.2 Análise das respostas obtidas**

A seguir será analisada cada resposta emitida pelos entrevistados com vistas a permitir decantar as informações de maior relevância para o estudo.

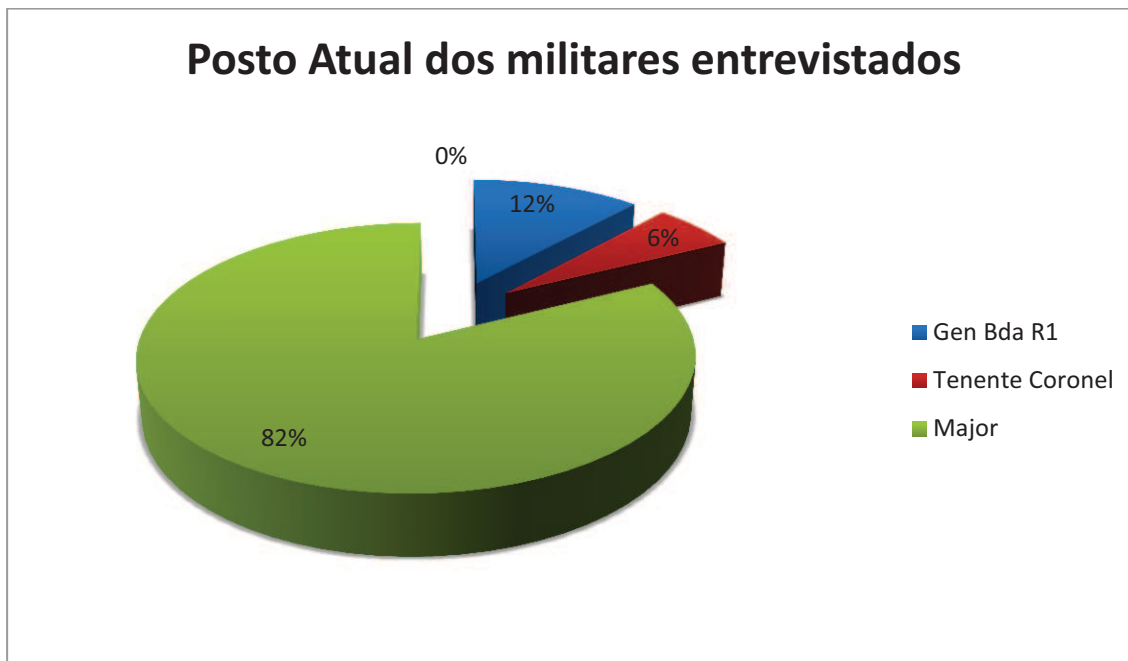
Alguns questionamentos têm suas respostas quantificadas de forma gráfica para visualização de fator onde a comparação entre respostas diferentes seja relevante e foram acrescentados comentários do autor para identificar o alinhamento da opinião do entrevistado com doutrinas ou relatos históricos vistos nos capítulos anteriores.

### **Questão 1 - Qual é o seu nome completo?**

Face ao envolvimento direto dos colaboradores da entrevista com atividades contra forças insurrecionais, algumas das quais ainda estão em atividade, o autor julgou pertinente não divulgar os nomes no corpo do texto. A identificação dos entrevistados, contudo, se encontra no áudio das gravações feitas.

## Questão 2 - Qual é o seu posto atual?

Gráfico 5 - Estatística de respostas para a Questão 2



Fonte: O autor

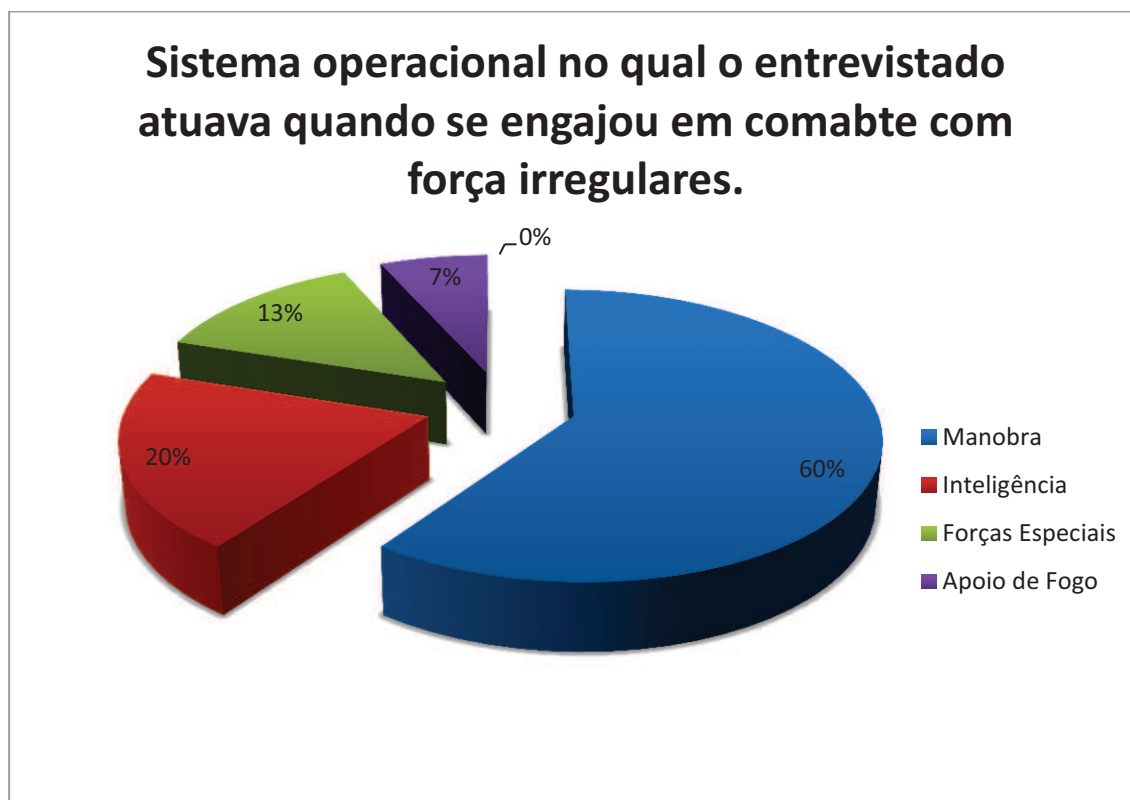
Percebe-se que a antiguidade dos entrevistados permite que tenham uma visão abrangente do campo de batalha que participaram, assim lhes credita qualificação, como oficiais que possuem o curso de estado maior, para terem acesso à informações sobre doutrina de COIN e sobre doutrina de movimentos insurgentes.

## Questão 3 - A qual força armada você pertence?

Todos os entrevistados pertenciam aos exércitos de seu país. Não foram entrevistados oficiais das marinhas e de forças aéreas por julgar que a doutrina e o emprego de tropa na COIN estão muito mais afetos ao contingente terrestre do que aos seus congêneres de mar e ar. Não se trata de descartar a importância desses vetores na luta contra forças insurgentes, mas o entendimento do autor é de que não haveria grande contribuição a ser dada sob a ótica dessas outras forças armadas ao trabalho em tela.

Um subproduto dessa questão, contudo, vem na especificidade dos entrevistados quanto à sua arma, quadro ou serviço, conforme consta do gráfico abaixo.

Gráfico 6 - Estatística de respostas para a Questão 3



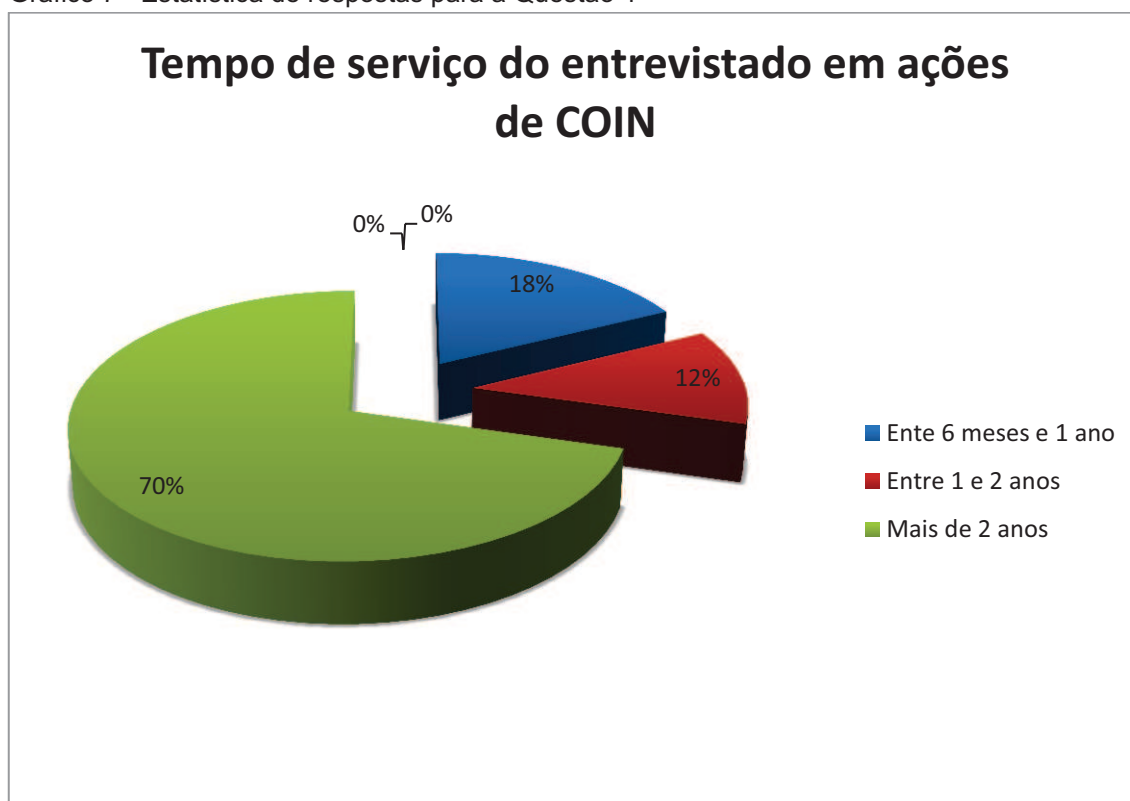
Fonte: O autor

Da análise da amostra, é possível aferir que a maior parte do efetivo de entrevistados esteve, funcionalmente, em contato direto com a população e com o oponente uma vez que participaram da luta em componentes de armas base (Infantaria e Cavalaria), aos quais se somam os integrantes das Forças Especiais e os de Inteligência. O entrevistado oriundo do sistema operacional de Apoio de Fogo era um oficial de ligação junto a uma unidade de infantaria, o que quer dizer que ele esteve em contato com ações típicas de uma unidade de linha.

#### **Questão 4 - Qual o período durante o qual você atuou direta ou indiretamente contra forças irregulares?**

Com essa pergunta se buscou verificar dois dados distintos: o espaço temporal de trabalho na atividade de contra-insurgência e verificar o espaço de tempo entre a atuação em combate e a entrevista.

Gráfico 7 - Estatística de respostas para a Questão 4



Fonte: O autor

Verifica-se que a grande maioria possui considerável experiência nessa atividade. Como o combate contra forças irregulares normalmente se faz em turnos de seis a nove meses. Percebe-se que alguns dos entrevistados tiveram duas ou três oportunidades de participar desse tipo de atividade. Esse público é bem interessante para o trabalho pois a sua visualização de evolução doutrinária é válida para os objetivos do trabalho.

#### **Questão 5 - Qual era seu posto naquela ocasião?**

Pela percepção da antiguidade e da experiência do entrevistado, é possível aferir que a maior parte deles esteve engajada em combate nos postos de tenente e capitão, ou seja, no comando de pelotões, companhias, Destacamentos de Forças Especiais e Equipes de Inteligência. Como existem entrevistados com experiência na COIN em postos de tenente coronel, também houve a possibilidade de contar com opiniões de entrevistados que tenham exercido a função de comandante de unidade e integrante de estado maior.

Gráfico 8 - Estatística de respostas para a Questão 5



Fonte: O autor

É relevante destacar que esse tipo de experiência dos entrevistados permitiu que fossem feitas questões objetivas sobre a forma de atuação do inimigo e sobre a postura da população, uma vez que comandantes táticos na COIN têm a oportunidade de atuar diretamente contra o insurgente e diretamente junto à população.

#### **Questões 6 e 7 – Qual era a sua unidade e qual era a sua função em sua unidade?**

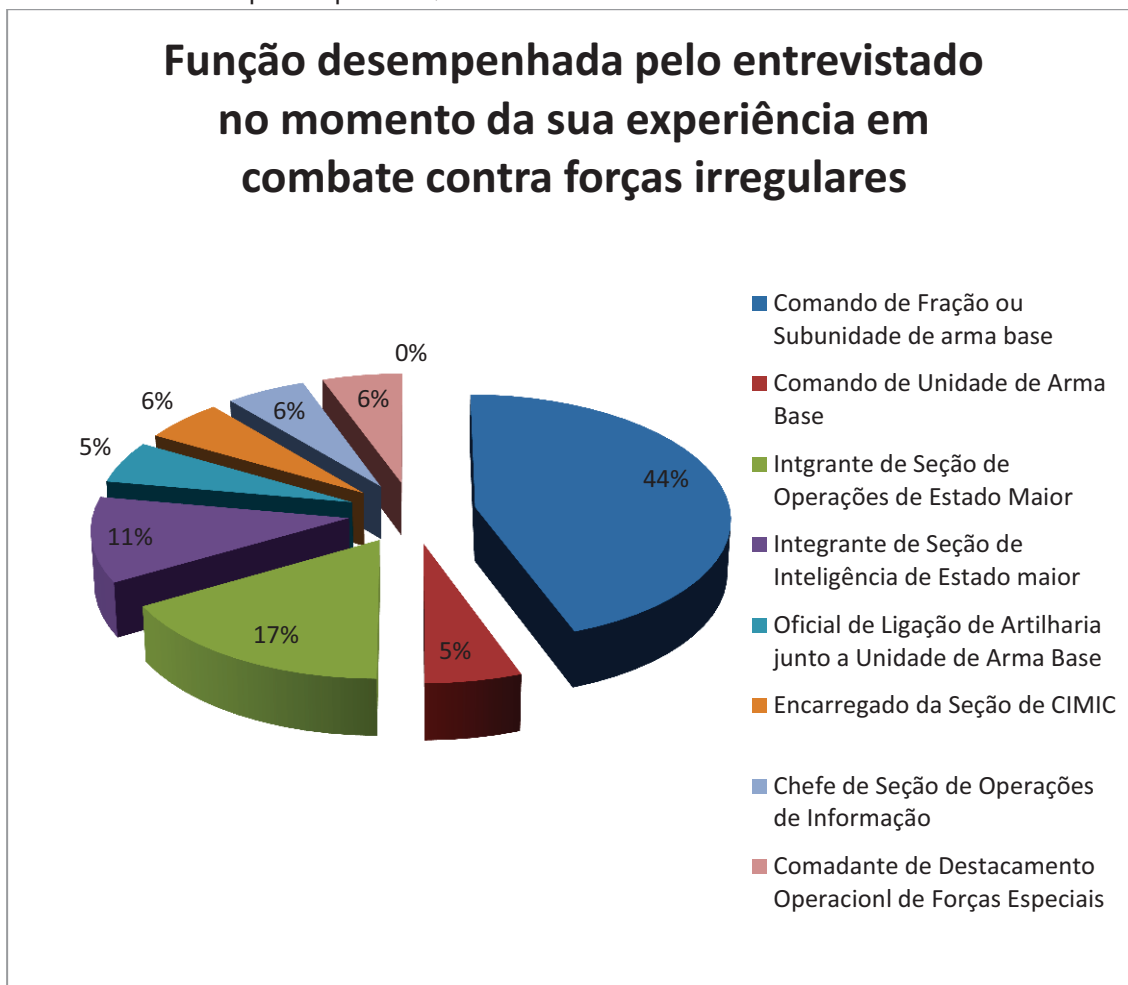
Devido ao fato de terem operado contra insurgentes e pelo fato de que muitos desses movimentos ainda estão em atuação, o autor optou por emitir a designação da unidade daqueles que participaram da entrevista, no entanto, nas gravações das entrevistas os colaboradores forneceram essas informações.

Em relação a função desempenhada pelos colaboradores no momento que se engajaram em combate, a seleção dos entrevistados favoreceu aqueles que tivessem tido experiência em funções de comando e de estado maior em atividades de combate contra forças irregulares. Dessa forma, militares com prática em atividades logísticas, de comunicações e de manutenção foram



propositalmente deixados fora do universo. De maneira geral os participantes tinha a seguinte função operativa:

Gráfico 9 - Estatística de respostas para a Questão 7



Fonte: O autor

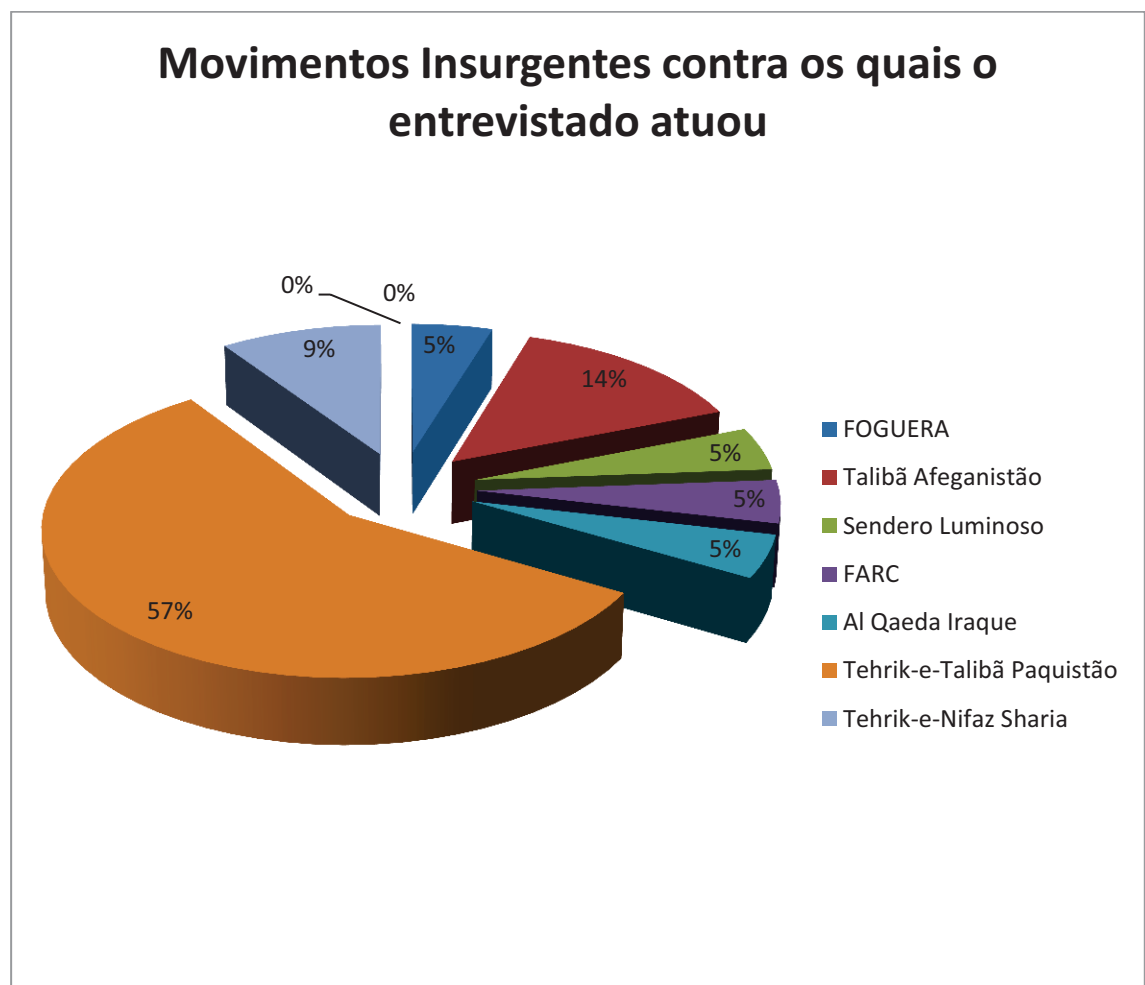
**Questão 8 - Qual era o grupo insurgente contra o qual você lutou naquela ocasião:**

Devido ao fato da seleção de participantes das entrevistas ter contemplado uma maior abrangência de atores insurgentes, a estatística abaixo mostra que os grupos citados no trabalho serão de origens e fundamentações distintas. Soma-se a isso o hiato temporal entre alguns dos eventos vividos entre os participantes e os casos mais recentes de insurgências.

Devido ao fato de alguns dos entrevistados atuarem contra mais de um grupo insurgente em ocasiões distintas ou até ao mesmo tempo, aparecerão estatísticas superiores ao número de entrevistados.

Também é possível identificar que em termos ideológicos houve uma proposital variação do universo de movimentos. Dessa maneira, foi possível estudar movimento de orientação maoísta como FARC, Sendero Luminoso e FOGUERA, ao mesmo tempo que movimentos islâmicos com a Al Qaeda e o Talibã. A mescla da forma de atuação desses grupos forneceu um panorama mais amplo das ferramentas usadas pelos insurgentes para obter a vitória e também a forma pela qual eles reagem às ações da COIN.

Gráfico 10 - Estatística de respostas para a Questão 8



Fonte: O autor

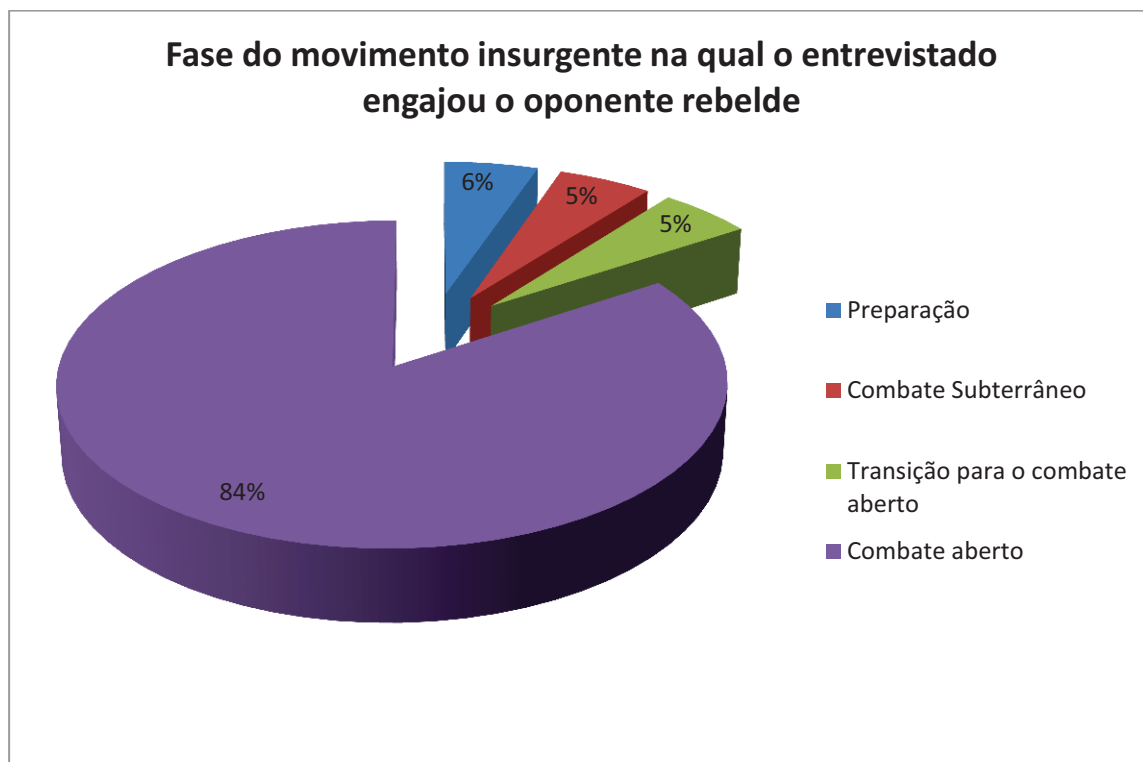
**Questão 9 - Qual era a fase de estruturação de movimento irregular que você identificou estar seu oponente durante o período que você operou contra ele?**

Com a finalidade de saber o amadurecimento do movimento insurgente quando o entrevistado o enfrentou, a Questão 9 tentou quantificar tal dado para entender as soluções dentro do escopo que o contra insurgente viu.

Pelos dados obtidos, é possível identificar que a elevada concentração de atuações na fase de combate aberto (84%) sinaliza para a tendência de empregar tropas de COIN quando o problema da insurgência já está além da capacidade estatal de resolvê-lo por vias pacíficas ou por meio do incremento de ações policiais para desbaratar os rebeldes quando eles ainda não passam de uma ameaça pequena.

Nos casos estudados em que a ação governamental foi rápida e buscou eliminar militarmente o insurgente enquanto ele ainda não possuía força para lutar, a solução obtida foi normalmente em favor da tropa de COIN. Esse foi o caso estudado no Brasil, por exemplo. No total, 17 os 18 entrevistados se viram envolvidos com movimentos que já possuíam força militar para engajar oponentes regulares, seja através de ações terroristas ou por meio de combate aberto. Entenda-se, contudo, que o combate aberto não significa a obtenção de uma capacidade ofensiva da guerra d movimento proposta por Mao. O combate aberto engloba ações de “bater e correr” não mais como uma forma de fazer sangrar o oponente, mas também como a opção de prolongar o esforço rebelde de maneira racional.

Gráfico 11 - Estatística de respostas para a Questão 9

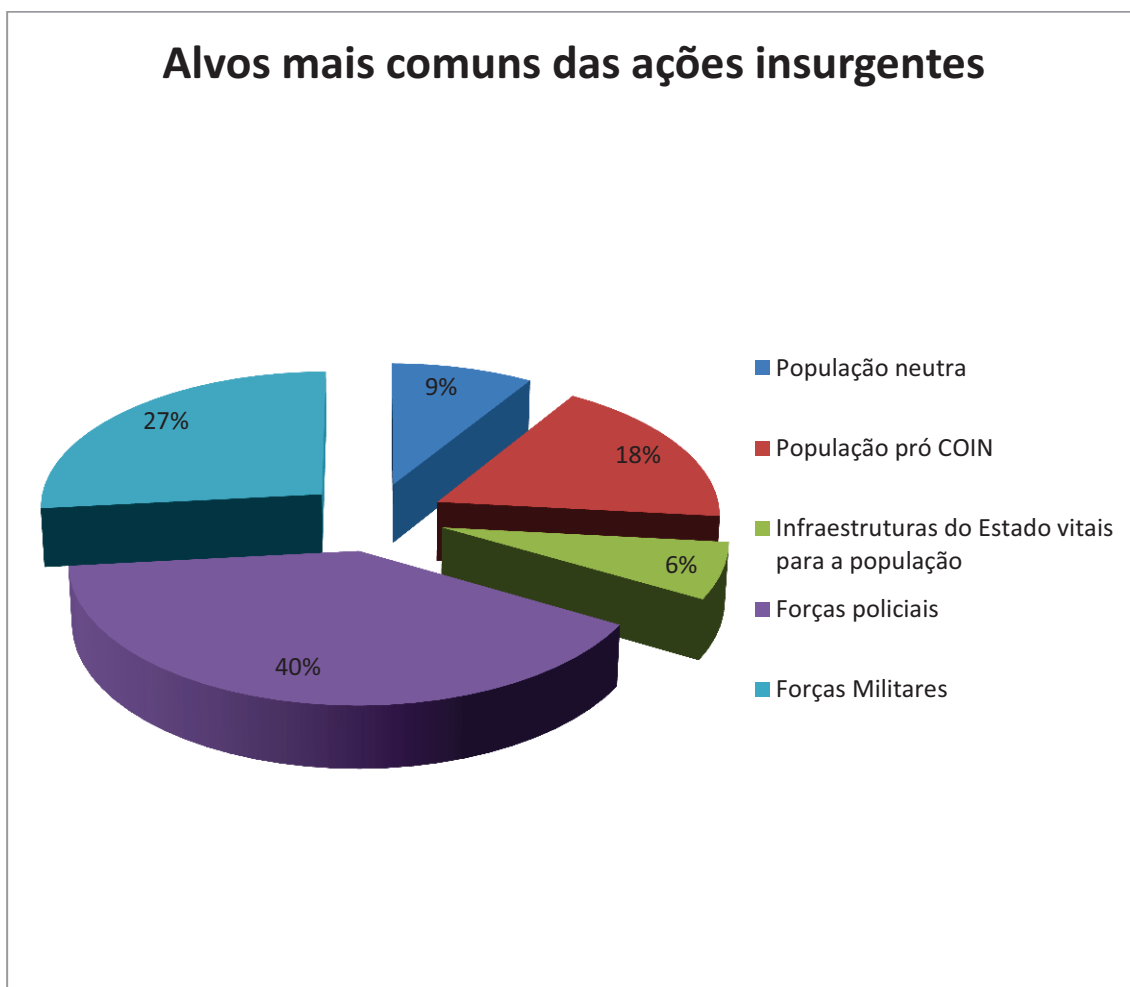


Fonte: O autor

### Questão 10 - Quais eram os alvos mais comuns das ações das forças irregulares?

De acordo com os entrevistados, existiam alvos que mais frequentemente eram atacados pelos insurgentes. Os alvos relacionados foram a população neutra, a população que apoiava abertamente a COIN, as estruturas de bem estar social criadas pelo governo, as estruturas essenciais para a população, as forças militares e as forças policiais locais.

Gráfico 12 - Estatística de respostas para a Questão 10



Fonte: O autor

Percebe-se que as forças policiais, ou tropas que realizem ações típicas de polícias, são o alvo preferencial dos insurgentes. Isso foi explicado pelos entrevistados pelo fato de que as forças policiais locais são aquelas a quem cabe a missão de proteger e isolar a população, enquanto as forças militares estão engajadas na busca e destruição do oponente. Por servirem de elemento dissociador entre o insurgente e a população, inviabilizando a manutenção do

apoio fornecido por ele, os insurgentes selecionam esse alvo como prioridade para suas ações. Além disso, foi citado, principalmente pelos entrevistados que participaram dos embates no Afeganistão e Paquistão, que as equipes policiais têm menores efetivos, possuem armamento menos poderoso, seus meios são mais dispersos e sua motivação para a luta é menor que a de tropas das forças armadas.

Também foi citado que o impacto das ações de eliminações desses policiais pelos insurgentes causa maior efeito psicológico sobre a população no momento que ela percebe que aqueles agentes do governo que deveriam protegê-la não conseguem sequer se proteger.

Percebe-se que a razão custo-benefício de atacar alvos policiais em locais mais remotos (interior do país, pequenas cidades) é aquela que apresenta maior vantagem para o insurgente e aquela que ofereceu maior número de citações pelos entrevistados.

As forças militares são o segundo alvo prioritário para os insurgentes. Segundo os entrevistados, tal alvo é engajado por ser o oponente que maiores riscos oferece para o insurgente e os insurgentes entendem que abalar o moral da tropa é importante para reduzir seu poder de combate. Se as forças policiais são as que podem isolar o insurgente da população, as tropas são aquelas que podem destruir os rebeldes. Da mesma forma que ocorre com os policiais, os entrevistados citaram que frações isoladas e em situação estática são aquelas que normalmente sofrem ações do tipo emboscadas, ataques surpresa, emprego de Dispositivos Explosivos Improvisados (DEI) ou ações terroristas. Os comboios militares também são alvos preferenciais, pois podem ser engajados de forma remota por DEI e por fogo de longa distância. A desvantagem dos comboios de perderem a mobilidade no momento do ataque também motiva que eles sejam alvos preferenciais.

Em uma terceira prioridade está a população que apoia a COIN. Devido a incapacidade de proteger toda a população durante todo o período de embates, os colaboradores do governo são alvos preciosos para a insurgência. Normalmente o sistema de inteligência rebelde levanta quem são esses apoiadores e determina qual é o grau de risco em atacá-los. Os entrevistados paquistaneses e o militar peruano citaram que lideranças locais e integrantes dos

Grupos de Auto Defesa (GAD) são aqueles que mis frequentemente são alvos, devido a sua representatividade.

Essa é uma mensagem clara para a população de que os olhos da insurgência estão em todos os lugares e aqueles que forem contra o movimento serão alvo de execução. As mortes desses elementos costuma ser feita de forma violenta (decapitação, fuzilamento em local publico) para ampliar o terror causado na população. Os militares norte americanos que tiveram participação no Afeganistão e no Iraque corroboram essa assertiva, citando que os expedientes de “Cartas da Morte” são frequentes e que o efeito dessas cartas é devastador. Trata-se de uma carta entregue para uma família afirmando que os insurgentes tem conhecimento da atuação dela contra a insurgência. Afirma também que a justiça rebelde decidiu que eles deverão morrer e que a proteção da COIN é apenas temporária, não sendo suficiente para salvar a vida dos traidores. A sentença que consta em uma *carta da morte* não precisa ser cumprida sempre. Basta que alguns civis sejam mortos para que os demais entendam o elevado risco que sofrem em apoiar a COIN. Ambos os militares americanos, um dos entrevistados do Exército Peruano e o militar colombiano afirmaram que tal expediente não possui uma contra resposta efetiva da COIN uma vez que realmente é impossível proteger todos os colaboradores e suas famílias.

A população neutra receber menor prioridade nos ataques, mas caba sendo a alternativa de terror para reduzir o apoio do povo prestado para a COIN. Em torno de 10% dos entrevistados citou esse público como sendo alvo frequente das ações insurgentes. Os motivos dessa menor prioridade são claros, uma vez que a matança de inocentes para causar terror nem sempre justifica o ódio gerado entre aqueles que tiveram parentes ou patrimônio atingido de maneira aleatória. Obviamente que mortes entre civis neutros continuam acontecendo, mas existe uma sinalização de que tais alvos sejam selecionados em menor escala para que o apoio da população não seja reduzido. O grau de radicalização do grupo tende a ser um fator que determine se tais ataques são aceitos ou não pela direção do movimento rebelde. Para jihadistas, a morte desses civis é plenamente justificável.

Os ataques contra as infraestruturas vitais são formas de demonstrar poder contra o governo. Por serem alvos que demandam ações em força, e com maior

poder de combate (em efetivos ou em meios), tais tipos de ação não são tão frequentes quando o movimento não possui meios em abundância. Também foi citado pelos entrevistados que esses alvos, quando atacados, trazem insatisfação para a população, uma vez que normalmente estão ligados com mobilidade, com fornecimento de água, de energia ou de comunicações. O peruanos citaram os ataques contra torres de alta tensão que levam energia até locais mais remotos do país. Contudo, existem ações em curso no Afeganistão do Talibã contra infraestruturas que foram feitas pela ISAF, no sentido de ganhar apoio da população.. A destruição dessas estruturas, fornecidas pela COIN, tem uma ligação direta com a negação do apoio que é oferecido.

### **Questão 11 - Como essas ações eram conduzidas?**

A questão 10 em parte já abordou esse assunto. De maneira geral, as ações eram conduzidas contra os diversos tipos de alvo de acordo com o efeito desejado e a fase de desenvolvimento do movimento insurgente.

Contra militares e policiais as ações mais comuns eram emboscadas, ataques surpresa seguidos por uma retirada planejada, uso de DEI para armadilhar vias de acesso, uso de atiradores de elite para engajar alvos a grandes distancias e de forma seletiva, bombardeios com morteiros e uso de foguetes de voo livre (sem precisão). Não foram citadas ações com meios mais sofisticados, como armas químicas, biológicas, guerra cibernética ou guerra eletrônica. Ações psicológicas, que serão citadas mais adiante, também foram enumeradas, ainda que sem a intenção de atingir efeito cinético. De todos os meios citados os IED foram sinalizados como aqueles que causavam maior apreensão nos militares da COIN.

Contra alvos civis que apoiam a insurgência, as ações conforme já foi citado, buscavam o efeito de causar terror nos neutros e demais apoiadores. Assassinatos seletivos, justiçamentos, atentados com explosivos, sequestros são as formas mais usuais de atingir tais públicos. Importante destacar que a publicidade desse tipo e ação é chave para que o insurgente possa mostrar que seu alvo foi selecionado e tem um motivo claro para ser eliminado sob a ótica da justiça insurgente.



Contra alvos civis a tendência é a de que atentados sejam a bomba sejam aqueles com maior recorrência. Nos conflitos com características étnicas (que não foi o caso de nenhuma das entrevistas) podem ocorrer ações diretas envolvendo eliminação indiscriminada por armas de fogo ou outros meios. No entanto, segundo os entrevistados, o normal é que esses alvos sejam engajados por ações terroristas indiscriminadas.

As ações contra infraestruturas também não fogem das tradicionais sabotagens e atentados. Ações de grupos, no estilo de ações de comandos, também ocorrem e isso foi citado pelo entrevistado peruano quando relatou ações do Sendero Luminosos contra estruturas de transmissão de energia em área remotas do Peru. Elas, contudo, parecem ser exceções que buscam impacto midiático, uma vez que uma concentração de meios e o risco de elevadas perdas pelos insurgentes pode não justificar o risco.

#### **Questão 12 - Qual era a efetividade dessas ações?**

Pergunta de grande relevância, pois indicava quais ações apresentavam maior benefício para a causa rebelde, significando a percepção do contra insurgente entrevistado sobre qual seriam as atitudes do oponente contra as quais ele teria uma menor eficácia.

**Ações contra forças policiais** foram citadas como bastante eficientes por todos os entrevistados. As razões já foram enumeradas acima, mas cabe o destaque nos efeitos que elas causam. No Afeganistão, por exemplo, a Polícia Nacional Afegã está em formação. O recrutamento para participar de forças policiais sofreu decréscimo considerável em virtude do elevado risco que o trabalho nas forças policiais apresenta. A qualidade dos voluntários para servir nas forças policiais, decresceu bastante, restando apenas pessoas cuja motivação era quase que exclusivamente financeira (para obter ganhos salariais e oriundos de ações irregulares). Também foi relatado nas entrevistas o acontecimento de “acordos” locais entre chefes policiais e líderes rebeldes para que a polícia não agisse contra os insurgentes, sendo poupadas de ações contra os agentes da lei.

Ainda no relato dos militares que estiveram no Afeganistão (principalmente aqueles que estiveram naquele país após 2008), os insurgentes conseguiram realizar **infiltração de pessoal rebelde no sistema de recrutamento das**

**Forças Armadas Afegãs.** Diferentemente de outros processos históricos onde a infiltração era feita para doutrinação e informações, a infiltração realizada pelo Talibã objetivava a realização de ações em força contra a COIN e tinha razões nas diferenças religiosas e culturais entre norte-americanos e afegãos. Um dos entrevistados norte americanos citou que estavam ocorrendo episódios de ataques de militares afegãos contra seus companheiros da ISAF. Em diversas dessas ocasiões o saldo era a morte de soldados da aliança ocasionados por disparos de armas de fogo de soldados afegãos em serviço. Também foram relatados incidentes suicidas durante treinamentos oferecidos pela ISAF para o Exército Nacional Afegão (ENA), com o atirador afegão engajando alvos “aliados” até que fosse silenciado. Em face dessas ações, a confiança entre a ISAF e o ENA diminuiu drasticamente e a tão desejada sinergia entre as tropas da COIN foi seriamente abalada. Mais uma vez foi dito que se tratava de uma atitude insurgente que não possuía uma resposta da COIN nem imediata e nem no longo prazo, pois valores intangíveis como confiança e colaboração estavam praticamente comprometidos. Os entrevistados citaram que a única medida que havia sido tomada pela COIN foi a de interromper treinamentos temporariamente.

Outro tipo de ação reportado como eficiente pelos entrevistados paquistaneses foi o emprego de **emboscadas e uso de DEI contra comboios e patrulhas a pé**. As emboscadas fizeram com que movimentos a pé se tornassem muito perigosos. Com isso a tropa se viu obrigada a embarcar em veículos para ter maior capacidade de sobrevivência. Nas patrulhas motorizadas, contudo, a incapacidade de identificar os locais onde estavam plantados os DEI nas ruas e estradas, obrigou a tropa a cada vez mais se abrigar em veículos blindados, perdendo capacidade de observação e a capacidade de interagir com a população que as patrulhas a pé possibilitavam. Dessa forma, o efeito das emboscadas e DEI não foi sentido exclusivamente nas baixas da tropa, mas principalmente no distanciamento que eles provocavam fisicamente entre povo e soldado. Além dessa falta de contato pessoal que existiriam nas patrulhas a pé, o uso de equipamentos de proteção individual e o uso de blindados para proteger tropa tem o efeito de passar para a população que a COIN está “com medo” das ações insurgentes. O militar espanhol citou esse aspecto e afirmou que militares

totalmente armados e equipados (colete balístico e capacete) eram visto como menos corajosos que o rebelde, uma vez que o insurgente luta sem proteção.

As já mencionadas “**cartas da morte**” também se revelaram armas psicológicas extremamente fortes. Elas foram citadas por todos os entrevistados, exceto pelo militar brasileiro, como arma recorrente para aterrorizar o povo. No momento que a família de um apoiador da COIN se vê sujeita a ação violenta de insurgentes, o apoiador deixa de enxergar qualquer vantagem em prosseguir em seu apoio com o governo. A capacidade de tirar a vida de uma pessoa está muito acima, em termos de persuasão, do que a capacidade de pagar um salário ou criar benfeitorias na sua vila. A escala de valores de alguém que vive em uma área conflituosa começa na sua capacidade de permanecer vivo. Portanto, justificações e carta de ameaças são, concretamente, instrumentos que a COIN não consegue responder sem um esforço extremamente grande em meios e tropas durante muito tempo.

A **eliminação seletiva de colaboradores** do governo também foi citada por todos os participantes das entrevistas. A eliminação violenta e sumária de colaboradores prova para o morador local que ele está sob o julgo de uma força que ele não controla. O medo e o terror acabam sendo mais fortes que as motivações de lutar contra os insurgentes. Ainda que possam gerar em algumas vítimas o desejo de vingança pelas ações violentas, o terror acaba sendo mais forte e sensibilizando a maioria. É, portanto, uma ação de elevada efetividade no sentido de destruir a capacidade da COIN de administrar e controlar áreas com o apoio da população.

As **ações contra infraestruturas** não chegam a ser unanimidade, pelo fato de depender de meios mais fartos e causar um impacto negativo no apoio popular ao movimento rebelde. Indicadores de maior sucesso são obtidos por essas ações quando elas são direcionadas para instalações militares e policiais. Contudo, ainda que aparentemente impopulares tais ações continuam sendo realizadas como forma de obrigar o contra insurgente a espalhar seus efetivos em posto de defesa estáticos, onde topas que poderiam estar vasculhando áreas ou assegurando o apoio popular tenham que se manter parados defendendo obras de arte e instalações vitais. Tudo isso leva a uma redução na capacidade ofensiva da COIN, o que dá maior liberdade de movimento para o insurgente. Logo, ações

contra infraestruturas não devem ser vistas apenas como ações de primeira intenção, ou seja, como forma de destruir apenas. Elas vão além disso e contribuem para a manutenção da iniciativa nas mãos do rebelde.

Também foram citadas as ações de **controle dos insurgentes de mecanismos de doutrinação juvenil**. Tal processo, ainda que claramente presente nas *madrassas* e nas universidades islâmicas do Afeganistão e do Paquistão, também ocorreu em escolas secundárias e faculdades do Peru, Brasil e Colômbia. Os insurgentes, conforme citado pelos entrevistados, realizaram a infiltração de agitadores e doutrinadores nos corpos de professores dessas escolas. Tendo a capacidade de dirigir a palavra para inocentes úteis (os alunos) era possível para esses insurgentes propagar seu ideário e motivar públicos para atuar pela causa rebelde. O jovem é mais facilmente impressionável com o discurso inflamado dos insurgentes, seja no proselitismo islamista, seja nas ideias revolucionárias de Lenin, Mao ou Guevara. Essas ações promoveram a oferta de grandes efetivos de jovens voluntários para participar do esforço de guerra em favor dos insurgentes, além de influenciar uma massa de jovens que, mesmo não participando dos combates, se tornam favoráveis aos rebeldes. Quando a guerra ocorre no interior do país do qual a tropa da COIN é oriunda (como foi o caso do Peru e Brasil) ainda é possível mudar os professores e controlar o sistema educacional. Em território estrangeiro fica mais difícil reverter esse artifício rebelde, pois professores externos seriam rejeitados pelas populações nativas.

Um fenômeno presente no Afeganistão em larga escala é **o uso de Operações de Informações pela insurgência**. Devido a sua estrutura celular de organização, o Talibã consegue produzir e veicular notícias sobre ações de combate com velocidade francamente superior àquela que a ISAF difundir mensagens pelos seus sistemas de comunicação social. Tal velocidade é chave para obter a superioridade de informações pois quem consegue lançar seus produtos em primeira mão, não tem a obrigação de rebater argumentos do oponente com base em dados. O Talibã, nas palavras do entrevistado norte americano com experiência em operações de informação, conseguiu “achatar” a cadeia de comando para aprovação desses produtos e consegue, por exemplo, divulgar uma matéria em rádio e na internet apenas algumas poucas horas após uma ação de combate. O relato dessa ação raramente se preocupa em retratar a

verdade, alterando a realidade em favor de mensagens favoráveis ao Talibã. À ISAF só resta rebater as informações do Talibã, mesmo assim após as mensagens terem passado pela aprovação de diversos canais de comando e muitas horas depois dos insurgentes terem divulgado “a sua verdade”. Quando essa mensagem chaga aos ouvidos dos públicos alvo, outras ações já foram relatadas pelo Talibã, e o foco da atenção do povo já foi redirecionado para outra notícia. Por mais que existam ações cinéticas voltadas para silenciar os meios de comunicação pública do Talibã, elas ainda conseguem se manter ativos a ponto de possuir a vantagem da iniciativa da informação, o que foi considerado pelos entrevistados como uma poderosa arma rebelde para vencer a luta pelo apoio popular.

Estruturas de apoio aos rebeldes combatente, aos moldes do que foi relatado na revisão bibliográfica do método de atuação do Hezbollah, apareceram de forma muito sutil nas entrevistas com os militares norte americanos no Afeganistão e no relato do entrevistado peruano. Para eles, essas estruturas de apoio asseguram que os rebeldes feridos e mortos nos combates contra a COIN recebem apoio do próprio movimento insurgente. Seria uma espécie de previdência social rebelde. Esse tipo de apoio, que visa agir como se um estado de fato fosse, age em proveito de seus servidores para oferecer apoio às famílias desamparadas em recursos e saúde. Ainda que seja modesto nesses dois casos, esse tipo de apoio se mostra muito efetivo, pois passa a angariar a simpatia de outros nativos que percebem que a liderança insurgente realmente se preocupa com o bem estar dos seus combatentes, mesmo após mortos. Para fins de ampliação de apoio e de angariar novos recrutas, essas estruturas são muito eficientes, além de não terem um antídoto par a COIN, que não tem meios para interromper esse tipo de apoio.

**Questão 13 - Qual era a finalidade identificada para esses tipos de ações no nível tático?**

De acordo com os entrevistados, a finalidade das ações no nível tático nem sempre correspondia à sua finalidade estratégica. Como foi citado, uma ação de destruição de determinada estrutura física não era exatamente a de interromper o serviço que ela prestava. A finalidade era também, a de demonstrar poder e

afirmar que a COIN não podia oferecer o produto que ela deveria fornecer a segurança para o povo.

Logo, ainda que haja uma grande relevância em um objetivo no campo tático, a ação insurgente normalmente tem um objetivo estratégico por trás. Essas ações causam respostas unicamente militares quando comandantes militares menos experientes estão coordenando suas ações. Essas ações militares que devolvem violência com mais violência acabam por não ter o efeito de negar ao oponente a condução estratégica da campanha. e uma resposta

**Questão 14 - As ações eram direcionadas principalmente contra a população ou contra a tropa de contra insurgência? Por qual razão isso era feito?**

Para a totalidade dos entrevistados, o alvo principal das insurgências que eles participaram eram alvos militares. Isso não significa que os alvos civis e inocentes não fossem contemplados, mas a força militar do oponente se configura como alvo mais frequentemente atacado.

A razão para esses ataques, no entender dos entrevistados paquistaneses, varia entre a captura de material militar após a ação, desmoralização do contingente militar devido às baixas sofridas, demarcação de áreas de controle da guerrilha, expansão de território controlado pela insurgência causar impacto psicológico sobre a população.

Outra razão levantada pelo militar colombiano entrevistado foi a de que, ao agir diretamente sobre a população, o insurgente acaba por eliminar sua chance de ganhar seu apoio. Alvos civis são selecionados quando existe a necessidade de se chamar a atenção da mídia para a causa rebelde (início das ações da insurgência que necessitam de publicidade e reconhecimento interno e externo), quando uma área sob controle da COIN será alvo de ação em força da guerrilha (finalidade de aterrorizar a população antes das ações dos efetivos insurgentes), quando um território é francamente favorável à COIN (ação com a finalidade de solapar o moral do povo e demovê-lo da intenção de apoiar o governo) e quando a COIN está tomando a iniciativa das ações e não há como provocar a dispersão de suas tropas móveis (ação visa obrigar o governo a dispersar seus meios para proteger alvos físicos de alto valor e para proteger a população de ações violentas). Fora desses casos, ações contra populações seriam atos de violência

gratuita, que apenas conflitos com características extremas de limpeza étnica costumam fornecer.

Figura 17 – Motivação para ações contra a população por parte dos insurgentes

## Motivação para ações contra população civil por parte da insurgência



Necessidade de chamar a atenção da mídia para a causa rebelde (fase inicial do movimento rebelde)



Área sob controle da COIN será alvo de ação em força rebelde (ação preparatória conduzida por força subterrânea para causar pânico)



Ação de terror quando um território é francamente favorável à COIN (provar que o governo não pode prover segurança para o povo)



Necessidade de dispersar meios da COIN, quando essa consegue obter a iniciativa (ataques contra instalações e contra a população exigirão proteção por parte de soldados da COIN)

Fonte: O autor

**Questão 15 - Eram realizadas Operações Psicológicas (Op Psc) pelo insurgente sobre a população ou sobre as tropas? Quais tipos de Op Psc? Qual era a efetividade dessas ações?**

A resposta foi afirmativa em todos os casos. Muitas das ações já relatadas acima foram citadas como ações psicológicas, mesmo sendo aparentemente ações em força. Naturalmente a população era alvo de Op Psc mais intensas para que ela passasse a apoiar o esforço rebelde e abandonasse o suporte à COIN. Tais ações ocorriam na forma de divulgação de mensagens por rádio, pela internet e por CDs. Os entrevistados citaram que panfletagem e cartazes não eram muito empregados devido ao custo de produção, da dificuldade em obter uma gráfica com suficiente contra inteligência para produzir esses artigos sem deixar rastros dos envolvidos e também pelo efeito reduzido em populações majoritariamente analfabetas.



No caso brasileiro, o entrevistado citou que a Op Psc feita pela FOGUERA era e de promover atendimento médico pelos guerrilheiros junto à populações carentes para estabelecer um vínculo entre povo e insurgente. Escolas improvisadas também passam a ser conduzidas pelos revolucionários objetivando operar a população sobre a situação precária na qual viviam e como a adesão pela causa rebelde poderia mudar. Um apelo forte era a distribuição de terras de forma equilibrada, mas essa deia força era um pouco vaga para os habitantes da região e teve impacto menor que o esperado pelos rebeldes.

Para os entrevistados paquistaneses, as Op Psc insurgentes mais importantes são aquelas ligadas a Sharia, ou seja, à lei islâmica. As liberdades da população, suas preferências, suas articulações são todas controladas por essa lei. Isso permite um controle das massas com amparo religioso, cujas penas em caso de infração são todas muito severas. Dessa forma, os insurgentes das áreas tribais do Paquistão conseguem manter um elevado grau de controle da população sem necessitar divulgações de produtos de maneira contínua. Ainda no Paquistão, outro grau de controle das massas é obtido pelo cerceamento de direito das mulheres. Em áreas onde atuam os insurgentes, o tratamento com as mulheres é extremamente severo e subserviente. Com esse controle é possível limitar também as vozes que poderiam se levantar contra os rebeldes por obrigarem as mulheres a entregar seus filhos para uma luta muitas vezes suicida.

Sobre a Op Psc feita com foco na tropa da COIN, os entrevistados disseram ser muito reduzida e quase totalmente ineficiente. Segundo eles, o treinamento prévio, a seleção correta de pessoal para participar da luta e a constante informação da tropa sobre acontecimentos faz com que a Op Psc rebelde sobre os militares seja muito pequena. Por outro lado, os efeitos das mortes de militares por DEI e por atos violentos dos próprios parceiros (caso relatado anteriormente de fogo amigo por infiltrados) tem surtido um efeito de pequeno enfraquecimento moral. Em alguns casos, militares da COIN atuando de maneira isolada atuam com violência de maneira vingativa por esse tipo de ação insurgente. Esse efeito é altamente interessante para o rebelde.

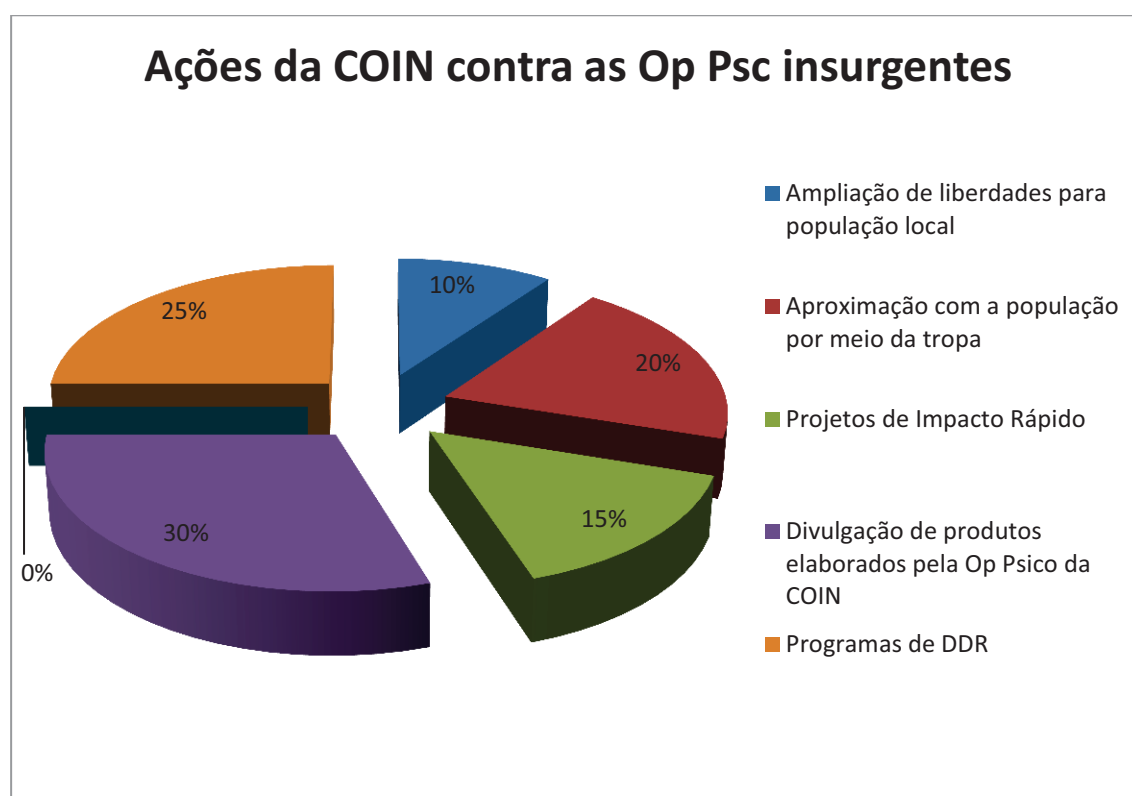
### Questão 16 - Quais eram as ações da força de COIN para anular os efeitos dessas Op Psc?

Com o objetivo de verificar as vulnerabilidades da ação insurgente quanto às Operações Psicológicas, foi questionado aos entrevistados como o Estado conseguia se opor às Op Psc insurgentes.

A resposta unicamente militar para questões psicológicas seria muito pequena. Nesse sentido, as respostas que extrapolaram o alcance da ferramenta militar para responder às ações psicológicas inimigas também foram lançadas no resultado.

De forma geral o resultado foi o que se segue:

Gráfico 13 – Estatísticas das respostas à pergunta 16



Fonte: O autor

A **divulgação de produtos de Op Psico** para rebater as ações rebeldes é óbvia. Mensagens em rádios, TV, panfletagem e cartazes são as ações mais rotineiras para tentar desacreditar o oponente, no entanto foi citado que elas eram parte de um proselitismo que se desgasta ao longo de anos de conflito. A troca de mensagens ofensivas e que denunciam abusos de ambos os lados termina por alienar a população. Ela já não sabe quem é o dono da verdade e por isso acaba não dando mais crédito para nenhum dos dois lados. É importante ressaltar que

essas observações foram feitas com base em entrevistados que viram conflitos de longa duração (mais de 5 anos). Por isso que foi dito que as Op Psico tradicionais (cartazes, panfletos, anúncios no rádio) se tornavam um pouco menos eficientes ao longo do tempo.

Os **Projetos de Impacto Rápido (PIR)** foram citados pelos militares envolvidos nas ações no Afeganistão e Peru. Esses projetos oferecem à população a oportunidade de selecionarem qual ação eles desejam conduzir em sua localidade, com recursos fornecidos pela COIN e com o controle de uma Equipe de Reconstrução Provincial (ERP). Tais projetos vão desde a recuperação de escolas e podem incluir mutirões para limpeza de áreas sem a coleta de lixo. Os trabalhadores das obras são selecionados junto à população e são pagos pela COIN pela execução de seu esforço.

Esses projetos oferecem uma oportunidade de identificar lideranças, estabelecer contato positivo com a população e diminuir a falta de ação do estado em áreas conflituosas. Vale observar que o modelo de PIR citado nas entrevistas era aquele no qual as forças armadas conduziam esse trabalho em áreas problemáticas e isso era feito pelas tropas porque ainda não havia segurança suficiente para que o Estado pudesse deslocar suas agências mais competentes para realizar esse tipo de tarefa. Trata-se de um vento temporário para que o habitante local possa ver que o governo realmente se importa com o seu bem estar. É claro que tal tarefa não é clássica na COIN realizada por tropas, mas é uma alternativa mais eficiente que foi empregada para buscar as missões de “conquista de corações e mentes”.

A **aproximação da tropa com a população** foi outra ferramenta citada para anular a Op Psico insurgente. Em campanhas onde o centro da ação da tropa é apenas a destruição do inimigo, o centro de gravidade do conflito é esquecido a população. Quando se determina, como é o caso relatado pelo entrevistado espanhol e pelos oficiais norte americanos, que a tropa atue no sentido de se estabelecer perto das vilas e não em bases fortificadas que só servem para se proteger, a população sente que ela é a razão daquele contingente ter chegado naquela área. A aplicação dessa doutrina permite que os contatos com lideranças locais sejam mais frequentes, que as pessoas suspeitas sejam controladas mais facilmente e que exista maior empatia entre povo e tropa.

**A ampliação de liberdades para a população local** foi um evento citado tanto pelo entrevistado peruano como por militares paquistaneses. Essa ação estatal tem a finalidade de permitir que governantes locais possam agir com mais liberdades para solucionar os problemas que motivaram a luta. No caso peruano os problemas estavam ligados com as péssimas condições de vida do povo e com reforma agrária. Foram solucionados os problemas pela redistribuição do poder legal e o Sendero Luminoso perdeu muito da sua razão de lutar. No caso paquistanês, o pleito é por mais liberdades para as regiões tribais, que desejam se governar se ingerências do governo de Islamabad. Esse pleito vem sendo atendido em parte, de maneira a possuir certo grau de controle sobre o povo, mas com maior participação das lideranças tribais tradicionais.

Os programas de **Desmobilização, Desarmamento e Reinserção (DDR)** são ações de elevada eficiência para reduzir o moral do insurgente, ao mesmo tempo em que ocorre sua integração com a ordem vigente. Em todos os casos das entrevistas foram empregados programas de DDR, exceto no caso brasileiro. Com o perdão dos crimes cometidos se consegue a anulação de ressentimentos. Com o desarmamento, reduz-se o poder de combate do insurgente, pois a devolução do armamento é a condição base para o ingresso no programa. A reinserção permite que o problema da desistência da luta seja explorado pelas Op Psico como exemplo a ser seguido por outros insurgentes que estejam cansados de lutar. Em muitos casos é possível obter informações dos combatentes que deixam a luta para facilitar as ações das tropas de combate.

**Questão 17 - Você identificou estratégias de recrutamento para completar os efetivos da força de guerrilha, da força de sustentação e da força subterrânea?**

As estratégias de recrutamento respondidas nas entrevistas se limitaram a duas vertentes: recrutamento voluntário ou compulsório. Para o caso dos voluntários, eles eram obtidos nas madrassas (nos casos do Afeganistão e Paquistão), entre populações atingidas por ações violentas ou por danos colaterais da COIN, por idealistas oriundos de movimentos sindicais e estudantis (Peru, Brasil, Colômbia) e por combatentes estrangeiros que se uniam à causa rebelde por motivação idealista.

O caso das madrassas foi citado pelos paquistaneses como um todo como sendo muito eficiente. Os jovens das madrassas eram buscados em regiões muito pobres e sem futuro. Nas escolas o ensino religioso era adequado para servir como doutrinação rebelde. Assim, “voluntariamente” vários jovens se entregam a Jihad simplesmente porque só conhecem aquela realidade e por não possuir pensamento crítico para discernir o certo do errado.

Os casos de recrutamento compulsório foram relatados pelos entrevistados do Brasil, Peru e Colômbia. Em alguns casos se tratou de uma manobra de desespero para poder completar quadros eliminados em combates contra a COIN e em momentos que o recrutamento voluntário não atingia os níveis desejados. Não se trata de uma opção deliberada, mas sim de uma conduta para evitar a redução drástica de efetivos insurgentes. Ameaças às família e sequestros de jovens são as maneiras de se obrigar as pessoas a trabalhar para a guerrilha. Normalmente se buscava o integrante para a infantaria rebelde ou mesmo para servir como guia local.

**Questão 18 - Quais eram as ações tomadas pela força de COIN para negar esse recrutamento?**

As opções para limitar o recrutamento rebelde não são muito diferentes das ações tomadas para eliminar os grupos já em atuação. Contudo, foram citadas ações específicas, como o controle da população por meio de censo demográfico e aproximação das tropas com a população. Destaca-se que no Afeganistão e Paquistão, por exemplo, não existe censo em áreas rurais. O militar espanhol citou inclusive que não existe registro civil de nascimento e o que vale é a palavra da pessoa para se saber que ela é.

Ainda que pareça lógico que recrutas para os rebeldes venham apenas de setores desajustados da sociedade, os episódios de todos os países mostram que ele vem das mais diversas origens da população, o que reduz a capacidade de orientar as ações da COIN sobre determinado público para reduzir os novos recrutas rebeldes.

**Questão 19 – Existia apoio externo para a força irregular? De onde ela vinha? Era um apoio clandestino ou ostensivo?**

Todas as insurgências contra as quais os entrevistados lutaram recebiam apoio externo.

A origem do apoio era variada, mas normalmente era oriunda de algum país fronteiriço ou potência externa interessada na manutenção do quadro beligerante ou na mudança brusca do governo.

Na maior parte das vezes o apoio se dava de forma clandestina para dificultar a detecção por parte da COIN e a interceptação de recursos materiais destinados a insurgência.

### **Questão 20 - Quais eram as ações da força de COIN para isolar o apoio externo?**

Nesse ponto as entrevistas não apresentaram novas sistemáticas de isolamento do apoio externo dos insurgentes. Foram citadas as tradicionais ferramentas de aumento do controle em áreas de fronteiras por meio de polícias de fronteira e tropas para o estabelecimento de *check points* e foram citadas as pressões políticas e diplomáticas para que países vizinhos incrementassem ações contra insurgentes que operassem em seu território. No caso norte americano no Afeganistão, devido à sua grande liberdade de ação, foi possível também realizar ações diretas sobre alvos localizados no interior do Paquistão para eliminar apoios e santuários do Talibã.

Tecnicamente, os norte americanos também passaram a contar com *drones* e Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP) para a tarefa de vigilância de fronteiras e também de ataque caso seja identificado positivamente um alvo. Contudo isso significa apenas mais uma capacidade de monitoramento e de inteligência de imagens no rol de vetores hoje disponíveis e esses meios não são por si só a solução para a questão. As formas clandestinas de infiltração de meios para os rebeldes, mesmo no Afeganistão, ainda são superiores à capacidade da COIN.

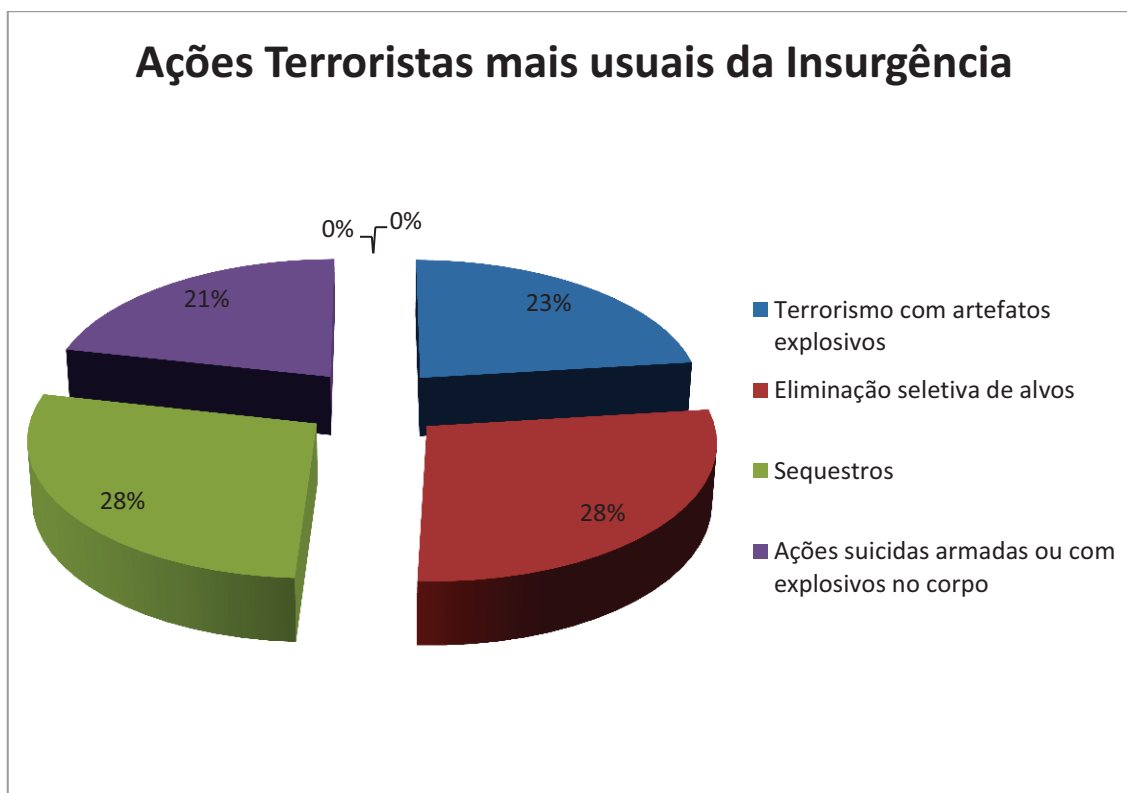
Com isso é possível perceber que a evolução doutrinária da COIN ainda não levantou grandes novidades para romper o apoio externo para os insurgentes.

**Questão 21 - O insurgente realiza ações terroristas? Contra qual tipo de alvo? Qual era a sua efetividade? Como o efeito das ações era explorado?**

Todos os entrevistados apontaram para o uso de terrorismo associado aos movimentos insurrecionais. Para eles, a ferramenta do terror é uma forma de ampliar o leque de ações passíveis de serem usadas para atingir objetivos políticos.

O fato de ser suicida ou não (atentados suicidas foram citados pelos entrevistados que estiveram no Iraque, Afeganistão e Paquistão) representa para a COIN uma forma extremista de ação que irá ter grande impacto sobre a população. A constatação de que existem pessoas dispostas a doar sua vida por uma causa significa que se trata de uma guerra que pode não ser total em termos de armas empregadas, mas é total na disposição para atingir seus fins. Essa assimetria entre vontade de lutar é difícil de ser equilibrada pela COIN. A capacidade de recrutamento de insurgentes suicidas sempre denota grande capacidade e motivação daquele movimento.

Gráfico 14 – Estatísticas para as respostas da Questão 21



Fonte: O autor



A efetividade desse tipo de ações é sempre muito alta. O impacto causado é durador e difícil de ser minimizado. Comparativamente com a realização de ações com grandes efetivos de guerrilheiros, o terrorismo é mais simples de ser planejado e conduzido. É mais barato pois não envolve a necessidade de envolver grande número de meios. É mais sigiloso pois suas ações podem ser desencadeadas por poucos integrantes do grupo insurgente. Pode atingir alvos mais bem protegidos pois também tem a capacidade de ser realizado de maneira furtiva até por um elemento isolado. Permite a realização de filmagens da ação como um todo, fornecendo material de primeira qualidade para as Op Psc. Oferece pequena possibilidade de interceptação pelo oponente devido à compartimentação celular dos grupos que realizam de maneira subterrânea o terror.

Quanto à exploração de uma ação terrorista, os entrevistados citaram que ela é feita de maneira espontânea pela mídia local. As notícias de ataques terroristas são sempre manchetes de primeira página e tendem a perdurar entre os noticiários por vários dias. Normalmente basta para o grupo insurgente que a autoria do atentado seja assumida por ele. Os atentados suicidas foram citados principalmente no Paquistão, mas também ocorreram no Afeganistão.

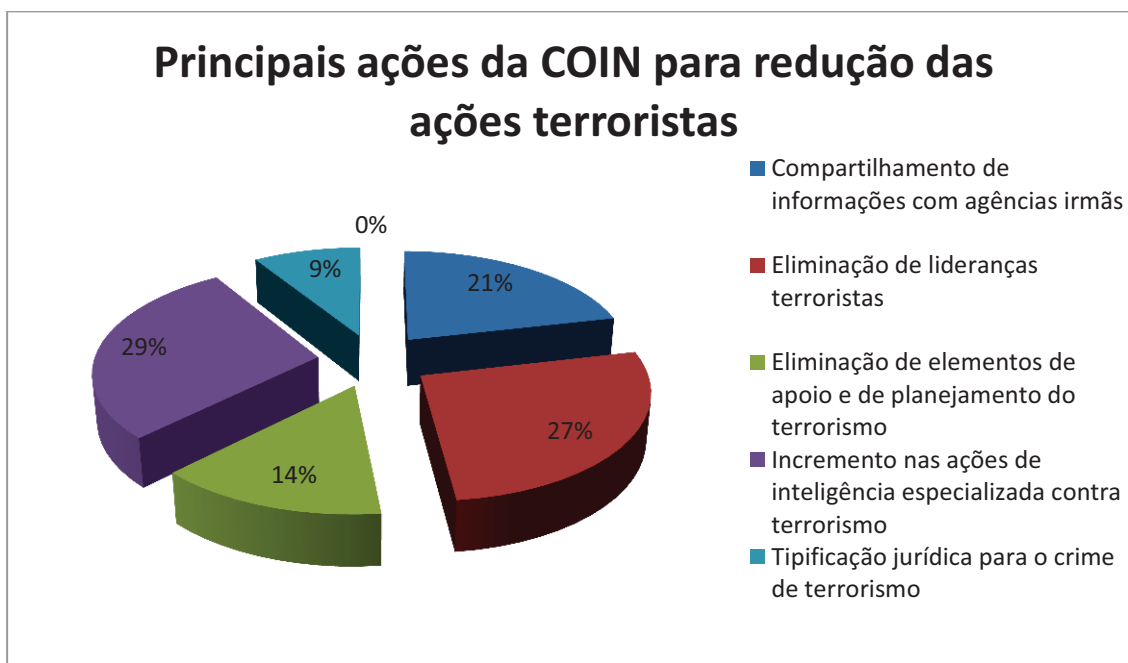
Dessa maneira, os entrevistados entendem que o terrorismo, enquanto uma forma de ampliar a luta dos insurgentes, é uma de suas ferramentas mais válidas face aos aspectos acima demonstrados. A forma de realizar a ação terrorista é relevante, mas o insurgente sempre buscará agir de maneira inédita para surpreender e causar impacto sobre a população.

### **Questão 22 - Quais eram as ações da força de COIN para anular as ações terroristas?**

Como a efetividade das ações terroristas é alta, a COIN busca desenvolver mecanismos eficientes para reduzir e até mesmo eliminar esse tipo de ação.

As ações citadas pelos entrevistados foram:

Gráfico 15 – Estatística para as respostas da Questão 22



Fonte: O autor

O **compartilhamento de dados com outras agências de inteligência sobre o terrorismo** pode ocorrer em um nível interno e externo. Esse assunto foi citado pelos entrevistados norte americanos principalmente pela experiência acumulada no período pós 11 de setembro. As agências americanas, conforme citado por dois entrevistados, não se comunicavam e deixavam de somar esforços. Além disso as agências de outros países não se comunicavam para fornecer os dados disponíveis. Essa mudança na maior integração das agências ampliou a capacidade de acompanhamento de alvos suspeitos de terrorismo e reduziu a liberdade de ação gozada pelos insurgentes antes dessa integração maior.

Uma ação citada pelos norte americanos e pelo entrevistado colombiano foi a **eliminação de lideranças**. Tal atitude não é nova, mas a sistematização dada a tal atividade é significativamente maior sob a ótica desses dois países. Para os norte americanos, o levantamento de alvos de alto valor recebe alta prioridade de inteligência estratégica e tem também prioridade nas missões atribuídas aos elementos de ação direta que cumprem essa missão. Ainda que se saiba que os terroristas insurgentes terão suas lideranças substituídas após sua eliminação, a mensagem que a COIN passa é a de que um insurgente, ao assumir uma função de destaque, será eliminado ainda que demore algum tempo.

Essa é uma mensagem forte uma vez que está sendo cumprida com grande eficácia. Além disso, a COIN tem preferido matar essas lideranças ao invés de prendê-las para que se tornem problemas em julgamentos cuja sentença final pode não ser a pena capital. As equipes de ações diretas especializadas nessas ações (Times SEALs, Rangers do Exército Norte Americano, Destacamento do Delta Force, ARP armadas e vetores aéreos tradicionais) vem se tornando cada vez mais eficazes nas suas ações.

O mesmo pode ser citado para a **eliminação de alvos de segundo escalão**, de apoio logístico e de planejamento de ações terroristas. As equipes já mencionadas acima que atuavam em proveito de alvos de alto valor receberam uma relação de alvos mais ampla, que inclui participantes coadjuvantes na estrutura terrorista. Para eles também foi destinado o mesmo tratamento que as lideranças recebiam, ou seja, o seu engajamento visa sua eliminação. A mensagem de que os terroristas não podiam se abrigar do longo braço da COIN passou a chegar em vários locais que até então se julgavam livres da presença desses agentes. É sabido que tal tipo de ação pode ser chamado de “terrorismo de estado” uma vez que ações de eliminação arbitrária são condenadas, mas novamente a ampla liberdade de ação dos colombianos no seu próprio território e dos norte americanos no Afeganistão e no Iraque permitiu que eles pudessem conduzir tais ações que são taticamente muito válidas.

A **rígida tipificação jurídica dos crimes atrelados ao terrorismo** também foram mencionados pelos entrevistados paquistaneses. Penas maiores foram previstas em lei para coibir o aumento da ocorrência desses crimes, mas os próprios entrevistados afirmaram que essa é uma medida paliativa pois o extremismo separatista religioso se vale de terrorismo suicida em muitos dos casos e a ameaça de prisão por longos anos não assusta aqueles que se propõe a morrer pela causa. Para os demais participantes de uma célula terrorista, cuja motivação é alta mas não a ponto de se entregar para o martírio, as penas tem algum caráter inibidor. Contudo, se comparado com o temos de uma eliminação seletiva e inesperada pelas forças do Estado, a pena em prisões não chega a ser aterrorizante.

**Questão 23 - Ocorria algum tipo de associação dos insurgentes com organizações criminosas? Com qual finalidade essa associação era feita?**

O entrevistado colombiano foi categórico nessa resposta. Tal associação ocorre e amplia em muito o número de atuadores que se põem contra o governo. Os guerrilheiros das FARC se associam a narcotraficantes para deles obterem recursos financeiros e para aproveitar as estruturas clandestinas de contrabando de armas e munições. Além disso, criminosos tem boas redes de informações na Colômbia de onde podem vir dados relevantes sobre a atuação das forças policiais e das forças armadas inclusive. O grande número de infiltrados e de agentes subornados possibilita que diversas ações legais sejam do conhecimento de criminosos com grande antecedência. Por sua vez, os criminosos lucram com essa associação no momento que fazem a produção de drogas no interior de áreas controladas pela guerrilha, ou seja, a salvo das ações das tropas da COIN colombiana. Essa simbiose, que também ocorre com os produtores de papoula e o Talibã na Afeganistão, provoca maior dificuldade de atuação da COIN. A mistura de crimes comuns com insurgentes, a ampliação de rede de atuadores para os insurgentes, o compartilhamento de técnicas do insurgente para os grupos criminosos acaba atingindo o Estado e enfraquecendo seu esforço. Ainda que essa associação retire um pouco da motivação ideológica do rebelde, os fins justificam os meios empregados na junção com esse novo parceiro.

O entrevistado do Exército Peruano também citou a junção do renovado Sendero Luminoso com narcotraficantes, da mesma maneira que ocorreu na Colômbia. No caso peruano, tal associação foi a forma vista por esse grupo combatido pela ação da COIN no início dos anos 90 para ganhar alguma capacidade operativa. Os recursos da produção de pasta base de cocaína e da cocaína refinada serviam para patrocinar os guerrilheiros do Sendero Luminoso para que esses insurgentes protegessem a cadeia de produção e distribuição de drogas. De maneira globalizante, o Sendero Luminoso buscou “lições aprendidas” com as FARC e com os Zetas do México. Essa nova vertente globalizante do crime organizado mundial permitiu que grupos quase derrotados como o Sendero luminoso conseguisse uma nova vocação para continuar a existir e ter a capacidade de volta a ser uma ameaça grave ao Estado.

**Questão 24 - Como a força de COIN agia contra essa associação?**

Essa foi uma questão que não apresentou dados novos em termos de soluções originais para derrotar essa nova junção de oponentes do estado. O incremento de ações contra os bandidos não foi considerada uma saída relevante pois ela em si não resolve a questão. Seria necessária alguma ação para separar os parceiros e isso não apareceu em nenhum depoimento obtido junto aos entrevistados, indicando que ainda não existe uma resposta específica para esse problema.

No México, o emprego direto das Forças Armadas contra o crime pode indicar uma solução diferenciada para essa questão, mas os criminosos daquele país não foram identificados claramente como insurgentes. Ainda que suas ações fossem características de um movimento de enfrentamento ao poder público, suas motivações são essencialmente financeiras e as áreas liberadas que eles conseguem controlar são apenas bases para o homizio da estrutura de comando, depósito de armamento e produção de drogas. Ainda que exista um perigo real de que a estrutura criminosa possa passar a adotar uma postura ideológica a favor de algum movimento adormecido no México (movimento Zapatista, por exemplo), essa ainda não é uma realidade.

**Questão 25 – A insurgência possuía alguma capacidade cibernética, nuclear ou biológica? Caso positivo, como foram empregadas?**

As respostas dos entrevistados Paquistaneses e Norte Americanos indicaram apenas uma limitada capacidade dos insurgentes do Talibã em termos cibernéticos, mas não para articular campanhas de ataques cibernéticos, mas sim para proteger sítios da internet onde são divulgados produtos de Op Psc dos insurgentes.

As capacidades de articular ataques químicos, biológicos ou nucleares foram descartadas pelos entrevistados, mas a preocupação existe em que o oponente passe a deter conhecimento e meios para emprega-los em um futuro.

**Questão 26 – Em sua opinião, quais eram as ações mais eficazes realizadas pelos insurgentes contra a população e contra a tropa de COIN? Como seria possível reduzir o efeito dessas ações?**

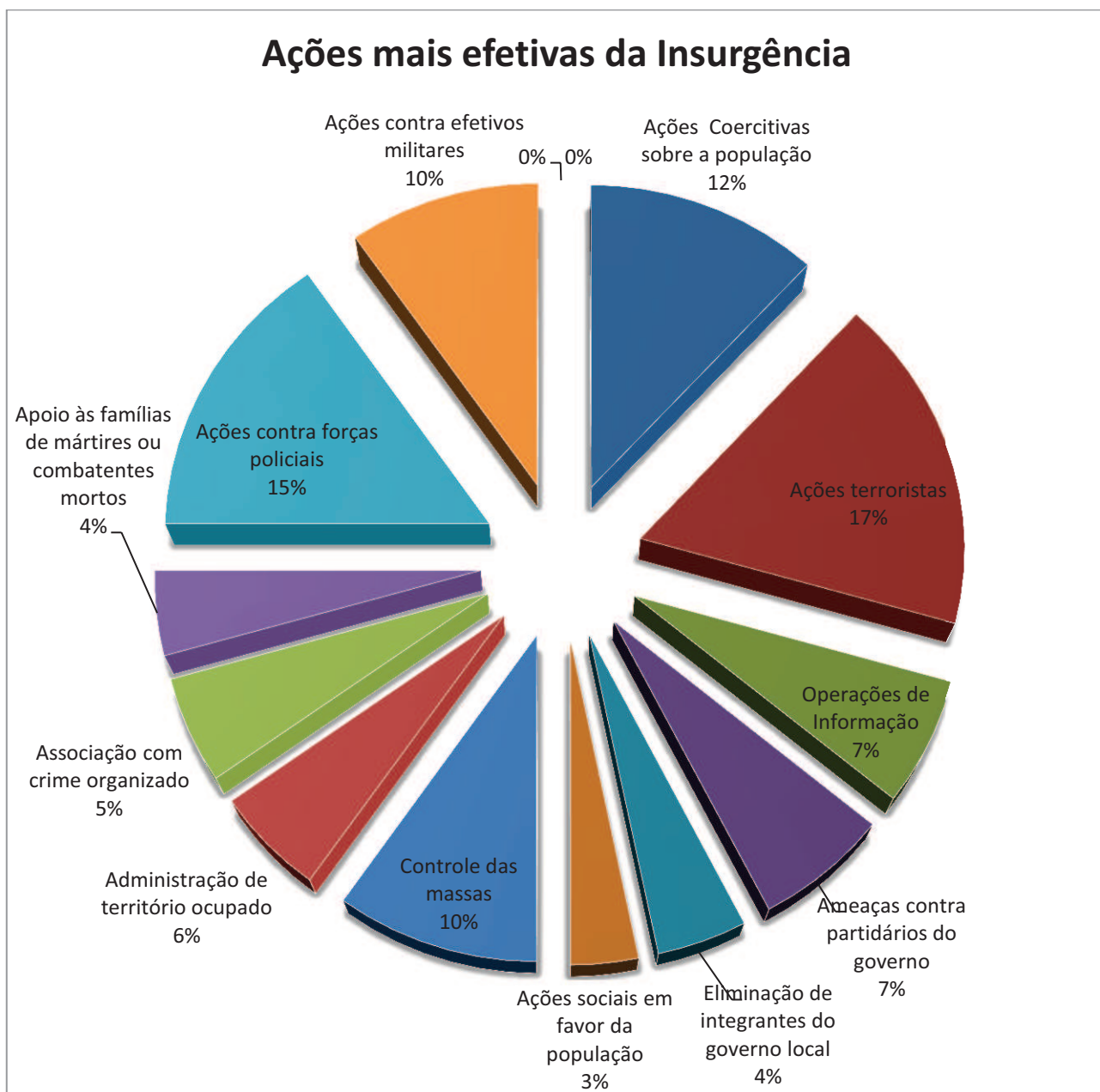
Esse questionamento também tem grande relevância. O ator da COIN, questionado sobre quais ações da insurgência eram mais efetivas, responderá evidenciando os vetores que ele tem limitação em combater ou mesmo não tem uma resposta efetiva.

Na essência, essa resposta foi uma repetição de questões já feitas anteriormente. A grande validade dela está na estatística de citações, das quais será possível aferir quais são as ações que maior risco oferecem para a COIN.

Dos resultados obtidos na pergunta 26 é possível entender quais seriam, portanto, as prioridades da COIN face às potencialidades da insurgência. Se as maiores estatísticas de ameaças se concentram nos alvos civis (terrorismo, controle das massas, ações coercitivas sobre a população, administração de território ocupado, ameaças contra funcionários do governo, ações sociais em favor da população e eliminação de integrantes do governo local) é possível identificar que o Centro de Gravidade visto pelos entrevistados é a população. Provavelmente a experiências dos entrevistados mostra que proteger e isolar a população das ações e da influência dos insurgentes é a questão chave.

Não se deve descartar as demais ações vistas como mais efetivas pelos contra insurgentes. Aquelas que são tradicionais, como as ações contra as forças policiais, ainda tem uma grande efetividade sob o olhar da COIN. Por outro lado surgem mecanismos mais recentes, como o aparecimento da associação com o crime organizado e as operações de informações.

Gráfico 16 – Estatísticas para as respostas da Questão 26



Fonte: O autor

**Questão 27 - A força de COIN estruturou grupos locais de auto defesa? Eles eram eficientes? Qual eram os problemas com esses grupos? Eles eram desmobilizados após a pacificação da área?**

Os entrevistados com experiência no Afeganistão, Iraque, Peru e Colômbia sinalizaram positivamente para o uso dessa técnica. Exceto para os colombianos, a opinião dos demais é de que os GAD são proveitosos.

No caso iraquiano, o entrevistado citou que a adoção dessa solução foi o momento de mudança no curso da guerra. Até o momento que o grupo chamado



“Filhos do Iraque” assumiu uma postura de se aliar com os norte americanos e ofereceu combate contra os insurgentes e contra os terroristas da Al Qaeda Iraque, a insurgência iraquiana era um sério desafio para a COIN. Após tal grupo receber o apoio norte americano em treinamento e equipamento, ele foi capaz de atuar como força de segurança em vilas e cidades, assegurando a volta à normalidade. As tropas americanas, segundo o entrevistado, puderam se dedicar à ações de eliminação de bases, santuários e missões de eliminação de alvos de alto valor. Dessa maneira, para o entrevistado norte americano que atuou no Iraque, a incorporação dos Filhos do Iraque foi o momento de inflexão na luta e foi a iniciativa de maior relevância para pacificar a região.

Também no Afeganistão o fato de grupos locais serem utilizados na fase inicial do conflito para a defesa de suas vilas foi relevante, segundo opinião de ambos os militares americanos entrevistados. Esse fato foi potencializado pelo código de honra Pashtun (chamado “*Pashuntuwali*”) que determina que a autoridade dos clãs locais deve ser respeitada por outros grupos. Isso abrange, naturalmente o Talibã. Caso o Talibã se voltasse contra esses moradores de vilas que defendiam seus territórios da presença de insurgentes violentos, os insurgentes estariam ferindo esse costume e atrairiam para si a desaprovação da população pashtun. Contudo, após a estruturação do ENA e da Polícia Nacional Afegã (PNA), o governo de Cabul passou a ver nesses grupos locais uma ameaça ao seu poder. Isso fez com que tais grupos fossem sendo substituídos na função de defender seus lares pela polícia e pelo exército. Essa desmobilização gradual e sem a perda da segurança local necessária foi muito bem vista pelos moradores e pelo governo central. Isso mostra outro modelo de uso de GAD, no qual esses grupos são empregados enquanto o Estado não pode atuar plenamente na defesa do povo, e que depois promove a sua substituição sem que a defesa das localidades protegidas pelos GAD deixe de ser realizada.

No Peru o modelo de emprego de GAD foi semelhante ao empregado no Afeganistão. Os moradores locais foram treinados e armados para a defesa local. Foram orientados para não se engajarem em ações ofensivas e nem cometessem nenhuma atrocidade contra moradores ou mesmo contra guerrilheiros. Com a proximidade do final da luta foram desmobilizados.

A experiência colombiana teve um revés no momento que as milícias formadas para auto defesa começaram a rivalizar com o estado e começaram a atuar de maneira também criminoso no controle de áreas. Esses grupos em pouco tempo se tornaram problemas para governo de Bogotá e tiveram que ser desmobilizados após várias negociações e com um levado preço político para o Estado. Os excessos e a corrupção desses grupos mostram que a sua adoção é válida, mas a sua desmobilização e o risco de que os GAD cometam excessos podem comprometer os ganhos obtidos pelo seu trabalho de segurança em vilas e áreas do interior.

**Questão 28 - A rede de informantes operada pelos insurgentes era mais eficaz do que a operada pelas tropas da COIN? A rede da COIN permitia o fluxo seguro de dados?**

Para todos os entrevistados a resposta foi conduzida para que ela pudesse admitir mais de um momento de eficiência ou não do fluxo de informações dos insurgentes. De maneira geral, os entrevistados disseram que a rede rebelde tendia a ser mais ampla que a da COIN. Fatores como serem moradores locais, a falta de conhecimento da tropa insurgente que raramente é de militares da própria região, simpatia pela causa rebelde e doutrinação prévia fazem com que esse apoio em informes seja maior para o rebelde.

Todavia, conforme cita um dos entrevistados peruanos, depois que a COIN consegue ocupar a área de maneira a proteger o povo e oferecer benefícios e reformas estruturais, o povo passa a se alinhar mais com a COIN e as informações começam a fluir com maior frequência para a tropa regular.

Quanto ao fluxo seguro de dados, nenhum entrevistado afirmou que isso foi uma verdade. Sempre existia a figura dos informantes que trabalhavam pelo pagamento e passavam qualquer tipo de dado, ainda que sem fundamento. Além disso também havia as operações de desinformação dos insurgentes que lançavam dados falsos para que a COIN tirasse conclusões erradas sobre dados falsos.

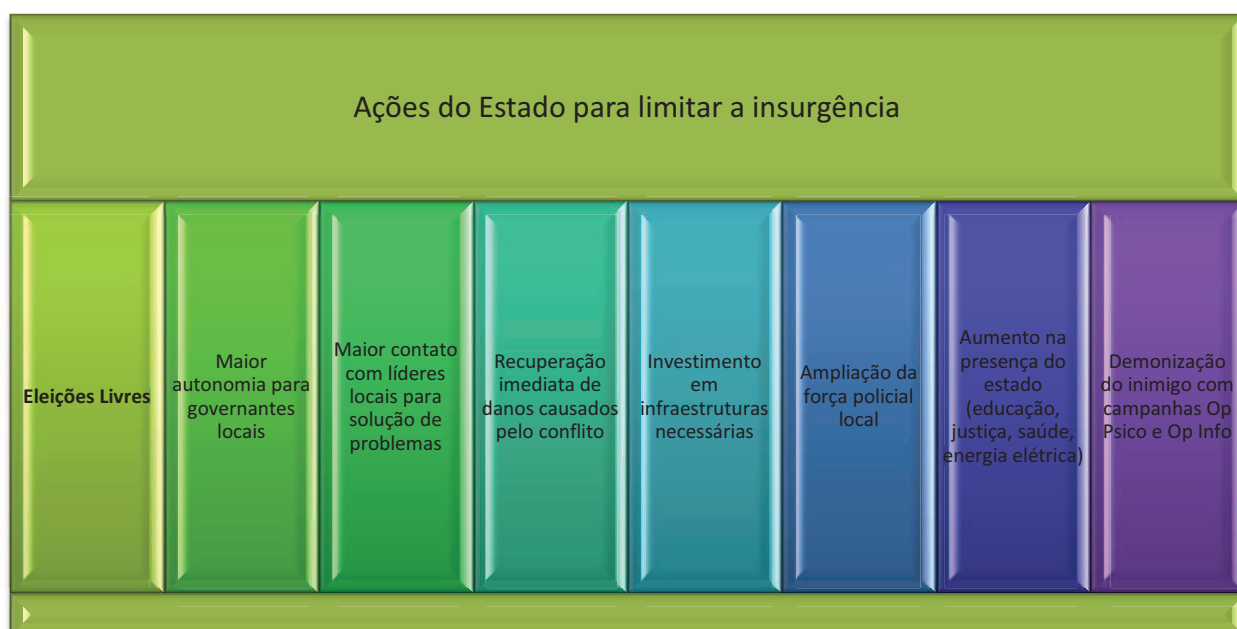
**Questão 29 - Além das ações militares, quais eram as ações do governo que tinham maior eficácia contra o insurgente?**

A questão buscou identificar como os governos ampliavam as suas ações para eliminar a insurgência sem focarem todo o esforço na campanha militar.

O caso brasileiro acabou se mostrando uma exceção, pois como o foco guerrilheiro tinha um efetivo relativamente reduzido, foi possível articular apenas ações militares para eliminar a sua ameaça. Esse faseamento da resposta, esgotando os recursos necessários antes de ampliar as ações para frentes ainda desnecessárias significa uma importante economia de meios.

Nas demais entrevistas, percebeu-se que o estado adotou uma séria de medidas para limitar o avanço insurgente, ainda que em momentos mais tardios da luta. As ações citadas foram as seguintes:

Figura 18 – Ações do Estado para limitar a insurgência citadas pelos entrevistados



Fonte: O autor

Alguns entrevistados acrescentaram que a identificação do momento no qual o Estado consegue fazer a inserção desses serviços na área de conflito é difícil. Após a pacificação feita pela força militar no território em conflito, ocorre um hiato no qual o povo ficará ansioso por ver o que ocorrerá após a saída do insurgente. Se o Estado não se apresentar para atender as demandas rapidamente, haverá um vazio no poder. Os entrevistados do Brasil e dos Estados Unidos citaram que a própria tropa tem condições de realizar, com limitações, algumas atividades para alinhar os corações e mentes da população com o estado. Ações Cívico Sociais (ACISO), pequenos reparos em estruturas

danificadas (valendo-se de unidades de engenharia), apoio médico limitado (com apoio de unidades médicas da força militar), Programas de Impacto Rápido (PIR), Reuniões de Lideranças Locais, formação de GAD pelo componente militar e distribuição de gêneros.

**Questão 30 - Quais eram as ações feitas para trazer a população para o lado contra insurgente e para afastá-la dos rebeldes? O que o insurgente fazia para se aproximar da população?**

Devido ao formato da pergunta anterior, as respostas da Questão 30 acabaram por ser repetidas no que concerne ao trabalho feito pelas forças armadas e pelo governo para atrair o apoio da população. Como os entrevistados pertencem a movimento que venceram ou que se encontram em vias de obter um resultado favorável, as ações de aproximação da população foram identificadas como altamente relevantes e foram aplicadas dentro das possibilidades de cada COIN.

**Questão 31 - Existia distância cultural entre a tropa de COIN e a população? Como essa distância era minimizada?**

As respostas para essa pergunta podem ser divididas em dois grupos distintos: aqueles casos em que os entrevistados participaram de insurgências em seus próprios países e os casos dos militares que lutaram em outros países contra insurgentes daquele local.

No primeiro caso, no qual estão os entrevistados do Brasil, Peru, Colômbia, e Paquistão, as respostas apontam para pequenas diferenças culturais entre COIN e população. O fato de algumas tropas virem de grandes centros mais desenvolvidos para atuar em áreas rurais causou algum conflito entre ambos os lados, mas eram diferenças menores visto que barreiras como língua e religião não existiam.

Os entrevistados paquistaneses afirmaram que a estrutura de clãs do povo pashtun que morava nas áreas tribais autônomas, os tornava muito fechados e por isso tinham uma cultura distinta dos soldados provenientes de cidades maiores. Contudo, foi citado que as tropas passavam por um processo de adaptação cultural específico para a área de operações para o qual foram

destinados. Isso reduzia o impacto inicial do choque cultural e com alguns poucos meses de atuação essa diferença era minimizada para níveis aceitáveis.

O segundo caso envolve o entrevistado espanhol e os norte americanos que foram empregados fora de seus países. Nesses casos o choque cultural foi apontado como fator seriamente limitador.

O fator idioma foi apresentado como um dissociador entre o povo e a tropa COIN. Ainda que interpretes fossem usados, o contato raramente era olho no olho, e por isso havia sempre a desconfiança do que era falado pela outra parte. Ainda que programas de estudo de idioma fossem ministrados para os militares (árabe, no caso daqueles que atuaram no Iraque e o Pashtun, no caso daqueles que foram para o Afeganistão) o aprendizado e a fluência de idiomas muito distintos do idioma natal é demorado. O programa de ensino de inglês para as populações nativas também foi uma iniciativa válida, mas não chegava a atingir as pessoas adultas em grande quantidade e nunca chegavam a alcançar os mais velhos que tinham as funções de lideranças comunitárias e regionais.

Aa questões da religião e da cultura se mostraram muito difíceis de serem contornadas, segundo os entrevistados. Por mais que houvesse instrução peculiar sobre os costumes do morador local, as tropas não tinham pleno entendimento sobre o alcance dos seus atos quanto a possibilidade de ofender e desagradar os nativos. O caso mais citado nas entrevistas versa sobre a questão da mulher muçulmana. Qualquer ação que envolvesse revistar, dirigir a palavra ou determinar uma ação para uma mulher nativa envolvia todo um procedimento específico. Em situação de normalidade isso era atendido, mas sob qualquer tipo de pressão, a tropa deixava de observar todas as regras culturais previstas. Esses incidentes com a falta de observância de regras culturais tinham impacto muito grande e eram explorados ao máximo pelos insurgentes como forma de afastar o povo da COIN.

**Questão 32 - Como seu exército preparava as tropas para entrar em operações contra forças irregulares? Qual era o treinamento básico?**

Todos os entrevistados foram empregados em combate em fases mais avançadas do conflito, ou seja, os seus exércitos já haviam aprendido lições vivenciadas no início do conflito. Uma dessas lições era a necessidade de oferecer um programa de treinamento para a tropa.

No caso brasileiro, foi citado que as primeiras tropas foram enviadas para o emprego praticamente sem terem a oportunidade de treinarem para ações contra forças irregulares. Esses primeiros contingentes falharam em localizar o inimigo e tiveram resultados ruins no sentido de estabelecer um contato positivo com a população. Somente após o insucesso dessas tropas convencionais empregadas em ações contra guerrilha foi que o Exército Brasileiro optou por enviar militares treinados e capacitados a operar no ambiente operacional de selva. Esse treinamento envolveu técnicas de vida na selva, técnicas de rastreamento, tiro de armas portáteis, emprego de aeronaves de asa rotativa, estudo da doutrina do guerrilheiro, dentre outras. As equipes tinham tempo de se familiarizarem antes de entrarem na área de operações, facilitando o entrosamento e a familiaridade dos seus integrantes.

Os entrevistados do Peru e Colômbia afirmaram que o processo que ocorria em seus países é muito semelhante, com a diferença que foram criados centros de instrução específica para o combate contra guerrilha. Nesses centros ocorre a treinamento individual e também de frações constituídas para esse tipo de combate. Nesses locais, as lições aprendidas são avaliadas e são postas em prática para aumentar a eficiência daquelas tropas que entrarão em combate.

No caso colombiano, especificamente, uma grande carga de ética está sendo ministrada para as tropas. Trata-se de um programa chegado “Fe em la causa” que busca inculcar valores morais e éticos mais fortes nos soldados. Devido a desvios de conduta e exageros no emprego da força, as tropas estavam recebendo acusações severas e estavam perdendo a confiança e o apoio da população. O programa está obtendo resultados positivos e vem mostrando ser de grande serventia para o Exército Colombiano.

Para os entrevistados norte americanos, a preparação da tropa para o emprego em combate segue a rotina do programa chamado *Army Force Generation* – ARFOGEN. Esse programa de transformação do exército norte americano prevê a preparação de uma tropa que seguirá para o combate em fases bem definidas. Inicialmente ela é designada para o combate e tem seus efetivos completados. Em seguida inicia o processo de adestramento individual que se segue pelo programa de treinamento de frações. Essa preparação dura um ano, após o qual a tropa segue para a área de operações para seu emprego

durante um ano também. Ao voltar do combate para os EUA, essa unidade tem seis meses para descanso e repletamentos de pessoal e material, aguardando um novo ciclo de preparação para a próxima missão de combate. Durante o tempo de preparação, grande importância é dada para a abordagem cultural do emprego de tropas, das questões de gênero, do relacionamento com agências civis parceiras e do relacionamento com as tropas afegãs e da ISAF.

De forma geral, os entrevistados mostram que existe a preocupação de preparar a tropa para o combate contra insurgentes, seja no que diz respeito à preparação tática como na preparação no campo cultural.

**Questão 33 - Qual tipo de estudo era conduzido para preparar os comandantes antes de assumirem suas funções nas áreas de operação?**

Não houve, em nenhum depoimento dos entrevistados, a referência clara de programas de treinamento exclusivo para comandantes. As escolas de contra insurgência oferecem cursos para indivíduos, mas não foi citado um programa especial para comandantes.

**Questão 34 - Quais eram as obras mais importantes para o estudo daqueles que frequentavam as escolas de contra insurgência?**

Os entrevistados norte americanos citaram as obras que foram indicadas para a atuação no Afeganistão. São dois livros que se valem das experiências soviéticas (*The bear went over the mountain : Soviet combat tactics in Afghanistan*, escrito por – Lester W Grau) e das experiências dos mujahidins contra os soviéticos (*The other side of the mountain; Majahideen tactics in the Soviet-Afghan War*, escrito por Ali Ahmad Jalal e Lester W Grau). Também é aconselhado para os militares que seguem para a luta de contra insurgência naquele país que estejam familiarizados com o FM 3-24 *Tactics on Counter Insurgency*, obra que já foi abordada no presente trabalho.

Os militares paquistaneses também citaram obras de referência, cuja característica é ser um estudo sobre experiências militares tanto no Paquistão como no Afeganistão. As obras mais mencionadas foram:

- *Official History of operations on the North West frontier of India 1936-1937* da Naval & Military Press
- *North West Frontier* – Robert Wilkinson-Latham
- *Afghan Wars and the North West Frontier 1839-1947* – Michael Barthorp



De maneira geral, as leituras indicadas pelos demais entrevistados mostram literaturas que versam sobre ocorrências passadas na área de operações nas quais eles operam no momento. Também foram citados, ainda que os nomes não fossem passados, os manuais de campanha dos seus exércitos.

**Questão 35 - Se você fosse um insurgente, quais ferramentas você utilizaria contra as forças de COIN?**

Dois entrevistados preferiram não responder diretamente a essa pergunta. No entender daqueles que explicaram o motivo da negação da resposta, a contribuição com essa resposta mostraria as deficiências da doutrina de seus países ou da sua atuação na COIN, o que é perfeitamente compreensível.

Aqueles que responderam a pergunta solicitaram para que ela servisse apenas como referência, não sendo vinculada a resposta ao entrevistado ou ao país.

Dessa forma, as práticas citadas pelos entrevistados se encontram no esquema abaixo:

Figura 19 – Ferramentas que os entrevistados usariam caso operassem como insurgentes

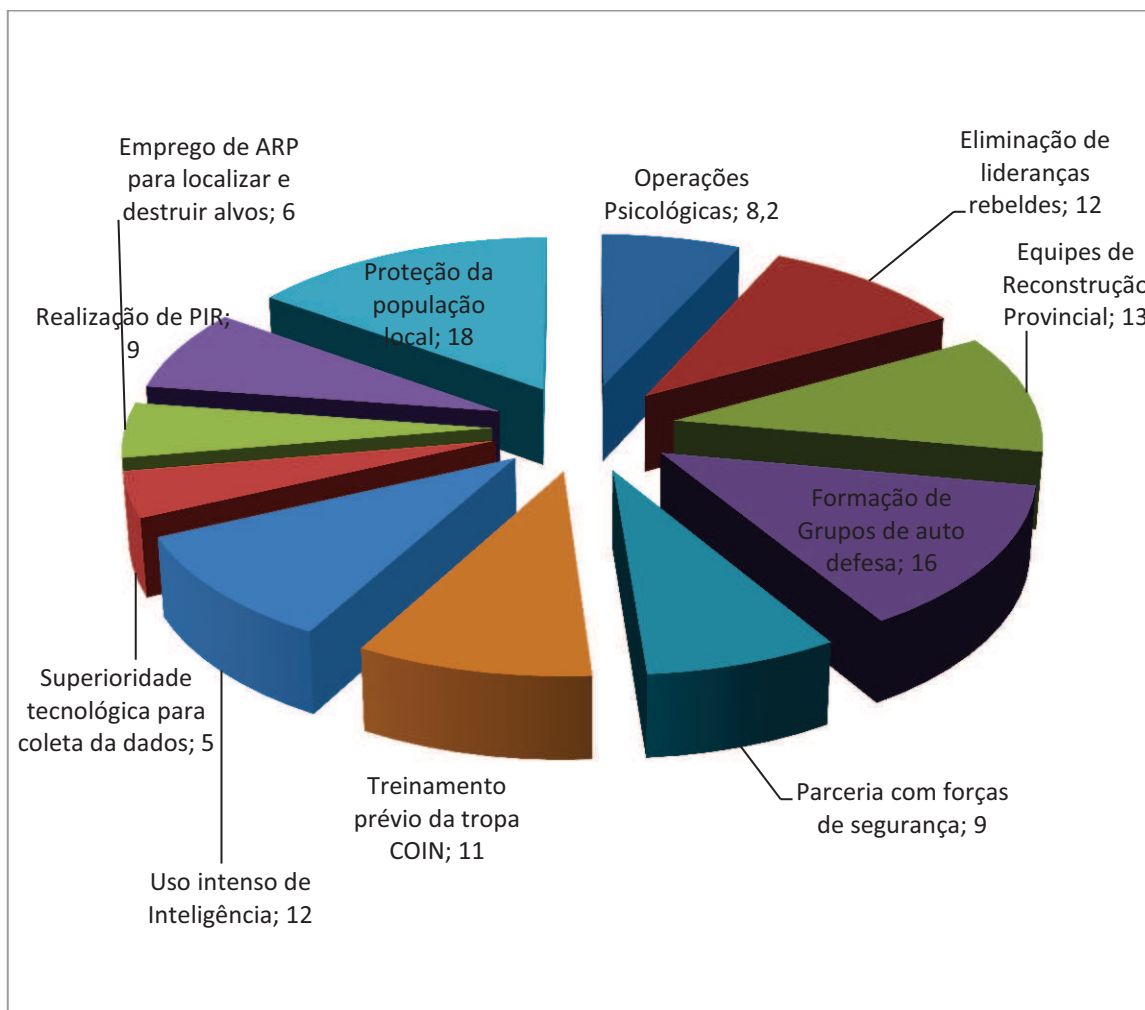


Fonte: O autor

### Questão 36 - Quais pontos você julgou mais fortes da COIN para vencer seus oponentes?

Diferentemente da pergunta anterior, a questão 36 não teve nenhum senão por parte dos entrevistados. Eles citaram os aspectos da aplicação da COIN que eles julgam ser os mais eficientes para reduzir o sucesso inimigo e para ampliar o controle da COIN.

Gráfico 17 – Estatística para as respostas da Questão 36



Fonte: O autor

Percebe-se que o modelo norte americano do FM 3-24 é muito semelhante às ferramentas citadas nas respostas dadas pelos entrevistados, ainda que apenas dois tenham se valido desse manual diretamente para operar nos conflitos que lutaram e um outro, integrante da OTAN, tenha seguido os manuais da coalizão que são semelhantes ao modelo norte americano.

Em termos de pensamento, portanto, os entrevistados percebem que a COIN que eles julgam ser eficaz possui um vetor militar que fornece proteção

para a população, ao mesmo tempo que persegue implacavelmente os líderes insurgentes. O vetor militar, na visão deles, também executaria ações tipicamente civis nas áreas conflituosas até que o Estado pudesse entrar na área pacificada e assumisse o seu papel em segurança.

### **Questão 37 – Você gostaria de acrescentar alguma ideia ao trabalho?**

De maneira geral, algumas ideias foram desenvolvidas pelos entrevistados para serem acrescentadas ao trabalho em tela.

Foi citada por dois entrevistados paquistaneses que a insurgência deve ser vista como uma forma em mutação constante. A capacidade de assimilação de novas doutrinas, de buscar um comportamento mais adequado para a luta, de aprender com os erros e de ser obrigada a lutar diariamente pela sobrevivência faz com que o insurgente seja muito mais flexível que exércitos convencionais. Foi citado que essa corrida pela vanguarda da doutrina é altamente desvantajosa para as tropas. Militares sem características de flexibilidade e adaptação serão rapidamente subjugados pelo oponente. Os dois entrevistados citaram que essas características não podem ser desenvolvidas nas fases mais avançadas do ensino militar, mas devem ser trabalhadas no momento que o oficial e as praças estão sendo formadas. Isso é importante para que não precisem desenvolver habilidades apenas no momento que antecede o combate.

### **5.3 Conclusão parcial sobre as entrevistas**

As questões montadas faziam referência a algumas lacunas de conhecimento que não foram plenamente preenchidas nas fases anteriores. Ainda que houvesse boas descrições doutrinárias na revisão da bibliografia e na análise de dados dos casos históricos, algumas percepções ainda estavam faltando para permitir uma boa triangulação de dados.

Como o investigador numa análise de dados qualitativa quer apreender “algo a partir do que os sujeitos da investigação lhe confiam” (Amado, 2000), as entrevistas mostraram alguns aspectos importantes sobre a interação entre a doutrina de insurgentes e contra insurgentes em relação a prática vivenciada pelos entrevistados.

Relativamente à atuação insurgente, é possível inferir que existe uma tendência de aplicação da violência de maneira mais canalizada para as forças militares e policiais, sem que o terror seja abandonado como opção secundária. Algumas variações estão em curso, como associação com criminosos e maior número de ações com finalidade social, mas não existem nos casos estudados mudanças na maneira de atuar que sejam drasticamente novas.

Quanto à atuação da contra insurgência, percebe-se que suas ações ainda são essencialmente reativas face ao oponente. Existem boas doutrinas e um entendimento totalmente focado no valor da população para as operações, mas os mecanismos de negação de liberdade de ação do insurgente ainda são parcialmente efetivos.

No próximo capítulo os dados das entrevistas serão triangulados com os demais, permitindo chegar no objeto do trabalho em curso.

## 6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a revisão bibliográfica da literatura que versa sobre a insurgência e contra insurgência, após os casos históricos que foram analisados e depois da realização de entrevistas com especialistas, a presente seção se destina a realizar a triangulação entre os dados obtidos dessas três fontes distintas, buscando identificar os pontos de convergência e divergência percebidos entre as fontes.

Denzin (1970) oferece o “*triangulation*” para significar, entre outros sentidos, o de uma combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista, a tarefa conjunta de pesquisadores com formação diferenciada, a visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coletas de dados que acompanham o trabalho de investigação na pesquisa qualitativa. Essa será uma das concepções dominantes nos discursos sobre “triangulação de métodos”, bem como uma das que vai influenciar fortemente as propostas de “avaliação por triangulação de métodos” mais conhecidas no Brasil, tais como as de Minayo, Landim, Deslandes, Victora e Tanaka

Segundo Minayo (2005) a triangulação é a estratégia de diálogo entre áreas distintas do conhecimento, capaz de viabilizar o entrelaçamento entre teoria e prática e de agregar múltiplos pontos de vista, seja das variadas formulações teóricas utilizadas por pesquisadores ou a visão do mundo dos informantes da pesquisa, que são articulados no estudo empreendido pelos autores. O uso da triangulação exige, ainda na opinião de Minayo, a combinação de múltiplas estratégias de pesquisas capazes de apreender as dimensões qualitativas e quantitativas do objeto.

Graficamente, a triangulação proposta será feita da seguinte forma:

Figura 20 - Triangulação para obtenção da evolução doutrinária e identificação de ferramentas com indicadores de sucesso

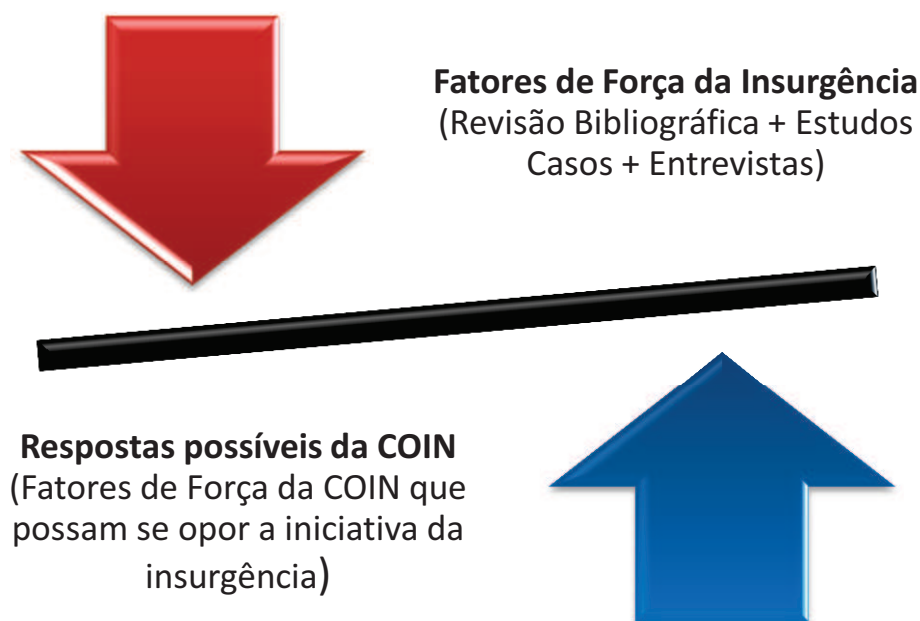


Fonte; O autor

Dessa forma, haverá duas seções destinadas a identificar evolução e ferramentas de sucesso para a insurgência (seções 5.1 e 5.2, respectivamente) e outras duas seções para realizar o mesmo estudo para a contra insurgência (seções 5.3 e 5.4). A triangulação será a metodologia aplicada para que os dados oriundos de revisão bibliográfica, dos estudos sumários casos e das entrevistas sejam consolidados.

De posse desses dois conjuntos de dados, será feita um confronto final dessas capacidades, sob a ótica insurgente na seção 5.5. Nessa seção foi aplicado o processo militar de planejamento de operações conjuntas que consta de Manual de Campanha MD30-M-01 Doutrina de Operações Conjuntas - 2º Volume. Dentro das fases de planejamento propostas pelo manual, existe a metodologia de Análise de Fatores de Força e Fraqueza para a lado analisado. Dessa maneira, de acordo com tal metodologia, o estudo foi feito como se o insurgente fosse o realizador do estudo e como se a COIN fosse o inimigo a ser estudado. A metodologia será explicada em pormenores no item 5.5, mas buscou atingir a seguinte lógica gráfica:

Figura 21 – Comparação dos Fatores de Forças e Fraquezas da Insurgência X COIN



Fonte: O autor

O produto final da análise desses resultados será a confecção de um panorama amplo no qual aparecerão as ferramentas insurgentes cuja aplicação no tempo presente ainda não possui uma resposta eficaz dentro das capacidades já desenvolvidas pela COIN. Em outras palavras, será o levantamento de pontos fortes da insurgência para os quais a COIN não tem como se opor.

Logo, será estabelecido um paralelo de ação e reação entre as boas práticas de ambos os agentes e o dado de saída buscado é o saldo positivo da insurgência.

### 6.1 Evolução doutrinária da insurgência

Provavelmente trata-se de um exagero a utilização do termo “doutrina” para significar o conjunto de práticas e conhecimentos aplicados pelos diversos grupos insurgentes ao longo da história. A própria conotação religiosa do termo doutrina leva a entender a existência de um dogma, que absolutamente não é o caso do insurgente. Contudo, quando esse termo é empregado no trabalho em curso, a sua conotação está muito mais atrelada a uma forma de pensamento do que a um dogma de atuação. Por ele será entendido o que é a guerra de insurgência, como proceder para vencer na guerra irregular e como estruturar a força para vencer o oponente regular.



No Glossário de Termos das Forças Armadas (2007), a definição de doutrina é “o conjunto de princípios, conceitos, normas e procedimentos, fundamentadas principalmente na experiência, destinado a estabelecer linhas de pensamento e a orientar ações, expostos de forma integrada e harmônica”.

Uma doutrina normalmente contém três elementos: teoria, observação e autoridade. Esses elementos irão pautar o produto final do pensamento de como enfrentar um problema militar, seja para o insurgente ou para o contra insurgente.

Dessa forma, o somatório desses princípios, normas e procedimentos será entendido no trabalho em curso como ideário ou doutrina que orienta as ações daquele movimento que os idealizou e empregou originalmente ou dos demais grupos que lançaram mão desse ideário em momentos posteriores em suas próprias lutas.

Efetivamente não será entendida como doutrina insurgente a publicação de manuais e documentos oficiais sobre como lutar nesse tipo de guerra. Esse tipo de formalização do conhecimento não é tradicional em grupos que tem na clandestinidade uma das suas necessidades mais caras. Ainda que alguns nomes tenham deixado obras sobre a condução da guerra revolucionária, esses produtos são pensamentos gerais, filosofia do combate, e não guias passo a passo de como agir.

A percepção de doutrina para o autor é de que se trata de um ponto de partida para o desenvolvimento de uma insurgência e um roteiro de ações que podem ser utilizadas como ferramentas. Se a doutrina for vista como um trilho inflexível para ensinar como combater, a insurgência jamais poderia ter um instrumento como esse. Logo ela é uma ferramenta de educação, de comando e de mudança.

Foi visto na revisão bibliográfica que os movimentos insurgentes são antigos e a ideia do mais fraco lutar contra o mais forte não é, nem de longe, uma ideia nova. Todavia, a sistematização da forma de lutar não é antiga e o estudo em tela vê no Leninismo o pensamento insurgente ou revolucionário que teve a vanguarda nesse sentido. Também no leninismo se vê a primeira grande vitória insurgente que seguiu um modelo de pensamento revolucionário sistematizado

A evolução do pensamento insurgente vem da resposta para uma questão fundamental: como modelar um movimento rebelde para obter vitória militar sobre

um oponente mais forte? Essa resposta variou em função do tempo, da sociedade e das condições políticas da área onde ela seria aplicada. Até mesmo itens tidos hoje como verdades inquestionáveis nem sempre foram tão relevantes nesse tipo de luta, como o apoio popular, por exemplo.

Então, a visão do caráter mutante da insurgência pode ser visto na evolução dos pensamentos estudados na revisão bibliográfica, nos casos históricos analisados e nas respostas dos entrevistados. De maneira geral eles se adaptaram às condições peculiares de um país, valendo-se das ferramentas que abaixo serão identificadas.

## **6.2 Práticas insurgentes com indicadores passados de sucesso**

Como afirmar que determinada prática é indicadora de sucesso em um movimento rebelde? Devido a sua permanência ao longo do tempo em diversas doutrinas evolutivas de insurgência, alguns procedimentos e técnicas foram identificados como constantes nessa linha de continuidade histórica. Além disso, estiveram entre as ferramentas empregadas em movimentos bem sucedidos, ou seja, aqueles que venceram as contra insurgências. Aliado a isso, por fim, foram mencionados pelos entrevistados como práticas insurgentes bem sucedidas nos episódios que eles vivenciaram.

### **6.2.1 Executar a luta em diversas frentes dos campos do poder**

Esse é um fator presente no pensamento Leninista e em todos os demais ideários insurgentes, chegando no extremo da Guerra Ilimitada de Liang e Xiangsui.

A ideia de ampliar a luta para além do campo militar significa apresentar uma equação com mais variáveis para o oponente. Se a luta se limita ao campo de batalha tradicional, a resposta do Estado será simplificada e não exigirá integração entre setores distintos. Em pouco tempo a capacidade militar do oponente poderá se direcionar para a campanha e a luta se restringirá ao embate entre grupos armados de forma desigual. Isso foi visto no caso histórico da FOGUERA e sua atuação na região do Araguaia, no Brasil. Apenas com grupos guerrilheiros mal armados e supridos, ainda que extremamente motivados, o

insurgente não foi capaz de impor sua vontade. Ao Estado brasileiro, coube a função de preparar e empregar os meios militares necessários apenas.

Também pela opinião dos entrevistados fica claro que a COIN busca expandir sua atuação militar para além dos combates, assumindo papéis que caberiam ao estado que não está presente. O emprego de tropas para agir como elementos de estabilização tem um limitador funcional e temporal. Sua eficiência é decrescente nesses setores caso o estado não faça sua obrigação de prover as estruturas que o insurgente questiona. Essas são participações improvisadas, temporárias e imprecisas. Se o insurgente atuar de maneira incisiva nesses elos mais fracos do estado, ele terá maior capacidade de obter a vitória no longo prazo.

Dessa forma, ações psicológicas, subversão, participação do processo político, atuação como vetor social de ajuda à população das áreas em conflito, operações de informação, promoção de manifestações, greves ilegais, demonização do governo, aliança com crime organizado, terrorismo e outras ferramentas devem ser empregadas simultânea e coordenadamente para que o governo seja obrigado a buscar a difícil integração de esforços para responder todas as ameaças que ele sofre da insurgência em todos os campos do poder.

#### 6.2.2 Análise histórica detalhada das origens dos anseios populares contra o Estado

Um movimento insurgente não será fruto de um anseio isolado ou que não existe. Se não houver uma vontade férrea de quebra de continuidade do governo embasada em apoio sustentável do povo, as chances de conduzir uma guerra ampla e prolongada serão reduzidas. Essa lógica foi vista no leninismo e no maoísmo, nos quais os pensadores revolucionários conseguiram entender as verdadeiras razões do descontentamento popular e as usaram (ou manipularam) para conseguir respaldo entre as multidões.

No caso do leninismo, as motivações populares identificadas foram habilmente manipuladas para oferecer uma voz que seria a voz do povo. O povo queria melhores condições de vida, alimento, terra e participação no processo decisório. Então os revolucionários russos viram o povo como apenas um

trampolim para os bolcheviques chegarem onde queriam. Depois disso a pauta seria a do partido, e não a do povo.

Um exemplo histórico da tentativa de condução de um movimento revolucionário sem apoio pleno do povo ocorreu na Bolívia quando Guevara tentou criar um espelho do modelo cubano no altiplano andino. Naquele país ele pensou ter diagnosticado uma animosidade histórica do povo com o estado que poderia ser manipulada para conduzir para a sublevação das massas. Essa avaliação se mostrou equivocada, pois as pessoas se mostraram apáticas e até reticentes em pegar em armas para lutar por salários e reforma agrária. O estudo histórico daquele país teria mostrado a tendência subserviente do seu povo para com o governo. As razões da luta não estavam ainda amadurecidas a ponto de achar que os guerrilheiros seriam seguidos e apoiados sem restrições.

No caso histórico do Peru foi visto o mesmo. No momento que o Estado percebeu quais eram os pleitos da população, ele conseguiu ampliar a sua ação e atender parte dessas reivindicações. Foi realizada melhor distribuição do poder, das terras agricultáveis, foi feito um esforço para melhorar as condições de saúde e educação. As pessoas passaram a entender que não havia mais necessidade de pegar em armas e lutar até a morte por necessidades que estavam sendo atendidas. O governo havia entendido qual era o comburente da luta e soube cortar a existência do comburente, extinguindo o fogo.

O motivo para se oferecer para a morte em uma guerra assimétrica contra o poderoso Estado deve ser historicamente clara e incontornável. Como oferecer a liberdade e a independência para o Vietnã sob o governo francês? Ou era lutar ou aceitar a submissão. Não havia alternativa para os vietnamitas que não a luta de libertação nacional. Ofertas de maior governabilidade e autonomia não teriam efeito sobre aqueles que se achavam escravizados e menosprezados. A motivação era definitiva. O estudo histórico da pauta a ser defendida pelo Vietminh foi bem feita e tinha sustentação.

As entrevistas conduzidas também assinalaram para a motivação religiosa presente em conflitos como o Afeganistão e Paquistão. Quando a motivação é uma luta santa, com amparo em obras sagradas como o Alcorão, a motivação para vencer e punir o “infel” é também ilimitada. Não existe meio termo para o seu pleito; ou ele cumpre sua missão de jihadista ou o paraíso lhe será ofertado

como recompensa pelo seu esforço de martírio. Caso o seu oponente lhe ofereça soluções ocidentalmente interessantes como democracia, justiça e condições de vida melhores, o fanático estará blindado para esse tipo de argumentação. Historicamente ele é inimigo de qualquer aproximação com outra cultura religiosa que queira sobre ele exercer controle.

### 6.2.3 Subversão

A subversão, desde o ideário leninista, tem dois aspectos distintos, porém que são de ocorrência simultânea. Ela pode ser destrutiva ou construtiva, ou seja, ela pode operar em favor do insurgente ou contra o Estado para viabilizar a tomada do poder e a criação de uma atmosfera de rebelião popular contra o poder central.

Por se tratar de um instrumento clandestino, a subversão permite ser empregada em áreas onde o controle seja da COIN. Os efeitos da subversão são duradouros e acabam por engajar a população de uma maneira perene contra o governo quando empregada de forma virulenta.

A sua condução é normalmente determinada a células subterrâneas do movimento insurgente que buscarão agir no sentido de desmoralizar, desacreditar, ridicularizar e confrontar o poder central por meio de ações de massa ou mesmo de simples panfletagem. O importante é que ela seja uma ação contra a qual o governo não tenha alternativa de resposta que não a opressão e a retirada de liberdades individuais no caso de insurgências que ocorram em democracias ou o uso de violência indiscriminada no caso de regimes autoritários. Dessa maneira a ação limitadora da COIN contra a subversão será sempre uma medida que trará prejuízos para ela mesma.

No caso da Nicarágua, após a tentativa de conduzir a luta dentre de moldes puramente militares, os rebeldes adotaram a linha de ação de atuar junto à população para sensibilizá-la dos desmandos de Somoza. Com o entendimento popular de que o governo estava em desacordo com sua vontade, as pessoas passaram a desejar “fazer algo” para mudar a situação. Lideranças insurgentes apareceram nesse momento e propuseram ações como greves, passeatas e manifestações contra o governo. A repressão foi a saída óbvia para o governo, e era exatamente aquela que os insurgentes desejavam. A violência das respostas

afastou ainda mais a COIn do povo, que passou a ver que a saída seria executar ações violentas. A situação do governo ficou insustentável a partir daí.

#### 6.2.4 Seleção e treinamento da vanguarda revolucionária

No momento em que as insurgências se estruturam, um pequeno grupo idealista possui o planejamento do movimento em suas mentes, mas isso não basta para garantir que a ideia se transforme em ação. A capilaridade do movimento precisa crescer e mais cérebros e braços precisam ser incorporados. Uma série de perfis distintos será necessária para que a luta possa iniciar e ter condições de avançar. Esses perfis vão desde pessoas hábeis em planejamento, em agir de maneira clandestina, em recrutar pessoas, em executar ações psicológicas, em motivar pessoas e em liderar grupos. O recrutamento e treinamento desse pessoal é extremamente crítico, pois eles serão os líderes que permitirão o movimento se alastrar e não sucumbir. Logo, a primeira capacidade crítica será a de ter um pequeno núcleo multiplicador de doutrina para lideranças de segundo escalão.

Após a revolução Russa, onde tal capacidade foi criada pelos próprios revolucionários, percebeu-se que seria importante possuir centros de formação desses líderes. Verdadeiras escolas de revolucionários surgiram na Rússia e mais tarde na China, em Cuba, na Tchecoslováquia e Albânia. Ali era possível adestrar e selecionar os líderes, sem expô-los ao risco de serem prematuramente identificados em seus países de origem.

Onde buscar essas pessoas? Normalmente elas virão de grupos de intelectuais, de estudantes universitários e secundaristas, de grupos de elevado ressentimento contra o poder e até mesmo de dentro das forças armadas. Cada grupo tem sua característica ou vocação para emprego e isso deve ser levado em conta no momento de incluí-los em setores específicos da organização clandestina.

É vital que essa fase de recrutamento seja vista como aquela de maior vulnerabilidade da montagem do grupo rebelde. Recrutamentos mal feitos podem contribuir com o esforço da COIN e localizar inimigos do Estado. Nenhuma ação ofensiva deve ser pensada para esse momento e a lei deve ser a clandestinidade

máxima. Falhas na admissão de novos insurgentes podem gerar desertores e traidores.

Mais uma vez o caso da FOGUERA é didático. Foram recrutados rebeldes que desconheciam a verdadeira tarefa que caberia a eles. Ao se deparar com a árdua vida de guerrilheiros, alguns deles solicitaram a deixar a causa e voltarem para a vida normal. Tais pessoas foram identificadas e foram presas, passando informações chave sobre quem eram as lideranças, onde a guerrilha estava localizada e onde estavam os depósitos clandestinos de itens vitais para a guerrilha.

#### 6.2.5 Controle e enquadramento das massas

Ainda que seja altamente desejável, o controle das massas só se opera quando o movimento já atingiu um grau de amadurecimento e capilaridade suficientemente grandes. Por tais ações a insurgência passará a criar hierarquias paralelas que vão acompanhar e controlar a vida das pessoas que estiveram nas áreas sob seu controle.

As pessoas serão agrupadas em coletividades menores que serão alvo de intensa vigilância para evitar que pessoas neutras ou que sejam pró-governo venham a se manifestar ou agir em dissonância com as diretrizes dos rebeldes. Sobre essas pessoas poderão ser realizadas ações de dissuasão ou até mesmo ações de repressão.

Os casos da URSS e da China são exemplares nesse sentido. As áreas controladas após sucessos nas investidas revolucionárias eram rigidamente controladas e o povo percebia que não havia alternativa que não a de ser colaborativo com o novo regime. As informações sobre “recalcitrantes” e “contrarrevolucionários” eram estimuladas e recompensadas. As pessoas passaram a viver com a constante convicção de que estavam sendo monitoradas, seja pelo revolucionário, seja pelos seus vizinhos e amigos.

Trata-se, portanto, de uma ferramenta impopular e difícil de ser aplicada haja vista a necessidade de possuir uma estrutura de controle muito ampla. Todavia, os resultados dela são excelentes, pois evita contra golpes e alinha o povo no sentido de aceitar a nova ordem.



### 6.2.6 Desmoralização do inimigo

A desmoralização do inimigo se faz por meio de subversão e de operações psicológicas. O insurgente busca diagnosticar as falhas na ação do governo e das tropas da COIN. Como eles são regidos por leis, costumes, ideais e valores morais pouco flexíveis, o insurgente certamente conseguirá identificar momentos nos quais essas regras foram negligenciadas e poderá usar isso como argumento contra o Estado.

Formas mais diretas de desmoralização do inimigo vêm da ação cinética tipicamente de guerrilha contra grupos policiais e militares. No momento que ataques são feitos contra esses efetivos militares, a mensagem que chega para a população é de que tropas equipadas, armadas e pagas pelo povo não são competentes para destruir um inimigo “insignificante”. A percepção é de que o insurgente é mais capaz do que os militares, que passarão a ser vistos como preguiçosos fracos e incapazes.

As campanhas revolucionárias de ideologia comunista exploraram bem essa ferremente contra os seus opositores internos. No Vietnã, foi buscada a desmoralização pelo emprego de força absurdamente maior do que a do oponente e mesmo assim a vontade de lutar do Viet Cong não era arranhada. Essa desmoralização chegou ao território americano, quando a povo daquele país ficou impressionados com a quantidade de meios que eram destinados para vencer uma guerra cujo resultado vitorioso final parecia inatingível.

### 6.2.7 Corrupção de setores vulneráveis do inimigo

Quando a insurgência luta contra uma ditadura ou um governo incompetente, é possível identificar setores vulneráveis do poder que podem ser alvo de corrupção. A traição perpetrada pelo corrupto normalmente será motivada por vantagens financeiras, o que nem sempre é o forte de um movimento insurgente com recursos econômicos finitos. Contudo, dependendo do produto que pode ser obtido junto ao funcionário público (informação, desvio de armas, negligência proposital execução de tarefas de interessa da insurgência, letargia em processo contra a insurgência), tal ferramenta poderá se tornar insubstituível e deverá ser usada.

Setores como a polícia, sistema judiciário, sistemas de inteligência, sistemas prisionais, agentes responsáveis por controles de fronteiras e outros podem ser cooptados para receber quantias em dinheiro em troca de apoio. Quanto mais isolada a área onde isso se operará e quanto mais miserável for a remuneração oficial, mais simples será recrutar tais agentes. Vale lembrar que após os seu recrutamento, provas de sua corrupção devem ser produzidas para possibilitarem ameaças contra o funcionário caso ele resolva mudar de lado. O comprometimento financeiro estará selado pelo comprometimento de sua ação ilegal.

A corrupção, enquanto falha no sistema organizacional do governo, poderá ser explorada por mecanismos de subversão e de operações psicológicas. Será uma ideia força para campanhas contra o governo, mas o tema em pauta é o uso da possibilidade de corromper agentes do estado para operarem contra o próprio estado.

Ao longo das entrevistas, foi possível identificar sucesso nessa prática no caso das FARC. Como esse grupo possui fontes de recursos financeiros assegurados pelo recolhimento de impostos nas áreas “liberadas”, pelos sequestros de pessoas em troca de resgates financeiros e principalmente pelos recursos oriundos da vinculação com o narcotráfico, as FARC conseguiam uma fonte de renda para pagar funcionários corruptos. Desde militares de baixa patente até integrantes de ministérios em Bogotá foram alvo de tentativas de corrupção. Alguns aceitaram e trabalharam anos em favor dos guerrilheiros, diminuindo a eficácia da COIN e comprometendo esforços do governo em vencer o grupo rebelde.

#### 6.2.8 Intimidação de setores sensíveis ao emprego da violência

Os setores sensíveis à violência são aqueles que não tem como se defender dela. Quando os insurgentes conseguem chegar até populações ou servidores do Estado para ameaçar suas vidas ou a integridade física de suas famílias, pouco resta para a COIN fazer no sentido de tentar obter a cooperação dessas pessoas.

Conforme foi abordado na adaptação da pirâmide de Maslow para locais em conflito, a prioridade daquele que vive em um território assolado pela guerra é

a manutenção de sua própria vida. Quando o direito à vida não pode ser guardado tutelado pelo estado, o cidadão se questionará quem pode fazê-lo.

Os públicos selecionáveis para as ameaças são ilimitados. Funcionários do governo, agentes de segurança, colaboradores da COIN, membros de agências de apoio à população, religiosos. Qualquer pessoa que possa ser atingida por ações violentas podem entrar nesse rol.

Dessa forma, de maneira simples e efetiva, ações que imponham o medo de uma represália violenta e que sejam sustentadas por exemplos de pessoas que foram vitimadas por sua desobediência perante os insurgentes, podem mudar a atitude de grande número de habitantes de determinada região.

Nas entrevistas ficou claro o emprego dessa ferramenta no Afeganistão, onde um dos entrevistados citou as “cartas da morte”. Por essas cartas a morte de uma pessoa (ou de sua família) era prometida pelo Talibã caso continuasse havendo qualquer tipo de alinhamento com o governo de Kabul. As cartas eram fixadas na porta da casa da pessoa ameaçada, provando que o Talibã sabia onde a pessoa morava e quais eram os seus hábitos. Além disso, mostrava para o morador que a COIN não conseguiria protegê-lo pois foi possível chegar até lá sem problemas e que mesmo que fossem colocados homens para proteger o morador, em algum momento essa proteção seria retirada e ele seria imediatamente justificado de maneira violenta. Essas ferramentas de alterar comportamentos eram fortes e não havia nenhum mecanismo da COIN que pudesse mudar a opinião daquele que foi ameaçado de continuar apoiando o governo. Por vezes as cartas já não eram enviadas no sentido de determinar o fim do apoio, e sim de afirmar que tribunais insurgentes já haviam condenado o morador a morte.

#### 6.2.9 Eliminação seletiva de alvos

Para esse tipo de ação são selecionados os alvos cuja eliminação cause impacto na população além do fato de determinada função deixar de ter um encarregado temporariamente. Tal tipo de ação tem como requisito a violência com a qual o alvo será eliminado para que o exemplo seja alvo de atenção e terror entre a comunidade.

A seleção do alvo pela insurgência deve seguir um critério claro para evitar que essa ferramenta seja vista como aleatória ou randômica pela população. A mensagem deve ser clara: quem é selecionado para morrer pela insurgência sofrerá as consequências de maneira violenta.

A partir do momento que o alvo for selecionado, as células subterrâneas devem cuidar de realizar a ação ao mesmo tempo em que as células de operações de informações cuidam de divulgar o resultado da ação para que a notícia corra pela área onde interessa que a notícia chegue.

No Haiti em 2006, segundo observação pessoal do autor, grupos armados eliminavam pessoas suspeitas de serem informantes da Polícia Nacional do Haiti. Normalmente essas eliminações não se restringiam a pessoa do alvo, mas acabavam por envolver toda a sua família. O grupo que agia dessa forma se chamava "*L'Armée Sens Tête*" (Exército Sem Cabeça, em tradução livre). Os assassinos invadiam a casa onde residia o alvo e decapitavam todos os integrantes da família, dos mais novos até chegar aos mais velhos. Tudo isso era feito na frente da pessoa que havia sido selecionada para morrer. Como último a ser morto, e após assistir o assassinato de todos os seus parentes que residiam com ele, o alvo era também eliminado. A família morta era deixada no chão para que outras pessoas as vissem. Os criminosos proibiam qualquer pessoa de tocar nos corpos para que eles não fossem sepultados, o que atingia em cheio as crenças religiosas da população. Quem tocasse nos corpos receberia, conforme ameaça dos criminosos, a mesma sentença. Os corpos ficavam em exposição até apodrecerem, serem comidos por animais urbanos ou, em poucos casos, serem retirados pela polícia.

O impacto causado por esse tipo de ação era extremamente forte, causando medo em grande quantidade de pessoas e mostrando que o grupo responsável pelo assassinato tinha força para se impor naquela região sem medo de ser alvo de ações da polícia.

#### 6.2.10 Doutrinação popular com ideário político, econômico, religioso ou étnico.

A doutrinação do povo, quando existe uma motivação política econômica, religiosa ou étnica para o aparecimento do movimento deve ser realizada para protegê-lo contra as campanhas do Estado que serão direcionadas sobre a

população. Quando os motivos citados são um iniciador para a ocorrência do movimento, eles devem ser potencializados por meio de doutrinação intensa e constante.

As pessoas que vão realizar essa doutrinação normalmente pertencem às células de força subterrânea do movimento insurgente. Elas atuarão clandestinamente em escolas, igrejas, postos de trabalho e grupos constituídos. Buscarão ampliar os sentimentos das pessoas quanto à causa da luta que está por vir. O fervor religioso, o ódio contra outra etnia, os ressentimentos por desamparo econômico ou a negação de maior representação no campo político serão trabalhados pelos agitadores da força de sustentação ao mesmo tempo que a ideologia do insurgente é inoculada nesses grupos, sendo apresentada como a solução para o problema por ele vivido.

No Vietnã e na China revolucionária essa doutrinação assumiu formas de grande eficácia, seja pelo contato com o exército vermelho, seja pela doutrinação levada a efeito pelos onipresentes comissários comunistas. A resposta do comunismo era adequada para a questão de como livrar o povo vietnamita do jugo dos conquistadores externos. Na China, ele era a opção por uma vida com maiores conquistas depois de séculos de abandono e exploração por parte de governos corruptos e incapazes. É importante ver que a doutrinação não encontrava uma porta fechada nas mentes daqueles que desejavam uma alternativa para melhoria nas suas vidas.

#### 6.2.11 Edificação de novas estruturas após a conquista de áreas liberadas

Após a conquista de áreas que estavam sob o controle da COIN, a ação rebelde de estabelecer o controle e construir um esqueleto de estado deve ser imediata. O hiato surgido em função da falta de segurança e das infraestruturas que o estado oferecia deve ser rapidamente ocupado por insurgentes que tenham sido preparados para assumir essa função. Não deve ser o aproveitamento de elementos das tropas rebeldes que devem fazê-lo, pois sua tarefa é outra e o sentimento de missão política é diferente entre ambos.

Na revolução Cubana, após a liberação de uma área, os insurgentes rapidamente assumiam o poder, para evitar que grupos oportunistas o fizessem, e promoviam uma série de medidas populares quase que de imediato. Isso garantiu

a manutenção do apoio popular e praticamente inviabilizava a retomada daquelas áreas

#### 6.2.12 Sabotagem

É uma ferramenta clássica dos movimentos de insurgência. Tem por finalidade reduzir a capacidade do estado de prosseguir com processos econômicos principalmente. A grande diferença das demais formas de ataque é que a sabotagem é feita para que pareça ser um acidente, sem apresentar claramente a motivação por trás do que parece ser apenas uma falha ou acidente.

É tradicionalmente conduzida pela força subterrânea para comprometer estruturas e, eventualmente, causar baixa. Infraestruturas são alvos tradicionais e a sabotagem deve atuar com segunda intenção na interdição daquele alvo, ou seja, ter em mente o objetivo real da interrupção do serviço que ela interromperá.

#### 6.2.13 Ações criminosas

As ações criminosas não devem ter como outra finalidade que não a de obter renda para o financiamento inicial do movimento. Em fases iniciais será necessário obter dinheiro, armas, medicamentos e outros itens de difícil aquisição. Caso não haja suporte externo, a opção por roubá-los ou realizar ações criminosas (assaltos, sequestros, contrabando) pode ser a alternativa única.

Atividades criminosas têm a vantagem de parecerem, aos olhos do Estado, como parte de ações dos criminosos comuns. Se houver nenhum anúncio de que se trata de um roubo em prol dos rebeldes, é natural que o povo e o governo pensem que estão diante de um problema de segurança pública relativamente comum. Caso se descubra que é a fase inicial de um movimento insurgente, é de se esperar que o Estado tome atitudes mais enérgicas para limitar o fortalecimento da frágil grupo.

Não se trata de um procedimento que se possa chamar de “positivo” nas ações da COIN. Ainda que justificáveis do ponto de vista ideológico da insurgência, tais ações são altamente reprovadas pela população, mesmo quando direcionadas contra membros da elite dominante que se deseja derrubar. Existe ainda o risco de que frações da insurgência passem a realizar essas ações sob o

pretexto de financiar a causa, quando na verdade estão desviando o lucro obtido para atividades escusas (enriquecimento pessoal, por exemplo).

No Brasil essas ações foram feitas para prover recursos para o PC do B poder patrocinar as ações subversivas e a guerrilha armada no Araguaia. Vale destacar o peso político de uma decisão como essa para o futuro dos líderes rebeldes. Até nos dias atuais, seus participante são lembrados pelo fato de terem realizado tais ações, ou seja, terem aceitado realizar atividades de banditismo cuja aceitação no seio da população é nula. O romantismo e a admiração que envolve o rebelde perante a opinião pública diminuem muito quando este rebelde se torna criminoso comum.

#### 6.2.14 Ataques contra alvos dos órgãos de segurança pública

Esse tipo de ação foi uma das citadas nas entrevistas como mais frequentes e eficientes pelas insurgências do Taliban no Paquistão e no Afeganistão. Elas foram relatadas como atividades que conseguem reduzir o moral das forças policiais além de diminuir o crédito dessas forças junto ao povo, uma vez que fica claro que elas não conseguem sequer se proteger dos insurgentes.

Normalmente são realizadas contra postos afastados e pequenos efetivos em patrulha. Aproveita-se do armamento e treinamento de forças policiais ser menos adequado para reagir a um confronto contra insurgentes portando armas automáticas e de calibres militares.

É importante que os agentes da lei sejam eliminados ou severamente feridos para que o próprio voluntariado para servir em forças policiais de áreas conflituosas passe a significar uma atividade mal remunerada perante o seu elevadíssimo risco.

Trata-se, então, de uma atividade com elevada eficácia, risco reduzido, impacto psicológico elevado e pode fornecer algum suprimento de material capturado (armas, equipamentos de comunicação, uniformes)

#### 6.2.15 Criação de ONG para a defesa de temas paralelos



Além dos braços ostensivos da luta armada, diversas outras atividades podem ser feitas para minar o estado. A criação de ONGs que fiscalizem a ação do estado é uma forma de limitar ainda mais a liberdade de ação da COIN.

Grupos de direitos humanos, por exemplo, podem reivindicar atuação mais ética e menos violenta por parte das forças legais. Podem apresentar denúncias de maus tratos, abusos e tortura. Em face de tais denúncias, a opinião pública pode passar a ver a COIN como uma estrutura bruta e em desacordo com os preceitos legais e morais da sociedade que elas defendem.

ONGs também podem ser usadas como fachadas para circular finanças em proveito dos rebeldes. Podem prestar apoio médico para insurgentes como parte de um grupo “isento” que atue em áreas de conflito. Podem obter liberdade de movimento em setores dominados pela COIN para buscar elementos essenciais de informação.

Ainda que não tenham sido alvo de denúncias de ONG, as revelações feitas contra as tropas norte americanas no Iraque por causa dos maus tratos em Abu Graib tiveram um impacto no nível mais alto da política daquele país. Essa lógica pode ser usada em casos futuro haja vista o impacto demonstrado.

#### 6.2.16 Organização estruturada em rede

Perante um adversário tecnologicamente superior e que tem serviços de inteligência com meios de levantamento de dados em abundância (fontes, humanas, eletrônicas, de sinais, entre outras), não existe lógica em tentar disputar uma corrida com a COIN para estabelecer aquele que tem a inteligência mais eficaz. Contudo, a contra inteligência é uma variável que pode ser muito menos sujeita à tecnologia para ser efetiva e eficaz.

Na revisão doutrinária a estrutura do Hezbollah mostrou o uso desse tipo de estrutura para as suas seções clandestinas. É provavelmente a forma mais moderna de estruturação para quem deseja uma conectividade segura e autônoma no relacionamento entre os seguimentos de um grupo.

Nessa linha de raciocínio, para um grupo clandestino se manter a salvo dos mecanismos de busca e de coleta de dados do oponente, ele deve desenvolver uma contra inteligência extremamente competente, pois sua sobrevivência depende diretamente disso. A estruturação em rede deve ser fluida, flexível e

descentralizada. Deve abrir mão de meios tecnológicos de comunicação para estabelecer o seu comando e controle. Deve achatar cadeias de comando ao máximo, evitando linhas verticalizadas para ligação entre o escalão planejador e o executor (se possível dando até mesmo capacidade de realizar ambos pelo mesmo escalão).

Essa estrutura acompanha a evolução da sociedade e a tendência em relações descentralizadas. Apesar de existir uma coordenação, a Estrutura em rede é menos que a forma hierárquica, com o intuito de agilizar e facilitar a atuação do grupo.

Normalmente possuirá elementos constituintes chave: Comando e Periferia. O **Comando**, que são as estruturas com maior densidade de relações, que determinam o rumo da insurgência e realizam os planejamentos de maior vulto. Podem existir um ou vários Comandos, especialmente quando diversos grupos insurgentes se unem para conduzir o seu movimento. A **Periferia** é a zona menos densa, que representa todos os vetores de atuação no movimento insurgente. Aí se encontram os Comunicadores (responsáveis pelas comunicações entre o centro e a periferia), as Forças Subterrâneas, Forças de Sustentação, Forças de Guerrilha, Grupos de Terror, os Ampliadores (que devem estender a capacidade de ação da organização, recrutando pessoal), os monitores (que asseguram o funcionamento do sistema, reportando problemas ao Comando) e os Crossovers (aqueles que foram recrutados por meio de corrupção, como servidores públicos e políticos corruptos, membros de outras organizações).

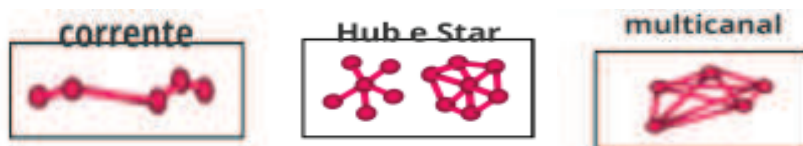
Suas virtudes são as seguintes: baixa assinatura (estrutura menos visível); dificuldade da COIN em monitorar suas comunicações; dificuldade em monitorar as transações financeiras, que muitas vezes podem acontecer de forma informal através de doações, tributos religiosos (zakat) e transfêrencias informais de baixo valor (hawala); alcance global da capacidade de comando e controle; dependência menor do Comando; dificuldade de infiltração pelo Estado e grande capacidade de compartimentação das informações; possibilidade de autofinanciamento de cada célula.

Seus pontos fracos podem ser sintetizados nos seguintes: comunicação dentro de um sistema secreto é lenta e de difícil execução; coordenação em

tempo real é dificultada pela excessiva descentralização; pode haver algum grau de indisciplina interna pela distância entre comandantes e atuadores; possibilidade do aparecimento de ideologias fragmentárias pelo grau de liberdade que o grupo opera; complicações logísticas de entregar suprimentos sem facilitar a localização de suas células constituintes; dificuldade em estabelecer treinamento para os atuadores sem expô-los e imposição de possuir financiamento descentralizado, dificultando a padronização e a unidade de fontes de financiamento.

Os modelos de rede mais tradicionais são: corrente, hub / star e multicanal. A corrente é a forma mais básica, permitindo a relação horizontal entre as células componentes do sistema, que não se relacionam todas entre si, mas de forma linear. No modelo hub / star há uma célula que vincula todas as demais (estas atuando de forma descentralizada e sem relação entre si). Esta célula que conecta todas as demais não é necessariamente o comando, que provavelmente estará protegido dentro da estrutura. Por fim, o modelo multicanal é aquele em que todas as células possuem uma conexão entre si, sem a definição clara de papéis e lideranças. Provavelmente todas as células são entes autônomos e com capacidade para atuação dentro da sua esfera de conhecimento.

Figura 22 – Formas de estruturas em rede de organizações insurgentes e terroristas



Fonte: <http://marcusreis.com/2012/05/03/a-estrutura-terrorista-em-rede-network/>

A Al-Qaeda-Iraque, conforme citou um dos entrevistado norte americanos em sua entrevista, possuía uma estrutura em rede internamente, para articular ações naquele país, e estava conectada com o movimento fora das fronteira iraquianas. Para a COIN, o estabelecimento de vínculos entre esses grupos conectados era difícil. Após capturar algum alvo rapidamente se chegava ao fim da linha, pois aquele alvo significava apenas uma célula dentre outras. As ligações entre células não existiam e o comando muitas vezes era local, sem um caminho claro com uma estrutura superior. Com missões pela finalidade, os comandantes locais tinham liberdade de organizar suas equipes, planejar suas

ações, obter recursos no local e agir independentemente de acionamento ou controle externo. Logo, capturar integrantes de uma célula significava acabar com “aquela” célula. As demais eram estanques e não podiam ser atingidas a partir da queda de apenas um elemento constitutivo.

#### 6.2.17 Planificação do movimento em fases sucessivas

Mao-Tsé Tung foi o pensador que sistematizou essa sequência. Ainda que outros tenham feito isso no passado, Mao foi aquele que conseguiu estruturar seu movimento nessa lógica, venceu seu oponente sobre essa ideia de evolução e conseguiu produzir conhecimento escrito sobre o tema com amplo reconhecimento mundial e ampla aplicação em outras insurgências.

A evolução baseada em seguir passos lógicos para conquistar o poder se tornou quase um fator obrigatório nos movimentos que sucederam a revolução chinesa. No Vietnã, Peru, Brasil, Angola, Cuba e diversos outros locais essa lógica foi seguida e adaptada para permitir a evolução do movimento insurgente. Essa evolução possibilita, principalmente, a manutenção de princípios de guerra como a da Segurança (por possibilitar a manutenção do sigilo da evolução do grupo nas fases iniciais), Objetivo (por perseguir desde a fase inicial até a fase da Guerra de Movimento ao objetivo proposto na gênese do movimento) e da Surpresa (por possibilitar que o oponente só percebe que está enfrentando um movimento insurgente quando o movimento já está forte o bastante para enfrentar o governo).

Também confere flexibilidade evolutiva e involutiva. Ampliar o engajamento e passar para fases posteriores é uma decisão do grupo, assim como voltar para fases anteriores devido a um erro de julgamento sobre suas próprias capacidades ou sobre as capacidades do oponente. Giap aplicou esse modelo involutivo quando viu, na Ofensiva do Tet, que suas forças ainda não eram fortes o suficiente para buscar o combate aberto contra os norte americanos.

É um forte indicador de sucesso a aplicação desse princípio, que praticamente deixou de ser opcional em face da capacidade que a COIN vem adquirindo em identificar os grupos e buscar a sua destruição em momentos ainda iniciais.

### 6.2.18 Organização de santuários e bases de apoio confiáveis

Diretamente ligado com a evolução do movimento em fases está a busca por bases de apoio. Elas são estabelecidas, conforme o pensamento de Mao, em locais onde o movimento insurgente já tenha obtido elevado grau de controle. O povo já apoia o movimento, é possível obter recursos materiais na região da base, é possível estabelecer recrutamento entre a população daquela região e os acessos para a área da base são controlados e monitorados pelos insurgentes.

O termo “base” pode levar a um entendimento de uma estrutura centralizada onde os meios e pessoal são reunidos, mas a verdade que base é o todo o território ocupado que pode ser utilizado como área livre da presença da COIN e onde as cidades e vilas estão sob a gestão do insurgente.

Outro erro de julgamento seria o de pensar em defesa dessa base. Para o insurgente a meta é continuar vivo para lutar de maneira prolongada. Se a manutenção de uma área implicar em abrir mão de sua mobilidade e da sua iniciativa, a sua defesa estará fora de questão, pois contraria a essência da forma de atuar do insurgente. Mao adotou essa conduta quando optou por um deslocamento estratégico do sul da China para o Norte do país quando empreendeu a grande marcha. O território que ele abandonou ao sul era próspero e suas bases estavam operando em boas condições. Contudo, face ao cerco do Kuomintang, não valia a pena aceitar uma defensiva tática como postura, possibilitando aos nacionalistas concentrar seus meios em uma campanha convencional de cerco e destruição.

Santuários em países vizinhos são também similares ao conceito de base de apoio. A sua grande vantagem é estar a salvo de ações diretas da COIN, ainda que eventos como os ocorridos na Guerra do Vietnã de ataques americanos no Laos e Camboja ou os ataques atualmente dos mesmos americanos contra bases do Talibã no Afeganistão, mostrem que quando a COIN tem ampla liberdade de manobra ela não respeitará soberanias de quem apoia seus inimigos. Mesmo assim, é muito bom o nível de segurança que esses santuários possuem ao se deslocarem para o outro lado de uma fronteira que seja simpática à sua causa.

Provavelmente a tendência do conceito de bases evolua para algo de menor vulto, de maior dispersão, de menor visibilidade em função do desenvolvimento exponencial de meios de vigilância e detecção que estão à

disposição da COIN. Muitas dessas bases talvez evoluam para grandes centros urbanos onde possam operar com relativo sigilo e onde ações de interdição do oponente venham a causar danos colaterais inaceitáveis do ponto de vista político. Movimentos terroristas já empregam essa técnica. A globalização e a interconecção entre grupos pode proporcionar esse tipo de alternativa para insurgentes.

#### 6.2.19 Condução da Guerra de Guerrilhas quando houver situação favorável

A clássica aplicação da guerra de guerrilha como foi empregada pelos comunistas na China, pelos seguidores de Fidel Castro em Cuba, pelos nacionalistas na Chechênia, pelos jihadistas e mujahideens no Afeganistão anti-URSS e pela FARC na Colômbia não pode ser vista como a pedra filosofal do insurgente. Em alguns contextos onde condições para o estabelecimento da força de guerrilha não forem atendidos, a sua estruturação será contraproducente. A evolução histórica da guerra irregular parece mostrar que as cidades serão cada vez mais o campo de batalha selecionado por insurgente (vide Grozny, Fallujah, Ramalah). Logo, forças de guerrilha, com necessidade de grupos maiores, poder de fogo concentrado, logística mais concentrada e bases de homizio em lugares remotos não são simples em locais urbanos. As Forças Subterrâneas são mais leves e mais aptas para o emprego de pequenas frações em área urbana. Grupos de três ou quatro homens, como demonstrou o caso na Chechênia, são plenamente capazes de conduzir a guerra irregular em áreas urbanas contra oponentes regulares.

Se, por outro lado, a natureza geográfica e populacional de um país proporcionar vantagem qualitativa para o desenvolvimento de uma guerrilha nos moldes de forças majoritariamente rurais, ela deve ser a opção lógica. O Afeganistão atual é um exemplo adequado de um ambiente no qual a guerrilha no campo é mais bem adaptada.

O que é erro categórico é tentar inverter a natureza do ambiente operacional para privilegiar uma doutrina revolucionária inadequada para a realidade do país.

#### 6.2.20 Coexistência de fases distintas no tempo e no espaço

O movimento insurgente não deve ser visto como se fosse uma linha do tempo única, e sim como várias linhas do tempo correndo paralelamente. As linhas dizem respeito ao movimento em cada área selecionada. O início de cada linha do tempo é variado e a duração de cada fase também é diferente em cada uma delas. Dessa maneira, em locais diferentes é possível que existam focos insurgentes ocorrendo em etapas distintas entre si. Uns poderão estar perto de passar da 2ª para a 3ª fase. Outros podem estar reunindo meios e recrutando pessoal local para iniciar a 1ª fase. Tudo isso ao mesmo tempo.

Qual é a vantagem disso? A vantagem é impedir que o raciocínio da COI seja linear. No Brasil, o foco da FOGUERA era único naquele momento. Todo o esforço das Forças Armadas pode ser concentrado ali. Vale dizer que esse esforço concentrado não é composto apenas por tropas regulares, mas principalmente pelos poucos elementos especializados para a guerra irregular que havia naquele tempo, como por exemplo, elementos de inteligência, combatentes especializados no combate em selva e os operadores de forças especiais. Se um outro foco surgisse em outro local, em uma fase mais avançada, ocorreria um dilema de priorizar qual local, com que meios e em que prazo temporal.

Somado a isso, a coexistência de focos em fases distintas permite ao comando insurgente selecionar frentes. Ele poderá enxergar mais facilidades em um ponto em um determinado momento. Isso foi visto na Indochina, quando o Viet Minh teve a oportunidade de intensificar ações típicas de 2ª Fase em setores da fronteira com o Laos para desviar a atenção das ações de 3ª fase que ocorreriam contra o *Grupement Opérationnel du Nord-Oest* (GONO) em Dien Bien Phu. Isso pôs o comando francês no dilema de para onde mandar suas reservas móveis, onde concentrar seus meios aéreos e onde aceitar uma atitude defensiva.

#### 6.2.21 Atuação ofensiva apenas quando suas capacidades puderem assegurar a vitória

Também é uma verdade inquestionável na guerra irregular, principalmente na 2ª e na 3ª Fases. Se o insurgente ganha quando não perde, ele deve selecionar ao máximo qual será o seu esforço militar contra o oponente. A vitória deve ser certa e a sua evasão deve assegurar que ele não será perseguido e



caçado pelo inimigo. Por menores que sejam as ações, o fator impositivo é ter superioridade relativa para ser vitorioso nessas ações.

Na Nicarágua, nas fases iniciais da luta contra Somoza, as forças sandinistas se precipitaram em ataques contra cidades e vilas quando não tinham força suficiente para se opor ao governo. Foram duramente rechaçadas, comprometendo sua capacidade ofensiva por longo período de tempo. Nesse momento o mais indicado seria seguir com ações de “bater e correr” para esgotar e desmoralizar o inimigo ao mesmo tempo em que os guerrilheiros ganhavam experiência, confiança e reforços. No caso da Nicarágua essa precipitação não comprometeu o movimento de forma definitiva, mas no Brasil esse erro foi fatal para a FOGUERA.

#### 6.2.22 Conhecimento completo do terreno físico e humano

Conhecer o terreno significa saber onde é favorável para o insurgente atuar e onde o oponente terá vantagem. Dessa forma o insurgente está sempre com a vantagem de saber o passo seguinte do seu movimento. Ele pode aceitar uma ação em local favoráveis ao inimigo se desse confronto ele puder tirar alguma vantagem de segunda intenção. Como exemplo, cita-se as emboscadas feitas pelos mujahideens afegãos contra comboios russos. Já era sabido pelos rebeldes que aquelas emboscadas seriam alertadas para o comando russo local, que enviaria reforços terrestres pelo eixo lógico de deslocamento para socorrer as tropas que estavam incapacitadas de fugir do bloqueio. Esse novo alvo era a segunda intenção da guerrilha. Ele, por ter que se deslocar com velocidade para chegar onde era necessário, tinha que abrir mão da segurança de esclarecer os pontos de emboscadas inimigas. E era nesses pontos que os rebeldes concentravam seu poder de combate para causar baixas nessas tropas.

Quanto ao terreno humano, o insurgente terá a mesma visão topotática sobre as aglomerações de pessoas. Ele deve buscar saber onde ele é bem recebido, onde a população passa informações para o inimigo, onde é possível se ocultar por algum tempo a salvo. Dessa maneira ele também poderá pensar em segunda intenção. Onde ele poderá realizar ações de desinformação, onde seu recrutamento pode fornecer mais voluntários, onde a sua chegada será bem recebida após combates, dentre outros.

O casamento de terreno físico e terreno humano favoráveis são indicadores de sucesso. O exemplo de Guevara mais uma vez pode ser levantado. Após selecionar uma região com poucas fontes de recursos naturais que pudessem contribuir com a logística da guerrilha e onde a população estava alienada do problema que ele queria usar como argumento para leva-la para aluta, Guevara se viu obrigado a lutar por sua vida em um terreno desfavorável (que ele mesmo escolheu) e sem ter apoio dos únicos que poderiam garantir sua segurança: o povo. Ao mesmo tempo, na região de Potosí, havia massas esperando uma liderança para se inflamarem e iniciarem uma revolta.

#### 6.2.23 Entendimento pleno de que a segurança da população é o bem maior a ser protegido pelo oponente

Entender as razões da luta do oponente é importante. Entender como o oponente pretende conduzir sua luta mais ainda. Foi visto que a COIN moderna mudou o foco de sua ação de buscar eliminar o guerrilheiro para buscar proteger a população. Com isso, dentro da metáfora de Mao, o peixe ficaria isolado da água.

Ao insurgente cabe dar o próximo passo. Qual é a forma de atingir essa união povo-COIN? Como voltar a ter a água para si ou como fazer com que a água fique revolta e incontrolável para a COIN?

Nas entrevistas foram citados alguns dos problemas na manutenção dessa aproximação. Diferenças culturais, ataques contra forças de segurança em lugares afastados, falta de tropas obrigando a COIN a usar fogo indireto impreciso contra alvos dentro de vilas e cidades, operações de informação que tenham a iniciativa, dentre outros.

#### 6.1.1.24 Uso da força de guerrilha como instrumento de aproximação e doutrinação da população

Essa possibilidade de emprego duplo da força de guerrilha foi demonstrada por Mao quando da Revolução Chinesa. As tropas faziam o papel de se aproximar da população e seguiam normas claras emanadas pelo PCC para proteger e ter bom relacionamento com o povo. Para os chineses, habituados com maus tratos por bandidos e por governantes, a presença de uma força que

respeitava seus bens e sua vida era algo de extraordinário. Em pouco angariaram sua simpatia, seus corações e suas mentes.

O Exército Vermelho Chinês também foi orientado para realizar a doutrinação da população. Como havia uma empatia entre ambos, as conversas de doutrinação comunista ocorriam em uma ambiente sem confrontação, com as pessoas sendo convencidas de que o novo modelo seria o mais adequado. Após convencê-las, o exército conseguia obter mais adeptos para se engajar na luta, seja como tropa, seja como suporte para a logística ou como membro efetivo das linhas políticas do PCC.

O oposto a esse argumento seria a ação violenta e dissociadora do Grupo Armado Islâmico (GAI) da Argélia. Após a conquista de uma região, os insurgentes atuavam com extrema violência contra os opositores. Não havia a intenção de tentar pacificar ânimos e tentar levar aquela comunidade a entender que os insurgentes podiam oferecer algo além de morte e destruição. O mesmo pode ser dito da RUF em Serra Leoa, que praticava políticas de amputação de membros e extermínio de pessoas pela única razão de espalhar um terror sem finalidade. Nesses dois casos o povo, apesar do medo que sentia em relação ao insurgente, passou a apoiar o governo assim que uma oportunidade lhe foi ofertada para mudar de vida.

#### 6.2.25 Descentralização do comando

Como a estrutura em redes já foi abordada, a descentralização acaba sendo um subproduto desse assunto. Com a descentralização da tomada de decisões para o nível local e regional, os comandantes locais tem maior capacidade de identificar rapidamente as oportunidades e atuar sobre elas. Essa rapidez na tomada de decisão favorece a insurgência, mas exige um alto grau de compreensão da missão como um todo afim de que não ocorram desvios.

O PKK turco é um exemplo de como a centralização exagerada promove problemas. Ocalan, o líder do PKK, exigia obediência plena a suas ordens e não aceitava os assessoramentos dos líderes regionais. Na fase em que a COIN turca estava avançando contra os redutos do PKK, ele se negou flexibilizar as ações de cada célula e elas pereceram por não poder se adaptar da melhor maneira ao combate.

Um dos entrevistados norte americanos citou que as lideranças do Talibã em cada área do país têm maior autonomia para agir em função da avaliação de cenários que eles mesmos fazem. Normalmente são pessoas da própria região, que conhecem os moradores locais e sabem identificar a forma de atuar da ISAF.

#### 6.2.26 Perseguição do apoio da população por todos os meios

Os casos históricos vistos anteriormente mostram como não houve insurgência alguma que tenha vencido sem que o povo a apoiasse. Esse apoio, contudo, pode ser oriundo de admiração pela causa rebelde e concordância com o motivo da luta ou pode vir do medo de estar do “lado errado” quando do final do conflito.

Quando a razão do apoio é o terror imposto pela insurgência, os efeitos podem não ser de longo prazo. Existe a possibilidade do rebelde de hoje se tornar o contra rebelde do amanhã porque ele foi o responsável por gerar um antagonismo. Esses casos ocorreram na Somália o só não ocorreram no Camboja porque o *Khmer Rouge* manteve o país com mão de ferro. Os entrevistados também citaram o caso de apoio mantido pela ameaça de violência como é o caso do Talibã no Afeganistão e no Paquistão e das FARC na Colômbia.

Quando o apoio é obtido por uma interação com os ideais do povo, a aproximação e o comprometimento são maiores. Esses casos ocorreram No Kosovo, na Nicarágua, na Indochina, em Cuba, no Vietnã e na Chechênia.

Em se tratando do centro de gravidade da ação insurgente, é possível afirmar que a busca pelo seu apoio também deve ser conduzido da forma que a COIN conduz as chamadas *Whinning Hearts And Minds Operations* (WHAM). A doutrina Maoísta previa esse tipo de atitude, assim como o Foquismo de Debray também previa um contato maior com a população. Aparentemente as ferramentas mais completas nesse tipo de conquista vem do modelo do Hezbollah, que presta apoio e protege a população, obtendo dela total apoio e devoção. É difícil imaginar qual o tipo de vitória uma força conseguiria ter sobre o Hezbollah em seu território, pois seria extremamente difícil separar o povo libanês do sul do país daquela força que a população tem como real defensora dos seus interesses.

6.2.27 Insurgência não deve ter sempre ações militares como vetor de indução.

No momento em que se pensa em insurgência a imagem que vem à mente é a de guerrilheiros portando armas e atuando em áreas remotas. O estereótipo vem, é claro, da repetição histórica recente de movimentos que tiveram essa conotação. Mas a evolução histórica também mostra que movimentos insurgentes mais recentes abriram o leque de opções além da opção armada.

O modelo Hezbollah mais uma vez é interessante, pois não abre mão de possuir uma força militar moderna, flexível e híbrida. Além disso, incorporou uma vertente política ativa, equipes de assistência social, apoio médico, meios de comunicação e centros educacionais.

É claro que em fases iniciais da insurgência o braço armado será a forma mais comum de oferecer resistência e ganhar visibilidade perante a população, porém, a medida que os ganhos territoriais ocorreram, as demais estruturas citadas acima devem também aparecer e a ação militar deixa de ser o vetor de indução para se tornar mais um dos vetores de atuação.

6.2.28 Guerra prolongada

Outro fator de grande sucesso perante a opinião pública local e mundial é a disposição do insurgente de lutar sem data certa para encerrar suas ações. O tempo é uma variável totalmente favorável ao rebelde. Quanto mais tempo a luta se estender, mais desgaste ele provocará na estrutura do comando.

O insurgente não está atrelado a campanhas eleitorais que se repetem periodicamente nas democracias, não precisa se importar se a dívida pública está aumentando ou se os eleitores já estão fartos de guerra. A sua motivação para a luta está acima desses fatores. É essa assimetria que ele sabe que a COIN não consegue superar.

6.2.29 Buscar a superioridade em aspectos subjetivos da guerra irregular

Se a conquista da superioridade em meios e efetivos é impossível, cabe ao insurgente buscar o equilíbrio nos aspectos subjetivos do combate. Ele deve investir em ser mais forte em idealismo, moral e motivação para o combate.

A doutrinação ideológica ajuda muito para que se conquiste essas qualidades. Os programas de fortalecimento da crença na causa da luta têm

surtido efeitos de longo prazo e conseguem motivar a população e os integrantes do movimento insurrecional. Na Guerra do Vietnã foi possível verificar o nível de fanatismo dos envolvidos na luta e como o sacrifício era aceito em prol da causa. Mais recentemente, o fanatismo religioso também contribuiu para fornecer voluntários inclusive para que os chamados “mártires” sejam empregados em ações suicidas.

#### 6.2.30 Negação da batalha decisiva

Por se tratar de um termo essencialmente militar, a batalha decisiva não é um objetivo perseguido pelo insurgente. Esse combate final que materializa a imposição de sua vontade sobre a do inimigo e que marca o limite da capacidade de suportar o combate pelo inimigo é algo que está muito além do planejamento insurgente.

Da mesma forma, o insurgente deve tentar identificar o momento que o inimigo tentará montar uma armadilha para que ele seja atraído a um combate onde os meios convencionais da COIN serão concentrados para prover a sua destruição. Esse combate é, em todos os sentidos, desfavorável ao insurgente.

Ainda que a história cite o exemplo das ações de Giap contra os franceses em Bien Bien Phu e da tentativa de aplicar um golpe final contra os norte americanos e sul vietnamitas na Ofensiva do Tet, esses combates são muito mais exceções do que regras para o insurgente. Combates convencionais em larga escala são mensurados em termos de poder relativo de combate, ou seja, efetivos, poder de fogo, superioridade aérea, mobilidade, proteção e comando e controle irão desequilibrar o combate em favor do mais forte. Os fatos subjetivos em uma batalha convencional são relevantes, mas talvez não o sejam para desequilibrar um embate entre tropas bem equipadas e guerrilheiros que poderão apenas constituir uma infantaria leve muito aguerrida.

Dessa forma, ainda que a situação se apresente vantajosa, o insurgente deve se lembrar do seu projeto de luta prolongada e de desgaste para o seu oponente. Sua fortaleza está nesses pontos, e não na sua capacidade de rivalizar com efetivos convencionais em campo de batalha jogando segundo as regras do adversário.

### 6.2.31 Apoio externo

Todos os pensadores da teoria da insurgência destacaram o valor para o rebelde do apoio financeiro e material vindo de fora de seu país. Tal aspecto é tão relevante que a URSS, seguindo o ideário de Lenin, passou a prover esse apoio de maneira sistemática para outros grupos rebeldes de orientação comunista no decorrer da Guerra Fria. Revolucionários chineses, angolanos, moçambicanos e vietnamitas foram altamente beneficiados por esses apoios.

Ainda que possa representar algum grau de influência em termos de orientação política, o insurgente deve tentar estabelecer e manter vivo esse canal de obtenção de recursos junto a outros países que sejam simpáticos à causa ou que queiram apenas desestabilizar o Estado onde ocorre a luta interna.

É natural que tal apoio seja velado e que o estado patrocinador deseje que seus atos de apoio não estejam abertamente de conhecimento público. Os venezuelanos, conforme a citação do entrevistado colombiano tem provido apoio velado para os rebeldes das FARC em refúgio seguro, em recursos financeiros e até em apoio diplomático por reconhecimento internacional de que as FARC não são um grupo terrorista. Esse apoio para as FARC é vital.

### 6.2.32 Realização de atividades de apoio social

Essa é uma lacuna nova no modo de operar das forças insurgentes. Não se trata, por exemplo, de realizar apenas alguns atendimentos esporádicos em vilas e fazendas. Trata-se de desenvolver uma estrutura regular e fixa de apoio à população, que seja aos olhos da opinião pública mundial, uma atividade digna de reconhecimento pelo caráter humanitário e assistencial.

Na forma de atuação do Hezbollah, essas ações são conduzidas por estruturas regulares de voluntários e integrantes desse movimento para atender a população libanesa em áreas onde ocorram conflitos com as IDF. Ensino, apoio aos mártires, tratamento com mulheres, política especial para a juventude (grupos escoteiros), programas de financiamento ao desenvolvimento, apoio de saúde, reconstrução de áreas atingidas por ataques (seja dos insurgentes ou dos oponentes) e sistemas legais de captação de recursos financeiros são vetores que atuam diretamente sobre a população. Quando comparado com o invasor israelense ou com o governo central libanês, o morador do sul do Líbano não tem



como não perceber que o Hezbollah é o único que consegue prover esse tipo de apoio à população. Por esse motivo, mudar o pensamento daquele povo para agir contra o Hezbollah é quase impossível.

Além disso, esse tipo de apoio trás um sério problema para a COIN, pois o apoio ao povo não pode ser encarado como um alvo militar e provavelmente não será alvo de ações em força. Caso a COIN ataque qualquer dessas estruturas, essa ação será alvo de duras críticas por parte da opinião pública mundial.

Outra vantagem é a possibilidade de obtenção de informações durante a assistência que é dada ao povo. Durante um atendimento médico, por exemplo, é possível questionar assuntos de interesse para a inteligência dos rebeldes. Professores em sala de aula também podem se aproximar de seus alunos para escutar opiniões e dados sobre suas percepções sobre a atuação do insurgente e do governo.

#### 6.2.33 Uso de Operações de Informações

Como forma estruturada de desencadear operações objetivando modificar comportamentos e crenças, as Operações de Informações (Op Info) se mostram válidas para o cenário da insurgência. Ainda que não possuam os meios tecnológicos de inteligência, a facilidade de acessar uma emissora de rádio e TV para divulgar produtos, a comodidade de poder montar células de estudo das características sociais, psicológicas, antropológicas e culturais do oponente, o insurgente pode se estruturar para realizar algumas atividades nessa área.

A grande vantagem do insurgente é a sua cadeia de comando com pouquíssima verticalização. No momento de planejar um produto de Op Info (mensagem por rádio, propaganda em panfletos, ações de ajuda social), insurgente não depende de aprovação de diversos escalões que estejam preocupados com as repercussões de curto e longo prazo desses produtos na população e perante a opinião pública mundial. Para o insurgente o importante é divulgar a mensagem desejada e ter a iniciativa das ações de Op Info.

Conforme já foi mencionado na revisão das doutrinas insurgentes, desde o momento no qual uma mensagem do Hezbollah é divulgada falando sobre a morte de civis vítimas de um ataque com helicópteros israelenses, até o momento que a IDF consegue divulgar produtos que desmintam o fato, várias horas terão

se passado. O público já formou seu juízo de valores. O culpado pelas mortes já é automaticamente sentenciado. O dano já foi causado e dificilmente se conseguirá reverter a notícia que saiu primeiro, ainda que ela seja mentirosa.

Em uma das entrevistas com um militar norte americano, o mesmo ponto foi abordado em relação ao Talibã e as suas rádios piratas. As rádios dos insurgentes divulgam noticiários com diversas deturpações de notícias, sempre demonizando a ISAF. Mas, além das notícias mascaradas, são ofertados programas com música religiosa, informações sobre boas práticas na agricultura familiar, mensagens de lideranças islâmicas e diversos outros tipos de produtos de utilidade pública. Dessa maneira, a credibilidade das rádios do Talibã aumenta e praticamente retira a capacidade da ISAF de destruir as transmissoras, pois as populações locais se ressentiriam da ISAF atacar alvos que tenham conotação religiosa e social.

#### 6.2.34 Emprego de técnicas de guerra híbrida

A proposta da guerra híbrida na insurgência é a de apresentar problemas militares inéditos para a COIN. Por esse meio, seriam mescladas, no mesmo espaço de tempo e no mesmo local, ações de guerra irregular e regular. O objetivo maior seria obrigar o inimigo a não achar soluções em seus manuais ou nas suas recentes experiências.

Isso foi realizado com um grande sucesso pelo Hezbollah no Líbano em 2006. Pelo emprego mesclado de técnicas inovadoras, como uso de armamento anti navio, anti carro de última geração e até de drones de vigilância aérea, com o uso de técnicas de emboscada típicas de guerrilheiros no início da segunda fase de estruturação de movimentos insurgentes, o Hezbollah deixou as IDF em constantes situações inéditas críticas para que seus comandantes táticos solucionassem. Grandes baixas foram impostas ao moderno exército de Israel, inclusive nas suas afamadas forças blindadas. A doutrina da IDF não tinha todas as respostas para todas as questões, ou se as tinha, elas não eram aquelas que estavam com maior grau de adestramento entre suas forças.

Além disso, o comportamento das equipes do Hezbollah era variável. Em questão de horas, uma equipe atuando como insurgentes realizando operações tipo “bater e correr” passa a agir como uma fração militar regular para realizar

uma defesa móvel em um eixo de movimento das forças da IDF, valendo-se de mísseis modernos, fogos cerrados de metralhadoras e barragens de morteiro.

Dessa forma, a guerra híbrida insurgente oferece uma boa alternativa para se perseguir o princípio de guerra da surpresa. A facilidade de mudar a forma de combater faz com que o oponente não saiba qual tipo de regra de engajamento usar e como melhor organizar suas tropas.

#### 6.2.35 Atuar com ações de segunda intenção

Os movimentos insurrecionais estudados, assim como as linhas de pensamento revolucionárias vistas, tem em comum o fato de possuírem elevada consciência política dos seus atos. Uma ação militar raramente teria um fim puramente militar para o guerrilheiro. Uma emboscada serve para reduzir o poder militar do oponente, para obter material capturado, para desmoralizar o governo e para aterrorizar as tropas. Talvez o insurgente veja a desmoralização como vetor mais forte nessa pequena ação. A própria emboscada pode servir como pano de fundo para ações psicológicas e de comunicação estratégica.

Outras ações poderão buscar aparentar ter a finalidade militar, mas no fundo são planejamentos mais elevados sendo sincronizados para atingir efeitos relevantes para o esforço de guerra.

#### 6.2.36 Saber qual é a guerra que a força inimiga se preparou para lutar e também aquela que ela não se preparou para lutar

Mais uma vez a fator citado pode encontrar amparo no modo de atuação do Hezbollah. Após estudar a IDF, o Hezbollah havia constatado que existia um padrão de atuação nas forças armadas israelenses. Com a prática adquirida nos embates contra o Hamas, a IDF havia se especializado em operação de baixa intensidade, com suas formações bem dispersas no terreno. O equipamento em uso dispensava o emprego de formações blindadas e exigiam pouca coordenação com a artilharia, haja vista se tratar de embates similares ao que o Exército Brasileiro chama de garantia da Lei e da Ordem. Sabedores disso, os integrantes do Hezbollah atuaram para escapar dos pontos fortes das IDF e buscaram atuar em táticas que não fossem as características mais fortes IDF.

Tropas com forte tradição em campanhas regulares terão a mesma dificuldade de adaptação. Tal observação, naturalmente, vale para os momentos iniciais de um conflito. O exemplo da Líbano em 2006 é válido pois os embates duraram poucas semanas. Em caso de guerras prolongadas, o exército terá tempo para avaliar suas ações e repensar sua doutrina de emprego. Caberá ao insurgente, então, dar outro passo nessa corrida pela iniciativa das ações e pela primazia da inovação doutrinária, deixando ao seu oponente a tarefa da adaptação exclusivamente adaptativa.

#### 6.2.37 Busca pela descoberta de armas “neoconcepcionais” e na reinterpretação do que pode ser usado como arma na insurgência

Esse é um pensamento que não está presente em casos históricos ou nas entrevistas, mas foi apresentado no pensamento da Guerra sem Limites. A busca por usar coisas que não são armas para um fim de guerra não é novo e já foi revolucionário em alguns momentos da história (vide o emprego de aeronaves comerciais como armas no caso do 11 de Setembro). A proposta do insurgente, então, deve ser olhar para itens da vida normal como armas para a sua guerra, mesmo que isso não implique em reavaliar esse conceito de armas.

Falhas em sistemas vitais como redes de comunicação, redes bancárias, distribuição de água, coleta de lixo entre outros trarão um impacto que escapará de uma resposta militar.

#### 6.2.38 Terrorismo seletivo contra alvos psicologicamente selecionados

Ainda que o terrorismo possa envolver eliminações como as já descritas, o presente tópico é direcionado para ações em larga escala contra alvos que vão além de uma pessoa. Normalmente serão praticados contra instalações ou agrupamento de pessoas.

Em função do impacto a ser obtido, alvos como escolas, restaurantes, estações de transporte, meios de transporte, concentrações de pessoas, igrejas podem ser elencados. Via de regra, ações que envolvam explosivos, comburentes de alto valor calorífico, armas químicas, armas biológicas, terrorismo estilo “comandos” (como a ação terrorista em Mumbai ou a ação do El-Shabab contra o Shopping Center em Nairóbi) ou qualquer outro meio de causar baixas em grande

número podem ser usadas. O importante será a obtenção de surpresa, aleatoriedade nas baixas e alto impacto psicológico causado pela morte ou ferimento de grande quantidade de pessoas.

O reflexo desse tipo de ação no público não deixa de ser ambíguo, pois causa pânico mas também causa ódio e vontade de vingança. Se o Estado alvo da ação tem condições de devolver a afronta, certamente sua população vai clamar por uma resposta a altura. Caso o estado seja fraco, a sensação de impotência será generalizada.

O momento da seleção da ação terrorista também é chave. A doutrina do Hezbollah sinaliza para esse momento. Quando o movimento insurgente está iniciando as suas ações, quando ele ainda não é conhecido e respeitado, a opção pelo terrorismo pode ser interessante, pesados os fatores já mencionados. Posteriormente, em uma fase em que o grupo deseje ampliar seu leque de ações, será importante reduzir o número de ações de extrema violência como forma de obter maior aceitação perante o público interno e perante a opinião pública mundial.

Outro exemplo estudado de como o terrorismo pode ser empregado em um momento no qual o grupo insurgente está momentaneamente fragilizado foi o caso dos chechenos e suas ações terroristas feitas na Rússia. Eles desejavam mostrar para o seu público que a luta ainda estava em andamento e que eles eram capazes de levar a luta até a casa do seu oponente. Ainda que o governo russo tenha suportado as ações, a opinião pública russa começou a questionar as razões da luta naquela república afastada que trazia consigo a desgraça do terrorismo para dentro do seu território.

Nas entrevistas realizadas, os entrevistados paquistaneses confirmaram que o terrorismo seletivo causa impacto forte sobre a população pois a perspectiva de morte violenta e aleatória oprime o povo e o faz questionar a real capacidade do Estado de protegê-lo.

#### 6.2.39 Diminuição do ciclo de tomada de decisão

Comparativamente com o oponente regular, o insurgente deve buscar ser superior em atributos de desequilíbrio. O ciclo de tomada de decisão é uma oportunidade de fazer isso.

Os exércitos trabalham dentro do ciclo criado por John Boyd chamado de “Ciclo OODA”, que vem a ser a sigla para Observar, Orientar, Decidir e Agir.

Ele é um modelo que propõe o ciclo de decisão do comandante nos pontos acima citados para prover velocidade e eficiência.

*Observar* significa recolher as informações atuais através de todas as fontes possíveis e disponíveis.

*Orientar* significa analisar a informação recolhida e utilizá-la para atualizar a sua realidade

*Decidir* significa decidir o curso da ação

*Agir* significa implementar a sua decisão.

O ciclo continua através da observação dos resultados das suas ações: verificando se atingiu os resultados que desejava, revendo a sua decisão inicial e avançando para a próxima ação.

Na visão de Boyd, o inimigo seria como um sistema que age através de um processo de tomada de decisões com base nas observações do mundo em redor. Para orientar o sistema para ameaças percebidas, o inimigo iria observar as circunstâncias que acontecem e reunir informações externas. A fase de orientação do ciclo é o passo mais importante, porque se o inimigo percebe as ameaças erradas ou percebe de forma errônea o que se passa no ambiente que o rodeia, irá orientar o seu pensamento (e forças) nas direções erradas e, em última instância, tomar decisões incorretas.

Para o insurgente, sabendo que o oponente opera segundo essa lógica, é importante abreviar o seu ciclo, tornando as suas próprias etapas menos demoradas ou até mesmo dispensáveis. Enquanto o comandante da COIN precisa, ao obercar a situação geral, levantar suas obrigações, necessidades, imperativos, oportunidades e limitações, o insurgente deve simplificar esse raciocínio. Para ele não devem haver obrigações pois ele luta sem enquadramento em leis, regulamentos ou compromissos. Suas necessidades devem ser satisfeitas com o mínimo de logística clandestina possível, pois disso depende sua sobrevivência. Os imperativos de sua ação são aqueles que estão na intenção do comando revolucionário e ele deve traduzí-los para sua célula local em ações simples e rápidas. O estudo das oportunidades é o ponto onde o insurgente deve se debruçar para aproveitar o melhor que puder as chances de

aplicar seu limitado poder militar de forma concentrada e letal. Fim, as limitações de uma ação insurgente devem ser vistas como as qualidades para desequilibrar o balanço de poder.

Figura 23 – Ciclo “OODA” de Jonh Boyle



Fonte: Adaptado pelo autor a partir do Ciclo “OODA” de Jonh Boyle

Fonte: Adaptada pelo autor a partir de Berndt Brehmer em [http://dodccrp.org/events/10th\\_ICCRTS/CD/papers/365.pdf](http://dodccrp.org/events/10th_ICCRTS/CD/papers/365.pdf)

As fases correspondentes à orientação e a decisão são passíveis de aceleração na insurgência. A estrutura de redes permite que as células operativas tenham plena capacidade de realizar o ciclo, independentemente de interferências do escalão superior. Assim, aqueles que identificam a possibilidade de ação são os mesmos que a planejam e são os mesmos que a executam. Da mesma forma são eles que verificam o resultado da ação e põem tirar as suas próprias lições aprendidas para aplica-las, mais uma vez, sem a formalidade da estrutura militar.

### 6.3 Evolução doutrinária da Contra Insurgência

Do emprego de tropas sem uma fundamentação teórica sobre o que fazer em casos de contra insurgência até o aperfeiçoado Manual FM 3-24, os exércitos buscam melhorar seus princípios de combate para esse tipo de guerra.

Como doutrina direciona os esforços sobre como solucionar situações problema para as tropas militares, é difícil falar nesse tipo de conhecimento para



combater um inimigo que sofre tantas metamorfoses. Contudo, a questão é que recentemente o inimigo deixou de ser a variável de maior peso nesse tipo de luta. Percebeu-se que o povo deveria ser o alvo das maiores atenções, inclusive por parte das tropas de combate.

Essas conclusões não vieram apenas do estudo acadêmico. Vieram dos fracassos de grandes exércitos que não entendiam como o seu poder de fogo muito superior não conseguia obrigar o oponente a desistir da luta. Franceses, russos, norte americanos, britânicos, belgas e portugueses tiveram essas experiências, com desempenhos variáveis e às vezes incompreensíveis.

As lições aprendidas mostraram que o insurgente era um adversário que sabia se aproveitar de sua inferioridade em efetivos e material, que sabia o real valor do conhecimento do terreno e da importância de contar com o apoio da população. Com isso as doutrinas de emprego que até então buscavam apresentar fórmulas militares para cerco e destruição dos insurgente passaram a se preocupar também em afastá-lo da sua fonte de apoio, que era o povo.

Quando se vê a evolução doutrinária da COIN, é notória a fuga recente de tentar estabelecer regras. Galula, Trinquier e Petraeus buscaram traçar princípios gerais que são mais adequados para acompanhar as diversas formas de atuação do inimigo. Vertentes modernas de atuação militar foram incorporadas como Operações de Informação, Operações Centradas em Efeitos e Operações Interagências na busca de estruturar uma solução que envolvesse todas as ferramentas disponíveis na doutrina militar para vencer o insurgente. Dessa maneira, as forças militares modernas possuem seu ideário calcado em flexibilidade, adaptabilidade, uso moderado da força, busca pela aproximação com a população, alinhamento com objetivos políticos inclusive nas pequenas ações.

#### **6.4 Práticas Contra insurgentes com indicadores passados de sucesso**

A seguir serão vistas quais são as práticas que estiveram presentes em eventos nos quais a COIN foi bem sucedida e que apontam para possibilidade de uso futuro em sintonia com o que se deseja de uma fora de COIN moderna.

#### 6.4.1 Interdição do apoio externo

É uma prática consagrada, ainda que seja de difícil consecução quando a insurgência ocorre em países com amplas fronteiras terrestres em anecúmenos. Dos casos estudados, Turquia, Serra Leoa e Senegal deram exemplos de como agir para isolar fronteira.

Além do óbvio cerco com tropas monitorando regiões de passagens, o emprego de aeronaves não tripuladas para visualizar e engajar os alvos também passou a representar uma nova capacidade muito temida por insurgentes.

Pressões políticas e diplomáticas sobre os vizinhos patrocinadores de movimentos é outra possibilidade de ação possível de ser realizada contra essa fonte importante de recursos para o oponente.

#### 6.4.2 Realização de operações tipo “*Tache D’huile*”

*Tache D’huile* é o termo em francês dado por Galula para a operação tipo *Mancha de Óleo*. Essas operações, conforme discutido anteriormente, estabelecem que a tropa contra insurgente deve isolar a área onde se sabe que o insurgente se baseia. A partir daí serão desenvolvidas ações de busca no interior da área isolada para localização exata do inimigo. Uma vez localizado, o inimigo deve ser decisivamente engajado por forças de elevada mobilidade. Após a destruição dos insurgentes no interior da área isolada, tropas estáticas são inseridas no local para ficarem junto às concentrações populacionais e para prosseguir na busca por outros insurgentes que tenham permanecido na área. Só então o cerco será retirado e outra “*Mancha de Óleo*” será estabelecida em outro local com o mesmo procedimento.

Tais operações são efetivas, mas exigem meios consideráveis e grandes quantidades de tropas. Sem esses itens, tal operação não apresentará resultados pois a saturação da área com soldados da COIN não ocorrerá e o insurgente terá liberdade para escapar das tropas móveis e de ultrapassar o cerco estabelecido.

#### 6.4.3 Realização de Operações de Informação.

Da mesma forma que foi destacado no caso da insurgência, as Op Info são mecanismos eficazes para reduzir a capacidade de comando do inimigo e para influenciar públicos.

A COIN tem a vantagem tecnológica de possuir meios de guerra eletrônica, de guerra cibernética, de inteligência de sinais, de inteligência de imagens, de Op Psc, de assuntos civis e de comunicação social. Todos eles, quando agindo de forma sincronizada podem produzir efeitos excelentes.

Por outro lado, a estrutura militar é lenta para identificar oportunidades e aproveitá-las pelas Op Info porque estão atreladas à necessidade de aprovação em diversos escalões de decisão para iniciar a ação. Em alguns momentos a oportunidade será perdida por essa letargia. A incógnita de como otimizar as Op Info militares está em descobrir como fugir desse retardo auto imposto.

#### 6.4.4. Estabelecimento de Equipes de Reconstrução Provincial

Trata-se de um modelo norte americano em uso no Afeganistão. Tais equipes são a evolução do processo de pacificação/estabilização. Após a força militar tomar a área e estabelecer a segurança local, equipes governamentais multi disciplinares atuarão em áreas como saúde pública, segurança, assuntos militares, educação, agricultura, diplomacia, infraestrutura e governabilidade para apoiar os governos locais a voltarem a se desenvolver. É passada a expertise nesses assuntos dos integrantes da administração norte americana para os administradores provinciais afegãos. Recursos são disponibilizados para que os projetos iniciais comecem a funcionar. Essa ajuda é vital para áreas tribais onde a presença do estado nunca foi verdadeiramente sentida além da cobrança de impostos.

Existem ainda dificuldades nesse sistema devido à corrupção local e às ingerências do Talibã para boicotar o programa, mas é fato que as populações locais se sentem mais amparadas pelos esforços dos *Provincial Reconstruction Teams* (PRT). Esse modelo, aperfeiçoado para outros locais onde a insurgência ocorra, pode se tornar uma resposta mais efetiva para vencer os rebeldes.

#### 6.4.5 Ensino militar específico para a COIN

A formação de recursos humanos mais aptos a enfrentar o combate de COIN vem sofrendo evolução constante. Países como os EUA, Paquistão, Peru e Colômbia montaram escolas específicas para treinamento e especialização de efetivos nessa área.

Com instrutores dedicados a esse estudo, com a possibilidade de estudar as lições aprendidas de seus países e com a possibilidade de verificar a doutrina de outras nações para enfrentar a insurgência, os militares tem melhores condições de ter um desempenho elevado em combate. Além disso, as tropas selecionadas para seguirem para as áreas de conflito passam por programas de treinamento coletivo onde são ambientadas às últimas informações sobre o inimigo e sobre a situação que irão enfrentar.

Esse é um fator evolutivo de progresso na COIN, principalmente se comparado com os inexperientes efetivos de tropas que foram enviadas para combater insurgentes como os militares de Cuba na luta contra Fidel Castro ou como os primeiros soldados soviéticos a seguirem para o Afeganistão para enfrentar os experientes mujahadeens.

#### 6.4.6 Proteção da população

Certamente se trata de um fator que sinaliza evolução na conduta contra insurgente. Se antes a população não tenha relevância para a luta e era alvo de ações de represálias e punições coletivas, modernamente os maiores esforços da COIN são dirigidos para ela.

A proteção da população significa permitir que ela continue sua vida normal sem a possibilidade de contato ou de assédio pelo oponente. Tem uma conotação dupla e pode ser entendida como salvaguarda da população face ao oponente como também significa guardá-la para si mesmo.

Essa proteção é feita, conforme o relato das ações no Iraque e Afeganistão pela presença constante da tropa em atitude de patrulhamento ou de verificação de movimento nas cidades. Não são mais frequentemente realizadas as ações de deslocamento da população para campos protegidos, como ocorreu na Malásia sob a COIN britânica, nas Filipinas ou na Turquia. A tropa controla acessos, escolta comboios e garante que os insurgentes não façam atividades contra os civis em represália pelo apoio dado à COIN. Além disso, é estimulado o contato direto entre lideranças locais e comandantes militares para que possam ser resolvidas questões de interesse comum. Passa a existir maior confiança e empatia, o que contribui efetivamente para afastar a presença insurgente.

#### 6.4.7 Maior controle no emprego de força letal

Segundo a entrevista com um dos colaboradores norte americanos, quando faltam efetivos nas áreas a serem controladas, muitas das vezes as ações de combate precisam ser resolvidas por fogo indireto. Artilharia ou morteiros irão, nesse caso, disparar para aliviar a pressão sobre soldados que estejam em uma troca de tiros ou que tenham identificado a presença inimiga e queiram obter vantagem tática no engajamento por meio de acréscimo de poder de fogo. Isso é natural. Os militares são treinados para isso e o apoio de fogo indireto é usado para aumentar o seu poder relativo de combate.

No entanto, o uso desse expediente direciona fogo impreciso contra alvos que estejam próximos de vilarejos ou mesmo no interior deles. É natural, ainda que altamente indesejado, que ocorram danos colaterais causados pelas granadas de artilharia e de morteiros.

Em face dessa constatação, o emprego de fogos indiretos foi disciplinado para situações que realmente necessitem desse tipo de intervenção e mediante uma identificação positiva do alvo e da ausência de civis que possam ser engajados involuntariamente pela COIN. Da mesma maneira os pedidos de fogo aéreo são avaliados quanto a possibilidade de que haja algum dano não planejado.

#### 6.4.8 Emprego de alta tecnologia nas Operações de Inteligência

Existem meios tecnológicos de grande efetividade que podem ser usados para desbaratar as estruturas em rede do insurgente. O monitoramento de redes de comunicação, o acompanhamento de fluxos de capital, o escaneamento financeiro para identificar de doações suspeitas e a identificação de movimentações de recursos de pessoas ligadas aos grupos insurgentes são alguns dos exemplos de capacidades que a COIN possui para rastrear inimigos para poder eliminá-los ou captura-los. Investimentos nesse setor são plenamente justificáveis e apresentam resultados em pouco tempo.

Essa é uma capacidade para a qual a insurgência não tem nenhuma medida ativa de proteção ou de contra ataque. Ao rebelde só resta diminuir ao máximo a sua visibilidade e se valer de meios cada vez mais restritos para se comunicar e para mover as finanças necessárias ao seu movimento.

#### 6.4.9 Implantação de programas de Desmobilização, Desarmamento e Reinserção (DDR)

Historicamente se trata de um processo antigo, contudo muitas vezes negligenciado por alguns governos. O DDR possibilita que insurgentes tenham a oportunidade de deixar a luta armada em troca de algumas vantagens oferecidas pela COIN. Normalmente é ofertado o perdão de crimes cometidos pelo guerrilheiro, é dado um valor em dinheiro pela entrega do seu armamento, é providenciado um local para que ele fique alojado com sua família após abandonar a área de combate, é dado um programa de requalificação de algum serviço civil ou trabalho civil e ele é orientado para áreas onde ele possa ser empregado.

É fato que quando a insurgência está em um crescente de atividades, o DDR não recebe muitas adesões. Contudo, após reveses da insurgência, é normal que muitos queiram evitar a morte ou o aprisionamento para poder tentar sair da clandestinidade com alguma vantagem.

Tal programa contribui para reduzir o número de insurgentes, de armas utilizadas pelos rebeldes e pode também conseguir informações privilegiadas daqueles que desertam do movimento rebelde.

#### 6.4.10 Programas de recompensas por informações

Os programas de informações pagas apresentam uma boa taxa de sucesso. Quando são realizados em áreas com a presença de insurgentes que sejam violentos contra o povo, por exemplo, sua aceitação é grande. Os moradores, de maneira velada, conseguem passar informações para a força COIN e o esforço de busca de informações é acrescido com dados que permitem melhor triangulação para confirmar os dados obtidos pelos próprios meios de busca militares.

O valor da recompensa deve ser alvo de reflexão. Caso seja baixo demais a população pode achar que o risco que ela correrá em delatar insurgentes é muito baixo e não justifica o perigo. Por outro lado, se for alto demais, irá estimular informações falsas que serão motivadas pela ganância de oportunistas.

Um risco observado pelo autor é o de que a força de COIN pode ser alvo de manipulação por grupos menores ou pelos próprios insurgentes. Na observação pessoal do autor oriunda da experiência vivida em Port-au-Prince, grupos fora da lei que eram rivais passavam informações para a MINISTAH no intuito de se livrar de concorrentes ou de inimigos. Com essas informações que chegavam de fonte não conhecida, era possível montar operações que redundavam no engajamento ou na prisão de elementos procurados pela Polícia Nacional do Haiti. Somente após algum tempo é que informantes confirmaram que os responsáveis pelas excelentes informações eram os próprios malfeitores de grupos rivais. Dessa forma, a COIN pode ser conduzida a agir de acordo com a vontade de um grupo para eliminar outro, sem que o delator tenha que usar seus meios para eliminar a “concorrência”.

#### 6.4.11 Fortalecimento das Forças Policiais

Como alvos prioritários das ações violentas dos grupos insurgentes, conforme visto nas entrevistas, as forças policiais sofrem baixas significativas e tem o moral repetidamente abalado. O reforço em pessoal e matéria não significa por si só a solução desse problema.

Programas como os relatados pelos entrevistados paquistaneses podem ser válidos para fortalecer esse importante grupo da COIN. Naquele país as Forças Armadas forneciam adestramento específico para o combate nas condições que a insurgência estava engajando os policiais. Donos de expertise em investigações e na condução de inquéritos, os policiais do interior possuem pouco conhecimento em como se portar em deslocamentos em áreas de alto risco, em como se portar em uma contra emboscada ou como empregar seu armamento de maneira mais eficiente.

Além do treinamento em táticas de combate, o repasse de armas mais adequadas ao combate contra os insurgentes (fuzis de assalto principalmente) as forças armadas paquistanesas também forneciam reforço em operações policiais. Nos locais mais perigosos, o exército cedia frações para acompanhar os policiais e para fornecer poder de combate maior no caso de ações de combate contra insurgentes que portassem armas mais pesadas que as da polícia.



Por fim, passou a ocorrer uma efetiva troca de informações para ampliar a eficácia na busca de alvos de alto valor e na pacificação de área conflituosas. Essa ação beneficiou ambos os lados, mas o exército teve um retorno mais amplo no momento que passou a ter acesso a vários dados que eram compartilhados até então. Pelo lado da polícia, várias ações que não podiam ser desencadeadas por falta de recursos passaram a ser realizadas pelos militares.

#### 6.4.12 Realização de Comunicações Estratégicas mais eficientes

Na busca por conquistar o apoio populacional, a COIN necessita ampliar as formas de contato e a qualidade das informações com o povo. Um fator de desgaste visto em casos históricos passados é a divulgação de dados maquiados ou mesmo falsos. Isso ocorreu em algumas fases da Guerra do Vietnã no momento de informar baixas inimigas e o sucesso em operações.

A qualidade nas informações vem da real expressão da verdade. Comunicações que versem sobre dados falsos serão descobertas e denunciadas. Como exemplo pode ser citada a contagem exagerada de viet cong mortos pelos americanos, que mais tarde foi alvo de contestação pública sobre sua veracidade e critérios para contagem.

O peso que recai sobre o Estado quando uma mentira que ele mesmo divulgou é muito elevado e não justifica o uso desse subterfúgio. Dessa forma, a divulgação de dados fidedignos é uma orientação que os militares norte americanos no Afeganistão vem seguindo.

Quando os dados são manipulados, os profissionais de imprensa passam a descartar as informações oficiais, que são vistas como mentirosas. Os repórteres passam a realizar sua própria busca de dados, abrindo frentes polêmicas que seriam de pouco interesse da força armada em divulgar ou discutir.

A maior velocidade da informação e a oferta de produtos mais interessantes do ponto de vista midiático (como os produzidos pelo *combat cameras*) são novas tendências da ISAF que tem estabelecido melhor contato com a mídia e melhor divulgação dos produtos desejados.

Por fim os canais de comunicação direta com a população ampliam as comunicações estratégicas, até pelo fato de não necessitarem de um interlocutor que dará seu juízo de valores. Tendo um canal para reclamar, sugerir, denunciar

ou meramente compartilhar aflições, a população se sente realmente próxima das tropas e passa a ver que esse tipo de relacionamento é vantajoso para si mesma.

#### 6.4.13 Envolvimento de setores da administração civil na COIN

Uma falha repetidamente vista é a de atribuir apenas ao poder militar do Estado a responsabilidade por resolver problemas que estão muito além de suas capacidades. Quando uma ameaça ao Estado se configura, é importante que toda a estrutura do poder se mova para enfrentar a ameaça.

O caso da luta contra o Sendero Luminoso no Peru mostra como, enquanto a luta esteve apenas nas mãos dos militares, o oponente era engajado, mas as causas da luta continuavam existindo. Quando o Estado entendeu que seu papel era vital para reverter o cenário negativo, a luta teve uma reviravolta definitiva e os insurgentes foram vencidos.

#### 6.4.14 Programas de Impacto Rápido

Os PIR já foram mencionados na análise de casos. Eles promovem ações que podem ser realizadas pelas tropas da COIN em suas Áreas de Responsabilidade. Unidades de valor batalhão podem realizar essas ações que mobilizam a comunidade local para resolver seus próprios problemas.

A tarefa da tropa será o de escutar a população para verificar qual serviço é o mais necessário. Após isso, moradores são selecionados para trabalhar na ação social e lhes é fornecido o material necessário (ferramentas e vestuário específico). O pagamento é feito no final da empreitada e os serviços mais comuns são os de restaurar escolas, realizar o recolhimento de lixo e participar de campanhas contra vetores de doenças locais (ratos e insetos).

Os riscos dos PIR são aqueles atrelados à seleção da população para o trabalho. Como é impossível dar trabalho a todos os voluntários, os que ficavam de fora se sentem excluídos e isso pode se transformar em ressentimento. A contratação de pessoal, portanto, deve ser feita por meio de um morador local, sobre o qual estará a responsabilidade de admitir e excluir voluntários.

#### 6.4.15 Aumento da legitimidade da COIN

Essa é uma ação clara do governo do estado. As ações realizadas pelo Estado devem ser orientadas para regularizar o estado de conflito que existe, pacificando a área e providenciando a sua volta à normalidade, com melhorias em relação à situação que motivou o início do conflito. As promessas do governo para sanar a crise devem ser perseguidas e executadas para que o povo volte a crer que os governantes merecem confiança e merecem seu apoio.

Às tropas caberá a tarefa de seguir as orientações e determinações do governo central. Diferenças entre o discurso oficial e o que os soldados fazem na “ponta da linha” são percebidas pelos moradores locais e isso contribui para reduzir a credibilidade dos dirigentes políticos.

Mais uma vez o estudo de caso e as entrevistas que citam o Afeganistão comprovam como essa tarefa de aumentar a credibilidade e a legitimidade do governo é relevante. Para as populações, é importante ver como o poder central de Kabul pode oferecer justiça, segurança, infraestrutura, saúde e democracia, dentre outras vantagens para o próprio morador. Ao perceber tais benefícios, o morador das áreas sob ação do Talibã, deverá concluir que existe a promessa de um futuro melhor nas mãos do governo afegão, e não nas mãos do Talibã.

#### 6.4.16 Estabelecimento de Grupos de Auto Defesa (GAD)

Os já mencionados GAD são ferramentas de grande valor, quando controladas e apoiadas pelo governo. Eles permitem economia de tropas nas funções estáticas de segurança, permitem engajar a população na luta pela sua liberdade e pela defesa da sua morada e permite afastar o insurgente do livre acesso às populações. Seu uso foi constatado em diversos casos históricos e foi mencionado também nos entrevistados.

Os GAD devem ser, contudo, apoiados em casos de necessidade, orientados sobre como realizar sua tarefa de defesa, supridos com armamento adequado para sua função e afastados de qualquer ação ofensiva.

Um dos entrevistados do Exército peruano citou que com a criação dos GAD o Sendero Luminoso perdeu em muito a capacidade de aterrorizar e amedrontar as pequenas vilas isoladas. No governo Fujimori, armas de caça foram dadas para os moradores e eles conseguiam afugentar incursões de

pequenos grupos dos insurgentes. Com a vitória da COIN, os GAD foram desmobilizados e desarmados. Tudo foi feito conforme as melhores práticas da teoria de COIN. Contudo, o Sendero ainda não estava totalmente eliminado e conseguiu se reerguer com a aliança com os narcotraficantes. A volta dos insurgentes pegou os moradores sem que eles tivessem meios de se defender dos antigos inimigos. O novo governo peruano preferiu não armar os moradores locais e pediu para que eles trabalhassem apenas como “vigilantes”. Esse abandono foi interpretado pelo povo como uma traição. Independentemente das razões políticas de não recriar os GAD, o povo só entendeu aquilo que lhe afetava diretamente: o governo se negou a permitir que eles se defendessem com armas dos antigos inimigos.

Com isso, é relevante destacar que o processo de criação dos GAD deve ser pensado sempre em longo prazo e nos impactos que eles trarão quando do seu fim.

#### 6.4.17 Respeito pelos Direitos Humanos e limitação do emprego de métodos violentos pela COIN

O respeito aos Direitos Humanos está diretamente atrelado com outros fatores já citados como legitimidade e proteção da população. A percepção do povo, e até do insurgente, de que as tropas atuam respeitando esses direitos faz com que sua atuação seja mais respeitada e defendida. O efeito sobre as tropas é o de aumentar a autoestima e o valor em combate.

Como exemplo histórico, os soldados de Fulgêncio Batista, em Cuba, atuavam sem respeitar os guerrilheiros capturados (eram justicados imediatamente) e nem a população suspeita de apoiar os rebeldes. Por outro lado, Fidel determinava que os prisioneiros deviam ser bem tratados e o povo devia ser ajudado. Em pouco tempo as massas passaram a preferir os revolucionários.

Além disso, a opinião pública internacional penderá para o lado que prefere lutar uma guerra suja com as mãos limpas. Somoza perdeu apoio nos EUA por causa de seus métodos taticamente eficazes, mas moralmente deploráveis.

Um bom exemplo de como provocar uma atitude superior da tropa foi o caso da campanha “*Fé em la Causa*” relatada pelo entrevistado colombiano. Tal

campanha conseguiu melhorar a atitude dos contra insurgentes em campanha e fez com que a população aprovasse a forma como as tropas atuavam na defesa do Estado Colombiano.

#### 6.4.18 População como Centro de Gravidade (CG)

Não existe dúvida de que a população é que deve ser entendida como CG em uma insurgência. O poder militar do insurgente já foi entendido como o CG em conflitos anteriores, mas os resultados finais não foram os melhores nesses casos.

Se todos os militares envolvidos nas ações da COIN tiverem a consciência de que suas ações sempre terão impacto sobre o povo e que elas devem ser avaliadas previamente para que o impacto não seja negativo, o alinhamento tático com o CG estratégico será um fator de ampliar a efetividade do esforço militar. Muitas das vezes o CG militar poderá ser distinto do estratégico, mas ações que só busquem atingir os insurgentes e não se preocupem com o que ocorre com a população não estão contribuindo para que o Estado Final Desejado político seja alcançado.

Essa é uma verdade que, apesar de ser inquestionável, não é sempre levada em conta. Seja por falta de ação de comando, seja por falta de adestramento para se adaptar a esse tipo de combate ou por diferença cultural, raros são os casos históricos que as tropas realmente souberam entender a vontade política de resguardar a população durante a caçada ao inimigo revolucionário. Ainda que nas entrevistas esse tópico tenha sido recorrente, as ações da COIN não foram sempre coerentes com a busca pelo CG Político.

#### 6.4.19 Desenvolvimento de mecanismos antiterroristas e contra terroristas

O terrorismo, pelas suas características inerentes, põe o estado em uma posição sempre defensiva. Para alterar essa postura, Estados como o Paquistão e os EUA criaram mecanismos de fazer com que essa atividade de eliminar o terrorismo tenha também ações pró ativas.

Cabe ao contra terrorismo essa responsabilidade de localizar, acompanhar e agir sobre um alvo que seja comprovadamente relacionado com o terrorismo.

Isso põe o terrorista em uma situação de permanente risco, pois sabe que existem elementos de inteligência que podem localizá-lo.

O antiterrorismo terá o papel de agir preventivamente contra infiltrações de agentes do terror ou a entrada de recursos e meios para essas ações. O monitoramento de transações financeiras suspeitas, o fechamento de estradas, portos e aeroportos para a entrada de itens necessários aos ataques (armas, explosivos, munições) e a vigilância perene em alvos clássicos de ataques (locais de grande concentração de pessoas) são medidas que visam a limitar as possibilidades do terrorista atuar livremente.

### **6.5 Confronto entre boas práticas insurgentes e respostas dos contra insurgentes**

Como última etapa desse capítulo de análise dos dados, será feita a comparação entre as virtudes de cada um dos lados envolvidos nas guerras de insurgência.

Esse trabalho foi feito para que fosse possível verificar em uma tabela as ferramentas vistas como indicadoras de sucesso para a insurgência e qual é a ferramenta (ou as ferramentas) também com indicadores de sucesso para a COIN anulá-la. Em alguns casos a COIN possui mais de uma forma de bloquear as ações do insurgente. Em outros casos não existe, no entender do autor, uma fórmula pré concebida que historicamente tenha sido aplicada com sucesso para ser considerada uma resposta eficaz para a ação do insurgente.

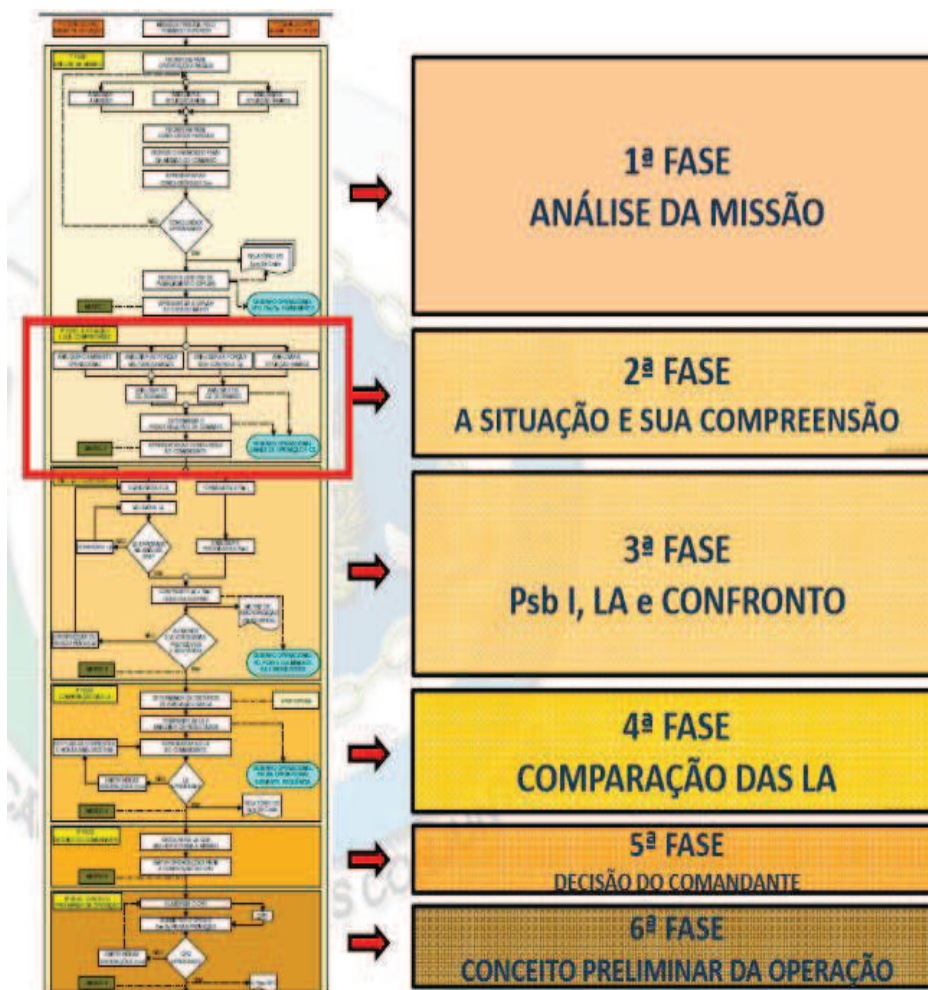
A resposta do lado oposto é uma estimativa de qual seria a atitude lógica esperada. Para se chegar a essa resposta lógica, valeu-se da doutrina, dos estudos de caso e das experiências dos entrevistados. Para fim de analogia, ambas as ações seriam feitas com alto nível de eficiência, sem avaliar desempenhos variáveis dentro do escopo de um país específico.

Para que fosse possível construir essa comparação, valeu-se do sistema de planejamento militar. A sistematização desse planejamento, no nível do Ministério da Defesa está consolidada no Manual MD30-M-01 Doutrina de Operações Conjuntas 2º Volume.



De maneira geral, esse planejamento segue etapas escalonadas para permitir a decisão final e um comandante militar. Diversos passos são necessários para se chegar a uma conclusão, mas para o estudo em tela, interessa apenas a etapa de

Figura 24 - Processo de Planejamento Conjunto segundo o Ministério da Defesa do Brasil



Fonte: Brasil (2011)

Dentro da 1ª Etapa do Processo de Planejamento Conjunto, existem seis Fases sequenciais que são demonstradas na Figura 21. Ao estudo em tela, interessa a 2ª Fase dessa 1ª Etapa, que está destacada em vermelho na Figura 21. Nessa fase é realizado o estudo do inimigo para que seja possível identificar as suas fraquezas e seus pontos forte.

De acordo com o MD 30-M-01, para se estudar os Fatores de Força e fraqueza, deve-se levar em conta o seguinte:



#### 2.3.13.2.2 Fatores de força e fraqueza

[...] 2.3.13.2.2.2 Para que um fator de força, ou de fraqueza, seja válido será preciso que indique uma capacidade ou incapacidade, ou mesmo uma facilidade ou dificuldade de qualquer dos oponentes para atingir o(s) seu(s) efeito(s) desejado(s).

2.3.13.2.2.3 Os fatores de força do Comandante, e os de fraqueza do inimigo, constituirão pontos fundamentais a serem explorados na elaboração das linhas de ação e do conceito da operação. Recomenda-se o uso de tabelas para a discriminação dos fatores de força e de fraqueza levantados para cada força oponente. (Brasil, 2011)

Dessa forma, a adaptação da metodologia de planejamento militar para o estudo em andamento é a de comparar as ferramentas de sucesso do insurgente que historicamente se mostram válidas com as possíveis respostas que a história indica que a COIN possui. O resultado final será uma relação entre capacidades que põem ou não ser contrabalançadas com o pensamento atual da COIN.

## 6.5.1 Boas práticas insurgentes e suas respostas pela COIN

Tabela 20 – Quadro comparativo entre boas ações da insurgência versus resposta esperada da COIN

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Terrorismo seletivo	Desenvolvimento e atuação de forças Contra Terroristas (pró ativas) e Anti terroristas Intensificação de Operações de Inteligência	-A estruturação de grupos terroristas em redes, sua compartimentação e sua contra inteligência de alto nível ainda permitem que esses grupos atuem em favor de insurgências com baixo perfil. Historicamente ainda não existe uma resposta estatal eficiente ao ponto de fazer com essa ferramenta deixe de ser altamente favorável ao seu emprego pelos insurgentes. -A contenção dos impactos psicológicos desse tipo de ação também não atingiu um patamar que permita à COIN reverter seus efeitos sobre a população. Psicologicamente é uma das armas mais eficazes que o insurgente pode empregar para mostrar força e resiliência. <b>Há razões para crer que seja uma ferramenta insurgente em expansão nos próximos conflitos.</b>
WHAM Operations feita pelos Insurgentes com perfil baixo	WHAM Operations feitas pelos Contra Insurgentes	A assimetria de forças se projeta também nesse tópico. As novas estratégias de atuação da COIN, que são centradas na população, tendem a ocupar um espaço que era exclusivo dos insurgentes. Existe uma probabilidade considerável de que boas práticas da COIN em WHAM consigam cooptar o apoio popular no longo prazo devido à fartura de recursos e a possibilidade de agir ostensivamente. Nos eventos insurgentes com características extremistas, essas práticas contra insurgentes talvez não surtam efeito, uma vez que a motivação rebelde é alta. Todavia, ainda assim podem rivalizar com o rebelde. <b>Há razões para crer que as WHAM Operations sejam uma ferramenta insurgente com efetividade um pouco menor do que a do seu oponente nos conflitos vindouros. Contudo, são ferramentas de grande validade quando a COIN não está presente ou sua atuação é fraca.</b>
Aproveitamento de diferenças culturais entre COIN e população	-Adestramentos e formação militar voltada para reduzir distância cultural com a população. -Lideranças na COIN com melhor orientação para respeitar diferenças culturais	-Conforme exista uma diferença significativa entre as culturas do contra insurgente e do morador local, é muito complicado para uma força armada conseguir superar essa barreira. Em situações de normalidade, essa redução de diferenças até pode ocorrer. Contudo, em situação de crise, a tendência é de que tais diferenças sejam aumentadas e sejam a razão de vários problemas. -O insurgente pode buscar alienar a população da COIN por meio de campanhas que destaquem a diferença de ideais, de motivações, de crenças e de unidade de pensamento motivados pela diferença cultural. <b>Há razões para crer que a diferença cultural seja cada vez mais explorada pela insurgência, e que a COIN encontre cada vez mais dificuldades em reduzi-las.</b>

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Ataques seletivos contra funcionários administrativos do Estado	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Proteção de autoridades</li> <li>-Incremento de medidas de segurança pública</li> <li>-Uso de Op Psc para explorar a violência dos insurgentes</li> </ul>	<p>-Efetivamente é impossível para a COIN proteger todos os alvos que interessam os insurgentes. Em algum momento, essas pessoas estarão vulneráveis a ações violentas. Por mais impopulares que sejam essas eliminações, o impacto e a mensagem que elas trazem é enorme. Todas as medidas que a COIN possa tomar no presente ainda sinalizam apenas para amenizar o quadro negativo.</p> <p><b>Há razões para crer que os ataques e eliminações seletivas são ações dos insurgentes que não podem ser mitigados ou anulados pelos contra insurgentes e que devem continuar sendo empregados no futuro.</b></p>
Ataques seletivos contra forças policiais	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Treinamento, equipamento e assessoramento das forças policiais para torná-las mais eficientes.</li> </ul>	<p>Como alvo preferencial de insurgentes, as forças policiais foram severamente castigadas e desmoralizadas em confrontos passados. Seu papel na COIN é de grande importância, pois elas é que trazem e ampliam a sensação de segurança. As ações adotadas recentemente para ampliar a efetividade da polícia no sentido de se defender dos ataques insurgentes oferecem boas condições para que essa assimetria seja reduzida.</p> <p><b>Há razões para crer que os ataques contra forças policiais continuem sendo realizados pelos insurgentes, mas a melhoria qualitativa dessas forças tende a torná-las menos vulneráveis.</b></p>
Controle das massas	<ul style="list-style-type: none"> <li>-WHAM Operations</li> <li>-Operações móveis para retomar as áreas dominadas pelo insurgente</li> </ul>	<p>Perante um território e uma população que estejam sujeitos ao controle inimigo, o tempo corre contra a COIN. Quanto maior for o tempo durante o qual aquele povo estiver sujeito a gestão e ao controle do rebelde, menor será a capacidade de reverter o controle de massas feito pelo insurgente.</p> <p><b>Há razões para crer que as insurgências continuem buscando o controle das massas, mas a COIN tem ferramentas eficazes para reverter esse controle.</b></p>
Subversão	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Operações de inteligência com elevado suporte tecnológico para identificar agentes subversivos</li> </ul>	<p>Devido ao caráter subterrâneo da subversão e da sua virulência quando alcança setores descontentes da sociedade, é muito difícil para o governo agir repressivamente sem que os reflexos da repressão não sejam nocivos para a sua própria imagem. A solução para o governo é localizar agitadores e outros membros das células das forças subterrâneas, mas, mesmo com elevada tecnologia e com muita inteligência humana, trata-se de tarefa das mais difíceis.</p> <p><b>Há razões para crer que a subversão continuará sendo uma arma praticamente sem resposta por parte dos governos caso os insurgentes abram mão de meios tecnológicos para realizarem suas funções. Caso optem por disputar uma corrida tecnológica com a COIN, a sua eficácia será muito baixa.</b></p>

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Infiltração de insurgentes nas forças militares	-Seleção criteriosa dos quadros e de recrutas	<p>A infiltração tanto pode ser feita para promover doutrinação no interior das forças armadas, como também pode ser feita para que os infiltrados ajam no sentido de prover meios e informações do interior das unidades (roubo de material, desvio de dados relevantes). Mesmo com processos de contra inteligência para filtrar essas pessoas quando da admissão nas unidades militares, sempre haverá a possibilidade real de que ocorram falhas.</p> <p><b>Há razões para crer que a ocorrência de infiltrações nas forças armadas prossiga como arma da insurgência valendo-se da dificuldade do governo em identificar os agentes insurgentes que realizam essa atividade. Novos processos de contra inteligência, contudo, dificultam a realização dessas infiltrações em larga escala.</b></p>
Rapidez em aplicar mudanças doutrinárias em função de experiência própria	-Busca por acompanhar as mudanças doutrinárias da insurgência no menor prazo possível	<p>A flexibilidade de adaptação doutrinária da insurgência é amplamente superior à capacidade de evolução de uma força armada. Cadeia de comando menos verticalizada e informalidade na transmissão de conhecimentos adquiridos aceleram as evoluções das formas de agir da insurgência.</p> <p><b>Há razões para crer que a COIN não conseguirá ter evolução doutrinária e de lições aprendidas de maneira mais rápida do que a dos insurgentes. A informalidade do insurgente ajuda muito na sua capacidade de adaptação.</b></p>
Estrutura em rede	-Busca por incrementar ações de inteligência para desfazer a rede insurgente.	<p>A estruturação em rede oferece grande proteção para a insurgência, especialmente quando o oponente tem meios eficientes em inteligência humana, de sinais e de imagens. A queda de uma célula perante a COIN não significa o comprometimento de outras células. As ordens são poucas e a operação se faz por meios de poucas mensagens que evitam os meios de detecção tradicionais. As movimentações financeiras são pequenas e normalmente tem caráter legal para encobrir o seu destino real. A obtenção de fundos busca ser feito por doações ou realiza parcerias com estruturas clandestinas tradicionais (crime organizado).</p> <p><b>Há razões para crer que a estrutura em rede dos grupos insurgentes seja muito eficaz e termos de manter a sua clandestinidade, prolongando a capacidade da insurgência de permanecer a salvo da inteligência da COIN.</b></p>
Postura híbrida em ações irregulares e regulares	-Necessidade de doutrina que seja montada em capacidades operacionais múltiplas -Evolução doutrinária	<p>No momento que a insurgência apresenta a capacidade de migrar as formas de atuação no decorrer de um combate, a COIN também necessitará possuir tropas com essa capacidade. Contudo, essa capacidade é de difícil desenvolvimento para ambos, sendo que a insurgência, devido a dificuldade em adestrar suas frações em conjunto, terá mais problemas em atingir esse nível de adestramento.</p> <p><b>Há razões para crer que a postura híbrida por parte da insurgência seja buscada, mas as forças da COIN também podem alcançar essa capacidade, o que nivelaria o combate.</b></p>



Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Ampliação das possibilidades de recrutamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Aumento da presença das tropas em vilas e localidades.</li> <li>-Censo populacional efetivo</li> <li>-Atendimento aos pleitos da população e esvaziamento da motivação rebelde</li> </ul>	<p>O número de voluntários é proporcional à insatisfação da população. Se a causa rebelde for bem escolhida e potencializada, os recrutas chegarão ao movimento em quantidade suficiente para repor perdas e aumentar efetivos. A COIN deve atuar no sentido de controlar as populações e oferecer respostas ao pleito revolucionário. Esvaziando a causa rebelde, o número de voluntários para a luta armada deve se reduzir muito. A opção pelo recrutamento compulsório pode ser levada em conta, mas caracteriza a dificuldade extrema do movimento em trazer a população para o seu lado.</p> <p><b>Há razões para crer que o recrutamento é uma atividade sensível para o insurgente e que a COIN possui vários mecanismos para dificultar esse aporte de pessoal.</b></p>
Obtenção de apoio externo	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Ações diplomáticas para conter apoio aos insurgentes</li> <li>-Controle de fronteiras</li> </ul>	<p>Devido à extrema importância de obter apoio em outros locais, a COIN tem capacidade de empenhar esforços no controle de suas fronteiras, negando o acesso de material e pessoal para o interior do seu país. Nem sempre, entretanto, esse fluxo é totalmente estrangulado e alguns itens podem continuar a chegar até os insurgentes. A pressão diplomática, contudo, pode fazer com que o apoio cesse se o país patrocinador julgar que o risco político é grande demais para justificar sua continuidade.</p> <p><b>Há razões para crer que a obtenção de apoio externo será prioridade para a insurgência, assim como será prioridade para a COIN a sua interrupção. É de se esperar que a eficiência da COIN em bloquear totalmente o fluxo não seja atingida, mas severas restrições impostas pelo maior controle das fronteiras deve limitar a capacidade operativa da insurgência</b></p>
Estabelecimento de santuários a salvo das forças da COIN	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Ações tipo Mancha de Óleo para eliminar santuários</li> <li>-Operações de inteligência para localizar santuários</li> <li>-WHAM Operations para impossibilitar o estabelecimento de santuários</li> </ul>	<p>O santuário significa para o insurgente o espaço físico de repouso, recompletamentos, obtenção de recursos, recolhimento de impostos, local para ampliar doutrinação e controle das massas. A posse desses locais significa um avanço da fase de evolução da força insurgente. O próximo passo das áreas de santuários é se tornar uma área liberada, onde o governo insurgente deve se estabelecer.</p> <p>Para a COIN, a identificação de um santuário deve significar a imediata realização de uma operação de combate tipo busca e destruição para obrigar o insurgente a sair daquela área. Como forma de evitar que áreas sejam selecionadas para se tornarem santuários, a COIN deve realizar WHAM Operations para operar a população a não aceitar a presença insurgente nas proximidades.</p> <p><b>Há razões para crer que a estruturação de santuários em áreas remotas, de difícil acesso para a COIN e onde exista apoio da população continue sendo a opção dos insurgentes para seu estabelecimento. Áreas urbanas densamente povoadas e que tenham população de baixa renda podem oferecer santuários para forças subterrâneas menores. Também é de se esperar que a COIN aprimore seus mecanismos de localização e destruição de santuários.</b></p>

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Realização de Operações de Informação	-Realizar operações de informação em ciclo mais rápido e eficiente que os insurgentes	<p>Como já foi abordado, as operações de informação são armas de interesse de ambos os lados. Se por um lado a COIN possui mais meios, a insurgência tem maior flexibilidade e rapidez para planejar e divulgar produtos. Ambos os lados buscarão desmoralizar, retirar a credibilidade e quebrar cadeia de comando do oponente. O insurgente tem a vantagem de poder trabalhar mais mensagens que não sejam verdadeiras para atacar atitudes do inimigo.</p> <p><b>Há razões para crer que a realização de operações de informação ocorrerá em ambos os lados, mas a COIN terá maior vantagem no longo prazo pela posse de meios mais sofisticados (Guerra Eletrônica, Guerra Cibernética, Operações Psicológicas, Assessores Jurídicos e Equipes de Inteligência).</b></p>
Ampliar a luta para diversas frentes dos campos do poder	-Sensibilizar setores da administração pública para a necessidade de engajamento coletivo para vencer a insurgência	<p>O procedimento do insurgente de buscar a luta armada como forma de conquistar objetivos políticos continua atual. Contudo, os recursos dos estados e as doutrinas para enfrentar os insurgentes caminham no sentido de criar respostas cada vez mais eficientes para anular essa capacidade militar dos insurgentes.</p> <p>A busca por atuar em outras frentes parece ser a alternativa para fugir do cerco da COIN no campo militar. Engajar questões pertinentes a distribuição de riqueza, de reforma agrária, de melhor educação, de maior participação política popular são alternativas para que outros campos do poder tenham que apresentar soluções sob a pressão de uma luta armada e um interlocutor com motivação extrema. A sinergia entre setores governamentais deveria permitir que esses pleitos fossem rapidamente atendidos, mas esses setores governamentais não estão familiarizados a operar nesse tipo de cenário. Assim, o campo militar deverá ser apenas uma frente de luta do rebelde. Ele deverá atacar em campos psicossociais, econômico e político para engajar oponentes menos combativos do que os militares que se opõem aos seus esforços.</p> <p><b>Há razões para crer que a ampliação da luta para campos do poder alheios ao campo militar pelos insurgentes será a expansão natural dos conflitos assimétricos. Isso ocorrerá em função da tentativa de apresentar ao estado um problema que seja realmente global em termos de campos do poder, o que vai demandar soluções muito mais difíceis para implementar a COIN.</b></p>

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Alinhamento da causa insurgente com questões insolúveis para o estado	-Buscar atender os pleitos por meio de políticas que signifiquem uma solução de consenso	<p>No momento que o insurgente levanta bandeiras de uma ruptura total com a ordem vigente, não há alternativa de ação do Estado que não derrotar os insurgentes por meio do emprego da força ou realizando concessões que inviabilizem a continuidade do governo. Quando uma causa de independência nacional, de estabelecimento de um califado islâmico, ruptura total com a ordem vigente é proposto pelo insurgente, as concessões que poderiam ser feitas pelo estado dificilmente chegam a saciar o desejo de poder dos grupos rebeldes e da população que dá suporte aos revolucionários. Ou seja, ferramentas de eliminar a razão da luta com a manutenção do governo são pouco eficientes e o Estado se vê em uma situação de poder implementar principalmente ações repressivas, o lhe retira legitimidade.</p> <p><b>Há razões para crer que o alinhamento da causa insurgente com algo impossível de ser atendido pelo Estado, leva o poder central a uma situação extrema de ter que reagir usando força, uma vez que atender o pleito insurgente significa o próprio fim daquele governo. Esse emprego de força atende a intenção do insurgente de provocar a COIN a reagir de forma canalizada para a violência e sem ofertar soluções às questões principais da luta.</b></p>
Estrutura evolutiva do movimento insurgente em fases pré planejadas	-Enfrentar a ameaça insurgente o mais cedo possível para evitar seu fortalecimento	<p>Após o desenvolvimento do modelo maoista de estruturação das forças insurgentes, ocorreram algumas adaptações a esse pensamento, mas a essência evolutiva da insurgência se mantém. A resposta eficaz da COIN depende de identificar a gênese insurgente na sua fase mais antecipada possível. Movimentos que tenham se mantido clandestinos nas fases de recrutamento e obtenção de meios, serão muito mais difíceis de serem combatidos, oferecerão desgaste intenso ao governo e podem conseguir manter sua evolução.</p> <p><b>Há razões para crer que a forma estruturada de evolução gradual da insurgência se mantenha constante. A COIN, por sua vez, deverá investir cada vez mais no monitoramento de grupos de pressão para tentar identificar focos que queiram adotara a luta armada como opção de tomada do poder.</b></p>



Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
<p>Conhecimento do terreno físico e humano</p>	<p>-Criação de ferramentas da COIN mais aptas para operar no terreno humano.</p>	<p>O domínio do conhecimento no terreno físico é uma característica intrínseca para o insurgente. Disso depende sua sobrevivência e há algum grau de certeza em afirmar que não ocorrerá mudança nesse sentido. O conhecimento do terreno humano vem do natural convívio com o povo. A convivência, a observação local de longo prazo, a experimentação cultural e o debate com os moradores é que permitem esse conhecimento aprofundado do insurgente sobre o terreno humano.</p> <p>Em qualquer uma das frentes abordadas, a COIN está em desvantagem. Seja no conhecimento detalhado do terreno onde irá operar, seja na posse de informações sobre aspectos psicossociais da população. No terreno humano, a COIN passou a incluir entre os seus especialistas, aqueles que se dedicam a destrinchar os aspectos relativos a cultura, religião, sociedade e língua. Todavia, entre o estudo acadêmico dos costumes de um povo e a vivência pessoal no meio do povo, o insurgente se vale da vivência e acaba tendo maior efetividade.</p> <p><b>Há razões para crer que o insurgente deverá aprofundar as suas capacidades em dominar o conhecimento dos terrenos humano e físico. Ainda que a COIN busque minimizar a diferença de conhecimento, esse hiato é grande demais para ser reduzido apenas de maneira acadêmica.</b></p>
<p>Corrupção de setores vulneráveis do governo</p>	<p>-Políticas de controle interno para identificar possíveis recrutados -Contra inteligência</p>	<p>Tradicionalmente o insurgente trabalha no sentido de buscar se aproveitar das fraquezas do sistema que o enfrenta. A corrupção é uma vulnerabilidade que pode ofertar diversos bônus para os rebeldes e a COIN sabe disso. O controle desse tipo de problema é difícil. Por mais que o Estado invista em controlar seu pessoal, sempre haverá ganância, vontade de vingança pessoal e mesmo contribuição ideológica financiada que serão possibilidades de falhas na segurança orgânica. Em Estados falidos ou em países pobres essa questão poderá se tornar crítica. O recrutamento e os contatos com os corruptos seguem uma sistemática clandestina e em muitos casos o agente cooptado sequer sabe que está atuando em proveito de insurgentes, configurando o uso de inocente útil.</p> <p><b>Há razões para crer que a busca pelo recrutamento de corruptos é uma estratégia de sucesso da insurgência e deverá continuar sendo incrementada pelos insurgentes. A atitude da COI nesse campo é reativa e a eficácia de suas ferramentas ainda não é tão grande para solucionar a questão.</b></p>

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Sabotagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Aumento das medidas de segurança orgânica</li> <li>-Melhoramento da estrutura de contra inteligência</li> </ul>	<p>Com a finalidade de abalar o moral, causar prejuízos financeiros, ocasionar baixas e repelir investimentos, a sabotagem tem ampla utilização pelo insurgente. Vale lembrar que a sabotagem não pressupõe revelar o seu responsável, o que não deixa relação do ato com o insurgente. O seu risco de realização é baixo, o custo é mínimo e o engajamento de pessoal para perpetrar a ação se resume a um indivíduo em muitos casos.</p> <p>Para a COIN, entretanto, a sabotagem significa um tipo de ação extremamente difícil de ser evitada. A prevenção, de maneira inversa dos gastos e perdas que ocorre com a insurgência, exige muitos meios, grande efetivo em atividade de vigilância e inevitavelmente serão tomadas ações de restrição de liberdades individuais. Ou seja, por um custo muito baixo de realização, a insurgência consegue provocar uma reação de grande monta no seu oponente. Assim, a COIN se vê impelida a gastar recursos, perder popularidade e reduzir a boa aceitação da COIN junto a população.</p> <p><b>Há razões para crer que as ações de sabotagem prosseguirão ocorrendo pelo insurgente, buscando atingir alvos de valor econômico.</b></p>
Associação com crime organizado e Ações Indiretas por meios de grupos criminosos	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Investimento e fortalecimento da segurança pública</li> <li>-Engajamento de tropas militares para reforçar segurança pública</li> </ul>	<p>Ainda na mesma seara de ampliar o espectro do conflito, o insurgente pode se aliar a organizações criminosas buscando se valer de suas estruturas clandestinas, capacidade de contrabando de itens críticos e do dinheiro que pode advir desses grupos. Em troca pode fornecer segurança e capacitação em técnicas de combate para os criminosos.</p> <p>O fornecimento de treinamento e material de guerra para grupos criminosos em cidades grandes pode aumentar sua capacidade de enfrentamento perante as forças de segurança pública. Isso faria com que fosse possível o desencadeamento de ondas de violência que estariam além da capacidade das polícias em controlar. Isso demandaria o emprego de forças armadas já engajadas em lutas na COIN, retirando o foco do combate principal e aliviando a pressão sobre os insurgentes.</p> <p><b>Há razões para crer que o envolvimento do crime organizado com os insurgentes é uma capacidade que potencializaria a capacidade de enfrentamento face ao Estado. A COIN não possui ações preventivas para esse tipo de ação e teria que atuar em duas frentes críticas simultaneamente, dispersando o esforço principal e agindo apenas de forma reativa.</b></p>

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Criação de ONG para defesa de temas paralelos		<p>O uso de mecanismos legais para dificultar a ação do estado é uma estratégia de ação indireta claramente viável. No momento que ONGs passarem a questionar a atuação do estado dentro da legalidade, do respeito aos direitos humanos e no emprego correto dos recursos públicos, esses grupos estarão fazendo com que o número de limitadores seja muito alto e torne a luta menos fluida. Não se está defendendo que o Estado deva agir fora de parâmetros legais para ser bem sucedido, mas o fato de todas as ações serem vigiadas traz um desequilíbrio em relação ao insurgente. Para o rebelde não existe nenhum tipo de limitador ou controlador ético, financeiro ou ideológico. Isso lhe dá mais liberdade de ação.</p> <p><b>Há razões para crer que as a operação de ONGs para patrulhar a ação do Estado no COIN faça com que os insurgentes possam atuar com maior liberdade de ação do que o Estado. Além disso, a atuação dessas ONGs pode oferecer material para Operações de Informação contra a COIN, provando que o Estado age de maneira ilegal ou fazendo com que a legitimidade do governo questionada pela população.</b></p>
Priorização do setor insurgente mais promissor (guerrilha, força subterrânea, terrorismo)	-Adequação ao vetor que mostra oferecer maior oportunidade de sucesso para a COIN	<p>A estruturação histórica da COIN define um padrão clássico onde Forças de Guerrilha, Subterrânea e de Sustentação tem papéis distintos e complementares na luta irregular. Contudo, a tendência de luta em cidades ao invés do campo pode marcar uma primazia da luta pelas células subterrâneas. Ao invés de notícias de emboscadas e ataques em postos militares isolados do interior do país, a COIN pode se deparar com um cenário de terrorismo urbano, subversão intensa, sabotagem e eliminações seletivas. Para a atuação dos componentes armados rurais, ficariam apenas ações complementares e vocacionadas para dispersar os meios militares da COIN.</p> <p>Para a COIN, deverá haver a necessidade de interpretar onde está a ação principal do rebelde e atuar no sentido de anular esse vetor.</p> <p><b>Há razões para crer que as ações dos insurgentes serão mais vocacionadas para o espaço físico no qual ela tiver melhores condições de homizio, apoio popular e sucesso tático. As grande sociedades da atualidade são tão convidativas quanto as regiões afastadas e desabitadas onde operavam forças de guerrilha no passado.</b></p>

Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Condução da guerra prolongada	-Conscientização da população quanto a necessidade de se conduzir uma resposta de longo prazo para obter algum tipo de vitória.	<p>Como já abordado, o povo de um país não tem paciência política para patrocinar uma COIN de longa envergadura no tempo. Os gastos financeiros, as mortes e a violência são preços que as populações não estão dispostas a pagar por um prazo indeterminado. Essa é uma das grandes armas da insurgência. Essa fórmula de sucesso foi empregada no passado e continua sendo empregada na atualidade. O insurgente, com isso em mente, deve buscar levar a luta para a sua perenidade no tempo. Não deve haver urgência nas ações. Basta continuar atuando sempre e de forma segura. Isso só basta para corroer a vontade do inimigo de lutar por meio de uma opinião pública altamente desfavorável.</p> <p><b>Há razões para crer que a luta prolongada continue sendo uma arma insurgente sem resposta eficaz por parte da COIN. Ainda que seja possível tentar conscientizar a população sobre a necessidade de atuar ao longo do tempo para vencer o insurgente, a chance de que isso solucione esse problema é reduzida.</b></p>
Negação da batalha decisiva	-Buscar atuar no sentido de obrigar o insurgente a atuar defensivamente e de forma estacionária.	<p>Se o prolongamento da guerra é a chave para retirar o ímpeto inimigo, aceitar a batalha decisiva seria um erro grave do insurgente. Todo o esforço deve ser feito para que o rebelde não ofereça alvos que justifiquem a atuação concentrada do inimigo. A guerra em termos convencionais é altamente negativa para o guerrilheiro.</p> <p>Para A COIN, a alternativa é empregar ações do tipo Cerco e destruição em qualquer alvo de interesse que surja ao longo do combate. Um sistema de busca de alvos elaborado, inteligência de combate avançada e a existência de tropas com elevada mobilidade e letalidade podem atuar sistematicamente para caçar os focos de insurgentes e eliminá-los.</p> <p><b>Há razões para crer que os insurgentes não oferecerão oportunidade para batalhas decisivas enquanto isso não lhes for extremamente favorável quanto ao resultado final. A COIN deve buscar atuar de maneira a oferecer combate sempre que surgir oportunidade de obter alguma iniciativa, obrigando o oponente a se aferrar ao terreno e se defender.</b></p>



Prática Insurgente com indicador de sucesso	Possível resposta da Resposta da COIN que seja historicamente portadora de sucesso	Perspectiva de resultado possível
Atuações com ações de segunda intenção	-Correta avaliação da ação do oponente para identificar possibilidades que surgirão com a sua execução	<p>Como a motivação política é forte no insurgente, ele tem capacidade de observar o alcance e as oportunidades que surgem em função de ações eminentemente táticas. Por trás de um ataque pode haver a vontade de obter material para Op Psc. Por trás de uma ação terrorista suicida pode estar a intenção de provar que os insurgentes creem cegamente na sua causa e que não existe negociação para demovê-los de seu intento.</p> <p>A resposta da COIN a esse tipo de ação deve passar por um crivo dos reais objetivos políticos de sua própria ação, assim como o ganho que o insurgente poderá obter.</p> <p><b>Há razões para crer que os insurgentes devem aperfeiçoar cada vez mais a dinâmica de seleção de alvos para que possam conquistar vários objetivos (táticos, psicológicos e políticos) com um único golpe. A COIN deve agir no sentido de levantar quais são as suas maiores vulnerabilidades para ações que ofereçam ganhos múltiplos para o seu oponente.</b></p>
Emprego de armas neooncepcionais	-Possuir capacidade de atuação em cenários múltiplos, com forças de contingência em todas as frentes	<p>O uso de armas convencionais permite que o oponente ofereça respostas convencionais. O insurgente, como forma de surpreender e tentar equilibrar a relação de poder com a COIN, deve buscar surpreender com novas armas ou novas formas de usar velhas armas. Usar um sistema de distribuição de água como forma de levar algum tipo de doença para parte da população pode sobrecarregar o sistema de saúde pública. Cortes na energia elétrica nesse momento podem tornar crítico o atendimento ao povo. O encadeamento de efeito sobre efeito pode levar a COIN a uma situação de elevada desvantagem.</p> <p>A COIN deverá, então, ter capacidade de reagir a vários cenários desfavoráveis na forma de planejamentos antecipados para crises não militares.</p> <p><b>Há razões para crer que o leque de forma de atuação em campos não militares deve aumentar para levar o Estado a uma fadiga no emprego de seus meios.</b></p>
Buscar ciclo decisório mais rápido que o ciclo da COIN	-Acelerar seu ciclo decisório por meio de simplificação da cadeia de comando	<p>Conforme visto no Ciclo OODA, o insurgente deve se valer de sua informalidade e liberdade de ação dos comandantes de célula para possuir um ciclo decisório extremamente veloz. Com essa velocidade ele poderá analisar cenários, decidir e atuar em pouco tempo. Assim as oportunidades não passarão despercebidas e não deixarão de ser aproveitadas.</p> <p>Para a COIN o processo, ainda que possua mais meios de levantamento de dados, depende de decisões dos escalões superiores, a que cabe o entendimento operacional, estratégico e até político de ações das tropas.</p> <p><b>Há razões para crer que a assimetria em termos de velocidade de ciclo de atuação seja cada vez s ações de sabotagem prosseguirão ocorrendo pelo insurgente, buscando atingir alvos de valor econômico.</b></p>

Fonte: O autor

## 7. CONCLUSÃO

Insurgência e Contra Insurgência não andam lado a lado. Historicamente a iniciativa sempre coube ao rebelde, inclusive em termos de formulação de pensamento e de doutrina.

O insurgente tem a capacidade de idealizar, planejar e executar suas ações. Após isso ele tira as suas lições e avalia seu rendimento. Caso o procedimento aplicado seja bem sucedido, ele pode torná-lo um padrão e deve aperfeiçoá-lo para ser ainda mais efetivo nas ocasiões futuras. Somente nesse ponto talvez se possa dizer que surgiu um paradigma insurrecional.

O papel do contra insurgente é, desde a sua designação funcional, reativo por natureza. Ele não consegue antecipar as ações do oponente. Ele não sabe as técnicas e procedimentos que o rebelde usará. Ele não sabe onde e quando terá que atuar, muito menos sabe como deverá agir. O seu papel de desenvolver uma doutrina é extremamente complicado pois o contra insurgente precisa projetar quais são as capacidades que ele precisará no futuro, mas o futuro é um dado negado para todos.

Esse jogo entre gato e rato apresenta momentos nos quais o contra insurgente está próximo de atingir o estado da arte, ou seja, de fechar todas as saídas e conhecer todos os truques do seu oponente. Cabe ao insurgente, nesses momentos de apuros, a iniciativa de se reinventar e buscar adquirir habilidades inéditas e assim fazer o ciclo da guerra irregular ser reiniciado em condições favoráveis para si mesmo. Se o insurgente mantiver um estado perene de inovação e exploração dos sucessos obtidos, dificilmente as suas saídas serão fechadas ou seus truques poderão ser previstos pelo seu oponente.

O presente trabalho objetivou fazer um estudo amplo de como se comportaram esses dois jogadores ao longo da história. Percebeu-se que as doutrinas de contra insurgência se tratam de adequações do emprego de exércitos regulares para campanhas contra um oponente irregular. A base de pesquisa para pensadores como Galula, Trinquier e Petraeus era o estudo do seu oponente. Descobrir como ele age e quais são as suas intenções sempre foi a chave para obter as capacidades que tornariam o pensamento insurgente previsível e, portanto, passível de enfrentamento em igualdade de condições.

Passos importantes foram dados pelo contra insurgente quando ele percebeu que seu oponente não lutava apenas para matar soldados e explodir coisas. A descoberta de que o centro de gravidade do insurgente sempre foi obter o tão falado “apoio da população” permitiu que um novo rumo fosse dado para que as doutrinas insurgentes pudessem ser combatidas. O entendimento de que proteger o cidadão é tão importante quanto tirar rebeldes de ação provocou uma mudança significativa no pensamento da COIN. Esse pensamento se tornou doutrina a partir do momento que os escritores acima mencionados redigiram seus ideários e apresentaram o caminho do sucesso.

A história das guerras, contudo, não é escrita por quem redige as melhores doutrinas. Ainda que possuindo cartilhas prontas que ensinavam como combater contra os rebeldes, diversos países relutaram em aplicar tais ensinamentos ou simplesmente lhes faltou competência para seguir um programa de combate contra o rebelde. No Vietnã, Afeganistão, Cuba, Nicarágua, Chechênia, Kosovo e outras tantas os manuais de campanha estavam disponíveis e bastava que alguns militares os lessem para que a luta fosse mais eficaz. O que ocorreu então? Por que Golias insiste em perder a batalha para David, mesmo sabendo que o pequenino tem uma funda nas mãos?

A resposta parece simples: falta crença em que as técnicas previstas para vencer o oponente são eficazes. A atração compulsiva por empregar fogo concentrado, artilharia, aeronaves de alta performance parece impedir que o óbvio seja visto. O que deve ser feito é aniquilar as capacidades do oponente de conquistar ou ameaçar o povo a ponto de aterrorizá-lo e o forçar a atuar no proveito da causa rebelde. Além disso, qualquer outra ação será secundária, mesmo que pareça ser muito relevante.

O problema visto é que o insurgente entendeu isso. Os tempos de Mao Tsé-tung, quando o insurgente-peixe nadava livremente no meio do povo-água, evoluíram para pior. Hoje o contra insurgente sabe como secar esse mar de gente que era de onde o insurgente tirava sustento. Com essa constatação, novas mentes passaram a trabalhar para achar a saída. O Hezbollah, o Talibã, as FARC e os insurgentes kosovares trabalharam duro para entender como o seu apoio estava sendo retirado pelo oponente histórico. Atualmente o rebelde já sabe como fazer para o povo se volte contra aquele que deveria ser o seu protetor, ou seja, um novo ciclo de perseguição doutrinária está se iniciando.

Dessa maneira, o trabalho procurou isolar os fatores de força e fraqueza de ambos os lados. A revisão da literatura, os estudos de caso e as entrevistas somaram o pano de fundo no qual esses fatores foram destacados. Houve a percepção de que ambos os lados possuem ferramentas de grande validade e que mostraram sua eficácia seja na constatação de relatos históricos ou seja pela afirmação em primeira pessoa dos entrevistados.

Foi nesse momento do trabalho que foi feita a comparação entre o que a insurgência oferece de melhor e qual seria a capacidade oriunda de boas práticas da COIN que poderia afrontar a iniciativa do insurgente. Esse confronto foi feito seguindo os passos do Processo de Planejamento Conjunto proposto pelo Ministério da Defesa do Brasil, conferindo a tal análise uma base sólida no que diz respeito à fundamentação quanto a arte da guerra.

Exatamente por ser uma arte e não uma ciência, a guerra tem desejos próprios e pode não aceitar esse tipo de antecipação de resultado. Logo, é muito importante para o leitor entender que o alcance do trabalho é pouco ousado nesse sentido. O que é apresentado como resultado final é um juízo de



valores com fundamento histórico para mostrar quem está na vanguarda do pensamento da guerra irregular; insurgentes ou contra insurgentes.

Esse resultado empírico aponta que houve um avanço notável na forma de se conduzir exércitos modernos contra bandos armados. As *WHAM Operations* são evoluções sensíveis no que diz respeito a como combater o oponente insurgente, pois buscam com a força militar atingir objetivos psicológicos na população. Existe uma real atenção para a melhor preparação de militares que entrarão em combate, fornecendo treinamento cultural adequado, técnicas de liderança modernas e flexíveis e uma maior percepção de como perseguir o centro de gravidade político que é isolar o povo do insurgente.

O emprego inteligente da força vem possibilitando reduzir danos colaterais, assim como as operações de informação caminham para permitir que o contra insurgente consiga lutar em melhores condições pela superioridade da informação e que consiga desarticular o sistema de comando inimigo.

A implementação de Grupos de Auto Defesa, a promoção de programas do tipo dos DDR e o Projetos de impacto Rápido também são ferramentas que a COIN sabe operar e que tem elevado grau de eficiência para isolar o inimigo.

O pensamento militar exposto na recente série de manuais norte americanos de contra insurgência realmente é digno de nota. Trata-se de um arrazoado de ideias modernas e adequadas para uma força armada que completa quase vinte anos nesse tipo de combate e que pode ser visto como um excelente apoio para estruturar uma reposta estatal contra a luta armada de rebeldes.

Lendo essas capacidades alinhadas, o leitor talvez pense que os dias da insurgência estão findando. Esse pensamento, de uma ingenuidade quase franciscana, está longe de ser verdadeiro. A insurgência aprende e o faz rapidamente. Ela sabe aproveitar qualquer oportunidade para impor suas técnicas.

As ferramentas analisadas na confrontação entre insurgentes e contra insurgentes apresentam indícios consideráveis de onde reside a vantagem do rebelde. Técnicas como terrorismo seletivo, aproveitamento das diferenças culturais entre o povo e o contra insurgente, subversão, eliminação de pessoas que contribuam com o governo, controle das massas, desmoralização e ataque aos órgãos de segurança pública, estrutura mutante e evolutiva em função do modo de agir da COIN, realização de ações sociais para assumir o papel do Estado, estruturação em rede, diversificação das formas de obtenção de apoio externo, realização de Op Info rápidas e descompromissadas com a verdade absoluta, ampliação do entendimento do que é o verdadeiro campo de batalha, planejamento de evolução por fases flexíveis, sabotagem, associação com crime organizado, ampliação da luta envolvendo partidos políticos e ONGs, guerra prolongada como linha mestra de atuação, uso de armas neoconcepcionais, atuação com segunda intenção e ciclo decisório mais ligeiro que o da COIN são os trunfos dos insurgentes.

Por fim, o trabalho permite uma dupla interpretação para aquele que lê o texto.

Se a leitura for feita pela ótica do contra insurgente, o leitor perceberá que existe muito trabalho a se fazer para limitar o insurgente na sua luta prolongada pelo poder. Algumas capacidades precisam ser melhoras. Outras precisam ser criadas e ainda existem pontos para os quais mitigar a ação inimiga será o melhor que se consegue fazer. Quando se pensa que o conflito irregular é uma realidade mundial e que promete se prolongar ainda por algum tempo, fica a sensação de que outros Galula, Petraeus e Trinquier precisam por a mente para funcionar no sentido de apresentar uma doutrina que seja inteiramente adequada para a luta contra rebeldes.

Se a leitura for feita pela ótica insurgente, será possível concluir que ainda existem atitudes que deixaram de ser eficazes e que atualmente só fazem afastar o rebelde do povo. O conhecimento dos seus direitos, a busca pela vida melhor, o apelo da democracia e o acesso a informação fazem com que o povo se sinta oprimido por razões mais numerosas do que aquelas vistas no passado revolucionário idealista. Uma vez oprimido o povo precisa ser atendido por mais coisas do que um fuzil na mão. O contra insurgente deixou de ser militar exclusivamente e se tornou um sociólogo, diplomata, negociador, agente social, professor e, acima de tudo, político.

Laurence da Arábia estava certo quando disse que vencer a insurgência é difícil e lento como tomar sopa com uma faca. Logo, nessa luta entre matar a fome com a sopa ou deixar o outro morrer por inanição sem poder degustar da sopa, vencerá os próximos conflitos quem aprender primeiro a fazer a faca ser uma arma para cortar a língua ou para usá-lo confortavelmente como se colher fosse.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO. 2004

ALEXANDER, Bevin. **A Guerra do futuro**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1999.

AMADO, J. **A Técnica da Análise de Conteúdo**. 2000

disponível em <https://woc.uc.pt/fpce/person/ppinvestigador.do?idpessoa=10057>

AQUINO, Rubim Santos Leão de; LEMOS Nivaldo Jesus Freitas de; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. **História das Sociedades Americanas**. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda. 2007.

AZANI, Eitan. **Hezbollah: The Story os the Party of God. From de Revolution to Institutionalization**. Middle East in Focus. 2009

AYERBE, Luís Fernando. **A revolução cubana**. Unesp, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2009

BARKER, Arthur. James. **Irlanda Sangrenta**. Rio de Janeiro. Editora Renes. 1979.

BECKER, Elizabeth. **When the war was over. Cambojan and Khmer Rouge Revolution**. New York. Perseus Group Books. 1998

BENDER, Gerald J. **Angola sob o domínio português: mito e realidade**. Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

BERKOWITZ, Bruce. **The new face of war: how war will be fought in the 21st century**. New York: The Free Press, 2003.

BERNTSEN, Gary; PEZZULLO, Ralph. **Jawbreaker - The attack on Bin Laden and Al-Qaeda: A personal accountt by the CIA's key field commander**. New York: Crow Publishers. 2005.

BETHLEN, A. **Estratégia Empresarial: Conceitos, processos e administração estratégica**. São Paulo: Atlas. 1999.

BLIX, Hans. **Desarmando o Iraque: Inspeção ou invasão?** São Paulo. A Girafa Editora. 2004.

BOLOGIAN, Levon. **Geografia: Espaço e Vivência. 2.ed.** São Paulo: Atual, 2005

BORUM, Randy. **Sete Pilares de Poder das pequenas Guerras**. Military Review. Tomo LXVI. Número 5. Setembro-Outubro. 2011

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. **Manual de Campanha (C 124-1)** – Estratégia, aprovado pela Portaria do Estado-Maior do Exército nº 109, de 21 de setembro de 2001. Brasília: MD, 2004a.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. **Manual de Campanha (C 100-5)** – Operações, aprovado pela Portaria do Estado-Maior do Exército nº 126, de 25 de novembro de 1997. Brasília: MD, 2004b.

BRASIL. EXÉRCITO BRASILEIRO. **Manual de Campanha (C 100-20)** Guerra Revolucionária. Rio de Janeiro. 1971

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. **Instruções Provisórias (IP 100-1)** – Bases para a Modernização da Doutrina de Emprego da Força Terrestre (Doutrina Delta), aprovado pela Portaria do Estado-Maior do Exército nº 21, de 05 de dezembro de 1996. Brasília: MD, 2004c.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. **Manual de Campanha (C 20-1)** – Glossário de Termos e Expressos para Uso no Exército, aprovado pela Portaria do Estado-Maior do Exército nº 121, de 19 de dezembro de 2003. Brasília: MD, 2004d.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. **Estratégia Nacional de Defesa**. 2008  
Disponível em  
[http://www.defesa.gov.br/projetosweb/estrategia/arquivos/estrategia\\_defesa\\_nacional\\_portugues.pdf](http://www.defesa.gov.br/projetosweb/estrategia/arquivos/estrategia_defesa_nacional_portugues.pdf) . Acesso em 13 mar 12.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. **O processo de Transformação do Exército.** 2009. Disponível em <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/PTEB20152035.pdf>

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. BRIGADA DE OPERAÇÕES ESPECIAIS. **Programa de Atualização Doutrinária - Nº 2.** Goiânia: Bda Op Esp, 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. **Formatação de Trabalhos Escolares.** Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado Maior do Exército. 2008.

BRASIL. **Movimentos Revolucionários.** Escola de Comado e Estado Maior do Exército. Rio de Janeiro. 1997.

BRICET DES VALONS, Georges-Henri, Faut-il brûler la contre-insurrection? Paris. Choiseul. 2010.

BORGOYNE, Michel L. **O encanto da vitória rápida: Lições da Luta Peruana contra o Sendero Luminoso.** Military Review. Tomo XC. Número 6. Pag 42. Novembro-Dezembro. 2010

BRICET DES VALLONS, Georges-Henri e col. **Faut-il brûler la contre-insurrection?** Paris: Choiseul Éditions.2010.

BROEKHUIZEN, Mark J. **Como controlar os acidentes capitais do terreno humano: Identificação de oportunidades para a insurgência.** Military Review. Tomo LXVI. Número 2. Pag 24. Março-Abril. 2011

BROUNS, Thomas. **Como explorar a violência do insurgentes no Afeganistão.** Military Review. Tomo LXXXIX. Número 6. Pag 45. Novembro-Dezembro. 2009

BRUGE, Roger. **Les hommes de Dien Bien Phu.** Paris. Tempus. 2003.

BYMAN, Daniel ; CHALK, Peter ; HOFFMAN, Bruce ; ROSENAU, Willian ; BRANNAN, David. **Trends in outside support for insurgent movements**. Santa Monica-CA. Rand Cooperation. 2001.

BURCHETT, Wilfred G. **Vietnã Norte** .Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1967.

CARDOSO, Nilton César Fernandes. **Conflito armado na Somália: análise das causas da desintegração do país após 1991**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

CARONE, Edgard. **O PCB: 1943-1964**. Vol 2. São Paulo. Difel. 1982.

CASTELLS, Manuel. **Fim de Milênio**. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1999

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo. Editora Paz e Terra. 1999.

CASTRO, Therezinha de. **Nossa América: Geopolítica Comparada**. Rio de Janeiro:BIBLIEX. 1995

CAVAGNARI FILHO, Geraldo Lesbat, **Estratégia e defesa (1960-1990)**, em José Augusto Guilhon Albuquerque (org.), **Sessenta anos de política externa brasileira (1930-1990)**, São Paulo, Annablume/Nupri – USP, 2000

CELESTAN, Gregory J. **Wounded Bear: The Ongoing Russian Military Operation in Chechnya**. Fort Leavenworth, KS: FMSO, v4, 1996.

CHANG, Jung ; HALLIDAY, Jon. **Mao. A história desconhecida**. São Paulo. Companhia das Letras. 2012,

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Editora Martins Fontes 1996.

CLUTTERBUCK, Richard. **Guerrilheiros e terroristas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército editora. 1980.

COLLIER, Craig A. **Agora que estamos saindo do Iraque, o que aprendemos?** Military Review. Tomo LXVI. Número 1. Janeiro-Fevereiro. 2011

COMISH JR, Leo S. **The United States and the Philippine Hukbalahap Insurrection: 1946-54**. Carlisle Barracks, PA: US Army War College, 1971.

COUPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Método de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman. 2011

COURRÈGES, Hervé de; GERMAIN, Emmanuel; LES NEM, Nicolas. **Principes de contre-insurrection**. Paris: Editions Economica. 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Quantitativo, Qualitativo e Misto**. São Paulo: Artmed Editora. 2010.

CURREY, Cecil B. **Self-Destruction: The desintegration and decay of the United States Army during the Vietnam Era**. Norton, 1981.

CURREY, Cecil B. **Vitória a qualquer custo**. Rio de Janeiro. Bibliex. 2002

De GEUS, A. **Planejamento como Aprendizado**. In: STARKEY, K. Como as Organizações Aprendem. Futura, 1997.

DE JONG, Ferdinand. **A Joking nation: Conflict resolution in Senegal**. Canadian Journal of African Studies, 2005.

DEPARTMENT OF DEFENSE **Directive Number 3000.07, Irregular Warfare (IW)**. Washington, DC: Government Printing Office. 2008.

DEPARTMENT OF DEFENSE. Field Manual 31-15. Operaciones contra Fuerzas Irregulares. Washington-DC. 1961.

DENZIN, Norman. (ed.) **The research act in sociology: a theoretical introduction to sociological method**. New York: McGraw-Hill, 1970

DESCHNER, Gunther. **O levante de Varsóvia: aniquilamento de uma nação**. Rio de Janeiro: Editora Renes. 1974.

DESSPORTES, Vincent. **La guerre probable**. Paris. Economica. 2008.

DONAHUE, John M. et al. **The Nicaraguan revolution in health: from Somoza to the Sandinistas**. Bergin and Garvey, 1986.



DUNNINGAN, James F. **How to make war: a comprehensive guide to modern warfare for the post-cold war era**. New York: William Morrow and Company, 1993.

ETZIONI, Amitai. **Terrosistas: Nem soldados, nem criminosos**. *Military Review*. Tomo LXXXIX. Número 5. Setembro-Outubro. 2009

FALL, Bernard B. **Hell In a Very Small Place**. Taipei. H. W. Baldwin, 1967.

FINCH III, Raymond C. **Why the Russian military failed in Chechnya**. Foreign Military Studies Office (Army). Fort Leavenworth KS, 1998.

FURTADO, Celso. **Ares do Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, Coleção engenho e Arte, vol. 9. 2007

GALULA, David. **Contra-rebelião: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Edições GRD. 1966

GERSHONI, Yekutiel. **War without end and an end to a war: the prolonged wars in Liberia and Sierra Leone**. *African Studies Review*, v.40, n.3, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo.: Atlas. 2009.

GODET, Michel. **Manual de prospectiva estratégica: da antecipação a acção**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993

GODET, Michel. **Creating Futures: Scenario Planning as a Strategic Management Tool**. London: Economica Ltd, 2006.

GODOI, Christiane Kleinübing. **Análise do discurso na perspectiva na interpretação social dos discursos: uma possibilidade aberta dos estudos organizacionais**. *Gestão Org.*, v.3, n.2, maio/ago. 2005, p.96-109.

GONZÁLEZ, Ildefonso. **Seguridad y democracia en Turquía**. Anuario CEIPAZ, n.2, 2008.

GOYA, Michel. **Res Militaris. De l'Emploi des Forces Armées au XXIe Siècle**. Paris. Economica. 2011,

GRAS, Yves. **Histoire de la guerre d'Indochine**. Editions Denoël, 1992.

GRAU, Lester W. (Ed.). **The bear went over the mountain: Soviet combat tactics in Afghanistan**. Routledge, 1996.

GREENBERG, Laurence M. et al. **The Hukbalahap Insurrection: A case Study of a Successful Anti-Insurgency Operation in the Philippines, 1946-1955**. Analysis Branch. US Army Center of Military History. 1987

GRIVAS-DIGHENIS, George. **Guerrilla Warfare**. London: Longmans Green and Company Publishers. 1964.

GRUMBACH, Raul José dos Santos; MARCIAL, Elaine Coutinho. **Cenários Prospectivos: Como construir um futuro melhor**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 2004

HAMMES, Thomas X. **The sling and the stone. On war in the 21<sup>st</sup> century**. St Paul-MN. Zenith Press. 2006.

HAMMOND, Thomas T. **Bandeira vermelha no Afeganistão**. Bibliex. Rio de Janeiro, 1987.

HARIK, Judith Palmer. **Hezbollah: The changing face of terrorism**. IB Tauris Publishers, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo. Companhia das Letras Editora. 1999

HOVIL, Lucy; WERKER, Eric. **Portrait of a Failed Rebellion**. An Account Rational, Sub-Optimal Violence in Western Uganda. *Rationality and Society*, v.17, n.1, 2005.

JALALI, Ali A.; GRAU, Lester W.. **The Other Side of the Mountain: Mujahideen Tactics in the Soviet-Afghan War**. Foreign Military Studies Office (Army) Fort Leavenworth KS, 1995.

JONES, Seth G. **Counterinsurgency in Afghanistan: RAND Counterinsurgency Study – Volume 4**. Rand Corporation, 2008.

JONHSON, Thomas H.; MASON, Cris. **Travando novamente a última guerra: o Afeganistão e o modelo do Vietnã**. Military Review. Tomo XC. Número 2. Pag 02. Março-Abril. 2010

JOHNSON, Janet ; JOSLYN, Richard A. **Political Science Research Methods**. Washington, D.S.: Congressional Quaterly Inc., 1991.

KEEGAN, John. **A face da batalha**. Rio de Janeiro. Bibliex. 2000.

KEEGAN, John. n. Rio de Janeiro. Rennes. 1979.

KEEGAN, John. **Uma história da Guerra**. São Paulo. Editore Schwarcz. 2002.

KIERNAN, Ben. **The Pol Pot regime: race, power, and genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79**. Yale University Press, 2008.

KILCULLEN, David. **Counterinsurgency redux**. Survival, v.48, n.4, 2006.

KILCULLEN, David. Counterinsurgency. New York. Oxford University. 2010.

KISANGANI, Emizet F. **Conflict in the Democratic Republic of Congo: A Mosaic of Insurgent Groups**. International Journal on World Peace. 2003.

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo. Perspectivas. 1987

LAWRENCE, Thomas Edward. **Os sete pilares da sabedoria**. São Paulo: Círculo do Livro.1986.

LE SAGE, Andre. **Militias and Insurgency in Somalia**. Policy Watch, v.1593, 2009.

LENIN, Vladmir Ilicht. **Que fazer? As Questões Palpitantes do Nosso Movimento**. São Paulo. Editora Hucitec. 1979

LIANG Qiao, XIANGSUI, Wang. **Unrestricted Warfare: China's Master Plan to Destroy America**. New York: Pan American Publishing Company. 2002.

LIDER, Julian. Da natureza da Guerra. Rio de Janeiro. Biliex. 1987.

LIJPHART, Arend. Comparative Politics and the Comparative Method. **American Political Science Review**, vol. 65, September 1971.

MACIEL, Lício Augusto Ribeiro. **Guerrilha do Araguaia**. Editora Schoba, 2011.

MACIEL, Lício; NASCIMENTO, José Conegundes do. **ORVIL: Tentativas de tomada do poder**. Editora Schoba. São Paulo, 2012.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANWARING, Max G. **Insurgency, Terrorism & Crime: Shadows from the past and portends for the future**. Norman. University of Oklahoma. 2008.

MARIGUELLA, Carlos. **Mini Manual do Guerrilheiro Urbano**. 1969. Disponível em <http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/08/marighella-mini-manual-do-guerrilheiro-urbano.pdf> . Acesso em 13 mar 12

MARLOWE, Ann. **David Galula. His Life and Intellectual Context**. Strategic Studies Institute. New York. 2010.

MATTHEWS, **Matt M. We were caught unprepared. The 2006 Hezbollah-Israeli War**. Diane Publishing. 2011

MCCLINTOCK, Cynthia. **Why peasants rebel: The case of Peru`s Sendero Luminoso**. World Politics, v.37, n.1, 1984.

MINAYO, M. C. Sanchez. **Pesquisa social: teoria, técnica e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. (orgs) **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005

MOURA, Clóvis. **Diário da guerrilha do Araguaia**. Editora Alfa-Omega, 1979.

MURRAY, Willianson ; SINNEREICH, Richard Hart. *The past as prologue: The importance of history to the military profession*. New York. Cambridge University Press. 2006.

NAGL, Jonh. **Learning to eat soup with a knife**. Chicago: University of Chicago Press. 1996

NGOGA, Pascal Gilhana. **Guerrilla insurgency and conflict resolution in Africa: a case study of Uganda**. Tese de Doutorado. University of Lancaster. 1997.

NIGHTENGALE Keith; LIND William S. ; SHMIDT John F ; SUTTON W.; WILSON, Gary I. . **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation War**. Estados Unidos da América: Marine Corps Gazette. 1989

NORTON, Augustus R. **Hezbollah: A Short History**. Princeton University Press. 2009

OLIVEIRA, Francisco. **O Momento Lenin**. Capturado em 02 Outubro de 2013 no sítio [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext)

ORGIL, Douglas. **Lawrence da Arábia**. Rio de Janeiro. Editora Renes. 1978.

OSANKA, Franklin Mark. **Modern Guerrilla Warfare**. New York: The Free Press of Glencoe. 1962.

PALMER, David Scott. **Rebellion in rural Peru: The origins and evolution of Sendero Luminoso**. *Comparative Politics*, v.18, n.2, 1986.

PATRAEUS, David H. Orientação de Contrainsurgência do Comandante da Força Multinacional do Iraque. **Military Review**. Tomo LXXXIX. Número 1. Pag 02. Janeiro-Fevereiro. 2009

PATRAEUS, David H. **Learning counterisurgency: Observations from soldiering in Iraq**. Army Combined Arms Center. Fort Leavenworth. 2006

PAUL, Christopher; CLARKE, Colin P.; GRILL, Beth. **Victory has a thousand fathers: Detailed Counterinsurgency Case Studies**. Rand Corporation. Santa Monica CA, 2010.

PAUL, Christopher; CLARKE, Colin P.; GRILL, Beth. **Victory has a thousand fathers: Sources of success in Counterinsurgency**. Rand Corporation. Santa Monica CA, 2010

PEDROZA, Fernando Velôzo Gomes. **A Estratégia Da Guerra Prolongada De Mao Tsé-Tung E O Caso Da Guerra De Independência Do Vietnã**. Acesso em 21 de outubro de 2012 no sítio:

<http://www.eceme.ensino.eb.br/cihm/Arquivos/PDF%20Files/18.pdf>

PIKE, Douglas. **Viet Cong: The organization and techniques of the National Liberation Front of South Vietnam**. Cambridge-MA. The Massachusetts Institute of Technology (MIT). 1966

PERRITT, Henry H. **Kosovo liberation army: the inside story of an insurgency**. University of Illinois Press. 2008.

PINHEIRO, Álvaro de Souza. **Crises e Conflitos do Século XXI: A evolução das Forças de Operações Especiais**. Programa de Atualização Doutrinária. Brigada de Operações Especiais. 2011

PINHEIRO Álvaro de Souza. **Guerrillas in the brazilian amazon**. Militray Review. March-April 1996. Fort Leavenwoth. 1996.

POMAR, Vladimir. **A revolução Chinesa**. São Paulo. Editora UNESP. 2003.

PORTELA, Fernando; NETO, José Genoíno. **Guerra de guerrilhas no Brasil: a saga do Araguaia**. Editora Terceiro Nome, 2002.

RECORD, Jeffrey. **Beating Goliath. Why insurgencies Win**. Washington-DC. Potomac Books. 2009.

REED, John. **Dez Dias que Abalaram o Mundo**. São Paulo. Global. 1978.

REPUBLICA DEL PERU. MINISTERIO DE DEFENSA. ME 41-8. **Guerra no Convencional**. Lima. 1989,

ROBINSON, Linda. **Tell me how this ends: General David Petraeus and the Search for a way out of Iraq**. Public Affairs Store. 2008.

ROWLEY, Kelvin. **Second Life, Second Death: The Khmer Rouge After 1978**. New Haven. Yale University Center for International and Area Studies. 2004

SADER, Emir. **A revolução cubana**. Editora Brasil Urgente, 1992.

SAHNOUN, Mohamed. **Somalia: The missed opportunities**. Washington: United States Institute of Peace Press, 1994.

SAMPIERI, Renato Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Batista. Metodologia de Pesquisa. São Paulo. Editora McGraw Hill. 2006

SCHAEFER, Robert W. **Insurgency in Chechnya and the North Caucasus: From Gazavat to Jihad**. ABC-CLIO, 2010.

SCHWARTZ, Peter. **A arte da previsão**. São Paulo: Página Aberta Editores Ltda. 2000.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, **Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX**, Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

STEARMAN, William L. Lições do Vietnã. **Military Review**, Tomo XC. Número 3. Pag 31. Maio-Junho. 2010

TABER, Robert. **War of the flea. The classic study of guerrilla warfare**. Washington-DC. Potomac Books. 2002.

TANHAM, George Kilpatrick. **Communist revolutionary warfare: the Vietminh in Indochina**. Praeger, 1967.

TAPIA, Carlos. **Las Fuerzas Armadas y Sendero Luminoso: dos estrategias y un final**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1997.

THAYER, Charles Wheeler. **Guerrilla**. New York. Harper & Row Publishers Incorporated. 1963.



TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi. **Guerra e anti-guerra**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1995.

TORRICO, Servando Serrano. **El Diario del Che Guevara**. Cochabamba: Editorial Serrano Ltda. 1986.

TSÉ-TUNG, Mao, **On Guerrilla Warfare**. Champaign, Illinois: University of Illinois Press. 2000.

TSÉ-TUNG, Mao. **Obras escogidas**. Ediciones en Lenguas Extranjeras. Pequim. 1971

TSÉ-TUNG, Mao. **Sobre la guerra prolongada**. Ediciones en Lenguas Extranjeras. Pequim. 1971 a

TSÉ-TUNG, Mao. **Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária da China**. In Mao Tse-tung: Obras Escolhidas, Vol 1. Tradução de Renato Guimarães de Selected Works of Mao Tse-tung, Volume One. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

HEIJDEN, Van der. **Scenarios: the art of strategic conversation**. London: Jonh Wiley and Sons. 1996.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo. Editora Atlas AS. 2009.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira, **O Brasil na América do Sul - Uma análise político estratégica 2008**. Artigo. Marinha do Brasil. Disponível em <[https://www.mar.mil.br/diversos/Artigos\\_selecionados/Documentos/OBrasilnaAmericadoSul.pdf](https://www.mar.mil.br/diversos/Artigos_selecionados/Documentos/OBrasilnaAmericadoSul.pdf)> Acesso em 11 mar. 2012

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Editora Contexto. 2009

VON DER HEYDTE, Friedrich August. **A guerra irregular moderna em políticas de defesa e como fenômeno militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora. 1990.

YIN, Robert K. **Case Study Research - Design and Methods**. Newbury Park, CA. Sage Publications Incorporated. 1989

ZACK-WILLIAMS, Alfred B. **sierra Leone: the political economy of civil war, 1991-98**. Third World Quarterly, v.20, n.1, 1999.

WEINSTEIN, Jeremy M. **Inside Rebellion**. New York: Cambridge University Press, 2007.

WEST, Bing. **Como sair do Afeganistão**. Military Review. Tomo LXVI. Número 3. Pag 23. Maio-Junho. 2011

WEST, Bing. **Lições da Contrainsurgência no Iraque**. Military Review. Tomo LXXXIX. Número 4. Julho Agosto. 2009

## **ANEXOS**

**Anexo I – Questionário aplicado em militares com experiência em conflitos de contra insurgência**